

QUEM É QUEM

NA NEGRI^ETUD^E

BRASILEIRA

Volume 1

Sumário

	Páginas
Ficha catalográfica.....	5
Ficha técnica	6
O Negro	7
Agradecimentos.....	8/9
Prefácio	10/11
Apresentação	12/13
Pórtico	14
Zumbi, Luiza Mahin, Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Sousa e Aula de Souza.....	15/18
Texto biográfico de A a Z	21/288
Eduardo de Oliveira Visto Por Lourdes Teodoro	289
Índice Geral	290/293
Índice por Estado	294/297
Índice Referente às Mulheres.....	298/299
Índice profissional e de atividade	300/302
Referências Bibliográficas.....	303/306

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quem é quem na negritude brasileira : volume 1 /
organizado e pesquisado por Eduardo de Oliveira.
-- São Paulo : Congresso Nacional
Afro-Brasileiro ; Brasília : Secretaria Nacional
de Direitos Humanos do Ministério da Justiça,
1998.

1. Negros - Brasil - Biografias - Dicionários
I. Oliveira, Eduardo de, 1926-

98-3442

CDD-920.009296081

Índices para catálogo sistemático:

1. Afro-brasileiros : Biografias : Brasil
920.009296081
2. Brasil : Negros : Biografias
920.009296081
3. Negritude brasileira : Biografias :
Brasil 920.009296081

FICHA TÉCNICA

QUEM É QUEM NA NEGRITUDE BRASILEIRA

Escrito e organizado

Eduardo de Oliveira

Capa

Emanoel Araújo

Equipe de Pesquisa

José Francisco de Oliveira
Geralda Gonçalves
Marilza de Carvalho
Elaine Inocêncio
Ernesto Luiz Pereira Filho

Colaboradores

Hamilton Lara (RS)
Marcos Rufino (SC)
Analice Santos Lima (BA)
José Guilherme Santiago (BA)
Manoelito de Oliveira (BA)
Adair Souza da Mata
Heli Telles (BA)
Jesse de Santos (PE)
Aparicio Luiz Xavier de Oliveira (MS)
Sonia Lima (SP)
Solange do Carmo (SP)
Avesnaldo Santos (SP)
Maria de Lourdes Teodoro (DF)
Maria Rosa Pureza Costa (PA)
Cristina Rocha (ES)
Jorge Henrique (RJ)
Luciana de Souza (MG)
Renilda do Nascimento (AL)
Vilma Amaro (SP)
Edna Costa (PE)
Irapoan Ramos (RJ)

Revisão

Prof. Napoleão

Arte Final

Hélio de Oliveira

Diagramação, Fotolito e Impressão

Gráficas Brasileiras Ltda.

Este Livro é resultado do convênio entre o Congresso Nacional Afro-Brasileiro
e a Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça
Rua Conselheiro Carrão, 420 - São Paulo fax -(011) 287-2300

O NEGRO

Oh! Negro, oh! Filho da Hotentócia ufana,
Teus braços brôneos como dois escudos,
São dois colossos, dois gigantes mudos,
Representando a integridade humana!

Nesses braços de força soberana
Gloriosamente à luz do sol desnudos
Ao bruto encontro dos ferrões agudos
Gemeu por muito tempo a alma africana!

No colorido dos teus brôneos braços,
Fulge o fogo mordente dos mormaços
E a chama fulge do solar brasido...

E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra – as flores e os metais e os frutos
Simbolizados nesse colorido!

AUGUSTO DOS ANJOS (1884-1914)

OBRA COMPLETA

EDITORIA NOVA AGUILAR

1994, PÁG. 469

Agradecimentos

Às instituições:

Secretaria Nacional dos Direitos Humanos; Departamento Nacional dos Direitos Humanos; Biblioteca Municipal Mário de Andrade/SP; Centro de Cultura Negra (MA); Centro de Estudos Afro-Americanos (RJ); Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (SE); Centro de Estudos Africanos (SP); União Brasileira de Escritores; Grupo de Trabalho Intermínisterial Para Valorização da População Negra (GTI); TEZ do Mato Grosso do Sul; Câmara Municipal de Belo Horizonte; Câmara Municipal de Salvador; Câmara Municipal do Recife; Câmara Municipal de Florianópolis; Câmara Municipal de Porto Alegre; Câmara Municipal de São Paulo; Câmara Municipal do Rio de Janeiro; Câmara Municipal de Niterói (RJ); Câmara Municipal de Maceió; Câmara Municipal de Belém; Câmara Municipal de Fortaleza; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Fundação Cultural Palmares; Fala Preta; Academia Paulista de Letras; Centro de Estudos Afro-Asiáticos - Cândido Mendes; Núcleo de Estudos Negros - SOS Racismo (SC); Grupo de Negros da PUC (SP); Grupo Afro-Zumbi dos Remédios - GAZ (SP); Associação do Resgate da Cultura Afro (PE); Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - IPCN (RJ); Agentes da Pastoral de Negros (MA); Casa da Cultura da Mulher Negra (SP); Centro de Apoio às Populações Marginalizadas (RJ); Casa Dandara (MG); Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (BA); Legião da Boa Vontade; Comissão Nacional de Combate ao Racismo (SP); Fórum das Entidades Negras de São Paulo; Aristocrata Club; Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo, Centro Acadêmico 11 de Agosto; Olodum; Muzenza; Filhos de Gandhi; Comissão de Religiosas (os), Seminaristas e Padres Negros (MA); Banda do Candinho; Grupo Cultural Herdeiros de Zumbi (SP); Quilombo Central - APN (SP); Pastoral do Negro (RS); Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (PA); Sindicato dos Eletricitários de São Paulo; Sindicato dos Telefônicos de São Paulo; Sindicato das Costureiras (SP); Sindicato dos Gráficos (SP); Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares (SP); Sindicato dos Arrumadores de Rua da Bahia; Sindicato dos Aerooviários de SP; Assembléia Legislativa de São Paulo; Núcleo Espírita Fabiano de Deus; Ordem dos Advogados do Brasil - seção SP; Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; Coordenadoria Especial do Negro da Prefeitura de São Paulo (Cone); Geledés - Instituto da Mulher Negra; Instituto Sindical Interamericano Pela Igualdade Racial (Inspir); Prefeitura da Cidade de Americana (SP); Sindicato dos Engenheiros de São Paulo; Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo; Folha de S. Paulo; Jornal da Tarde; Diário Popular; Organizações Globo; Igreja Nossa Senhora da Casaluce; Igreja Nossa Senhora Achiropita; O Estado de São Paulo; Revistas Veja, IstoÉ, Raça Brasil e Manchete; Assessoria Afro-Brasileira da Secretaria Estadual de Cultura.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Agradecimentos especiais ao Dr. José Gregori, patrono desta louvável iniciativa, a Ivair Augusto Alves dos Santos, idealizador desta obra e a Emanoel Araújo artista plástico de renome internacional.

Às Personalidades;

Elaine Inocêncio, Enir Severino da Silva*, vice-governador da Bahia Otto Alencar, Geralda Gonçalves, Professor Napoleão, Alzira de Oliveira, Helena Theodoro, Haroldo Costa, Dorit Schavitt, Ney Lopes, Antonio Carlos dos Reis (Salim), Eliza Larkin Nascimento, Jorge Henrique, Lourdes Teodoro, Padre Ennes, Padre Toninho, Sebastião Carvalho "Barbante", Zezé Mota, Luciana de Souza, Ele Semog, João Fernandes, Vereador Agenor Gordilho (BA), Vereadora Lidia Correa (SP), Débora Rosa, José Francisco Ferreira de Oliveira, Fábio Lucas, Deise de Oliveira, Marcos Rufino Caneta, Emílio Ferreira Júnior, Solange do Carmo, Celso Pitta, Rabino Henri Sobel, Oswaldo Camargo, Caio Porfírio Carneiro, Frei David, Celso Lafer Piva, Margarete Lima, Neide Hahn, Antonio Angarita, Cleusa Rodrigues, Tereza Santos, Roberto Nicolau Jeha, Marcos Mendonça, Rodolfo Konder, Luís Avelima, Betinho da Nenê da Vila Matilde, Roque Dias; Hamilton Lara, Benedito Marques de Souza, Ronaldo Simões, Milton Louzano, Waldemar Tebaldj, Maria Regina F. de Oliveira, José Paiva Neto, Ica Monteiro, José Soares Marcondes, Walter Bareli, Maria Cecília de Moura Ferreira, Almir Munhoz, Francisco Calasans Lacerda, Walter Felzman, Ana Florêncio de Jesus Romão*, Diva Moreira, José Carlos Limeira, Jesse Santos, Renilda Nascimento, Edna Costa, Gessi Santos, Dulce Pereira (**), Carlos Eduardo F. Oliveira, deputado federal Marcelo Barbieri (SP), Marco Aurélio de Oliveira, Plínio Alberto de Oliveira, André Franco Montoro, Rosa Pureza, Euclídes da Silva, Rosy Meyre dos Santos, Nenê de Vila Matilde, Celso Alencar, Ubirajara Mota, Shellah Avelar, Osvaldo Ribeiro, Don Paulo Evaristo Arns, Adib Jatene, José Filício Castelano, Tobias da Vai-Vai, Nelson Salomé, Nivaldo Santana, Carlos Alves Moura (***) , Roberto Pompeu de Toledo, Pedro Chequer, Acácio Sidinei de Almeida Santos, Marilza de Carvalho, Rita de Cássia Ferreira, Analice Santos Lima, Helli Telles, Rosana, Irapuan Ramos Santos (Puan).

* *In memoriam*

** *Dulce Pereira destaca-se valorizando a mulher afro-brasileira ao tornar-se a 1ª negra a ocupar o presidência da Fundação Cultural Palmares.*

*** *Carlos Alves Moura, reconhecido como uma das importantes personalidades negras que, pelo seu valor pessoal, tornou-se o 1º presidente da Fundação Cultural Palmares em razão de ser um dos idealizadores desta instituição nacional.*

Prefe

Direitos humanos são os direitos fundamentais de todas as pessoas, sejam elas mulheres, negros, homossexuais, índios, portadores de deficiência, portadores de HIV, crianças e adolescentes, idosos, policiais, presidiários, despossuídos e os que têm acesso à riqueza. Todos, enquanto pessoas, devem ser respeitados.

Durante muito tempo a população negra, o movimento negro, artistas, historiadores, sociólogos, antropólogos e lideranças políticas reivindicam e denunciam a necessidade de se resgatar a história contemporânea no Brasil. Os gestos, as ações, as atitudes por menores que sejam, contribuem para exercitar o respeito, a aceitação e o apreço, a diversidade das culturas de nosso mundo, enfim para fomentar os direitos humanos.

Direitos humanos tem a ver com você, com o seu dia a dia, com sua maneira de se relacionar com as pessoas, com o convívio entre as pessoas diferentes de você, com a sua prática diária de tolerância: o conhecido direito ao próximo, independente de credo, cultura, cor, sexo, idade ou aparência...

A elaboração de um livro que pudesse compilar a história recente de pessoas que têm contribuído e lutando em prol da defesa dos direitos humanos na luta contra a discriminação racial tem sido

ácio

acalentado durante muitos anos. Várias publicações foram feitas procurando atingir este objetivo. Esta é mais uma das iniciativas, face às reivindicações da população negra por políticas que respeitem a diversidade e a característica multirracial da sociedade brasileira.

Esta publicação - **Quem é Quem na Negritude Brasileira** - não deve ser vista como uma iniciativa isolada, descontinuada. Precisamos valorizar o esforço de realização deste primeiro volume pelo Congresso Nacional Afro-Brasileiro. É necessário que se tenha presente a determinação de continuidade em articulação com a sociedade brasileira.

Quando há discriminação, todos acabam perdendo. O trabalho desta entidade aponta para o desafio de construirmos juntos um país justo e democrático. O Congresso Nacional Afro-Brasileiro, em parceria com a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, tem contribuído de maneira incansável nessa luta cotidiana, objetivando uma sociedade cidadã, que conheça e respeite os direitos humanos.

Ivair Augusto Alves dos Santos

Diretor do Departamento dos Direitos Humanos

Secretaria Nacional dos Direitos Humanos

Apresentação

Quem É Quem Na Negritude Brasileira é um livro contendo biografias, entrevistas e depoimentos, publicado numa iniciativa do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB) e se constitui, no universo editorial moderno, obra única e pioneira. Escrito em tempo recorde, tal obra objetiva enaltecer e divulgar personalidades de origem afro-brasileira como forma de se reconhecer os seus direitos à visibilidade, que é uma das exigências dos Direitos Humanos, razão pela qual registra nomes que vão de Zumbi dos Palmares, passando-se por Henrique Dias, Luiza Mahin, Luiz Gama, Garrincha, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, entre os que já passaram para a História, seguindo-se com Edson Arantes do Nascimento, o popular Pelé, Milton Gonçalves, Ivete Sacramento, Maria de Lourdes Teodoro, Martinho da Vila, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Zézé Motta, Benedita da Silva, entre os que ainda permanecem nas trincheiras de luta e de valorização da raça negra em nosso País. Como a meta colimada por esta coletânea é de, no mínimo, dez mil nomes de afro-descendentes, *Quem É Quem Na Negritude Brasileira* inicia-se com um elenco de mais de quinhentos nomes, fruto de um Convênio assinado entre o Congresso Nacional Afro-Brasileiro e a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça que, em parceria, editam esta obra, com o salutar e patriótico propósito de se resgatar parte expressiva da dívida histórica que a nacionalidade brasileira tem para com os negros desta terra. Ilustrado por um considerável números de fotos, que fazem com que os biografados sejam, por assim dizer, revisitados por estudiosos e admiradores dos negros que dedicaram, e ainda dedicam os melhores anos de suas vidas para o engrandecimento da história do povo negro, *Quem É Quem Na Negritude Brasileira* torna-se uma obra útil, agradável e rara em seu gênero, servindo-se de referência capaz de atender a uma gama de consultentes, que vai do estudante ao jornalista profissional, do leitor comum ao erudito, do militante orgânico aos que atuam nos vários e diferentes campos do mundo acadêmico ou na esfera da realidade cultural brasileira.

Referindo-se ao Congresso Nacional Afro-Brasileiro, trata-se de uma organização–não-governamental, benemérita e sem fins lucrativos, devidamente registrada e que atua no Território Nacional, preferencialmente ao lado e a favor da comunidade negra, grupo étnico que faz parte de uma visível maioria minorizada social, política e economicamente, no Brasil. Ao se promover os valores de nossa afro-descendência e ao se dar combate, sem tréguas, ao racismo institucionalizado em nossa sociedade e que se manifesta, ora camuflado, ora explicitamente, o Congresso Nacional Afro-Brasileiro cumpre este papel, desenvolvendo políticas de integração do negro na principal corrente da vida ativa brasileira, através, por exemplo, de convênios e de parcerias com instituições públicas ou privadas, cujos programas tenham por objetivo soerguer e valorizar a comunidade humana, de modo a se suprir suas carências e de se elevar a sua auto-estima e a sua dignidade.

Era mesmo de se esperar que a atual administração pública federal haveria de propiciar as condições de apoio logístico como o que o CNAB obteve do Ministério da Justiça para a publicação deste monumental compêndio, pelo fato de se encontrar à frente de sua Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a figura honrada e competente de homem público, dotado de uma sólida e profunda formação cristã, humanista e cultural, da estatura do Dr. José Gregori.

A bem da verdade é importante que se diga o quanto foi e tem sido fundamental a inter-

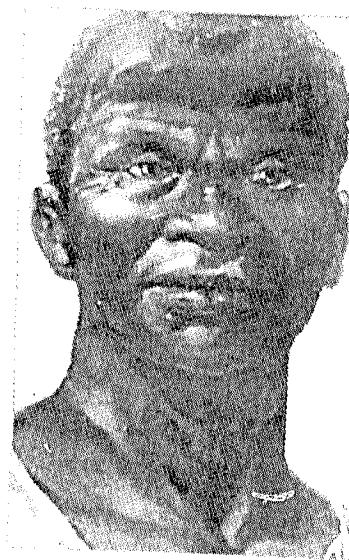
venção de Ivair Augusto Alves dos Santos para que este Projeto – sonho por nós acalentado desde os verdes anos de nossa juventude em São Paulo – se consumasse com as dimensões e grandezas com que ora vem à luz este livro. Aliás, em outras circunstâncias, iniciativa desta envergadura já havia se realizada, quando Ivair Augusto integrava o corpo de líderes negros que compunham a Coordenadoria Especial do Negro (CONE), instituição criada pela Prefeitura do Município de São Paulo, nos idos de 1992: na ocasião publicava-se a obra ...E Disse o Velho Militante José Correia Leite, escrita e organizada pelo poeta negro Luiz Silva – Cuti. Ivair Augusto Alves dos Santos é, atualmente, Diretor do Departamento Nacional de Direitos Humanos da referida Secretaria e por ser conhecido e admirado por todos, em razão do seu nobre caráter e de seu empenho e dedicação à causa afro-brasileira, constitui-se, por si só, num importante sustentáculo, para que o negro de nosso país se alce a um patamar a que tem direito, por uma questão de legado histórico.

Por ser o Congresso Nacional Afro-Brasileiro uma das entidades que ambicionam ver o fim das barreiras do racismo, das discriminações e dos preconceitos, a sua meta cardeal e programática começa onde hajam anomalias dessa natureza racista e desumana e termina quando a implantação de políticas públicas garantir à sociedade humana, como um todo e, em particular à Comunidade Negra Brasileira, que redunde numa efetiva promoção humana sustentável, nos termos propostos, inclusive pelo G.T.I. – Grupo de Trabalho Interministerial Para Valorização das Populações Negras, para que haja prosperidade para todos num clima de paz, de justiça e de fraternidade. Concluindo-se, não poderíamos deixar de mencionar, com especial satisfação, que a arte da capa do livro *Quem É Quem Na Negritude Brasileira* é de autoria do renomado artista, Emanoel Araújo, que além de ser o atual Diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo é um dos nomes que desfrutam da mais alta projeção nos domínios da cultura negra no Brasil e fora dele.

PROF. EDUARDO DE OLIVEIRA
PRESIDENTE DO CNAB

Pórtico

A história das civilizações humanas perpetua a memória de seus heróis, vultos que glorificaram a sua passagem entre os vivos com grandes rasgos de coragem, de sensibilidade e de inteligência – eternizando os seus nomes e cantando os feitos históricos, de modo a que os mármores e os bronzes imprecáveis os guardem e venerem no templo da imortalidade. É assim que, ao rendermos o culto de nossa suprema admiração a uma diminuta, mas generosa parte dos que se destacaram ou ainda se destacam, de afro-descendentes, tomamos a liberdade de encravar no pórtico desta obra, Quem É Quem Na Negritude Brasileira, os nomes luminosos e emblemáticos de Zumbi dos Palmares, Luiza Mahin, Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Sousa e Auta de Souza, que em suas carroagens de fogo conduzem para a Eternidade os nomes que seguem os seus passos, indicando o caminho do bem, da beleza e da glória às gerações que lhes sucedem.



ZUMBI



LUIZ GAMA



LUIZA MAHIN



**JOSÉ DO
PATROCÍNIO**



AUTA DE SOUZA



CRUZ E SOUSA

história da bravura e da tenacidade do povo negro. Dentre os que mais se destacaram nessa guerra de vida ou morte, travada entre a escravidão e a liberdade, um gênio negro militar se destaca para ombrear-se com Alexandre - o Grande, com César, com Aníbal e, até mesmo Napoleão, que foi o vulto de Zumbi dos Palmares. Zumbi é aquele nenezinho negro, nascido em Palmares, ali pelos idos de 1656. É um dos sobreviventes de um massacre e que foi entregue aos cuidados do Padre Melo, em Porto Calvo, com quem conviveu até os 15 anos e aprendeu astronomia, matemática, história da Bíblia e latim, chegando a coroinha. O Padre Melo lhe batizou com o nome de Francisco, em homenagem ao santo que falava com os animais. Sentindo-se emancipado, Francisco parte em busca de seu destino, indo parar em Palmares, quando adota o nome de Zumbi. Ativo e muito instruído para a época, ganhou a confiança de todos e é nomeado o comandante das armas pelo seu tio Ganga Zumba, na ocasião o rei supremo de Palmares. É assim que Zumbi dos Palmares entra para a história como o general mais jovem do Brasil e, quiçá, do mundo, com apenas 19 anos de idade. Seu grau de parentesco com os chefes do maior e mais célebre quilombo que a historiografia oficial registra, faz desse personagem uma figura mitológica, por sua capacidade de comandar e resistir às inúmeras tentativas de destruição daquele reduto de homens e mulheres livres, encravado nos sertões do Nordeste brasileiro. Assim procedendo, com sacrifício e determinação, Zumbi estava predestinado a ocupar um lugar na história do nosso país, encarnando os sentimentos mais significativos da dignidade humana, que estão no seu ideário pela preservação da vida, pela implantação de um clima de justiça e pela busca incessante dos caminhos da liberdade. Zumbi, chefe supremo do Quilombo dos Palmares na sua fase mais difícil e gloriosa, era sobrinho do rei Ganga Zumba, a quem sucedeu e de Ganga Zona, este, o mais temido de todos os chefes, o que não ofuscava a sua função de proeminente dentro do enclave. Seu mocambo, ou a capital de sua fortaleza, ficava a uma distância considerável da cidade de Porto Calvo. Por ser homem de confiança dos quilombolas, passou a ocupar cargo de General das Armas na administração de seu tio. Zumbi já trazia a marca de um valente guerreiro, pois, ferido em combate em 1675, claudicava com uma das pernas, tornando-se coxo, o que não o impediu de estar sempre à frente de seus comandados nos momentos mais cruciais das inúmeras batalhas.

Este texto, que se destaca entre os muitos escritos sobre Zumbi, com o objetivo de exterminá-lo, sem que tais propósitos fossem alcançados, em virtude dos lances de coragem dos palmarinos e das táticas militares postas em prática por seus comandantes contra os invasores e escravocratas brancos. A Coroa Portuguesa se viu na obrigação de formar o maior contingente imperial de soldados e militares para socorrer a região do Nordeste, onde era fragorosamente derrotada cada vez que tentava enfrentar os guerreiros negros do Quilombo dos Palmares. É evidente que a notícia dos êxitos alcançados pelos negros em seus quilombos, anima os negros cativos e das senzalas do Brasil, levando-os a sonhar com a liberdade próxima e possível. Nesses quilombos havia negros e negras em sua grande maioria, mas havia também índios, brancos e até mesmo soldados portugueses, todos unidos na luta pela liberdade em combate diuturno contra o regime de escravidão. Tendo-se informações de que, desde 1602, eram encaminhadas expedições para enfrentar áreas estabelecidas com maciça presença de negros no Quilombo dos Palmares e que, desde o século XVII os escravos já procuravam a vida livre naqueles redutos, é fácil de se deduzir que a guerra dos Palmares tenha se estendido, no mínimo por cem anos, ou mais. Clóvis Moura e Décio Freitas têm livros a respeito dessa epopéia negra das Américas que deveriam ser republicados e oferecidos a cada um dos brasileiros que defendem a justiça e amam a liberdade. A nação Palmarina começou a ser formada a partir de 1597, segundo afirmam alguns historiadores e o seu território, em permanente crescimento com a vinda de negros fugidos do cativeiro, estendia-se pelos Estados de Alagoas e Pernambuco, chegando a ter cerca de 30 mil habitantes no auge de sua existência, com Zumbi à frente de seu comando, de esperanças e de lutas pela liberdade. Conta-se que os dirigentes de Palmares possuíam várias mulheres e que este costume foi trazido da África. Zumbi, por exemplo, tinha três mulheres guerreiras que serviam de referência para as demais pela bravura, coragem e dedicação que dispensaram às suas famílias. É bom lembrar que o Quilombo dos Palmares representava uma autêntica República Negra com a sua organização militar, de trabalho e de produção; já trabalhavam o ferro e a agricultura que incluía o plantio de mandioca, cana-de-açúcar e a criação de gado era cultivada de forma a suprir as necessidades internas, sendo que o excedente era trocado com a vizinhança por sal, pólvora e armas de fogo. Ganga-Zumba, no seu tempo, e Zumbi, dispensavam toda a sua

esperança que tais êxitos e tal demonstração de independência, haveriam de ter o seu preço diante da ameaça que um Quilombo como o de Palmares passava a representar aos olhos de Portugal e dos reinóis. Assim é que os inimigos de Palmares começaram a conjugar os seus esforços com vistas a destruir aquela organização política comandada por um negro chamado Zumbi. Delenda Cartago! Clamavam os romanos às margens do Rubicão! Delenda Zumbi, vociferavam os escravocratas brancos ao lado do Porto Calvo. E a guerra se estabeleceu. Depois de vencer dezenas e dezenas de batalhas contra os invasores brancos, Zumbi acabou perdendo a guerra final, o que se dá com a sua morte ocorrida no dia 20 de novembro de 1695, quando este negro, herói nacional, contava 39 anos de idade. Hoje, no Panteão da Pátria brasileira, somente dois heróis e mártires ocupam este patamar supremo da admiração e orgulho da Nação: um é Tiradentes, o outro é Zumbi dos Palmares! "Zumbi tinha uma visão do futuro que somente os grandes revolucionários possuem". "Este é o legado político da República de Palmares. Este é o legado de Zumbi dos Palmares - um legado revolucionário!", segundo Clóvis Moura.

II A vida de Zumbi dos Palmares. Texto de José Ruihão dos Santos. Ministério da Cultura e Fundação Cultural Palmares, 1995: 2) A República de Palmares - Plaqueira de Clóvis Moura.

LUIZA MAHIN Líder da Revolta dos Malês

Sobre Luiza Mahin tem-se a informação de que era uma negra retinta, índole alta e indomesticável, muito geniosa e incapaz de levar desaforno para casa, como diz o adágio popular. Bem apessoada chegava a ser uma negra inegavelmente bonita apesar do seu temperamento rebelde e vingativo, o que fez dela uma combatente insubmissa, envolvendo-se sempre em atividades onde a condição do negro, em sua época, era posta em questão. Segundo seu ilustre filho, Luiz Gama, Luiza Mahin teria nascido livre, na África, na Costa Mina - Nação Nagô - ali pelos idos do ano de 1812 e pertencia a etnia jeje. Entre outros, ela veio ao Brasil na condição de escrava tendo sido desembarcada em Salvador, na Bahia. De profissão quitandeira, o que lhe oferecia uma gama de informações, em razão de seu contato permanente com a população local, que outras negras e negros da área doméstica e do eito não possuíam, o que contribui para fazer dela uma revolucionária histórica. Apetrechada com estes dados, não lhe

Quem é Quem na Negritude Brasileira

temperamento era o de uma criatura que não aceitava bridião; tanto é que permaneceu pagá por haver recusado, terminantemente, ser ungida com "santos óleos" do batismo e a seguir os preceitos da religião católica. Contam os fatos cristalizados pela memória popular, através da oralidade que Luiza Mahin envolveu-se, até a raiz dos cabelos, em todos os movimentos desflagrados em Salvador, que tinham como objetivo dar combate ao nefando regime escravo. Assim sendo é que se afirma que, na ocasião em que se deu o sangrento levante de negros, no episódio conhecido como a Revolta dos Malês, ocorrido em 1835, Luiza estaria à frente dos insurretos. Esta conspiração que fora brutalmente sufocada pelas autoridades da capital baiana, não impediu que, ao escapar de seus perseguidores, partisse para a cidade do Rio de Janeiro, onde prosseguiu a luta pelos seus irmãos de raça, acabando por ser deportada para a África, de onde nunca mais se teve notícia a seu respeito, apesar de seu filho, Luiz Gama, que havia se transformado no nosso Spártaco negro do abolicionismo brasileiro, muito haver se esforçado para localizar, no Rio de Janeiro, o paradeiro de sua dileta mãe, vendo baldados todos os seus esforços neste sentido.

1) *Nós Mulheres Negras* - Benedita da Silva - 1997;

2) *Submissão e Resistência*, Maria Lúcia de Barros

Mott - Editora Contexto - 1988

LUIZ GAMA

Líder abolicionista, advogado e poeta

Entendo, diz Paulo Colina no seu prefácio a *O Negro Escrito*, de Oswaldo de Camargo, que a função do escritor é dar testemunho fiel de seu tempo, ser o observador ativo de sua sociedade, é colocar-se enquanto ser humano, em confronto com o mundo. Seu instrumento, não menos que a arte. Assim foi a vida intrépida de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, filho da valente e insubmissa negra Luiza Mahin. Luiz Gama nasceu no dia 21 de julho de 1830, no Estado da Bahia. Seu pai era um fidalgo português, estróina, que em 1840 vendeu o próprio filho a um traficante de escravos, para pagar dívidas de jogo. A alma de Luiz Gama era tão pura e generosa que jamais se permitiu revelar, a quem quer que seja, o nome de seu pai, que se cobriu de opróbrio com este gesto insólito e monstruoso. Já em 1848, Luiz Gama não era mais escravo, conseguindo fugir do seu último "senhor", uma vez que carregava consigo os documentos comprobatórios de sua condição de negro liberto, com os quais lhe é permitido assentar praça no Exército Brasileiro, quando em 1854 alcança o posto de cabo graduado. Luiz da Gama trazia no sangue o tem-

baixa no serviço militar, atos, que no seu entender, praticou com consciência e altivez na defesa da sua própria dignidade de criatura humana. Luiz Gama foi copista e amanuense, funções das quais era afastado por força de perseguições racistas e políticas movidas pelo seus detratores, que se encastelavam no Partido Conservador, por não tolerarem as inclinações liberais e as suas atividades em favor dos negros escravizados e oprimidos. Luiz Gama formou-se em direito, conseguindo com talento, coragem e obstinação libertar mais de quinhentos escravos. É dessa época que se projeta a sua fama de orador arrebatado, impetuoso e intrépido quando se punha diante de uma causa nobre, fazendo do jornalismo e da tribuna um poderoso instrumento com o qual vergastava os exploradores do suor alheio e os inimigos da humanidade. Foi Luiz Gama que brandiu a célebre frase que afirmava de modo peremptório que "aquele negro que mata alguém que deseja mantê-lo escravo, seja em qualquer circunstância for, mata em legítima defesa!". Segundo Américo Palha, estas palavras de fogo foram proferidas de forma corajosa, da tribuna do Tribunal do Júri. De outra vez, nessas pugnas homéricas em que se metia em defesa dos negros escravos, Luiz Gama depara com temido José Bonifácio, o moço, como seu adversário no júri popular. Sem demonstrar o menor temor consegue estrondosa vitória que o permitiu libertar mais de cem negros escravos. Dele disse Silvio Romero: "Eu disse uma vez que a escravidão nacional não havia produzido um Terêncio, um Epícteto, ou sequer um Spártaco. Há, agora, uma exceção a fazer: a escravidão entre nós produziu Luiz Gama, que teve muito de Terêncio de Epícteto e de Spártaco". Autor de *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, sua poesia política e satírica feria como a ponta de um punhal nos alvos atingidos. Abolicionista dos mais eloquentes, convivendo com Castro Alves, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, Luiz Gama, entretanto, não chegou a ver o triunfo de sua causa, pois veio a falecer a 24 de agosto de 1882.

1) *Precursors da Abolição*, de Américo Palha -

Record - 1958; 2) *Grande Encyclopédia*

Delta Lourousse - 1971.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

Líder abolicionista, jornalista e escritor

A cidade de Campos, no Estado Rio de Janeiro, glorifica entre seus grandes filhos, a figura maiúscula de José do Patrocínio. Nascido em 8 de outubro de 1853, José Carlos do Patrocínio era filho do clérigo João Carlos Monteiro com a quitandeira negra, Justina

do considerações de Silvio Romero, José do Patrocínio "era duplamente reclamado pela história: a história política e a história literária". Jornalista vibrante temido e destemido, Patrocínio fez com que o seu gênio combativo e vulcânico incendiasses as hostes dos conservadores escravocratas que, como abutres, se cevavam no cocho dessa hedionda instituição, que era o regime escravo. Seu verbo candente, sua inexcedível eloquência e exuberante vigor com que se arremetia contra os adversários políticos, fazendo-os recuar, esmagados, de seus malignos intentos que eram o de continuar espoliando os negros indefesos. José do Patrocínio era também escritor. E como tal escrevera os romances *Mota Coqueiro*, *Pedro Espanhol*, e *Os Retirantes*. Entretanto não foi só pela escada da literatura, na ocasião, vista como o "sorriso da sociedade", que José do Patrocínio alcançaria o ponto mais alto e luminoso do panteon de nossa História. O abolicionismo registra o momento exato em que a Pátria brasileira toma consciência de si mesma, como Nação e como povo, superando nessa euforia, até mesmo, a comoção política e social provocada pelo movimento de independência do Brasil, em 1822. Esse ambiente de efervescente política e econômica e social é que serve de moldura para a ação demolidora de José do Patrocínio, o que fez com que Oswaldo Orico, um dos seus biógrafos mais confiáveis, o cognominasse de *O Tigre da Abolição*. Paula Neiva que usava o pseudônimo de Paula Nei, nome com o qual é conhecido em nossa literatura, abolicionista, cearense de nascimento, é que convida José do Patrocínio para visitar o Ceará, que se tornaria a primeira unidade federativa a proclamar a abolição da escravatura, em 1884. Desta visita que resultaria a criação do seu segundo romance, *Os Retirantes*, em que analisa os efeitos nefastos da seca sobre aquele Estado. José do Patrocínio excursionou pela Europa, o que motivou, por ocasião de seu regresso, que os seus amigos lhe oferecerem um grande banquete presidido pela sua mãe, Justina Maria do Espírito Santo. Nesta altura da sua movimentada trajetória de vida, *O Tigre da Abolição* tornara-se figura de proa da Confederação Abolicionista, instalada no Rio de Janeiro, a 10 de maio de 1883 onde, atuando ora como tribuno e orador dos mais impetuosos, ora como jornalista constituindo-se como a pena mais ágil e ferina de cujos diatribes fulminava a caterva dos escravocratas que por infelicidade atravessavam seu glorioso caminho. Era tido como um misto de Spartaco e de Camilo Desmoulin como bem o comparava Américo Palha, que mais adiante afirma que "Patrocínio podia olhar para testemunhar e defender o sofrimento da raça crucificada. Só ele poderia chamar, gritar, ame-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

sacudia livre, para vanguarda da luta como o bendito símbolo da liberdade e de fé". Tuberculoso, este vulto cíclico que era um herói das causas públicas veio a falecer no domingo do dia 29 de janeiro de 1905, no Rio de Janeiro, depois de pertencer à Academia Brasileira de Letras.

- 1) *Precursors da abolição*, de Américo Palla, Distribuidora Record - 1958.
2) *Dicionário literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, segunda edição - livros Técnicos e Científicos Editora - 1978.

CRUZ E SOUSA

Poeta, pai do simbolismo brasileiro

Um dia antes da data de 24 de novembro de 1861, dia em que nascera o poeta, a pequena cidade de Nossa Senhora do Desterro que era sede de governo da Província de Santa Catarina, não passava de "um simples embrião da Florianópolis de hoje", segundo lembrava-nos Raimundo Magalhães Júnior quando tece a biografia do nosso Pai do Simbolismo, em seu livro, "Poesia e Vida de Cruz e Sousa". A população do referido burgo não ia além de um povoado que só elegia dois deputados gerais para a Câmara do Império, em virtude do escasso número de seus habitantes. Os genitores de Cruz e Sousa eram pessoas simples, de parcós bens materiais e de modesta condição social, uma vez que seu pai era escravo, mestre-pedreiro, de nome Guilherme da Cruz e sua mãe, Dona Carolina Eva da Conceição, era uma alforriada que vivia de pequenos afazeres quando deu a luz ao poeta negro que viria a ser o fulgurante autor de *Broquéis e Missal*. Vivendo ao lado do então coronel Guilherme de Xavier de Sousa e de sua esposa, senhora Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, criaturas cultas e de inexcedível bondade, o poeta pôde ser tratado como filho e receber uma requintada educação, para a época, tendo-se em vista os maltratos com que os senhores condenavam os "negros no coto sob o látigo brutal dos feitores" nas fazendas de café de São Paulo ou dos imensos "de canaviais nordestinos ou fluminenses". Agripino Grieco dizia que Cruz e Sousa nasceu com a noite na pele e cruz no nome. "O mal do menino negro catarinense" - diz o crítico - "foi que o tiraram de junto do pai pedreiro e o levaram a conhecer os livros, servindo-lhe álcool perigoso e tornando-o uma espécie de 'emparedado' no orgulho intelectual. Porque desde cedo se mostrou ele um asceta, um místico das letras, incapaz de permitir injúrias aos santos da arte, quase se metendo em vestes sacerdotais antes de ir à mesa

sucesso das companhias teatrais que conhecia. Cruz e Sousa foi nomeado promotor público na cidade de Laguna, "cargo que não chegou a ocupar, por ser negro; resolutamente se opuseram a ele os chefes políticos" locais. Há um grande mérito que se deve atribuir a Cruz e Sousa, que foi o de haver lutado com denodo e perseverança para se impor perante a classe branca dominante, apesar da cor negra estampada em sua epiderme. Poucos poetas brasileiros tiveram de viver na carne as amargas notas de seus versos profundamente tristes e chorosos e, por vezes trágicos, como se esta vida lhe fosse uma "madrasta de coração de pedra, que faz de cada poeta pobre um crucificado moral!" A viagem que fez ao Rio de Janeiro, onde viveu parte dos seus dias, e onde conheceu e casou com Gavita, afro-descendente, sua "flor divina e secreta da beleza" e a "solitária madona da tristeza", não mudou sua sina de poeta permanentemente inspirado e, ao mesmo tempo, amargurado em cujo poder criador de uma nova escola poética acabaria por revelar-se na gênese do simbolismo, transpondo, com sua profusão melódica de espantosa musicalidade, o lirismo amoroso que marcara os fundamentos do romantismo, que antecederia à época de sua aparição como poeta. Contudo, Cruz e Sousa soube fazer e conservar grandes amizades, entre as quais a de Virgílio Várzea e a de Nestor Victor se destacam. Solidário com os irmãos da raça negra, o autor de *Emparedado*, com suas conferências abolicionistas realizadas na Bahia, e os seus escritos em jornais e poemas como *Escravocratas*, *Na Senzala*, *Grito de Guerra*, e *Dor Negra e Consciência Tranquila*, contribuiu, enormemente, para a causa da libertação dos escravos. Chamado também de *O Dante Negro* e *Cisne Negro*, Cruz e Sousa, consagrado por críticos como Sílvio Romero, veio a falecer, a 19 de março em Sítio, Minas Gerais, em 1898.

- 1) *Cruz e Sousa*, de Aguiaraldo José Gonçalves, Editor Victor Cívita - 1982; 2) *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, de R. Magalhães Júnior - 3ª edição - Civilização Brasileira - MEC; 3) *Poetas e Prosadores do Brasil*, de Agripino Grieco - Conquistador - 1968; 4) *O Negro Escrito*, de Osvaldo de Camargo - Imaesp - 1982.

AUTA DE SOUZA

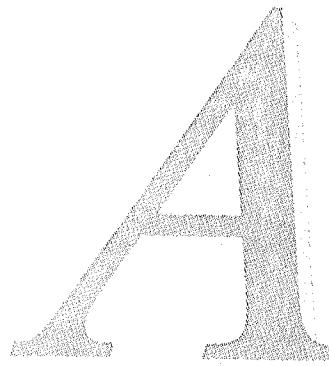
Poetisa

Se por ventura houvesse uma antologia que reunisse os grandes poetas nacionais que se inspiraram sob o signo dos princípios cristãos, sem dúvida alguma, Auta de Souza seria uma das estrelas de primeira grandeza des-

tinuadora e senhorilidade para o inuídos dos cinco que Henrique Leopoldina e Elio Costriciano, seus pais, tiveram, é natural da cidade de Macaíba, Rio Grande do Norte, onde nasceu aos 12 dias do mês de setembro do ano de 1876. Sua ascendência negra é revelada quando o escritor Raimundo de Menezes, festejado autor de "Dicionário Literário Brasileiro", em sua segunda edição de 1978, nos relata que a autora em apreço, em 1896, colaborou no jornal do governo, *A República*. No ano seguinte, fundou-se o "Congresso Literário", com a "Tribuna", da qual a autora fez parte, "apesar da mestiçagem". A vida doméstica, cultural e literária de Auta de Souza sempre girou na região do Nordeste, onde publicou seu único livro, primeiro com o título de "Dália" em 1897, trocando em definitivo, posteriormente para o "Horto", 1900, merecendo esta edição palavras de apreciação do poeta Olavo Bilac, na ocasião, querido e admirado como Príncipe dos Poetas Brasileiros, para quem a poetisa de Macaíba é alma "de uma tão simples e ingênuas sinceridade, coisa que surpreende e encanta". Continuando, diz o "Poeta das Estrelas", que "Aqui - no Horto - a alma vibra em liberdade, sem a preocupação dos afeitos da forma, livre da complicada teia do artifício. Ingenuamente comovida e meiga, essa alma de mulher vai traduzindo em versos as miríades de sensações, agora ardentes, agora tristes, que o espetáculo da vida lhe vai sugerindo". Auta de Souza, poetisa mística por excelência, constitui-se no ponto mais alto e luminoso da vertente cristã, que se evidencia pelo que há de mais elevado nas fulgurações de nossas belas letras do ponto de vista dos valores morais do universo católico brasileiro. Se nós alinharmos os símbolos nominais expressos na obra de Auta de Souza, que vai do "Azul Sideral", passando por "O Oásis de Salvação", "Cruzes do Canto Santo", "Conversando com Jesus", "Santo Tabernáculo", "Arco da Aliança", "Angélica Maria", "Calvário", "Ao Pé do Altar", veremos que com essas palavras e mais outras semelhantes ou assemelhadas, construiremos, com elas, uma majestosa catedral capaz de perenizar a extraordinária obra, o *HORTO*, produção única desta poetisa singular e solitária que vem comovendo e enternecendo as gerações que continuam reeditando e lendo com entusiasmo este extraordinário livro de poesia. Auta de Souza viveu apenas 24 anos, vindo a falecer no dia sete de fevereiro de 1901. Diz Tristão de Athayde, que Auta de Souza sofreu unida à Cruz do Salvador. E foi esse o grande, e luminoso consolo de sua vida.

- 1) "Horto", de Auta de Souza - Natal - Fundação José Augusto - 1970; 2) *Dicionário literário Brasileiro* - Raimundo de Menezes - 2ª Edição - livros Técnicos e Científicos Editora - 1978; 3) *Encyclopédia de Literatura Brasileira* - Ministério da Educação - Fundação de Assistência ao Estudante - 1990

Quem é Quem na Negritude Brasileira



ABBADE - ÁUREA CELESTE *Advogada e presidente do GAPA*

Áurea Celeste da Silva Abba de, filha de Bernardo Abba de e Nair da Silva Abba de é natural da capital paulista, onde nasceu no dia 10 de fevereiro de 1947. Dra. Abba de é formada em direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pela Faculdade

Paulista de Direito. Sempre dedicada à busca de novos conhecimentos e novas informações, concluiu o curso de administradora de empresas pela Faculdade Integrada Franciscana e de Contabilidade pela Universidade de São Francisco, com especialização em direito do trabalho pela Faculdade de Santos - PUC. Preparada técnica e intelectualmente para enfrentar os embates da vida, no campo pessoal, doutora Abba de demonstrou elevado espírito público e preocupação para com os seus semelhantes. Fundou em São Paulo, com os demais companheiros e companheiras, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), uma instituição não-governamental e sem fins lucrativos que, notando o aparecimento nestes últimos dez anos no Brasil da síndrome da imunodeficiência adquirida, procura dar assistência médica, jurídica e moral aos portadores do vírus HIV. Esta endemia que tem vitimado tanta gente e que se apresenta como um dos mais sérios problemas deste final de milênio para toda Humanidade, fez com que a doutora Abba de, na qua-

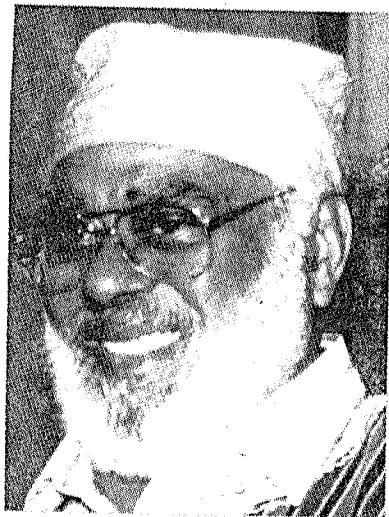


lidade de fundadora e presidente do GAPA, assim se manifestasse refletindo-se à moléstia em epígrafe: "é chocante", diz doutora Abba de, "constatar o grande número de reclamações de pessoas com HIV/Aids por lhe serem negados serviços, terem sido instadas a deixar o imóvel em que residem, por demissões trabalhistas, por receberem recusa em tratamentos dentários e em outras instalações de cuidados com a saúde, ou terem sido impedidas de entrar ou convidados a sair de restaurantes ou de outro recinto público por causa de sua doença ou sua 'suposta doença'". Este tipo de discriminação, nos garante doutora Abba de, "é absolutamente ilegal pela nossa Constituição". Portanto, para doutora Abba de, que é pós-graduada em processo civil pela PUC de São

Paulo e tem uma história de lutas em defesa das vítimas da Aids, a discriminação e o preconceito são as manifestações mais terríveis, brutais e responsáveis pelo isolamento, que se constitui num invisível "cordão sanitário", condenando as pessoas portadoras de HIV a uma vida de sofrimento e solidão sem precedentes. Dra. Abba de, na condição de secretária do Centro de Convivência Infantil Filhos de Oxum que congrega cerca de 30 crianças atingidas por esta moléstia, elaborou projeto que resultou na lei de número 7.670/88, que retira o período de carência para beneficiar os portadores do vírus

HIV, assim como implantou o serviço de assessoria jurídica voluntária, conseguindo, inclusive "o primeiro alvará para levantamento do FGTS" favorecendo pacientes com Aids. Por estas e por outras providências e iniciativas de natureza humanitária, ela é considerada a primeira advogada negra a se empenhar, de corpo e alma, na defesa dos direitos humanos, tendo como referência as pessoas atingidas por esse mal indesejável. Dra. Áurea Celeste da Silva Abba de compartilha com quem admite o quanto que "a Aids, no Brasil, modificou os costumes, mexeu com a cabeça de muita gente e lançou novos desafios à sociedade como um todo". Instalado em diversos Estados e cidades do país, o GAPA é uma entidade de utilidade pública, pelos relevantes serviços prestados à comunidade, e a doutora Abba de, sua principal idealizadora, é uma estrela luminosa da constelação de criaturas humanas de primeira grandeza desta autêntica Pastoral, entre os quais destacam-se nomes da estatura cívica do doutor Pedro Chequer, a nível nacional, e do doutor Artur Kalichman, em São Paulo. Panfletos, cartilhas, folderes e publicações de toda ordem, assim como palestras, vídeos, debates, conferências e viagens por este país afora têm sido os instrumentos de combate frontal ao flagelo da Aids, uma vez que a informação é a melhor e mais eficaz maneira de se prevenir contra a doença, atingindo grupos de risco, como os drogados, e atendendo a mulher, a criança, os pobres e os negros. Neste sentido, constata-se que Áurea Celeste da Silva Abba de, em que pese ser intelectual orgânica, não se limita à sua ação ao campo teórico, pois, passando do discurso à prática, realiza o que podemos chamar de verdadeira cruzada contra essa doença e a favor dos que foram infectados pelo vírus do HIV.

Quando veio ao mundo, na cidade de Franca do Imperador, em São Paulo, em 14 de março de 1914, Abdias já trazia consigo a marca do exilado, por ser filho de pais negros. Para Abdias, "todos os governos que o Brasil já teve foram contra o negro. De fato, todas as tendências políticas discriminaram, direta ou sutilmente, o negro no Brasil. Os liberais paternizaram à distância". É este estigma de natureza genealógico que dotou o caráter do fundador do *Teatro Experimental do Negro* (TEN) dessa têmpera de aço, e que transformou Abdias do Nascimento no mais intímito e combativo cidadão negro em prol dos oprimidos e de seus irmãos afro-descendentes. Como grandes e frondosas árvores que têm suas raízes fincadas num chão de rigidez pétreas, Abdias viu-se, desde cedo, envolvido em lutas titânicas que o levariam a criar, crescer, e subir com a força e a majestade dos nossos jequitibás, vencedores que são dos tufões e das tempestades. Basta que vejamos a sua trajetória, acidentada e intrépida, ao longo dos seus 83 anos de vida, para nos convencermos tratar-se de um dos negros mais ativos, cultos e corajosos da presente geração. Referindo-se à importância do TEN para a nossa dramaturgia é justo reconhecer que este movimento cultural, ao empunhar o cetro da negritude, contribuiu de forma decisiva, a partir de 1944, quando foi fundado, para que se rompesse em nosso país, a barreira que impedia o acesso de negros à representação teatral, "formando com isso, a primeira geração de atores e atrizes negros", do quilate de Ruth de Souza, de Léa Garcia e Agnaldo de Camargo. Por lá passaram Haroldo Costa, Dalmo Ferreira e outros talentos negros das artes cênicas. Mas as atividades não se limitaram ao teatro; elas se estenderam para outros campos, como o da polística, da organização da comunidade negra, da arte pictórica, do ensaio, da poesia, da militância propriamente dita. É nessa condição que seu nome projeta-se nacionalmente, e além fronteiras, fazendo dele o nosso embaixador da negritude brasileira. A África, a América Latina, os Estados Unidos são testemunhas vivas de como Abdias do Nascimento atua com competência, firmeza e destemor quando se trata de colocar o negro no seu patamar de evidência e dignidade perante os olhos do mundo. Professor benemerito da Universidade do Estado de Nova York, em Buffalo, doutor "Honoris Causa" pelo Estado do Rio de Janeiro, Abdias vê nisso o reconhe-



mento de sua obra, em 1991, em 1991. Abdias do Nascimento é autor de vários livros que tratam da temática afro-brasileira, como *Sorilégio, Dramas Para Negros e Prólogo Para Brancos, O Negro Revoltado, O Genocídio do Negro Brasileiro, Sitiado em Lagos, Orixás- Os Deuses Vivos da África, Thothi*, entre outros. Numa escala ascendente e constante, filho de um sapateiro e de uma doceira, Abdias consegue, em razão de sua militância e de sua vida acadêmica, tornar-se deputado federal, em 1983 e senador da República, em 1997, depois de haver assumido a Secretaria de Defesa da Promoção das Populações Afro-Brasileiras, criada pelo governador Leonel Brizola, no Estado do Rio de Janeiro. Organizando ou participando de conferências, seminários, mesas-redondas, simpósios ou conclaves, todos versando sobre o negro, quer dentro ou fora do país, Abdias do Nascimento é hoje uma figura emblemática, com atuações marcantes em congressos, como o da Cultura Negra das Américas, que se realizou em 1987, em Cali na Colômbia, no Panamá, em 1980, e no Brasil, em 1982, de cujas teses têm servido às nossas gerações de estudiosos, e ativistas da causa dos afro-descendentes, nos dias que atravessamos. Abdias do Nascimento é o presidente de honra do *Congresso Nacional Afro-brasileiro (CNAB)*.

1) Dados bibliográficos fornecidos pelo seu gabinete de Senador - Brasília; 2) Thothi, do Senador Abdias do Nascimento - 1997.

ABGAIL PASCHOA

Liderança afro-feminina

Abigail Paschoa Alves de Souza, natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 27 de fevereiro de 1939, é filha de dona Virgínia Salles Paschoa e Anselmo Paschoa, e mãe de três filhos: Ana, Marcelo e Luana. O pai de Abigail Paschoa era advogado, professor e foi diretor, durante 17 anos, do Colégio Batista do Rio de Janeiro; sua mãe era de prendas domésticas, portanto, inteiramente voltada para os afazeres do lar. Militante convicta, de fala firme mas tranqüila, que se apresenta aos olhos de suas companheiras e seus companheiros com a dimensão de sua forte personalidade, sem adereços de sofisticação, é assim que Abigail Paschoa transforma-se na primeira mulher negra a ser presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN, do Rio de Janeiro, e em fundadora do Grupo de Mulheres Negras (GMN) de seu Estado natal, entidade pi-

do Centenário da Abolição da Escravatura, Abigail ainda é membro da direção municipal e estadual do Rio de Janeiro, do Partido Popular Socialista (PPS). De sólida formação acadêmica, Abigail Paschoa é graduada, na condição de assistente social pela Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e concluiu curso de especialização em Planejamento Regional e Urbano pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, tendo publicado o livro *O Lixo Urbano na Área Metropolitana de Salvador*, em 1975. Alagoas, Goiás, Bahia e São Paulo tiveram o privilégio ímpar de conviver com o poder de sua energia e de seu talento multifário e dele colher resultados provenientes de sua capacidade de trabalho, de seu espírito de equipe e de sua dedicação apostolar à causa dos desfavorecidos em geral e dos negros e negras, em particular. Abigail Paschoa, como sempre incansável, em razão de seu valor pessoal, da constante afirmação de sua identidade e de sua lealdade à negritude, teve mais uma vez o seu nome lembrado para integrar na qualidade de membro efetivo, o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, com sede em Brasília, junto à Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Estendendo o seu nome além da fronteira, esta guerreira negra tornou-se vice-presidente da Antena Brasileira do Memorial Gorée - Almadies - em Dakar, Senegal. Abigail Paschoa Alves de Souza é membro, também do Conselho Geral do Memorial Zumbi - União dos Palmares - no Estado de Alagoas. Intelectual orgânica sempre atualizada sobre os assuntos ligados aos interesses específicos da Comunidade Negra, fez-se conferencista brilhante quando participou e ofereceu a sua contribuição em cursos rápidos, ou regulares, em encontros, seminários, simpósios, congressos, colóquios, palestras, discorrendo com desenvoltura e conhecimento de causa sobre temas, como: Desenvolvimento Comunitário, Direitos Humanos, Cidadania, Ação Afirmativa, Saúde Coletiva, Políticas Públicas para as maioria minorizadas social, econômica, política e culturalmente - como é o caso dos afro-descendentes, em nosso país. Profissionalmente, Abigail Paschoa é superintendente. Como assistente social do Go-



ção da População Negra -SEDEPRON (1991-1992), assim como da Divisão de Articulação com os Municípios da Fundação Leão XIII (1975-1977). Abigail Paschoa, em suma, é um desses esteios que valorizam e engrandecem a Comunidade Negra Brasileira.

ACÁCIO SIDINEI ALMEIDA SANTOS

Antropólogo

Muito embora os documentos registrem como data de nascimento o dia 2 de julho, a bem da verdade, Acácio Sidinei Almeida Santos nasceu em São Paulo, na Zona Leste da capital, na periferia, para ser mais preciso, na manhã de 9 de abril do ano de 1965. Terceiro filho de Dona Lourdes e seu José, ainda muito cedo alimentava o salutar sonho, hoje plenamente realizado, de se tornar um negro universitário. Isto aconteceu e, porque não dizer, com brilhantismo, quando no ano de 1996, Acácio Sidinei, recebeu o título de Mestre em Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o trabalho intitulado *A Dimensão Africana da Morte Resgatada - Negras, Candomblé e Culto a Babá Egum, uma importante contribuição a respeito da religiosidade afro-brasileira e seus valores civilizatórios*. No mesmo ano, Acácio Sidinei de Almeida Santos, dá início à sua carreira de professor universitário, sempre amparado, no seu entender, por Regina Maria, sua esposa, e pelos seu diletos filhos, Abiodum e Abiomym. Além do mais, o antropólogo e professor Acácio Sidinei, desde 1995, é o editor-responsável, bem sucedido, da *Agenda Afro-Brasileira*, que atualmente faz parte do calendário das atividades afro-brasileiras em âmbito nacional. Esta agenda, além da natural utilidade que oferece aos seus milhares de consultentes, passou a ser um manancial a mais de dados, de datas e de importantes informações sobre a cultura e a história oriunda da África Negra que se radicou no território brasileiro e na diáspora, que hoje cobre os cinco continentes. O valor deste trabalho de pesquisa, coordenado por Acácio Sidinei e que tem em Regina Maria sua incansável colaboradora, preenche, inegavelmente, uma enorme lacuna de natureza historiográfica, literária e antropológica, o que, por si só, facilita o trabalho de consulta dos que estudam, e dos que militam



Quem é Quem na Negritude Brasileira

esse que a mesma é um instrumento importante no resgate da cultura afro-negra e na construção de uma sociedade pluralista e verdadeiramente democrática. Henrique Cunha, uma das lendas vivas da resistência negra em São Paulo, e um dos ilustres fundadores da imprensa negra, expressou entusiasmo por saber que as novas gerações afro-brasileiras se interessam em dar continuidade às lutas de valorização negra, recomendadas e divulgadas nos textos da Agenda Afro-Brasileira.

ACOTIRENE

Matriarca de Palmares

Na história do Quilombo dos Palmares estão presentes mitos e fatos reais. Essa mescla de informações é resultado da postura ideológica dos segmentos sociais que se envolveram no passado com esse fato histórico, e daqueles que no presente procuram resgatar a história do negro a partir da perspectiva dos vencidos. A história de Acotirene exemplifica bem essa visão mítica e real do Quilombo dos Palmares. Enquanto mito, era a conselheira de todos os palmarinos; como fato real, seu nome foi dado a um importante mocambo. Acotirene era um dos mocambos do Quilombo dos Palmares, instalado no litoral dos Estados de Pernambuco e Alagoas. Ele recebeu este nome em homenagem a uma das primeiras mulheres que habitaram o Quilombo dos Palmares. O mito conta que Acotirene chegou a Serra da Barriga – primeiro povoado quilombola – antes de Ganga-Zumba assumir o poder. Ela era a matriarca do quilombo. Exercia a função de mãe e conselheira dos primeiros negros refugiados na Cerca Real dos Macacos – Serra da Barriga.

Quando Ganga-Zumba assumiu o poder, Acotirene não perdeu a função de conselheira. Era consultada sobre todos os assuntos, desde as questões familiares até as decisões político-militares. Mesmo morta, segundo conta o mito, Acotirene aparecia aos chefes quilombolas para orientá-los nas dificuldades ou nas decisões a serem tomadas. Como o mocambo de Zumbi, que recebeu este nome em homenagem ao grande líder e herói do Quilombo dos Palmares, o mocambo de Acotirene recebeu este nome provavelmente em homenagem a essa grande mulher palmarina que exerceu grande influência na vida dos negros quilombolas. O mocambo de Acotirene ficava situado no norte do Quilombo dos Palmares, a 21 léguas do povoado de Porto Calvo, entre os mocambos de Amaro, Dambrabanga, Zumbi e Tabocas. Pela situação geográfica, esse mocambo tinha a função agrícola, segundo a organização do Quilombo dos Palmares.

Adair Souza da Mata (Rasdair) é filho de Dona Nelcy Souza da Mata e do Senhor Raimundo Miguel da Mata, natural da cidade de Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul, onde veio ao mundo, no dia 6 de janeiro de 1970. Solteiro, Adair é produtor cultural, e seu codinome "Rasdair" originou-se do fato de seu cabelo não ser cortado do modo convencional, formando longas tranças, estilo praticado pelos adeptos do rastafarianismo. Trata-se de um movimento étnico-religioso e político, hoje em expansão pelo mundo onde os negros da diáspora com epicentro na Jamaica cultuam o imperador etíope Haile Selassie I (o Ras Tafari, ou seja, o príncipe Tafari, visto e respeitado como divindade). Segundo seus estudiosos "o rastafarianismo combina elementos das religiões africanas, idéias de supremacia negra e narrativas bíblicas (particularmente sobre o exílio e a libertação milenária) com a cultura afro-caribenha". Por conseguinte, Adair Souza da Mata, dito Rasdair ao, assim, ser chamado, materializa, em si, toda a teoria de uma cultura negra que os seus co-estaduanos revelam ter conhecimento, mais em razão de sua profunda identificação com os movimentos locais, do que pela sua aparência externa meramente superficial. E é lendo o seu currículo e tomando-se ciência de seus dados biográficos que se constata tratar de um moço cheio de energia e de idealismo, próprio de quem luta pelo bem de seus semelhantes.

Adair da Mata ou Rasdair já foi jogador de futebol, tendo defendido as equipes do E. C. Comercial, A.A. Internacional de Limeira (SP), A.A. Americano de Campos (RJ), América Futebol Clube (RJ), Volta Redonda Futebol Clube (RJ), A.A. Pato Branco (PR) e E. C. União de Rondonópolis (MT).

No Movimento Negro ressalta a sua militância junto ao TEZ desde 1987, é membro fundador do ICCAB, conselheiro do CEDINE, pelo segundo mandato consecutivo, onde exerce o cargo de vice-presidente e representante do CNAB na região Centro-Oeste. Mais recentemente, Rasdair tem investido no ramo cultural, como diretor da Xaymaca Reggae Produções.

ADALBERTO CAMARGO

Ex-deputado federal

O negro, em nosso país, quando se destaca do conjunto dos seres anônimos a que pertence, e projeta-se ao ponto de ver o seu nome impresso em caracteres gráficos, de modo honroso e edificante, compete a todos nós vê-lo e tratá-lo como alguém que superou, galhardamente, os limites que lhe foram impostos, por parte da cultura greco-romana, dominante do



dignas dos heróis mitológicos, que esta mesma cultura nos ensina secularmente. Compulsando-se as páginas dos poucos livros que registram a vida sacrificada e o significado da

obra que os mártires, heróis e heroínas deixaram para a posteridade como prova substancial do legado com que contribuíram para a História da Nação Brasileira, é que verificamos e reconhecemos a validade desses esforços e o quanto os mesmos precisam ser divulgados, para que as futuras gerações não passem ao largo de tais personalidades históricas e de seus feitos. Saindo-se das generalidades em direção a afirmações mais palpáveis e concretas, não temos dúvida de que um nome, dentre os muitos que melhor se encaixam neste painel, está o do ex-deputado federal Adalberto Camargo. Nascido na cidade de Araraquara em 7 de dezembro de 1923 é filho de Sebastião Paulino - que só veio a conhecê-lo depois de 16 anos - e de Laura Camargo. Adalberto Camargo atravessou os "sete círculos do inferno" antes de chegar a ser um dos deputados federais negros mais votados na história política do Brasil, cumprindo quatro mandatos consecutivos - de 1966 a 1982. Quanto ao que ele fez e produziu como parlamentar, basta que citemos o número de políticos negros surgidos no cenário nacional, a partir de sua primeira eleição, para que se considere o quanto foi secunda e positiva a sua presença neste campo tão áspero e tão hostil para os afro-brasileiros. Com votação sempre expressiva - 17.56 votos em 1966; 41.961 em 1970; 89.391 em 1974 e 33.332, em 1978, Adalberto Camargo serviu de estímulo e de paradigma para que dezenas e dezenas de candidatos negros se atirassem nas arenas da pugna eleitoral, obtendo, muitas vezes, surpreendentes vitórias, com destaque para Theodosina do Rosário Ribeiro e Paulo Ruy de Oliveira, que chegou a ser presidente da Câmara Municipal de São Paulo - o único negro que os anais da referida Casa registra. Adalberto Camargo, na Câmara dos Deputados, em Brasília ocupou-se com a apresentação de diversos projetos, entre os quais, o que instituiu o "Dia da Comunidade Afro-Brasileira", a ser comemorado em todo o Território Nacional, no dia 28 de setembro - Dia da Mãe Negra; o que promove a difusão da "Semana Cívica Afro-Brasileira, em São Paulo, de modo, que se enfatize a problemática específica do negro no processo político-sócio-econômico, em nos-

mos para todos. A atividade de Adalberto Camargo tem sido intensa e permanente, ao longo do qual, então Presidente da Sub-Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, é o principal executivo da Câmara de Comércio Afro-Brasileira que reúne Angola, Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Camarões, Costa do Marfim, Egito, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Ghana, Guiné-Bissau, Guiné-Conakry, Ilhas Maurício, Libéria, Marrocos, Moçambique, Nigéria, Quênia, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Tanzânia, Togo, Zaire, Zâmbia e Zimbábwe. Como o próprio Camargo sentencia: assim como uma árvore sem raízes não resiste às tempestades, também um povo que não conhece as suas origens ou a história dos seus antepassados, está condenado a desaparecer na voragem do tempo. Portanto, o papel que a Câmara de Comércio Afro-brasileira desempenha como amparo da sua Revista "AFRO-CHAMBE" é de caráter estrutural fazendo com que a união da África e da Diáspora reencontrem-se numa atmosfera de fraternidade e cooperação mútua, o que é bom para negros e brancos, no Brasil.

Dados biográficos fornecidos pela Câmara de Comércio Afro-brasileira.

ADÃO VENTURA

Poeta

Nascido em Serro, cidade do interior do Estado de Minas Gerais, onde veio ao mundo no ano de 1946, Adão Ventura Ferrreira Reis é advogado, formado pela Universidade Federal de seu Estado natal. Segundo a avaliação de Oswaldo de Camargo a respeito da poesia de Adão Ventura, particularmente a que se insere no seu livro *A Cor da Pele*, trata-se de um autêntico poeta, criador de versos perfeitos e bem lapidados, ainda que se admita ser "seguidor de algumas premissas da Geração de 45; contido, polido, breve" - o que faz com que esperemos muito de sua produção poética referindo-se ao "estar-aqui-negro". É justamente esta observação de Camargo, uma vez que *A Cor da Pele* fez de Adão Ventura um "autêntico best-seller, chegando à quarta edição", cuja primeira delas surgiu em 1981. Diz Adão em sua poesia negritude: "Faça Sol/ ou Faça Tempestade/ Meu Coração é Fechado/ Por Esta Pele Negra/ Faça Sol/ ou Faça Tempestade/ Meu Corpo é Cerca- do/ Por Estes Muros Altos/ - Currais/ Onde se Co- agula/ O Sangue dos Escravos/ Faça Sol/ ou Faça Tempestade/ Meu Coração é Fechado/ Por Esta Pele Negra". Para Oswaldo de Camargo, Adão Ventura "formalmente é, talvez, entre os autores pretos brasileiros, o mais anti-Solano Trindade, como Solano foi anti- Lino Guedes", e conclui arrematando com estas palavras: "Em

vó-mãe Zefá/ Com Suas Trouxas de Nuvens En- gomadas/ Carpindo Moinhos de Coívaras e/ Fan- tasmas". Como se vê Adão Ventura já tem o seu espaço definido na história da Literatura Brasileira, como e enquanto poeta da moderna negritude. Mesmo que se considere que a repres- são à africanidade brasileira relegou a um se- gundo plano as legítimas reivindicações do ne- gro, por lhe haverem negado uma política de alfabetização, de qualificação profissional e de liberação econômica, resultou no formidável atraso social em que ele hoje se encontra, o sen- timento de negritude, na sua definição contem- porânea, alcançou patamares acadêmicos, merecendo ser tratado como tema fundamental desse novo humanismo que começa a permear as camadas mais cultas de negros e brancos em nosso país. Com isso, inseriu-se na sacrilida- de da branquitude eurocêntrica um elemen- to desestabilizador de sua tradicional hegemo- nia, que passou a constituir-se no liame ou num fator de equilíbrio, de harmonia e agluti- nações entre estas duas diferentes raças. O poe- ta Adão Ventura, com o seu posicionamento de poeta negro dos mais representativos da presente geração, vem dando uma expressiva contribuição para que tais modificações em nos- sas letras e em nosso comportamento se ope- rem num clima de revolução cultural que há de marcar época em nossa História. Esta postura de poetas da expressão de Adão Ventura, não se nos apresenta de modo artificial, com o objetivo único e tão somente de marcar posição, ou para dizer ao mundo que foram uns dos que acom- panharam algum "modismo" balofe e transitório. Poetas, escritores e intelectuais negros que, como Adão Ventura, estão efetivamente preocu- pados com a sorte de seus irmãos de etnia, fazem de sua poesia uma arma poderosa, capaz de demolir o bloqueio antinegritude que se coloque entre os seus aliados dos mais varia- dos matizes raciais e culturais e o seu ideal de contribuir para o bem de toda a Humanida- de. O poeta negro, antes de tudo, é o poeta do povo. E, como tal, identifica-se com a beleza, com a liberdade, enfim com a Vida.

O Negro Escrito - Oswaldo de Camargo - Secretaria do Estado da Cultura - 1987

ADEILDO PARAÍSO

Sindicalista

Adeildo Paraíso da Silva, natural de Bebe- ribe, Olinda, Estado de Pernambuco, onde nas- ceu no dia 6 de agosto de 1953, é filho de José Martins da Silva e de Dona Severina Paraíso da Silva, que hoje é nome de rua, por sinal, a rua em que Adeildo Paraíso reside, com sua dileta esposa, Dona Rosinete Santos Silva, com quem tem três filhos: Flávio, Adriana e Ana Caroli-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

currou a universidade da vida e que por ela fora aprovado com distinção. É claro que Adeildo fez o curso de primeiras letras no grupo escolar Pedro Celso, chegando ao 2º ano do científico, no colégio da cidade em que nasceu, onde, por diversas ocasiões foi representante de turma e Presidente de Quermesse, demonstrando sua vocação para liderança ainda em plena adolescência, sendo logo atraído para as lides sindicais, assim que atingiu sua maioridade. Sempre envolvido em atividades classistas, ou comunitárias, em razão do que acabou sendo fundador da Associação de Moradores do Portão de Gêlo, em Olinda e, como tal foi indicado o seu vice-presidente. Adeildo Paraíso é também fundador do Partido Social Democrático Brasileiro-PSDB, legenda, pela qual foi candidato a vereador pela cidade de Olinda, em 1988, tornando-se o vereador mais votado de seu partido. Nós dissemos no início desse nosso texto que Adeildo residia numa rua em Pernambuco que levava o nome da sua mãe, Dona Severina Paraíso da Silva; diante deste fato depreendemos de que nobre estirpe afro-brasileira Adeildo é descendente. Tal pai, tal filho, filho de peixe, peixinho é diz a sabedoria de um adágio popular. A sua Mãe deve ter sido uma pessoa muito importante, da qual, todos se orgulham, para merecer semelhante homenagem da geração que lhe sucede. Daí, o porte elegante, até com um certo ar majestático que adorna a personalidade e o comportamento de Adeildo Paraíso da Silva, na condição e na condução, como Presidente do Sindicato dos Estivadores do Estado de Pernambuco, desde dezembro de 1988, ano historicamente simbólico ligado ao coroamento das lutas abolicionistas, em nosso país até os dias de hoje. Antes, porém, Adeildo fora relator do Conselho Fiscal e secretário-geral do respectivo Sindicato. Atualmente Adeildo, acumula outras relevantes funções relacionadas à vida sindical, como a representante do Conselho de Autoridade Portuária do Porto do Recife, a de conselheiro supervisor do órgão gestor de mão de obra do Estado de Pernambuco, a de conselheiro, também, da C.G.T., cargo este, para o qual, fora eleito no congresso de Serra Negra, em São Paulo, no ano de 1993, a nível nacional e ainda a de vice-presidente da CNAB, Congresso Nacional Afro-Brasileiro, em 1995. A questão negra, por ser um negro assumido, é uma de suas prioridades de luta e em termos religiosos, Adeildo Paraíso é dos babalorixás do prestigioso terreiro de Santa Bárbara Xambá, que fica na cidade portuária do Recife.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

Escrava nascida no Maranhão, participou ativamente na campanha abolicionista da capital maranhense. Sabia ler e escrever e, aos dezesseis anos, já freqüentava os comícios e passeatas da sociedade abolicionista de rapazes, O Clube dos Mortos. Consciente de sua causa, Adelina passou a utilizar o seu trabalho para colaborar com os abolicionistas. Vendia charutos que seu pai fabricava e tinha, por esse motivo, fácil acesso a todas as casas da cidade de São Luís. Funcionando como informante do Clube dos Mortos, passava a seus companheiros os planos secretos de perseguição aos escravos. O seu trabalho tornou-a figura importante de apoio às atividades do clube abolicionista.

1) A Mulher Negra tem História - Alzira Rufino e Outras; 2) Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista - SP

ADHEMAR FERREIRA DA SILVA

Atleta - bicampeão olímpico

Adhemar Ferreira da Silva, nascido em São Paulo, em 1927, é um dos astros mais luminosos da vida esportiva brasileira. A modalidade atlética a que se dedicou, o salto triplo, seria pouco conhecida em nosso país se não contasse com as notáveis atuações de Adhemar Ferreira da Silva, que lhe dera prestígio Olímpico e notoriedade popular. Na verdade, no dia em que Adhemar Ferreira da Silva compareceu à pista para disputar com outros atletas o salto triplo, nas Olimpíadas de Helsinque, na Finlândia, em 1952, o seu recorde olímpico estava estacionado na marca de 16 metros. Pois bem, o nosso "Canguru", como ficaria cognominado mais tarde pelos seus feitos em Melbourne, na Austrália, em 1956 - conseguiu quebrar o recorde, por quatro vezes seguidas, nas suas quatro tentativas, atingindo marcas de 16,05m, 16,09m, 16,12m e de 16,22m, respectivamente. Já em Melbourne, quatro anos depois, Adhemar Ferreira da Silva estabelece um novo recorde olímpico para esta modalidade, alcançando o invejável e inesperado patamar dos 16,35m, sendo premiado, mais uma vez, com a medalha do Ouro Olímpico, a mais cobiçada láurea que um atleta pode ambicionar para a glorificação de sua carreira esportiva. Adhemar Ferreira já havia obtido o Troféu Brasil em 1947 e é pentacampeão sul-americano e tri-campeão Pan-americano em 1951, 1955



lusó-brasileiro, em Lisboa no ano de 1960. Este extraordinário atleta, um dos mais importantes deste século, foi dez vezes campeão brasileiro, tendo recebido quase 50 títulos honoríficos nacionais e internacionais. Com todas estas atividades, Adhemar Ferreira da Silva ainda encontrou tempo para formar-se em escultura pela Escola Técnica Federal de São Paulo em 1948, em Educação Física pela Escola do Exército e em Direito pela Universidade do Brasil em 1968. Em virtude destas qualificações o seu nome foi indicado para ser adido cultural junto à Embaixada do Brasil na cidade de Lagos, Nigéria, o maior país de população negra do mundo de hoje. Polivalente, Adhemar Ferreira da Silva atuou como ator na peça Orfeu da Conceição, de autoria do poeta Vinícius de Moraes, e no filme franco-brasileiro, Orfeu Negro, no ano de 1962. Segundo a revista **Raiz da Liberdade**, do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), "assim como o futebol brasileiro tem Pelé para representá-lo dentro e fora do país, o atletismo tem o bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva", para erguer bem alto o pavilhão verde e amarelo nos quatro cantos do planeta. A propósito, o CNAB promoveu em parceria com o Sesi de São Caetano um festival de atletismo com o qual foi comemorado o dia 20 de novembro que enaltece Zumbi dos Palmares, realizado em 1997, em homenagem a este atleta modelo que é Adhemar Ferreira da Silva.

1) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988; 2) 1000 Que Fizeram o Século 20 - Editora Três - Isto é; 3) Revista Raiz da Liberdade, do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - 1997

ADHEMAR DOS SANTOS

Marinheiro

No dia 10 de junho de 1935, nasce na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Adhemar dos Santos, filho de Antônio João dos Santos com dona Angelina Rosana dos Santos. O seu grau de instrução é de primeiro grau, como de resto é o que sempre acontece com a alarmante maioria dos negros e descendentes de africanos em nosso país. Eis porque se diz que a escola, no Brasil, reproduz estereótipos racistas, uma vez que a criança negra é alvo de brincadeiras infantis de mau gosto, que acabam facilmente afetando, de modo profundamente negativo, a sua auto-estima e o conceito que faz da sua imagem, contribuindo para que ela veja na escola um lugar de opressão física, emocional e psicológica, trazendo como resultado um alto índice de evasão escolar. É evidente que em casos como o de Adhemar dos Santos, que conseguiu escolarizar-se e receber conhecimentos mínimos que o levaram a construir sua carreira profissional, constitui, até certo ponto, uma exceção. Pois, quem se candidata para prestar serviços na Marinha de Guerra do Brasil, apontando-se inclusive como marinheiro, é porque

presos serviu no cruzador Barroso de 1955 a 1957, serviu no rebocador Trident de 1957 a 1960

demonstra que superou inúmeros entraves oriundos do preconceito, da discriminação e do racismo que estão ocultos ou escamoteados sob o mito da "democracia racial". Casou-se, constituiu família, sendo pai de 4 filhos e avô de 11 netos, frutos de uma convivência saudável e exemplar ao longo dos 34 anos que teve como esposa Maurília Consuelo de Souza Saritos. Mas Adhemar dos Santos foi mais além de marinheiro; ele prestou serviços no cruzador Barroso de 1955 a 1957, serviu no rebocador Trident de 1957 a 1960; serviu também na estação de Rádio na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, de 1961 a 1967, fora ainda funcionário público municipal. Sempre ativo e esbanjando vida e energia, Adhemar dos Santos foi guia turístico de viagens nacionais e internacionais, coroando um grande leque de atividades que sempre dignificou a sua condição de criatura humana. Nas atividades sócio-culturais relacionadas com a negritude, Adhemar dos Santos não se omitiu, porque se constituiu como um dos fundadores do *Bloco Liberdade*, ato que se deu em 22 de fevereiro de 1988, e o presidiu na gestão do biênio compreendido entre 1988 e 1990. Como nos é dado verificar, trata-se de uma vida sacrificada, operosa e fecunda não só para si e sua família, para quem sempre foi um pai e um esposo extremoso, mas, sobretudo, para a comunidade negra de Santa Catarina diante da qual sempre se erigiu como um exemplo de trabalho e de honradez. Lembrar e preservar sua memória é o que os seus co-estaduanos desejam fazer, uma vez que Adhemar dos Santos já não está mais entre nós. Seu falecimento se deu no dia 5 de julho de 1995.

Dados fornecidos pelo Congresso Nacional Afro-Brasileiro, do Estado de Santa Catarina.

AGNALDO MANOEL DOS SANTOS

Escultor

Nascido em dezembro de 1926 no povoado da Gamboa, em Mar Grande, litoral norte da Ilha de Itaparica, Bahia, localidade plena de manifestações das religiões de seus ancestrais (candomblé), Agnaldo Manoel dos Santos jamais teve contato com tais cultos, embora suas esculturas retratem, principalmente, os orixás. Era considerado pelos amigos como o mais leal e gentil companheiro, o mais nobre e honrado dos homens que sabem ter elegância nos gestos e sobriedade no comportamento, razão pela qual os mais íntimos

teve, o primeiro, Mário Cravo Jr., o segundo, Francisco Biquiba Guarany, Agnaldo absorveu pouco mais que os princípios fundamentais do ofício. Cravo Jr. impressionou-o com suas grandes obras de cunho expressionista e seus "ex-votos". Claro está que o expressionismo em Agnaldo encontrou campo para outras aproximações formais, totalmente distintas da de Mário. Enquanto "Antônio Conselheiro" brada o seu sofrimento, os personagens de Agnaldo sofrem nas caladas da noite, numa contenção que só faz aumentar o potencial dramático de suas fontes. Guarany, nosso maior escultor de figuras de proa, deu a Agnaldo a noção de uma férrea disciplina de trabalho, bem como do critério de seleção de boas maneiras. Porém Agnaldo não passou ileso pelo contato com o mestre. Sua admiração foi tamanha que chegou a executar algumas carrancas de extraordinária concepção. Na verdade, são obras exclusivamente de Agnaldo, devendo apenas a Guarany o tema. Agnaldo, que foi premiado pela Bienal de São Paulo, de 1957, era original, espontâneo, numa palavra, absolutamente único. Trata-se de um momento especial da arte brasileira, que talvez seja difícil de se repetir com igual e intensa beleza. Agnaldo Manoel dos Santos morreu no dia 26 de abril de 1962, aos 36 anos de idade incompletos.

AGOSTINHO DOS SANTOS

Cantor

Para os que querem acreditar que os grandes nomes da Música Popular Brasileira só poderiam, necessariamente, surgir na cidade Maravilhosa do Estado do Rio de Janeiro, Agostinho dos Santos estabelece-se como a mais luminosa afirmação que contraria de forma cabal esta assertiva. Agostinho dos Santos, com Geraldo Filme e Erlon Chaves, integra esta tríade de cantores negros que entraram para a História, elevando São Paulo como fonte de inspiração criadora dessa arte extraordinária feita fora do mundo acadêmico, mas que traz consigo laivos de erudição que, na maioria das vezes, somente valorizam e engrandecem as nossas belas letras e os acordes de nossa música clássica. Agostinho dos Santos, cantor brasileiro de São Paulo, onde nasceu em 1932, iniciou a sua brilhante carreira em 1951. Com a sua voz magnífica, quem sabe "o mais afiado cantor brasileiro de todos os tempos" que foi capaz de cri-



dos Santos era o inimitável em suas extraordinárias e inesquecíveis interpretações. Músicas como *Forças Ocultas*, samba-canção em parceria com Antônio Bruno, e o hoje clássico sucesso *Estrada do Sol*, de Tom Jobim e Dolores Duran, imortalizaram-se na voz característica. Certa vez, em nova York no Carnegie Hall, aconteceu o espetacular programa *A Noite Brasileira*, onde Tom Jobim, João Gilberto entre outros se apresentavam, Agostinho dos Santos, que tinha popularizado a sua voz por meio do filme *Orfeu do Carnaval*, a cantar o seu tema *Manhã de Carnaval*, com Luiz Bonfá ao violão, conseguiu provocar um verdadeiro delírio na platéia, cujos espectadores inundaram o palco, em que A.S. se apresentava com cravos vermelhos que eram atirados aos seus pés em profusão. No ano de 1956, Agostinho dos Santos gravou um LP com músicas produzidas por Dolores Duran e Tom Jobim, entre as quais se destacava a famosa *Estrada do Sol*, que acabou por se constituir em um de seus maiores sucessos de toda a sua carreira. No filme de Marcel Camus *Orfeu de Carnaval* tornou-se famosa a composição de Vinícius de Moraes e Luiz Bonfá *Manhã de Carnaval* e *A Felicidade*, também de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Agostinho dos Santos, em que pese toda esta popularidade, era um homem simples e bom. O Aristocata Clube, em sua sede com centro de São Paulo ou na de campo, sempre recebia a visita de seu amigo e sócio benemérito que era este popular cantor, com seus inúmeros amigos e amigas do ARI, participava de sua churrascada e de um futebol em sua sede de Campo. Agostinho dos Santos veio a falecer em um desastre de avião.

Dados extraídos de *Larousse Cultural - Brasil A/Z*
Editora Universo 1988 e de *História do Samba*
Editor Globo 1997

ALAÍDE COSTA

Cantora

O Estado do Rio de Janeiro é um celeiro inegável de prodígios talentos populares, desses que brotam do chão com a força e a naturalidade dos frutos da terra. É poder telúrico da cultura do povo regada em suas raízes, pelo suor, pelo sofrimento e pelas alegrias que encontraram no negro e no índio a fonte inspiradora que canaliza tais energias para a arte, particularmente para a música brasileira surgida das ruas, dos campos e das cidades. Alaíde Costa é uma dessas flores afro-negras que arrebentaram o asfalto da cidade grande para pontificar-se na glória da popularidade com a sua voz doce e aveludada que encanta os leigos e deslumbra os especialistas que estudam a alma do povo. Nascida na Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro, no dia 8 de dezembro de 1935 - Dia de Nossa Senhora da Conceição - Alaíde Costa diz que começou cantando em programas de calouros,

Quem é Quem na Negritude Brasileira

mais de dois anos de oportunidades. Poucos são os que sabem, além de seus íntimos amigos e familiares, que o seu nome civil é Alaíde Costa Silveira. É uma das mais refinadas e



populares cantoras brasileiras desses últimos 30 anos. Através da sua voz meiga e afinadíssima foram consagrados vários dos mais importantes compositores da Música Popular Brasileira, começando por Carlos Lyra, João Gilberto, Milton Nascimento, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, que já tiveram as suas criações musicais magistralmente interpretadas por Alaíde Costa. Diz o adágio popular que pelos dedos do pé se conhece o gigante. Pois bem, Alaíde Costa, aos 13 anos de idade quando freqüentava o programa promovido por Paulo Gracindo em sua Rádio Seqüência G3, já era apontada como a melhor cantora jovem. Renato Murce, grande nome do rádio brasileiro, aplaudiu a passagem de Alaíde Costa por seu programa *Arraia Miúda*, nas ondas da Nacional. César de Alencar, com o seu programa *Cast de Novos*, quantas vezes deu chance para que os estreantes aparecessem nas ocasiões em que eram convidados a substituir as monstrosas sagradas da estirpe de Ângela Maria, Dolores Duran, Nora Ney, por se encontrarem de férias ou excursionando pelo Brasil ou exterior, dando hora e vez a Ellen de Lima, Marisa Gata Mansa e por que não dizer, Alaíde Costa? Contudo, o seu grande momento só viria, em 1957, aos 22 anos de idade, quando teve a oportunidade de fazer a sua primeira gravação, com *Tarde Demais*, de Hélio Costa e Anita Andrade, ganhando, por sua performance, o Prêmio Revelação do Ano.

Em 1958, dois sambas-canções, *Domingo de Amor*, de Fernando César e *Conselho de Richard Franco e Hamilton Costa*, consolidam sua carreira discográfica e o rádio fica para trás. É nesta época que Alaíde Costa é seduzida por João Gilberto para integrar-se à grei dos profissionais da bossa nova, seguindo-se, com isso, as sucessivas gravações, sempre acompanhadas de extraordinário êxito: "Estrada Branca", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, *Minha Saudade*, de João Donato e João Gilberto, *Lobo Bobo*, de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli e o clássico *Onde Está Você*, de Oscar Castro Neves e Luverci Fiorini. Para os que não sabem, Alaíde Costa é a intérprete oficial do Hino à Negritude, com letra e música de nossa autoria. Elton Medeiros e Paulinho da Viola são atualmente interpretados por Alaíde Costa, que continua nas paradas de sucesso com a sua voz suave e impecavelmente afinada.

História do Samba - Editora Globo - 1997.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Alberto Ferreira é um dos artífices negros com militância das mais conhecidas, inclusive a nível nacional, com atuação sistemática e regular na área da negritude brasileira destas últimas décadas. O perfil político de Alberto Ferreira adquiriu notoriedade e consolidou-se quando participou ativamente da formação do grupo de político negros do PMDB, a partir de 1978, quando nascia em São Paulo o Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial. Esta agremiação político-partidária, PMDB, foi uma das primeiras agremiações a discutir, com compreensão e seriedade, a problemática específica do negro, fazendo com que este tema fosse incluído na sua linha programática, juntamente, com a das mulheres, da juventude, da questão rural, do menor, da adolescência e dos idosos: foram questões sociais candentes discutidas na época, para cujo sucesso de suas inserções no Programa Partidário a participação de pessoas do inconformismo de Alberto Ferreira foi de fundamental importância. Tanto é verdade, que este incansável batalhador da luta do negro foi indicado para fazer parte da 2ª gestão administrativa do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade

Negra de São Paulo, a primeira instituição no gênero a ser criada em todo o território nacional com objetivo de combater o racismo e de promover os valores históricos da cultura negra brasileira.

Alberto Ferreira participou desta fase, rica e combativa dos afro-brasileiros de São Paulo. É da cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, onde nasceu, no dia 15 de novembro de 1942. Ele costuma dizer com muita propriedade que esta sua condição de nordestino e de negro lhe dá estímulos para lutar porque aqui, no Sul Maravilha, estas condições são terrivelmente estigmatizadas, exigindo deste generoso povo que integra esta comunidade redobrados esforços para a superação do preconceito e das discriminações. Alberto Ferreira sempre exerceu múltiplas atividades como profissional, particularmente na área de Seguros que é a de sua especialidade.

ALBERTO JORGE FERREIRA DOS SANTOS

Advogado e liderança afro

Alberto Jorge Ferreira dos Santos é natural da cidade de Maceió, Estado de Alagoas, e nas-

correr atrás de advogados que não estão comprometidos com a nossa causa"



ceu no dia 29 de março de 1963 filho de Walter dos Santos e Iracy Ferreira dos Santos, mas, criado durante 15 anos por sua avó, Margarida Ferreira da Silva, de cor branca; as condições financeiras de seus pais eram péssimas. Na condição de menino negro e pobre foi humilhado com apelidos pejorativos, como saci-pererê, neguinho, café negro fedorento, beijudo, cabelo de bombril. Sua família sabendo disso aconselha-o a estudar: "estude para ter alma". A sua vida de estudante, porém, sempre foi respeitada; obtendo nota dez em quase todos as matérias, não dava espaço para gozações preconceituosas. Medalhas e certificados de Honra ao Mérito igualam negros e brancos; sabendo disso, Alberto Jorge pôs-se a estudar alucinadamente. Em 1979, a Igreja Católica de Jatiúca realiza uma palestra a respeito do cidadão negro a cargo dos professores Zézito de Araújo e Vanda Menezes. Confessa Alberto Jorge que até aquele momento não sabia o que era ser negro, pois, a sua alma era branca. A partir daí juntou-se a elementos que orientavam, refletiam, planejavam e discutiam um modelo de vida participativa e igualitária para todas as raças. Na década de 80 resolveu aprofundar-se nas questões relacionadas com a raça negra, procurando estudar Martin Luther King - Prêmio Nobel da Paz, Malcolm X, Rosa Parck, Luiza Mahin, Cruz e Souza, Castro Alves e tanta outras lideranças que lutaram pela dignidade do negro. Começou a entender o sentido histórico da Serra da Barriga, com seu tombamento pelo Patrimônio Histórico, seu reflorestamento por iniciativa do governo federal, fruto das demandas, das comissões de organizações afro-brasileiras. Foi com esse espírito que resolveu criar o Grupo de Dança Afro-Nagô Axé, o primeiro grupo Afro de Alagoas em 1989. A partir de então os toques dos tambores começaram a soar e a derrubar as discriminações que rondavam a sua vida. Mesmo assim, quantas vezes precisaram enfrentar a polícia militar e civil, porque achavam que os tocadores de tambores eram macumbeiros malucos. No dia 20 de novembro de 1989, tocaram na Serra da Barriga com Lecy Brandão e em 1990 fundaram a primeira Banda Axé de Alagoas.

brasileiro. Alberto Jorge conta: "Organizei e participei de manifestos sociais em defesa do cidadão negro, protestos no 13 de maio, dia da consciência negra, tributo a Bob Marley, tributo a Mandela, Dia do Trabalhador, manifestos políticos, dia da mulher, seminários, mesas-redondas, encontros a nível Norte-Nordeste e nacional dos movimentos negros. Além disso, sempre contribuí com o movimento negro, monitorando palestras, prestando assessorias em projetos, etc.". No ano de 1987, Alberto Jorge resolve fazer o seu vestibular para Direito, sendo aprovado entre os dez primeiros colocados. Na sua mente socialista, não passava outra idéia a não ser: "Não vamos mais precisar correr atrás de advogados que não estão comprometidos com a nossa causa". Em 1992 Alberto Jorge concluiu o curso de Direito, tornando-se Bacharel em Ciências Jurídicas. Sempre preocupado com as questões sociais, Alberto re jubila-se com a criação oficial da Comissão de Defesa das Minorias Étnicas da Ordem dos Advogados do Estado de Alagoas, presidido pelo jurista Dr. Humberto Martins, em 1998. Alberto Jorge entende que enquanto houver fome, miséria, falta de educação, saúde e moradia não se pode falar em cidadania nem em democracia, mas que devemos lutar mais para que elas se estabeleçam, entre nós, efetivamente.

ALBUÍNO AZEREDO

Ex-governador do Estado do Espírito Santo

Albuíno Cunha de Azeredo pertence ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e tornou-se um dos primeiros homens públicos negros do Brasil a ser eleito para governar o Estado do Espírito Santo. Nascido em 1945, no município de Vila Velha, no referido Estado, Albuíno Azeredo, contrariando toda a lógica política racista imposta tradicionalmente aos descendentes de africanos, rompe a linha da cor e se projeta no cenário nacional como alguém bem-sucedido. Sempre afirmado, orgulhosamente, a sua negritude - no que agiu politicamente correto -, correspondeu às expectativas ao transformar-se na expressão da revolta dos que não podem se representar e muito menos participar do poder, do grupo dos excluídos à procura da dignidade a que tem direito e do respeito a que fazem jus: "traduz com isto, séculos ou milênios de humilhação e de opressão sutil ou brutal, quando não sangüinárias". Alegam uns que

que tem direito e do respeito a que fazem jus: "traduz com isto, séculos ou milênios de humilhação e de opressão sutil ou brutal, quando não sangüinárias". Alegam uns que

que a burguesia cedera os anéis para não perder os dedos. Porém, de uma maneira ou de outra, não deixou de ser um fato revolucionário, no que este termo tem de transformador e de mudanças sobre o "status quo". Albuíno Azeredo, como negro, representou este momento e esta atitude que se encontram em pleno estado de ebullição no interior da ordem injusta, e por vezes cruel, em que vivem os afro-descendentes, em nosso país. Engenheiro ferroviário e empresário bem-sucedido, Albuíno deu início à sua meteórica carreira profissional de técnico ingressando na Cia. Vale do Rio Doce, onde trabalhou com afinco por muitos anos e adquiriu suficiente experiência para organizar sua própria empresa de consultoria para elaborar projetos ferroviários, a ENEFER, na ocasião tida e havida como a mais bem conceituada e uma das maiores companhias atuando no ramo, quiçá da América Latina. Nascido no seio de uma família de parcós recursos, tendo de lutar com garra e determinação para superar tais dificuldades, Albuíno Azeredo, antes de se formar, fez quase de tudo na vida, desde vendedor ambulante, marreteiro de pedraria, até jogador de futebol. Sem que se desprezem os setores do Movimento Negro que advogam que a luta dos afro-brasileiros só tem validade numa atmosfera de permanente militância e denúncia das mazelas do racismo, temos que admitir que outros caminhos estão se abrindo para o engajamento, com sucesso, dos herdeiros de Zumbi, que perceberam que o "apartheid" à brasileira é mais racial do que social e que, em quaisquer das direções que tomarem, haverão de encontrar uma trincheira para se posicionar nesse embate diuturno e sem quartel. Albuíno Azeredo entendeu e aceitou esse desafio que se impunha à consciência de alguém que também se identifica com a negritude. Sua experiência acumulada na vida pública, embora houvesse se restringido ao cargo de secretário de Planejamento do Estado, que exerceu na administração de Max Mauro - seu antecessor e que lhe deu todo o apoio nessa empreitada para se tornar o governador do Estado do Espírito Santo, no ano de 1990 - contribuiu e muito, para o sucesso de sua singular iniciativa, sendo eleito no segundo turno ao derrotar José Inácio Ferreira, recebendo 584.269 votos. O racismo deveras não diminuiu na sua gestão, atingindo inclusive um de seus três filhos, como foi largamente anunciado em toda a imprensa.

Dados extraídos do PAPE - Programa Auxiliar de Pesquisa Estudantil, 1991.

ALCEU COLLARES

Ex-governador do Estado do Rio Grande do Sul

Alceu de Deus Collares nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul, em 12 de setembro de 1927. Filho de João de Deus Collares e Severina T. Colla-

mou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1958.



Voltado para a vida pública, Alceu foi vereador em Porto Alegre, e elegeu-se por três mandatos consecutivos a deputado federal (1971 a 1975, 1975 a 1979 e 1979 a 1983). Na Câmara dos Deputados, foi vice-presidente da Comissão de Constituição e Justiça (1971); autor do requerimento de criação e presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a política de remuneração do trabalho (1976); autor do requerimento de criação e relator da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os reajustes trabalhistas (1978). Ainda na Câmara dos Deputados, Alceu Collares foi vice-líder do antigo MDB, de 1975 a 1979, além de membro da Comissão de Serviço Público e suplente da Comissão de Constituição e Justiça (1979). Quando desligou-se do MDB, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista, elegendo-se governador do Estado do Rio Grande do Sul em 1990, antes, porém, Alceu Collares foi prefeito da cidade de Porto Alegre, em 1985, sendo para estas duas instâncias de poder, o primeiro e, ainda continua sendo o único negro a ser, por eleição, prefeito da capital gaúcha e governador do Estado do Rio Grande do Sul. Resta-nos, também, ressaltar que Alceu Collares teve atuação destacada no Congresso Nacional, quando foi o autor da Lei do Inquilinato, que extinguia a Denúncia Vazia. Outro aspecto da vida política de Alceu Collares é que em todas as vezes em que se elegeu para deputado federal, pelo Estado do Rio Grande do Sul, este ilustre descendente de afro-brasileiros, foi o mais votado dentre os que, com ele, se elegeram. Alceu Collares, ao longo de sua brilhante carreira política, sempre se houve como um homem público operoso, competente e combativo, político que nunca, jamais, em tempo algum conspurcou a sagrada confiança nele depositada pelos seus inúmeros eleitores. Esta nobreza de caráter aliada à altivez de atitudes, fez de Alceu Collares um exemplo magnífico de político que carrega em suas artérias a seiva vivificante, sagrada e heróica de Zumbi dos Palmares.

Larousse Cultural - Brasil A/Z
Editora Universal 1988.

ALCIONE

Cantora

Ela tem o samba no pé, na voz e na alma. É assumidamente mangueirense há 23 anos e ostenta o apelido de Marrom desde o iní-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

culo dois anos de professorado – para orgulho de sua família – deixou a terra natal, São Luiz do Maranhão, para conquistar o seu espaço no mundo artístico. Lá no Maranhão, o talento de sua voz se restringia a apresentações em festas juninas, folclóricas ou típicas (como a de São Pantalião e São Gonçalo), aniversários e coral da igreja. Também tocava clarineta e trompete que aprendeu com o pai – mestre da Banda da Polícia Militar do Maranhão. E foi seu pai que a aconselhou morar no Rio de Janeiro, com o irmão mais velho, José de Ribamar. No Rio de Janeiro, seu primeiro emprego foi na loja Império do Disco, como balcônista. Alcione deu um salto para a extinta TV Excelsior, e foi lá que a *Marrom* ganhou seu primeiro concurso de caloura. Mesmo sem disco gravado começou a se apresentar nas casas noturnas no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde foi descoberta por Jair Rodrigues, seu padrinho artístico. Através do padrinho, Alcione chegou até Roberto Menescal, da gravadora Phono Gram, hoje Polygram, e lançou seu primeiro disco compacto. De lá para cá, passaram-se 28 anos. Com uma carreira de sucesso, Alcione alcançou 19 discos de ouro, 5 de platina e ecoou seu canto em mais de 30 países, onde tem 15 discos lançados. Em novembro de 1996, ela realizou mais uma turnê internacional, que começou no Festival de Lyon, na França, passou pela Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Suíça e terminou na Finlândia. Na sequência, lançou seu 23º álbum, intitulado *Tempo de Guarnicé* que na folclórica linguagem do bumba-meu-boi significa “tempo de preparação”. Também está em seus planos a realização de um sonho antigo, um disco em espanhol com um repertório bem variado. Em 1987, Alcione fundou a “Mangueira do Amanhã”, projeto social da favela da Mangueira e adjacências, onde, além de música, as crianças são encaminhadas para a prática do esporte. O projeto conta com assistentes sociais, equipe médica e de recursos humanos e já recebeu prêmio do UNICEF – Fundo das Nações Unidas Para a Infância.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

Alda Cerqueira é uma liderança comunitária de grande sensibilidade, e por isto mesmo publicamos o seu expressivo depoimento, devido ao seu alcance e sua grande utilidade para a comunidade negra e para toda a sociedade que se preocupa com a discriminação racial. Alda nasceu na Bahia, em Jequié, e cedo teve que deixar os estudos para ajudar a família.

“É, eu desisti de estudar para ajudar a família. Minha mãe teve vinte e quatro filhos, depois as crianças foram morrendo, morrendo, e eu que era a mais velha tinha que ajudar a criar os que iam ficando. Minha mãe lavava para fora e como eu tinha que tomar conta dos meninos, aos 11 anos tive que sair da escola. Também eu não gostava muito não. Lá em Jequié, cidade em que eu nasci – fica na Bahia – a professora humilhava muito a gente que era preta. Na hora do recreio não podia brincar com as outras crianças. Elas diziam: - *sai, negra*. E a professora não dizia nada, foi aí que eu senti que era diferente porque minha pele não era igual à da maioria das pessoas que eu conhecia. Senti que os pretos não tinham vez, eram humilhados. Agora sim, que todo mundo é igual, não tem diferença. Mesmo quando eu cheguei no Rio de Janeiro não tinha tanta diferença como lá. Na Bahia tem muita diferença de cor. Uma vez teve uma festa de aniversário na casa da professora e quando eu perguntei se podia ir com um dos meus irmãozinhos, ela disse: - *Não dá minha filha. A festa é de branco*. Nunca me esqueci disso. Eu ficava pensando porque Deus fez aquilo, deixou uns brancos e outros pretos para serem humilhados assim. *Mas não é tudo filho de Deus?* Agora, uma coisa eu digo: nunca tive vergonha de ser preta. Na minha família todo mundo foi sempre honesto, todo mundo sempre trabalhou. Tenho orgulho, tenho orgulho porque eu tenho visto muito branco pior do que a gente de cor. Quando eu vim pro Rio tinha mais ou menos uns treze pra quatorze anos. Uma senhora me trouxe para ser babá de seus dois filhos, mas não dei sorte. Ela não me pagava por mês, só me dava uns trocados muito de vez em quando, me dava umas roupas usadas pra eu vestir e eu comia em pé na cozinha. Até que eu tomei coragem e saí da casa dela e fui trabalhar na casa de uma portuguesa chamada Dona Benardina. Ela gostava muito de mim sempre me elogiava: - *Ela é escurinha, mas é uma escurinha muito bacana, muito boa. Eu não tenho ela como empregada tenho como filha*. Tanto assim que eu saí de lá casada. Todas as festas que ela ia, me levava. Casou uma filha dela e eu fui ao casamento com um vestido novo que ela mandou fazer. Na festa eu também fiquei na sala. E ela sempre dizia: - *É preta sim, mas é uma preta de vergonha, uma preta que não mete vergonha*”.

morados escravos, mas quis o destino que eu casasse com um branco. Ele era espanhol e vinte anos mais velho do que eu e se chamava Manoel Cícero dos Santos. Pediu a minha mão à dona Bernadina e disse que eu era escura mas não tinha importância, ele gostava de mim e queria casar. Só vendo como ele me tratava. Me levou para conhecer os parentes dele que gostaram muito de mim e eu gostei muito deles também. E eu casei com ele porque gostava, não foi porque ele era branco, não. Eu acho negro bonito (...) O negro tem que dar valor a sua classe também. Não é bonito onde o branco entra o negro entra também, onde o branco chega, o negro chega também? É tão bonito isso. Tem que estudar, porque antigamente o negro não tinha o direito de estudar. Agora não, pode estudar, pode estudar pro que quiser. Pra mim não deu. Se eu tivesse a oportunidade de estudar tinha estudado, tinha vontade de ir mais longe, mas não deu. Fiquei nisso e estou conformada. Não deu pra mim, mas deu para minhas filhas e vai dar para minhas netas. As minhas filhas se chamam Júlia e Joana Angélica. Desde quando elas eram pequeninas e saíam comigo pela rua alguém sempre perguntava se eram minhas filhas e eu respondia perguntando: - *Sabe por que elas saíram clarinhas assim? Porque eu dei banho de sabão de coco nelas quando nasceram*. Meu marido era estivador e eu pra ajudar a ele, a nós, dava pensão para os estivadores lá no cais. Aí ele foi indo, foi indo, ficou doente e logo depois se aposentou. Quando ele morreu eu fui trabalhar na feira nordestina em São Cristóvão, onde estou até hoje vendendo a minha tapioca e o meu beiju. Com eles acabei de educar minhas filhas e comprei um apartamentinho no conjunto da Cebab em Bangu. Há mais de vinte anos que eu trabalho na feira, sou uma das fundadoras e me sinto muito bem aqui. Nunca tive nenhum problema aqui sobre minha cor. Há união, nós todos trabalhamos unidos. (...) Graças a essa feira – como a aposentadoria do meu marido era muito pequena – pude continuar pagando os estudos de minhas filhas. Eduquei elas, se casaram e casaram muito bem graças a Deus. E eu continuei na feira porque achei que devia continuar. Continuei e estou até hoje. Tem vez que dá, tem vez que a gente faz, tem vez que não dá, mas o dia que dá a gente guarda para o dia que não dá. Eu sempre achei que era bobagem, mas as minhas filhas sempre falavam que queriam casar com um clarinho que é para os filhos delas saírem clarinhos também. Não foi uma nem duas vezes que eu disse que isso não tinha importância, mas elas não se convenciam, queriam porque queriam porque queriam casar com um mais clarinho. E conseguiram. Felizmente, como eu já disse casaram bem. Eu continuo com a mesma opinião de sempre. Para mim tanto faz branco mulato ou preto. O que deve mandar é se a gente gosta ou não: preto também é sexo”.

Aleijadinho, cognome de Antonio Francisco Lisboa, projetou-se no cenário da História da Arte como figura exponencial de tal notoriedade que é hoje considerado por seus inúmeros biógrafos como o maior artista brasileiro do século XVIII. Nascido da união do mestre-de-obra português, Manuel Francisco Lisboa com a escrava Isabel, teve, Aleijadinho, a oportunidade de obter os primeiros conhecimentos artísticos com o próprio pai. Sua data de nascimento é controvérida (1730 ou 1738). Natural de Ouro Preto, Minas Gerais, sua vasta e primorosa obra se distribuiu por vilas e cidades, como Ouro Preto, Sabará, São João del Rei, Mariana, Caeté, Barão de Cocais, Tiradentes, Congonhas, de tal modo que hoje, ou melhor, a partir de 1968, o poder público nacional viu-se obrigado, para melhor preservar a sua obra, a inaugurar um Museu que leva o nome de Aleijadinho, junto à Igreja Matriz de Antonio Dias, um dos bairros da cidade de Ouro Preto, local onde este renomado artista viveu e veio a falecer, em 1814. Não é de todo impertinente de nossa parte dizer que este gênio de origem afro-brasileira foi "praticamente ignorado no Brasil acadêmico do século XIX e até o início destê, quando Antonio Francisco Lisboa passou a ser definitivamente considerado o maior artista brasileiro do século XVIII". De acordo com o trabalho de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, "é bastante conhecido o interesse dos modernistas e sobre-tudo de Mário de Andrade pela obra desses artistas mulatos do período colonial" entre os quais, se alinharam Mestre Valentim, Francisco das Chagas, o Cobra, Francisco Xavier de Brito, Francisco Vieira Servas, Inácio Ferreira Pinto, Manuel Ignácio da Costa e tantos outros. "Esse interesse - continua Myriam - "deu origem às fundamentais biografias de Aleijadinho e Mestre Valentim, elaboradas com apenas dois anos de diferença, às quais se devem praticamente todas as informações básicas que ainda hoje norteiam estudos e pesquisas sobre esses artistas". É nesse circuito das artes de Minas Gerais, tendo Vila Rica por centro, todo ele agitado pela febre do ouro e pelo

da qual se afastou, apenas uma vez, quando fora ao Rio de Janeiro para incorporar ao seu conhecimento às tradições do barroco e do rococó e os modelos clássicos e góticos, escolas que viriam a ser enriquecidas, contando, desta feita, com a vivência nacional e o emprego de outros materiais, como o uso da pedra-sabão, por exemplo. Em que pesem as maquinções diabólicas do escravismo, do preconceito étnico e da discriminação racial, mesmo assim, Aleijadinho tornou-se o artista negro mais conhecido e disputadíssimo para oferecer planos para as igrejas e solares da região, como frontispícios, altares e até utensílios de uso doméstico, quase tudo produzido em sua oficina. Grande entalhador, Aleijadinho deixa farta obra que realça o seu talento e a sua genialidade, virtudes que fizeram com que os descendentes de africano, como ele, dessem a sua inestimável contribuição para a formação da nossa brasiliadade. Acometido de grave enfermidade que o deformava, daí o apelido de Aleijadinho, Antonio Francisco Lisboa, a partir dos seus 50 anos passa à fase gótica e expressionista com traços nitidamente dolorosos como se sente na figura dos Passos da Paixão - 1796-1799.

ALEIXO PARAGUASSÚ NETTO

Juiz

O Juiz de Direito, Dr. Aleixo Paraguassú Netto, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, é filho de José Pedro de Alcântara e de Nair Paraguassú. Dentre os negros brasileiros que atingiram as mais elevadas funções em nossa magistratura, Dr. Aleixo Paraguassú é um dos que têm plena consciência da sua negritude, dela se orgulhando imitadamente. Há sólidas razões para isso. Quando menino, em sua cidade natal, seus pais - que sempre tiveram posições afirmativas a respeito de suas origens afro-brasileiras - atuaram à frente de grupos folclóricos e de organizações que guardavam e punham em prática as tradições culturais trazidas pelos africanos escravizados. Estas aqui foram desenvolvidas e mantidas através das gerações, mais por força da moralidade de nossos ancestrais, do que por meio de escritos ou de registros dos anais literários ou jornalísticos. O senhor José Pedro de Alcântara, em obediência ao que recebera de seus antepassados, não se restringia única e somente em participar de associações ou de entidades que preservavam estes hábitos e costumes étnicos, como também, na mais das vezes, as presidia - como fundou e presidiu a Associação para o Progresso dos Homens de Cor em 1945. O seu pai esteve atuando, também, na condição de presidente à frente das Associações das Congadas de Minas Gerais. Eis, pois, o esplêndido caldo de cultura em que Dr. Aleixo Paraguassú Netto aclimatou-se para impregnar-se de africandade e de negritude e fazer de sua consciênc-

ia plena e orgulhosa. Dr. Aleixo Paraguassú Netto, bacharelou-se em Direito, em 1969 pela Faculdade de Direito da então Universidade do Brasil, no Estado do Rio de Janeiro; concluiu curso de Formação de delegado de polícia, pela Academia Nacional de Polícia (Polícia Federal) em 1970, em Brasília; freqüentou curso Elementar da Língua Alemã, pelo Instituto Cultural Brasil - Alemanha, assim como o curso Básico II e III, pelo Instituto Goethe de Berlim em 1982. O Dr. Aleixo Paraguassú Netto já exerceu os seguintes cargos: delegado de polícia do Distrito Federal, professor da Escola de Polícia do Distrito Federal, juiz de Direito no Estado do Mato Grosso do Sul, juiz eleitoral e diretor do Fórum, nas Comarcas de Rio Brilhante, Bataguassú e em Nova Andradina, Dourados e Campo Grande, professor de Direito Processual Civil da Universidade Católica Dom Bosco (MS) em 1975, professor da Escola Superior da Magistratura de Mato Grosso do Sul, em 1988 e 1989, secretário de Estado de Segurança Pública do Mato Grosso do Sul, secretário de Estado da Educação do Mato Grosso do Sul em duas gestões (1987 e 1995). Dr. Aleixo Paraguassú Netto é professor Emérito da Faculdade de Direito da SOCI-GRAN - Dourados (MS), tendo sido agraciado com a medalha do Mérito da Magistratura Nacional, por relevantes serviços prestados à magistratura, comenda concedida pela Associação da Magistratura Nacional, e ainda integra o grupo TEZ - Trabalhos e Estudos Zumbi de Mato Grosso do Sul, do qual, seu filho Paulo Roberto Paraguassú é co-fundador e atual presidente.

ALEX FRAGA

Jornalista

Campo Grande, cidade do Estado do Mato Grosso do Sul, foi onde nasceu Alex Fraga, no dia 13 de maio de 1960. Filho de João Ferreira Fraga e Maria Conceição Fraga, Alex Fraga, vindo ao mundo na data em que foi extinto no Brasil o trabalho escravo há mais de cem anos atrás, nos remete à ideia de que este moço pode ser um predestinado, o que lhe concedera inspirações especiais para vincular-se, de modo imanente à causa afro-brasileira. Alex Fraga é formado em Biologia e tem por profissão o jornalismo, além do que as belas letras o atraí de forma inelutável e com fascínio. A fotografia, esta arte sedutora de se produzir, sob os efeitos da luz - claro e escuro as imagens que se fixam em superfícies, para tanto, sensibilizados - faz parte, também, de suas paixões, ao retratar, por esse meio, as coisas do cotidiano. Alex Fraga é um jornalista de destaque em Mato Grosso do Sul com muitos anos de profissão. Bastante envolvido no mundo cultural, no Jornal "Diário da Serra", um dos dois maiores do Estado, ele chegou ao posto de editor-chefe, depois de ter sido, por muitos anos, o editor do caderno de cultura. Hoje Alex exerce a função de assessor de im-



que da Vida, Ainda Um cheiro e Gana. Além do gosto pela poesia, esse jornalista tem por passatempo a fotografia, e tem como projeto para o futuro a organização de um evento reunindo os ensaios fotográficos que realiza.

ALOÍZIO SANTOS

Ex-deputado federal

Nascido em 11 de outubro de 1940, na cidade de Brejo Grande, Estado de Sergipe, foi a partir de Vitória, no Estado do Espírito Santo, que Aloízio, ainda jovem, começou uma vida pública de sucesso. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo, comerciário, tesoureiro, funcionário público e político, elegeu-se vice-prefeito da cidade de Cariacica (1973-1975) e deputado federal (1975-1979). Foi membro da Comissão de Trabalho e Legislação Social (1975); presidente da CPI das Loterias (1976-1977); membro da CPI do Índio (1977) e membro da CPI do Sistema Habitacional (1977). Quando deixou a Câmara dos Deputados em 1979, Aloízio Santos foi nomeado Secretário Municipal de Planejamento de Cariacica. Depois, em 1981, nomeado procurador da Prefeitura de Vitória. Em 1984, foi chamado ao cargo de Delegado Regional da Sunab, tendo ainda assumido o cargo de diretor de Turismo, Esporte e Lazer da Prefeitura de Cariacica. Aloízio Santos foi também fundador e vice-presidente do Colégio de 1º e 2º graus Campo Grande, tendo sido assessor jurídico das Prefeituras Municipais de Cariacica e Vila Velha. Aloízio Santos tornou a ocupar assento na Câmara dos Deputados para exercer mandato de deputado federal na legislatura de 1991-1995. É casado com Alice Coutinho dos Santos e é pai de cinco filhos.

ALZIRA RUFINO

Liderança afro-feminina

Conhecida nacionalmente pelo importante trabalho que desenvolve no interesse da comunidade negra, como um todo, começamos a desenhar o perfil da combativa Alzira Rufino, dizendo que esta companheira é natural da cidade de Santos, São Paulo, onde nasceu no dia 6 de julho de 1949. Filha de Apaixonado Rufino e de dona Marcília dos Santos, Alzira é profissional da área de saúde, formada em Enfermagem com grau de estudos a nível de Universidade. A Organização do Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista é



Quem é Quem na Negritude Brasileira

tada à comunidade negra, a fundação da Casa de Cultura da Mulher Negra; organização do 1º Encontro Nacional de Entidades Populares Contra a Violência à Mulher / "Pelos Direitos Humanos das Mulheres", em 1993, em Praia Grande (SP); a criação de "Espirrei-Jornal da Mulher Negra", em 1993; Organização do 2º Encontro de Mulheres Negras da Baixada, em 1994. Eleita, em Encontro Nacional no Nordeste, como uma das coordenadoras brasileiras da Rede Latino-americana e do Caribe contra a Violência Doméstica, Sexual e Racial, em 1995; Participou do Seminário Nacional sobre Violência Doméstica, promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, em 1997, no Rio de Janeiro, etc. Como se vê, Alzira Rufino é uma estrategista comunitária, com atuação refletindo o novo espaço hoje reservado à mulher negra no limiar do século XXI. Por isso, Helena Theodoro, em seu mais recente livro, *Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras*, define com muito acerto este circuito evolutivo assinalado pela marcante presença da mulher negra nos dias de hoje. "A evolução cultural brasileira e o empobrecimento gradativo das antigas famílias tradicionais levaram a mulher de classe média aos bancos escolares, às universidades, bem como às repartições públicas e aos cargos públicos. À mulher negra - empregada doméstica ou babá - possibilitou e possibilita ainda hoje a emancipação econômica e cultural da patroa, em cidades como as nossas, onde a organização dos serviços coletivos de creches é deficiente. E até mesmo nas famílias que mantiveram a divisão de serviços entre marido e mulher, quem, em geral, executa as tarefas que caberiam à dona-de-casa é a mulher negra". É neste sentido que a presença das pessoas com o porte cultural, cívico e político, adquire uma singular importância, porque organiza a sociedade tendo por base a valorização da mulher negra, a nível interno ou internacional, cria parâmetros de referência, sem os quais a sua luta estaria estagnada, comprometendo o esforço de toda a coletividade negra. Alzira Rufino, pelo alcance de profundidade e de abrangência, faz com que as suas intervenções culturais e políticas se projetem além dos limites da cidade de Santos e do próprio Estado de São Paulo, merecendo, portanto, uma melhor e mais cuidadosa avaliação de sua decisiva contribuição para a história do negro e da negra brasileira

AMADEU MARTINS

Mestre de capoeira

Mais conhecido como Grão Mestre Dunga, Amadeu Martins nasceu em Feira de Santana, Bahia, no dia 5 de junho de 1953. Veio para Minas Gerais através do Exército. Estabeleceu-se em Belo Horizonte em 1965, trazendo consigo a capoeira aprendida com Mestre Pastinha e Mestre Bimba.

valieri, foram as pessoas que trouxeram a capoeira para Minas Gerais, e o Grão Mestre Dunga é o capoeirista mais antigo que está na ativa em Minas Gerais; então os alunos mais antigos formados pelo Grão Mestre Dunga deram a ele o título de Grão Mestre (atualmente, um dos critérios para se obter o título de Grão Mestre em Minas Gerais é a prática diária de capoeira por mais de 50 anos). Após este título, o Grão Mestre Dunga o deu também a Toninho Cavalieri. A seguir, transcrevemos uma publicação da Revista Minas Gerais datada de 1983, com a história do Grão Mestre Dunga, contada por ele mesmo.

"Eu comecei pequeno, era um sapo de academia. Aprendi, andei pelo mundo demais, conheci o mundo todo aí. O capoeirista anda muito, mas é para saber o que é o mundo. Mas o melhor lugar que encontrei foi aqui em Minas Gerais, mesmo. (...) Capoeira na roda de rua é um prazer que, para mim, é tudo na vida. A roda de rua é uma tradição, é onde o pessoal todo se encontra, vindo de todos os bairros e periferias. (...) Então foi a vez da polícia dar em cima. Nós fomos ao Parque Municipal, policial vinha tomar o berimbau. A gente corria, brigava com os policiais. Na Praça Sete fui até amarrado num poste, com cordas e tudo. Eu me entreguei porque o pessoal que estava comigo não tinha nada a ver. O pessoal estava todo na roda, mas quem trouxe a capoeira pra rua fui eu. Eu tinha de assumir esta responsabilidade. Eu era do Exército. Fui levado para o quartel e fiquei 15 dias na solitária, sem saber por quê. Então veio uma acusação: eu era suspeito de roubar uma arma do Exército. O coronel fez um levantamento sobre a minha vida. Até quando descobriram que a tal arma tinha sido roubada por um cabo. Ele pegou cinco esporas para decoração, pegou também a arima e levou pra casa dele. Então lembraram que eu tinha seis anos de Exército com bom comportamento e o coronel falou pra mim: "Você é inocente. Você foi um homem, um soldado, que deu exemplo para todo mundo aqui". Ele achava que a capoeira era coisa de mau elemento. Eu mostrei para ele que não tinha nada a ver aquela coisa. Eu podia ter corrido atrás pra me defender, mas eu sabia que era inocente e tinha que agüentar. É como Zumbi, que foi castigado, e fui castigado também, mesmo sendo inocente. Depois foi aquela festa, e recebi diploma de honra ao mérito. E é difícil demais alguém receber um diploma de honra ao mérito, pois não pode ter punição nenhuma, tem que ser o melhor soldado da unidade. Mas a polícia continuava a encostar os capoeiras na parede: "Documento?" Porque não podia, o berimbau era realmente uma arma, pode servir de porrete, pode servir de foice ou de estoque. O berimbau pode ser arma, mas também é símbolo. Tem que pôr na cabeça do pessoal para entender isso! É por isso que estamos organizando a Federação: porque a capoeira é lazer, é educação física.

grande Belo Horizonte na várias escolas nas periferias pobres. Eu mesmo, aqui na favela, chego a reunir cinqüenta crianças aprendendo capoeira. Estou dando conselhos: não pode fumar maconha, não pode cheirar cola!

Eu mesmo não ganho. O que cobro é apenas para incentivar as crianças, porque tudo neste mundo tem o seu valor. Fico alegre com isso (...)".

AMARO LUIZ ALVES

Representante do Ministério da Saúde
Junto ao GTI

Amaro Luiz Alves é representante do Ministério da Saúde junto ao Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra - GTI. Não militante confessado, Amaro foi recrutado para as atividades em prol da sua raça, quando foi indicado em 1995, pelo ministério da Saúde, para participar do GTI. A partir daí não sossegou mais, tendo contribuído com várias propostas na área da saúde. Tem formação básica na área de Administração e especializações em Administração Pública, Planejamento Governamental e Saúde Pública. No âmbito do GTI, dentre as providências promovidas por ele está a Mesa Redonda sobre a Saúde da População Negra, primeiro evento que envolveu governo e sociedade civil em busca de soluções para os problemas de saúde com a perspectiva racial, em nosso país. Dessa Mesa Redonda resultaram várias medidas concretas, como o Programa Nacional de Anemia Falciforme e vários projetos em prol da população negra, alguns dos quais em andamento. Tem dedicado atenção especial para a comunidade Kalunga, remanescente de quilombo do Norte de Goiás, onde promove melhorias na área da saúde, mobilizando órgãos federais, estaduais e municipais. Amaro Luiz Alves é carioca, de Jacarepaguá, onde nasceu em 1943, tendo estudado no Colégio Pedro II e na Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Trabalhou na Petrobrás, no Ministério da Saúde e no Senado Federal, onde se aposentou como Consultor Legislativo. Chamado para voltar a assessorar os dirigentes do Ministério da Saúde, ainda não pôde usufruir da ociosidade que lhe devia proporcionar a aposentadoria. Sua principal meta no GTI é conseguir a produção do Manual Sobre Doenças da População Negra, instrumento essencial para desmitificar tabus e viabilizar o atendimento correto da população negra nos serviços de saúde. Reconhece que muito do que está sendo feito agora se deve aos frutos gerados pela militância do Movimento Negro e à competência dos estudiosos que agregaram conhecimentos científicos à luta pela cidadania.

Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, é berço natal de Ana José Alves que ali nasceu no dia 28 de novembro de 1954. Filha de Natalino Alves e Luiza Garcia Alves, Ana José Alves é casada e é administradora de empresas. Para que melhor se compreenda a disposição de luta de Ana José Alves é bom que se saiba que ela se bate, com garra e tenacidade, contra atos aparentemente abstratos mas, que, na prática, concretizam-se nos efeitos danosos que causam às vítimas destas anomalias sociais, que é a discriminação, ato que viola, de modo específico ou comumente, direitos inalienáveis da pessoa humana. O negro é quem mais sofre a carga desestabilizadora proveniente do racismo, do preconceito e das discriminações de qualquer ordem. Este é um mal que deve ser combatido. No que se refere ao Movimento Negro, Ana José tem tido uma atuação intensa junto ao Coletivo de Mulheres Negras "Raimunda Luzia de Brito", que ajudou a criar. Atualmente é a secretária do CEDINE. Exerce também a função de conselheira do Conselho Estadual dos Direitos e Defesa da Mulher do Mato Grosso do Sul, onde procura defender as causas relacionadas diretamente às questões da mulher negra, nesse mesmo órgão tomou parte na comissão de elaboração de políticas públicas por ocasião do mês de comemoração da mulher. Em 1996 participou de um projeto de treinamento de candidatas como também de um projeto de prevenção à AIDS. No mesmo ano, 1996, ela representou o Mato Grosso do Sul no Seminário Nacional de Entidades Negras, em Salvador, Bahia. Ana é diretora do Instituto de Apoio, Acompanhamento, Pesquisa e Estudos da Mulher do Mato Grosso do Sul, entidade em que participou da sua constituição e formalização.



ANA LÚCIA EDUARDO

VALENTE

Antropóloga e escritora

Ana Lúcia Eduardo Farah Valente é paulista, filha de Alfredo de Paula Eduardo e Maria Soares Eduardo, nascida no dia 25 de agosto de 1959. É doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo - USP e pós-graduada em Antropologia pela Université Catholique de Louvain. Ana Lúcia é dessas mulheres negras estudiosas e cultas que fizeram da atividade acadêmica uma forma eficaz de militância. Sua vasta e bem sucedida produção em assuntos relacionados à área em que se especializou é uma impor-

vida ativa da Nação brasileira que ele tanto ajudou a construir com suas lágrimas e com seu sangue e que nem sempre tem o reconhecimento daqueles que, de uma forma, ou de outra, se beneficiaram sozinhos, apropriando-se dos bens advindos desse labor compulsório praticado quase quatrocentos anos de escravidão. Ana Lúcia é atualmente docente da UFMS em Campo Grande, onde exerce a função de professora adjunta IV do Departamento de Ciências Humanas (DCH). Foi conselheira do CEDINE no primeiro mandato do órgão. A sua carreira acadêmica está intimamente entrelaçada com a questão racial. Esta trajetória resultou em três publicações:

Políticas e Relações Raciais – Os negros e as eleições paulistas de 1982. São Paulo; FFLCH/USP, 1984. **Ser Negro no Brasil Hoje**. 16 a ed. São Paulo. Moderna, 1996 (1ª edição de 1987). **O Negro e a Igreja Católica: o espaço concedido, um espaço reivindicado**. Campo Grande: UFMS/CECITEC, 1994. Na condição de pesquisadora já colaborou com diversas comunicações para congressos e eventos afins, entre elas:

O caso Dora Hilda ou "se ela fosse branca não fazia isto". XII ANPOCS, Caxambu, 1989. **Repensando a questão da territorialidade negra em contexto urbano: o caso da Vila do Benedito.** XVII ABA, Belo horizonte, 1992. **Globalisation, politique et religion**, Conferece de lá SISR, Toulouse, 1997. Ana Lúcia recentemente orientou na UFMS a dissertação da professora Lucimar Rosa Dias, Campo Grande, UFMS, outubro/1997. Ana Lúcia é também autora dos seguintes artigos: *O Negro e a Política: algumas questões para se refletir. Prática X Produção – uma reflexão sobre os estudos da cultura negra no Brasil hoje*. São Paulo, pp 25-30, 1983. *Uma pastoral contra o racismo - Revista Humanidades*, Brasília, 17, 1988. *Movimentos Sociais, os negros, cultura e resistência* (co-autoria de Neusa Maria Mendes de Gusmão, CONSORTE, Josideth e Costa, Maria Regina da (org.) *Identidade, Religião e Cultura*. São Paulo: EDUC, 1988. pp 133 – 141. *O lugar do negro*. In: VOOS, Eliana Callil. *Ler Faz a cabeça*. São Paulo: EPU, 1990, p 35.

ANALICE SANTOS LIMA

Liderança comunitária

Analice Santos Lima, nascida no dia 28 de outubro de 1953, brasileira da Bahia, é filha de José Rosalvo de Lima e Maria Paula dos Santos e casada com Renato Mendes Nascimento, com quem tem dois filhos: Elison Lima Nascimento e Adison Lima Nascimento. Na verdade, sua cidade natal é Santo Amaro. É formada professora e entrou para o magistério com 20 anos de idade, ocasião em que, concomitantemente, dá início ao seu trabalho com lideranças políticas que atuam no Partido do Movimento Democrático Brasilei-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

lice desenvolve intensa atividade como diretora da Federação das Mulheres da Bahia, smando a essa militância à de vice-presidente da Associação de M



dores do bairro de Cajazeiras, em Salvador. Por possuir uma sensibilidade muito aguda tendente a valorizar as questões sociais, trabalha de maneira ativa com os agentes multiplicadores do "Projeto Centro Habitacional de Apoio à Mulher", empreendimento que foi muito bem recebido por quem dele se beneficiou. Analice Santos Lima fez vários cursos de formação de liderança social e política especialmente voltada para a área da educação, como os programas de Requalificação Para Professores, de Alfabetização e de Abastecimento. É importante destacar que trabalhos desenvolvidos com tais programações têm por objetivo provocar profundas e consequentes modificações no comportamento das pessoas, favorecendo as comunidades socialmente. Derrubando tabus e eliminando discriminações, criam mecanismos, ágeis e legais, para um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis nas estruturas governamentais, de modo a que através de práticas simples, mas bem coordenadas, transformem os locais de trabalho ou de moradia num ambiente mais salutar e agradável - o que em si, já se configura uma efetiva promoção humana pelo estabelecimento de um clima de igualdades e justiças na vida dos cidadãos e das cidadãs de condições humildes e de qualquer origem étnica. Analice Santos Lima, cooperando para a criação e consolidação de instituições que tenham esse perfil, está colocando ao alcance das populações negras e mais carentes novos instrumentos de luta que os tornem menos vulneráveis às imprevisões do cotidiano e menos dependentes da sanha dos especuladores por estarem mais esclarecidas e mais bem informadas a respeito de seus direitos e dos benefícios com que as leis lhes protegem. A participação de Analice Santos Lima como membro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro confirma o quanto esta mulher negra tem de compromisso com a causa dos afro-descendentes.

ANDRÉ REBOUÇAS

Engenheiro e escritor

André Pinto Rebouças nasceu na Bahia, na cidade de Cachoeira, em 1838, e se transformou num dos mais ativos militantes negros do movimento abolicionista, figurando ao lado de Joaquim Nabuco e José do Patrocínio. Formou-se em engenharia pela Escola Central no ano de 1860, portanto, com 22 anos de idade. Teve grande participação na Campanha do Paraguai. Ao viajar para

Brasil, participou da construção do Porto da Cidade do Rio de Janeiro, e de outros portos do país, assim como esteve à frente de projetos de obras ferroviárias e de abastecimento de água. **Construtor das primeiras docas no Rio de Janeiro, no Maranhão, na Paraíba, em Pernambuco e na Bahia**, André Rebouças acabou atravessando o Brasil em várias direções e participando também das várias instalações de núcleos de colônias, às margens do Rio Paraná e do Rio Uruguai. Na sua luta contra o estatuto da escravidão, André Rebouças, funda juntamente com Joaquim Nabuco, o Centro Abolicionista da Escola Politécnica, do qual era um de seus professores. Como jornalista, escreveu inúmeros artigos sobre a problemática da questão do regime escravo utilizando no manifesto da Confederação Abolicionista. É como intelectual negro que fez público diversos de seus escritos, através dos quais estudou com profundidade os fundamentos da estrutura agrária em nosso país em consequência do que poderia vir a acontecer com a eliminação do trabalho servil, acreditando que o braço emigrante seria capaz de solucionar as dificuldades rurais no Brasil. Com a proclamação da República, André Rebouças exila-se do Brasil e nunca mais retorna ao convívio de seus compatriotas. Viveu seis anos no continente de seus antepassados, na África, visitando particularmente as possessões portuguesas de além mar, fixando-se definitivamente na Ilha da Madeira, em Funchal, onde veio a falecer em 1898, com 60 anos de idade. Na História do Brasil fala-se muito dos irmãos Rebouças. Pois, **Antônio Pereira Rebouças**, seu irmão, também foi um negro notável, chegando a ser deputado, celebrizando-se por ser o construtor, engenheiro que também era, da estrada-de-ferro Paranaguá-Curitiba (1871-1874). Antônio Pereira Rebouças nasceu em 1839 em Cachoeira, Bahia, e faleceu em 1874, depois de **edificar várias rodovias**, como a de Antonina-Curitiba (Estrada de Graciosa), em 1866, tendo ainda participado de outros projetos de engenharia arquitetônica no Paraná e em São Paulo.

Larousse Cultural -Brasil -A/Z
Editora Universo - 1988

ANGELA MARIA

Cantora

Angela Maria nasceu em Macaé, Rio de Janeiro, a 13 de maio de 1928. Seu verdadeiro nome é Abelim Maria da Cunha, filha de um pastor protestante. Por possuir poucos recursos, Angela acaba sendo criada em sua infância na companhia



seu sustento na juventude. Como gostava de cantar e possuía um bom timbre de voz, começou a fazer parte do coral de uma igreja. Frequentemente Angela Maria participava de programas de caixouros na Rádio Tupi do Brasil, na Rádio Nacional, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, enquanto trabalhava como inspetora de lâmpadas produzidas pela General Electric, decidindo mais tarde abandonar tudo para dar início à carreira de cantora profissional. Sua estréia deu-se em 1948, no Dancing Avenida, no Rio de Janeiro. Para compor-se com a Rádio Mayrink Veiga foi uma questão de tempo, ocasião em que consegui lançar o seu primeiro disco, com o título, *Sou Feliz*, em 1951. Conseguiu em 1952 um recorde de venda com seu novo disco *Não Tenho Você*. Assim, aos poucos, mas decididamente, Angela Maria, pseudônimo que usava para esconder da família o seu verdadeiro nome, no início da carreira, foi transformando-se na cantora mais apreciada e popular da década de 50, ombreando-se até mesmo com as popularíssimas Marlene e Emilinha Borba, passando a ser cognominada de *A Princesa Que Canta, a Embaixatriz do Sucesso, e A Rainha da Rádio Brasileira*. É dessa época o apelido carinhoso de *Sapoti*, ganho do próprio presidente da República, Getúlio Vargas, referindo-se à sua morena que, para o político que era sensível às virtudes do povo, a voz lhe era tão doce quanto o sabor da referida fruta. Com o sucesso florescendo aos seus pés, Angela Maria passou a apresentar-se na Europa entre 1961 e 1963, fazendo shows que a levaram a correr a África e os Estados Unidos e grande parte da América Latina no anos de 1971 e 1973. Antes, em 1954, Angela Maria já havia participado do filme *Rua Sem Sol*, de Alex Viany, tal era o prestígio que gozava o seu nome. O seu sucesso foi tão estrondoso que até o ano de 1980, Angela Maria já havia gravado mais de cem discos, o que a fez ser considerada a cantora que mais gravou em nossa história da MPB. Esta cantora há de ser a cantora popular que sempre será lembrada pelo timbre mavioso e ao mesmo tempo doce e vibrante de sua voz privilegiada e de alguém que soube lutar para impor-se como excelente profissional. Mais uma dádiva vinda de uma mulher negra que lega às futuras gerações um esplêndido patrimônio cultural. Entre os seus maiores sucessos estão: *Babalú, Angelitos Negros, Fósforo Queimado, Gente Humilde, Vida e Bailarina, Orgulho no Morro, Lábios de Mel, Adeus, Querido, Ave Maria* e tantos outros que jamais serão esquecidos.

Dicionário Biográfico Universal Três - Três Livros e Fascículos - 1984

ANTENOR NASCENTES

Filólogo

Antenor Nascentes - Antenor de Veras Nascentes, é guanabarino, Rio de Janeiro, Estado em

*e porque é usual e, como
o seu uso faz a norma,
não se pode condenar"*

que nasceu, no dia 17 de junho de 1886. É filho de Décio de Veras Nascimento com dona Paulina de Veras Nascimento. Os seus primeiros estudos foram feitos no Colégio Pedro II, instituição de educação tradicional da Cidade Maravilhosa, local em que foi colega de grandes nomes de nossas letras como Manoel Bandeira e Artur Mose Souza Silveira. Sua ascendência africana não é mencionada pela maioria de seus biógrafos, como de resto sempre acontece quanto se trata de um grande homem brasileiro. Aluno estudioso e disciplinado, Antenor Nascentes, opta, muito cedo, pela carreira no magistério, logrando alcançar, por concurso público, a cátedra de Espanhol, no próprio Colégio Pedro II, em que estudava. Em seguida, obtém a cadeira de Português, na qual se firmara definitivamente, passando a fazer pesquisas nessa área, de cujos trabalhos resultaram grande obra e nos consegue legar um precioso acervo, o que o projetaria como um dos nossos melhores lingüistas e dicionaristas do nível de Silveira Bueno, Aurélio Buarque de Hollanda, Loudelino Freire e outros de igual quilate. Bacharel pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro (GB) onde graduou-se em 1908. Antenor Nascentes mostra ser um -incansável estudioso e um intelectual orgânico, o que o leva a angariar uma respeitável série de títulos honoríficos ao longo de sua luminosa carreira de homem de letras, grande parte destas distinções conferidas por governos do Brasil, da França, da Espanha, de Portugal, etc. Indo mais longe que Souza Silveira, que abonara com exemplos de Machado de Assis as *Lições de Português*, 1921-23, Antenor Nascentes considerara inócuas as questões seculares da colocação dos pronomes átonos e do uso das formas do infinitivo pessoal; *o que não dói no ouvido é porque é usual e, como o seu uso faz a norma, não se pode condenar*. Era audácia filológica tão modernista quanto a inclusão de poesias modernistas *Meninos Carvoeiros*, de Manoel Bandeira, entre outras na antologia de *O idioma nacional*. Antenor Nascentes, como editor de textos, preparou uma edição escolar de *Os Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões (1930), talvez a derradeira das que aqui fez aparecer a voga de se utilizar esse magno texto para fins de análise sintática nos colégios; ainda não superada, permanece grande a sua obra de dicionarista, senhor de tão excelente técnica de documentação quanto a de Mário de Andrade ou de Alceu Amoroso Lima. Antenor Nascentes é uma eloquente afirmação positiva de que quando o ser humano recebe no berço um mínimo de condições decentes, este ser hu-

mano que o continua nesse tipo de observação que se em nosso país, este ser humano é negro ou traz traços visíveis desta procedência, as elites, por ingenuidade ou por má-fé, ou o embranquecem ou omitem a sua africanidade. Machado de Assis, Antenor Nascentes e outros vultos de nossa história são exemplos nítidos desse procedimento ou desse desuso. Associações, instituições culturais nacionais ou estrangeiras foram unâmnies em reconhecer o valor do grande filólogo e dicionarista Antenor Nascentes, que em vida fora autor, tradutor, pesquisador, filólogo e que lançou, em 1957, as *Efemérides Cariocas*, numa incursão ao longo de sua querida e idolatrada terra natal, Guanabara. O espaço de que dispomos é pouco para comportar o perfil de gigante em que se converteu Antenor de Veras Nascentes, falecido a seis de setembro de 1972. Registraramos ainda que Nascentes recebera em 1966, o prêmio Moinho Santista de Linguística, uma das láureas mais cobiçadas do mundo das premiações no Brasil.

1) *Dicionário Literário Brasileiro de Raimundo de Menezes* - LTC Editora - 1978; 2) *Encyclopédia de Literatura Brasileira* - Ministério da Educação - 1990

ANTONIETA DE BARROS

1ª Deputada Estadual negra

Louvo-me nos apontamentos da exímia pesquisadora Maria Lúcia de Barros Mott, autora de livros escritos com muita responsabilidade intelectual e com muito critério, entre os quais se destaca o ensaio sob o título *Escritoras Negras Resgatando a Nossa História*, da coleção Papéis Avulsos-98, em cujas páginas encontrei um estudo a respeito de Antonieta de Barros, nascida em Florianópolis, Santa Catarina, no ano de 1901. Esta catarinense, conterrânea de Cruz e Sousa, foi professora, jornalista e escritora, convertendo-se na primeira mulher que conseguiu ser eleita para a Assembléia Legislativa de seu estado natal, em 1934. Movida pela salutar preocupação de divulgar o nome e as obras das escritoras negras que teriam sido esquecidas pelos pesquisadores é que Maria Lúcia de Barros Mott, com o objetivo de cobrir esta lacuna, acabou produzindo este interessante trabalho. Segundo esta arguta escritora, tal fenômeno também se verificou com as mulheres negras americanas no passado. Como forma de reparar esta omissão voluntária ou inconscien-



volântia que foram escritos no século XIX, "The Schomburg of Nineteenth Black-Women Writers", em cujas páginas estão estampadas poesia, ficção, memória, diários, ensaios, teatro e outras modalidades literárias de valor estético, por todos os títulos, recomendável. Esta digressão se faz necessária para que melhor situemos, no tempo e no espaço, a importância e o perfil literário de Antonieta de Barros como e enquanto precursora de um feminismo afro-brasileiro que, mais precisamente, a partir de 1978, começa a se fazer presente como que recobrando o sentido de sua humanidade mutilada pelo machismo, pelo escravismo, e por toda a sorte de violências que têm feito da mulher negra a sua vítima preferencial. Ainda que muito pouco se saiba de seus primeiros anos de vida, não se desconhece, contudo, que Antonieta ficou órfã de pai, o que a levou a ser criada por sua mãe que era oriunda de gente pobre e humilde. Mesmo assim, conseguiu ser professora, fundar um curso de alfabetização de adultos ministrado gratuitamente, chegando a ser diretora do Instituto de Educação e do Colégio Dias Velhos. Por haver se filiado ao Partido Liberal da época, concorre como candidata a deputada estadual e é eleita para a Assembléia Legislativa por duas vezes, uma em 1934 e outra em 1947. Antonieta sempre escreveu na imprensa do Estado de Santa Catarina, usando na maioria das vezes, o pseudônimo de Maria da Ilha. O jornal *A Semana* foi fundado e dirigido por ela de 1922 a 1927. Há uma coletânea de artigos escritos por Antonieta de Barros e publicados no jornal *República* que recebeu o sugestivo nome de *Farrapos de Idéias*, em 1937. Nesse livro, a autora conta o dia-a-dia da cidade, onde analisava correspondências e dava conselhos de ordem moral às pessoas, de acordo com sua visão cristã, destacando suas preocupações para com a manutenção da paz, com as diferenças sociais e aí nós incluímos as questões raciais e do preconceito de cor e as questões sexuais. Antonieta de Barros faleceu em 1952, com 51 anos de idade.

*Escritoras Negras Resgatando a Nossa História
de Maria Lúcia de Barros Mott
Papéis Avulsos-1989*

ANTONIO CAMPOS

Editor do Guia Afro

Nascido em São Paulo, em 1952, e criado na Zona Norte, onde chegou aos nove anos de idade para fixar-se especificamente na Vila Carolina, é um empreendedor cheio de iniciativas e de originalidade. Depois de cursar os seus primeiros anos escolares em instituições de ensino do próprio bairro, como o Grupo Escolar Angelina Madureira ao tempo que a sua edificação ainda era toda de madeira, prosseguindo os estudos, acabou for-

ate atingir os seus vinte anos de idade, partindo daí para tentar a sorte na iniciativa privada. Este salto de qualidade não foi algo tranquilo e linear,



Paulista, e criador do serviço para todas as Igrejas de São Paulo, "o chamado Livreto para noivos, através da sua empresa Ipanema Artes". Com essas andanças e iniciativas na busca de novos e mais amplos caminhos para aplicar o seu talento de negro empreendedor, Antonio Campos, por último, descobre - depois de muito discutir com os afro-descendentes - a necessidade de criar um instrumento de comunicação da comunidade negra. Um veículo no qual se inserisse em suas páginas, anúncios dos produtos ou de serviços criados pela comunidade negra, por ela e para ela, instituindo elementos de estímulos capazes de fazer com que os recursos econômico-financeiros girassem entre nós mesmos, gerando riqueza e emprego, com os quais, tornar-se-ia muito mais fácil organizar a vida e os ideais de auto-estima e de autovalorização de cada um e de todos os participantes dessa corrente de solidariedade e prosperidade. É no âmbito dessa concepção idealista que Antonio Campos tem o privilégio de criar a revista *GUIA DO CÍRCULO NEGRO*, periódico que deve circular entre os membros da comunidade negra levando notícias e divulgando tudo quanto é organizado e produzido por ela e para ela. Trata-se, portanto, do surgimento, entre nós, do primeiro guia, no Brasil, inteiramente voltado para a Comunidade Afro-Brasileira. "Um guia de serviços e de produtos, que pretende listar profissionais negros de todas as áreas, de A a Z, abrangendo todo o território nacional, tornando-se mais fácil e acessível a localização dos profissionais que integram este manual de informações organizado para a numerosa família da Comunidade Afro-descendente que será incentivada a prestigiar esses profissionais fazendo a moeda girar mais e melhor nas nossas mãos". Quem ganharia com isso? Pergunta Antônio Campos, com a certeza de quem já tem a resposta na ponta da língua. As famílias que receberão o "Guia" via correio gratuitamente e um tratamento diferenciado ao acessar o profissional, ou o serviço de seu interesse específico; os profissionais que serão acessados e a Comunidade Negra, como um todo, que estará fortalecida economicamente. O primeiro número desta revista já está em circulação.

Antonio Carlos Arruda da Silva é natural do Estado de São Paulo, onde nasceu há quarenta e quatro anos, e deu início a sua militância junto aos movimentos negros organizados, a partir de sua formação jurídica, uma vez que se bacharelou em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do referido Estado, em 1981. Sua atuação tem-se destacado na área acadêmica por haver concluído o mestrado em Direito Constitucional, também, pela PUC-SP, consagrado em razão dos créditos obtidos. Antonio Carlos Arruda ainda fez curso de Pós-Graduação e Especialização em Análise e Planejamento em Políticas Públicas pela Universidade do Estado do Texas, nos EUA, entre junho de 1994 e maio de 1995, cursando, também matéria que o capacitou em Especialização sobre a História do Brasil, com enfoque direcionado para o estudo "Raça e Classe". Sua experiência profissional na área de Direito é a de alguém que dedicou grande parte da vida ao estudo e ao trabalho nesse nobre e difícil campo de atividade. Por sinal, é nele onde Dr. Antonio Carlos Arruda tem se saído magnificamente bem, provando que quando é dado ao negro oportunidades iguais às que a sociedade oferece prodigamente a outras etnias, o descendente afro-brasileiro responde, de modo positivo, em quaisquer das áreas em que recaia sua preferência. A empresa industrial Metal Leve S/A Ind. e Com. e o escritório Arruda e Cotrim Associados tiveram ocasiões para testemunhar a competência e o talento de Carlos Arruda à frente destas atividades inerentes à sua especialização jurídico-administrativa. De 1989 a 1994, este negro e intelectual orgânico emprestou os seus conhecimentos, na condição de assessor jurídico, para os casos de discriminação racial, junto ao GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra, em seu Departamento especializado SOS - RACISMO. Este noço ativo e preocupado com as questões sociais, além de desenvolver intensa, variada e proeitosa atividade na área jurídica, como é enquanto Membro Permanente do Grupo de Políticas Públicas da USP, onde apresenta propostas de ações compensatórias dentro e fora da universidade para a população afro-brasileira - desde o mês de junho do ano de 1995 até o momento - e de ser ainda integrante do Conselho consultivo da Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo - cargo em que está loado até nossos dias -, e também o atual Presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunicação Negra no Estado de São Paulo, instituição



...Antônio Arruda, um pelos 100 do ano de 1982. É nesta instituição que Antônio Arruda vem investindo o melhor de suas energias e todo o potencial de seu talento de homem público no sentido de dar respostas às inúmeras necessidades da Comunidade Afro-descendente, denominação que está entrando para a moderna nomenclatura da negritude brasileira.

ANTONIO ELIAS PESSOA

Poeta

Jornalista e poeta. Nasceu na Praia Lucena, povoação do município de Santa Rita, a 3 de outubro de 1865, falecendo na capital da Paraíba a 21 de outubro de 1909. Poeta lírico de alta valia, passava as noites ao relento, compondo e cantando modinhas ao som do violão.

Homens do Brasil - Liberato Bitencourt
Volume II - Pernambuco

ANTONIO HÉLITON DE SANTANA

Diretor de teatro

Antonio Héliton de Santana, paraibano, natural de Santa Rita, nascido a 4 de agosto de 1950, é o penúltimo filho de uma série de 9 de um casal de trabalhadores pobres (motorista e tecelã). Iniciou-se no mundo do trabalho com 5 anos de idade ajudando numa fábrica de bebidas. Depois, catando lixo, levando almoço para trabalhadores em João Pessoa, ensinando a domicílio, lecionando educação artística em escola da comunidade, exercendo a profissão de enfermeiro em hospital público, atuando como agente de pastoral no meio popular e, atualmente, trabalhando com comunicação alternativa (teatro e vídeo). Começou no teatro aos 9 anos de idade, porém a sua consciência política teatral iniciou em 1978. Alguns dos espetáculos que escreveu só ou em parceria, dirigiu e atuou como autor foram: *O Brasil é feito por nós, Prostituição, Descobrimento ou invasão?, Axé - resistência negra, Alô, Alô - Brasil, Semeando estrelas, Bloco da Moradia, Nuestra América, De grão em grão a galinha enche o papo, Dariê, Vendedor de sonho, entre outros.*

Com o Grupo de Teatro Popular Animão, do qual é integrante, fez duas turnês pela Itália (1992 e 1995), onde realizou 40 exibições e 2 oficinas de teatro. No campo televisivo, tem feito reportagens, roteiros e direções, destacando-se como produtos significativos "Ailárekereke" e "Apenas o começo". O primeiro faz uma releitura dos orixás Oxum e Exú; o segundo é a síntese em 17 minutos do relatório da pesquisa sobre qualidade de vida em áreas de Assentamento da Paraíba. A sua experiência em linguagem popular escrita

do a fazer dois espetáculos sobre a negritude, só em 1980 iniciou a sua militância neste campo.

É casado com Marta Lúcia, cuja aliança foi coroada numa cerimônia afroameríndia. Atua com ela cenicamente há mais de 20 anos. Tem duas filhas: Andila e Caiala.

ANTONIO JOAQUIM FRANCO VELASCO

Pintor

Nascido em 1780 e falecido em 1833 na cidade de Salvador, Bahia, Antônio Joaquim Franco Velasco, terá sido, quem sabe, aluno de José Joaquim da Rocha, muito embora, esteticamente, não revele marcas dessa aprendizagem. Suas predileções dirigiram-se para o retrato e a figura, ainda que tivesse também executado a pintura do forro em caixotes da Igreja do Bonfim, entre 1818 e 1820, além de ter dado início à pintura do teto da nave da igreja de São Francisco da Penitência, concluída por seu discípulo José Rodrigues Nunes.

Retratista de bons recursos expressivos, desenhista correto e colorista mais comedido, sabendo interpretar psicologicamente seus modelos, Franco Velasco realizou nesse gênero o melhor de sua obra, inclusive retratos de D. Pedro I e do Conde dos Arcos, e mais o de João Ladislau de Figueiredo e Melo, Pedro Gomes Ferrão e Romualdo Seixas. A Fundação Castro Maia, do Rio de Janeiro, possui dois encantadores retratos atribuídos a esse mestre. Datam, ambos, de 1817. Franco Velasco foi professor substituto da aula pública de desenho de Salvador em 1821, efetivado em 1825, e teve entre seus alunos, além de José Rodrigues Nunes, Bento José Rufino Capinan. Estilisticamente mostra, já, a influência dos postulados neoclássicos e pré-românticos postos em voga no Brasil pela missão Artística Francesa em 1816.

ANTONIO MARTINS

Pintor e escultor

Antonio Alberto Martins, natural da cidade de Guará, do Estado de São Paulo, veio para Osasco, onde passou a residir a partir de 1961 no quilômetro 18 onde fez o seu curso primário. Em 1969, Antonio Alberto Martins muda-se para o Jardim Pedreira I para estudar no ginásio estadual, curso, infelizmente, interrompido por haver defrontado com a necessidade de obter conhecimentos profissionalizantes, vindo em razão disso, a especializar-se como técnico eletrônico. Antonio Martins jamais ocultou a sua

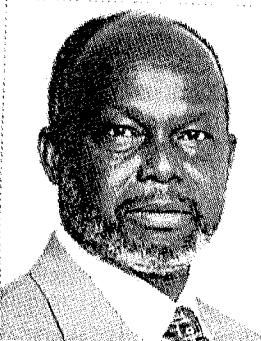
mente, desenhando, soltando pela pena, pela caneta ou pelo pincel o fio da sua imaginação, com a mesma pureza de sentimentos e a mesma naturalidade com que a primavera faz brotar as flores de beleza múltipla e de coloridos surpreendentemente encantatórios. Antonio Martins, seguindo os impulsos de sua vocação, acabou reunindo mais de mil desenhos, mas sem muitos resultados imediatos, para delinear o perfil de um homem famoso pela sistemática dispersa das suas obras. As constantes mudanças de residência e de local de trabalho contribuíram para que tal acontecesse. Em 1979, Antonio Martins casa-se e a partir desta alteração de seu estado civil sentiu ser novamente estimulado pelo desejo de produzir desenhos e pinturas, voltando de imediato a exercitar suas qualidades de artista nato. Daí por diante, Antonio Martins começa a pintar suas primeiras telas, o que numa primeira experiência não foi lá coisa muito fácil, pois demorou quase quatro anos para que o artista explodisse na plenitude de sua verdadeira genialidade. Nascidas as primeiras telas, como se fosse num parto feliz, mas longo e doloroso, Antonio Martins entendeu, que só mantendo latente, dentro de si próprio, essa vontade incoercível de escupir, de dar formas vivas às figuras surgidas de sua inesgotável inspiração, haveria de se transformar no artista plástico com quem tanto sonhava em ser, para continuar criando, produzindo para mostrar a todos as suas obras e os seus trabalhos fixados em painéis ou modelados em esculturas perenizadoras de imagens figurativas. Há episódios singelos, mas interessantes na vida artística de Antonio Martins. Contudo, a precária condição de seu trabalho como profissional da arte o faz sofrer muito, a falta de um ateliê adequado, é responsável por esta angústia de Antonio Martins, que espera superá-la à medida que suas obras de pintor e de escultor o empurrem rumo à perfeição. Tal perspectiva há de se realizar, mais cedo, ou mais tarde, uma vez que talento e força de vontade não lhe faltam. Antonio Martins resume, em sua história, a história de muitos e muitos afro-brasileiros, que vão lutando e vencendo as vicissitudes da nobre carreira artística que abraçaram.

ANTONIO MESSIAS GALDINO

Advogado e jornalista

Antonio Messias Galdino é natural da gloriosa cidade de Piracicaba, onde veio à luz no dia 24 de maio de 1939, quando estava prestes a irromper a Segunda Grande Guerra Mundial. É fi-

ando-se o curso superior de advogado, obtido na Faculdade de Direito de Bauru, no qual colou grau em 1966. Leiona matéria ligada à disciplina de Elementos de Economia e Legislação Aplicada na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, assim como ministra a cadeira de Cultura Brasileira da Faculdade de Direito do Instituto de Educação Piracicabano, em 1970. É evidente que estas atividades pedagógicas, ligadas a outras tarefas de idêntica estatura, fizeram de Galdino um negro estimado e popular em sua querida Piracicaba, na qual se tornou um de seus Vereadores na legislatura de 15 de novembro de 72 a 15 de novembro de 1976. Sua passagem pela Edilidade Piracicabana é marcada pelo interesse com que Antônio Messias Galdino se empenha para resolver as questões de natureza social, prioritariamente, o que o destaca para receber de seus nobres pares os votos de que necessitava para elevar-se à nobre e honrosa condição de presidente da Câmara Municipal para o biênio de 1975 a 1977 - com isso, fazendo história, pois trata-se do primeiro e único descendente de afro-brasileiro a assumir tão importante cargo na administração pública da cidade em que nasceu, o que lhe facilita a proeza de reeleger-se, brilhantemente, para a legislatura seguinte. A vida política de Antônio Messias Galdino é vibrante e altamente proveitosa no interesse de seus munícipes e, ao mesmo tempo, gloriosa, confirmado a tese, segundo a qual, vencidos os diabólicos mecanismos de bloqueio que manietam e marginalizam, de forma criminosa, amplos setores do povo brasileiro, o negro deste país desmente categoricamente as levianas afirmações de Oliveira Viana de que o negro é um inadaptável ao convívio social e que nada traz de contribuição para o enriquecimento da civilização brasileira. É de se ressaltar que o intelectual Antônio Messias Galdino é um literato de nomeada, e como advogado, escritor e jornalista fundou, dirigiu, ou pertence a importantes instituições culturais, como a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação dos Advogados de Piracicaba, o Instituto Histórico e Geográfico local, o Conselho Deliberativo da Sociedade Beneficente 13 de maio, de sua cidade, membro do Conselho Consultivo do SESI, representando sua Divisão de Procuradoria Jurídica. Galdino ainda teve tempo para atuar, com brilhantismo, como redator-chefe da Folha de Piracicaba e do Diário desta progressista cidade, e ser autor de diversos livros como *O Brasil Negro*,



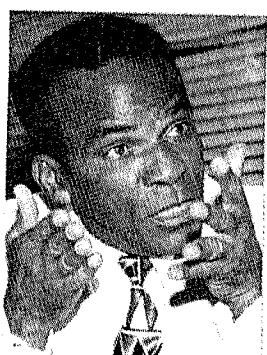
Quem é Quem na Negritude Brasileira

sileiras pelo conteúdo cultural e cívico que permeia suas páginas vibrantes e cobertas de sabedoria. Galdino é membro do Conselho do Congresso Nacional Afro-Brasileiro.

ANTONIO PITANGA

Ator e vereador

Antonio Pitanga Luiz Sampaio nasceu no dia 6 de junho de 1939, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, filho de Dona Maria da Natividade. Antonio Pitanga - assim é como ficou conhecido - é mais uma figura afro-brasileira que surgiu do anonimato e da obscuridade para transformar-se num grande nome da vida artística e do mundo político que, por suas atividades,



acabou sendo popular e estimado por todos com quem convive e se relaciona cotidianamente. A infância de Antonio Pitanga foi como a de tantos outros meninotes carentes deste país. Contudo, entre os meninos negros e

destituídos de carinho e de bens materiais, Antonio Pitanga teve como mudar para melhor sua trajetória, traçando para o seu destino de garoto pobre da época um horizonte mais luminoso e promissor para o seu futuro, de modo a que os preconceitos sociais e raciais não lhe afetassem tanto como, de resto, afetam a esmagadora maioria de seus irmãos de negritude. Como aluno de colégio interno, Antonio Pitanga exerceu as mais variadas e diferentes profissões - alfaiate, sapateiro, gráfico, carteiro - até que pudesse chegar ao mundo artístico, para tornar-se um dos criadores do *Cinema Novo*, juntamente com Glauber Rocha. Somente a partir daí é que o seu caminho se abre definitivamente para os movimentos culturais que marcaram época neste país. Hoje, Antonio Pitanga é um artista de renome nacional e internacional que já participou de mais de 80 filmes: *O Pagador de Promessa* - Palma de Ouro em Cannes - *Baravento*, *A Grande Cidade*, *Quilombo*, entre outros. Atuando também com destaque no teatro e na televisão, sendo que seu último trabalho na novela *A Próxima Vítima*, da Rede Globo, em horário nobre, constituiu-se num autêntico marco da televisão brasileira de todos os tempos, onde Antonio Pitanga desempenhou o papel de um pai de família de classe média negra, muito embora um personagem deslocado da realidade de vida da maioria dos negros do Brasil. Atualmente, Antonio Pitanga

Viana; *A Terceira Morte de Joaquim Boltvar*, - de Flávio Cândido; *A Revolta dos Malês*, cuja produção e direção é de sua responsabilidade, e de outros mais. Com uma vida inteira dedicada à cultura específica, Antonio Pitanga trabalhou na Europa, na África, e na América Latina, sempre com os seus olhos e com a sua consciência voltada para os graves problemas sociais e raciais do Brasil. É com espírito cívico e patriótico que Antonio Pitanga ingressa na vida política, obtendo seu segundo mandato de vereador do Rio de Janeiro e hoje é secretário de Ação Social, Esportes e Lazer no Governo Garotinho. É autor de importantes Leis Municipais: Programa Bolsa - Escola, Programa de Garantia de Renda Mínima, Programa de Combate à Fome e à Miséria, Fundação do Museu Municipal ZUMBI DOS PALMARES, Fundação da Casa Bossa, criação do Centro de Memória da Mangueira, criação da Agenda Cultural Unificada, regulamentação dos bailes funk's, Mão de Artista, Inclusão de Modelos Artistas Negros nas Publicidades Oficiais, reativação do Centro Popular de Cultura na cidade do Rio de Janeiro, etc.

APARECIDA CAMARGO DOS SANTOS

Pedagoga

Aparecida Camargo dos Santos é filha de Benedito Adolpho Camargo e de Dona Anna Benedita Adolpho Camargo (ambos falecidos) e nasceu no interior do Estado de São Paulo, no dia 9 de julho de 1924. Seu pai era comerciário, vendedor de frutas e verduras, enquanto que sua mãe era uma excelente costureira e dona de casa. Apesar dos poucos recursos que possuíam, conseguiram com muito esforço sustentar e educar os seus seis filhos, cinco mulheres e um homem. Aparecida Camargo fez os seus primeiros estudos na cidade de Pindorama. Já os seus estudos secundários foram feitos em Mirassol, assim como o de professora, formando-se em 1942, ingressando, a partir daí, no magistério público, prestando concurso de provas e títulos para exercer o cargo de diretora de escola estadual. Aprovada com distinção, a professora Aparecida Camargo dos Santos, entra para a história, tornando-se a primeira professora negra, em São Paulo, a exercer o cargo de diretora de escola pública estadual, permanecendo na função pelo período de quase três décadas. Sua carreira foi árdua e espinhosa, pois naqueles tempos, não era comum no convívio de uma sociedade provinciana e extremamente preconceituosa - e por vezes racista - haver a presença de negros ocupando posição de destaque. A diretora Aparecida enfrentou com altivez, firmeza e competência



positiva de evidência em que se encontrava. Sem jamais esmorecer, sem medo e sem ódio, a professora, desta vez sustentada por um pedestal que realçava a sua condição de mulher negra e a suas qualidades de diretora escolar, sem qualquer sombra de veleidade, projetava-se como um novo paradigma para sua geração de afrodescendentes e para as futuras gerações dos herdeiros de Zumbi dos Palmares. Sempre atenta às inovações, sempre aprimorando os seus conhecimentos, Aparecida Camargo encontrava tempo para fazer cursos de pedagogia, psicologia, desenho, música, instrumentos musicais, como piano e violão, e ainda de artesanato e de artes plásticas. Casou-se com o José Eusébio dos Santos, hoje falecido, também professor e diretor proprietário do Ginásio Cruz e Sousa - deixando explícito o seu propósito de homenagear o papa do simbolismo nacional e o maior dos afros-brasileiros, o nosso Dante Negro, João da Cruz e Souza. O professor Eusébio era também professor de inglês, de português e de música além de ser um eloquente pregador da Igreja Batista de São Paulo. Foi com este professor, com quem Aparecida casou-se um dia, que teve uma filha de nome Heloísa Raquel dos Santos - hoje formada em jornalismo, publicidade e comunicação social, pela Faculdade Cásper Líbero, tendo ainda instrução superior de guia de turismo, título obtido na Escola de Comunicação Graffit. Aparecida pertenceu a várias instituições negras expressando a sua militância e fidelidade à sua origem afro-brasileira.

APARECIDA FÁTIMA FERNANDES

Sindicalista

Aparecida Fátima Fernandes nasceu na cidade de Jaguariúna, interior de São Paulo, no dia 10 de janeiro de 1958 e é filha de Leones Fernandes e Nazaré Borges Fernandes. Concluiu o curso básico no Grupo Escolar Padre José dos Santos, no período de 1965 a 1968 e o Colégio Técnico de 1º e 2º grau e Supletivo Evolução em 1978 e 1979. Aparecida Fátima Fernandes deu início ao ginásio, que só não concluiu porque as circunstâncias não permitiram. Mas dando a volta por cima, ela aprendeu datilografia, fez curso de noções administrativas, de equipamentos utilizados em parada cardíio-respiratória e de enfermagem, cujas aulas foram administradas pelo Hospital Álvaro Sindical, no Instituto

Quem é Quem na Negritude Brasileira



saúde e o bem-estar das crianças, levam-na a ingressar na Associação Protetora da Infância, na qualidade de atendente de enfermagem. Com isso, Aparecida Fátima Fernandes aproxima-se do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços da Saúde da Cidade de Campinas e região, nele ingressando para atuar no período que se estende de 1990 a 1995 como diretora de orientação sindical, para cuja função reelege-se para os períodos subsequentes, com mandato até o ano 2000. Como todo prestígio de uma pessoa resulta do modo energético e eficaz, e da maneira dedicada e leal com que se relaciona com os integrantes da categoria, Aparecida Fátima Fernandes, por possuir estas virtudes, era sempre conduzida e reconduzida para os cargos de direção das instituições sindicais, o que contribuiu para a consolidação de sua presença como diretora do seu Conselho Fiscal. Uma das características para firmar a personalidade de uma liderança, particularmente de uma liderança sindical, reside no seu empenho em participar de simpósios, de encontros, de palestras, de conferências, de congressos. Aparecida Fátima Fernandes, quer como mulher sindicalista, ou como mulher negra, pela sua ficha biográfica e curricular, nos revela a forma de como tem sabido valer-se desse conhecimento para colocar-se à altura das exigências próprias dos vários e diferentes cargos que tem ocupado. Portanto, Aparecida Fátima Fernandes sabe que tem que combater as discriminações institucionais ou de raça e gênero "resultado de um conjunto de regras e práticas diretas ou indiretamente excluientes, cuja interação tem por efeito a manutenção dos membros de um determinado grupo numa situação desfavorável". Como ainda hoje ocorre com os negros, as mulheres e os trabalhadores em geral que tem "acesso dificultado a determinadas ocupações como de secretária (o), caixa de banco, garçom e garçonete, relações públicas e outras funções que implicam em permanente contato com o público em geral".

APARÍCIO LUIZ XAVIER OLIVEIRA

Intelectual afro-brasileiro

Aparício Luiz Xavier de Oliveira (MR. APA) é filho de José Avelino Xavier e Izaura de Oliveira, nascido na cidade de Recheado, Mato Grosso do Sul, no dia 30 de março de

O Kambi Labetan. Assessor de Gabinete da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Aparício Luiz Xavier tem formação acadêmica com especialização em Letras. Há toda uma história ao longo de sua vida político-partidária: começou como membro do Partido Comunista Brasileiro, passou, depois, para o PT, transferindo-se para o PMDB e em seguida, para o PSD, e hoje, encontra-se sem partido. Aparício é um batalhador incansável, cuja fibra lembra a dos nossos valentes ancestrais que imolaram suas vidas para que seus descendentes pudessem ser livres e viver com dignidade. É um militante em Mato Grosso do Sul e sua inclinação pela polêmica se faz sentir até mesmo através da indumentária pela qual opta. Seguramente, é um dos poucos do movimento a se fazer presente nos mais variados locais vestido de trajes africanos e de fila. Em 1992, quando dirigiu-se a um cartório para registrar o recém nascido Ókambí, Aparício teve uma surpresa desagradável: o funcionário negou-se a proceder o registro alegando que o nome era impróprio. O fato redundou em veementes protestos por parte do pai, e rendeu manchetes e reportagens na mídia nacional.

A sua participação na causa negra remonta ao grupo de universitários que se reunia dirigido pelo estudante de veterinária Bubu, antes da fundação do TEZ. Depois disso Aparício tornou-se membro do então grupo TEZ chegando a exercer a vice-presidência. Em 1992 foi nomeado conselheiro do CEDINE, onde chegou ao posto de presidente. Destaca-se na sua atuação à frente desta entidade, a realização do 1º Fórum de Intercâmbio Econômico Cultural África-Mato Grosso do Sul, ocorrido em Campo Grande, no ano de 1993, o qual reuniu 12 missões diplomáticas de países do continente africano. Em função de discussões travadas nesse fórum, Aparício planejou a fundação do Instituto Casa da África (ICCAB). Ainda como o presidente do CEDINE, Aparício teve o mérito de ter sido um dos primeiros militantes a estabelecer laços com a comunidade negra

rural de Furnas de Boa Sorte. Ele também exerceu cargos em outras organizações da comunidade negra do MS, como o de relações públicas de uma federação de candomblé - ele próprio é praticante. É também capoeirista.

Hoje, Aparício

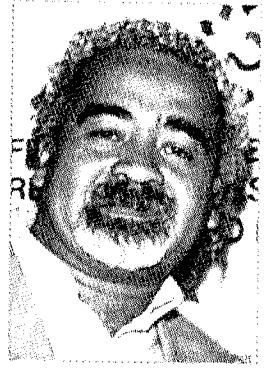


direitos humanos de Campo Grande.

ARI CÂNDIDO FERNANDES

Cineasta

Ari Cândido Fernandes é de Londrina, Paraná, nascido em 25 de julho 1951. Seus parentes eram camponeses deste nordeste roxo do sul. Sua mãe era doméstica e seu pai pequeno comerciante. De 1969 a 1971 foi correspondente da revista de teatro *Palco + Platéia*. Contemporâneo, em Londrina, de Arrigo Barnabé e Domingos Pelligrin Jr., em 1971 saiu do país, deixando a Universidade Nacional de Brasília, onde cursava música e cinema. Na Suécia, cursa cinema "intermediário" e cultural, além de seu curso de fotografia. Realiza pequenos filmes na Suécia, sobre as manifestações de solidariedade com os povos do Chile, Angola (MPLA); Moçambique (Frelimo) e Cabo Verde e Guiné Bissau (PAIGC), para os quais envia suas películas em super-8. Em 1972, conhece o ex-presidente de Angola, o poeta Agostinho Neto e outras lideranças africanas, como Marcelino dos Santos (Moçambique) e Vasco Cabral (Guiné Bissau e Cabo Verde). Em 1974 é convidado para "descer" até a Angola, com o convite em mãos, assinado por Lúcio Lara. Mas resolve ir à Paris, através dos amigos e militantes brasileiros. Em Paris fotografa, dirige o cine-clube da Maison du Brésil, cursa Estudos e Pesquisas Cinematográficos na Sorbonne Nova, e é, pela Frente de Libertação da Eritréia, convidado para fotografar a guerra do Chifre da África, onde, reside no meio do ano (78 e 79). Suas fotos foram divulgadas pelas Agências Gamma de Paris e Caméra Press de Londres. Participa do Festival Internacional da Juventude em Havana, Cuba, em 1979. Fotografa a Guerra da Areia - ex-Saara espanhol - onde passa um mês com a Frente Polisário da República Saraui Democrática (R.A.S.D), em guerra com o Marrocos. No dia 31 de dezembro de 1979 retorna ao Brasil. Vem morar em São Paulo, onde foi colaborador dos jornais *Em tempo*, *Tribuna Operária*, Movimento. Integra-se ao Movimento Negro Unificado do qual se desliga em 1982. Assume a Assessoria para assuntos Afros-Brasileiros na Secretaria do Estado da Cultura do Estado de São Paulo. Nessa assessoria afro cria o PROJETO ZUMBI. Professor de foto-jornalismo na Universidade de Taubaté e Fundação Cásper Líbero.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

de março de 1983 - Galeria Bucal del Pazzo), e "Correspondência de Guerra" (Frente Polisário, Eritréia, Irã), em 1982 - Galeria Imagem e Ação - São Paulo. Ari Cândido Fernandes participou também, da criação da FRENAP, juntamente com Hélio Santos, Hugo Ferreira, Eduardo de Oliveira, Milton dos Santos, Vilma Lucia de Oliveira, Hamilton Cardoso, Rafael Pinto, Wanderley José Maria, Ivair Augusto Alves dos Santos e todos outros companheiros. Festejado autor do livro: "Eritréia - Uma Esquecida Guerra de Libertação Africana" (editora edicon).

ARLINDO CALDAS

Desportista

Arlindo Caldas nasceu na cidade de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul, onde veio ao mundo no dia 1º de setembro de 1929 e é filho de Dona Alice Caldas com Alfredo Caldas. É divorciado e se orgulha dos filhos que tem, seus adoráveis primos de nome Carmem, Regina Célia e Cinthya Cristina. Formado em Técnica de Contabilidade e graduado em Pedagogia, Arlindo Caldas teve as profissões de funcionário público, de jogador de futebol e de professor, razão pela qual é considerado por quantos o conhecem como um batalhador em favor das nobres e grandes causas, como a que atualmente defende em prol de seus irmãos afro-brasileiros. Arlindo tem uma carreira notável no futebol profissional tendo atuado nas equipes de: Itapira (Rio Branco Futebol Clube, onde foi campeão do Estado de SP, 1948), Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, Associação Atlética Ponte Preta, Associação Atlética São Bento, em Campo Grande, onde iniciou sua carreira defendendo o Esporte Clube Comercial. Como técnico de futebol foi bicampeão pelo Comercial e bicampeão pelo Operário Futebol Clube em campeonatos amadores. Ficou tão famoso a ponto de recusar convites para treinar times da Bolívia e do Chile. No serviço público tem uma reconhecida atuação na Fundação de Desporto do Mato Grosso do Sul. Em 1986 recebeu o título de cidadão campograndense devido aos serviços prestados à comunidade da Capital na área esportiva. Feito mais recente na trajetória da vida de Arlindo está em ter se tornado o personagem do livro escrito pelo jornalista Reginaldo Alves de Araújo *Saga Pantaneira*, que retrata os feitos de Arlindo assim como narra a história da família Caldas. Atualmente Arlindo é o vice-presidente do ICCAB e já foi vice-presidente da Federação de Mato Grosso do Sul de Canoagem por

to do MS, com mandato até o ano 2000.

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

Presidente da Frente Negra Brasileira e acadêmico

Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos nasceu em Itu a 12 de fevereiro de 1902. Fez o curso primário no Grupo Escolar "Dr. Cesário Mota" (1909-1913) e o ginásial nos Colégios São Luís, dos padres jesuítas e "N.S. do Carmo", ambos naquela cidade (1914-1919). Iniciou-se cedo nas lides jornalísticas e no magistério particular. Diplomou-se em filosofia e letras na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (hoje de São Bento, da Universidade Católica de São Paulo) em 1925 continuando na carreira de professor e jornalista. No campo da política, atuou primeiro no partido da mocidade, fundando em 1928, com um grupo de amigos, o Centro Monarquista de Cultura Política Pátria Nova, núcleo da futura Ação Imperial Patriarca Brasileira, de que se tornou chefe geral, estabelecendo-a em todo o país. Foi também presidente geral da extinta Frente Negra Brasileira. Dirigiu, além disso, o periódico político imperial "Pátria Nova", o efêmero boletim literário "O Bibliófilo" e os semanários "Mensageiros da Paz" e "O Século", cuja "Nota", salvo duas ou três vezes, foi sempre de sua autoria. Exerceu o magistério particular em ginásios, escolas técnicas e faculdades. Arlindo Veiga dos Santos foi eleito para sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 9 de junho de 1956, cujo patrono era o Frei Vicente de Salvador, o que nos revela o prestígio intelectual de que gozava na época. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, catedrático da Faculdade de Filosofia de Lorena, SP, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Sagrado Coração de Jesus e da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas. Membro destacado, entre outras entidades, do Instituto de Direito Social da Academia Brasileira de Ciências Sociais e políticas, da Sociedade Geográfica Brasileira e da Association de poëtes de Langue Française. De seus muitos trabalhos publicados destacamos: "Para a ordem nova", "Eco do Redentor", "A lírica de Luiz Gama", "O Problema Operário e a Justiça Social", "Brasil, província de El-Rei", "Sentimento de Fé e Incenso de minha miséria", Mencionaremos com destaque "De Nóbrega e outros patrícios", porque lhe deu destaque o parecer da douta Comissão de Sindicância e o ilustre relator na ocasião Presidente, José Pedro Leite Cordeiro. Note-se a ampla gama de temas abordados, notabilizando-o como humanista. Foi diretor da revista Pátria Nova, órgão de um sadio movimento de renovação ética nacional. Arlindo Veiga dos Santos

deveu a sua missão de levar a mensagem de ideias novas. O seu livro "Amar... e amor depois" mereceu a Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1923, publicando ainda outras obras de interesse político, social, lírico e ligada à questão racial. Arlindo Veiga dos Santos faleceu no ano de 1978 no mesmo ano em que foi fundado o Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial - MNU

ARMANDO MARÇAL

Composer e ritmista

As parcerias de longa duração e grande sucesso quando realizavam uma grande ou discutível obra no campo da Música Popular Brasileira faziam praça, como de fato se deu com a dupla de sambistas, Alcebíades Barcelos - o Bide - e Armando Marçal. Tratando-se especialmente de Armando Vieira Marçal temos a dizer que ele nasceu na Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro, no dia 14 de outubro de 1903. Era filho de Vicente Marçal e de Carolina Marçal, de origem simples e humilde atravessando uma infância muito penosa e difícil, o que lhe impediu de fazer um bom curso primário. Para garantir o seu próprio sustento, precisou se abraçar à primeira profissão que lhe foi possível, abandonando por ser lustrador de móveis da Casa Pratt, carreira que abraçou e manteve mesmo depois de alcançar sucesso como compositor e "endiabrado" ritmista, tanto é que quando veio a falecer no dia 20 de junho de 1947, com apenas 44 anos de idade, ainda era lustrador de móveis do Hotel Vera Cruz, sito à rua D. Pedro I, Rio de Janeiro, cidade da qual jamais se afastou. Pai de três filhos, fruto de seu casamento com Dona Angela Delfina Marçal, com sua família constituída dá início a uma autêntica dinastia do samba. Assim é que o seu terceiro filho, Milton, já que os outros dois morreram prematuramente, tornar-se-ia o popular Mestre Marçal, um dos ritmistas mais badalados da Música Popular Brasileira, na qualidade de Mestre de Bateria da Escola de Samba da Portela, enquanto o seu neto Marçalzinho, dando continuidade à tradição sambista da família, acabou se tornando ritmista nos Estados Unidos. Armando Marçal torna-se uma figura histórica por haver participado da primeira grava-



va também Candoca da Anunciação, segundo a crônica da época. Entre os pioneiros destacavam-se os nomes de Marçal, Bide, João da Baiana, Bucy Moreira, Raul Marques e outros que gozaram dessa primazia. Sua participação nos rádios era freqüente, onde militou desde 1934. Armando Marçal adorava fazer roda de samba em sua casa, para onde se dirigiam consagrados artistas da envergadura de Francisco Alves, de Orlando Silva - o Cantor das Multidões -, de Sílvio Caldas e demais valores dessa estirpe. Contudo, a música de maior sucesso da dupla, Bide/Marçal foi o samba *Agora É Cinza*, que tem o seu lado folclórico. "Oferecido no Café Nice ao cantor Mário Reis, junto com o samba *Vivo Sonhando*, foi a princípio recusado, tendo Mário aconselhado que as músicas fossem apresentadas primeiro a Francisco Alves. Isso porque eles estavam meio brigados desde que resolvaram não gravar mais em dupla e Mário queria fazer uma gentileza ao colega. Francisco escolheu *Vivo Sonhando* e Mário Reis gravou a que sobrou, *Agora É Cinza*, que se tornou um clássico, um dos cinco maiores sambas de todos os tempos, segundo pesquisa junto a especialistas". Esta dupla de tantos e tantos sucessos só se desfez com a morte, de certa forma prematura, de Armando Vieira Marçal, ocorrida em 1947. Tais sucessos continuam a ser gravados até hoje pelas novas gerações de cantores e seresteiros.

História do Samba...

AROLDO MACEDO

Jornalista

Aroldo Macedo, natural do Estado do Rio de Janeiro, é filho de Dona Francisca S. Macedo e de Benedito C. Macedo. Formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense, Aroldo Macedo é hoje o diretor responsável pela edição da revista *Raça Brasil*, da Editora Símbolo. Antes, porém, de estar à frente deste conceituado periódico, voltado inteiramente à Comunidade Afro-Brasileira, Aroldo Macedo trabalhou durante muitos anos como modelo, sendo, sem dúvida, o pioneiro no Brasil nesta categoria profissional. Aroldo Macedo é também fotógrafo, quando em exercício, um dos mais requisitados em razão do esmero e primor com que trabalha a fixação das imagens que retrata. Para tanto, montou o estúdio fotográfico MRCLICK, em São Paulo e após seis anos de atividades, muda-se para Nova York, nos Estados Unidos, onde trabalhou por algum tempo como diretor de vídeo e fotógrafo profissional. Retorna ao Bra-

negro, natural do Estado da Bahia, solteiro e não conheceu parentes. Só se sabe que era ex-marinheiro e ex-boxeador, alfabetizado nos limites do necessário - para não usar o polegar como assinatura de identificação. Nos seus antecedentes policiais constava que era esquizofrênico-paranóico. Segundo apontamentos da Agenda Afro-Brasileira de 98, organizado por Acácio Sidnei e Regina Maria, Arthur Bispo do Rosário, o esquizofrênico-paranóico, de acordo com o boletim psiquiátrico, morreu em 1989, dando passagem a um artista plástico consagrado. Em 1995, seus bordados, assemblages e estandartes representaram o Brasil na Bienal de Veneza e foram requisitados para mostras em Paris e Nova Iorque. É a presença de Arthur Bispo do Rosário em instituições psiquiátricas que desperta a atenção de autoridades e de estudiosos da área, para os métodos mediévicos dispensados aos doentes mentais como, por exemplo, os electrochoques. Tendo à frente a psiquiatra Nise da Silveira, que se revoltou contra estas formas de tratamento dado aos alienados, é que a sociedade tomou conhecimento dos abusos psiquiátricos. No seu entender, a terapia ocupacional é o mais eficiente método de tratamento, para esse tipo de pessoas que foram desajustadas pela vida ou por força de influência hereditária. "A partir da experiência com a criação dos ateliês de pintura e modelagem, Nise dá início à criação do Museu de Imagem do Inconsciente, no ano de 1952. Com o objetivo voltado principalmente para o estudo de séries de imagens, além de fornecer atendimento a portadores do diagnóstico de esquizofrenia, o museu tem hoje um acervo de mais de 300 mil documentos, entre telas, desenhos, pinturas sobre papel e modelagem". O referido Museu reúne ainda as obras de Arthur Bispo do Rosário, ex-paciente de Nise da Silveira. São milhares e milhares de peças que misturam sucata e tecidos bordados com textos. Bispo do Rosário ficou internacionalmente conhecido a ponto de inspirar músicos do porte de Fernanda Abreu ou dos populares *Paralamas do Sucesso*. Arthur Bispo do Rosário não deixou de ser vítima da exclusão e do confinamento, das práticas violentas dos hospitais psiquiátricos, fato agravado pelo fato de ser negro e pobre.

1) Agenda Afro-Brasileira - 98;

2) Mulher de Hoje - N° 216



circulação. Seria lugar comum o fato de dizer-se que há dois momentos ao longo da história da imprensa negra brasileira: um, antes do aparecimento da revista *Raça Brasil*, recoberto de sacrifício, de sonhos, de lágrimas e de heroísmos, quando nele pontificaram as figuras heráldicas de José Correia Leite, Jayme de Aguiar, Geraldo Campos de Oliveira, Aristides Barbosa, Pompílio da Hora, Odacir de Matos, Abdias do Nascimento e tantos mais; outro, depois do surgimento do mencionado periódico, que veio não só para ficar, como, sobretudo, para revolucionar os modernos meios de comunicação, dando postura e visibilidade a um contingente humano que hoje representa mais de 50% de nossa população, que é a comunidade afro-brasileira e alertando as classes produtoras para as potencialidades desse segmento humano, tão desassistido por mecanismos racistas, preconceituosos e discriminatórios, sejam explícitos ou camuflados, mas que tudo têm feito para desconhecer esta pungente realidade em pleno limiar do segundo milênio.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Artista plástico

Arthur Bispo do Rosário se inclui entre essas vidas anônimas de negros que se foram para um lugar onde ninguém conhece, e, para nós, que ainda nos encontramos no limbo des-

ARTHUR PADILHA

Sindicalista

Arthur Padilha é natural da cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul e é filho de Liberto Montenegro Padilha e Isabel dos Santos Padilha e pai de Rodrigo dos Santos Padilha e Érica dos Santos Padilha. Arthur nasceu no dia 16 de maio de 1956. Fixado em Aquidauana, importante cidade do Estado do Mato Grosso do Sul,

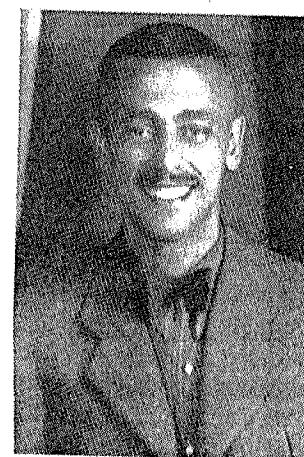
Quem é Quem na Negritude Brasileira

a Academia de Letras no Mato Grosso do Sul, Arthur Padilha é presidente do TEZ da referida localidade, onde já foi diretor da Escola de Samba Unidos da Princesa, sagrando-se, com o estandarte desta instituição carnavalesca, tetracampeão, provando que esta festa do povo se manifesta com vigor, em todos os quadrantes do território nacional, tendo o negro como sua maior força inspiradora. Arthur Padilha foi, ainda, presidente da Associação dos Servidores Administrativos das cidades de Aquidauana e de Anastácio. Arthur Padilha é um dos membros da Secretaria de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores - PT.

ASSIS VALENTE

Compositor

Certamente as grandes encyclopédias ainda não catalogaram o nome do consagrado autor de *Cai, Cai, Balão*, José de Assis Valente. Mesmo assim, se houvessem-no dicionarizado, dificuldades teriam de definir, com certa exatidão, o local de seu nascimento, além do que se propala: ter vindo ao mundo na cidade de Campo da Pólvora, no Estado da Bahia, provavelmente, no dia 19 de março de 1908. Isto se deu em virtude das controvérsias que giram em torno da pessoa de seu pai; sua mãe chamava-se Maria Esteves Valente. Para os bem dotados de sentimentos e de talento, isso é irrelevante, uma vez que nasceram predestinados a reverter as controvérsias e as peripécias que a sorte lhes antepusera em seus caminhos, tornando-se célebres nomes em algum campo das manifestações da inteligência humana. É o que se dá com Assis Valente. Apesar de ser raptado por um tal de Laurindo, que por entender ser "injusto um menino tão perspicaz viver em ambiente tão pobre", o encaminha, sem o conhecimento dos responsáveis do menor e das autoridades competentes, solicitando para que a família Canna Brasil, de Alagoinha, cuidasse de sua educação. Tudo ia bem até o dia em que essa família se mudou para o Rio de Janeiro, deixando Assis Valente na Bahia, dando início à sua grande aventura no mundo dos homens. Depois de algumas iniciativas para sobreviver por conta própria, Assis, em 1917, muda-se para Bonfim, onde passa a responder pela farmácia de um hospital, com apenas 9 anos de idade, o que desperta o demônio da inveja dos farmacêuticos de carreira, dando-lhes na vena, enviar ao menino uma receita administrada por um veneno insidioso, do que o



Quem é Quem na Negritude Brasileira

destituído da função, alegando-se, portanto, que o mesmo havia declamado, numa quermesse, um poema anticlerical. Nessa ocasião passa pela cidade um circo e Assis se engaja nele, percorrendo todo o Estado e, ao chegar em Salvador, abandona-o para iniciar o curso de protético, sustentando-o com o emprego de desenhista numa revista local, resolvendo, em seguida, tentar a vida no Sul, partindo para o Rio de Janeiro, com 20 anos de idade. Uma espécie de "Rei Midas" caboclo, em que tudo que toca vira ouro, Assis Valente, monta, no Rio, um consultório de próteses, sem deixar de trabalhar como desenhista nas revistas Shimmy e Fon-Fon, a Manchete da época, oportunidade que serve para aproximar-se do meio artístico e de bambas do samba como Heitor dos Prazeres, que ouvem as suas primeiras composições, incentivando-o a prosseguir na empreitada. Agora, Assis, soma à profissão de protético e de desenhista a de compositor, que era a que melhor lhe agradava. 1932 é o ano em que Assis Valente nasce de novo, desta vez, para a glória do universo da Música Popular Brasileira. É nesse ano que Araújo Cortes grava *Tem Francesa no Morro*, aproximando-se, igualmente, do grande mito da década que é Carmem Miranda, e esta lhe propicia a ocasião de, também, gravar, *Etc. e Good Bye Boy*. Assis compõe *Boas Festas*, gravado, com sucesso, por Carlos Galhardo e o antológico *Cai, Cai, Balão*, na voz de Francisco Alves e Aurora Miranda, cujas partituras o imortalizaram, sendo cantadas até hoje, especialmente esta última que se transformou em hino popular das festas juninas. Como se não bastasse, o Bando da Lua, o mais célebre conjunto musical de todos os tempos, tendo-se em vista as limitações técnicas da época, grava *Brasil Pandeiro*, dando o ensejo para que Carmem Miranda com o Bando da Lua, atingisse os Estados Unidos da América do Norte, em 1939. A consagração da cantora, antes de partir para as terras do Tio Sam, grava ainda, de Assis, a popularíssima *Camisa Listrada* que continua embalando o folclore nacional. A vida de Assis Valente, entretanto, é a trajetória de um balão que sai das cercanias do solo, sobe majestosamente,

ganhando alturas imprevisíveis, caindo em seguida, para jamais alçar vôo. As tentativas de suicídio, atirando-se do Corcovado ou cortando os seus próprios pulsos, são reveladoras do estado de depressão em que Assis Valente viveu os seus últimos dias na terra. Sem lar, sem Carmem Miranda, sem Bando da Lua e sem recursos, Assis Valente mergulha-se numa noite sem perspectivas, encontrando o seu fim no dia 11 de março de 1958, ingerindo cianeto com guaraná num banco da Praia do Russel, no Rio de Janeiro.

História do Samba...

Ataulfo de Osório Alves, ou Ataulfo de Souza Alves ou ainda Ataulfo Alves, como ficou conhecido e entrou para a história da Música Popular Brasileira, nasceu na cidade de Miraí, Minas Gerais, aos dois dias do mês de maio de 1909 e faleceu a 20 de abril de 1969, no Rio e Janeiro, estado

em que passou a residir e que o projetou como cantor afinadíssimo, letrista de raro talento e primoroso compositor. Filho de pai violeiro e repentista dos mais apreciados, tinha por quem puxar. Com apenas 17 anos de idade, muda-se para a Guanabara, precisamente em 1926. Seu nome só iria aparecer em 1935 com a gravação de seu primeiro samba, intitulado *Saudade Dela*, tendo por intérprete Sílvio Caldas, o estimado seresteiro Caboclinho, como era chamado carinhosamente. Períodos antes, Ataulfo Alves viveu e sobreviveu graças a um emprego na Farmácia do Povo. Freqüentando as rodas de samba do bairro do Rio Comprido, acabou convivendo com Alcebíades Barcelos, o famoso Bide, e faz a sua primeira gravação fonográfica, *Tempo Perdido*, em 1934, sendo popularizada na voz de Carmem Miranda, de quem se torna um de seus grandes amigos. Carlos Galhardo, o Rei da Valsa, lança, *Quanta Tristeza*, de sua autoria. Mas o seu sucesso mesmo só viria com *Saudades do Meu Barracão*, cantado pelo Bando da Lua e na voz de Floriano Belham. A década de 30 foi, para Ataulfo Alves, muito propícia e ao mesmo tempo prolífica, em que *Saudades dela*, *Boemia, Errei, Éramos, Quanta Tristeza, Sei que é Cوردia, Seu Oscar, Bonde São Januário* marcaram época e estouraram nas paradas de sucesso. Isto não quer dizer que a sua fecunda e imensa produção parasse por aí. Para Ataulfo Alves, a década de 1940 entra com todo vapor, criando e cantando as suas músicas, os seus sambas, cuja característica já passa a ter sua marca registrada. É a partir daí que o nome de Ataulfo Alves transforma-se num verdadeiro símbolo da Música Popular Brasileira, onde hoje os clássicos, *Leva o meu Samba, Amélia ou Saudade da Amélia, Atire a Primeira Pedra, Infidelidade, Mulata Assanhada, Na Cadência do Samba, Laranja Madura* integram-se de forma legítima, inconfundível e definitiva ao cancionário nacional da nossa MPB. Não sendo provido daquele vozeirão que fez de Francisco Alves, Carlos Galhardo, Orlando Silva, Sílvio Caldas e Vicente Celestino os grandes intérpretes de nossa música popular, recor-



acompanhavam em todas as suas apresentações e ficaram simpaticamente conhecidas como Pastoras de Ataulfo Alves – ou seja, Ataulfo Alves e suas Pastoras. Elegante, maneiroso com o seu porte fidalgo, mas sempre discreto, Ataulfo Alves ocupa, hoje, um lugar de quem foi eleito pelos deuses da inspiração como o negro da elite do samba brasileiro. Sua morte foi inesperada porque ocorreu após uma simples operação cirúrgica, da qual já estava se recuperando.

1) Dicionário Biográfico Universal - Três Livros e Fascículos - 1984; 2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988

ÁUREA ARANTES DE CAMPOS

Pedagoga

Filha de dona Laura de Brito Arantes e do grande futebolista Tito, que ali pelas décadas de 30 e 40 brilhou no Ipiranga e no Comercial, e que no Juventus - O Moleque Travesso - compôs a famosa e quase intransponível linha média: Tito, Ditão e Sabiá. Áurea Arantes - este o seu nome de solteira - , nasceu, em São Paulo, capital, no dia 17 de junho de 1935. Áurea fez os seus estudos preliminares na cidade em que nasceu, sendo hoje formada em Pedagogia pela Faculdade Campos Salles. Como professora de primeiras letras torna-se a primeira negra a ser diretora de uma Escola Municipal Infantil admitida por concurso público. Casada com o professor negro, José Luiz de Campos, há mais de trinta anos - que, por sinal é diplomado em Direito pela FMU e, em Geografia pela USP - , Áurea Arantes de Campos torna-se mãe de dois filhos, que não sobreviveram e de duas filhas formadas: Aurineide Cássia de Campos é engenheira civil e Aurenice Aparecida de Campos doutora em Psicologia, ambas formadas pela Universidade Mackenzie, em São Paulo. Áurea Arantes de Campos é também professora de piano eruditão ou clássico e de órgão e piano popular. Grande tecladista, muito aclamada na região em que reside, sendo, neste instante, regente do Coral da Igreja Messiânica do bairro da Lapa, na zona oeste da capital paulista; é ainda especializada em Teoria Musical, para a qual se preparou nos cursos de verão no Distrito Federal, em Brasília. Sempre demonstrando preocupação e interesse pela cultura de nossos ancestrais, Áurea fez curso de Iorubá, na Universidade de São Paulo - USP, com o professor nigeriano, Dr. Sikirú Salami (King). Apreciadora de atividades sadias por entender que uma mente sã só pode estar agasalhada num corpo sô, Áurea Arantes de Campos, em sua mocidade praticou, e com muita dedicação, o esporte no setor de atletis-

na condição de fundista (800 metros), tornando-se na ocasião, pioneira, como negra, a praticar esta nobre e difícil modalidade esportiva. Não é demais dizer-se que como amiga e admiradora do bicampeão Olímpico, Adhemar Ferreira da Silva, recebera deste estímulos e incentivos que a levaram a brilhar nas pugnas esportivas. Áurea ainda pertenceu ao corpo social e esportivo dos XI Irmãos Patriotas Futebol Clube, instituição de negros dirigida por afro-brasileiros que atuava com muito prestígio nas competições varzeanas, com sede no bairro de Vila Leopoldina; Áurea e suas três irmãs, Darcy, Cleyde e Laura eram da equipe de voleibol da referida agremiação esportiva. Mas foi como professora que Áurea dedicou o melhor de sua vitalidade e de seu talento com vistas a que se corrigissem as distorções e as injustiças que faziam com que os descendentes de africanos não tivessem as mesmas condições de se beneficiar do aprendizado elemental. Segundo estabelecia a Constituição de 1946, apenas o ensino primário de 4 anos de duração era obrigatório e gratuito nas escolas públicas, exigência aumentada para 7 a 14 anos pela Constituição de 1969, de acordo com o artigo 176 desta Carta Magna. O estudo é tudo para um ser humano; para a etnia afro-descendente, com muito mais razão.

AUTA DE SOUZA

Poetisa

Se por ventura houvesse uma antologia que reunisse os grandes poetas nacionais que se inspiraram sob o signo dos princípios cristãos, sem dúvida alguma, Auta de Souza seria umas das estrelas de primeira grandeza dessa artística e angelical constelação, segundo a avaliação crítica de Jakson de Figueiredo, e Alceu Amoroso Lima. Auta de Souza, única filha mulher dos cinco que Henriqueta Leopoldina e Elio Castriciano, seus pais, tiveram, é natural da cidade de Macaíba, Rio Grande do Norte, onde nasceu aos 12 dias do mês de setembro do ano de 1876. Sua ascendência negra é revelada quando o escritor Raimundo de Menezes, festejado autor de "Dicionário Literário Brasileiro", em sua segunda edição de 1978, nos relata que a autora em apreço, em 1896, colaborou no jornal do governo, *A República*. No ano seguinte, fundou-se o "Congresso Literário", com a "Tribuna", da qual a autora fez parte, "apesar da mestiçagem". A vida doméstica, cultural e literária de Auta de Souza sempre girou na região do Nordeste, onde publicou seu único livro, primeiro com o título de "Dália" em 1897, trocando em definitivo, posteriormente para o "Horto",

apreciação do poeta Olavo Bilac, na ocasião, querido e admirado como Príncipe dos Poetas Brasileiros, para quem a poetisa de Macaíba é alma "de uma tão simples e ingênua sinceridade, coisa que surpreende e encanta". Continuando, diz o "Poeta das Estrelas", que "Aqui - no Horto - a alma vibra em liberdade, sem a preocupação dos afetos da forma, livre da complicada teia do artifício. Ingenuamente comovida e meiga, essa alma de mulher vai traduzindo em versos as miríades de sensações, agora ardentes, agora tristes, que o espetáculo da vida lhe vai sugerindo". Auta de Souza, poetisa mística por excelência, constitui-se no ponto mais alto e luminoso da vertente cristã, que se evidencia pelo que há de mais elevado nas fulgurações de nossas belas letras do ponto de vista dos valores morais do universo católico brasileiro. Se nós alinharmos os símbolos nominais expressos na obra de Auta de Souza, que vai do "Azul Sideral", passando por "O Oásis de Salvação", "Cruzes do Canto Santo", "Conversando com Jesus", "Santo Tabernáculo", "Arco da Aliança", "Angélica Maria", "Calvário", "Ao Pé do Altar", veremos que com essas palavras e mais outras semelhantes ou assemelhadas, construiremos, com elas, uma majestosa catedral capaz de perenizar a extraordinária obra, o *HORTO*, produção única desta poetisa singular e solitária que vem comovendo e enternecedendo as gerações que continuam reeditando e lendo com entusiasmo este extraordinário livro de poesia. Auta de Souza viveu apenas 24 anos, vindo a falecer no dia sete de fevereiro de 1901. Diz Tristão de Athayde, que Auta de Souza sofreu unida à Cruz do Salvador. E foi esse o grande, e luminoso consolo de sua vida.

1) "Horto", de Auta de Souza - Natal - Fundação José Augusto - 1970; 2) Dicionário Literário Brasileiro - Raimundo de Menezes - 2ª Edição Livros Técnicos e Científicos Editora - 1978; 3) Encyclopédia de literatura Brasileira - Ministério da Educação - Fundação de Assistência ao Estudante - 1990

AVESNALDO SANTOS

Diretor do CNAB e Jornalista

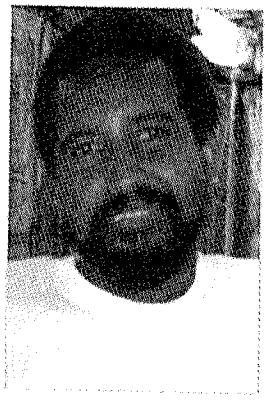
No dia 29 de agosto de 1959 nasceu na cidade de Salvador, na Bahia, Avesnaldo Sena dos Santos, filho de Isaurina Sena dos Santos e Agnello Bispo dos Santos. De seu pai, homem



Quem é Quem na Negritude Brasileira

lha de sua origem e da Pátria em que nascerá. A senhora sua genitora, como operária de uma fábrica de charutos no Recôncavo baiano, não deixou de ser devotada aos seus filhos e aos afazeres do lar, por humilde que este lhe fosse. Nesse ambiente, de evangélica simplicidade, Avesnaldo, que viu florescer as tristezas e as alegrias, que é uma espécie de forja, onde é retemperado o caráter dos seres humanos que nasceram para serem grandes e vencedores das vicissitudes da vida. Tanto é, que, Avesnaldo, superando essa realidade que lhe se afigurava totalmente desfavorável, consegue formar-se em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Revelando prematuramente a sua vocação para liderança, Avesnaldo Sena dos Santos, foi eleito diretor do Diretório Acadêmico dos Estudantes de História da UFBA, no período de 88/89. Dois anos depois, transfere sua residência para São Paulo, onde o seu talento e a sua qualificação profissional acabam por elevá-lo à invejável posição de editor de Política/Economia do jornal *Hora do Povo*, depois de também exercer a mesma função pelas editorias de Esportes, Internacional e de Variedades do referido diário. Isto após ser repórter e redator. É interessante registrar que, o pleno exercício de um jornalismo militante, todavia, estabeleceu-se como um patamar que lhe serviu como forma de oferecer seus conhecimentos a respeito dos problemas da negritude, garantindo a segurança e a firmeza com que é capaz de intervir nos debates, com seus escritos e a sua oratória de modo esclarecedor e convicente. Se considerarmos que Avesnaldo começou a participar



de 1991, com 21 anos de idade, não é de se estranhar o quanto ele já estava amadurecido, quando, em 1995, passou a integrar a Comissão Provisória que fundou o **Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB**, que, precisamente, no ano em que a consciência cívica nacional registrava o transcurso dos 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares.

Avesnaldo é o 2º diretor da Secretaria de Imprensa do CNAB, que tem o nobre radialista Evaristo de Carvalho como seu titular, e como tal é editor da revista Raiz da Liberdade, órgão da entidade.

AYDANO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ

Jornalista

Aydano Pedreira do Couto Ferraz, nascido na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, em 1914. Depois de formar-se em Ciências e Letras, e em Ciências Jurídicas e Sociais em 1937 pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, transfere-se, em 1939, para o Rio de Janeiro. Aydano, na sua terra natal, chegara a ser Presidente da Associação Universitária - AUB, no biênio 1936 - 1937, o que nos faz lembrar que não era pequeno o prestígio de que gozava nos meios acadêmicos de Salvador, antes de migrar para a Cidade Maravilhosa. Poeta dos mais conhecidos na esfera literária onde atuava, Aydano do Couto Ferraz é considerado pela crítica que atua no ramo, como aquele que sofreu forte influência de Eugênio Gomes e de Márcio de Andrade, no processo de sua formação. Aydano do Couto Ferraz "dedicou-se ao jornalismo, no Rio, tendo ocupado, entre outros cargos, o de editor internacional do *O Jornal*, durante a Segunda Guerra e o de coordenador da redação do *Correio da Manhã*. Sempre em meio a uma intensa atividade intelectual, Aydano tornou-se Técnico de Educação do Ministério de Educação e Saúde, e do Centro Brasileiro de Pesquisas. Centro este que havia sido criado pelo renomado educador, Anísio Teixeira; exercendo,

vistas como a de Educação e Ciências Sociais e a revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, ambas pertencentes ao Ministério da Educação, assim como fora ainda Coordenador de Informações e Documentação do INEP; como jornalista escreve regularmente para os jornais *A Tarde*, de Salvador e *O Comércio*, do Rio de Janeiro. Na área literária propriamente dita, Aydano envolveu-se na Bahia e no Rio colaborando em *Festa*, no Boletim de Ariel, de Gastão Cruls e Agripino Grieco, na revista do Brasil (III fase), de Octávio Torquínio de Souza, esposo de Lúcia Miguel Pereira, e Aurélio Buarque de Holanda; na Revista do Arquivo Municipal, do Departamento de Cultura de São Paulo; na Revista Brasileira de Filosofia e no Dom Casmurro, em Diretrizes, na Revista Acadêmica, em Esfera, Flama, Selva. "Ainda em Salvador, publicou o livro de poemas *Cânticos do Mar*, depois do que passou a fazer parte do chamado grupo da Bahia, composto por Jorge Amado, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, João Cordeiro, Sogígenes Costa, Clóvis Amorim e Dias da Costa. O romancista Jorge Amado sempre se refere que o autor deste livro e ele são os remanescentes desse grupo que teve larga atuação - não só na Bahia - defendendo uma efetiva ligação da arte com as fontes populares". Merece especial atenção o fato que registra ter Edson Carneiro, fraternal amigo de Aydano e companheiro de estudos, organizado o II Congresso Nacional Afro-Brasileiro, levado a efeito na cidade de Salvador, em 1937, evento presidido pelo juiz federal e ex-governador do Estado do Piauí, Mathias Olympio de Mello, o que contribuiu, de modo decisivo, por intermédio desta providência encetada, para a definitiva libertação das religiões e dos cultos afro-brasileiros, na Bahia e, por extensão, em todo o território nacional. Destaca-se ainda que na década de 70, Aydano trabalhou na editora de Economia e Geografia da Encyclopédia Mirador Internacional onde o seu nome figura naquela publicação como um dos seus técnicos.

1) Dados extraídos de seu livro, *Cânticos Assistentes do Mar*; 2) Larousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo - 1988; 3) Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo

B

B. LOPES

Poeta

Bernardino da Costa Lopes nasceu em Boa Esperança, Município de Rio Branco, na Província do Rio de Janeiro, a 19 de janeiro de 1859, tendo por berço uma família pobre e de condições humildes, que jamais poderia imaginar que esse menino, um dia, viria a ser precursor do simbolismo, com capacidade de influenciar a fase mais áurea e fecunda de Cruz e Sousa e de seus pares, Oscar Rosas e Emiliano Perneta e outros de semelhante estirpe. Para fazer frente às dificuldades de seu cotidiano, B. Lopes, como seria conhecido em nossa literatura, precisou ser até caixeteiro em Santana de Macacu, onde, com muito esforço, concluiu os seus estudos de Humanidades. Transferindo-se para o centro do Rio, B. Lopes passa a trabalhar no correio geral, casa-se com Cleta Vitoria de Macedo, com quem tem 5 filhos. Comitamente colabora com diversos jornais, adquirindo certa notoriedade, que se firma com a publicação de *Cromos*, seguida da edição de outros livros que, em verdade, não alcançam a mesma repercussão. B. Lopes, também, usava o pseudônimo de Bruno Lauro. Nos meios literários comenta-se muito sobre duas apreciações a respeito de sua obra e de sua personalidade, que se destacam entre o muito que dele já escreveu. Uma de Andrade Muricy e outra de Ronald de Carvalho. Andrade Muricy expressa-se dizendo que "esse extraordinário mestiço, pachola e glorioso, foi no Simbolismo brasileiro um alegre patriarca. Os nossos primeiros simbolistas receberam no começo a influência da sua poesia brilhante, cordial, pernóstica e maneirosa. Oscar Rosas, Cruz e Sousa, e Emiliano Perneta foram atraídos pela sua tropical elegância e, por sua vez,

embriagaram-se do ideal novo; e quando o simbolismo teve o seu primeiro gesto decisivo, vemo-lo enfileirado com aqueles três outros, dando o brado de guerra contra o rígido Naturalismo acadêmico, contra os cânones restritos do parnasianismo". Por outro lado, Ronald de Carvalho dispara: "O amor à futilidade galante arrastou-o a fantásticos saraus em castelos rouqueiros, góticos e bizantinos, ao convívio impossível com duquesas e marquesas e demais fidalgas, enfim a uma representação de coisas que ele desconhecia literalmente e que, apesar de serem evocadas com certa habilidade não escondem a falsidade de suas origens. Vê-se bem que o esforço principal de B. Lopes estava concentrado no lavour do verso, que a sua inteligência não se movia dentro de toda aquela mísica e fabulosa decoração dos Helenos". B. Lopes, aos 36 anos de idade é tomado por uma vulcânica paixão pela pernambucana Sinhá Flor, inspiradora, aliás, de um dos seus melhores livros, que o leva a abandonar a sua própria família. A partir dessa explosão de sentimentos amorosos surgem *Dona Carmen e Brasões*, este elaborado dentro das novas concepções estéticas do simbolismo, uma vez que em 1890, no Rio de Janeiro, B. Lopes lança ao lado dos companheiros Cruz e Sousa, Oscar Rosas e Emiliano Perneta o manifesto pioneiro da nova escola literária, cujo texto é publicado na Folha Popular. Oswaldo de Camargo nos remete para o clima da disputa civilista de 1900, em que Rui Barbosa vinga-se de B. Lopes pelo fato deste haver elogiado o General Hermes da Fonseca, chamando o poeta, quando usava a Tribuna do Senado, de "O Bodum das Senzalas". *Cromo, Pizzicato, Dona Carmen, Brasões, Val de Lírios, Plumário* são alguns dos livros de B. Lopes publicados em vida. B. Lopes veio a falecer a 18

de setembro de 1916, passando antes por grandes privações e atacado pela tuberculose e pela epilepsia e um tanto quanto já desmemoriado face ao vício da bebida.

Dicionário Literário Brasileiro - 2ª Edição, de Raimundo de Menezes - Editora ITC - 1978

BEATRIZ CAMPOS DE PAULA

Sindicalista e juíza classista

Nascida na cidade de Campinas no dia 1º de fevereiro de 1957 é filha de Antonio José Campos de Paula e Dona Maria José Campos de Paula. É divorciada e mãe de três filhos: Edson Campos de Paula Oliveira, Christine de Paula Oliveira Martins e Ednilson Campos de Paula Oliveira. Apesar das rupturas no seio familiar, o que nem sempre é o que uma pessoa da formação ética, moral e religiosa como Beatriz Campos de Paula gostaria que fosse, soube enfrentar a realidade, tocando a vida para frente com elegância e galhardia, ao lado de seus diletos filhos e dos que compreendem e admiram a sua altivez de mulher negra generosa e combativa. O fato de haver tido apenas instruções elementares, com passagem pelo ginásio, demonstram que Beatriz Campos de Paula inclui-se no perfil das mulheres negras brasileiras que não esmorecem diante das primeiras dificuldades que o destino coloca ao longo do caminho, porque nasceram para crescer, criar e vencer as adversidades da vida, como preconizava



oria dos casos, são duras, ásperas, conflituosas. Para aprimorar os seus conhecimentos e "afiar as armas" para os próximos confrontos é que Beatriz Campos de Paula frequenta, com assiduidade impressionante, os movimentados seminários, as assembléias agitadas, os encontros de debates acalorados, de simpósios longos e, porque não dizer, às vezes cansasivos, aos congressos quantas vezes turbulentos, mas todos eles da maior importância e iniludivelmente necessários à sobrevivência das diversas categorias que clamam por justiça, ainda que tardia, por direitos postergados e pela viabilização de entendimentos do qual resultem em melhoria de vida para os trabalhadores, onde a raça negra se coloca com a esmagadora maioria de seus membros. Esta consciência que Beatriz Campos de Paula tem dos valores da classe a que pertence é que a levou a ser suplente de juíza classista e julgamento - representando os empregados na Junta de Conciliação da cidade de São João da Boa Vista em meados de 1994 - e de titular de juíza classista - representante dos empregados na Junta de Conciliação e Julgamento na referida cidade, no triênio de 1994 a 1997, cargo a que fora reconduzida para o presente triênio iniciado em 1997. Portanto, Beatriz Campos de Paula pode dizer em alto e bom som para quem quiser ouvir, que se empenhou com alma e coração para combater o bom combate, na certeza do dever cumprido para com sua dignidade de mulher negra trabalhadora e de brasileira que se orgulha de estar servindo à sua Pátria.

BELMONTE

Jornalista e chargista

Belmonte é o pseudônimo do chargista Benedito Carneiro Bastos Barreto que nasceu em São Paulo, capital, no dia 15 de maio de 1896. Aos 2 anos de vida já era órfão de pai, com sua mãe incumbindo-se de sua educação. Depois de passar pela Escola Modelo, anexa à Escola normal, transfere-se para o Ginásio Maccedo Soares para em seguida matricular-se no Instituto de Ciências e Letras, onde aprendeu literatura, latim, alemão e grego, com o professor Henrique Geenen. Sua infância, segundo ele mesmo, "foi simples, quieta e retraída". Tinha o hábito de freqüentar igrejas, nem tanto por devocão mística ou religiosa, mas simplesmente para contemplar os painéis bíblicos com os anjinhos barrocos que apareciam esvoaçando pelas paredes dos templos. Mostrando-se inquieto e ativo, Belmonte fundou, com os amigos que com ele freqüentavam o Cine Liberdade, o Centro Literário e Recreativo Liberdade, que fazia lembrar um Parlamento, no qual, os oradores, cavalheiros e educados, trata-

seus freqüentadores sentiram muito o falecimento do referido grêmio, que publicava um jornalzinho onde apareceram suas primeiras produções literárias em forma de sonetos líricos e sentimentais. Belmonte, caricaturista que era, estréia em 1912, na *Revista Rio Branco*. É para atender o desejo da sua mãe que Belmonte matricula-se na Faculdade de Medicina, aproveitando-se das aulas para pintar e criar as bonecas que acabaram sendo a gênese do Juca Pato, o personagem que, mais tarde, o popularizaria por meio das charges que por muitos anos foram a nota dominante dos jornais *Folha da Manhã* e de *São Paulo*. O curso, porém, teve de ser interrompido por imposição das necessidades que a caricatura encontrou pela frente, com isso, ingressando na carreira de jornalista, profissão que abraçara para o resto de sua vida. É desse tempo a adoção de seu pseudônimo de "Belmonte", com o qual, colaborava nos jornais e revistas tornando-se o chargista mais conhecido de sua época. Além de notável caricaturista, era também um cronista de escol. Belmonte faleceu em São Paulo, capital, no dia 19 de abril de 1947. O prestígio de seu personagem, Juca Pato, foi de tal ordem formidável, que no túmulo de seu criador, no Cemitério São Paulo, hoje existe uma figura que o representa, como que velando pelo sono eterno de Belmonte. Como homenagem póstuma à memória deste singular chargista, a União Brasileira de Escritores adotou a figura de Juca Pato, como troféu com o qual contempla o Intelectual do Ano, láurea que a entidade oferece ao vencedor do concurso que se dá todos os anos entre os escritores do Brasil.

Dicionário Literário Brasileiro de Raimundo de Menezes 2ª Edição - L.T.C. - Editora - 1978.

BENEDITA DA SILVA

1ª senadora negra do Brasil

Benedita da Silva é a primeira senadora negra eleita da história do Brasil. É natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 11 de março de 1942, em pleno fragor da Segunda Guerra Mundial. De descendência pobre, seus dias de criança foram penosos e cercados de extremas dificuldades. Da antiga favela da Praia do Pinto mudou-se, muito cedo, para o Morro do Chapéu Mangueira, onde reside até hoje, com sua família. Assinalada pela vocação de servir aos seus semelhantes, a senadora Benedita da Silva percebeu que o único bem que a sorte reserva aos destituídos é o seu espírito de luta para reverter a situação em que se encontram. Valendo-se desta premissa, a senadora negra parte com fé e determinação para organizar esta força que acompanha todos os trabalhadores desfavorecidos. Como professora, adotou o método Paulo Freire para alfabetizar crianças e adultos através da es-



cola comunitária da favela do Chapéu Mangueira. Benedita é formada em auxiliar de enfermagem e tem diploma universitário em curso de Estudos Sociais e de Serviço Social. A sua luta à frente da Federação das Associações das Favelas do Estado do Rio de Janeiro e do Centro de Mulheres de Favelas e Periferias a conduziu à vitória, ao eleger-se vereadora pelo Partido dos Trabalhadores na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 1982. Este feito é repetido com ênfase redobrada, quando Benedita da Silva elege-se, desta vez, para Deputada Federal Constituinte, elevada à condição de primeira suplente da mesa Diretora da Assembléia Nacional Constituinte, em 1986; a sua atuação é destacada nesta Casa, e passa a ser titular da Subcomissão dos Negros, das Populações Indígenas e Minorias, sendo conduzida, em seguida à Comissão de Ordem Social e da Comissão dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher. Benedita da Silva reelege-se para a Câmara dos Deputados em 1990, com expressiva votação de 53 mil votos, tornando-se a mais votada do PT no Rio de Janeiro. Atuando basicamente em defesa das questões sociais, como licença à gestante de 120 dias, proibição de diferença salarial para cargos ou funções iguais entre negros e brancos, creches para crianças e dependentes até seis anos de idade, direitos às presidiárias de amamentar seus filhos. Propondo providências outras de igual teor ao longo de seu operoso mandato, isso foi o suficiente para projetar o nome da política negra além da fronteira do Estado do Rio de Janeiro, o que fez com que, em 1992, Benedita reunisse condições para candidatar-se à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, vencendo o primeiro turno e obtendo 1.326.678 votos no segundo. Muito embora não se elegesse para o cargo, isso não lhe constitui menor demérito, diante do fenômeno histórico que se estabeleceu. Hoje a senadora Benedita se impõe perante a opinião pública nacional como a voz da mulher negra mais ouvida e representativa nos altos con-

fala, defende e promove todos os excluídos do país, especialmente, os afro-descendentes que democraticamente compõem mais da metade de nossa população rural e urbana.

BENEDITA GOUVEIA DAMASCENO SIMONETTI

Escritora e diplomata

Benedita Gouveia Damasceno Simonetti é filha de Cenira de Oliveira Damasceno e José Gouveia Damasceno. Nasceu aos 29 dias do mês de junho de 1950, na cidade de Paracatu, no Estado de Minas Gerais. As atividades de Benedita Gouveia são inúmeras, intensas e variadas, particularmente na área de estudos acadêmicos. Sua formação universitária ligada à questão afro-brasileira a levou a fazer pós-graduação em literatura na Universidade de Brasília entre 77 a 80; fez mestrado em Educação Brasileira pela mesma Universidade em 1979 e licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa nessa unidade universitária do Distrito Federal. Em curso de extensão cultural, freqüentou curso de estudos afro-brasileiros ministrado pelo departamento de História do Centro Universitário de Brasília, curso de Literatura Mexicana Contemporânea, curso sobre o Panorama do Teatro Brasileiro ministrado pelo professor Ricardo Guilherme da Universidade Federal do Ceará - em Roma - 1989; curso de História do Brasil ministrado pelo professor José Luiz Werneck da Silva da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Roma - 1987; curso de Língua e Cultura Italiana, do Instituto Dante Alighieri, Roma, Itália, 1984; Curso de Inglês, pelo Instituto Brasil - América, 1976. Profissionalmente, Benedita Gouveia Damasceno Simonetti foi diretora da Faculdade de Artes e do Centro do Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Roma de 1983 a 1990. Foi ainda professora de Língua Portuguesa, em curso criado na Embaixada do Brasil em Lagos, Nigéria, destinado aos nigerianos. Benedita foi também adida cultural junto à embaixada do Brasil em Luanda-94/95; participou da "II Mesa Redonda Afro-Luso-Brasileira", sobre a criação da comunidade dos países de língua portuguesa - Luanda, República de Angola - 1994, bem como da elaboração do Projeto de criação desta mesma comunidade. Benedita foi adida cultural também junto à embaixada do Brasil em Lagos; foi igualmente diretora de estudos, projetos e pesquisa da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura-91/92 - e é oficial de chancelaria do serviço exterior do Ministério das Relações Exteriores, admitida por concurso

1) *Crítica Sem Juízo de Luiza Lobo-Francisco Alves*
Editora - 1993; 2) *Poesia Negra no Modernismo*
Brasileiro - Pontes Editora - 1988

BENEDITO CINTRA

Ex-deputado estadual

Benedito Cintra é filho de Miguel Cintra Filho e Dona Sebastiana Maria de Jesus. Nasceu no dia 9 de janeiro de 1953, na capital paulista. Frequentou escola superior nas cadeiras de História e de Direito, ambas pela Universidade de São Paulo - USP. Benedito Cintra é funcionário público da Caixa Econômica Federal, pertencente à categoria bancária e é pai de Mário Benedito de Campos Cintra. Seu pai, influenciado pelos reflexos da 2ª Grande Guerra Mundial, veio da cidade de Santa Rita do Sapucaí, Estado de Minas Gerais, para a capital de São Paulo, onde pôde aper-

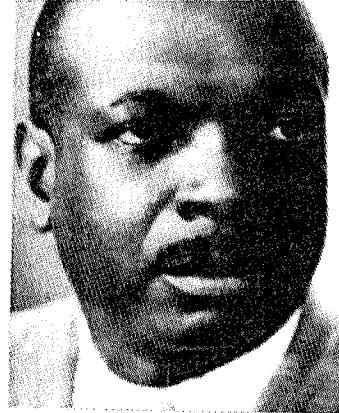
serviços e funções profissionais das mais simples e humildes, entrou para a Companhia Municipal de Transportes Coletivos - CMTC - conseguindo formar-se adjunto de mecânico, curso em que obteve performance apreciável. A partir daí, atraído pela política, filia-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), presidido pelo deputado federal Ulysses Guimarães, integrando a corrente ideológica do Partido Comunista do Brasil; Benedito Cintra atuou junto à juventude do antigo MDB, na década de 1970, inclinando-se sempre em favor dos movimentos reivindicatórios e renovadores que acabaram canalizando-se nas campanhas dos então senadores Franco Montoro e Orestes Queríca, este último em campanha de oposição a Carvalho Pinto. Benedito Cintra, em 1976, comandava o Diretório da Freguesia do O, onde residia, cujo comitê mantinha ferrenha campanha contra o regime vigente da época, pela anistia ampla, geral e irrestrita, tornando-se um ativista dos mais combativos em prol dos movimentos populares, como o movimento dos favelados, dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho, portanto, sempre ao lado dos grevistas das várias e diferentes categorias profissionais. Estas atuações deram destaque político a Benedito Cintra a ponto de, uma vez candidato, eleger-se com a espanhola votação de mais de 32.500 votos para vereador, em 1976, pela legenda da MDB, repetindo o feito histórico para deputado estadual quando conseguiu dobrar a votação em 1980, alcançando a soma de 62.000 votos. Benedito Cintra ajudou a fundar e a dirigir a FRENAP; esteve à frente e ao lado dos que trabalhavam para fundar o Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, instituição que se colocou na vanguarda do gênero em nosso país.

BENEDITO DE ANDRADE

Professor e ex-deputado federal

Benedito de Andrade era filho de Cassiano Nogueira dos Santos e de D. Elisa Benedita de Andrade. Nasceu no dia 10 de setembro de 1913, na cidade de São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo, tornando-se filho adotivo e único do coronel Luiz Thomaz de Andrade e de D. Luiza Maria Ribeiro de Andrade. Sempre dotado de uma férrea vontade de vencer, Benedito de Andrade matriculou-se no Colégio São José, onde concluiu o curso complementar aos 15 anos de idade. Nesse período, São José do Rio Pardo começa a tomar conhecimento do moço negro por meio da publicação de seus trabalhos na Ga-

lada com sua atuação precoce e brilhante na imprensa do interior do Estado de São Paulo. Benedito de Andrade ainda destacou-se como estudante no tradicional Ginásio do Estado Culto à Ciência, de Campinas. Sempre vencedor das adversidades diante da sua condição social humilde e de sua origem negra, este moço intímorato não se deixava abater ante as armadilhas da vida. É com este espírito que Benedito de Andrade funda em São José do Rio Pardo, com o professor Célio Figueiredo Ferraz, a Escola do Comércio "Pedro II". Em 1942 é convidado a substituir o professor de francês no Ginásio Estadual Euclides da Cunha. Benedito de Andrade era um autêntico poliglota, falando vários idiomas como o espanhol, o francês, o inglês, o grego, o russo e o latim, além de dominar, com brilhantismo, a língua portuguesa. Tanto que, em 1949 foi efetivado por concurso na cátedra de português, no Ginásio Estadual e Escola Normal da cidade de Lins, sendo que em 1950, também por concurso público, escolhe a cadeira de português do instituto de Educação Sud Mennucci, de Piracicaba, tornando-se seu primeiro professor negro. Segundo palavras de seu colega de cátedra, professor Benedito Antonio Cotrim, Benedito Andrade se constituiu num saudável exemplo para o Magistério. Este trabalho que desenvolvemos sob a batuta do intelectual e ex-vereador de Piracicaba, Dr. Antonio Messias Galdino, é o que me autoriza a dizer que Benedito de Andrade pertenceu à diretoria da Frente Negra Brasileira, para a qual realizou diversos eventos, como por exemplo, a organização de seu teatro amador, com a montagem da *Revista Garoa*, com 28 figurantes, todos, como ele mesmo dizia, com a melhor prata da casa. Ainda, como um dos fundadores da Rádio Difusora ZYD-6, de São José do Rio Pardo, torna-se um de seus diretores durante um período de seis anos. Benedito de Andrade sempre se destacou como professor, o que o conduziu ao campo político, candidatando-se a deputado federal no pleito eleitoral de 1958, ocasião em que se classifica como primeiro suplente. Benedito de Andrade foi vereador na cidade de Piracicaba na gestão de 1969 a 1972, onde a sua preocupação com as questões sociais fez dele um grande e estimado político dessa localidade. Sempre ativo e brilhante, Benedito tornou-



Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a medalha "Imperatriz Leopoldina" e o seu respectivo diploma. Benedito de Andrade, um dos melhores filhos do Brasil, que sempre soube transformar os arreganhos do racismo e do preconceito étnico numa poderosa arma para vencer as diversas e diferentes dificuldades da vida, veio a falecer com 63 anos de idade em 1976, deixando como patrimônio uma rica bagagem carregada de exemplos de inteligência, de bravura e de abnegação para as futuras gerações.

Dados fornecidos pelo Prof. Antonio Messias Galdino, negro ex-presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Piracicaba

BENILDA REGINA

Liderança feminina

Benilda Regina Paiva de Brito é uma das mulheres negras mais bem qualificadas. Para Benilda Regina, a mulher negra é o único segmento da sociedade brasileira que sofre a tripla discriminação, pelo fato de ser mulher, negra e pobre.

"A luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e raça vem desenhando novos contornos para os movimentos feminista e anti-racista. Ao integrar a tradição de luta destes movimentos, afirma uma nova identidade política decorrente do fato de ser mulher negra". Com a palavra, Benilda Regina Paiva de Brito:

"Quando falamos em mulher negra no Brasil é importante traçarmos seu perfil para que possamos demarcar diferenças com as visões estereotipadas. Nós, mulheres negras brasileiras, somos 25% da população. A maioria de nós é analfabeta ou semi-analfabeta. Nossa remuneração está em geral na faixa de um salário mínimo. Muitas de nós chefiam família em maior número que as brancas. Tal perfil demonstra que a maioria das mulheres negras vive em condição de pobreza (...). Considerando que a mulher no Brasil até a Constituição de 1988 era legalmente cidadã de segunda categoria, ser mulher negra e pobre significava não ter os direitos mínimos de cidadania assegurados juridicamente. É no contexto descrito que precisamos situar a denominada 'questão da mulher negra'; como ela surgiu, se estabeleceu e chegou ao que hoje se convencionou chamar de Movimento de Mulheres Negras, a luta organizada contra a tripla discriminação (...). Durante muitos anos, as mulheres negras que se assumiam feministas foram

irmãdade entre os negros porque, parafraseando Elizabeth Lobo, a população negra, assim como a classe operária, tem dois sexos e um deles era oprimido. Faltava ao Movimento Negro considerar as especificidades das mulheres negras (...) A pouca escolaridade e a falta de uma profissão considerada "qualificada" justificam o lugar que a mulher negra ocupa no mercado de trabalho: o mais desvalorizado socialmente e de pior remuneração. Considerando-se os rendimentos, conforme o Mapa do Mercado de Trabalho (IBGE, 1990), a média nacional em salários mínimos dos homens brancos era de 6,3 e a dos negros 2,9; as mulheres brancas ficavam com 3,6 e as negras com apenas 1,7. O estudo do PNUD para o Brasil aponta que "o rendimento médio dos homens pretos e pardos correspondia em 1990, respectivamente, a 63% e 68% do rendimento dos homens brancos. A posição relativa da mulher preta e parda em relação à mulher branca é semelhante: seu rendimento correspondia a 68% da mulher branca". Em 1980, apenas 1.757 mulheres negras ganhavam mais de vinte salários mínimos em uma População EconOMICAMENTE Ativa de 4 milhões de mulheres negras. O lugar da mulher negra no mercado de trabalho está demarcado no imaginário de chefias e profissionais de recursos humanos pelo estereótipo de beleza branca, tão falada "boa aparência". Em funções como vendedora, recepcionista e secretária são exigidos determinados atributos estéticos, considerados exclusividades das brancas. Estas e as amarelas estão representadas de quatro a cinco vezes mais que as negras, com respectivamente 8,9% 11% e 2,2%. Dados do censo de 1980 mostram que 80% das mulheres negras estão na faixa dos que têm até quatro anos de estudo, enquanto que as brancas, na mesma faixa, eram 67%. Dados da PNAD (1987) informaram que 62,7% das negras não terminaram o antigo curso primário e que as negras analfabetas eram o dobro das brancas. (...) Atos violentos, como o machismo e o racismo atuais, visam desumanizar as mulheres, negar-lhes a condição de pessoas e transformá-las em "coisas". Por isso, sobre nós, mulheres negras, recaem apelidos como "bicha fedorenta", "macaca", "gambá", etc. (...) A violência doméstica (cometida em casa pelo pai, filho e principalmente marido/companheiro) é uma dura realidade no caso das mulheres negras. Dados preliminares do Benvinda - Centro de Apoio à Mulher da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte demonstram que, naquele município, 62% das mulheres que denunciaram situação de violência são negras. Logo, cabe a este equipamento social ter especial atenção com o recorte racial da violência doméstica.", conclui.

Berenice Assumpção Kikuchi nasceu na capital paulista no dia 9 de abril de 1951. Como enfermeira e sanitária, especializou-se em anemia falciforme e como tal é fundadora e atual presidente da Associação de Anemia Falciforme do Estado de São Paulo, cuja sede fica na rua Boa-Cica, 422, na Cidade Patriarca - São Paulo - SP. Esta associação juntamente com a Coordenadoria Especial do Negro (Cone) do município de São Paulo, em 1997, publicou uma cartilha intitulada Anemia Falciforme, com o apoio do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizado Comercial, tendo como coordenadora técnica deste

projeto Berenice Assumpção Kikuchi. A Cone é uma instituição criada a serviço da população negra paulistana, com sede na Prefeitura junto ao Gabinete do prefeito da capital. Formada pela Escola de Enfermagem da Universidade de Mogi das Cruzes, em 1979, Berenice lembra que "há mais de vinte anos pesquisadores e algumas lideranças de Movimento Negro apontam a anemia falciforme como um problema de saúde pública. Entretanto, até o momento, nenhuma ação de impacto populacional foi desencadeada, nem pelos pesquisadores, nem pelos movimentos negros". É em razão dessa lacuna que Berenice afirma reconhecer que, como profissional na área da saúde das populações negras, não há estudos nem programas em desenvolvimento patrocinados pelas autoridades públicas ou particulares compatíveis com a gravidade desta moléstia que afeta os negros falcêmicos; falta uma sistemática de estudos e providências que lhes forneça as necessárias informações. O racismo existente na sociedade brasileira é o maior responsável por essas deficiências. Berenice Assumpção Kikuchi diz ainda que "os pesquisadores que detêm o conhecimento atualizado e aprofundado da doença restringem suas produções ao meio acadêmico e não cumprem a sua função de mobilizar a sociedade e o mundo científico a partir dos resultados encontrados em suas pesquisas". O perfil dos portadores de anemia falciforme, diz Berenice, "são os pacientes pobres, negros, de baixíssima escolaridade, com renda familiar instante, motivo pelo qual vivem em moradias cedidas por parentes ou em espaços públicos, condenados a permanecerem fora do mercado formal de trabalho, servindo-se, com frequência, dos serviços públicos de saúde". É doloroso observar o quanto sofre

as crianças e adolescentes sujeitos a convulsões, as crianças são as que mais sofrem os efeitos e as manifestações desta perversa moléstia. As mulheres falcêmicas estão sujeitas ao agravamento dos seus sintomas durante o período de gravidez, com o aumento de crises dolorosas, com infecções que podem provocar rejeição do feto e aborto espontâneo e prematuro. Berenice dedicou-se inteiramente aos estudos e à conscientização do mundo acadêmico e científico, bem como a alertar os movimentos negros para esta moléstia insólita que incide sobre as populações negras bem mais do que às brancas. Sabendo que o caráter genético e hereditário é responsável pela transmissão através

das gerações desse mal, Berenice defende que somente com a implantação de um projeto instituindo programas de prevenção integral às pessoas portadoras dos traços falcêmicos se poderia melhorar ou amenizar a gravidade dessa doença.

BIDE

Compositor e percussionista

A Música Popular Brasileira é uma das mais ricas, mais originais e mais prolíficas das realizações em que o povo deste país se fez mestre e é insubstituível. Os livros que já se publicaram, os dicionários e as encyclopédias que versam sobre esta matéria específica são poucos ou quase nada em face dessa prodigiosa e inexaurível produção. É dentro deste conceito de valores que nós vemos inseridas a obra deixada por Alcebiades Maia Barcelos - o popular e lendário Bide, "nome inscrito com justiça entre os maiores compositores de samba na história da MPB". Este mito vivo que tanto contribuiu para o enriquecimento e a divulgação desta arte do povo que tem suas raízes mergulhadas profundamente na alma e no sentimento afro-brasileiro nasceu na bonita cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, a 25 de julho de 1902. Sentindo que já trazia de pequeno os germes para desenvolver esta modalidade artística, bastou, por conseguinte, que a sua família viesse a se mudar para o centro do Rio de Janeiro, fixando-

especial influência poderosamente para imprimir a direção que o garoto tomaria na vida. Como sempre acontece, o ambiente de pobreza e humildade fora-lhe o grande mestre ao longo da Universidade da vida, que o levaria a transformar-se num grande homem na sua especialidade de compositor de samba. O fato de ter o seu primeiro emprego como sapateiro nunca lhe provocou constrangimentos irremovíveis. A saída para tentar vencer fora encontrada na convivência com os sambistas do bairro em que morava que na ocasião produziam um samba um tanto quanto amarrado.

A entrada de Bide foi decisiva para a mudança do velho estilo de samba para a sua formação como se encontra hoje. A qualidade das composições de Bide chegou até ao conhecimento de Francisco Alves que tinha o hábito de comprar as boas composições e gravá-las em seu próprio nome. Foi isto que se deu com o samba *Malandragem* que apareceu gravado por Chico Viola, com o selo da Odeon. Bide foi mais longe ao fundar com Ismael Silva, Mano Edgar, Brancura, Baiaco e outros bons de samba, a primeira Escola de Samba, que entrou para a história com o nome de Deixa Falar, nela introduzindo o surdo e o tamborim conforme nos garantem os estudiosos da matéria. De sapateiro a ritmista foi um simples esforço de vontade própria. Os estúdios de gravação sempre o requisitavam, o que culminou com sua entrada no corpo de funcionários da Rádio Nacional. Bide era o parceiro inseparável de Armando Marçal. Com Marçal, compôs *Agora é Cinza*, considerado um clássico do samba em todas as épocas - tanto é que se tornou o vencedor do carnaval ao ser lançado em 1934, cujo concurso foi promovido pela Prefeitura do então Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro era a capital federal). Bide compôs também com Noel Rosa, Benedito Lacerda, João da Baiana, João de Barro, Ataulfo Alves, Mano Décio e com outros mais. Uma das glórias de Bide está no fato de se atribuir a ele a feliz descoberta de Ataulfo Alves, em 1934, a quem levou para a RCA Victor. A morte de Armando Marçal, seu parceiro preferencial, ocorrida em 1947, fez com que Bide caísse de produção. Ainda assim, Pixinha e outros teriam o privilégio de gravarem com Bide, entre outros, *O Carnaval da Velha Guarda*, LP com selo Sinter. Bide chegou aos 75 anos, quando faleceu no dia 18 de março de 1977.

História do Samba...

Quem é Quem na Negritude Brasileira



Reprodução AVE

Ubiraci Dantas de Oliveira, mais conhecido pelo cognome de Bira, natural da cidade de Salvador (BA), nasceu no dia 6 de junho de 1952, filho de Ana Davina de Oliveira e Josué Dantas de Oliveira. Seus estudos preliminares foram feitos em sua cidade natal, de onde saiu para vir residir em São Paulo. Aqui teve que superar as dificuldades de praxe, que na maioria atingem brutalmente as pessoas que migram de seus locais de nascimento, como é o caso dos nossos confrades nortistas, que, em razão de seu fluxo migratório, fizeram da cidade de São Paulo o maior centro urbano nordestino de que todos nós muito nos orgulhamos. Ubiraci Dantas de Oliveira - o popular Bira - ao vir para São Paulo com a sua dileta família, trouxe em seus ideais o sonho de "crescer, criar, subir" usando-se aqui palavras poéticas de Castro Alves. Como toda essa extraordinária leva de homens e de mulheres do Nordeste, que se deslocaram na busca de melhores oportunidades para as suas realizações humanas, certa de que as plagas meridionais que se convencionou chamar de "Sul Maravilha" ofereciam tais condições. Ubiraci Dantas também carregava em seu sangue, em sua mente e em seu coração o fato de ser negro; este é um dado a mais



para engrandecer as pessoas de caráter nobre e ilibado e retemperar a fibra dos grandes combatentes. Não se faz de rogado, arregaça as mangas e entra com disposição, energia e coragem pelas fortes frentes dos grandes embates sociais, políticos e culturais, adotando São Paulo como sua nova trinchera de lutas. Casa-se, constitui família e hoje, Daniel, André, Juliana e Camila, juntamente com Solange, sua idolatrada esposa e mais seus irmãos Cema, Lita, Célia, Rita, Zuca, Tâni são testemunhas eloquentes e partícipes de como um homem simples que traz o estigma de humildade pode alçar-se às mais elevadas altitudes no campo do civismo, da ética e da dignidade humana. Este panegírico não está desligado da visão realística que todas as pessoas de bem têm de Ubiraci Dantas. Portanto, esta retórica se faz

Quem é Quem na Negritude Brasileira

povo. Passando pelo Senai para formar-se como ajustador mecânico, cursando Filosofia na USP. Em 1973, Ubiraci Dantas prepara-se para participar da oposição sindical metalúrgica e coordenar a 1ª Comissão de Fábrica em São Paulo, tornando-se mais tarde diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que é o maior e o mais poderoso sindicato de trabalhadores da América Latina. Atualmente, Bira é vice-presidente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil e diretor de Relações Internacionais do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, incluindo-se, ainda, entre os dirigentes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro-MR8.

BLECAUTE

Compositor e cantor

Otávio Henrique de Oliveira (Blecaute) nasceu na cidade de Pinhal, interior paulista, no dia 5 de dezembro de 1919. Por ser um sambista nascido fora da Cidade Maravilhosa, tida como a Capital do Samba, Blecaute é prova eloquente e inofensável de "que ginga, malícia, ritmo, voz bonita e todos os ingredientes que fazem o bom samba, podem nascer em qualquer lugar do país", acompanhado da absoluta certeza de que samba não se aprende na escola. Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo e outras unidades federativas deram sambistas de escol. Contudo, a raça que mais se inclina para o exercício do samba é a de origem negra. Blecaute, por exemplo, é paulista e, como tal, um dos brasileiros, até hoje festejado como o *General da Banda* - cognome que fixou, em definitivo, o seu nome no cenário da Música Popular Brasileira, cujo samba é de autoria de Tancredo Silva, em parceria com Sátiro de Melo e José Alcides, fazendo com que esta música, sucesso em 1949, fosse de tal ordem, que se transformou no maior êxito da carreira de um artista que, se mais nada fizesse pela MPB, ainda assim, esse intérprete já teria alcançado a imortalidade. Mas seus feitos como cantor dos mais requisitados, não parara por aí. Músicas de carnaval e de meio de ano, como *Pandeiro Waldemar*, de Wilson Batista e Roberto Martins, *Samba do Lé-Lé-Lé*, de Estanilau Silva, William Duba e Rosa de Oliveira e *Quero Morrer no Rio*, esta de sua autoria, deram continuidade ao êxito anterior de *General da Banda*, numa demonstração de que, se de um lado o sucesso aparece contemplando talentos nascidos para fazerem da carreira de músico uma profissão de fé, de outro lado, ele surge premiando esforços e dedicação, fazendo justiça ao labor do dia-a-dia de cada poeta, ou compositor. Blecaute consagrou-se como cantor que encontra êxito em tudo que se empenha com firmeza e determinação: nos períodos de carnaval, propriamente dito, e

ele não fazia grande diferença, pois, tangido por forte vocação artística, não encontrou maiores dificuldades para superar os limites impostos pela sua condição social de negro, ou as exigências que geralmente cerciam os migrantes que se deslocam de um estado para outro. Blecaute, deslocando-se de São Paulo para o Rio de Janeiro, soube ser diplomata, simpático e elegante para fazer amigos e conquistar parceiros, com os quais haveria de viver a vida inteira, até o dia de sua morte. É assim, dentro deste espírito de responsabilidade e de camaradagem, que Blecaute se comporta. Assim é, que no carnaval de 1951, Blecaute explode com *Papai Adão*, em 1952, com *Maria Candelária*, e, em 1955, com *Maria Escandalosa*, todas essas músicas de sucesso, de autoria da dupla Armando Cavalcante e Clécio Caldas. É de todo auspicioso que este notável intérprete da Música Popular Brasileira, como os demais que se mudaram para o Rio de Janeiro



ro, para serem incluídos na relação de grandes artistas locais, não precisou apresentar certidão de nascimento. Blecaute faleceu no Rio de Janeiro em 1983, com 64 anos de idade.

1) História do Samba...; 2) Larousse Cultural -Brasil A/Z -Editora Universo - 1988.

BRÁULIO JOSÉ DO BONFIM

Carnavalesco, um dos fundadores do bloco Filhos de Gandhi

O bloco Filhos de Gandhi tornou-se uma lenda no carnaval da Bahia. Tornou muito mais que uma agremiação carnavalesca, é uma instituição respeitada na Bahia, no Brasil e até no exterior. Sua criação foi obra de um grupo de abnegados. Veja aqui, em depoimento de um de seus fundadores, Bráulio José do Bonfim, ao jornalista Antônio Félix, a saga do Filhos de Gandhi e de seus fundadores.

"A criação dos Filhos de Gandhi aconteceu quando eu, Vavá Madeira, Hamilton e Antônio, voltávamos do cinema. Vimos o filme *Gunga-din* e, debaixo da mangueira, pensamos em bo-

dando dinheiro na venda de Valério com as barbas de mate; no quarto 55 onde morávamos, fomos guardando tudo. Os fundadores foram: Vavá Madeira, Antônio de Emiliano, Bráulio, Hamilton, Carequinha, Soldado, Máximo Serafim Mendes, Domingos, Zoião, Dino, Mica, Joázhin e Domi. No primeiro dia, saíram de 12 a 27 pessoas; no segundo, mais de trinta. O Gandhi saía do Julião, ia direto para Santa Luzia. De lá para o Beco do Cirilo e, então de ônibus fámos para Liberdade, de onde voltávamos a pé. Ao Bomfim, nós fomos desde o primeiro dia, depois que fomos a Santa Luzia. A tradição de ir ao Bomfim foi mantida, porque queríamos render homenagens ao santo mais velho. A primeira sede eu não lembro onde foi no Pelourinho. No primeiro dia nós cantávamos: *Êti - lá - lá - ê - ô ...é de balalaé...lê - lê - a*. A cantiga era *Afoxé lô - riô*, mas como naquela época nós entrávamos e saímos em beco, nós cantávamos: *Entra em Beco, sai em Beco*. Não tinha muitas alegorias. Pegamos umas flechas e arcos e tinham até vassouras. Saímos um atrás do outro, ou de três a três, quatro a quatro. Saímos de tamancos, toalhas, um cordão azul para amarrar o lençol. Nem todos precisaram, mas muitos de nós conseguimos o lençol com as amigas do Julião - uma moça chamada Delza, que me dava os lençóis. Logo atrás do Gandhi, iam as mulheres do Julião; eram do baixo meretrício, porque todos nós tínhamos nossas "negas". As mulheres do Julião levavam mantimentos e abasteciam o bloco. Naquela época, a tradição era afoxé. Já havia o do finado Rodrigo, que ficava ali atrás do asilo, no Engenho Velho. O Gandhi foi criado como afoxé. Depois mudaram para Sociedade Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi. A corda foi usada desde o primeiro ano em que o Gandhi saiu, isso para que as pessoas não invadissem. "Cândido Elefante" e "Quadrado" eram os homens que levavam a corda; eram os badistas. A bebida não era permitida para não causar perturbações dentro do Bloco. As mulheres não saíam no Bloco para evitar que se criasse desavenças dentro do cordão. Foi melhor que não saíssem mesmo. A partir do ano de 1959, saí 4 vezes e pretendo sair de novo, quando voltar aqui. Agora sou conselheiro do Gandhi. Antes de sair, nós fazímos despachos na rua, com comida e música para Exu. Isso nós fizemos desde o primeiro dia, embora escondido. A polícia não queria deixar os Filhos de Gandhi sair. O sindicato acionou um

deu carta branca para o advogado agir. Nosso medo era de que eles acabassem com o Bloco na rua, porque o Gandhi não era legalizado. Hoje o Gandhi está uma beleza! Hoje ele está com cinco mil homens, organizado, uma beleza! É uma satisfação ver um bloco como o Gandhi, criado por mim! Gosto de ver! Há desavença; tem que acertar mais se não o Gandhi acaba. Ele evoluiu muito, mas tem que ter mais compreensão. A diretoria mudou, pode ser que haja mais deliberação. Na política partidária, o Gandhi não deveria se envolver, porque é um bloco folclórico, mas, de qualquer forma, precisa de ajuda de um deputado político e assim tem que ter um pouco de envolvimento (...) O "Papai Borocô", surgiu de uma desavença dentro dos Filhos de Gandhi, porque havia pessoas que queriam entrar quando evoluímos, então surgiu o "Papai Borocô", que acabou vingando. Saí da Bahia em 1939, voltei e viajei de novo. Em 1952, foi criado o Gandhi no Rio de Janeiro. A primeira reunião foi no Palácio do Alumínio, na Avenida Presidente Vargas, atrás da Central do Brasil, em um circo. Tinha um baiano chamado Milton Sapateiro, que morava ali. Eu tinha um quarto na Saúde e ali decidimos fazer o Filhos de Gandhi no Rio de Janeiro.

Filhos de Gandhi, Anísio Felix - Gráfica Central 1997.

BRÁULIO MOURA

Sindicalista

A liderança de Bráulio Moura da Silva, diretor do Sindicato dos Telefônicos de São Paulo e secretário-geral para assuntos relacionados com a vida sindical do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, foi forjado no campo de batalha e no cotidiano das lutas pela sobrevivência, onde se debate hoje o negro brasileiro. A vida para o negro brasileiro, desde que os navios negreiros dos séculos passados, o transportou para as terras das Três Américas, tem sido um vale de lágrimas, cuja dor e desalento tem atingido quase que indistintamente a todos, e de modo, por assim dizer, quase permanente. Esta tem sido a regra; as exceções apenas confirmam o destino amargo e sofrido da gente negra brasileira. A vida de Bráulio Moura não tem sido diferente da dos nossos irmãos de raça afro-descendente. Filho de Dona Laudelina Moura da Silva, nascido na cidade de Castro Alves, Estado da

que nasceu Antônio Frederico de Castro Alves, razão pela qual esta cidade ostenta hoje, orgulhosamente, o nome do poeta dos escravos, Bráulio Moura veio para a capital paulista, ainda com 15 anos de idade, apresentando-se como trabalhador da Ceagesp, na categoria de ajudante geral, e sem registro na sua carteira profissional. Não satisfeito com aquele trabalho, Bráulio ingressa numa metalúrgica para, em seguida, fazer parte do corpo de funcionários da Empresa Telesp, de onde, por



demonstrar grande interesse e preocupação com a sorte de seus companheiros de trabalho, transforma-se em um dos líderes de sua categoria, fato que o libera para atuar no movimento sindical. Ocupa o cargo de diretor do Sindicato dos Telefônicos do Estado de São Paulo, com a responsabilidade de desenvolver atividades junto a sua Secretaria de Esportes. Bráulio Moura pertenceu às fileiras do Partido dos Trabalhadores - PT, transferindo-se dessa agremiação para o Partido Democrático Trabalhista - PDT. Pela sua liderança e pelo prestígio que desfruta junto aos seus colegas de profissão, o nome de Bráulio Moura foi, por duas vezes, indicado para compor a chapa de candidatos a vereador, na capital paulista. Não é demais acrescentar-se nos dados biográficos de Bráulio Moura, que este foi, quando no interior da Bahia, lavrador e bôia-fria ao longo daqueles hostis sertões, quando o nosso biografado ainda mal saía de sua primeira infância. Hoje Bráulio Moura é um dos fundadores do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, ocupando a Secretaria de Assuntos Sindicais.

CAFU

Deputado Distrital - Brasília

No Distrito Federal - Brasília - capital do quarto maior país do mundo em terras contínuas, não existe Câmara Municipal de Vereadores; lá, o que reúne os que foram eleitos para legislar em nome de todos os brasilienses é a Câmara Legislativa do Distrito Federal e o eleito é denominado deputado distrital, nomenclatura pouco familiar para o grande público brasileiro. Portanto, é importante que se diga que esse sodalício legislativo conta com a presença maiúscula, em sua primeira investidura, de Antonio José Ferreira - o popular CAFU - deputado distrital enérgico, atuante e ao mesmo tempo afável e atencioso para com todos que o procuram em seu gabinete, que é sumamente valorizado por funcionários operosos e competentes. Cafu é natural da cidade de Anápolis, Estado de Goiás, onde nasceu no dia 31 de março de 1954. Contando hoje com quarenta e seis anos, é residente na capital federal há mais de vinte anos, transferindo-se para esta cidade com o propósito de ingressar na Universidade de Brasília para cursar Geografia, matéria esta que, como professor, leciona diariamente em cursos de pré-vestibulares. É Cafu quem admite que jamais será possível de se criar uma autêntica democracia no Brasil se a vida de seu povo, como um todo, não for a de um país com vocação pluriracial, o que revela a sua identidade e a sua preocupação com as questões ligadas com a sorte

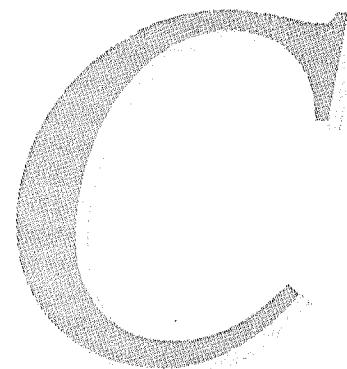


do negro brasileiro. Tanto é verdade que Cafu é autor do projeto, atualmente em fase de implantação, que determina a inclusão do estudo da raça negra nos currículos das escolas de 1º e 2º graus do Distrito Federal. Transcendendo este discurso, Cafu atua objetivamente valendo-se de sua consciência no âmago dessa negritude, como dizem os senadores Benedicta da Silva e Abdias do Nascimento, que é o que há de mais legítimo e verdadeiro em termos de etnia, em nosso país. Cafu ainda foi o relator da Comissão Parlamentar de Inquérito da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes em Brasília, exercendo atualmente a presidência da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Legislativa do Distrito Federal, através da qual se "detectou

que diariamente, no Distrito Federal, dois homens negros, até 25 anos, são assassinados com arma de fogo". Pertencente aos quadros do Partido dos Trabalhadores, Cafu foi eleito com a expressiva votação de 6.310 votos, já tendo exercido a função de líder da bancada petista na referida Câmara Legislativa. Militante de movimentos populares de base, como os Sem-Teto e os Sem-Terra, Cafu é autor de leis e projetos elaborados com efetiva participação popular, como o Programa de Assistência a Pessoas e Familiares Vítimas de Violência, Tarifas de Ônibus Reduzida em doze datas especiais do ano e Programa de Reforma Agrária, a ser implantada preferencialmente em áreas públicas do Distrito Federal. Essa preocupação com o social dignifica a seu mandato popular.

Revista Raça Brasil - Ano 3 - N.º 19 - 1998

Quem é Quem na Negritude Brasileira



CAMILA PITANGA

Atriz e modelo

A visibilidade do contingente humano composto do negro e do miscigenado, no contexto social brasileiro, é que oferece aos olhos de todos esta cor quente de nossa atmosfera tropical, fazendo com que estes sejam, talvez, o que há de mais legítimo no seio da nacionalidade de que tanto nos orgulhamos. E "o é porque, desafricanizado na nossa escravidão, não sendo índio nativo nem branco reinol, só podia encontrar sua identidade como brasileiro", como bem observou o nosso Darcy Ribeiro. É este o indivíduo típico que hoje integra biológica e socialmente o mundo branco, cobrando o seu quinhão de co-partícipe da civilização que se deu nas "Três Américas", dotando a "sua cultura erudita" dos valores intelectuais saídos do cadiño para ocupar os largos espaços nas páginas de nossa História, entre os quais destacam-se "o artista Aleijadinho; o escritor Machado de Assis; o jurista Rui Barbosa; o compositor José Maurício; o poeta Cruz e Sousa; o tribuno Luiz Gama; o jornalista José do Patrocínio; os políticos, os irmãos Mangabeira e Nelson Carneiro; os intelectuais Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos" para darmos apenas alguns exemplos dessa negritude esplêndida e saudável. É de se destacar o papel da mulher, como o vigor e a vivacidade de uma Auta de Souza, de uma Lélia



Revista

cepcionai nesse esforço de ascensão do negro em nosso país. Camila Pitanga é uma dessas criaturas que unem talento e beleza conjugados com a sabedoria de quem conseguiu obter realce no papel de "Patrícia", que era a filha dileta de uma família de negros na polêmica novela intitulada *A Próxima Vítima* e no seriado *Malhação*, que encheu os olhos de quem pousava diante da telinha com o plim-plim da Globo. Filha de Antonio Pitanga, hoje vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Camila busca outros caminhos: o teatro é um deles, oportunidade que terá para viver o papel de *Thomas, O Conquistador*, adaptação do texto *Judas, O Obscuro*, do inglês Thomas Hardy. Segundo ela, "um sujeito sensível e obstinado". Como se vê, o poder de uma miscigenação bem resolvida, fez de pessoas como Camila Pitanga uma estrela de primeira grandeza que já começa a iluminar com força total as telas e os palcos da vida artística brasileira, provando que o caráter miscigenado de sua origem genética é uma recomendação a mais, favorecendo a sua carreira de sucesso contínuo, e nunca um fardo que comprometa a sua personalidade e a sua dignidade de mulher negra. Camila Pitanga, com a sua cor de jambo, que nos enternece e fascina, não nega que o clima brasileiro é adaptado para fazer florescer na plenitude de todo o esplendor belezas, que a natureza nos galardoa com personalidade de seu porte, que é o equilíbrio mágico entre o negro e o branco, capaz de atenuar as explosões de ódio que por ventura poderiam advir do choque entre as diferentes raças no Brasil.

Revista VIP - EXAME - Editora Abril - Maio de 1998

CANDEIA

Compositor

A Música Popular Brasileira estaria incompleta se não citássemos o nome de Candeia como um de seus monstros sagrados. Antonio Candeia Filho nasceu no Rio de Janeiro no dia 17 de agosto de 1935. Envolvido musicalmente desde os primeiros anos de vida - pois seu pai era o tipo característico do boêmio inteligente, que sabia tocar uma flauta e se unir com quem mostrava ser do ramo - Candeia não teve maiores dificuldades de se enveredar pelo mundo da música, seja como cantor, compositor ou militante assíduo das atividades carnavalescas, pois, "se fechasse os olhos, podia lembrar-se do som das rodas de samba e do choro que freqüentou desde os seis anos de idade". Portanto, estava aberto o caminho que Candeia deveria trilhar para alcançar o estrela-



Dona Zica e Cartola, de onde atrações como as do conjunto *Mensageiros do Samba* - dirigido por Candeia - faziam parte do cotidiano da Cidade Maravilhosa, chegando mesmo a gravar um LP pela Philips. A fatalidade todavia atingiu Candeia com a força malévolas de um bólido. Para melhorar os recursos financeiros, Candeia entra para a Polícia Militar, quando, em serviço, um projétil alcançou-lhe a espinha, deixando-o paraplégico para sempre. Contudo, essa fatalidade não o esmoreceu, e sua inspiração ficou mais aguda, compondo com Paulinho da Viola, *Minhas Madrugadas*, gravado pelo parceiro em 1966. Clementina de Jesus, Clára Nunes e Paulinho da Viola sempre incluíram em suas gravações musicais de Candeia que até hoje desfilam em paradas de sucesso para as novas gerações. Candeia veio a falecer no ano de 1978, deixando dor e saudades para todos nós.

dem a tocar instrumentos como cavaquinho e violão apenas de ouvido, aprimorando-se de tal modo que logo foi chamado para participar de reuniões como as que se realizavam em casa de Dona Ester - "notório ponto de encontro dos sambistas do subúrbio de Oswaldo Cruz, onde faria amizade com Zé da Zilda, Luperce Miranda e Claudiomir Cruz". Como afirmação de sua identidade negra, Candeia dedicava boa parte de seu precioso tempo exercitando a capoeira e freqüentando terreiro de umbanda e de candomblé. Na Escola de Samba Portela começou a fazer parte da Ala de Compositores, sendo que já em 1953 as cores da Portela eram defendidas na passarela, com um samba-enredo da autoria de Candeia sob o título, *Seis Notas Magnas*, composição feita em parceria com Atair Miranda. É de se destacar que este samba-enredo conseguiu levantar o público e a música obteve, pela primeira vez na história dos desfiles das escolas de samba, a nota máxima do júri. "Graças ao êxito, ainda na década de 50, Candeia compôs, em co-autoria com Waldir 59, mais dois sambas-enredos para a Portela: *Festas Juninas em Fevereiro*, que garantiu um terceiro lugar e *Legados de Dom João VI*, que trouxe mais um primeiro prêmio para a Escola". Com o seu nome firmado e glorificado no meio dos sambistas e da classe média carioca, Candeia pôde contar com o apoio, em 1960, da geração do samba "de raiz", desta vez promovido pelo Centro Popular de Cultura (CPC), instituição pertencente à União Nacional dos Estudantes (UNE). Incluía-se no rol das novas iniciativas culturais o restaurante *Zicartola*, de

José Ignácio do Rosário é natural do Estado da Bahia, mas foi registrado em Guaratinguetá, cidade do Vale do Paraíba, em São Paulo, com a data de nascimento de 29 de dezembro de 1881. Era filho de Ignácio Velho da Costa e de dona Mariana de Jesus. A família de José Ignácio de Rosário, acompanhada da sua esposa, dona Rosa, foi atingida por indizíveis dificuldades no Estado da Bahia, onde vivia, em razão da forma com que foi promulgada a Lei da Abolição, ocorrida no dia 13 de maio de 1888. Na verdade, qualquer pessoa desavisada que compulsar os livros de História do Brasil destinados aos alunos do primeiro e do segundo graus não encontrará, fatalmente, nenhum registro que assinale a dramática e gloriosa luta dos negros para pôr fim ao nefando regime de escravidão. Ali só se fala da generosidade da Princesa Isabel e do gesto patriótico aos que a cercavam. Como a verdade histórica ainda não foi estabelecida entre nós, não é de se estranhar o quanto o fantasma do regime escravocrata perseguiu aqueles negros que esperavam ser beneficiados pela Lei Áurea. Foi o caso típico do sr. José Ignácio do Rosário, que se viu obrigado a transferir residência para São Paulo, fixando-se na cidade de Guaratinguetá. José Ignácio sempre sonhou em fazer carreira militar, em que pesem as terríveis dificuldades que estariam reservadas para um negro, naquela época, que tivesse a audácia de alimentar um ideal tão ambicioso. Preparando-se como podia para enfrentar tais desafios, José Ignácio, superando-se a si próprio - Deus Seja Louvado - logra ingressar na Força Pública do Estado de São Paulo, hoje ostentando o garboso nome de Polícia Militar. Digo garboso porque assim era vista antigamente esta instituição, particularmente para os negros que ali passariam a conviver com uma elite branca na mais das vezes comandada por europeus ou por descendentes. Num esforço hercúleo para adquirir formação profissional, José Ignácio do Rosário, ainda jovem, no vigor dos anos, esforçado e inteligente, consegue ir galgando postos, paulatinamente, através de vários cursos e concursos dentro da corporação, o que lhe credenciou receber diversas promoções, tais como a de soldado, de sargento, de tenente, reformando-se na condição de capitão de Polícia Militar do Estado de São Paulo. O seu exem-



política, como a primeira vereadora negra eleita e como primeira deputada estadual negra que ocupou cargo na Mesa Diretora da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Capitão Rosário destacou-se sobremodo derrubando barreiras do preconceito de cor e de racismo, sendo quantas vezes Comandante máximo de inúmeros destacamentos que cobriam importantes cidades do nosso Estado. Capitão Rosário se fez presente nos movimentos de 1924, 1930 e 32, assim como também se deu com o Coronel negro, Marcelo Orlando Ribeiro, de saudosa memória. Pirassununga, Rio Claro, Araraquara, Mogim Mirim e São João da Boa Vista foram algumas das cidades que testemunharam a luta do Capitão Rosário em favor do negro brasileiro. Pertenceu à Frente Negra Brasileira, à Associação José do Patrocínio e outras de igual prestígio. Capitão Rosário faleceu em 1965, na cidade de São Paulo.

*Dados fornecidos por sua filha,
Theodosina Rosário Ribeiro.*

CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA CAÓ

Jornalista e ex-secretário do Trabalho do Estado do RJ e ex-constituinte

Para Carlos Alberto de Oliveira Caó, o baiano (por extensão o brasileiro), independente de sua cor, é tido como um homem que se atém às raízes da religiosidade, da cosmogonia, do panteísmo afro-brasileiro. Talvez esteja nesta visão abrangente, de natureza atávica, a força de determinação com que Caó enfrenta o drama dos dias atuais, convicto de que os negros são capazes de ser vereadores, deputados, homens de pensamento, portanto, aptos a comandar este país chamado Brasil, absorvendo as experiências de outros povos, nossos co-irmãos, desde que para esta transferência se faça a redução atendendo a realidade brasileira, nos termos propostos pelo sociólogo Guerreiro Ramos, que chama isto de "redução racial". Carlos Alberto de Oliveira Caó, como deputado constituinte é autor da lei anti-racista mais rigorosa de que a história do Brasil tem conhecimento; a Lei nº 7816 - ou "Lei Caó", como ficou conhecida para a posteridade. Este diploma jurídico constitucional capitulo como crime imprescritível e inafiançável a prática do racismo na sociedade brasileira, que era vista e tratada como simples contravenção pela lei Afonso Arinos. Como se vê, Caó foi e ainda é um



... homem leal, como fizer estudante e presidente da União dos Estudantes da Bahia e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. Avesso ao nepotismo que sempre grassou na vida pública e privada brasileira, o ex-secretário de Estado do Trabalho e da Habitação do Rio de Janeiro na administração de Leonel Brizola, Carlos Alberto de Oliveira Caó, jamais se permitiu incorrer no equívoco de nomear para seu gabinete ou para sua assessoria parlamentar qualquer um dos seus parentes mais próximos. Este exemplo de inteireza de procedimento bem demonstra a seriedade e o sacrifício com que sempre se desincumbiu de seus encargos políticos, preocupado que estava em servir à causa do bem comum. Caó, como é tratado na intimidade, jornalista, escritor e orador brilhante, afro-descendente que se orgulha de sua origem, proclama aos quatro ventos e para quem quiser ouvir que não se arrepende de ter feito de sua vida política um sacerdócio, para usarmos aqui um jargão de antanho. Não é difícil de imaginar o quanto foi duro e penoso o fato de precisar travar homéricos debates em aditamento à justificativa que apresentou na Assembléia Nacional Constituinte, a ponto de levar os legisladores a colocarem suas assinaturas no projeto, que Carlos Alberto de Oliveira defendia com ardor cívico e convicções patrióticas, afirmando que a prática do racismo, de preconceito e discriminação, equivale por um crime contra a dignidade da pessoa humana. Incluir este delito na ordenação dos crimes imprescritíveis e inafiançáveis, em nosso país, foi um triunfo sem precedente na luta de David contra Golias, do oprimido contra o opressor, do negro - vítima histórica da escravidão - contra o branco escravocrata e detentor de todos os direitos que em suas mãos transformaram-se em privilégios. Nascido em Salvador e filho de um marceneiro com uma costureira, Caó está em condições de entender que a justiça consiste em tratar desigualmente os homens ou instituições entre si desiguais, de modo que este tratamento os leve à igualdade, razão pela qual, não aceita resignado que o negro permaneça carregando o estigma da subordinação, da escravidão e do flagelo, permitindo que ocultem ou desconheçam suas virtudes como um dos indiscutíveis construtores da nacionalidade brasileira. "É preciso não carregar a pele como um fardo", como afirmou Guerreiro Ramos.

Fala Crioulo, de Haroldo Costa - 2ª edição, Editora Record - 1982; 2) Revista Black People - Número 6 - 1997

CARLOS ALBERTO REIS DE PAULA

Ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST)

Carlos Alberto Reis de Paula é natural da cidade de Pedro Leopoldo, na Região Metro-

de Minas Gerais. Nascido em 1945, ano em que terminou o flagelo da Segunda Guerra Mundial, tem hoje 53 anos e formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1970. Seus primeiros estudos foram realizados em sua cidade natal. Tentou fazer carreira eclesiástica, cursando Teologia e Filosofia no Seminário Coração Eucarístico de Jesus, sem ter chegado a graduar-se, em razão de circunstâncias alheias à sua vontade. Carlos Alberto Reis de Paula obteve o seu primeiro emprego público na condição de professor de uma escola do governo na própria cidade de Pedro Leopoldo, onde nasceu e residiu por muitos anos. A partir daí, por meio de um concurso público, acabou tornando-se Técnico de Controle Externo do Tribunal de Contas da União (TCU). Sempre estudando e dedicando o melhor de suas energias físicas e intelectuais para aprimorar os seus conhecimentos jurídicos, em 1979, é aprovado com mérito em segundo lugar para exercer o cargo de procurador-geral da República. Sem jamais acomodar-se nas funções obtidas sempre através de concurso público, Carlos Alberto, quatro meses depois do concurso para Procurador da República, é novamente aprovado para o cargo de juiz substituto do Tribunal Regional do Trabalho (TRT-MG). Neste sentido, Carlos Alberto Reis de Paula, nessa altura dos acontecimentos, transformado num símbolo eloquente de como é possível a um homem do povo, de ascendência afro-brasileira, apesar dos sacrifícios e das inúmeras dificuldades que são colocados ao longo de sua trajetória, superar tais obstáculos quando a ele é oferecida uma oportunidade, ainda que seja uma simples nesga. Assim, batalhador incansável na busca de funções mais nobres que sejam dignas de seu talento de homem estudioso, Carlos Alberto Reis de Paula concluiu, no ano de 1980, o Curso de Pós-Graduação em Direito Constitucional, para, cinco anos mais tarde, dar início à sua carreira de professor, com permissão de lecionar Direito do Trabalho e Direito Processual do Trabalho, na própria Universidade Federal do Estado de Minas Gerais, onde, um dia, fora um de seus mais brilhantes alunos. Hoje, Dr. Carlos Alberto Reis de Paula, tornou-se o primeiro ministro negro do judiciário brasileiro - sua posse se deu no dia 25 de junho de 1998. "Apesar da escravidão ter sido varrida do mapa há mais de

Quem é Quem na Negritude Brasileira



realça o Jornal Brasília. Indicado, como de praxe, numa lista quádrupla, Dr. Carlos Alberto acabou sendo escolhido pelo presidente da República, cujo ato fora confirmado pelo Senado da República. Hoje, a presença de negros em postos de relevo como o de Carlos Alberto Reis de Paula, aos poucos, vai se tornando trivial. Haja visto a presença do desembargador negro, Dr. Gilberto Fernandes, 65 anos de idade, do Poder Judiciário carioca; da juíza de Trabalho Dra. Rilma Hemetério, de São Paulo; do professor Milton Santos, catedrático de nomeada; da professora Maria de Lourdes Teodoro, da Universidade de Brasília; do professor Hélio Santos, que integram, juntos, um pugilote de intelectuais que atuam no mundo acadêmico com o brilhantismo de quem dignifica a sua procedência afro-brasileira.

CARLOS ASSUNÇÃO

Poeta

Carlos Assunção, poeta negro nascido na cidade de Tietê, interior do Estado de São Paulo, no dia 23 de maio de 1927, era a força poética da negritude que explodiu como a violência de uma erupção vulcânica, com o seu PROTESTO, na década de 60. Essa poesia épica que, em certa medida, reeditava de modo inovador a potência vigorosa da poesia de Castro Alves, expressa em Navio Negreiro e Vozes d'África, era, digamos assim, a coqueluche da época em que os jovens negros começavam a invadir as universidades, ainda que em números muito tímidos, sempre estimulados pelos ciclos culturais promovidos pela Associação Cultural do Negro, de Geraldo Campos, pela Casa da Cultura Afro-Brasileira, de Ana Florêncio de Jesus e pelo Aristocrata Clube, que começava a despontar. O poeta Carlos Assunção projetou-se na preferência da juventude negra daqueles dias, não só pelo poder agressivo do referido poema, mas sobretudo, pelo fato de haver sido citado pelo extraordinário crítico literário Sérgio Miliet, em palestra proferida sob o tema. Alguns Aspectos da Poesia Negra, em conferência no auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, evento que fazia parte dos atos comemorativos pelo transcurso do ano 70 da Abolição, numa iniciativa da Associação Cultural do Negro, que se valeu da oportunidade para lançar a revista Cadernos Negros em que a mencionada poesia apa-



blioteca Municipal Mário de Andrade, evento que fazia parte dos atos comemorativos pelo transcurso do ano 70 da Abolição, numa iniciativa da Associação Cultural do Negro, que se valeu da oportunidade para lançar a revista Cadernos Negros em que a men-

cionada poesia apa-

o negro se fortalecia econômica e culturalmente, com maior rancor sentiu a discriminação. Um poeta negro de nossa terra, Carlos Assunção, expõe o problema com muita clareza: Quero entrar em toda parte/ Quero ser bem recebido/ Basta de humilhação/, e para alcançar este objetivo justíssimo está disposto a gritar, Como gritam os vendavais/ Como grita o mar", dizia o poeta crítico Sérgio Miliet, em sua histórica conferência. Segundo o poeta negro, Osvaldo de Camargo, em seus assentamentos de O Negro Escrito, ressalta que foi "enorme a influência do Protesto de Assunção, e é na obra dele que o poema permanece...". O poeta Carlos Assunção, que reside e é professor na cidade de Franca, não foi e não é apenas um contemplativo, pois a sua presença e atuação na área política fez dele um cidadão ativo e um homem de ação em Franca do Imperador. É de se considerar que Carlos Assunção, através do Protesto, numa referência maiúscula e singular daquele período em que sociólogos e intelectuais do prestígio de Florestan Fernandes e Roger Bastide desbravavam e definiam os rumos para onde os poetas com a sua poesia de protesto estavam conduzindo os seus pontiagudos aríetes que eram atirados nas ilhargas de uma burguesia acomodada e insensível a reclamo dos despossuídos, onde o negro se encontrava mergulhado em grandes maresias, com a sua dor, com a sua poesia e com os seus sonhos de esperança e liberdade. Ainda está por aparecer em nossas tertúlias literárias outras e poderosas criações poéticas que tendo o potencial explosivo de um Protesto de Carlos Assunção possa despertar a consciência das elites.

CARLOS CÉSAR ELISBON

Advogado e líder afro-brasileiro

No dia 17 de outubro de 1961 nasce na cidade de Limeira, interior do Estado de São Paulo, Carlos César Elisbon, filho de Sebastião Elisbon e Dona Horminda de Oliveira Elisbon. Formado na profissão de Técnico em Mecânica Industrial pelo Centro Estadual Trajano Camargo de Limeira, de cuja especialização valeu-se para manter sua sobrevivência. Em 1985, graduou-se em Direito, pela Universidade de São Francisco de Assis, com sede na cidade de Bragança Paulista. A preocupação de Carlos César Elisbon para com as questões de natureza espirituais e humanitárias era visível em seu procedimento. Sua vocação inclinou-o para o lado de Conferências de Estudos Políticos e Ecumênicos realizados em 1982, na Universidade de São Francisco de Assis, assim como para os Estudos Jurídicos a respeito da Ética Profissional, levados a efeito naquele mesmo complexo universitário, no mesmo ano. Por ser militante, como advogado por mais de doze anos na

Comunista, e que Carlos Elisbon observa na prática como e quanto o direito à justiça é negado às pessoas pobres e, particularmente, às pessoas de procedência afro-brasileira. Talvez resida aí o seu interesse em participar, como se deu em 1989, na condição de membro da primeira formação do Conselho Municipal dos Interesses do Cidadão Negro COMICIN - da Cidade de Limeira, onde permaneceu até o ano de 1991. Ampliando o seu leque de participação dos Fóruns Jurídicos, Dr. Carlos César Elisbon torna-se o presidente da Junta de Justiça Desportiva da cidade de Limeira, em São Paulo. Dinâmico, competente e sempre combativo, Dr. Carlos César Elisbon, por escolha de seus nobres pares de diretoria, acaba assumindo a presidência do Grêmio Recreativo Limeirense, no período que vai de 1990 a 1992, instituição que se transforma num Clube de Cultura Afro-Brasileira e o ponto de unidade da Comunidade Negra da próspera e aprazível cidade de Limeira. Tratando-se de um cidadão negro de características polivalentes, não se torna difícil para este batalhador e guerreiro da negritude limeirense ser eleito, em 1991, para diretor social da Associação dos Advogados da cidade, cargo no qual permanece até o ano de 1992. Destaque-se ainda que foi "Através do Decreto Municipal de número 247, de 12 de dezembro de 1997, que o Dr. Carlos César Elisbon retorna ao Conselho Municipal dos Interesses do Cidadão Negro - COMICIN, sendo que após a eleição interna, passou a ocupar o cargo de 1º vice-presidente". Desde sua formação em Bachelar em Direito, que o Dr. Carlos César Elisbon vem atuando como ativista de tempo integral junto aos interesses ligados à Comunidade Negra dessa simpática cidade de Limeira Paulista, sempre na área social, com objetivos de promover a auto-estima e a auto-imagem dos cidadãos de origem afro-descendente, conscientizando os seus integrantes da importância e da necessidade de lutar permanentemente pelos seus direitos e deveres de criaturas humanas, despertando-os para as grandes tarefas e para as benesses que lhes são devidas como brasileiros.

CARLOS CORREIA DE ALBUQUERQUE

Secretário de Segurança do Estado de Pernambuco

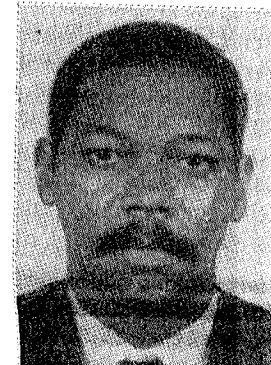
Carlos Correia de Albuquerque, natural da cidade do Recife, Estado de Pernambuco, nasceu no dia 14 de junho de 1940. É filho de Maria Correia de Albuquerque e Carlos Santiago

Quem é Quem na Negritude Brasileira

... ancião do Departamento de Polícia da capital pernambucana e diretor de administração desta Corporação. Dr. Carlos Correia de Albuquerque é bacharel em Direito, formado pela Universidade Católica de Pernambuco. É estudioso das questões jurídico-institucionais, sobre as quais adquiriu amplo e sólido conhecimento. Dr. Carlos Correia de Albuquerque é casado, tendo por esposa Dona Maria Marly Lopes de Albuquerque, com quem tem seis filhos: Carlos Correia de Albuquerque Filho, Carla Lopes de Albuquerque, Fábio Lopes de Albuquerque, Sérgio Lopes de Albuquerque, Fabiana Lopes de Albuquerque e José Leonardo da Silva Xavier, todos menores. É hoje uma dessas personalidades que soube se impor, com humildade, sem arrogâncias racistas ou machistas, de modo a tornar-se competente e por todos estimado. O fato de ser negro e disto ter um saudável orgulho foi um elemento a mais - e não poderia mesmo constituir qualquer forma de obstáculo - para ser indicado como secretário de Segurança Pública pelo nosso grande Leão do Norte, Dr. Miguel Arraes, que por tantos méritos é atualmente governador de todos os brasileiros de Pernambuco, pela terceira vez. Como alguém que conseguiu vencer a "lei da gravidade", sem o auxílio de instrumentos, há mesmo algo, por assim dizer, de "milagroso" nesta ascensão de Carlos Correia de Albuquerque, uma vez que seu nome passou a se estabelecer como a exceção que confirma regras. Pertencente ao grupo dos excluídos, conseguiu superar barreiras históricas, como a do racismo, do preconceito e da discriminação. Carlos Correia de Albuquerque é, sobretudo, um vencedor que pode e deve ser encarado como um dos exemplos mais salutares para o presente e para as futuras gerações de pobres e, por decorrência, para os afro-descendentes ou afro-brasileiros, como queiram os que hoje polemizam em torno dessas terminologias. Basta que demos uma olhadela, ainda que superficialmente, para constatarmos que a vida curricular de Carlos Correia de Albuquerque desenha, com perfeição milimétrica, o perfil de um intelectual negro voltado para a ciência jurídica, não por mero dilettantismo, ou qualquer outro tipo de veleidade, mas para aplicar tais conhecimentos a serviço da coletividade de sua cidade natal e do glorioso Estado de Pernambuco. Tanto é que as promoções se sucederam com a constância e a regularidade de um relógio, culminando com a sua elevação, hoje, à condição, podemos dizer, suprema, de Secretário de Estado de Segurança de Pernambuco. O importante de tudo isso, é que o procedimento do Dr. Carlos Correia Albuquerque transforme-se num paradigma divulgado por todos os quadrantes do Brasil.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Carlos Fernandes do Nascimento, natural de João Pessoa, no Estado da Paraíba, nasceu no dia 17 de fevereiro de 1949. É filho de Dona Egídia Fernandes do Nascimento e Nelson André do Nascimento. De formação universitária, num dos ramos mais difíceis das Ciências Exatas, que é a Engenharia, Carlos Fernandes do Nascimento constituiu-se num bom exemplo, segundo o qual, o negro, quando é amparado pela benesse da oportunidade a que todo o ser humano tem direito, ele cresce, sobe e alcança a plenitude de sua autorealização. Este fato - em se tratando de Brasil, para quem nasceu e viveu numa de suas regiões mais pobres e castigadas duramente pelas longas estiagens, como é o caso típico do nordeste brasileiro - para um afro-descendente, exige um triplo desempenho de dedicação pessoal, coisa quase que impossível para a etnia a que pertence. Engenheiro de Transportes Urbanos e de Segurança no Trabalho, é uma profissão abraçada com sucesso e coragem pelo nosso estimado amigo, Carlos Fernandes do Nascimento. A discriminação racial que é um sinete muito forte no comportamento das elites que detêm as chaves, com as quais, a cidadania brasileira abre as portas para um futuro promissor e feliz, certamente encontra em Carlos Fernandes do Nascimento alguém profundamente determinado e disposto a vencê-la, a qualquer custo. Aqui vai um depoimento dos mais significativos, dado à revista *Veja*, no seu nº 1552 (24/06/98), por parte do desembargador negro, Dr. Gilberto Fernandes, 65 anos, que assim se pronuncia: "Minha indicação para o mais alto cargo do Poder Judiciário carioca é uma homenagem aos meus ancestrais. Minha avó ganhou a liberdade graças à Lei do Vento Livre. Não gosto muito de falar sobre racismo, prefiro trabalhar e conquistar meus espaços. Não posso negar que já passei por situações desagradáveis, mesmo depois de me tornar juiz, há 24 anos. No início da carreira, dividia o gabinete com um colega branco. Os advogados entravam na sala e sempre se dirigiam direto para a mesa do colega. Apesar de a minha ser a primeira. Só me cumprimentavam depois de informados do meu cargo. Não guardo mágoas, prefiro ouvir um bom jazz, dançar com Maria José, minha mulher há 33 anos, e brincar com minha nova paixão, Lucas, meu neto...". Separadas as naturais diferenças



do desembargador, Dr. Gilberto Fernandes, carioca. O que se sabe é que Carlos é também professor assistente da Universidade Federal do Estado de Alagoas e engenheiro civil da Prefeitura do Município de Maceió, posto que vem ocupando por competência e vocação em bem servir seus semelhantes, independentemente de sua condição social, de sua cor e de sua origem étnica. Carlos Fernandes do Nascimento é diretor-fundador do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB).

Revista Veja, Editora Abril, edição 1552, Ano 31 - 24 de junho de 1998

CARLOS GOMES

Compositor e regente

Essa história de dizer que "Enquanto vaca der leite, negro não será livre no Brasil", como, ironicamente o dissera o comendador Joaquim José de Souza Breves, um dos ricaços dos idos de 1880 - quando, só ele, possuía mais de 6 mil escravos negros - não condiz com o que viria a acontecer na realidade. Alguns anos depois, esse mesmo comendador, ex-traficante de escravos, com o que fizera fortuna, lamentava, deprimido, que, se em 1887 a sua contabilidade acusava existir 250.000 arrobas de café, dois anos depois esse número de arrobas caíra para a soma pífia de apenas 30.000 e não havia mais a mão-de-obra para a colheita. Histórias como esta, que ocorreram aos milhares pelo Brasil afora nos fins do século XIX, dão conta de que a luta pela libertação da escravatura fora para valer e rendeu modificações profundas nos hábitos e costumes de nossa sociedade. Aí estão as manifestações abolicionistas e as peças literárias e musicais documentando aqueles episódios e aquelas transformações. "A abolição da escravatura, em 1888, surpreendeu Carlos Gomes compondo Lo Schiavo, que continua sendo tratada como a nossa ópera ou peça musical abolicionista". Na ocasião, foi Visconde de Taunay que idealizou o cenário - para o que pôde contar com a colaboração de amigos importantes e engajados na luta abolicionista, como a do próprio engenheiro André Rebouças - que tinha por objetivo primacial retratar com a maior fidelidade possível o que acontecia entre os negros no Brasil ao longo do século XVIII. A proposta era tentar colocar negros em cena de acordo com a versão original, muito embora libretistas como Paravicini, para agradar e atrair a colônia italiana, preferiam que os índios ocupassem o lugar dos negros nesse espetáculo. Lo Schiavo - O Escravo - de acordo com que nos relata Clavor Filho, foi levado à cena no Brasil e não na Itália como muitos admitem, em 1889. Contudo, o recrudescimento da luta pela abolição total, "já e agora", cuja campanha avançava a passos largos no Estado do Ceará, propi-



cravos negros daquele Estado quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea. Carlos Gomes não consegue ocultar o seu entusiasmo, compondo, "na ocasião, o hoje pouco conhecido Hino do Ceará Livre, peça musical significativa, que foi lembrada por um punhado de pesquisadores de Brasília e posta no álbum Banda de Música de Ontem e de Sempre, da FENAB - Federação Nacional de Associações Atléticas Banco do Brasil, em 1983, prenunciando os preparativos de seu centenário". Carlos Gomes está incluído no livro *Mão Afro-Brasileira*, organizado por Emanoel Araújo, na parte confiada a Clavor Filho. Como a historiografia oficial sempre deixou de nos revelar o quanto foi importante para a destruição total do estatuto do escravismo, julgamos ser justa a colocação de Carlos Gomes nesse painel, no qual se procura falar de tudo que valoriza e enaltece a presença e a contribuição da etnia afro-brasileira. Futuros pesquisadores e estudiosos de nossa afro-brasileidade poderão dar continuidade e aprofundar estudos que levem o povo brasileiro a outras descobertas sobre si mesmo e sobre a nossa história.

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanoel Araújo - Tenenge - 1988.

CARLOS MARIGHELLA

Engenheiro e líder político

Carlos Marighella era baiano. Nasceu na cidade de Salvador, no dia 5 de dezembro de 1911. Seu pai veio da Itália como imigrante e sua mãe era uma negra, descendente dos haussás, raça de africanos que na Bahia estava sempre envolvida em lutas contra o regime escravo, de cuja história Marighella muito se orgulhava, mesmo sabendo que para imigrantes e negros, via de regra, o Brasil não lhes reservasse outra condição a não ser a de pobreza e muita humilhação, no início deste século. Carlos Marighella sofreu na pele desde menino o que era passar por privações ao lado de seus pais. Contudo, superando esses percalços, Marighella conseguiu entrar no curso de Engenharia na Escola Politécnica da Bahia, ao mesmo tempo em que opta por ser militante do Partido Comunista, para dedicar toda sua vida à causa dos operários e desvalidos e pela implantação do socialismo em nosso país. Em meio aos desafios que impôs a si mesmo, Marighella sofre a sua primeira prisão com 21 anos



1964. O que não nos parece muito coerente é que o revolucionário Carlos Marighella, de origem negra e tendo conhecimento e orgulho dessa sua descendência, não nos consta que em algum momento, este destemido cidadão tenha esboçado, sequer, qualquer tipo de defesa em favor da luta específica do negro brasileiro, como, de resto, sempre se verificou com as esquerdas no Brasil, com raras exceções.

Por que resisti à prisão, de Carlos Marighella - Editora brasiliense - OLODUM - 1994. c/ apresentação e prefácio de Antônio Cândido e Jorge Amado, respectivamente

Carlos Rae é natural de Salvador (BA), cidade em que nasceu no dia 17 de fevereiro de 1958. Com 40 anos de idade, é considerado um dos cantores e compositores que enriqueceram os movimentos que projetaram a Jovem Guarda e o Tropicalismo, no plano da Música Popular Brasileira e no âmbito internacional tiveram atrás de Joplin, Hendrix e outros monstros sagrados. Desenvolvendo uma música nitidamente marcada pelos ritmos do Reggae Roots, sons da Jamaica da diáspora da África, Carlos Rae, não deixa de oferecer a sua valiosa contribuição para a defesa e promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana, que hoje venha a ser o novo nome da verdadeira liberdade. Só pelo fato de ter sido o primeiro cantor brasileiro de projeção a se colocar radicalmente contra as leis criminosas do antigo regime do "apartheid", da África do Sul, Carlos Rae merece o tratamento todo especial com que pessoas do prestígio de Evanice lhe vêm dispensando em suas colunas jornalísticas. Engajado, de modo efetivo, nestas lutas sem quartel, usando apenas o poder de sua poesia, com que foge do lugar comum no uso "de uma linguagem alienada imposta pelo mercado". Carlos Rae consagrou-se ao ver que o seu esforço alcançou pleno êxito, uma vez que o movimento internacional contra o racismo tornou-se vitorioso, triunfo que se estende por toda a Humanidade. "A identificação antropológica que há entre a Bahia e a Jamaica é evidente nas suas composições, por ser Carlos Rae um baiano criado nos guetos da península itapagipana, que respira há muito os sons da cultura afro-brasileira". Carlos Rae é desses poetas populares versáteis e, ao mesmo tempo, fecundos, que não se limitam a fazer de sua arte um instrumento voltado única e tão somente para satisfazer veleidades pessoais, ou para agradar os eventuais detentores a poder. Rae é um compositor muito fértil. Na relação de suas composições encontramos uma variedade de temas e ritmos que denunciam uma pessoa eclética e criativa. O gosto pela música, a vocação artística manifestou-se desde a infância na escola primária, porém foram colocados em segundo plano devido à necessidade de lutar pela sobrevivência. Até que em 1985, assistindo a um show de George Benson, no Rock in Rio, lhe veio a emoção que faltava para tomar a decisão que mudaria sua vida. E a partir de então, intensificou os estudos como autodidata no sentido de alcançar a for-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



foram suficientes para fazê-lo parar. Carlos Rae e a Banda Rosa Negra têm feito apresentações em inúmeras oportunidades no sentido de amadurecer um trabalho feito com muito amor e determinação com participação em diversos eventos importantes, além de integrar um grupo que representou a Bahia no I Festival Latino-American de Arte e Cultura, realizado na Universidade Nacional de Brasília. Por conseguinte, a Bahia continua a ser um celeiro pródigo e inesgotável no surgimento de talentos que fazem da arte, das letras literárias, teatrais ou jurídicas, autênticas obras-primas que levam a raça negra a um patamar de dignidade, perenizando nomes como Rui Barbosa e Castro Alves.

CARLOS SANTOS

Advogado e ex-deputado federal pelo RS

Filho de Manoel Ramão Conceição dos Santos e de Saturnina Bibiana da Silva Santos, o ex-deputado federal Carlos da Silva Santos nasceu em 9 de dezembro de 1904, na cidade litorânea de Rio Grande, RS. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Pelotas, da Universidade do Rio Grande do Sul, no ano de 1950, o advogado, desde cedo, estabeleceu laços profundos com as atividades políticas de um país efervescente. Eleger-se deputado estadual no Rio Grande do Sul para as legislaturas de 1959-1963 e 1967-1971. Foi secretário-geral e Coordenador do II Congresso Brasileiro das Assembléias Legislativas dos Estados (1961), tendo recebido o título de "destaque político do ano" em 1967, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Sempre atuante, Carlos Santos promoveu a "Semana de Valorização do Pescado" (mais tarde, objeto de lei pelo governo estadual). Como presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, promulgou a Constituição Estadual de 1967 e inaugurou o Palácio Farroupilha, sede do Poder Legislativo; propôs e presidiu a Comissão Organizadora do I Simpósio Estadual de Estudo dos Problemas do Excepcional (de que resultou a Fundação de Assistência ao Excepcional). Além de propor e presidir a Comissão Especial de Estudos dos Problemas dos Excepcionais (RS - 1971). Carlos Santos foi eleito deputado federal para a legislatura 1975-1978, e reeleito para a legislatura 1979-1983. Na Câmara dos Deputados, presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito para Estudo do Problema do Menor Carente e Abandonado (1976), quando teve a oportunidade de avaliar a condição de vida da grande maioria de crianças pobres brasileiras, as quais, não raro, são negras. Ainda foi membro do Bloco Parlamentar Brasil-Japão; membro da Associação Inter-Parlamentar de Turismo (Conselho-Grupo Brasileiro); e membro do Grupo Afro-Brasileiro da Comissão de Relações Exteriores. Em função

da "Pro Ecclesia Et Pontifice", conferida pelo Papa João XXIII em 1960. Recebeu igual comenda do Papa Paulo VI em 1967. Foi condecorado como *Grande Oficial da Ordem do Mérito da Justiça do Trabalho* (1975); Medalha Anchieta, conferida pela Câmara Municipal de São Paulo (1974); *Grande Benemérito da Cidade de Porto Alegre* (Câmara Municipal - 1974); além de ter recebido o *Prêmio Springer Por um Rio Grande Maior*, no ano de 1963.

Texto Elaine Inocêncio;

CARMELITA CAMPOS

Coreógrafa e bailarina

Carmelita Maria da Silva Campos é natural de Araraquara, interior do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 8 de julho de 1963. É filha de Isaías Arsênio da Silva e Enir Rocha da Silva. Casada com o sr. José Carlos de Campos, nascido em Piracicaba, Carmelita Campos fez os primeiros estudos em sua cidade natal, formando-se em técnica de biologia. Na cidade de São Carlos, concluiu o curso de Educação Física, sendo hoje, por força de sua nobre profissão, professora de dança da Secretaria Municipal de São Carlos, cargo este ocupado de natureza efetiva. Carmelita Campos é ainda diretora do Balé Enisacar, há mais de 10 anos, com sede instalada na cidade de Araraquara, escola esta que obteve vários títulos honoríficos e premiações que vão de âmbito regional ao internacional, passando pelo estadual e nacional. Atua Carmelita Campos, também, como diretora do grupo Conexão (Dança de Rua) e da Companhia AFRO, na cidade de São Carlos. É de se destacar que por força de uma vocação inata, esta brilhante dançarina fez-se uma pessoa afro-brasileira das mais conhecidas e admiradas da região em que atua desde a idade de 7 anos, quando deu início à sua bem sucedida carreira no Conservatório Villa Lobos, em Araraquara, tendo como seu primeiro professor o inesquecível mestre Eduardo Sucena. Mais tarde, dando prosseguimento aos seus estudos de bailarina clássica, na cidade de São Carlos, Carmelita Campos entra para a Escola Terpsícore da grande e renomada maestre do ballet clássico, Dilma Lima, onde e com quem passa a ter uma verdadeira paixão por esta forma nobre de expressão corporal, desta feita assistida por ninguém menos do que Halina Burinacka (São Paulo), uma senhora de origem polonesa de hábitos rígidos, que tanto admirava os gestos espontâneos de autenticidade e criativos dessa jovem negra que começava a despertar para a arte que tornou cérebre, no Brasil, a nossa Ana Botafogo. "Convidada para integrar o Grupo Beth Ballet, da cidade de São Carlos, Carmelita dá início profissionalmente à sua extraordinária carreira de bailarina e de coreógrafa o que, deveras contribuiu para que esta afro-

tasse no cenário nacional desta requintada arte, conquistando fama e prestígio para a sua gente e para a sua cidade natal. Após 9 anos de presença nessa

escola, sai para iniciar um projeto, para o qual existia apenas uma vaga na Prefeitura de São Carlos: o desenvolvimento de atividades bem sucedidas com crianças e adolescentes que nunca tiveram a oportunidade de criar coreografias ou de pisar num palco, ou ainda, de frequentar um estabelecimento especializado em ballet, projeto este que já dura 10 anos. Carmelita Campos, através do ballet clássico, do jazz, da top, da afro-dança, marcou o seu nome e a sua performance em Vernon, (The Alvin Ailey American Dance Center) - em New York; com Jeff Manh (ator de All The Jazz e José Weier (The Alvin Ailey American Dance Center-New York); da Heri Le Tang (a escola do ator Gregori Hinnes) e de Ligia Barreto (Alvin Ailey American Dance Center - New York - USA; estes envolvimentos registram a presença e a participação de Carmelita Campos, em cursos no exterior.

Dados fornecidos pelo professor da Universidade Federal de São Carlos (SP), Emerson Leal

CARMEN COSTA

Cantora

Trajano de Moraes, próxima à cidade de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, é o berço de nascimento de Carmelita Madriaga, que viria a ser a grande cantora da Música Popular Brasileira, conhecida por Carmen Costa, que veio ao mundo no dia 5 de janeiro de 1920. Trabalhando para uma família evangélica, com a idade de 9 anos, Carmen Costa



Arquivo Ed Góes

seus ouvidos e modelando a sua voz, que passariam, mais tarde, a ser os instrumentos de sua longa e bem sucedida carreira profissional. "Paralelamente, ouvia sua mãe e outros negros, amigos da casa - quase todos escravos libertos - murmurarem rezas cantadas, ou participava de suas festas, conhecendo o jongo e o catedré". O jongo é uma dança de roda dos escravos afro-negros executada ao redor de instrumentos musicais e o careretê é dança de procedência indígena, composta de cantos, sapateio e palmas, quase sempre ao som de viola. É de se observar como as raízes da cultura afro-indígena estavam impregnadas no âmago da alma da cantora Cármem Costa, assim como estão, também, mergulhadas nos nossos sentimentos de brasiliade. Trabalhando como empregada doméstica na casa de Francisco Alves, o famoso Chico Viola, em 1935, Cármem Costa começa a freqüentar programas de calouros nos momentos de folga. Em 1937, torna-se "crôoner", cantando numa gafieira de nome Elite, por meio da qual é que Cármem Costa vem a conhecer o cantor Henricão, que viria a ser o grande amor de sua vida. Cármem e Henricão saíram por este Brasil afora, em 1942, cantando em dupla, já tendo gravado *Onde Está o Dinheiro* e *Dance Mais Um Bocado*, criação de Henricão e *Samba, Meu Nêgo*, de Bucy Moreira, o que dera estrondosa popularidade a Cármem Costa, incentivando-a dar início em sua carreira solo, cantando *Está Chegando a Hora*, versão que Henricão produziu para *Cielito Lindo*, muito em voga na ocasião. Mesmo a gravadora tendo distribuído 35 discos únicos e tão somente para divulgações nas rádios, ainda assim, Cármem Costa culminou, tornando-se o maior êxito do Carnaval de 1942. Em 1943, Henricão repete a dose dos sucessos anteriores ao verter o tango *Caminito* para *Carmelito*. Por essa ocasião, o norte-americano Hans Van Kohler atravessa em seu caminho e casa-se com Cármem Costa, que passa a residir nos Estados Unidos por cerca de dois anos, vivendo com ele, uma vida difícil, precisando trabalhar como operária a arrumadeira de hotel. Antes de retornar ao Brasil, registra uma estada na Venezuela e na Colômbia. Aqui chegando, Cármem Costa retorna aos sucessos, desta vez, com o frevo *Sonhei Que Estava Em Pernambuco*, de Clóvis Mamede, *Cachaça Não é Água*, de Mirabeau, *Eu Sou a Outra*, de Ricardo Galeno, *Obsessão*, de Mirabeau e Milton de Oliveira e *Jarro da Saudade*, também de Mirabeau, Geraldo Blota e Daniel Barbosa. Na verdade, "embora tenha tentado várias vezes se fixar no exterior, Carmen Costa fez, no Brasil, uma das mais longas

estadas". Definitivamente instada em nosso país, Cármem Costa grava o disco *Trinta Anos Depois*, iniciativa que a faz reviver antigos sucessos, com que realiza um memorável espetáculo na Igreja da Glória do Rio de Janeiro, entoando hinos religiosos. Ismael Silva ainda a teve como intérprete de suas geniais criações; gravou os LPs *A Música*, de Paulo Vanzolini, com Paulo Marquez, e *Benditos, Hinos e Ladinhas*, extraídos, dez anos depois, do espetáculo da Glória. Em 1984, com um show em Curitiba, Cármem Costa comemorou 50 anos de carreira artística, declarando: "estou cantando para a 5ª geração".

História do Samba - Edição Globo - 1997 - Larousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo - 1988.

CARMEN QUEIROZ (A PATATIVA DE ÉBANO)

Cantora

É forçoso reconhecer que Cármem Queiróz é uma das mais belas vozes da nova geração de intérpretes da Música Popular Brasileira. Seu jeito doce e ao mesmo tempo vigoroso de tratar as músicas do seu vasto e variado repertório tornou-se uma espécie de marca registrada de seu perfil de artista negra e de mulher que ama e que gosta do que faz; por isso suas interpretações beiram



a escala da perfeição. É dentro dessa característica que Cármem Queiróz se singulariza e se projeta para além e para acima dos limites impostos aos que não quiseram, ou não souberam libertar-se das algemas de vulgaridade. Cantora visivelmente apaixonada pelos sambas brasileiros e pela riqueza das nossas serestas, Cármem Queiróz pôde dar-se ao luxo de conviver e de elevar ao nível superior a natureza de seu ecletismo quase que ilimitado. Sua carreira, que teve início no ano de 1976, nunca sofreu interrupções de monta, razão pela qual vem se apresentando de lá para cá com enorme e regular sucesso, em casas noturnas de con-

tra Bem Motivo, etc. Sua presença de artista estimada e ouvida com admiração e entusiasmo por quantos tenham a oportunidade de apreciá-la, ao vivo, ou nos seus CD's, está crescendo e vai tomado vulto no conceito dos melhores apreciadores da arte de cantar e de críticos que se ocupam em analisar de modo detido e com imparcialidade, nomes da envergadura de Cármem Queiróz. E não seria para menos. Em teatros como João Caetano, Itália, Martins Penna, Funarte, e em outros de igual importância em São Paulo, tem-se feito ouvir por um público fascinado por belas vozes, belas músicas e belas performances, clima em que a cantora negra Carmen Queiróz sempre se sai bem; a exemplo dos shows *A Estrela Dalva*, realizado em homenagem à grande cantora Dalva de Oliveira, *A Bahia Espera, Verso e Reverso, Realidade do Canto à Poesia, Enquanto Eu Fizer Canção e Recordar*, que se revestiram de especial êxito, por ocasião de suas apresentações excepcionais. Há mesmo "um de caso amor" bem resolvido entre Cármem Queiróz e a sua arte, como intérprete de Música Popular Brasileira, que se a chamassemos de *A Patativa de Ébano* estariamos definindo com precisão e justiça, o amplo espaço cultural afro-brasileiro que esta sensível e talentosa sambista está ocupando, a partir do instante em que se fez cantora. A gravação intitulada *Flor da Paz*, onde interpreta com versatilidade os múltiplos estilos da MPB que incluem composições de Geraldo Vandré, Carlos Lyra, Cartola, Vidal França e João Bá é reveladora da preocupação de Cármem Queiróz em priorizar o resgate da memória dos nossos sambas e de nossas raízes musicais. *Beira Mar*, por exemplo, toada recolhida por Lira Marques e Frei Chico, é uma dessas riquezas folclóricas que *A Patativa da Negritude* interpreta magistralmente, enquanto no CD *Antologia Musical Brasileira - Marchinhas de Carnaval*,

destacam-se *Eu Dei*, de Ary Barroso e *Evocação N° 1* de Nelson Ferreira. Já com conotações internacionais, Cármem Queiróz participa do Encontro Brasil/Cuba, sempre ao lado de cantores de renome, como Zé Kétti e Los Sauces (Cuba), ao mesmo tempo em que Beth Carvalho, Fundo de Quintal, Délio Carvalho, Luiz Carlos da Vila e Dona Ivone Lara orgulham-se por haver dividido o palco com esta pequenina negra notável. Lamartine Babo, Ataulfo Alves, Ismael Silva, Lupicínia Rodrigues, Noel Rosa e Geraldo Pereira, onde estiverem, estarão orgulhando-se de suas composições interpretadas pela magnífica voz de Cármem Queiróz.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Nossas avós e nossos avôs, as pretas e os pretos velhos e as nossas velhas-guardas são o tesouro da negritude e de toda a sociedade brasileira. Sua luta, sua vivência, sua experiência de vida, seu testemunho das labutas, das pessoas, da vida das mulheres e homens negros são preciosidades, que eles nos legaram e nos orientam na nossa caminhada por um Brasil liberto da discriminação, fraternal, humano e mais justo. Carmem Teixeira da Conceição, mãe-de-santo, baiana de tabuleiro, pagodeira, contemporânea de João da Baiana, Tia Ciata e muitos outros é um destes exemplos encantadores de liderança popular granjeada através de sua atuação no seio das genuínas manifestações culturais da negritude, como as rodas de samba, os batuques, o carnaval, além do seu trabalho comunitário como mãe espiritual de todos em seu redor. Daí seu enorme prestígio e respeito. Sem mais delongas, vamos ao seu riquíssimo depoimento colhido por Haroldo Costa:

“Há 95 anos que eu faço festa para São Cosme e Damião. Sou muito devota dos dois santinhos de maneira que desde que eu tinha dezessete anos de idade, dou uma festa pra eles no dia 27 de setembro. É um prazer e um motivo para agradecer as graças que eles me concedem. Entrei para o candomblé ainda na Bahia, muito menina mesmo. O meu pai e a minha mãe eram feitos no Santo e fizeram a minha obrigação logo cedo. Eu nunca quis ter as obrigações de filha-de-santo e muito menos quando cresci, de mãe-de-santo. O que eu sempre quis mesmo foi ir às festas, dançar, cantar e depois voltar pra minha casa. Entrei nos fundamentos da religião, sei de tudo, mas nunca botei a mão em nada. A única coisa que eu faço é rezar criança, e é aí que São Cosme e Damião me ajudam. Qualquer criança que tiver com ventre virado, quebranto, mau olhado, espinhela caída, eu rezo, dou um chazinho e a criatura está curada. Mas em 1979 eu tive uma grande tristeza. Na véspera da minha festa, com tudo comprado, com os seiscentos litros de chope lá no quintal, com o panelão de caruru pronto, acarajé que não terminava mais, tinha tudo que era preciso, graças a Deus e Oxalá. Pois justo nesse dia, minha filha mais velha que sofria muito do coração teve uma dor forte no peito e morreu. O velório foi aqui na minha casa mesmo. O pessoal vinha fazer quarto, ia lá fora, comia bebia, voltava, ficava mais um pouco. Dali a pouco aqueles saíam, outros chegavam, e assim foi a noite inteira. Nunca mais teve um gurufim como aquele aqui nas redondezas. Ainda me lembro que lá na Bahia - eu nasci na Amaralina - a nossa família e os nossos vizinhos eram tudo uma mistura de africano com baiano. Os nossos pais não deixavam a gente ficar perto deles quando estavam conversando com outros adultos. Eles olhavam com o

de contar coisas da escravidão, da senzala, esses assuntos não saíam lá em casa. Na Abolição eu tinha dez anos, mas não me lembro de nenhuma festa por causa disso, talvez tivesse havido alguma coisa na cidade, mas lá na Amaralina não me lembro de nada. O mesmo foi na Proclamação da República, a gente escutava falar, mas não sabia o significado diretamente assim do que era isso. O pessoal da cidade era mais civilizado, lá na roça a gente não ligava muito pra leitura, nossa vida era plantar e colher. Quando viemos para o Rio, minha mãe, eu e mais dois irmãos, porque o meu pai arranjou outra mulher e foi uma trapalhada danada, fomos morar na rua Senador Pompeu; lá era onde se juntava a baianada toda. Naquelas redondezas vivia a falecida Bambala, a Alzira Homem, a Quinota, Benta Bahiana e a Tia Ciata, que eu conheci na casa do meu pai João; padre-santo, bem entendido, João Alabá. Eu era uma meninota espigadinha e todo mundo gostava de mim. Achavam muita graça porque eu sabia dançar pra tudo quanto era santo e, além disso, cantava até direitinho. Os rapazes mexiam muito comigo, mas eu não dava trela a eles. Brincava, tratava todos muito bem, mas namorar mesmo só muito pouco. Aquele que eu mais gostei, e casei com ele, foi o Manoel Teixeira, que tinha o apelido de Sibuca. Tanto que eu fiquei conhecida como Tia Carmem do Sibuca. Ele era um homem maravilhoso, nunca me proibiu de ir a canto nenhum. Às vezes, ele não gostava das festas, ou não gostava da festa, ou não estava muito disposto, mas me acompanhava sempre e só saía quando eu queria ir embora. Saí em tudo quanto foi rancho: Cananga do Japão, Flor da Camélia, Paladino, Flor do Lírio. Ele não se fantasiava, botava aquela camisa bonita, chinelo charlô, que também tinha o nome de cara-de-gato, algumas vezes uma boina e era tudo. Ia pelo lado de fora da corda nos acompanhando. A profissão dele era marneneiro e lustrador. Trazia coisas pra fazer em casa e com isso eu fui aprendendo a preparar verniz pra lustrar, empalhar cadeira. Precisa ver como até hoje eu empalho uma cadeira. A vista está falhando um pouco mas ainda dá. A nossa casa era um ponto de encontro de todo mundo que gostava de um pagode. O João da Baiana, por exemplo, esse só queria sambar e tocar pandeiro. Um irmão meu, o Pendengo, foi quem arranjou pra colocar ele na estiva, não sei como o João foi parar no rádio. Ele era muito sapeca e sempre fazia um samba mexendo com os amigos. Como meu irmão só comprava roupa no brechó, o João encarnava nele fazendo umas músicas falando disso. Outro que era íntimo lá de nossa casa era o Donga. Como eles pintavam um com o outro! Meu marido era amigo deles e gostava que eles fossem lá em casa, mas o João tinha ciúme do Donga comigo, e o Donga tinha ciúme

de uma música nova. Era sempre assim. E aí começava aquela batida de pandeiro, prato-e-faca, aquela tocação de violão que ia até às tantas. Quem passava na rua pensava que era festa, mas no mais das vezes não era não. Tinha umas três ou quatro pessoas só. Felizmente a casa era grande e quando me dava vontade de ir dormir eu deixava eles lá e me mandava. Mas nem sempre conseguia sair de fininho, porque eles gostavam de me ver cantar e ficavam insistindo, de maneira que começava a cantar a música de um, depois tinha que cantar de um outro e assim ia pela madrugada adentro. Aliás não cantei no rádio porque não quis, convite não me faltou. O Sibuca foi o pai de todos os meus filhos, e sabe quantos tive? Vinte e um. Isso mesmo: vinte e um. Mas só doze cresceram. Eles foram educados graças aos lustros que meu marido dava nos móveis e aos doces que eu vendia. Durante muitos anos fui baiana de tabuleiro. Fazia ponta na Lapa, no Campo de Santana, na Feira de Amostras, na esquina da Praça Onze. E quando eu não podia ir botava uma das meninas, depois que vinham da escola. Aí eu ia pra casa cuidar de outras coisas. Como pobre, graças a Deus, ao Senhor do Bonfim e a Oxalá, sinto-me feliz porque todas se encaminharam na vida. Digo todas porque os homens morreram. Sobraram doze meninas. Mas também eu tive três barrigas de gêmeas... Uma é enfermeira e trabalha no Fundão; outra trabalha na escola Mendes de Moraes e já está na hora de se aposentar; as que não deram pra leitura, sabem pelo menos ler e escrever e se casaram com ótimos maridos. Juntaram um dinheirinho, ajudaram os esposos e todas têm o seu apartamentinho próprio. A Adelaide, por exemplo, comprou o dela pela Sandra Cavalcanti. O marido trabalha no Arsenal de Marinha, conseguiu botar um dinheirinho de lado e compraram. E sabe de uma coisa? Na casa de todas tem um quartinho pra mim, mas eu prefiro morar sozinha nesta casa aqui onde estou, na rua Professor Clementino Fraga, perto da Praça Onze, da rua Santana, lugares onde eu sempre vivi e onde tenho todos os meus amigos. O meu Sibuca morreu com 78 anos de idade aqui na Praça Onze. O enterro dele parecia enterro de oficial, de um general, basta dizer que foi no Cemitério do Caju, e o caixão foi levado à mão por um bom pedaço. Nós fomos muito considerados por aqui, e eu continuo sendo até hoje. Fico até enjoada quando saio, porque é um tal de me cumprimentar tanta gente, só vendo. É no botequim, é chover no ponto de ônibus, é o gari, é o homem da venda, todo mundo, só falta esticar o tapete pra eu passar. É tia Carmem pra cá, é vovó Carmem pra lá, é um chamego danado. Geralmente eu saio, vou até o bilheteiro que tem aqui na esquina pra

sultado prosando com o pessoal que fica por ali também, ou senão vou almoçar na casa de minha filha que mora ali perto, tiro uma soneca e aí volto para ver se o bicho deu. E tem dado muito, graças a Deus. No mês passado acertei dois milhares, mas dividi logo com a igreja, dou uma parte para São Cosme e Damião. O que eu quero é continuar fazendo ainda por muito tempo a minha festa pra São Cosme e Damião, que começa com uma missa na Igreja de São Jorge e depois aqui em casa - chova ou faça sol - tem comida e bebida pra quem chegar, preto, branco, rico, pobre, é só pegar prato, talher, copo e ficar como se estivesse em casa. Em 1985 vou completar os cem anos de festa, essa eu garantir que vai ficar na história do Rio de Janeiro. Ninguém nunca mais vai-se esquecer dela, quem for vivo vai ver".

CAROLINA MARIA DE JESUS

Poetisa e escritora favelada

Quarto de Despejo foi o livro escrito por uma favelada negra, semi-analfabeta que causou um autêntico impacto na consciência do povo deste país, neste tempo em que nos aproximamos do limiar do século XXI. Sua autora, Carolina Maria de Jesus, e seu histórico descobridor, jornalista Audálio Dantas, jamais poderiam imaginar o poder explosivo que estava contido no diário escrito por esta mulher pobre, negra, catadeira de papéis, de cuja repercussão surgiria uma verdadeira confissão de culpa por parte de toda sociedade branca brasileira tradicionalmente dominante, por haver perpetrado o estabelecimento de um clima de injustiças e de brutalidade sobre as populações afro-descendentes. Esses atos de violência ainda hoje se registram mesmo depois da abolição do trabalho escravo no Brasil, 1888. Carolina Maria de Jesus é da cidade de Sacramento, portanto, mineira, nascida em 1914, era neta de escravos. Segundo Carolina, seu pai, que não chegou a conhecer, era "tocador de violão e não gostava de trabalhar" vindo a ser, em consequência, a futura escritora, criada pela mãe, com quem passou grandes privações, razão pela qual teve de abandonar o curso primário para ajudar no sustento da casa. Depois de passar por grandes peripécias pelo sul de Minas Gerais, veio ter em São Paulo, acabando por se estabelecer na Favela do Canindé, onde hoje se encontra construído o majestoso campo da Portuguesa de Desportos. O diário, Quarto de Despejo, como dizíamos, alcançou inesperado e impressionante sucesso; sua

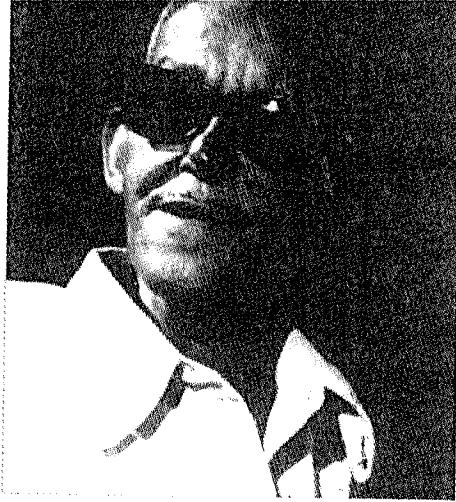
para cerca de trinta idiomas, merecendo sucessivas reedições com tiragens superiores a 100 mil unidades. Quarto de Despejo foi adaptado para o teatro, rádio, televisão e cinema, sempre acompanhado de grande sucesso. O caráter social desta obra mede-se pelo poder que teve, que foi capaz de acabar com a Favela do Canindé, na ocasião, a maior e mais problemática existente em São Paulo. Carolina Maria de Jesus publicou também outras obras, como o Diário de Bitita (1996), Casa de Alvenaria, crônicas, Pedaços da Fome, romance - este prefaciado por nós e publicado pela editora Aquila, em 1963. Maria Lúcia de Barros Mott comenta com muita propriedade, dizendo que depois que Carolina caiu no esquecimento, "o desprezo pela escritora chegou a tal ponto, em nosso país, que o bonito livro de memórias Diário de Bitita foi publicado primeiro na França em 1982 e apenas em 1986 foi editado no Brasil, pela Nova Fronteira". Outra ingratidão que se mistura ao preconceito de cor, está no fato, segundo realça ainda Maria Lúcia de Barros Mott, de se pretender atribuir a criação do livro Quarto de Despejo ao jornalista Audálio Dantas, fazendo com que certas pessoas hoje olhem com reserva a obra de fundo eminentemente social, sem que seus atributos artísticos sejam comprometidos em nenhum momento. Esta mulher negra das Alterosas tinha tanta vocação para escritora que certa vez rejeitou seu pretendente a marido relatando-nos: "Manuel apareceu dizendo que queria casar-se comigo. Mas eu não queria porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E levanta para escrever. E que deita com o lápis e papel debaixo do travesseiro". Maria Lúcia é quem nos chama à atenção para esta singular particularidade da vida de Carolina Maria de Jesus.

Dicionário Literário Brasileiro de Raimundo de Menezes - Segunda Edição - Livros Técnicos Científicos Editora - 1978; 2) Escritoras Negras - Resgatando a nossa História, Maria Lúcia de Barros Mott - Papéis avulsos- 1989.

CARTOLA

Compositor e cantor

Dizem alguns estudiosos acerca do negro brasileiro que afirmam a seu pendor para ser tratado e conhecido apenas e tão somente pelo apelido, particularmente quando este pertence às camadas populares. Não estaria aí, mergulhado no seu inconsciente, um instrumento de defesa que faz com que permaneça no anonimato o seu verdadeiro nome civil? Para nós, é algo atávico que



passa de geração em geração, como se ele ainda estivesse em guerra contra os seus oponentes escravagistas: fazer-se de morto, desconhecido, ignorado era um passaporte seguro para fugir do cativeiro e se embrenhar mato adentro à procura da sonhada liberdade reinante nos Quilombos; era, na época, uma questão de sobrevivência. Fugindo-se ao perigo das generalizações é, também, por este ângulo que podemos interpretar que um Agenor de Oliveira entrasse para a gloriosa história do samba brasileiro como nome, ou melhor, com o epíteto de CARTOLA. Ele mesmo é quem diz que descobriu que era Agenor, quando se casou com Zica, já quase sessentão. E aqui vamos nós. Cartola é de 11 de outubro de 1908, carioca cujos pais, Ana Gomes de Oliveira e Sebastião Joaquim de Oliveira, em quase nada influíram para que ele se transformasse num titã da Música Popular Brasileira, já que tudo fizeram para que Cartola tivesse uma infância tranquila. Laranjeira, bairro de classe média, era onde residia com seus familiares. Portanto, o caso Cartola é um caso típico de vocação, o que acabou por empurrá-lo para que se transformasse numa figura de destaque como compositor da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira. Já havia Cartola concluído, a custo, o curso primário, quando sua família muda-se para o Morro de Mangueira, mudança esta que concorreu para que o menino de 11 anos de idade passasse a misturar-se com a alta malandragem e com a boemia que dava vida e coloração poética ao Morro de Mangueira. Estava formado o conflito geracional entre pai e filho. Com a morte da mãe e o afastamento do pai - que deixa o Morro da Mangueira-, Cartola então, com 14 anos, vê-se sozinho para dar início a sua carreira que, diga-se de passagem, foi agitada e gloriosa para o samba brasileiro. Tenta emprego fixo, mas pouco consegue além de ser um simples ajudante de pedreiro; daí, o seu apelido de Cartola, por usar, sistematicamente, um chapéu-coco para não sujar os cabelos de cal e cimento. Apaixona-se por Mangueira perdidamente, impondo-se ao respeito dos

Cordas de aço e muitos outros. Se nas brigas era franzino e pouco recomendado, nos instantes de fazer samba tornava-se um gigante imbatível. Tanto é que foi Cartola quem acabou com as arruças, fundando com os sambistas de diferentes tendências uma Escola de Samba que representasse o Morro, fazendo-o respeitado por toda a opinião pública da época. Surge aí o nome de Estação Primeira de Mangueira. Cartola, ele mesmo, é quem escolhe as cores verde e rosa para o pavilhão que tanta paixão passou a despertar no Brasil inteiro, tornando-se seu primeiro diretor de harmonia. Daí para a notoriedade foi um passo. Tanto é que os seus sambas-enredos criaram a escola. A exemplo do *Vale do São Francisco*, que ainda hoje é citado pelos especialistas como um dos melhores no gênero. Cantores e seresteiros sobem o morro para obter músicas de Cartola, para cantá-las pelas rádios e encantar a Cidade Maravilhosa de Ari Barroso. Francisco Alves, Mário Reis, Carmem Miranda, Sílvio Caldas e outros reis da popularidade orgulhavam-se de cantar sambas produzidos por Cartola, "daquele talentoso menino da Mangueira". Grava LPs, autênticos documentos do samba brasileiro, o que se deu a partir de 1974. Casa-se com Dona Zica já em idade provecta, mas no auge da glória, morre aos 72 anos de idade, no dia 30 de novembro de 1980, cujo velório se deu na quadra da Mangueira.

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 199



balançasse as estruturas de nossa sociedade de cultura eurocêntrica. Foi daí que surgiu a audaciosa iniciativa de editar a revista afro-negra *Black People*, toda ela feita por negros e para negros. Não se custou muito em apontar esta revista como o que melhor se assemelha à sua co-irmã americana *Ebony*, em razão de sua forma e conteúdo ideológico. "E esta ideologia é uma característica marcante da personalidade de Cátia Souza - que está empenhada 24 horas por dia" na manutenção e divulgação deste veículo de comunicação, que vem merecendo a melhor e a mais entusiástica receptividade da parte da comunidade afro-brasileira. "A proposta da *Black People* é ser leve, objetiva, mas consciente", diz Cátia. Vice-presidente política da ANCEABRA-DF, Cátia, aos poucos, conquistou o Movimento Negro Brasileiro, que "não estava acostumado a lidar com uma pessoa negra capitalista". Em 1997, Cátia e a sua revista patrocinaram a 1º Convenção Dinâmica de Direitos e Valores do Negro no Mercado, que contou com o apoio e realização do I.P.D.H./CEM - Centro de Estudos Assessoramento de Empresas. Este evento lhe rendeu uma maior aproximação com as embaixadas africanas sediadas no Brasil. Presentemente, a maior aspiração de Cátia é estabelecer projeto objetivo de ajuda aos negros e negras que pleiteiam ingressar na vida pública para aumentar o número e a qualidade dos políticos que deverão compor a nova bancada de parlamentares, no Congresso Nacional.

CÁTIA SOUZA

Jornalista e editora

Cátia Jussara Lopes de Souza, nascida no Estado do Rio de Janeiro há 38 anos, pertence a um pugil de criaturas humanas de raro valor, pois destaca-se entre "GENTE QUE FAZ". Sua luta contra as injustiças, os preconceitos, as discriminações e o racismo institucionalizado é por demais conhecida e admirada por todos. Afinal de contas Cátia Souza vive num país que, no dizer do professor Sena A. Cornely, é portado de um vírus de racismo que se nos "apresenta características sutis que escamoteiam sua existência. Falamos de democracia racial: formalmente o negro é igual ao branco; há mesmo uma série de leis que protegem as minorias - no meu entender, maiorias minorizadas - e punem as manifestações raciais e as práticas discriminatórias", enquanto que a realidade do nosso cotidiano é bem diferente. Pessoa da bravura, do vigor e da inteligência de Catia Souza, hoje empresária e mãe de cinco maravilhosos filhos, não se compraz apenas em haver obtido sucesso pessoal; ela se preocupa, também com todo esse universo que compõe seu meio-ambiente. Ex-funcionária (por opção) do departamento de marketing da Petro-

CÉLIA APARECIDA PEREIRA (CELINHA)

Poetisa

Célia Aparecida Pereira nasceu em 9 de outubro de 1956, em São Carlos, Estado de São Paulo. Celinha publicou 5 poemas no Cadernos Negros 1, uma pequena estória no Caderno Negros 4 e 6 poemas

no Cadernos Negros 7, tendo participado do Primeiro Encontro das Artes Faladas, um tributo aos poetas negros, que aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo em 1986.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

lher negra, e sua condição de pós-graduada em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Rijeka, Iugoslávia, (hoje Croácia), lhe deu base para a criação de um projeto que

Celso Roberto Pitta do Nascimento nasceu no dia 29 de setembro de 1946 e é natural do Estado do Rio de Janeiro. Superando dois obstáculos tidos como intransponíveis pelas elites de plantão, que se prendem ao fato de Celso Pitta ser negro e orgulhoso de sua origem e de ser ainda carioca de nascimento, este político neófito encara estas realidades de frente. E sustentado num amplo leque de apoios, candidata-se a prefeito de São Paulo, a segunda maior cidade do mundo e o segundo orçamento do Brasil para, em seguida, de modo insofismável, vencer as eleições de 1996, com a expressiva votação de 3.178.300 votos, ou seja, com 62,28% dos votos válidos realizando a proeza de se tornar o primeiro prefeito negro eleito da história desta metrópole. Não há dúvida de que, para quem disputa um cargo público de tal magnitude pela primeira vez, a vitória de Celso Pitta constitui-se num fenômeno político digno de nota e da maior relevância, sinal auspicioso ante o limiar do segundo milênio que se aproxima a passos largos. Bacharel

em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado em Economia dos Transportes pela Universidade de Leeds, na Inglaterra, e graduado em Administração Avançada pela Harvard Business School, nos Estados Unidos da América do Norte, Celso Pitta sente-se municiado de credenciais da maior importância para dar início à sua vida pública transformando os sucessos de sua carreira de administrador da coisa pública ou privada num ato simplesmente cotidiano. Para nós, que militamos em defesa do direito de cidadania das mulheres e homens negros, não pode deixar de ser um grande estímulo à presença de um descendente de afro-brasileiros à frente de uma Prefeitura como a de São Paulo. Prova, de forma eloquente, que quando as oportunidades de preparo são oferecidas às pessoas, independentemente da cor da sua pele ou da sua precedência étnica, as chances de sucesso são enormes, fazendo com que, em tais casos, negros e brancos se ombrem na ocupação de cargos ou funções, que hoje se nos apresentam como exercício exclusivo da cultura eurocêntrica. Celso Pitta é a exceção confirmado a regra que precisa ser quebrada, para que a justiça se estabeleça entre nós e o clima de uma democracia plena transforme-se num apanágio de nossos dias, para o bem de negros e brancos, que não fazem da diferença entre si um motivo de guerra que espalhe holocaustos e massacres de



contra Celso Pitta, com o deliberado propósito de ferir de morte a sua administração municipal, sem que os dados do racismo e das discriminações se façam presentes, nos termos que Dom Paulo Evaristo Arns tanto combate com veemência. Se há erros a serem apontados, ou falhas a serem corrigidas, estas correm muito mais por conta de uma conjuntura que se apresenta adversa às comunidades municipais, hoje vítimas dessa estrutura invisível mas asfixiante que, descendo à capilaridade, acaba por esmagar o ser humano, esteja ele onde ou com quer estiver. É evidente que uma boa administração de Celso Pitta há de ser um bônus a mais creditado a favor dos afro-descendentes.

CELSO PRUDENTE

Cineasta e professor

Celso Luiz Prudente nasceu na cidade de São Paulo no dia 22 de maio de 1958 e é filho de Dona Aparecida Silva Prudente e Celino Prudente. É pedagogo e cineasta negro que goza de invulgar prestígio na área de sua especialidade. É autor consagrado pela obra *Barravento - O Negro como Possível Referencial Estético do Cinema Novo de Glauber Rocha* - trata-se de uma antropologia do cinema. Professor da Faculdade Casper Líbero e da Universidade do ABC (São Caetano do Sul), é também diretor de comunicação e cultura



da COOPERDISE - Cooperativa dos Compositores e Autores Musicais, assim como do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos e Professor Pesquisador do NEIB (Núcleo de Estudo Multidisciplinar do Negro Brasileiro) da Universidade de

São Paulo. Celso Prudente é ainda autor da peça teatral, que traz o sugestivo título de *Grades Insensíveis*, que fora encenada na Feira de Cultura Afro-Brasileira da Câmara Municipal de São Paulo e levada para apresentação no Teatro da Universidade de São Paulo na gestão do Prof. Dr. Miguel Silveira, em 1980. Há no prelo obra de sua autoria: *Os Instrumentos Musicais Africanos, a Marimba e sua influência* - iniciativa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Conferencista brilhante e escritor que está sempre na hora e no lugar certo, coube-lhe prefaciar livros de poetas e escritores: Eduardo de Oliveira, Shirley de Queiroz e Adelaide Carraro, dentre outros. De intensa e permanente atividade intelectual, para que melhor se aquilate sua contribuição, passamos a palavra para o Dr. Ka-

sos contatos verdadeiramente intelectuais começaram na época em que ele estagiou no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, sob minha gestão para executar um projeto de pesquisa sobre instrumentos musicais africanos e afro-brasileiros, baseando-se no acervo do Museu. Essa pesquisa, apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com uma bolsa de aperfeiçoamento científico, recebeu o parecer mais elogioso entre todos os meus orientados que na época foram beneficiados nessa categoria de bolsa de estudo. No mesmo momento em que estava trabalhando nesse projeto, Celso começou a interessar-se pelo cinema, efetuando nesse quadro várias viagens aos países africanos, em particular à Nigéria, na qualidade de estudioso e de cineasta amador. A dissertação do mestrado *Barravento - O Negro como Possível Referencial Estético do Cinema Novo de Glauber Rocha* é, a meu ver, o resultado desse longo processo no qual se misturaram sua vida de militante negro, seu talento de pesquisador e seu aprendizado como pós-graduado na Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. O estilo, a linguagem desapaixonada, a qualidade da documentação consultada e dos autores interpretados conferem a este trabalho uma certa maturidade raramente encontrada nas monografias e dissertações de mestrado. Além do mais, o candidato aborda a imagem do negro nos meios de comunicação de massa sob um ponto de vista ainda não explorado na literatura científica, isto é, a questão do negro no cinema brasileiro. Visto deste ângulo, seu trabalho é pioneiro e vem preencher uma grande lacuna, pois nunca se analisou num trabalho acadêmico, até onde sei, o negro e o cinema. Sem dúvida, o trabalho do Celso não aborda globalmente a questão do negro no cinema brasileiro. Ele se limita apenas a uma época e a um tipo de cinema brasileiro tido como revolucionário: *O Cinema Novo de Glauber Rocha*. Este é enfocado dentro da problemática da identidade nacional e da resistência cultural diante de um modelo de cinema industrial importado, tido como destruidor da identidade e da cultura nacional. É dentro desta busca da identidade nacional via *Cinema Novo* que surge o referencial estético popular encabeçado pelo segmento negro da população. O trabalho de Celso Prudente vem acrescentar ao conhecimento e ao debate intelectual sobre a problemática da identidade nacional de modo geral, e da população negra em particular. A sua publicação no tricentenário da morte do líder negro Zumbi do Palmares seria uma excelente contribuição nas manifestações memorativas desse líder imortal. Recomendo vivamente a publicação. São Paulo, 20 de outubro de 1995, Professor Dr. Kanbegele Munanga Departamento de Antropologia da USP".

Barravento - O Negro, Celso Prudente - Editora Nacional - 1995

Charlain Galvão da Silva, natural da cidade de Carmo da Mata, Minas Gerais, nasceu no dia 18 de novembro de 1949. É filho de Dona Santuza Ferreira da Silva e de Enéas Galvão da Silva. Possui sólidas instruções universitárias na área de Direito, sendo um advogado brilhante e atuante. Charlain se orgulha e orgulha a todos pelo fato de afirmar ter sido o primeiro negro a cursar a Universidade Mackenzie nas décadas de sessenta e setenta, década em que foi também nomeado procurador da Companhia Municipal de Transportes Coletivos, CMTC, em 1970. Charlain Galvão da Silva ainda é autor festejado dos livros de poesia, *Agora Falamos Nós* e *O Despertar da Brisa*, demonstrando ser um negro culto e dotado de rara sensibilidade lírica. Advogado de prestígio nas lides forenses, hoje é reconhecido pela sua cultura jurídica e sagacidade quando trata-se de defender o seu cliente; é objetivo, conciso e contundente, de modo a desconcertar os seus oponentes frente a uma pendência jurídica. É com a força desta autoridade que Charlain Galvão da Silva vai se constituindo numa das expressivas referências no mundo das atividades advocatícias, sustentando o galardão de ser o iniciador dos combates legais que vêm dando enfrentamento ao racismo na barra dos tribunais em nossos dias. Sempre na vanguarda de seu tempo, Charlain, por mérito e capacidade de envolver-se por inteiro na defesa das causas que abraça, tornou-se, também, o primeiro diretor negro da CMTC Club, conceituada e tradicional instituição recreativa da capital paulista. O negro, onde quer que ele se projete, sempre há de ser o primeiro em tais façanhas, mesmo porque a ele são dadas pouquíssimas oportunidades de se elevar na vida pública e social brasileira; portanto o negro, para alcançar destaque em quaisquer das carreiras que atue, necessário se faz que ele seja três vezes melhor do que os seus concorrentes de origem eurocêntrica. E quando os referidos patamares são por ele alcançados, é quase que como um axioma, o fato dele ali haver chegado, na condição de primeiro afro-descendente. Tanto é assim que Charlain Galvão acabou sendo, também nos tempos de estudante, o primeiro presidente do Diretório Acadêmico João Mendes Júnior, da Faculdade de Direito da Universidade MacKenzie. De compleição atlética favorável à prática esportiva, Charlain chegou a fazer parte das equipes inferiores de futebol do São Paulo Futebol Clube e do Clube Juventus - o "Moleque", da rua

Quem é Quem na Negritude Brasileira

a empresa Sony Music, em razão de não haver gravado a música do Tiririca, "Olha os cabelos dela", considerada racista e atentatória à dignidade da mulher negra brasileira.

CHICA DA SILVA

Heroína mineira do século XVIII

A presença, a participação e o sacrifício da mulher na construção das sociedades humanas, ao longo da história e do seu esforço civilizatório, tem sido de uma contribuição de valor inestimável, cujo empenho e dedicação a historiografia jamais se capacitou para mensurá-los com o devido espírito de justiça. O homem, com o seu instinto agressivo e belicoso, desde os tempos da caverna, pouca coisa fez além de criar hábitos, costumes e instituições que refletissem em tais estruturas a sua própria natureza machista e dominadora. Em se tratando de seu comportamento diante da mulher negra, a atitude desse tipo de homem era ainda mais brutal e violenta, e na mais das vezes, animalesca. Por conseguinte, não se estranha que nomes da figura feminina tenham se perdido como algo que fora esmagado sob a marcha alucinante que aquele perfil de homem empreendeu rumo ao futuro nebuloso e desconhecido. Hoje, que este alvaião do tempo começa a ser escavado pelos atuais e competentes pesquisadores, nós começamos a descobrir a história e os nomes de verdadeiras heroínas, como é o caso de Chica da Silva, essa negra que se popularizou em Minas Gerais, ali no Arraial do Tejuco, onde hoje se situa a cidade de Diamantina. Esta linda e esfuziante negra, cor de jambo, nascida, provavelmente, em



Zezé Mota no papel de Chica da Silva-filme de Cacá Diegues.

1726, exerceu tal influência em sua época, que chegou a comprar a sua alforria e de mais de 100 escravos, tendo ainda recursos monetários e materiais para subvencionar a gloriosa ousadia da Inconfidência Mineira. Ela pode ser considerada a precursora da mulher negra no cenário da vida política brasileira. Filha da união do Coronel Rolim e da escrava Maria da Costa, Chica da Silva aprendeu a ler e escrever, e longe de ser uma leviana prostituta, como a história quer nos fazer crer, esta negra rebelde e insubmissa, de caráter forte e marcante personalidade, incluiu-se, por força de sua atuação no histórico ciclo do diamante, como a mais notável de todas as mulheres de seu tempo. Casando-se por duas vezes, foi contudo com o seu segundo marido, o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, que esta deusa de ébano das Alterosas se transfor-

mar historiadores e intelectuais da envergadura do acadêmico Antônio Calado, que produziu em 1959 a peça *O Tesouro de Chica da Silva*, obra que serviu de roteiro para o filme dirigido por Cacá Diegues, cabendo, nesta película, o papel principal à extraordinária artista negra Zezé Mota. Recentemente, a TV Manchete levou ao ar, com grandes índices de audiência, a novela *Chica da Silva*, dirigida por Walter Avancini, com grande elenco de artistas negros como Leci Brandão, Zezé Mota e na interpretação de Chica da Silva, a nova estrela, Taís Araújo, este novo nome que surge no estrelato. Chica da Silva desfrutava de enorme poder e de fabulosa riqueza; tanto é que morava numa esplêndida mansão, como se fosse um castelo encantado que possuía até capela e um teatro totalmente equipado, o único existente na região. Chica da Silva ainda foi uma espécie de mecenas, protetora das artes e dos artistas, construindo salas de espetáculos para os talentos, letrados e sábios da época e do local em que viveu; fundou também uma escola de pintores de onde saíram vários mestres desta arte que ora se encontra eternizada pelas inúmeras igrejas que agora causam grande admiração aos que visitam aqueles pogos. Teve 12 filhos, dos quais alguns tornaram-se padres, freiras e até desembargadores. Chica da Silva morreu com 70 anos, no dia 15 de fevereiro de 1796.

*Larousse Cultural -Brasil A/Z-Editora Universo
As mulheres Negras, Senadora Benedita da Silva -
Brasília, 1997*

CHICO REI

Monarca africano no Brasil do século XVIII

A história oficial do Brasil quando não omite oferece muito poucos dados sobre a vida de Chico Rei, que mais fazem lembrar estórias de um personagem lendário. Entretanto, ele existiu em carne e osso. "Chico Rei, nascido Galanga no Congo, como monarca guerreiro e sumo-sacerdote do deus pagão Zambi-Apungo, foi capturado com toda a corte por comerciantes portugueses de escravos e vendido, com o filho Muzinga, no Rio de Janeiro, de onde foi levado para Ouro Preto em 1740. A rainha Djalô e a filha, a princesa Itulo, foram jogadas no oceano pelos marujos do navio negreiro *Madalena* para aplacar a ira dos deuses da tempestade, que quase o afundou". Estes dados e outros que se seguem a estas breves linhas estão na revista *Isto É*, de 20 de maio de 1998, nº 1494. Segundo este relato, Chico Rei era um homem negro, dotado de elevada inteligência e muita energia, o que contribuiu para reconduzi-lo ao reinado, mesmo no exílio, "com direito a cetro de ouro, coroa e palácio real". Figura emblemática, serviu-se de seu charisma e de seu espírito de determinação para chegar às culminâncias do poder, na condição de rei proletário, pois, trabalhando como qualquer

berdade. Ianto é que ao falecer em 1781, com 72 anos de idade, era um negro rico, respeitado, que deixava "42 potes, com aproximadamente 100 quilos do metal precioso" para os súditos e para o seu único filho, Muzinga, cujo paradeiro, até hoje constitui um mistério que desafia os historiadores mais confiáveis, como Agripa Vasconcelos. Com a entrada do pesquisador Antônio Barbosa Mascaranas, de 75 anos, em cena, parece que tal mistério começa a ser desfeito. Ouvindo velhas histórias de antigos habitantes da região de Ouro Preto, São João Del Rey, Mariana, Tiradentes e Diamantina, Mascaranas ao cotejar documentos da época sobre o assunto descobre "que os descendentes de Chico Rei se fixaram em uma área de 501 alqueires, vizinha à sua propriedade, conhecida como Pontinha". Mascaranas ainda nos revela que Mizinga e seus seguidores dirigiram-se, provavelmente, em 1785, quatro anos depois da morte de seu pai Chico Rei, para Diamantina, então Vila do Tijucó, terra de Chica da Silva, por ali permanecendo pelo fato de haver comprado as terras do Padre Antônio Moreira, que ficavam em Pontinha. Outro historiador especialista em estudos sobre Ouro Preto, José Efigênio Pinto Coelho, considera que a "comunidade da Pontinha pode, realmente, ter sido formada por descendentes do lendário rei-escravo". "A possibilidade existe e é fortíssima. A história dos negros libertos por Chico Rei estava perdida e essa descoberta é de grande importância para reconstituir-la", acredita o historiador Pinto Coelho. O nome de Chico Rei e de outras grandes figuras características que permanecem, ou permaneceram, no esquecimento, por parte da historiografia oficial no Brasil, começam a ser revelados para os estudiosos, os militantes da causa afro-brasileira e para o público em geral. Assim é que Chico Rei começou a fazer parte de nossa história, com o seu verdadeiro perfil redesenhado pelo pesquisador e pelo historiador, comprometidos efetivamente com o estabelecimento, da "verdade histórica", na medida em que sua trajetória, por todos títulos, gloriosa, passa a ocupar as páginas de nossos livros didáticos, de nossos sambas-enredos e dos noticiários da vida nacional.

CHICO VIGILANTE

Deputado federal por Brasília

Francisco Domingos dos Santos nasceu em 8 de setembro de 1954, na cidade de Vitorino Freire, no Estado do Maranhão e é filho de Raimundo Domingos dos Santos e de Josefa Aclísia dos Santos. Sem oportunidade de estudar, Chico Vigilante completou apenas o curso primário. Dono de um poder de liderança natural, conseguiu reunir seus colegas de profissão, fundando a Associação dos Vigilantes do Distrito Federal em 1979, exercendo a presidência de 1980 à

ral (1980-1983); foi dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT) (1980-1990); criador e presidente, por 3 mandatos consecutivos da seção regional da CUT-DF (1984-1990); e criador e presidente do Sindicato dos Vigilantes do Distrito Federal (1985-1990). Chico Vigilante, que também foi lavrador e trabalhador da construção civil, é membro fundador do Partido dos Trabalhadores, tendo ocupado o cargo de vice-presidente regional do Partido no Distrito Federal. Coordenou a campanha eleitoral de Lula a presidente, em Brasília, no ano de 1989. Foi eleito deputado federal em 1990, reeleito para o mandato 1995-1999. Assumiu a vice-liderança do PT na Câmara, nos anos de 1993 e 1996. Em seu currículum parlamentar constam participações, como a que apurou a impunidade de traficantes de drogas no país e o crescimento do consumo (1991); a CPI da NEC do Brasil S.A. e envolvimento do Ministério das Comunicações (1992); a CPI da Exploração e Prostituição Infanto-Juvenil (1993); a CPI da Pistolegaria nas regiões Centro-Oeste e Norte (1993); a CPI de Adoção e Tráfico de Crianças Brasileiras (1995-1996). O deputado federal Chico Vigilante atuou também nas comissões de Educação, Cultura e Desporto (1991-1992); Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (1991-1994); Comissão Especial da Seca no Nordeste e Atendimento às Populações Atingidas (1993) e Comissão Especial Sobre a Legalidade do Jogo (1994), dentre outras. Em missão oficial ao exterior, integrou o Bloco Parlamentar que visitou a Rússia em 1993, com o objetivo de estudar a situação econômica, política e social daquele país e suas relações com o Brasil.

Fonte: *Repetório Biográfico dos Deputados Brasileiros*
- Câmara dos Deputados; Texto: Elaine Inocêncio

CID PINTO BARBOSA

Advogado e liderança afro

Cid Pinto Barbosa é natural da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, onde nasceu no dia 2 de agosto de 1937. Sua mãe é Dona Hormínia Pírito Barbosa e seu pai é Mário Barbosa. É casado com Dona Lourdes Barbosa, com quem tem três maravilhosos filhos: Cid, Maria e Margareth. Atualmente, Cid Pinto Barbosa exerce a profissão de procurador-geral interino da Defensoria Pública do Estado do Mato Grosso do Sul, uma vez que é formado em Direito. Concluiu o curso de Educação Física e Pedagogia. O fato de se encontrar aposentado não retirou de seu peito o calor cívico com que continuou atuando e se empenhando a favor dos menos favorecidos, em particular, dos negros que são seus irmãos de etnia. Como se vê, Cid é alguém cheio de amor, de solidariedade e de energia para todos seus semelhantes

que foi oficial administrativo. Fato que ressoou neste período dentro do serviço público se deu quando ele foi requisitado para ser o assessor da Subcomissão do Estado do Mato Grosso, de 1971 a 1978. Cid trabalhou diretamente com o general Clodoaldo de Oliveira Bastos. Cid teve uma posição decente, apesar de ter que acompanhar processos de cassação de vários políticos de expressão, alguns em atividade nos nossos dias, como o ex-governador Pedro Pedrossian. Atualmente Cid é membro do CEDINE, membro-fundador do ICCAB e militante do TEZ; na questão racial tem sido um efetivo defensor dos negros e negras vítimas de discriminação racial. Cid também exerce a presidência da Associação dos Ferroviários do Estado do Mato Grosso do Sul. Como árbitro profissional, Cid obteve prestígio, o que o levou a exercer o papel de assessor jurídico e diretor do departamento da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul. Foi também Secretário do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Comercial em duas gestões, e presidente do Clube por uma gestão.

CIDA DE OLIVEIRA

Professora de arte culinária

Maria Aparecida de Oliveira, hoje com 39 anos de idade, natural da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, nasceu no dia 4 de maio de 1958. É a simpática e popular que aparece diariamente na telinha, no programa "Cozinha Maravilhosa da Ofélia", da TV Bandeirantes. É a mais querida e doce co-adjutante negra de que se tem conhecimento de uns tempos para cá. Maria Aparecida de Oliveira, filha de João Bento de Oliveira e de Dona Maria de Oliveira, como tem luz própria, está tomando a iniciativa de dar um novo rumo à sua carreira, inaugurando um curso

de culinária ministrado por ela mesma, tendo por local um dos famosos bufês da cidade de São Paulo. Com carga horária de apenas três horas, os participantes - que se espera, sejam muitos, fruto do prestígio de que Maria Aparecida desfruta na capital - hão de ver a maneira poética com que Cidinha trata os alimentos mais triviais. O curso consistirá de um aprendizado para que os alunos vejam como é fácil transformar simples rodelas de cenoura, tomate e pepino em autênticos arranjos florais que passam a decorar os vários diferentes pratos de nossa culinária. É a própria Cida quem nos garante: "São enfeites que desenvolvi com o meu marido, que é artista plástico". E não seria para menos. Maria Aparecida de Oliveira, professora de arte culinária que começou a lidar com este tipo de ornamentação

que pôcio sucesso nesta tarefa. Contudo, o que poucas pessoas sabem é que Maria Aparecida tem um livro de *Receitas de Comidas Típicas* publicado desde 1984 e também é autora de outro, *Noções de Nutrição*, o que faz dela uma autoridade das mais reconhecidas no ramo profissional em que se especializou. Pertencente a uma família mineira numerosa - seus pais tiveram doze filhos. Cida de Oliveira fez cursos de aperfeiçoamento, especializando-se em Técnica de Congelamento (Prosdóximo), treinamento para professoras de arte culinária e merchandising, de panificação profissional (Mestre Benjamin Abraão), materiais hoje de seu pleno domínio, fato que faz dela uma exímia e requisitada professora. Sua participação na 35ª Feira de Utilidades Domésticas (1986 - Stand Quaker), foi muito festejada pela excepcional performance com que se houve no referido evento. Cida de Oliveira é possuidora de um temperamento afável, meigo, cheio de energia e de vitalidade, o que faz com que logo se torne, no ambiente em que vive e freqüenta, uma criatura cercada de amigos, e de leais e fracos admiradores. Este seu modo de ser e a empatia que emana de sua personalidade e do interior de sua alma talvez tenham a sua origem no fato de Cida de Oliveira



ser uma pessoa simples, humana e profundamente generosa, como é grande maioria dos afro-brasileiros iguais a ela. É bom que se diga, para quem ainda não sabe, que Cida de Oliveira, apesar de seus inúmeros afazeres diárias, ainda encontra tempo para dedicar-se aos seres humanos menos favorecidos pela sorte, ao fazer parte da direção de uma Creche Infantil, na Zona Leste de São Paulo, que hoje atende a 150 crianças carentes, colaborando com aquilo que melhor conhece: a elaboração do cardápio para creches.

CIDAMAÍÁ SANTOS

Liderança feminina

Cidamaíá de Jesus Santos, natural da cidade de Salvador, Bahia, nasceu no dia 29 de setembro de 1966 e é filha de Dona Nilza Araújo de Jesus Santos e Abelardo Evangelista dos Santos. A sua infância, adolescência e juventude foram vividas em Salvador, todas elas entremeadas, ora de momentos de intensa felicidade, pelo calor humano recebido de seus diletos fa-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

brecimento e de descaracterização de seus verdadeiros valores, trazidos por seus avós, do continente africano. Cidamaiá personifica bem



o tipo de mulher negra que não se deixa abater frente à primeira carranca do racismo, das discriminações e dos preconceitos que permeiam, de forma explícita e camuflada, o tecido sócio-cultural-afro-brasileiro. É por isso que Cidamaiá, antes de se transferir da Bahia para São Paulo e, posteriormente para a trepidante e maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, passou por um verdadeiro noviciado em termos de lutas sociais e de negritude, em seu estado natal, valendo-se, por assim dizer, por um teste de resistência cívica que aprimorou o seu caráter e a municiou dos instrumentos ideológicos para os futuros embates de sua vida. Por exemplo: o seu ingresso como fundadora do Congresso Nacional Afro-Brasileiro e a sua ativa participação na Federação das Mulheres da Bahia e na Confederação das Mulheres do Brasil (CMB) são eloquentes provas do que estamos dizendo a seu respeito. Hoje, Cidamaiá é mãe orgulhosa do fruto de seu ventre materializado num belo e formoso rebento de nome Getúlio. Paulo Eduardo Cardoso, seu digníssimo esposo, um desses guerreiros das nobres causas nacionais, lhe é um grande amigo e companheiro de todas as horas. Sustentada sobre estas pilas, Cidamaiá planeja vôos para cima e para o alto, transformando os seus dias, dividindo-os com Getúlio, com Paulo, com dona Nilza, sua idolatrada mãe, e com movimentos sociais em termos abrangentes e específicos. Com relação ao primeiro, Cidamaiá incorpora-se nas lutas pela valorização da mulher, ainda hoje, vítima de estupros, de assédios, que são puras agressões à sua dignidade, de abusos dentro e fora de casa, de lesões à sua integridade física e moral, no trabalho e nos lugares públicos, razão pela qual a Organização das Nações Unidas instituiu a data de 8 de março como Dia Internacional da Mulher, em homenagem às mulheres que foram massacradas em Chicago, nos Estados Unidos, defendendo

panheiras, para a implantação de um programa de igualdade de direitos entre o homem e a mulher, como é proposto pela Constituição de 88 e implementado pela CMB. E referindo-se ao segundo, em termos específicos, Cidamaiá assume com altivez a sua negritude, empenhando-se, de modo incansável, para reverter a presente realidade, que envolve todas as mulheres da comunidade afro-brasileira, que sofrem o estigma da tríplice opressão: por ser mulher, negra e pobre. Para Cidamaiá, o CNAB é uma das instituições negras da sociedade organizada, que melhor representa os anseios e os reclamos dos afro-descendentes no Brasil.

CIDINHA ALVES

Liderança comunitária

Maria Aparecida Alves, natural da cidade de União dos Palmares, Alagoas, nasceu no dia 12 de dezembro de 1961, e é filha de Antônio Alves de França e Dona Maria Teodora Alves. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal, de onde veio para São Paulo com a idade de 17 anos. Como geralmente acontece, essa nordestina arrebatada, já trazia em sangue a bravura, a coragem e a ambição saudável que o Sul Maravilha já estava acostumado a ver e a admirar nos seus conterrâneos. Aqui em São Paulo, precisamente na "capital do trabalho", Cidinha Alves lutou muito, estudou bastante e conseguiu, quantas vezes às cotoveladas, abrir e conquistar o seu espaço, e manter com dignidade, a sua postura alta de mulher, de nordestina, e de negra. Nós, diante desta lutadora, podemos imaginar o esforço de superação que pessoas de sua origem étnica e de sua condição social precisaram fazer para que preconceitos contra o nordestino, o negro e a mulher não contaminasse os seus ideais na busca de um futuro melhor. Por incrível que possa parecer, essas discriminações, por todos os títulos, odiosas, aconteciam numa região urbana profundamente dinâmica, onde o número de imigrantes deslocados do norte para o sul dotava essa megalópole da condição de ser a maior "cidade nordestina", do Brasil. Cidinha Alves, engajada nessa agitação trepidante de seres humanos que passavam a ter braço muscular, as mãos calosas, suor e sangue dos que ajudaram a erguer esse estatúrio de edifícios, de fábricas e de residências, ofertou também o seu quinhão de sacrifício, de fé e de esperança, trabalhando como babá, gari, dama de companhia, lavadeira, doméstica, para ser hoje, a proprietária, com todos os méritos, de um cantinho poético e bucólico em pleno coração da capital paulista. Consciente de que o esforço coletivo é o fator determinante para que os trabalhadores possam estabelecer equilíbrio nessa luta brutal entre o capital e o trabalho, Cidinha Alves sempre participou, como ainda participa, de movimentos de

desbancamento, de agenciamento de saúde pública, de reivindicações sindicais e de combate frontal a todas as formas de discriminação e de preconceitos raciais; é assim que esta nordestina negra vive e coopera com as lutas de valorização dos afro-descendentes promovidas pelo Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB). Cidinha Alves sabe, por experiência própria, que "as desigualdades sociais se somam às desigualdades de gênero. Assim, por exemplo, as mulheres chefes de família são mais pobres, sobretudo se forem mais velhas, negras ou mestiças" e, no sul do país, se acrescidas do quesito - "nordestino" - terão mais um complicador para problematizar, ainda mais, a dura realidade de seu cotidiano. Ainda bem que as demandas proporcionadas por mulheres da fibra de Cidinha Alves, já prostraram por terra o leviatã da mitológica "democracia racial".

CIPRIANO BARATA

Revolucionário

Cipriano de Almeida Barata, jornalista brasileiro nascido em Salvador, em 1762, era um fervoroso adepto da independência total e imediata do Brasil, o que o leva a fazer parte na Conjuração Baiana de 1798 e na Revolução Pernambucana de 1817. Foi deputado pela Bahia nas Cortes Constituintes de Lisboa (1821), jornalista da *Gazeta Pernambucana* e fundador da *Sentinela da Liberdade* na Guarita de Pernambuco (1822), período que fez oposição ao governo. Foi preso e recolhido à fortaleza de Santa Cruz. Uma ordem de devassa de suas atividades, enviada a Pernambuco pelo Governo Geral, só não foi cumprida porque esta coincidiu com a eclosão da rebelião que ali se instalava, conhecida como a Confederação do Equador. Escapando-se dessa, Cipriano Barata foi para a Bahia, onde editou a *Sentinela da Liberdade* na Guarita do Quartel-General de Pirajá. Preso novamente, Cipriano publica da prisão a *Sentinela da Liberdade* da Guarita do Forte de São Pedro, na Bahia de Todos os Santos. Cipriano Barata era uma chinelada nos reacionários. Baiano, filho de tenente do exército com mulata, estudou medicina, filosofia e matemática em Coimbra e conheceu de perto a Revolução Francesa. De volta para o Brasil, em Salvador, ficou conhecido como o médico dos pobres. Era o doutor que não cobrava consulta, o freqüentador dos terreiros de macumba, o namorador das



Conjuração Baiana de 1798, na Revolução Pernambucana de 1817 e, embora preso, na Confederação do Equador. Grande jornalista, não teve papas na língua em acusar D. Pedro I de tirano. Volta e meia era encarcerado, tendo estado, pela última vez na cadeia com quase 70 anos de idade. Certa vez, não resistiu e deu uma surra num general reacionário. Deputado nas Cortes em Lisboa, escandalizou a todos ao propor o direito de cidadania aos escravos. Mesmo encarcerado, dava um jeito de escrever seus artigos inflamados contra as autoridades. Visitado na cadeia pelo imperador, que queria vê-lo suplicando perdão, virou as costas altivamente. Cipriano Barata poderia ter tido uma vida tranquila de intelectual à sombra dos ricos. Todavia, escolheu uma existência de combates pela liberdade e pelos direitos do povo. Foi perseguido, preso e arruinado. Jamais se arrependeu. Para ele, quaisquer sofrimentos seriam menores comparados aos de uma vida covarde, fútil e egoísta. Barata não foi um inseto asqueroso. Sabia que lutar pela liberdade dos outros era, de alguma forma, libertar-se. Em Lisboa, Cipriano se vestia com roupas velhas e chapéu de palha para provocar os figurões portugueses. Queria marcar sua presença como a de um homem do povo vindo da colônia. Cipriano Barata, este que sempre estava ao lado dos abolicionistas, faleceu em Natal, no Rio de Grande do Norte, em 1838.



candomblé, teve a oportunidade de se descobrir como sendo filha de Iansá e de Ogun, divindades africanas das mais poderosas e cultuadas nos templos e terreiros onde se pratica a religião afro-brasileira. É daí que surgiu a peculiar maneira de se apresentar nos palcos, toda vestida de branco, como se fosse uma filha-de-santo, em homenagem especial oferecida aos santos, tornando-se a primeira cantora brasileira a cantar músicas de candomblé, o que acabou sendo a marca registrada de seus discos e de suas gravações. Entre os seus grandes e inesquecíveis sucessos estão, *Canto das Três Raças, Tristeza, Pé no Chão, Canto de Areia, Meu Sapato já Frou.* Clara Nunes chegou a vender a invejável soma de mais de três milhões de discos, tendo nessa ocasião viajado para França (Cannes), Venezuela e Japão, sempre arrastando multidões de admiradores por onde passava e fazia seus shows, na maioria das vezes defendendo as raízes populares ou afro-brasileiras, o que a transformou em uma das nossas melhores sambistas. Falecida prematuramente, em virtude de uma intervenção cirúrgica, no ano de 1987, na cidade do Rio de Janeiro, Clara Nunes, mesmo depois de famosa e rica, continuava sendo a mesma mulher adorável, a artista que conseguiu abrir seu espaço e para toda uma geração de artistas que hoje são estrelas, assim como ela o fora no passado. Dizem que Clara Nunes, no panorama da Música Popular Brasileira foi uma das luminosas "claridades", cujo brilho não se apagará tão cedo da consciência e da sensibilidade nacional.

Brasil Perde Seus Ídolos, Editora Escola, 1998

CLARINDO SILVA Famoso proprietário da Cantina da Lua

O negro Clarindo Silva de Jesus, filho de Manoel Borge de Jesus e de Maria da Conceição Silva, é um desses tipos humanos que glorificam o lugar em que nascem, santificam as coisas que tocam, e dão divindade às pessoas que amam. Segundo crônica muito bem elaborada, escrita pelo vereador da cidade de Salvador, Germano Tabacof, à guisa de apresentação ao opúsculo "Memória da Cantina da Lua", de autoria do concei-

vador, em razão de seus sobejos méritos, oficialmente reconhecidos pela Douta Câmara Municipal da capital baiana, é realmente um mestre na arte de receber e de servir, com simpatia e elegância, a quantos que, com ele, estabelecem um vínculo de relacionamento permanente ou fortuito. Diz o nobre vereador que muitas coisas boas nasceram na Cantina e outras coisas boas passaram pela Cantina, local em que se discute, se cria, se briga, se ama, se parlamenta, se faz poesia, se conta, se chora, em fim, ali é a esquina onde o rio da emoção está sempre em pororocas, mas tudo se realiza dentro de um clima saudável de respeito, de fraternidade, diante do olhar de ternura e, ao mesmo tempo, severo do nosso especial anfitrião, Clarindo Silva. Por esta postura quase messiânica, Clarindo Silva foi batizado e reconhecido como o *Senhor do Pelourinho, O Mestre Lalá, O Anjo da Guarda do Centro Histórico*, o que fez com que o jornal Tribuna da Bahia, em 1991, lhe outorgasse o título de o *Homem do Ano*, láurea incentivadora atribuída a artistas, poetas e literatos emergentes. A Cantina da Lua é hoje uma espécie de Santuário do que há de mais belo e tradicional do Centro Histórico de Salvador, por onde passaram nomes ilustres e onde foram feitos mais de 800 "shows", mais de 50 lançamentos de livros, de discos e de músicas inspiradas ali por essa boêmia descontraída e inteligente, que gosta e que sabe fazer história. "O Centro Histórico, hoje, felizmente restaurado, foi levado a um estado de penúria e decadência pela indiferença, e porque não dizer do desprezo de quem tinha obrigação de cuidá-lo. Uma única pessoa, um Dom Quixote, Clarindo, nunca desanimou. Falava, gritava, alertava, criticava, protestava, implorava e pedia aos poderosos que se apiedassem do Pelourinho. Conseguiu o seu intento e o Centro Histórico foi restaurado, muito embora Clarindo Silva ainda não fora devidamente reconhecido como um de seus arquitetos e o mais ardoroso de seus defensores. O nosso presidente João Bacelar ao editar este livro, não o faz para destacar uma casa comercial, existem outras cinqüentenárias e até centenárias, merecedoras de tais honrarias. A Câmara Municipal de Salvador, a mais antiga do país ao publicar *A História da Cantina da Lua*, de autoria de Jehová Carvalho, nos 300 anos de Zumbi, quer tributar uma singela homenagem a Clarindo Silva, negro do povo e cidadão, baiano anônimo, mas dos mais ilustres pela simplicidade e beleza de sua vida. Jehová ao se vincular a Clarindo Silva por meio de seu livro, que é um libelo e um canto de amor à cidade de Salvador e à memória da Cantina da Lua, sinta-se agradecido por todos nós vereadores, que daqui da Tribuna desta Casa, lhe rendem um tributo de eterno reconhecimento", destacou o vereador Germano Tabacof.

*Do livro Memória da Lua, Jehová do Carvalho - 1995.
Editora da Universidade Federal da Bahia*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Iniciou sua carreira aos 17 anos na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, participou do programa Renato Murce, sendo levada pelo motorista desta emissora Humberto, e logo foi classificada por várias vezes levando o prêmio maior acumulado, fez vários shows na Praça Mauá, Boate Dão Jardel, Europa à noite, e outros como Boat Saral apresentada por Mansueto-Risadinha chegando até a participar da Corte dessa Emissora, daí veio a Salvador e participou de um programa de calouro, Atrações de D-8 de Rui Brandão. Engraçado, no Rio venceu com um fox de Oton Russo e Nazareno de Brito, A Luz que vem do céu, gravação da grande Ângela Maria e em Salvador participou cantando o samba Se Acaso Você Chegasse, sucesso de Elza Soares com grande repercussão. A platéia aplaudiu de pé, pedindo bis. A convite de Jamelão, de Risadinha, e outros grandes ídolos do Rio, participou como convidada de honra dos programas da Rádio Mayrinck Veiga, Tupy, Nacional e outras. Em 59, retornou à terra natal, sendo contratada pelo Cast Artístico da Excelsior da Bahia, onde trabalhou até 1961, sendo levada pelo grande sambista Juraci Alcântara para a PRA 4 Rádio Sociedade da Bahia, cantando na Sabatina da Alegria, no Clube dos Brotos, Diga o que Sabe e Faça o Que Pode e nos saudosos carnavalescos nos bairros. Daí ficou até quando terminou os programas de auditório, pois neste ano entraria a televisão no ar. Já em 1962, participava do 1º Concurso de Músicas Carnavalescas da Bahia, realizado no Teatro Vila Velha, promovido pela extinta Intursa, sendo uma das classificadas com a música Amanhecer de Carnaval, de Valmir Lima e Jurandir Aragão. No ano seguinte gravou a música Marinheiro da Água Doce, de autoria de Rubens Santiago, retornando ao Rio em 1966.

Ao todo, Claudete Macêdo já gravou 10 compactos e 3 LPs, *Sambando na Bahia, Da Bahia à Portela Tudo É Samba e Roda de Samba da Bahia* e várias músicas que até hoje são sucessos, como *Guadalajara - Brasil Copa 70, Lá Vem Elas, Eu Vim de Longe, Amizade Deu Pane* de vários compositores, destacando-se Zé Pretinho da Bahia, Walmir Lima, Lino Santana Filho, Gordorinha. Além do Bloco Lá Vêm Elas, Vai Levando e da Escola de Samba Filhos do Morro, onde defendeu seus enredos, saindo como destaque em várias entidades carnavalescas. No ano de 1967, o compositor Zé Pretinho da Bahia, um dos grandes nomes da sambista, viajou para o Rio na esperança de ver gravado na voz de Claudete Macêdo a sua música mais querida, Flor de Laranjeira, que viria a ser o maior sucesso gravado pela intérprete até então. Participou de várias excursões pelo Norte e Nordeste do país, e em 1987 foi convidada pelo empresário português, José Emanoel, para

Quem é Quem na Negritude Brasileira

bá, Resistência da Lua, Recanto e outros. E já foi contatada a participar de mais dois filmes.

A maior preocupação de Claudete Macêdo no momento é deixar sucessores, e como filho de peixe sempre nasce peixinho, dos três filhos que tem, todos deram para a música. Vovô, percussionista, além de escrever e fazer arranjos é casado com uma artista americana e está radicado no Canadá. Delma, sambista conhecida internacionalmente participa do show de mulatas junto com a mãe. Moisés, o caçula, também percussionista, tem hoje 20 anos, toca batá e outros, seu primeiro show foi aos 10 anos no Teatro Castro Alves, participando da banda do seu irmão. Também sua sobrinha, Solange, princesa do carnaval com outras equipes de até 15 mulatas. O grande sonho de Claudete é excursionar junto com seus herdeiros o que poderá acontecer brevemente quando terá que assumir um compromisso na Venezuela e na França. Claudete serve-se da profissão para preservar a natureza, e dá um pouco de si na luta em defesa da revitalização do Centro Histórico onde sempre esteve radicada. Claudete desfilou em vários blocos carnavalescos, entre os quais o Internacionais, onde desfilou cantando com Sidnei Magal e outros, sob a batuta do maestro Reginaldo de quem também foi crôner e de várias orquestras, como Guadalajara e Bira, hoje dono da Visgueira, também com o maestro Reginaldo, hoje com a orquestra Xangô. Claudete é fundadora do afoxé Korin Efân sendo diretora da ala de canto e relações públicas, empossada no dia 17 de março de 1990, no Teatro Miguel Santana, no Pelourinho. No afoxé, é dona de vários e grandes cânticos, e interpretações lucidíssimas de sua autoria; hoje o Korin Efân deve muito à estrela que conseguiu três campeonatos; gravou um LP Roda de Samba da Bahia com a participação de cantores e compositores como Nelson Rufino, Guiga de Oguim, Dão Ratinho, Roque Ferreira, Zé Silva, Nelson Babalaô, Nilson e outros. Claudete conta com duas faixas especiais, uma de própria autoria e a outra, uma homenagem que Roque Ferreira lhe fez, uma música para ela própria cantar, Menino do Samburá e a delor Vim pro Samba. Seu filho Vovô, grande percussionista, é considerado em Montreal o melhor da Bahia com sua firma e sua Banda Saramandaia. A firma Aganjú, hoje fazendo sucesso com sua banda, tem mistura de músicos de vários países. O caçula Moisés, radicado em Minas Gerais, com sua Banda Balas de Ouro, bateria e percussões, foi criada na terra do ouro. "Então achamos por bem homenagear as crianças, São Cosme e São Damião; por isso, Balas de Ouro...", esclareceu. Claudete está no momento se preparando para várias turnês, e seu CD será lançado em breve.

Cleidevana Maria do Socorro de Oliveira Chagas, natural do Estado do Mato Grosso do Sul, é filha de Dona Celina Oliveira Chagas com o senhor Francisco Corrêa Chagas. É geógrafa e como profissão exerce o cargo de professora da rede pública especializada em Metodologia do Ensino Superior. Politicamente, Cleidevana Maria é filiada ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em se tratando da luta das mulheres pela sua sobrevivência e a de sua família, é oportuno que lembremos a diferença existente entre a mulher negra e a mulher branca como parte da equação de suas realidades sociais. Quem nos chama à atenção para este fato é a professora Helena Theodoro quando nos relata, que "ao introduzir a dimensão racial na situação mulher-chefe de família, chega-se à problemática da mulher negra". "Constata-se", diz a escritora, "que as famílias brancas têm um percentual de chefes mulheres em torno de 13,4% e que a chefia feminina é maior nas famílias negras. Respectivamente, 20% das famílias negras e 16,7% das famílias pardas são chefias por mulheres".

É evidente que mulheres negras que têm o nível de consciência compatível, que agem e pensam como Cleidevana Maria, estão dispostas a redobrarem o seu espírito de luta, como forma de contribuir para a reversão dessa preocupante realidade. Talvez estejam aí as razões de seu empenho em várias frentes de luta em favor da mulher despossuída de recursos e de informações para superar as suas próprias limitações. Cleidevana foi membro do TEZ assim como conselheira do CEDINE, no entanto acabou tornando-se referência pelo trabalho que ainda exerce nos Agentes Pastorais Negros do Mato Grosso do Sul, organização que ajudou a fundar e da qual foi presidente por duas gestões. Em Mato Grosso do Sul, os Agentes Pastorais Negros têm o mérito de terem sido a primeira entidade do movimento social a realizar um trabalho junto à Comunidade Negra Rural de Furnas dos Dionísios, ação em que Cleidevana marcou sua presença.

CLEMENTINA DE JESUS

Cantora

A Música Popular Brasileira ao significar toda e qualquer música produzida pelo povo deste país designa também a criação sonora desenvolvida no Brasil, a partir de 1870, quando os "músicos dos choros" inventaram o maxixe, fazendo com que as elites da época reconhecessem este novo tipo de

até os salões da nobreza europeia. Para o povo negro foi uma verdadeira porta aberta para a afirmação de seu talento espontâneo e criativo, razão pela qual a música de rua, incorporando, em si, o "dialeto das senzalas", como bem define Clóvis Moura, deixa de ser uma contravenção para fazer parte da cultura popular em nossa vida urbana ou rural. Como linguagem dos oprimidos ou dos homens e mulheres simples, ao longo dos anos nós vamos vendo eclodir aqui ou ali estes artistas anônimos, como é o caso que se dá com Clementina de Jesus na década de 60. Nascida no Estado do Rio de Janeiro, Valença, em 1902, filha de escravos angolanos vindos ao mundo já sob a vigência da Lei do Vento Livre, esta notável cantora popular já sabia dos seus que o pai era um capoeirista agressivo, por isso muito temido por todos. De memória prodigiosa, Clementina de Jesus trazia em suas lembranças dos tempos de infância, os cantos de trabalho, os jongo, benditos, ladinhas e os sons dos partidos altos, cujos temas prosódicos e melódicos ela os sabia de cor e salteado, porque tais ingênuas e anônimas canções eram entoadas repetidamente por sua mãe nas horas de labor ou de folguedos. Contando apenas com 12 anos de idade, Clementina de Jesus já saía nos blocos, nos cordões, nas escolas de samba e aos 15 se fez cantora de coral de uma igreja do bairro de Osvaldo Cruz, onde residia; em 1940 casou-se com Albino, da Escola de Samba Estação primeira de Mangueira, lugar onde passou a morar, muito embora desfilasse pela Portela naqueles anos. Deste casamento resultou o nascimento de sua única filha, que lhe dera, entretanto, dezenas de netos e bisnetos. A profissão de empregada doméstica lhe consumiu 26 preciosos anos de vida, quando lhe era de todo impossível abrir espaços para fazer brilhar seu talento e encantar com os timbres característicos de sua voz, tudo isso servindo-lhe de um complicador a mais, pelo simples fato de ser mulher, negra e pobre. Era frequentadora e animadora de festinhas em residências de amigos e conhecidos, até que um dia a oportunidade lhe sorriu quando foi convidada para participar de um show Rosas de Ouro, no Teatro Jovem, no ano de 1965, onde por coincidência, também se anunciaava a estréia de Elton Medeiros e Paulinho da Viola. A partir deste encontro

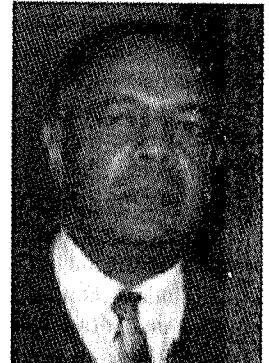
derosa voz que lembrava a de muitas cantoras consagradas americanas. Começou, então, a gravar os seus discos e a participar de muitos espetáculos e até representou o Brasil em festivais internacionais, onde a cultura negra era o mote central. Senhora de uma voz modulada e gostosa de ser ouvida, Clementina se estabelece como um vínculo entre a música negra brasileira e africana, tanto que só se encontrou voz semelhante entre as cantoras negras de blues e de jazz dos Estados Unidos, pois a "raiz negra" é o traço comum que une a África aos negros da diáspora. Clementina sempre será reconhecida como uma expoente da cultura brasileira afro-descendente. Foi este reconhecimento que levou Clementina de Jesus a ser condecorada pelo ministro francês Jack Lang com a Menção das Artes e Letras. Infelizmente, sua voz calou-se para sempre no dia 17 de julho de 1987.

1) Revista *Swingando*, número 4; 2) *Larousse Cultural - Brasil A/Z* - Editora Universo - 1988; 3) *Encyclopédia Compacta Isto É/Guinness* - Editora Três - 1995

CLESEU CUNHA CANTO

Advogado e liderança afro

Cleseu Cunha Canto nasceu em São Paulo, no dia 2 de dezembro de 1944, e é filho de Pedro da Cunha Canto e de Dona Lídia da Cunha Canto. Formado em Ciências Jurídicas, hoje encontra-se aposentado, já que é ex-funcionário do Hospital das Clínicas. Nesse nosocomio, por sinal, um dos maiores e mais bem equipados hospitais da América Latina, Cleseu trabalhou, estudou e passou a maior parte de seus melhores dias, como de resto se dá com centenas de seus colegas de profissão ali lotados. Pessoas que trazem do berço a insígnia dos homens ou das mulheres de bem não se limitam única e tão somente em cumprir suas tarefas obrigatórias; elas vão muito além do pleno cumprimento dos rotineiros expedientes. Como aconteceu com Cleseu Cunha Canto, elas se sentem no direito inalienável de participar das atividades benemerentes e reivindicativas da categoria a que pertencem; assim, os serviços de natureza social, como aniversários, tanto dos grandes benfeiteiros que deixaram o seu nome nas galerias da história



pedente mais singelo e, por vezes, prosaico da vida hospitalar, todos, de uma forma ou de outra, cada qual na sua função específica, merecem o respeito e o reconhecimento público porque fazem parte de um complexo organizacional que cuida da obra mais perfeita que Deus criou sobre o Planeta, que é a criatura humana. Cleseu e seus colegas de trabalho estão imbuídos desta singular responsabilidade. Há mesmo um caráter humanitário e filantrópico em tudo que tocam e trabalham quando se trata de Hospital. Portanto, as greves por melhores condições de trabalho e por melhores salários devem ser encaradas de modo a que se veja nestas manifestações algo saudável e purificador, pois se propõem a melhorar a qualidade do atendimento dos que buscam a recuperação de seu estado de saúde. Cleseu da Cunha, em alguns instantes, também envolveu-se com vigor e entusiasmo, fortalecendo o espírito destas demandas, porque é sabido como é elevado o número dos que são tratados gratuitamente nesta tradicional instituição que, na maioria das vezes, acaba por lhes devolverem este bem tão precioso que é a saúde. Cleseu é um homem inquieto e combativo. Foi assim que ele hoje se tornou um dos suplentes de vereador da próspera cidade de Santo André, uma dessas pérolas que compõem o mosaico da Grande São Paulo. Por iniciativa sua, juntamente com seus colegas conterrâneos, Santo André instituiu, por meio de um projeto, o Dia Municipal da Consciência Negra, o que ocorre no dia 20 de novembro, data em que se reverencia a memória do grande Herói do Quilombo dos Palmares, Zumbi. Cleseu é um dos mais atuantes conselheiros do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB).

CLETO DE OLIVEIRA

Ex-secretário da Administração do Estado de Santa Catarina

Cleto Navágio de Oliveira, natural de Santa Catarina, onde nasceu no dia 26 de abril de 1954, é filho de Dona Anita Souza de Oliveira e Fúlvio Cândido de Oliveira. Fazendo os primeiros estudos em São Joaquim, sua cidade natal, cursou o primário na Escola-Multi-Reunida, tendo como professor seu próprio pai, hoje aposentado, após 40 anos de efetivos serviços prestados ao magistério. De origem simples, para se manter e ajudar no sustento do lar, Cleto de Oliveira, no pouco tempo que lhe restava na lavoura em que trabalhava em regime de economia familiar, dedicava-se inteiramente aos estudos. Cleto cursou ginásio normal no Grupo Escolar Manoel Dutra Bessa, na cidade de Urubici, no período que vai

filho de Dona Anita e do sr. Fúlvio. Era natural, pois as condições sociais, em tais casos, são sempre agravadas pela incapacidade aquisitiva e a mistura com a origem étnica das pessoas. Por esses e por outros motivos é que em 1975, Cleto de Oliveira, talvez tenha deixado

de ingressar numa Faculdade, como seria de sua vontade e da vontade de seus familiares, particularmente depois de haver sido aprovado brilhantemente nos exames vestibulares da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina o que já, em si, re-

presentava a superação de um extraordinário desafio. Nunca é demais ressaltar-se, que segundo dados fornecidos pelo IBGE, para cada grupo de 100 crianças negras que se matriculam no 1º Grau em nosso país, apenas e tão somente 0,2% delas conseguem concluir, regularmente, um curso superior. Por conseguinte, Cleto de Oliveira pôde-se considerar um vencedor. Mas, este moço não desistiu e nem parou por ali; continuou lutando, o que prova o período que vai de 75 a 77, quando Cleto trabalhou como dirigente sindical junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubirici, ocasião em que representou o referido sindicato na Federação dos Trabalhadores na Agricultura de seu estado natal. Ativo e persistente, Cleto, em julho de 1977, após submeter-se a novo vestibular, graças à poupança que conseguiu amealhar até aquele instante, ingressa no curso de Estudos Sociais da Universidade de Santa Catarina, vindo a colar grau em 1979. Bacharelou-se, também, em Filosofia pela mesma Universidade, formando-se em 1983. Antes, em 1979, Cleto de Oliveira foi admitido na Secretaria de Administração do Estado de Santa Catarina, exercendo atividades junto ao Serviço de Patrimônio do Servidor do PASEP, passando em seguida para SCR, dado ao seu conhecimento na área de Legislação Trabalhista e Sindical e de habilidade no relacionamento humano, o que em 1984 lhe proporcionou a oportunidade de vir a ser chefe do Serviço de Classificação de Cargos da mencionada Secretaria, para, posteriormente, em 1986, tornar-se Diretor da Unidade de Classificação de Cargos e Empregos da Secretaria Estadual da Administração do Governo de Santa Catarina. Numa escala sempre



para, em 3 de março de 1998, ser designado Secretário de Estado da Administração do Governo Paulo Afonso.

CLEUZI HERMÍNIA RODRIGUES

Sambista

Cleuzi Hermínia Rodrigues tem 60 anos. Nascida no Bixiga, foi batizada na Igreja da Achiropita. É neta dos fundadores do Vai-Vai, tendo começado a desfilar aos cinco anos de idade, carregando a cauda do vestido de sua tia, que participava da ala da corte. Quando a família se mudou para o Jabaquara, Cleuzi deixou de desfilar e ficou 12 anos afastada, acompanhando o Vai-Vai sem participar das apresentações. "Depois, quando voltei, voltei a sair na corte – aí já era a dona Olímpia – no ano que era cordão também. Aí a gente corria da polícia naquele tempo, que a polícia não aceitava o samba, o samba era marginalizado naquela época. Nós saímos correndo! Vinha a polícia, estourava o instrumento, arredava tudo... Nós saímos correndo, na rua sem saída, ah, aquela coisa... Mas nós estávamos lá, pedindo esmola, saindo de bar em bar e o Vai-Vai está até hoje, desde 1930!" O cordão foi criado a partir de um grupo dissidente de um time de futebol, chamado Cai-Cai, que ficava na rua Rocha. Bem que Cleuzi sentiu falta do samba nesses anos de afastamento por causa da ne-

*"A polícia não aceitava o samba...
nós saímos correndo"*

cessária mudança de bairro. "Tinha muita construção aqui, aí foi acabando os cortiços e nós fomos pra um bairro que a gente podia pagar o aluguel na época. Então, nós saímos daqui pra ir para São Judas por isso: fugindo daqui, porque aqui não tinha mais onde ficar. Foram acabando os cortiços e tal, daí nós fomos para o Jabaquara porque era um lugar que a gente podia pagar: pagava menos e morava melhor". No Bixiga, sempre morou em cortiços com a família. "A mamãe morava em cortiço, aquele cortiço, aqueles italianos, como a minha avó. Depois que ela se casou, ela foi morar na Manuel Dutra com o meu avô por parte de pai. Daí, de lá, nós fomos para a Zona Sul, Jabaquara". Mas a distância entre os bairros não é problema para quem enfrentou grandes distâncias para desfilar. "Aquele tempo que eu desfilava não tinha ônibus especial, porque o samba era marginalizado, não tinha condução. Você tinha que vir com condução

Então, eram aqueles vestidos grandes da corte e tal. A gente vinha com aquela armação no bonde, descia lá na Brigadeiro e vinha a pé até aqui". Cansativo, desgastante, sofrido? Que nada! "Ah, uma delícia, que saudade, nossa!..." O Cordão Vai-Vai sempre teve a cara do Bixiga. "Era gente daqui, do Bixiga. Gente que depois foi mudando. E aquele pessoal lutou pra continuar saindo e vinha com os vestidos, com as armações, os surdos. Os ritmistas não tinham onde guardar, a gente não tinha uma sede, não tinha nada... Era debaixo dos viadutos. Quanto tempo nós ficamos debaixo do viaduto ensaiando! Aí depois conseguimos uma salinha lá em cima, na Treze de Maio, e foi progredindo". Pode ser um chavão, mas que Cleuzi carrega o samba no sangue, carrega. O avô era sambista nato, o pai e o tio compunham sambas com uma facilidade incrível. E Cleuzi passou o amor pelo samba adiante; já tem neta sua desfilando na Vai-Vai. "Minha mãe conta que, quando o meu avô brigou com a diretoria do Vai-Vai – o 'Henricão' – ele fundou uma escola de samba chamada *Geraldinho*. E essa escola de samba, ele fundou do lado do Camisa Verde, na praça lá do Parque do Bananal. Aí, de lá, veio pra cá. No dia do desfile, desfilou na Barra Funda. Veio pra cá, a pé, desfilando. O meu pai, que era compositor, fez um samba. Vinha cantando assim: 'Bela Vista/ Bela Vista/ Nós viemos vos saudar/ Aqui vem o Geraldinho em peso/ Bela Vista vos abraçar/ Nós somos da Barra Funda/ Um bloco cheio de amor/ Viemos aqui na Bela Vista/ Para mostrar nosso valor'. Era lindo! E o meu avô vinha todo de branco, parecia marinheiro, aquele boné, uma coisa linda. A gente tem muita foto dele..." Que saudade, mas uma saudade contente. "Esse Geraldinho ficou uns anos. Aí saía briga. Porque aquele tempo tinha Campos Elíseos, Campo Verde – isto era a mamãe que dizia – tinha os Caprichosos... Então ele disse, isso aí eu lembro, que quando se encontravam, as escolas se enfrentavam. O baliza – porque no cordão tinha o baliza – tinha que defender a rainha. Era o baliza que defendia a rainha! Então saía paulada para tudo que é lado, mas a rainha não ficava rasgada. Aquele que ficava com fantasia da rainha rasgada, tinha perdido". Para Cleuzi, ter raízes é isso: reviver o início da escola, conhecer seu caminhar e, principalmente, beber dessa água e nunca mais querer outra. "Tive ala de adultos por 32 anos, chamada 'Nossa Ala'. Aí passei para os meus sobrinhos. Porque eu tinha duas alas, de adultos e de crianças. Porque eu fundei com o falecido Pé Rachado, que era o presidente então, a ala 'Vai-Vai de amanhã', que tem até hoje.

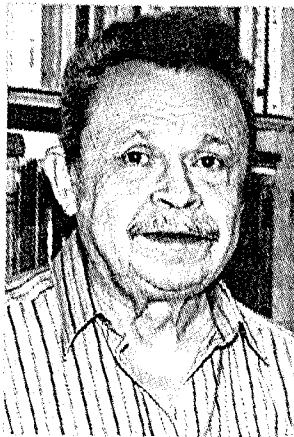
demais de criança e acredita muito na força que têm. "Nessa ala, passou muuuita gente, que faz parte da diretoria agora. Então, eles passaram tudo na minha mão, pequenininhos, aí cada um vai pegando o seu destino na escola". O Bixiga agradece essas raízes.

Texto da jornalista Maria Fernanda Vomero, do seu trabalho de conclusão de curso na ECA-USP, em 1997, intitulado "Um olhar sobre o Bixiga: percursos e transformações"

CLÓVIS MOURA

Escritor, professor de sociologia e poeta

O professor Clóvis Moura é natural de Amarante, cidade do Estado do Piauí, onde nasceu aos 10 dias de junho de 1929. É tido como o mestre supremo para as últimas gerações de estudiosos de nossa afro-brasileiridade em razão do título de "Notório Saber" que lhe fora autorgado pela Universidade de São Paulo, título este conferido também ao notável historiador Sérgio Buarque de Holanda. Formado em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia, é um intelectual de tempo integral, o que não o impedia, infelizmente, de ser vítima, quando passou a residir em São Paulo, da tríplice discriminação, pelo fato de ser negro, nordestino e comunista por opção ideológica. Sua mãe é de procedência austríaca e o seu pai é negro. É ainda poeta, ensaísta, diplomado em filosofia. Membro titular das Academias de Letras do Piauí e de Piracicaba, conferencista dos mais requisitados do país para assuntos ligados à afro-descendência, professor Clóvis Moura já publicou diversos livros, todos bem acolhidos pela crítica. São de sua lavra: Retrato de Luiz Gama, ensaio; Rebeldes da Senzala, ensaio; Espantalho na Feira, poesias; Argila da Memória, poesia; Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha, ensaio; Âncora do Planalto, poesia; O Preconceito da Cor na Literatura de Cordel, ensaio; Sociologia da Práxis, ensaio; Manequins Corcundas, poesia; Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro, ensaio; Diário de Guerrilha do Araguaia, diário; Brasil: raízes do protesto negro, ensaio; O Negro de Bom Escravo à Mau Cidadão, ensaio; Os Quilombolas e a Rebelião Negra, ensaio; A Sociologia Posta em Questão, ensaio; História do Negro no Brasil, ensaio; Dialética Radical do Brasil Negro, ensaio; As Injustiças de Clio, ensaio; tem em preparo o Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. Com esta esplêndida bagagem cur-



os acontecimentos históricos acerca do negro brasileiro, provando na prática que os afazeres acadêmicos não se conflitam com o desempenho dos que se fazem ativistas das causas populares; tanto é que o consagrado autor de Rebeldes da Senzala é fundador e presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas - IBEA e pertenceu à Diretoria da União Brasileira de Escritores em diversas gestões, assim como é um dos co-fundadores do Movimento Negro Unificado - MNU para cujas instituições sempre foi importante sua presença e a sua contribuição material e intelectual em prol do desenvolvimento das referidas entidades. Sempre avesso a barganhas que não engrançam, a sua independência de ação e de pensamento, o professor Clóvis Moura só admite "que o seu nome sirva para comprovar o roubo de terras dos negros e não para ajudar tirá-las", como deixou expresso em recente entrevista concedida à revista Raízes, lembrando que "os negros norte-americanos nunca se uniram ao governo e conquistaram muito mais direitos do que em qualquer outro país de maioria branca". Clóvis Moura, enfim, intelectual orgânico que é, segundo a terminologia

de Gramsci, está colocado, pela inteligência nacional, no mesmo patamar em que hoje fulguram Artur Ramos, Edson Carneiro, José Honório Rodrigues, Florestan Fernandes, Silvio Romero, Nelson Werneck Sodré, Abdias do Nascimento, João Batista Borges Pereira, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro e outros de igual quilate.

1) Revista "Raízes" n° 1 - 1997; 2) Encyclopédia da Literatura Brasileira - Ministério da Educação - 1990

CONCEIÇÃO EVARISTO

Poetisa

Maria Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Ela é professora. Contribuiu com cinco poemas para os Cadernos Negros 14. Parte do seu trabalho é sobre os fatos sociais que influenciam a família, incluindo o poder que as mulheres exercem nas regras sociais como mães e as consequências dos fracassos sociais e providências adequadas à juventude. Ela publicou cinco poemas nos Cadernos Negros 1, uma pequena estória nos Cadernos Negros 4 e seis poemas nos Cadernos Negros 7, tendo participado do 1º Encontro das Artes Plásticas, um Tributo ao Povo Negro, que se realizou no Teatro Municipal de São Carlos em 1986.

me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos
inaugura a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo
Antecipo
Antes-vivo
Antes-agora-o que há de vir.
Eu fêmea matriz
Eu força motriz

I-Woman

A drop of milk
rund down between my Brea
A stain of blood
adorns me between the leg
Half a word choked off
blazes from my mouth.
Vague desires insinuate hope.

I-woman in red rivers
inaugurates life.
In a low voice
I rape the eardrums of the world.
I foresee
I anticipate
I live beforehand
Before-now-what is to come
I, the female matrix
I, the motive power

Conceição Evaristo

CORONEL COMANDANTE VITÓRIA BRASÍLIA DE SOUZA LIMA

(Ver Vitória Brasília de Souza Lima)

COUTINHO

Artilheiro do Santos Futebol Clube

Foram mais de 370 gols. Trezentos e setenta momentos "santos" de uma criação genial. Trezentas e setenta obras-primas construídas por Coutinho, o único homem que ousou roubar o papel de protagonista destinado a Pelé – maior gênio que o futebol já produziu. Coutinho foi o parceiro jamais igualado. Se tivesse despontado em outra equipe que não o Santos talvez tivesse se tornado o maior rival do rei. O destino não quis assim. Coutinho nasceu para completar Pelé, que nasceu para completar Coutinho. Vivendo atu-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

... para o futebol. Quando não está envolvido em algumas dessas atividades, pode ser visto na Praia Grande, sempre ao lado de amigos conquistados ao longo de 17 anos como jogador. Junto deles gosta de curtir uma cerveja e relembrar alguns casos engraçados vividos em qualquer um dos cinco continentes em que o Santos jogou. Seu nome faz parte da galeria dos maiores jogadores do Santos e do Brasil. Ele nasceu Antonio Wilson Honório, em Piracicaba, há 53 anos. Seu casamento com o futebol foi consumado numa tarde de 1957, quando, aos 13 anos, decidiu ir com os amigos ao campo do XV de Novembro ver o jogo de um garoto negro vindo de Bauru, que estava fazendo fama no Santos. "Fui com os amigos do Palmeirinhos, meu time de Piracicaba, ver o tal Pelé, de quem todos falavam tanto", lembra sorridente, sentado num apartamento de frente para o mar em Praia Grande, na Baixada Santista.

Naquela tarde destinada a Pelé, brilhou a estrela do garoto Coutinho. Os juvenis do Palmeirinhos iriam fazer a preliminar contra a equipe do XV. O quarto-zagueiro titular não havia aparecido e o jeito foi improvisar na posição o atacante infantil.

Coutinho não só deu conta da posição como, num lance de ousadia, foi à frente e decidiu o jogo em favor do Palmeirinhos. Do lado de fora do campo, o técnico Lula assistia incrédulo a exibição do garoto. Apesar de miúdo em meio aos marmanjos de outra categoria, ele destoava por sua habilidade e pela impetuosidade com que partia para cima dos adversários com dribles certeiros e objetividade mortal. Aquele talento não podia ficar restrito apenas a Piracicaba. No mesmo dia, nos vestiários, Lula convidou Coutinho para fazer um teste no Santos. A proposta foi aceita no ato, mesmo sem o consentimento de seus pais. "Eu sabia que eles não iriam deixar mesmo. Então, topei e fiz meu planejamento". O planejamento consistia em conseguir o dinheiro para pagar a passagem de Piracicaba a Santos. Empregado como ajudante de mecânico, a solução foi apelar para um empréstimo. "O meu mecenas foi o Benedito, dono da mecânica. Não devolvi o dinheiro até hoje. O que paguei de cerveja para ele nesses anos todos deve ter zerado a dívida há muito tempo. Mas serei eternamente grato pelo gesto dele". Dinheiro arrumado, Coutinho foi cumprir a parte burocrática da história: fazer o teste. Passou, lógico. Quando voltou a Piracicaba, já estava em apuros. "Apanhei de todo mundo em casa. Pai,

dois dias após a surra, um carro com o técnico Lula e dois diretores do Peixe estacionou em frente à casa dos Honório. Depois de uma longa conversa, ele conseguiu convencer sua família e foi liberado para o futebol. O garoto cresceu e provou que o talento estava ao seu lado. Depois de entrar para a Vila Belmiro, os títulos e a fama passaram a fazer parte do dia-a-dia de Coutinho. O Santos formou um time incomparável. Talvez o mais compacto, harmonioso e talentoso que jamais se repetirá. De dez títulos paulistas disputados na década de 60, o Santos de Coutinho, Pelé & Cia ganhou oito. Houve ainda o bicampeonato da Libertadores da América e o Bicampeonato Mundial Interclubes. "Só não tenho título protestado", diz o craque, abrindo um grande sorriso. A bola fez Coutinho rodar mundo. "Devo tudo que tenho ao futebol. Conseguir minhas maiores alegrias com ele e, se hoje tenho o bastante para viver de forma tranquila foi por causa dele". Pudera. Afinal, o jogador foi o autor de grandes lances imortalizados e gravados na história do futebol brasileiro. Na galeria dos artilheiros dos Santos, ele só fica atrás de Pelé (1.209 gols) e Pepe (405). Ocupa o terceiro lugar entre os maiores artilheiros da Vila Belmiro, com 370 gols. Vai ser duro alguém roubar sua cadeira.

CRIS RIBEIRO

Modelo da alta costura

Cris Ribeiro pode ser chamada de *A Rainha das Passarelas*. Aos 24 anos de idade ela já desfilou para grandes nomes da alta-costura internacional e é uma das profissionais mais bem pagas do Brasil. Ela conta que, quando garota, via os desfiles de alta-costura pela TV e ficava fascinada com aquele mundo cheio de glamour. Alta e magra - tem 1,82 m de altura e 59 quilos - esta carioca nascida em Nilópolis e criada em Madureira, onde permaneceu até os 19 anos, brincando pelas ruas, sempre recebia apelidos desagradáveis e conselhos para jogar basquete. Mas Cris queria ser modelo. Seus pais não tinham idéia do que era o mundo da moda, mas incentivaram a filha a ir em frente. Quando procurou a agência Class, no Rio de Janeiro, com algumas fotos, a timidez atrapalhou e Cris não foi selecionada. Mas, ao ser chamada para integrar o casting de um comercial em São Paulo, as coisas mudaram para essa carioca. Hoje, ela é modelo da agência Ford. Em setembro e outubro de 1996 Cris Ribeiro esteve em Paris, participando da temporada dos grandes desfiles da capital da moda. Desfilou para as coleções de Issei Miyake e John Galiano. Apaixonada pelas passarelas, Cris é notadamente uma modelo de desfiles. Raramente aparece em revistas. Diz que os produtores ainda acham que modelos negras não vendem. A confiança em seu potencial é uma arma que Cris sempre teve a seu lado para superar os obstáculos. "A autoconfian-



ça é uma exigência da minha profissão", afirma. Privilegiada pela natureza, ela não precisa fazer força para manter seu corpo esbelto, como manda a cartilha da moda, tão falada e atacada por confinar os modelos num padrão próximo da anorexia. Cris Ribeiro é filha do economista Dalberto Florentino Viana Gomes e da dona de casa Valderina Ribeiro Gomes. Dinâmica, esta sagitariana estava sempre metida em algum cursinho. Fez inglês, dança, curso de modelo. Nascida em família de classe média baixa, Cris estudou até completar o 2º grau. Diz que não teve luxos, mas que também nunca lhe faltou nada. Ela faz questão de demonstrar que adora os pais e o irmão, que permanecem no Rio de Janeiro, enquanto ela está morando em São Paulo, em função do trabalho.

Texto de Elaine Inocêncio.

CRISPIM DO AMARAL

Cenógrafo, caricaturista e ilustrador

Nascido na cidade de Olinda, Pernambuco, em 1858, Crispim do Amaral tornou-se o impulsionador do desenho caricato, quando se dirigiu para Belém do Pará em 1876, acompanhando a companhia de teatro de Vicente Pontes de Oliveira na qualidade de seu cenógrafo, segundo estudos de Vicente Salles. É dessa época o esplendor por que atravessava a capital paraense, em razão do bem sucedido surto provocado pela extração da borracha, atraiendo para a região amazônica uma verdadeira efervescência artística. Vicente Pontes de Oliveira já era conhecido do povo da região, quando esperava que a sua companhia teatral tivesse o privilégio de inaugurar *O Teatro da Paz*, majestoso, que estava concluído, mas ainda permanecia fechado. Enquanto tal não acontecia, a presença de Crispim do Amaral se fez útil no Teatro Providência, de construção inferior à do Teatro da Paz, mas indispensável no momento, onde o artista negro trabalhou nos bastidores de modo intenso, e por longo tempo, estendendo-se pelos dois anos seguintes. Vicente Pontes de Oliveira toma a fren-

jas solenidades o seu círculo artístico participa em 15 de fevereiro de 1878. No Estado do Pará, o artista negro teve oportunidade de desenvolver as suas múltiplas aptidões: "era músico, ator, decorador, cenógrafo, jornalista, cronista, desenhista e, sobretudo, caricaturista. Crispim do Amaral parece que se preparava, ao criar *O Estafeta*, jornal, totalmente ilustrado por ele, para mais tarde brilhar com a criação da revista *O Malho*, na capital federal. Já se afirmou que "a imprensa e o teatro são termômetro da educação dos povos modernos"; e "vem do passado sobrepondo as duas filosofias, a que chora e a que ri das monstruosidades humanas". Morto, Pontes de Oliveira, em 1882, Crispim, mesmo assim, continua atuando no Pará, sempre ligado às atividades teatrais. Conviveu com artistas italianos, alemães e franceses, dos quais recebe benefícias influências. O prêmio maior talvez seja a incumbência que recebeu para decorar o Teatro da Paz. Seu irmão Manuel Amaral é atraído para Belém, por seu intermédio. Ambos lançam a *Semanas Ilustradas*, periódico caricato, um dos de maior duração no seu gênero em nosso país. Em 1888, ano da Abolição da escravatura, Crispim do Amaral recebe alguns favores dos governos do Pará e do Amazonas, e viaja para Paris, onde permanece por longo tempo, já que o seu primeiro pedido para ir a Europa lhe foi negado. "Além de se consagrar na caricatura, colaborador de *Le Rive* e outros importantes periódicos, fez cenografia, arrematou obras do Teatro Amazonas, viveu alternativamente entre Paris, Belém e Manaus, no desempenho de tarefas artísticas. Seus interesses no Pará foram representados pelo irmão Manuel, e no Amazonas, algum tempo depois, por outro irmão, Libânia, cada qual, no entanto, dando contribuição às artes plásticas e fotográficas na Amazônia", é o que nos relata Vicente Salles a quem obedecemos nesse singelo trabalho. Grande parte da produção artística de Crispim do Amaral se perdeu, permanecendo, para orgulho dos paraenses, o telão do Teatro da Paz de sua autoria, "peça que certamente honra qualquer artista". Em 1896, já como celebridade de cenógrafo do *Comédie Françoise*, Crispim do Amaral dirige-se para Manaus acompanhado de diversos artistas radicados em Belém para assistir às solenidades de inauguração do Teatro Amazonas, no dia 31 de dezembro de 1896. Já de posse de respeitável fortuna, o artista volta à Paris, afastando-se de suas atividades na Amazônia, de lá retornando ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, onde funda e dirige a revista humorística *O Malho* e outra revista de menor renome e duração, vindo a falecer em 1911, no Estado do Rio de Janeiro.

Mão Afro-Brasileira - organizado por Emanoel Araújo - Tenor - 1

dança afro

Ana Cristina Rocha da Conceição, natural da região de Senador Camará, Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 25 de agosto de 1972, é filha de Nélson Conceição e de Dona Rute da Rocha Conceição e muito se orgulha de ser descendente das últimas levas de escravos oriundos do Congo, do Continente Negro e de trazer na pele a cor a raça de um povo insumiso e combativo. Cristina Rocha veio, em 1981, com 9 anos, residir na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, trazida por Dona Rute, com mais três irmãs menores. Residindo em casa própria, na

Avenida Cabuaba, 84 - Ataíde - Vila Velha - ES, onde foi matriculada no Primeiro Grau na Escola Estadual Assis Andrade, Cristina Rocha teve oportunidade de ter os seus primeiros contatos de forma pedagógica e sistemática com a arte e com o esporte, que seriam muito mais valiosos para o seu futuro artístico. Revelando desde cedo sua tendência para bailarina, Cristina começou a participar, com destaque,

de oficinas de dança e atletismo, sendo que em 1988 muda-se com a família para Cariacica, onde dá início à sua militância no movimento negro, com crescente interesse pela sua raça, integrando-se ativamente em campanhas de confraternizações apresentando-se em eventos culturais, fóruns de entidades negras da Região Sul/Sudeste do Estado do Espírito Santo, trocando experiências e conhecendo personalidades da cultura negra. Mesmo sabendo do pouco valor que a sociedade brasileira atribui ao artista negro, Cristina decide continuar lutando e prosseguir com as suas aulas de dança. Quantas e quantas vezes apresentou-se em público sem remuneração para valorizar encontros culturais, seminários e noites de beleza negra para só conseguir o seu registro profissional na Efetiva da SATED-ES, onde ela realiza curso e ministra diversas oficinas, como, por exemplo, dança afro, criativa de dança afro do Olodum (Salvador-Bahia); curso livre da oficina de dança afro no 2º Encontro Sul/Sudeste em São Paulo, na USP; iniciação ao balé clássico, com Dona Gark, no Centro Cultural Carmélia - Vitória, de janeiro a março de 1994; candomblé e umbanda Ogã Levindo de Iogun-Edé, também no Centro Cultural Carmélia, de junho a agosto de 1990; capoeira e mukulelê, do mestre Aldecy (Beiçola), Academia

grado Castro-Nilópolis - RJ, de janeiro a maio de 1996. Cristina Rocha hoje tem um nome de projeção nacional em termos de Dança-Afro, principalmente. Tanto que no dia 4 de março de 1993 é convidada especial para ser bailarina permanente do Bar e Restaurante África, primeiro e único no gênero no Espírito Santo. Em 1994, Cristina Rocha apresenta-se com o Balé Afro-Cultural em homenagem a Nélson Mandela, com o espetáculo *Nativos da Mãe África*, na reabertura do Teatro Carlos Gomes, Vitória. Nesse mesmo ano, Cristina apresenta-se no Afro-Baiano Beto Kauê Show, com circulação nacional, fazendo o solo de abertura de dança-afro. Em outubro de 95, Cristina Rocha é coreógrafa da peça e ópera *A Saga do Palmares*, com direção de Zé Nardes Rios. E, em 18 de dezembro de 1995, Cristina Rocha tem a sua participação no 1º Programa *Sabado Sertanejo* com a apresentação de Gugu Liberato, do SBT, realizado em Trio Elétrico, em Petrópolis - RJ - com a abertura do programa com dança-afro.

Cristina Rocha ainda em plena flor da idade, com apenas 26 anos, já é uma "lenda viva" na linha das danças afro-negras, que hoje desfruta de enorme prestígio em todo país. Cristina Rocha viajará em breve para a África do Sul para representar o Brasil no Festival de Dança-Afro, em homenagem à Mulher Negra de todo o mundo na 8ª Conferência Mundial de Mulheres Negras.



Denise Furtado

CRUZ E SOUSA

Poeta, pai do simbolismo brasileiro

Um dia antes da data de 24 de novembro de 1861, dia em que nasceria o poeta, a pequenina cidade de Nossa Senhora do Desterro que era sede de governo da Província de Santa Catarina, não passava de "um simples embrião da Florianópolis de hoje", segundo lembra-nos Raimundo Magalhães Júnior quando tece a biografia do nosso Pai do Simbolismo, em seu livro, "Poesia e Vida de Cruz e Sousa". A população do referido burgo não ia além de um povoado que só elejava dois deputados gerais para a Câmara do Império, em virtude do escasso número de seus habitantes. Os genitores de Cruz e Sousa eram pessoas simples, de parcós bens materiais e de modesta condição social, uma vez que seu pai era

Quem é Quem na Negritude Brasileira



rolina Eva da Conceição, era uma alforriada que vivia de pequenos afazeres quando deu a luz ao poeta negro que viria a ser o fulgurante autor de *Broquéis e Missal*. Vivendo ao lado do então coronel Guilherme de Xavier de Souza e de sua esposa, senhora Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, criaturas cultas e de inexcedível bondade, o poeta pôde ser tratado como filho e receber uma requintada educação, para a época, tendo-se em vista os maltratos com que os senhores condenavam os "negros no eito sob o látego brutal dos feitores" nas fazendas de café de São Paulo ou dos imensos plantis de canaviais nordestinos ou fluminenses. Agripino Grieco dizia que Cruz e Sousa nasceu com a noite na pele e cruz no nome. "O mal do menino negro catari-nense" – diz o crítico – "foi que o tiraram de junto do pai pedreiro e o levaram a conhecer os livros, servindo-lhe álcool perigoso e tornando-o uma espécie de 'emparedado' no orgulho intelectual. Porque desde cedo se mostrou ele um asceta, um místico das letras, incapaz de permitir injúrias aos santos da arte, quase se metendo em vestes sacerdotais antes de ir à mesa de pinho escrever seus versos". Cruz e Sousa era apaixonado pelo teatro, o que o levou a fazer várias viagens pelo país, colaborando com a sua inteligência e sensibilidade para o sucesso das companhias teatrais que conhecia. Cruz e Sousa foi nomeado promotor público na cidade de Laguna, "cargo que não chegou a ocupar, por ser negro; resolutamente se opuseram a ele os chefes políticos" locais. Há um grande mérito que se deve atribuir a Cruz e Sousa, que foi de haver lutado com denodo e perseverança para se impor perante a classe branca dominante, apesar da cor negra estampada em sua epiderme. Poucos poetas brasileiros tiveram de viver na carne as amargas notas de seus versos profundamente tristes e chorosos e, por vezes trágicos, como se esta vida lhe fosse uma "madrasta de coração de pedra, que faz de cada poeta pobre um crucificado moral!" A viagem que fez ao Rio de Janeiro, onde viveu parte dos seus dias, e onde conheceu e casou com Gavita, afro-descendente, sua "flor divina e secreta da beleza" e a "solitária madona da tristeza", não mudou sua sina de poeta permanentemente inspirado e, ao mesmo tempo, amargurado em cujo poder criador de uma nova escola poética acabaria por revelar-se na gênese do simbolismo, transpondo, com sua profusão melódica de espantosa musicalidade, o lirismo amoroso que marcaria os fundamentos do romantismo, que antecedera

servar grandes amizades, entre os quais a de Virgílio Várzea e a de Nestor Victor se destacam. Solidário com os irmãos da raça negra, o autor de *Emparedado*, com suas conferências abolicionistas realizadas na Bahia, e os seus escritos em jornais e poemas como *Escravocratas, Na Senzala, Grito de Guerra, e Dor Negra e Consciência Tranquila*, contribuiu, enormemente,

para a causa da libertação dos escravos. Chamado também de *O Dante Negro* e *Cisne Negro*, Cruz e Sousa, consagrado por críticos como Sílvio Romero, veio a falecer, a 19 de março em Sítio, Minas Gerais, em 1898.

1) Cruz e Sousa, de Aguialdo José Gonçalves, Editor Victor Cívita 1982; 2) Poesia e Vida de Cruz e Sousa, de R. Magalhães Júnior - 3ª edição - Civilização Brasileira - MEC; 3) Poetas e Prosadores do Brasil, de Agripino Grieco - Conquista - 1968; 4) O Negro Escrito, de Osvaldo de Camargo - Imesp - 1987.

CYRO MONTEIRO

Cantor, o rei do samba sincopado

Cyro Monteiro é um autêntico privilegiado no cenário da Música Popular Brasileira, pois seu relacionamento com esta arte – que dizem ser a linguagem dos deuses – tem origem familiar. Seu tio, Romualdo Peixoto, era conhecido como o pianista Nonô, que vinha a ser primo dos irmãos Cauby, Andyara – ambos cantores –, Araken, pianista e Moacyr, também pianista. Destes, o que obteve maior fama popular, sem dúvida, foi Cauby Peixoto, que nasceu cercado de músicos por todos os lados. "Indicado por seu tio Nonô (pianista que acompanhava Sílvio Caldas), o menino Cyro Monteiro foi chamado a substituir Luiz Barbosa, na dupla que este formava com Sílvio. Iniciava-se a carreira profissional – do Programa Casé à televisão – do maior intérprete do samba sincopado de todos os tempos". Cyro nasceu no subúrbio do Rocha, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 28 de maio de 1913. Se houvesse, algum dia, alguém que pudesse receber a alcunha de "bom vivant", sempre de bom humor e de bem com a vida, sempre nadando de braçada nos mares da felicidade, este não seria outro senão Cyro Monteiro, que atravessara os círculos da existência exibindo-se, inclusive, como um grande contador de piadas. Para Cyro Monteiro, que fazia do trocadilho a marca registrada de seu temperamento descontraído e amistoso, esta vida, sempre cercada de bons e numerosos amigos, mais se as-

"interpretavações antológicas", abriam caminho para que o *Rei do Samba Sincopado*, lançasse os seus primeiros discos. Se *Acaso Você Chegas*, de Lupicínia Rodrigues, gravado em 1937, abriu as portas do sucesso, nesse gênero, para Cyro, recebendo, tempos depois, da parte de César Ladeira, o slogan que o acompanharia pelo resto da vida, de *Cantor das Mil e Uma Fãs*, numa réplica feliz de Orlando Silva, que era admirado como "O Cantor das Multidões". Em 1940, Cyro Monteiro grava, *Oh, Seu Oscar e o Bonde São Januário*, (cuja letra, ele, flamenguista doente, modificava, em particular), cantando: "O Bonde São Januário Leva um português otário/ Pra ver o Vasco apanhar".

"Ao conhecer o compositor mangueirense, Geraldo Pereira, a quem, por sua estatura, chamava carinhosamente de Coqueiro Preto, Cyro descobriu a mina do samba sincopado, do qual se tornou o maior intérprete". *Falsa Baiana* foi o primeiro deles, gravado para o carnaval de 1944. Outros vieram na mesma trilha de sucesso, como, *Quando Ela Samba, Até Quarta-Feira, Você Está Subindo e Voltei, Mais Tarde*. Músicas que marcaram época pela sua força criadora, *Ao Que Se Leva Desta Vida*, de Pedro Caetano; *Os Quindins de Iaiá*, de Ary Barroso; *A Mulher Que Eu Gosto*, de Cyro de Souza e Wilson de Souza; *Fonte do Amor*, de Synval Silva; *Boogie-Woogie na Favela*, de Denis Brean; *Deus Me Perdoe*, de Lauro Mauro e Humberto Teixeira. Quer nos parecer que só no fato de se falar nelas, rememorando aqueles áureos dias do rádio brasileiro, sentimos o retroceder dos tempos trazendo de volta aos nossos ouvidos o timbre característico, e muito especial, que fluiria, de modo espontâneo, sobre as modulações do samba sincopado que consagraram a voz de Cyro Monteiro, cujo falecimento se deu no dia 13 de junho de 1973.

História do Samba - Editora Globo - 1997



Quem é Quem na Negritude Brasileira

D

.....

DADÁ

Quituteira e dona de restaurante afro

Nascida em 1961, na Bahia, como Aldaci dos Santos, hoje, com 37 anos de idade, faz absoluta questão de ser chamada apenas e tão-somente por Dadá. Assim como o Rio de Janeiro tem as escolas de samba, o Estado da Bahia tem o restaurante "Tempero da Dadá", como ponto de atração das diversas personalidades nacionais e estrangeiras. Este apelido a acompanha desde criança. Pontilhando a história de Dadá, há uma série de episódios de dor e de emoção, de lágrimas e de esperanças, de frustrações e de sorrisos, ornamentado da sua trajetória de mulher negra vencedora. Quituteira das mais conhecidas e prestigiadas da cidade de Salvador, Dadá encontra-se, presentemente, no auge de sua carreira. Haja visto a inserção de seu nome, que é o de seus restaurantes, em quase todos os noticiários de turismo e de referências aos lugares mais badalados do estado que é o maior produtor do cacau; o choro, a dor e as frustrações ficaram por conta de seu sofrimento pelo fato de ter em sua juventude, uma mãe doente. É Aldaci dos Santos quem nos diz com palavras cheias de amargura: "a doença dela era grave e não tinha mais jeito, tive de mentir para que ela continuasse sendo medicada no estabelecimento de assistência social da Irmã Dulce. Caso contrário, se soubessem que ela tinha filha residente em Salvador não mais a atenderiam. Foi para mim e para a minha mãe, muito doloroso". Naqueles tempos a Dadá era uma simples empregada doméstica, que fazia os seus serviços indo de casa em



casa. "As minhas ocupações eram tão intensas e por demais desgastantes que sequer tive tempo de ficar chorando a morte de minha mãe, nem de minha irmã", nos revela Dadá, com uma ponta de angústia ainda latejando no canto de seus lábios e de seu coração de mulher valente. Sempre lutando sozinha, mesmo assim Dadá consegue viajar por todo o Estado da Bahia, porque obtendo o apoio da Bahiatursa, ela teve a singular oportunidade de mostrar os seus quitutes tipicamente baianos pelo interior afora. Jovens negras, bonitas, mulatas lotando as casas noturnas, eram constantemente requisitadas para representar as maravilhas, os mistérios da Bahia! Por que, uma quituteira de mão cheia, não haveria de encontrar o seu espaço? - dizia Dadá, cheia de otimismo e de expectativas com que se vestia de branco, com seu exuberante turbante, nos instantes em que ia à luta. O fato de ser filha de mãe solteira não mais a inibia. "Tanto é que em 1990 eu consegui abrir o meu próprio restaurante, no quintal do barraco da favela onde morava", confessa, depois que os trovões de tempestade passaram. "Hoje, contudo, já tenho três restaurantes que fazem o maior sucesso. Mesmo assim ainda sinto o peso do racismo que estigmatiza minhas filhas", denuncia Dadá, um tanto decepcionada. Hoje, a cidade de São Paulo, apesar dos pesares, já está contemplada com um restaurante que leva o nome "Tempero da Dadá". Com Dadá, o jornalista negro e militante Fernando Conceição reconhece e com muito orgulho sentencia *o que nós somos mesmos, é negros*. Neste momento da história brasileira "ser negro" é uma espécie

de cartão de visita, uma afirmação de identidade afro-negra que enche de orgulho as novas gerações de afro-descendentes que estão vencendo as barreiras dos preconceitos e o restaurante "Tempero da Dadá" é um desses casos, que melhor atestam esta nova e saudável realidade interétnica, em nosso país.

DANDARA

Mulher guerreira

Dandara foi uma das lideranças femininas negras que lutou, junto com Ganga-Zumba dos Palmares, contra o sistema escravocrático no século XVII no Brasil. Não há registro do local do seu nascimento, tão pouco de sua descendência africana. Os relatos nos levam a entender que ela nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Quando os primeiros negros se rebelaram contra a escravidão no Brasil e formaram o Quilombo dos Palmares, na Cerca Real dos Macacos - Serra da Barriga, Alagoas - Dandara estava junto com Ganga-Zumba. Participou de todos os ataques e defesas de resistência palmarina. Na condição de líder, Dandara questionara os termos do tratado de paz assinado por Ganga-Zumba e o governo Português. Ficou contra o tratado, combateu Ganga-Zumba juntamente com Zumbi. Sempre perseguindo o ideal de liberdade, Dandara desconhecia os limites quando estava em jogo a segurança do Quilombo dos Palmares e a eliminação do inimigo. Chegando perto da cidade do Recife, Estado de Pernambuco, depois de vencer várias batalhas, Dandara pediu a Zumbi a tomada da cidade. Outra passagem marcante dessa líder palmarina, foi quando esta se colocou ao lado de Zumbi contra Ganga-Zumba, por este assinar o tratado de paz com o

Quem é Quem na Negritude Brasileira

troca de terras no vale de Cucaú, era a destruição da República dos Palmares e a volta à escravidão. Dandara foi morta em 1694 com outros palmarinos, quando da destruição da Cerca Real dos Macacos, em 6 de fevereiro.

Texto de Zezito de Araújo.

DA ÚDE

Cantora

Daúde, negra baiana, nascida Maria Waldelurdes Costa de Santana Dutilleux, que em 1963 viu a luz do dia pela primeira vez, tornou-se um nome e a expressão de um modelo, por meio do qual a população afro-brasileira sabe que pode elevar a sua auto-estima e garantir o respeito à sua dignidade ultrajada por séculos de escravismo e humilhações. Daúde é uma poderosa afirmação, dizendo, alto-e-bom-som que "Nunca houve tanto orgulho de ser negro", quanto nos dias que atravessamos, pois, está na reunião de todas as raízes musicais de origem negra, o estandarte da libertação que hoje tremula, sustentado pela consciência negra permeando o comportamento dos seres humanos de todos os quadrantes da terra. A música que faz de Daúde uma excepcional cantora com vários discos gravados que são autênticos *convites à dança, com ritmos tão dispares quanto drum n'bass, jongo, funk e samba*, numa simbiose de músicas e ritmos diferentes de fundo afro, que dão importância e significado cultural à essa rica herança vinda do passado, que só Daúde sabe viver e reviver, cantando há vários anos, nós, negros nos incorporamos, alegres e felizes, como quem houvesse encontrado a receita da eterna ventura embutida no elixir da longa vida; Daúde, como e enquanto intérprete da Música Popular Brasileira, traz para o mundo de entretenimento essa matéria sutil, quase volátil, que é a arte e vocação de tratar os sons igual alguém que acaricia e embala com amor e ternura maternal uma frágil e delicada criancinha. "Não sou muito ligada em política, mas a minha posição é de esquerda. Porque quando você nasce pobre ou é de esquerda ou entrega-se para Deus", diz Daúde, com a maior pureza e simplicidade. Embora essa cantora houvesse deixado a terra do Senhor do Bonfim, aos 9 anos de idade, instalando-se no Rio de Janeiro, Daúde não se desnaturalizou da magia e dos encantos de ser negra baiana da cabeça aos pés; é essa baianidade, indubitavelmente, que faz dela essa artista que tem uma década de carreira e apesar de ser pouco conhecida no Brasil, já tem seus discos lançados na Europa, nos Estados Uni-



DAYANE SANTOS

Dirigente do CNAB

Dayane Silva Santos, nascida no dia 23 de setembro de 1976, no município de Guarulhos, São Paulo, é filha de José Carlos dos Santos e Santilia Gonçalves da Silva. Iniciou sua militância na luta pela impeachment de Collor em 1992, nas passeatas que ocuparam as ruas de todo o país, tendo sido secretária-geral do grêmio estudantil da EEP-SG de Tito Lívio Ferreira, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo. Foi eleita em 1994 diretora da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES) de São Paulo, no seu XII Congresso. Nesta gestão, a entidade desenvolveu inúmeras atividades e garantiu uma das principais conquistas estudantis: a carteira de meia-entrada, que



hoje beneficia meio milhão de estudantes da capital paulista. Com a carteirinha, foram desenvolvidas centenas de atividades culturais e criado o Centro Popular de Cultura (CPC) da UMES, encenadas peças de te-

A Tarde - Lazer - 29 de março de 1998 - Bahia

rios e cds com o selo CPC-UMES. Como enviada especial do Diário *Hora do Povo*, fez a cobertura do 14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em agosto de 97, em Cuba, que reuniu mais de 12 mil jovens representantes de 132 países que denunciaram as consequências da política imperialista. Em 1995, participa ativamente do processo de fundação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, onde é eleita para o seu Conselho Deliberativo. Integrante da Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), mobilizou a capital paulista em defesa do patrimônio público, tendo participação ativa na luta contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce. Em março de 1998, representou o CNAB no 20º Congresso da Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano, em Johannesburgo, África do Sul, evento que reuniu mais de 3 mil jovens sul-africanos e dezenas de lideranças de 14 países.

DICK SANTOS

Jornalista e fundador da ABNP

Nascido em São Luís do Maranhão no dia 21 de abril de 1930, Domingos de Araújo Santos conta que ganhou o pseudônimo de *Dick Santos*, em virtude de falar inglês muito bem e cantarolar músicas do Dick Farney. Locutor, jornalista e um dos fundadores da Asso-



ciação Brasileira dos Negros Progressistas (ABNP), ele se considera "um verdadeiro autodidata, com conhecimento de direito, poliglota, leitor inveterado". Viajante apaixonado, conhece meio mundo, tem umas doze mil horas de vôo. Relembra a época em que Natal-RN era o trampolim da invasão à África e a base de Parnamirim era de vital importância para esta missão e ele, Dick, trabalhava como intérprete nas férias escolares. Assim sendo, cada avião que fazia teste de segurança os comandantes o convidavam, pois em caso de qualquer emergência ele falava em português. Aos 22 anos já era candidato a deputado estadual. Altruista, vibra com o sucesso alheio, como se fosse seu. Considera-se "capitalista até a medula, diz que de seus poros exalam o cheiro da tinta verde dos dólares". Detesta racismo, mas é "antes de tudo negro e negro de alma negra". Sobre a criação da ABNP, ele registra que existem demasiadas entidades folclóricas e religiosas e assim sendo fundou esta para "tratar exclusivamente de negros ricos, astronautas, millionários, empreiteiros, médicos, cien-

tos são tratados de forma nua e crua, mas "com o sentimento de negro e de incentivo à nossa raça e estimulando o nosso poder e a nossa união". Ele diz se considerar responsável por 50% da eleição de Pitta, prefeito de São Paulo; não admite que se fale mal de negro em público. "Roupa suja se lava em casa, e qualquer crítica a um irmão negro, por pior que ele seja, tem de ser ingerida até a oportunidade de estarmos sós para então baixar o pau, mas sempre entre nós". A ABPN é dirigida desde a fundação pela Dra. Maria do Carmo, Dr. Avelar Amorim, Sebastião Elcio da Silva, "Fião", Dr. Eduardo Galvão, professor Celso Prudente e participação de Ciro do Nascimento.

DILERMANDO PINHEIRO

Compositor e Percussionista

No dia 28 de setembro de 1917, dia, aliás, da "Mãe Negra", porque nos remete à data da promulgação da Lei do Ventre Livre, nascia em São Cristóvão, Dilermando Pinheiro, no Rio de Janeiro. Dilermando pertenceu à escola dos que ritmavam as suas próprias apresentações em público, acompanhando-se à batida "na copa de uma palheta", que tem como introdutor deste hábito, nos meios dos sambistas, o nome de Luiz Barbosa. No Morro do Pinto, ainda hoje, tem-se a sensação de que estamos ouvindo a voz e as batidas gostosamente bem ritmadas do chapéu de palha usado como instrumento de percussão, pela habilidade de Dilermando Pinheiro; pois foi aí, nesse pedaço sofrido, mas encantado, que este sambista incorrigível passou mais de meio século de seus dias nesta existência. Com 13 anos, ainda na puberdade, Dilermando já tocava pandeiro na banda do seu Basílio, que era um dos componentes da Polícia Militar do Rio de Janeiro. É nesse meio de tempo que Dilermando Pinheiro entra em contato e trava relações de amizade com Luiz Barbosa na Rádio Sociedade, onde este se apresentava acompanhando-se sob o ritmo das maliciosas batidas de uma palheta. Ídolo que era de Dilermando, este não teve receio em seguir-lhe as pegadas imitando-o com perfeição, no uso das batidas do chapéu de palha. Com alguns trocados no bolso, Dilermando Pinheiro "passou a se exercitar e a se aprimorar de tal forma que, quando



fosse valioso violino, nele batucou por mais de 20 anos". Gongado no programa de calouros do implacável Ary Barroso, Dilermando não desistiu e por sua insistência consegue uma oportunidade na Rádio Guanabara, em 1936, saindo-se bem graças aos seus modos de bom malandro sempre de bom humor. Cavando espaço à custa de seu natural talento, Dilermando, de samba em samba e de rádio em rádio, chega, um dia, à Rádio Mayrink Veiga, onde faz uma dupla do barulho com Ciro Monteiro: Dupla 11, que afinal culmina fazendo um grande sucesso, cuja característica dos dois identificava-se por sua extrema magreza, chamando a atenção de quem os via cantado. Muitos anos mais tarde, em 1965, no delicioso show Telecoteo Opus nº 1, que Sérgio Cabral montou para reunir novamente os dois, Ciro Monteiro já bastante gordo, ao contrário de Dilermando, dizia que tinham se transformado na Dupla 10. Os sambas de grande sucesso de Dilermando Pinheiro foram *Risoleta*, de Raul Marques e Moacir Bernardo, e *Seu Libório*, de João de Barro e Alberto Ribeiro, anteriormente já gravado por Luiz Barbosa, inclusive por Vassourinha. É em 1956 que Dilermando grava o seu primeiro disco, quando já era um senhor de meia idade. Este sambista dos bons tempos da radiofonia encontrava-se já afastado do mundo artístico e da saudável boemia, quando no dia 10 de maio de 1975, *minutos antes de se apresentar no programa Rio Samba, da TV Rio, em homenagem aos 20 anos da morte de Geraldo Pereira, sofre, Dilermando Pinheiro, um ataque cardíaco, que o acabou vitimando*. Parece fatalidade! Até na hora da morte, este nosso querido e saudoso Dilermando, parece ter escolhido o momento certo, coroando os instantes finais de sua vida em meio a grande espetáculo.

História do Samba - Editora Globo - 1997

DINA SANTOS

Esteticista

Dinalva Maria Bispo dos Santos, cujo nome artístico é Dina Santos, natural da cidade de Salvador, Estado da Bahia, onde nasceu no dia 25 de julho de 1958. Solteira, filha de dona Florentina Bispo dos Santos e de Odilon Bispo dos Santos, cursou Sociologia pela Universidade Federal do Estado da Bahia; é especializada profissionalmente na qualidade de pesquisadora em Estética e Moda Africana, e maquiadora especializada em Pele Negra, razão pela qual é considerada uma grande esteticista. Dina Santos, como maquiadora já participou de inúmeros programas de moda, pro-

curando a Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Salvador, Belo Horizonte, entre outras. Realmente fosse valioso violino, nele batucou por mais de 20 anos". Gongado no programa de calouros do implacável Ary Barroso, Dilermando não desistiu e por sua insistência consegue uma oportunidade na Rádio Guanabara, em 1936, saindo-se bem graças aos seus modos de bom malandro sempre de bom humor. Cavando espaço à custa de seu natural talento, Dilermando, de samba em samba e de rádio em rádio, chega, um dia, à Rádio Mayrink Veiga, onde faz uma dupla do barulho com Ciro Monteiro: Dupla 11, que afinal culmina fazendo um grande sucesso, cuja característica dos dois identificava-se por sua extrema magreza, chamando a atenção de quem os via cantado. Muitos anos mais tarde, em 1965, no delicioso show Telecoteo Opus nº 1, que Sérgio Cabral montou para reunir novamente os dois, Ciro Monteiro já bastante gordo, ao contrário de Dilermando, dizia que tinham se transformado na Dupla 10. Os sambas de grande sucesso de Dilermando Pinheiro foram *Risoleta*, de Raul Marques e Moacir Bernardo, e *Seu Libório*, de João de Barro e Alberto Ribeiro, anteriormente já gravado por Luiz Barbosa, inclusive por Vassourinha. É em 1956 que Dilermando grava o seu primeiro disco, quando já era um senhor de meia idade. Este sambista dos bons tempos da radiofonia encontrava-se já afastado do mundo artístico e da saudável boemia, quando no dia 10 de maio de 1975, *minutos antes de se apresentar no programa Rio Samba, da TV Rio, em homenagem aos 20 anos da morte de Geraldo Pereira, sofre, Dilermando Pinheiro, um ataque cardíaco, que o acabou vitimando*. Parece fatalidade! Até na hora da morte, este nosso querido e saudoso Dilermando, parece ter escolhido o momento certo, coroando os instantes finais de sua vida em meio a grande espetáculo.

História do Samba - Editora Globo - 1997

DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA (DINA)

Líder estudantil

Nasceu em 16 de maio de 1945, na região de Argoin, município de Castro Alves, BA. Cursou Geologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e durante esse período residiu na Casa

Quem é Quem na Negritude Brasileira

do livro "Mulher Negra Tem História", em maio de 1970, Dinalva partiu para o Araguaia com seu companheiro, e lá foi camponesa e professora. Vice-comandante do Destacamento "C" das forças guerrilheiras do Araguaia, desapareceu em combate em 1973, quando já se achava gravemente enferma de malária.

"Mulher Negra Tem História", de Alzira Rufino. Coletivo das Mulheres Negras da Baixada Santista

DIONÍZIO JUVENAL

Vereador

Vereador da Câmara Municipal de Salvador, possivelmente um dos mais antigos, já com diversos mandatos consecutivos, Dionízio Juvenal é o consagrado autor da lei que cria um obelisco, um monumento, ou melhor, uma estátua de Zumbi dos Palmares, a ser colocada no coração do Centro Histórico do Pelourinho, hoje, Patrimônio da Humanidade, fato que se deu com o tombamento pela UNESCO, em 3 de dezembro de 1985. O *Jornal do Centro Histórico* em sua Edição

Especial da Cantina da Lua, Año IV, número 14, de 1995, historia com riqueza de pormenores, a tramitação desta iniciativa do dinâmico vereador: *Depois de conseguir homenagear o grande líder negro da África do Sul, Nelson Mandela, Dionízio apresentou um projeto digno de orgulho de todo negro brasileiro: a implantação da estátua de Zumbi dos Palmares*

no mesmo local que servia para os brancos castigarem os negros: Largo do Pelourinho. O projeto de Dionízio está sendo muito comentado dentro das entidades negras e no Centro Histórico por ser um local muito visitado pelos turistas que, agora, vão ter a oportunidade de conhecer o grande herói do povo negro do Brasil. Na justificativa do projeto, Dionízio colocou muito bem a posição do negro Zumbi diante do seu povo e começa assim: "O negro aportou em terras brasileiras, não na condição de ser humano, e sim na condição de escravo, brutalizado pelo seu senhor. O negro Zumbi dos Palmares mesmo relegado a uma situação que desestruturava a sua integridade física, psíquica e moral, não se portou como um ser dócil e resignado, predisposto congenitamente a ser escravizado pelo homem branco. Os quilombos se constituíram em um verdadeiro reduto de resistência política e cultural do negro, e não era um fenômeno isolado ou localizado. Onde houvesse escravidão os quilombos eram antítese histórica do sistema escravagista. E o



Antônio Norma de Araújo

derada por Zumbi, este grande herói da história do povo negro do Brasil".

DIVA MOREIRA

Intelectual

Diva Moreira é natural da cidade de Bocaiúva, Minas Gerais, onde nasceu no dia 8 de abril de 1946. Depois de fazer o curso elementar, Diva Moreira obtém uma sólida formação acadêmica, com graduações, mestrados e especializações em Programas de Filantropia na Universidade Johns Hopkins - Baltimore - EUA. Contudo, o seu forte é a atuação nos movimentos sociais negro e comunitário. Diva Moreira é a Joana D'Arc do século XX, é a Dandara dos povos da região das Alterosas, que em viagens pelo exterior como aos Estados Unidos, à Gana, à Venezuela, à Holanda, ao Uruguai, ao México, à Índia, à Itália e por tantos outros países, projeta o nome do Brasil e a figura da mulher negra brasileira cheia de energia e de ternura, de esperança e de capacidade, de determinação e de fé no destino da Humanidade. Diva Moreira começou a participar em movimentos políticos desde a década de 60, quando atuou em grêmio estudantil, no Colégio Estadual de Minas Gerais. Desde então, participou ativamente em movimento jovem, ligado à Igreja Católica, nas lutas contra a ditadura militar, engajando-se, então, no Partido Comunista Brasileiro e atuando na área sindical e por melhorias urbanas, em associações de moradores. Foi uma das fundadoras do Movimento Feminino pela Anistia e do Movimento pela Organização da Mulher, que tiveram forte atuação nas décadas de 70 e início de 80. Ainda na década de 70 e meados de 80, integrou o movimento de reforma sanitária e o movimento de saúde mental, quando fez inúmeras palestras em defesa dos direitos humanos dos pacientes psiquiátricos. Em 1987, Diva Moreira reuniu um conjunto de pessoas que fundou a Casa Dandara - Projeto de Cidadania do Povo Negro. Em fins de 1988, deixou a Fundação João Pinheiro para dedicar-se inteiramente à entidade e a seus projetos. Esteve na presidência da Casa Dandara durante dois mandatos, sendo substituída por uma nova diretoria, em 1995. Os projetos mais significativos realizados durante esse período foram: *Pôster-calendário* (com imagens positivas de modelos negros e com informações sobre a história do povo afro-brasileiro); *Dia de estudo*

nados com história, cultura e cidadania do povo negro); *Criança de Dandara* (educação complementar para crianças e adolescentes negros ajudando-os a melhorar o desempenho escolar e a desenvolver a auto-estima e noção de cidadania); seminário "Afro-brasileiros na Construção de uma Agenda Política para o Ano 2000" (celebrando o tricentenário de Zumbi dos Palmares, a Casa de Dandara reuniu intelectuais e ativistas negros do País, dos Estados Unidos, França, Uruguai e Colômbia para discutirem estratégias políticas nas lutas anti-racismo). Durante todo esse tempo em que Diva Moreira esteve dirigindo a entidade, ela foi bolsista da Ashoka Empreendedores Sociais, que lhe ofereceu inestimável apoio financeiro e humano durante quase três anos. Outra instituição que lhe concedeu bolsa de pesquisa, durante um período menor foi a Novib (Agência Holandesa de Cooperação). Os recursos da Novib foram da maior relevância para viabilizar a pesquisa intitulada: "O Triunfo da Ideologia do Embranquecimento: O Homem Negro e a Rejeição da Mulher Negra". No entanto, tendo esgotado esses períodos de bolsa, as razões de sobrevivência levaram Diva Moreira a dividir o tempo que dedicava integralmente à Casa Dandara com outras atividades. Assim, de março de 1993 até fevereiro de 1995, trabalhou como monitora da Fundação Inter-Americana, que apóia projetos de desenvolvimento no Brasil. Também em 1995, foi aprovada no concurso de bolsistas do Programa de População da Fundação MacArthur. Na qualidade de bolsista da Fundação MacArthur, desde 1995, recebe apoio do Fundo de Capacitação e Desenvolvimento de Projetos para a realização da Pesquisa: "A Reprodução do Racismo no Setor da Saúde: Sobrevivência e Cidadania em Risco". Essa pesquisa tem como finalidade investigar as causas das desigualdades raciais nos indicadores de saúde. Desde janeiro de 1997, Diva Moreira dedica seu tempo à Prefeitura de Belo Horizonte, integrando a equipe do governo do prefeito Célio de Castro e encarregada da criação da Secretaria Municipal para Assuntos da Comunidade Negra, instituição que promete ser pioneira em nosso país, razão pela qual tem merecido o irrestrito e incondicional apoio de pessoas e entidades sérias, entre as quais, do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, hoje presente em 18 estados da Federação e que luta pelo soerguimento e valorização da comunidade negra em nossa Pátria.



A inclinação dos negros para as artes, para o esporte e para as manifestações religiosas, demonstra que este povo traz na vida uma visão muito mais mística e contemplativa do que outros povos que levam o seu sentimento pragmático ao paroxismo. Talvez seja por isso que a atuação dos afro-brasileiros se faça mais presente no universo da música e das artes plásticas, onde os que superam o flagelo da escravidão e da miséria que ainda os persegue encontram o respaldo de que tanto necessitam para serem tratados como seres humanos. Este é o caso de Djalma Cunha dos Santos, que é natural da cidade de Alegrete, Rio Grande do Sul, aonde nasceu aos 4 dias do mês de junho de 1931. Aclamado como artista plástico, cujo nome, depois de ser reconhecido em quase todo o Brasil, ao projetar-se internacionalmente, Djalma do Alegrete eleva a coletividade negra a patamares de uma consagração pública até então apenas concedidas com freqüência e regularidade à cultura e às pessoas de procedência europeia. O fato de seu nome, na qualidade de pintor, estar catalogado em álbuns como os de Roberto Pontual e Júlio Louzada, já revela o calibre de seu talento, de sua personalidade como artista e como liderança comunitária que soube fazer de seu nobre ofício uma arma para se firmar e se defender dos preconceituosos anti-negros, das discriminações e do racismo que sempre pesaram, negativamente, contra os afro-descendentes de qualquer condição social e em qualquer latitude do nosso país. Portanto, para o povo brasileiro de formação cristã e que faz da democracia uma prática de seu modo de ser e de conduzir as suas atitudes, é sempre uma revelação saber que lá nos pampas rio-grandenses mais um negro se destaca e que esse negro é o querido, e hoje, saudoso Djalma do Alegrete, que foi professor no Ginásio de São Lourenço do Sul, no Serviço Nacional da Indústria - SENAI - do Rio de Janeiro e na Fundação Nacional do Bem-estar do Menor, FUNABEM, na cidade maravilhosa. Djalma trabalhou por vários anos e intensamente como figurinista, cenógrafo, retratista, desenhista e pintor. Na cidade de Porto Alegre e no Rio de Janeiro - a capital do carnaval, que é a festa negra de raiz mais popular e difundida que todos nós conhecemos -, Djalma foi carnavalesco, o que o vinculava à cultura e à história afro-brasileira. Djalma do Alegrete, em função de sua múltiplas atividades na área de cultura popular, recebeu várias honrarias, títulos nobiliárquicos e inúmeras premiações e condecorações em sua brilhante carreira de artista plástico negro. Era, enfim, Djalma do Alegrete, a imagem viva da negritude em movimento e o "ardor negreiro" das regiões do Sul das terras brasileiras. Museus e salões de exposições de pinturas, daqui e além-mar, são

quiridos por colecionadores públicos e particulares, com a chancela de Djalma do Alegrete. Não se pode esquecer, que o Rio de Janeiro outorgou-lhe o Título de Cidadão Benemérito e uma Moção de Louvor da Assembléia Legislativa, fôr-lhe concedida. Porto Alegre não deixou por menos dando-lhe o Título de Cidadão Emérito, por iniciativa do ex-vereador Wilton de Araújo. Djalma do Alegrete veio a falecer em Porto Alegre, no dia 22 de abril de 1994, com 63 anos de idade.

DJALMA SANTOS

Bicampeão mundial de futebol

Djalma Santos, melhor lateral direito do mundo do seu tempo e bicampeão pela Seleção Brasileira e, ainda, dos mais regulares e disciplinados. Este craque, nascido a 27 de fevereiro de 1929, em São Paulo, que tem por esposa dona Mercedes, com quem casou-se após 12 anos de namoro, jogou de forma enérgica e vigorosa por mais de duas décadas. Era homem de defesa e como zagueiro da "Seleção Canarinho" logrou

ser bicampeão do mundo, em 1958, na Suécia, e em 1962, em Santiago do Chile, vestindo a camisa de nosso plantel por mais de 109 vezes, na condição de titular absoluto. É curioso que este famoso jogador em seu tempo disputou campeonatos regionais integrando apenas 2 estados e três grandes clubes: São Paulo e Paraná, onde atuou na Portuguesa, onde deu início à sua carreira de profissional, no Palmeiras, agremiação pela qual foi campeão paulista por várias vezes, e no Atlético Paranaense, onde deixou definitivamente de jogar, em 1968, passando a se ocupar de esporte, só que desta feita, como técnico. Djalma Santos participou, também, da Taça Jules Rimet, em 1954, na Suécia, na qual sagrou-se campeã a Alemanha, cabendo ao Brasil o terceiro lugar, e 1966, na Inglaterra, terra em que o futebol foi fundado e, dessa vez, campeã do certame, ocasião em que o Brasil teve a sua pior performance, possivelmente, não chegando sequer às oitavas de final. Djalma Santos era um jogador firme, por vezes, duro, sem que sua atuação física e técnica ficassem em segundo plano; parece impossível, mas acontece quando um jogador consegue a regularidade, por assim dizer, de um cronômetro, em quase todas as suas apresentações, o que levou esse extraordinário esportista a ser eleito por consenso internacional de



Revista Grandes Personalidades

do que isso: Djalma Santos, pela Revista *El Gráfico*, foi apontado como um dos três jogadores do futebol brasileiro em condições de integrar, como titular, a seleção do mundo em todos os tempos, na posição de seu lateral direito. E vejam bem ao lado de quem Djalma Santos está colocado. Ao lado de ninguém menos que Pelé - Edson Arantes do Nascimento - e de Garrincha, o dono das pernas tortas mais célebres de que se tem conhecimento nos meios esportivos. Referindo-se a Djalma Santos, é com prazer que registramos que este jogador de descendência afro-brasileira esteve muito próximo de bater um outro recorde. Pois, se Antônio Carbajal, do México, se encontra hoje no Livro dos Recordes Guinness de 1994,

pelo fato de haver participado de cinco copas do mundo consecutivamente 1950 - 1954 - 1958 - 1962 e 1966, o nosso Djalma Santos esteve presente em quatro destas competições futebolísticas internacionais: 1954 - 1958 - 1962 - nestas duas, como Campeão do Mundo e 1966, respectivamente: se o nosso ídolo perdeu em número de participações, ganhou pelo menos, em qualidade, com relação à Taça Jules Rimet. Portanto, Djalma Santos jamais será esquecido como um grande craque brasileiro.

1) Dicionário Biográfico Universal Triês

Editora Triês 1981;

2) Guinness - Livro dos Recordes - 94 -

Editora Triês 1994.

DJAVAN

Cantor e compositor

Para sair de Maceió e conquistar o mundo foram muitos os desafios, quase um "morrer de sede em frente ao mar", como definiu na música "Esquinas". Mas o alagoano Djavan Caetano Viana, 48 anos, faria tudo outra vez. Perseguir o sonho foi, desde cedo, uma das lições aprendidas com a mãe, Dona Virgínia, personagem fundamental na sua trajetória autodidata. Rotulado de estranho no início da carreira, pela métrica da poesia e marca personalíssima das composições, Djavan acredita que "esquisita" é a situação do negro no Brasil. "Estou fora dos padrões porque sou negro, vindo de um gueto do segundo Estado mais pobre do país, e consegui fazer o que quis, não o que a sociedade me reservou", afirma. Colocou sua ótica sofisticada acima do bem e do mal, transformando-a em marca registrada. A incorporação da africandade aconteceu durante a primeira visita à Angola, em 1980, quando descobriu que

porque sou negro, vindo de um gueto do segundo Estado mais pobre do país, e consegui fazer o que quis, não o que a sociedade me reservou"

a música, cultura, estética e folclore locais já estavam gravados em algum cantinho do inconsciente, como uma espécie de código genético. Esse cidadão do mundo, amigo e parceiro de Chico Buarque, Caetano Veloso, Stevie Wonder e tantas outras estrelas, adora exercer a brasiliade. Participou da "Campanha Diretas Já" e fica exaltado ao falar sobre política. Tranquilo por natureza, há dois anos assumiu o eu politicamente correto, deixando de fumar e beber. Como lazer, aprecia um bom passeio de bicicleta, nadar e jogar futebol. Quando menino, seus pais queriam que ele seguisse a carreira militar. Filho de família pobre - sua mãe era lavadeira - os pais desejavam que ele pudesse ter um futuro melhor. Mas o menino Djavan queria ser jogador de futebol ou desenvolver algum trabalho ligado à arte. Fugiu de casa aos 15 anos e foi para o Recife tentar a sorte com a música. Não deu certo e teve que voltar para casa de baixo de sermões. Foi trabalhar como office-boy na fábrica da Crush e tinha uma pequena banda de música que tocava coisas da moda. Estudou até o segundo ano do científico, compunha e tocava violão. Casou-se ainda cedo, e depois foi correr atrás do seu sonho, que era cantar, compor, fazer sucesso e mostrar sua música ao mundo. Quando chegou ao Rio de Janeiro em 1972, foi trabalhar como "crooner", cantando em casas noturnas. Naquela época, tinha que cantar o que era sucesso, e não tinha oportunidade de mostrar suas composições. Três anos mais tarde, ficou em 2º lugar no Festival Abertura, promovido pela Rede Globo, e um ano depois gravava seu primeiro disco. Mas, só a partir do segundo disco começou a ganhar algum dinheiro e pôde abandonar a noite. Pai de três filhos - Flávia Virgínia (24), Max (22) e João Thiago (18) e avô pela primeira vez, o artista acaba de lançar o seu décimo segundo disco "Malásia", e está em frenética turnê por todo o país e exterior, morando em hotéis e ensaiando várias horas seguidas. Agenda lotada



NONO MORGES

Quem é Quem na Negritude Brasileira

esse é o preço do sucesso, do reconhecimento pelo qual lutou, conquistou e com talento soube manter. Composições dele gravadas por "Manhattan Transfer" e Sérgio Mendes receberam o Grammy, o Oscar da música norte-americana.

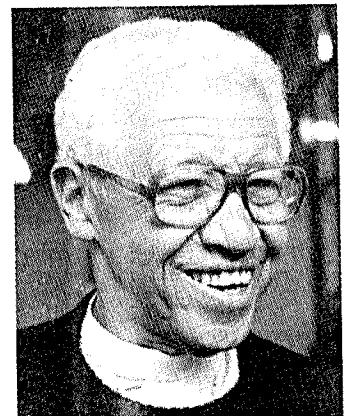
Texto de Elaine Inocêncio.

DOM JOSÉ MARIA PIRES

Religioso

Um dos mais respeitados religiosos do país, Dom José Maria Pires - carinhosamente chamado por Dom Hélder Câmara de "Dom Pelé" - em 1982 deu seu testemunho sobre o racismo, o comprometimento da Igreja com a escravidão no Brasil, e suas reflexões de menino negro, pobre, que se alçou aos maiores dos nossos tempos. Testemunho que integra o "Fala Criolo", que em tão boa hora Haroldo Costa, na sua lucidez, agraciou a todos quantos se empenham por uma nação de mais igualdade e fraternidade, daí a reprodução a seguir.

"A vocação sacerdotal eu tive quando ainda era muito menino e, para isso, contribuiu sem dúvida um tio meu que chegou a Monsenhor e era muito querido lá na nossa região. Eu nasci em Córregos, município de Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais, e minha família era extremamente modesta, basta dizer que o meu pai era carpinteiro e minha mãe doméstica. Fui para o Seminário Provincial de Diamantina com 11 anos de idade e aí obteve toda minha formação religiosa e humanística. Pelas várias paróquias e dioceses onde trabalhei nunca notei nenhuma hostilidade pelo fato de ser negro, no Nordeste, porém, a situação é um tanto diferente, o que atribuo a duas causas: primeira, ao fato de haver menor número de negros do que em Minas Gerais; segundo, pelas posições que eu assumo e que, em razão das circunstâncias, são mais contestatórias ao sistema, do que quando estive como Bispo em Minas. Aqui na Paraíba, por exemplo, volta e meia circulam observações sobre a minha atuação que são vazadas em expressões como: Bem se vê que é negro! Ou senão: Só de uma alma negra se poderia esperar isso. O próprio apelido que eu tenho de Dom Pelé, é carregado de diversas conotações e intenções, que vão do carinho com que me chama D. Hélder Câmara, por exemplo, à ironia do "Tenente Curió". Só uma vez senti realmente que estava sendo prejudicado por ser negro, foi quando deixei de ser encaminhado para fazer Teologia, em Roma, em 1936. Jamais deixei de estar atento ao fato de que sou um homem negro, um religioso e homem negro, preocupado com a realidade dos meus irmãos de cor e com a transformação que se faz



Igreja nunca esteve ao lado dos negros em suas lutas de libertação. Em linguagem atual, diríamos que a Igreja nunca se preocupou com a evangelização do negro. Nunca houve, portanto, uma Pastoral do Negro, como já tem para os índios, para os agricultores e para as vítimas da prostituição. Os negros, sendo os mais marginalizados, mereciam da Igreja maior atenção. Até o II Concílio Ecumênico estávamos habituados a ver a Igreja confinada no ambiente sagrado, a falar muito de Deus e pouco do homem, ocupada em salvar almas e bastante indiferente à transformação das estruturas de opressão. Hoje não se pode entender evangelização que não inclua todo um processo de libertação em Jesus Cristo; não se pode falar de evangelização sem respeito à cultura, à religiosidade e a todos os valores de um povo. Isto obrigou a Igreja a redimensionar sua atuação em meio aos indígenas e aos povos não-cristãos, bem como estruturar com novos critérios seus organismos de ação missionária. Como frutos dessa visão, poderíamos citar o Conselho Indigenista Missionário, órgão vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do

Brasil (CNBB) o qual coloca na base do trabalho de evangelização a defesa da cultura indígena e o respeito aos direitos dos primeiros e legítimos possuidores das terras deste país. Quanto aos negros, ainda não se chegou a uma semelhante tomada de consciência. Sempre todos tentaram convencer-se que não há racismo no Brasil. É certamente não há como nos Estados Unidos ou na África do Sul. O racismo que aqui se cultivou é talvez menos violento e mais disfarçado. Os negros podem, como os brancos e em companhia deles, tomar qualquer transporte coletivo, freqüentar praças e igrejas, podem até casar-se com branco... Tudo, porém, é a título de concessão. O branco é superior, o negro é aceito por condescendência, não em virtude de um direito. Direito ele só adquirirá se demonstrar ser possuidor de dotes excepcionais. Então ele terá livre acesso na sociedade porque dele se poderá dizer: "É negro mas é um sábio" ou "É um negro de alma branca". Por mais que se evite afirmar a superioridade da raça branca, inconscientemente se considera a negritude como algo de bem negativo, que se procura camuflar com eufemismos tais como: moreno, moreno-claro, moreno-escuro. Ser negro é uma mancha que se deve lavar, um estigma que é preciso apagar. Por sua vez, os descendentes de africanos não assumem, geralmente, sua identidade e querem aproximar-se dos brancos nos hábitos e na aparência. Especialmente os cabelos

amento altamente difundida na sociedade brasileira e que consiste no reconhecimento da superioridade da raça branca sobre a negra. O país precisa ficar mais branco. Para isso se favoreceu a imigração de europeu e se proibiu a de negros. Fechando a fronteira para os africanos e incentivando a miscigenação interna, aos poucos a negritude se iria diluindo e o Brasil se tornaria progressivamente mais claro pelo menos na cor da pele. Se essa preocupação de apagar os traços físicos da raça negra não for racismo, o que será?

E leve-se em consideração que não é só a cor que foi perseguida: foi também a cultura, a arte, a religião do negro. Ainda hoje causa surpresa, quando não provoca zombaria, a presença do negro em meios eclesiásticos, militares ou diplomáticos. Admite-se que o negro foi e é um valioso colaborador na construção nacional, é por todos reconhecida sua resistência física para suportar as intempéries mais adversas, nem por isso a palavra negro deixa de evocar e simbolizar incapacidade intelectual, preguiça, sensualidade, falta de caráter, estupidez. Para o sistema dominante, era vantajoso difundir um ideário para justificar a escravidão. Na luta pela vida, prevaleceu sempre a lei da selva ou o direito da força: quem conseguia melhores armas subjugou o menos bem armado. A norma não é promover o menos desenvolvido para que ele se liberte, mas será conservá-lo no subdesenvolvimento a fim de que ele se torne instrumento dócil dos mais espertos. Um dia as gerações futuras vão ficar horrorizadas ante a exploração que hoje se faz do operário e dos agricultores, tanto quanto nós nos horrorizamos com condição dos escravos africanos. No passado, porém, essa escravidão era considerada tão normal como o é hoje a condição dos assalariados nas empresas e dos peões nas grandes fazendas. Houve certamente, rasgos heróicos de resistência, indivíduos e comunidades negras demonstraram de mil maneiras seu inconformismo com o cativeiro a que foram reduzidos. Historicamente a realização mais célebre da rebeldia contra a escravidão foram os quilombos, expressão avançada de organização social democrática. Entretanto, a lei da selva foi aplicada aqui também, e os quilombos foram cruelmente atacados e destruídos pela força das armas. O instinto de conservação aconselhava não levar aos limites de

meçou a sentir vergonha de ser negro. Cessou a luta. Não há mais racismo: o que há é um povo esmagado, humilhado, sem identidade, um não-povo. Teoricamente a Igreja condenou a escravidão dos negros e sustentou a igualdade racial entre negros e brancos. Já no século XV o Papa Pio II censurava a redução de africanos ao cativeiro especialmente quando se tratava de neoconvertidos ao cristianismo. Paulo III acrescenta que a escravidão é reprovável mesmo quando se trata de pagãos. Outros Papas vieram a público para reafirmar o direito dos negros, mas foram belos testemunhos que, infelizmente, não tiveram a força de inspirar a prática pastoral da Igreja daquele tempo. O comércio escravocrata continuou e contou com a conivência e a cumplicidade das Dioceses, das Ordens Religiosas e dos cristãos em

geral. Mesmo aqueles que levantaram sua voz contra a escravidão dos índios legitimaram a dos negros. E não se acanhavam de reconhecer que a razão última era de natureza econômica: a necessidade de braços não encontrava resposta eficaz no índio que não se deixou reduzir, enquanto o negro, desenraizado de seu meio, separado dos irmãos da mesma tribo e até da sua família, privado do exercício de sua religião, se tornou vulnerável e

Europa e o açúcar no Brasil". Isto diziam os padres da Companhia de Jesus, tentando justificar o tráfico de Angola para o Brasil.

Fala Criola - Haroldo Costa - Ed. Record - 1982

DOM LUCAS MOREIRA NEVES

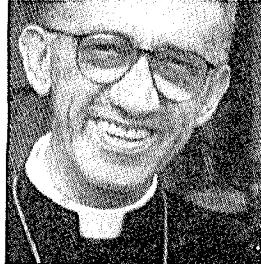
Presidente do Pontifício Conselho do Vaticano Para a América Latina

De volta ao Vaticano, convocado pelo Papa João Paulo II, para tarefas da mais alta relevância, Dom Lucas Moreira Neves despediu-se recentemente da presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para assumir no Vaticano os cargos de presidente do Pontifício Conselho para a América Latina e de prefeito da Congregação Para os Bispos. Um dos prelados mais cultos e respeitáveis de quantos já presidiram esta nobre instituição, Dom Lucas Moreira Neves, ainda como presidente da CNBB, em mensagem quaresmal, convoca todos os homens e mulheres de boa vontade a realizarem juntos uma verdadeira atitude de conversão, com atos contra a violência, contra a injustiça, contra o egoísmo, campanha que pelo seu espírito de fraternidade coloca-se, de imediato, a favor de uma ampla reforma agrária, em defesa intransigente dos direitos trabalhistas adquiridos e luta, também, pela implantação de uma política econômica que garanta o emprego e a dignidade de todos os brasileiros e brasileiras de todos os matizes. Este grande prelado, entre inúmeros dotes que possui, não nega e até dela se orgulha, de possuir em suas veias o sangue abençoados da gente humilde e sofrida que é a gente de precedência afro-brasileira. A Igreja Católica, no Brasil, contando com presenças importantes como a de Dom Lucas Moreira Neves, dá passos firmes e decisivos na recuperação do tempo perdido. Sem fazer apologia sobre uma negritude que se isola do contexto maior da sociedade brasileira, mas que assume a sua condição de agente de nossa história, é de se admitir que este procedimento é o que melhor convém ao mundo religioso porque ressalta valores, retomando mensagens do próprio Papa quando este diz: "Vivei como irmãos e irmãs, deixando-vos conduzir pelo Espírito de Deus, rompendo com as cadeias de pecado e do egoísmo". "Peço ao Todo Poderoso", continua o Papa, "que esta campanha sirva como forte apelo a uma mudança pessoal e profunda de todos os cidadãos e cidadãs, a fim de que cada qual, vencendo o isolamento e o individualismo, saiba ser solidário com os demais: assuma o compromisso de empenhar-se em espírito de autêntico serviço à comunidade, na construção de uma sociedade justa e fraterna, segundo seus dons e suas responsabilidades" (mensagem esta

"Todo, porém, é a título de concessão. O branco é superior, o negro é aceito por condescendência, não em virtude de um direito. Direito ele só adquirirá se demonstrar ser possuidor de dotes excepcionais. Então ele terá livre acesso na sociedade porque dele se poderá dizer: 'É negro mas é um sábio' ou 'É um negro de alma branca'".

chechou a abraçar a causa do opressor contra os seus irmãos de raça. Outra teria sido a sorte dos negros trazidos da África se a Igreja daquele tempo, subvertendo a ordem constituida, tivesse assumido uma atitude profética e se colocasse decididamente ao lado dos oprimidos defendendo seu inquestionável direito à liberdade e denunciando o crime dos dominadores. Entendemos que não era de se esperar que tal acontecesse dentro da mentalidade da época por parte de uma igreja unida ao poder civil. Compreendemos, mas lamentamos profundamente que tenha sido assim. Neste clima, não admira que um homem santo e dedicado como o Padre Manoel da Nóbrega tenha escrito a Dom João III para pedir-lhe que mandasse "dar alguns escravos de Guiné à casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fértil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos se tiverem alguns escravos que façam roça de mantimentos e algodoais". Isto está na página 258 da História da Igreja no Brasil, que foi publicada pela Editora Vozes, em 1979. Na mesma obra, na página 260, a gente pode ler o se-

gundo que chegou a abraçar a causa do opressor contra os seus irmãos de raça. Outra teria sido a sorte dos negros trazidos da África se a Igreja daquele tempo, subvertendo a ordem constituida, tivesse assumido uma atitude profética e se colocasse decididamente ao lado dos oprimidos defendendo seu inquestionável direito à liberdade e denunciando o crime dos dominadores. Entendemos que não era de se esperar que tal acontecesse dentro da mentalidade da época por parte de uma igreja unida ao poder civil. Compreendemos, mas lamentamos profundamente que tenha sido assim. Neste clima, não admira que um homem santo e dedicado como o Padre Manoel da Nóbrega tenha escrito a Dom João III para pedir-lhe que mandasse "dar alguns escravos de Guiné à casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fértil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos se tiverem alguns escravos que façam roça de mantimentos e algodoais". Isto está na página 258 da História da Igreja no Brasil, que foi publicada pela Editora Vozes, em 1979. Na mesma obra, na página 260, a gente pode ler o se-



Dom Lucas Moreira Neves é o filho de Deus, de origem também de africanos, a quem recaiu a mais ampla e generosa missão de seguir à frente de um rebanho de seres feitos à imagem

e semelhança de Deus, sempre atento aos princípios que estão sendo propostos como "o grande desafio a que todos nós somos lançados, que é o de uma real articulação entre fraternidade e a política, visando as profundas mudanças, de maneira a conduzir nosso país, a começar por maior democracia e transparência no processo eleitoral que se aproxima". É este prelado firme e sereno, enérgico e ponderado que convoca a todos nós, para o exercício da cidadania plena que reconhece "não ser justo que se roube o dinheiro dos pobres para injetar no sistema financeiro. As prioridades de um governo que se quer cristão, decente e democrático, deve inclinar-se preferencialmente pelos pobres, amparando-os por meio de políticas públicas de índole eminentemente social".

DOM SILVÉRIO GOMES PIMENTA

Bispo e Escritor

Dom Silvério Gomes Pimenta veio ao mundo no dia 12 de janeiro do ano de 1840, na cidade de Congonhas do Campo, Minas Gerais. É tido como um dos grandes oradores sacros do Brasil. Em virtude de suas credenciais de vocação sacerdotal foi elevado a monsenhor e Vigário Geral da Diocese da Cidade Mariana; tornou-se Bispo-Coadjuvante dessa mesma diocese, na qual acabou por ser o seu Bispo Titular; foi ainda Bispo de Camargo e Prelado Doméstico do Palácio Pontifício, no Vaticano, e camareiro do Papa Leão XII, o festejado autor da Encíclica "Rerum Novarum" (Das Coisas Novas), a primeira a se ocupar das questões sociais, promulgada no ano de 1891. É com ela que surge o movimento operário cristão mundial. Como escritor de raros méritos e apreciado pregador, Dom Silvério Gomes Pimenta produziu um alentado número de sermões, três dos quais estão inseridos em "O Papa e a Revolução" (1873), além de várias pastorais e cartas obedientes a este tipo de escrita sacra. Foi também editor do jornal intitulado "O Bom Ladrão" que funcionou de 1873 a 1878, todo ele voltado para os interesses da religião católica. Membro da Academia Brasileira de Letras, Dom Silvério Gomes Pimenta escreveu sobre a vida do excelentíssimo e reverendíssimo senhor

Igreja Católica Apostólica Romana, no Brasil, eram Antônio Alves Pimenta e Porcina Gomes de Araújo, de condições sociais e econômicas das mais modestas. Com 15 anos de idade Dom Silvério deixa o colégio e ingressa no Seminário de Mariana, sendo escolhido para professor de latim, função que exerceu até o ano de 1890. Sua ordenação como padre se deu na cidade de Sabará (MG), no dia 20 de julho de 1862. Na Academia Brasileira foi sucessor do jornalista Alcindo Guanabara, recebido na ocasião por Carlos de Laet. Versado em latim, Dom Silvério escreveu versos de natureza religiosa. No seu livro mais importante, *A Vida de Dom Viçoso*, há páginas memoráveis dedicadas a dar testemunho do caráter nefasto, pernicioso e hediondo do regime da escravidão, de cuja prática a Humanidade se envergonha porque *nos humilha à face do mundo civilizado*. É sua assertiva que se segue: *A escravidão, encarada pelo lado dos costumes, é vulcão a deitar terremoto de imoralidade no país onde existe nas condições da nossa... (...) Donde procede ser o Brasil um dos países em que menos se estranha a imoralidade pública, onde os que afrontam em manifesta mancebia e prostituição o respeito devido à família, acham nelas ingresso franco, e são tratados com os mesmos, sinais que as pessoas de costumes puros*. Dom Silvério Gomes Pimenta faleceu em Mariana (MG), em 1922, com 82 anos de idade. Concluindo, não seria ocioso afirmar-se que se de um lado sempre houve poderosos, mas diminutos, setores da cúpula da Igreja Católica que eram escravocratas, de outro, sempre teve no seu corpo eclesiástico críticos severos denunciando o estado de mancebia em que viviam partes dessas elites do catolicismo brasileiro.

1) *O Negro Escravo*, de Oswaldo de Camargo -

IMESP - SP - 1987

2) *Encyclopédia Delta Larousse*, 1970

DOMIENSE PEREIRA AMORIM (DOMI)

Fundador do "Filhos de Gandhi"

"Em 1948, no dia 18 de fevereiro (uma segunda-feira), estávamos sentados à porta do Trapiche Barnabé quando surgiu a idéia de um dos companheiros de formar um bloco, a fim de brincar o carnaval." Assim "Domí", um dos fundadores do "Filhos de Gandhi", narrou ao jornalista Antônio Félix, autor de oportuno livro sobre o tradicional bloco baiano - depoimento que reproduzimos devido à sua importância.

Este companheiro, hoje falecido, que era chamado de "Antônio Coruja", lembrando-se do filme "Gungadin", que havia assistido em Feira de Santana, deu a inspiração para a criação do

devido ao nome Gandhi, que todos sabiam tratar-se de um grande político. Deixamos o Sindicato dos Estivadores de sobreaviso para o caso de alguma prisão, o que, felizmente, não ocorreu. Tivemos êxito, tanto êxito, que afinal está o Gandhi até hoje. É de lamentar, entretanto, que atualmente o Gandhi não seja o mesmo do passado, devido à desorganização. Naquela época, havia simplicidade, respeito aos associados, enfim, tudo que se refere à sociedade. Era uma organização pobre, porém de respeito e consideração. Quanto ao nome dos fundadores, digo somente os nomes de alguns que me lembro: "Antônio Coruja", "Vavá Madeira", "Dino", "Guarda-Sol", "Carequinha", "Jaime Bexiguinha" e "Soldado". Sobre o comentário do historiador Cid Teixeira de que a maioria ou alguns lençóis, que serviam de fantasia, foram tomados das putas do Julião, posso dizer que talvez ele esteja certo, porque na época eu mesmo era um dos homens que não deixaria de ter alguém naquele meio. Uns levavam os seus lençóis de casa e outros, pela intimidade que tinham com as meninas, tomavam delas, que tinham o maior prazer em nos servir. Em relação ao número de pessoas que saíram no primeiro dia no Gandhi, foram, mais ou menos, 45 a 57 homens. Os instrumentos eram feitos de barricas de chá mate com couro de jibóia. Eu fui um dos que, nos três primeiros anos, saiu tocando. O percurso era por toda a cidade, iniciando pelo Julião, Santa Luzia e Bonfim, sempre a pé. Sobre variadas opiniões de que o Filhos de Gandhi foi criado como um Bloco ou Afoxé posso dizer que, até hoje, ele não é Afoxé porque eu, Domiense Pereira Amorim, ex-presidente do Gandhi, registrei-o na Federação dos Clubes Carnavalescos Filhos de Gandhi como Sociedade Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi. Passou então de Bloco à sociedade. Nos primeiros anos, cantávamos para Ogum, Ologum-edé, Oxalá, Oxum, etc. Hoje em dia, o Gandhi tem compositores próprios, embora cantem, de vez em quando, algumas músicas afro. Quero lembrar o seguinte: quando cheguei à estiva, encontrei um Bloco de nome "Robalo", do qual fui um dos diretores de cântico. Em seguida, formaram o "Comendo Centro", depois a "Troça dos Estivadores", que saíam vestidos de mulher e por último, é que surgiu o Filhos de Gandhi. Voltando à organização do Gandhi, deve-se dizer que houve uma época em que deixei de participar dos desfiles, devido a um desentendimento com um dos diretores, Egídio Conceição, já falecido, meu relator fiscal. Como não havia naquele tempo uma escrita montada e as anotações eram feitas, por pessoas sérias, em pequenos pedaços de papel, o que não impedia a prestação de contas corretamente, houve uma recusa de aceitação por parte de Egídio, dando a entender desconfiança da minha honestidade. Não discuti. Limitei-me a perguntar quanto devia (na época, 42 mil réis),

Quem é Quem na Negritude Brasileira

quanto julgamente com uma carta de demissão em caráter irrevogável. Deixei de sair no Gandhi por quatro anos. Perguntado posteriormente pelo Egídio quem eu apontaria para a presidência, respondi que indicaria ele próprio, ele prontamente aceitou. Ficou assim provado que tudo não passou de inveja e ambição de poder. Ele foi eleito, passou o Gandhi a clube e, durante dois anos consecutivos, o Gandhi perdeu os concursos. Foi um desastre. Depois de Egídio Conceição, foi eleito meu amigo e compadre Alberto Anastácio da Cruz, "Betinho" que, diga-se de passagem, não foi muito feliz, ocasionando o afastamento do Gandhi por um período de dois ou três anos. Aí, apareceu Ápio da Conceição, "Camaleu de Oxóssi", que através de sua influência, soergueu a sociedade. Quanto a minha opinião sobre o número de figurantes, hoje cerca de cinco mil homens, acho que não resta dúvida quanto à beleza do conjunto, porém falta organização no Gandhi e é na qualidade de conselheiro, que me acho no direito de criticar quanto à desunião e falta de respeito agora existentes no Gandhi. Como exemplo, posso citar um certo secretário, ainda jovem, recentemente eleito, impondo mudanças na sociedade, usando para isso total e exclusivo poder indevido. Ao que me parece, toda e qualquer alteração dentro de uma comunidade deve ser discutida pela maioria competente, e submetida a votação e aprovação. Discordo, também, da influência política dentro do Gandhi, onde só deveria prevalecer o espírito carnavalesco, com a finalidade de diversão. Sobre as viagens do Gandhi, concordo, no que diz respeito, a outras cidades, ou melhor, percorrendo o país. Discordo, entretanto, com o comparcimento do mesmo em todas as festividades locais, como nas tradicionais lavagens do Tororó, Julião, Praça dos Veteranos, Barroquinha, etc. Até nas inaugurações de ruas e becos o Gandhi se faz presente. Voltando aos rituais, vem a parte dos cânticos. Inicialmente, cantamos três cantigas para Exu, louvando e pedindo licença para sair e proteção para que nada nos aconteça. Em seguida para Ogum, depois Oxóssi, e, por fim, cantamos para Oxalá. Cantando para Exu: Exu anã / Exuanã / motirê lodê / elebara / oramirelê / Exuanã / Kuaô / Exuanã / Exu-tá-milôrê / Vevereketê / Emaô / noa-tixê / nabiorô. Quanto aos despachos, eram feitos na porta da sede. Hoje, no que discordo, passaram a ser feitos no Largo do Pelourinho, fugindo totalmente às tradições do Gandhi. Começam cantando para Exu, em seguida, misturam farofa branca ou vermelha com água e está feito o despacho. Na minha opinião, considero isso uma palhaçada por se tratar de local inadequado. Com relação à sede do Gandhi, a primeira foi alugada por mim lá no Pelourinho, na antiga lara, uma escola de dança, onde tinha também a capoeira do Mestre Pas-

teriormente para o Padre Mido. Por essa ocasião que o Gandhi teve a sua fase negativa, só voltando a soerguer-se com a ajuda, voltou a dizer, de "Camaleu de Oxóssi", que, na minha opinião, foi quem, apesar de não ter sido fundador, salvou a vida do Gandhi. Sobre as alegorias, nos primeiros anos eram quase que as mesmas de hoje. Na primeira vez em que saímos, era uma boneca de pano preta, no segundo, fizemos o elefante, a cabra e o camelo. Idealizamos, também, inspirados no filme Gungadim, os fuzileiros e lanceiros. Os instrumentos eram atabaques, cabaças, agogôs e caxixis. A grande maioria dos componentes do Bloco, canta sem saber o significado das músicas. Quanto a mim, que sou do ramo de Angola, acho as cantigas em Ijexá mais bonitas. O Gandhi conserva até hoje as suas tradições. No que se refere à fantasia, é sempre a mesma. Basicamente o lençol e o torso. As contas servem apenas como complemento adornativo. Eu mesmo, uso as contas do meu pai que são vermelhas e pretas, apesar das cores do Gandhi serem azul e branca. "AJAIÔ!".

Filhos de Gandhi - Anísio Félix - Crônica Central - 1992

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

Poeta

Nascido a bordo de um navio, no Rio de Janeiro, segundo o Cônego Januário da Cunha Barbosa e, ainda conforme relata Pereira da Silva, este nascimento se dera na Bahia, provavelmente, no 4 de agosto de 1738, Domingos Caldas Barbosa, que era filho de um português com uma negra africana, ambos de nomes ignorados, teve, apesar de sua condição de bastardo, uma brilhante presença no cenário da vida cultural brasileira. Seus primeiros estudos ficaram aos cuidados de padres jesuítas com os quais se distinguiram pela sua loquacidade e inteligência: suas qualidades de satírico e de repentista colocaram-no logo em evidência o que lhe permitiu adquirir sólida formação intelectual. Sua inclinação para alfinetar os aspectos chistosos de todos, quase sempre levando-os ao ridículo, fez de Domingos Caldas Barbosa um cidadão irreverente, que não poupava mestres e discípulos com o objetivo de escarnecer as pretensões e as injustiças dos portugueses. É evidente que seu procedimento despertava a ira dos detentores do poder atingidos, tais como o Conde de Bobadella e o próprio poeta barroco Gregório de Mattos. Foi por ordem expressa do Conde que Domingos Caldas Barbosa é recrutado em 1758 e incorporado às Forças que operavam na colônia de Sacramento, aí permanecendo praticamente refém até a invasão das especulações, em 1762. Retor-

niou sorte que me permitisse dar projeção a sua pessoa. Em Lisboa, Domingos Caldas Barbosa estabelece boas e proveitosa relações, tornando-se mais afável para com todos especialmente para com Dr. José de Vasconcelos e Souza, autoridade máxima da Justiça, e veio a se tornar Conde Pombeiro e Marquês de Belas. Com a proteção do Conde, o poeta prosseguiu os estudos até o presbitério secular e tornou-se capitão da Casa da Suplicação, com isso veio a conhecer a nobreza a que dá projeção no ambiente literário-social em Lisboa. É daí que surgem os atritos com o notável poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, fruto das sátiras de Caldas Barbosa, que fazem com que o autor de Pena de Talião e Rimas, se sentisse atingido, o que não impede ao poeta negro de alcançar grande nome nos meios cultos luso-brasileiros, com isso ingressando na Arcádia com o nome de Serrano Selinuntino, sodalício que posteriormente se transforma de Academia das Humanidades para Academia de Belas Artes, antes de ser denominada Nova Arcádia, tudo acontecendo por força de sua influência e da sólida amizade de que gozava junto ao referido Conde. Daí por diante, firma-se como um grande poeta do século XVIII, cuja obra literária é vista pela crítica especializada como "simples, improvisada, de elevada inspiração e espontânea. Foi um tipo de poeta popular e introdutor da modinha brasileira em Portugal, cantada ao som da viola, como trovador autêntico, traduzindo a alma do povo, de que adquiriu extrema popularidade lá e no Brasil, a ponto das suas produções aparecerem despercebidas no folclore brasileiro". Sílvio Romero, estudioso de nossas belas letras, teve oportunidade de coligir na região norte-nordeste as trovas cantadas pelos matutos sertanejos quando pôde verificar que existia um variado número de canções de Lorenzo, algumas ampliadas, outras truncadas ou estropiadas, que já haviam se incorporado ao folclore nacional, o que revela o poder penetrante das criações poéticas de Domingos Caldas Barbosa, que veio a falecer no dia 9 de novembro de 1800, no Palácio do Conde de Pombeiro, em Bemposta, Lisboa, sendo sepultado no outro dia, na Igreja de Nossa senhora dos Anjos.

1) Dicionário literário Brasileiro - do Reimann - do

Menor - 2º Edição - 1978 - E. J. C. Editora

2) Encyclopédia de literatura Brasileira - Ministério

da Educação - 1960

DOMINGOS DA GUIA

"Divino Mestre" do futebol

Domingos Da Guia. Eis outro monstro sagrado do futebol brasileiro. Nascido no Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1911, este

de afro-brasileiro e como campeão. Começou como, via de regra, todos começam: discreto e obscuro para ir, aos poucos, se notabilizando e conquistando popularidade paulatinamente. O time primeiro em que Domingos da Guia atuou era um time desconhecido, mesmo porque fundado por seus irmãos, uma espécie de clube de família, de fundo de quinalha, muito embora, neles, também atuassem jogadores como Ladislau, Luiz Antônio e Médio. Feitos estes primeiros estágios, Domingos estava qualificando-se para, em 1927, entrar no Esperança Futebol Clube da Liga Metropolitana, com isso dando um passo importante que o levaria ao Vasco. Em 1933, o seu nome já transpunha fronteiras, tanto que o Nacional E.C., Uruguai, o contrata. Nesse período, o Uruguai era o único campeão do mundo. De lá, retornando ao Brasil volta a defender as cores do Vasco da Gama. A partir desse tempo, o Boca Junior, da Argentina, interessa-se pelo seu passe e Domingos da Guia passa dois anos atuando nesse clube. Em 1937 já está no Brasil novamente, desta vez, para atuar no Flamengo, nele permanecendo por 7 anos. Regredindo-se um pouco, lembramos que Domingos estréia na Seleção Brasileira, em 1931, pela qual disputa a Taça Rio Branco, ocasião, que pela sua brilhante atuação, obtém o honroso apelido de El Divino Mestre, acompanhado com a Taça de campeão, que ele trazia para o Brasil. Com isso, o Divino Mestre é considerado o jogador de futebol número 1 de sua geração e começa a criar, sem querer, uma autêntica escola para as diferentes posições, mostrando a todos o seu virtuosismo, mesmo em se tratando de um esporte rude, onde a maioria das vezes, a agilidade das pernas atua mais do que a cabeça e o cavalheirismo, que não podem deixar de estar presentes nessas competições. Domingos da Guia criou um tipo de "filosofia de zagueiro", quietíssimo, calado, porém de reflexos rapidíssimos, com pique inicial dos mais rápidos, disputando sempre bolas de curta distância, seguro e sereno, permanecendo na sua posição, sem correr, enfim, um revolucionário sistema de jogar. A crítica especializada era pródiga em derramar generosamente elogios com referência ao comportamento profissional, tático e técnico desse extraordinário zagueiro-direito, que foi Domingos da Guia. É com este jogador de origem negra que o futebol brasileiro começa a adquirir conceito internacional, segundo o qual seria lícito esperar dos futuros esportistas dessa modalidade, grandes times e grandes jogadores; enfim, estava estabelecido a classe e a categoria da melhor qualidade imposta pelo futebol brasileiro, em nível mundial, a partir das performances de jogadores

Quem é Quem na Negritude Brasileira

futebol paulista, defendendo os Três Mosqueiros, o Corinthians, depois de ser, novamente, titular da Seleção Brasileira, no Campeonato do Mundo de 1938, disputado na França, em que a Itália consagra-se campeã da Taça Jules Rimet, pela segunda vez. Quando dissemos que Domingos da Guia fez escola não exagerávamos. Seu filho, Ademir da Guia, seguindo os passos de seu pai tornou-se, também, um grande jogador. Domingos foi campeão brasileiro por 5 vezes; campeão carioca pelo Vasco em 34 e 4 vezes pelo Flamengo (38, 39, 42, 43) e pelo Boca argentino em 1935. Domingos da Guia foi um colecionador de grandes títulos no futebol brasileiro.

*Dicionário Biográfico Universal hões
-Editora hões - 1983.*

DOMINGOS MARANHAS

Artista plástico

Militante ativo, duas vezes membro da Coordenação Nacional e um dos fundadores do Movimento Negro Unificado, Domingos Olímpio da Silva é também artista plástico, e tem como tema o resgate da cultura negra. Nascido em 19 de fevereiro de 1953, na cidade de São Luís, Maranhão, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 16 anos de idade, onde chegou a ser vendedor de livros jurídicos e de eletrodomésticos. Porém, desejoso de desenvolver trabalho independente, começou a criar peças em couro, as quais eram vendidas principalmente para a clientela dos bairros soul do Rio de Janeiro, lá pelos idos dos anos 70. Filho de Albino Ursulino da Silva e Josefa Olímpia da Silva, Domingos Maranhas teve, ainda nos anos 70, despertado o interesse pela madeira, matéria-prima que permitiu ao artista a confecção de obras de rara beleza, com a utilização da técnica de entalho em baixo relevo. Naquela época, começava a ter contato com a consciência da negritude e, de modo primitivista, tinha os traços e perfis negros como tema de seus principais trabalhos. Em 1978 participa do ato público realizado em São Paulo, contra a discriminação racial, que culmina na fundação do Movimento Negro Unificado - MNU, e ainda hoje milita ativamente na Coordenação Nacional. Em 1977, participa de exposição coletiva intitulada Ciclo do Negro, realizada no Parque Laje, sob a coordenação da professora Lélia Gonzales. Em 1978, participa de exposição no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, intitulada "Artistas Negros". A partir daí, inicia-se todo um ciclo de produção artística seguido de exposições, dentre as quais podemos destacar a I Quinzena de Cultura Afro-Brasileira, em comemoração do Dia Nacional

da Consciência Negra, em 2011. Nesse mesmo ano, participa da Rio Zumbi, a qual constituiu-se num congraçamento entre artistas brasileiros e africanos, em 1984. A partir de 1985, em parceria com seu irmão e também artista plástico Manu Matumbo, deu início ao projeto África Zumbi Arte Negra, o qual tinha por objetivo o incremento da produção artística e cultural, bem como a geração de renda para possibilitar a auto-sustentação das ações promovidas pelo movimento negro. Domingos Maranhas também tem sua vertente musical, e compõe desde os 13 anos de idade. A temática de suas músicas pode ser considerada como: "politicamente correta", abordando temas relacionados à ecologia, consciência negra e filosofia de vida. Além de compositor, Domingos também é percussionista e confecciona instrumentos musicais, através de resultados de pesquisa de sons em madeira. De 1987 a 1994 participou da Banda Negra a qual atuava principalmente em Brasília e Goiás. Atualmente, coordena o trabalho da Banda Adeleke composta de percussão e vozes femininas, a qual interpreta várias de suas composições.

DONA CLEUSA

Porta-bandeira

Em depoimento colhido pela jornalista Maria Fernando Vomero em 1977, Dona Cleusa - Cleusa Carlos Vaz Rossi -, por 21 anos porta-bandeira da tradicional escola de samba paulista, do Bixiga, a Vai-Vai, narra suas lembranças do tempo em que a escola ainda era um cordão, na qual começou a desfilar desde criança. Como destaca a jornalista, se para os caboclos a Igreja N. Sra. Achiropita era o elo de ligação com a Itália, para os descendentes dos negros aquilombados que se estabeleceram na região do Saracura Pequeno, o Vai-Vai era um espaço de manifestação sócio-cultural. Com a palavra Dona Cleusa:

"Comecei desfilando no Vai-Vai com a idade de sete anos, na época que o Vai-Vai era cordão. Não tinha alas como tem agora. Então, a minha mãe, dona Olímpia, ela que começou pôr ala no Vai-Vai. Minha irmã saia de rainha, meu irmão saia de rei, eu saia de princesa... Minha mãe pôs a corte. E minha outra irmã saia de porta-bandeira na época... Tinha o estandarte e a bandeira, né, e depois, quando o Vai-Vai se tornou escola de samba, aí eu comecei a desfilar como porta-bandeira. Eu fui a primeira porta-bandeira do Vai-Vai por 21 anos. Nessa época, o Vai-Vai desfilava pelas ruas do Bixiga, com todos os seus componentes. Deve ter sido um período realmente essencial não só do Vai-Vai, como também do bairro. Cleusa suspira com as lembranças. Era gostoso... Nessa época, tinha o

Armandinho... O pai de Cleusa, o músico Diógenes, a princípio não quis deixar a esposa, Olímpia, e as filhas participarem dos desfiles. Foi preciso que o presidente do cordão na época, Sebastião Amaral – mais conhecido como ‘Pé Rachado’- fosse até sua casa pedir a ele que deixasse a família desfilar. Dona Cleusa se emociona: Essa época era tudo tão bom, todo mundo unido... Tinha o Luzitana... O seu ‘Esquerdinha’ que ajudava, presidente do conselho do Vai-Vai. O seu Cucê... Tinha o seu Vicente Cucê que morava ali, na rua dos Ingleses. Primeiro dia de carnaval, o Vai-Vai tinha que desfilar na porta dele. Ele ajudava o cordão, sabe, ajudava demais! Aí descia pra porta do Cine Rex, onde é o teatro agora, tinha batalha de confete... Ah, como era lindo, viu?” - completa a primeira portabandeira da Vai-Vai.

Um Olhar sobre o Beija-Flor: percursos e transformações, de Monica Fernandes Vomoro - ECAUSP - 1977

DONA IVONE LARA

Primeira-dama do samba

Yvone Lara da Costa - nome artístico Dona Ivone Lara - compositora, cantora, nascida em Botafogo - RJ. Filha de uma cantora de rancho, começou a compor com 12 anos; uma de suas primeiras músicas foi o estribilho de partido-alto *Tiê-tiê* (nome de um pássaro de que gostava muito). Estudou no colégio municipal Orsina da Fonseca, de onde saiu, com 17 anos, para morar na casa do tio, Dionísio Bento da Silva, pois seus pais já haviam falecido. O tio pertencia a um grupo de chorões, com ele aprendeu a tocar cavaquinho. Em outubro de 1974, foi morar em Madureira e começou a freqüentar a extinta escola de samba Prazer da Serrinha. Nessa época compôs muitos sambas e partidos-alto, que eram mostrados aos outros sambistas pelo seu primo Mestre Fuleiro (também compositor), como se fossem dele, pois o preconceito vigente não favorecia a aceitação de mulher sambista. Casou, em 1947, com Oscar Costa, filho do presidente da escola de samba Prazer da Serrinha, e nesse mesmo ano fez um samba com o qual a escola desfilou - *Nasci para Sofrer*. Com o desaparecimento da escola, transferiu-se, com todo o seu grupo, para o G.R.E.S. Império Serrano, fundado em 1947 por dissidentes da Prazer da Serrinha. Continuou a compor, e uma das suas músicas de maior sucesso na escola



(com Silas de Oliveira e Bacalhau) classificou-se em quarto lugar no desfile de escolas de samba e foi gravado posteriormente, em 1974, pela própria autora, em Discos Marcus Pereira, *Histórias das escolas de samba: Império*. Participou das rodas de samba do Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, e gravou várias faixas em discos, em que foram apresentados diversos compositores e intérpretes, cantando composições suas. É madrinha da ala dos compositores de sua escola (Império Serrano) e desfila desde 1968 pela ala das baianas. O ano de 1970 foi sem dúvida alguma, de grande importância para sua carreira de intérprete e compositora, pois gravou o seu primeiro disco pela gravadora Copacabana *Sambão 70*, produzido por Sargenteli e Adelson Alves. Gravou também na Odeon, Copacabana, Warner, Som Livre e RGE. Em 74 Cristina Buarque de Holanda gravou no seu primeiro LP a música *Agradeço a Deus e Confesso, Sonho Meu* - prêmio de melhor música de 1978, na voz de Gal Costa e Maria Bethânia. *Alguém me avisou* gravada por Gilberto Gil, Bethânia e Caetano Veloso; *Acreditar* na voz de Roberto Ribeiro. Durante sua carreira artística apresentou-se em vários países da Europa, e recentemente, em janeiro de 1996 no Hot Brass em Paris - França. O seu canto atravessou fronteiras e foi mostrar no exterior a força da nossa música, onde também ficou constatado o brilho dessa grande estrela. Atualmente com mais de 300 composições, entre elas destacam-se algumas que fizeram sucesso: *Acreditar*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Agradeço a Deus*, Dona Ivone Lara e Mano Décio da Viola; *Alguém Me Avisou*, Dona Ivone Lara; *Alvorecer*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Amor sem Esperança*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Bodas de Ouro*, Dona Ivone Lara e Paulo César Pinheiro; *Coração Apaixonado*, Dona Ivone Lara e Rildo Hora; *Força da Imaginação*, Dona Ivone Lara e Caetano Veloso; *Enredo do Meu Samba*, Dona Ivone Lara e Jorge Aragão; *Resignação*, Dona Ivone Lara e Hélio dos Santos; *Samba Minha Raiz*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Meu Samba*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Sorriso de Criança*, Dona Ivone Lara e Décio Carvalho; *Tendência*, Dona Ivone Lara e Jorge Aragão; *Não Me Perguntes*, Dona Ivone Lara e Mestre Fuleiro e outras composições de grande valor para MPB. Dona Ivone Lara comemorou 50 anos de vida artística dedicada ao samba. Lançou o CD *Bodas de Ouro* pela Sony Music/Columbia, no dia 13 de outubro de 1997, no Teatro João Caetano. É interessante destacar que Ivone Lara - A Dama do Samba, nos revela que *Candeeiro da Vovó* é sua homenagem a uma preta velha que a sua avó recebia, chamada Vovó Maria Congo. Sua bisavó tinha uma candee-

Dona Ivone gravou esse disco para que o pessoal lá de cima protegesse esse disco dando a ele um grande sucesso.

Deus é homem cheio por Almáni Senna

DONA LILI

Cozinheira

Negra, mulher e pobre. O futuro não era promissor para Maria Verônica da Silva Santos, a Dona Lili, nascida em 17 de julho de 1923. Driblando o destino ela transformou-se na mais famosa cozinheira “cinco estrelas” de Porto Alegre e ainda encontrou força para formar as três filhas na universidade. Com 69 anos, sorriso fácil e sempre elegante, Dona Lili dedica-se às obras assistenciais. Desde pequena Dona Lili trabalhou duro. Nascida numa família de cinco irmãos, o pai morreu cedo e a mãe também foi cozinheira. Aos oito anos foi trabalhar no interior de Gravataí (onde nasceu) ajudando na ordenha. *A gente nem tinha salário. Só ganhava comida e a roupa do corpo*, recorda. Aos 12 anos já subia em caixotes para alcançar o fogão e aprendeu a ler para decifrar novas receitas. As casas por onde passou sempre foram uma extensão familiar. Dona Lili fala com carinho, por exemplo, do deputado federal Carrion Júnior (PDT), que nunca esquece de seu aniversário ou do Natal. *É como se fosse um filho. E ele também gosta muito de mim*, assegura com orgulho. A fama da cozinheira de mão cheia provocou muitas brigas entre as famílias abastadas de Porto Alegre que disputavam seus serviços. Preparar coquetéis, aniversários, festas, recepções, jantares e almoços eram parte de sua rotina. Dona Lili não foi apenas doméstica em casas de família. Durante três anos trabalhou numa indústria, preparando lanches e servindo cafêzinho, mas um acidente interrompeu a carreira de industriária. Depois disso experimentou a rotina de bares, restaurantes e boates, até transformar-se na dama do Clube de Cultura. Também experimentou o comando de um hotel, na praia de Arcas Brancas, durante cinco verões. Convenida pela filha Maria lara, Tia Lili abriu uma loja de “comes e bebes”, como ela mesma classifica. Massas, lanches, doces, sucos, tortas e pães caseiros garantiram, durante três anos, o sucesso da casa. Foi justamente o êxito que provocou o encerramento das atividades. *Não tínhamos fim de semana, feriados ou Natal*, lembra com um suspiro. Incapaz de abandonar a cozinha, partiu para outra experiência: abrir uma creche com a filha e cuidar do cardápio da gurizada. O trabalho durou três anos, até que a pressão das filhas para que tentasse descansar foi atendida. As inúmeras atividades domésticas exercidas desde os oito anos

Quem é Quem na Negritude Brasileira

ensina. Longe das panelas, Dona Lili dedica-se às obras assistenciais. O sorriso branco e constante se abre quando fala do trabalho que coordena com gestantes carentes. Rifes, chás e sorteios garantem a sustentação do projeto que assegura o enxoval dos bebês que estão por vir. Parte das roupas é confeccionada pelas próprias mulheres do grupo de ajuda. "Algumas costuram, outras tricotam e tudo é somado ao que ganhamos ou compramos para as futuras mamães", detalha. Os meninos de rua também contam com a ajuda deste anjo negro de cabelos grisalhos. São guris e gurias de zero a sete anos, que no Natal, ganham roupa, comida e presentes, "sempre novos, porque não aceitamos coisa usada", enfatiza. No ano passado, 300 crianças foram contempladas. Tanta dedicação foi descoberta e reconhecida pela Associação Satélite-Prontidão, uma entidade recreativa, social, cultural e benficiante. Anualmente um grupo de representantes de diversos segmentos se reúne para escolher quem receberá o troféu Zumbi. O presidente da associação, Nilo Alberto Feijó, está radiante com a entrega do troféu. Modesta, ela perde o jeito e sussura: "Tanta gente merece mais do que eu..." Todos que a conhecem, no entanto, sabem que isto não é verdade.

Jornal Zero Hora - 02/12/1982.

DONA ZICA DA MANGUEIRA

Personalidade da Estação Primeira de Mangueira

Euzébia da Silva Oliveira, a Dona Zica da Mangueira, nasceu em Piedade, no dia 6 de fevereiro de 1913, numa família de quatro filhos, três mulheres e um homem. Zica era a caçula das meninas. A mais velha era Guiomar. E a do meio, Clotilde, de apelido Menininha, foi a esposa do decano dos compositores da Mangueira, Carlos Cachaça, hoje com 93 anos. Aos quatro anos, lá por 1917, a família mudou-se para Mangueira. Só que naquele tempo Mangueira era um bairro operário, sede da famosa fábrica de chapéus que lhe levava o nome. Noel Rosa morava no bairro ao lado, Vila Isabel, e só tinha sete anos. E a escola de samba ainda não existia. Zica e as irmãs brincavam no rancho "Pérolas do Egito", cujas cores também eram verde e rosa, nas pastorinhas e nos blocos da Tia Fé, da Tia Tomásia, do Seu Júlio. Em 1925 (ela tinha 12 anos) um rapaz chamado Cartola fundou, com Carlos Cachaça e outros amigos, o Bloco dos Arengueiros, onde moças de família como Zica e Menininha não podiam sair: os rapazes só queriam saber de briga! Pois foi esse bloco que, três anos depois, deu origem ao Grêmio Recreativo Es-

Mangueira e por Carlos Cachaça. Zica se apaixonou primeiro pela escola e nunca deixou de desfilar. Por Cartola, a paixão também foi grande, mas só aconteceu muito tempo depois. Aos 20 anos, Zica casou com Carlos Dias do Nascimento, de cuja união nasceram cinco filhos, dos quais três faleceram muito cedo. Aos trinta e pouco anos, ficou viúva com duas filhas adolescentes, Regina e Vilma. Nesse tempo, Cartola enviuvava também, e um dia, os dois se encontraram pra valer. Zica perdeu mais uma filha, Vilma. Mas o casal adotou o pequeno Ronaldo. A união durou quase 30 anos, ela, a grande cozinheira do Rio de Janeiro, ele, o grande compositor desta cidade. Juntos, nutriram a todos nós, no corpo e na alma. Em 30 de novembro de 1980, Cartola



Agenor de Oliveira (1908-1980), um dos maiores compositores da Música Popular Brasileira, autor da inesquecível "As Rosas Não Falam", entre muitas outras, mudou pro céu. Viúva novamente, Zica que sempre venceu a tristeza, mais uma vez dá a volta por cima e, sozinha, prossegue a luta do casal, pela Mangueira, pelo samba, pela cultura carioca e brasileira. Sua personalidade forte transformou-a na grande dama da "verde e rosa". Mesmo após a morte do marido. Dona Zica, hoje com 85 anos, continua o trabalho de divulgação do segmento que representa, fazendo da Mangueira a grande razão da sua vida.

Dona Zica, por ela mesma

DONGA

Compositor, autor do primeiro samba gravado

Entre os pioneiros da criação do samba, Donga, como era conhecido Ernesto Joaquim Maria dos Santos, é uma celebridade. A qualidade de instrumentista e compositor fez dele uma das mais preciosas figuras de seu tempo. Carioca, desses que sabiam fazer de sua vida de artista de morro um exemplo de boêmio que deslumbravam os salões da cidade do Rio de Janeiro, Donga converteu-se numa referência especial para a Música Popular Brasileira. Sua raiz cultural e étnica era africana, uma vez que desde criança pôs-se a freqüentar a roda formada por ex-escravos e locais de festas de muito samba e de muito candomblé, berço de

em pleno fragor da Primeira Guerra Mundial. Como filho da primeira geração de escravos livres, Ernesto Joaquim Maria dos Santos nasceu no Rio de Janeiro, a 5 de abril de 1889. Seu pai era pedreiro de profissão e tocador de bombardino por amar viver ao lado de pessoas simples como as do grupo das baianas da Cidade Nova; tanto é que acabou casando-se com tia Amélia, uma das integrantes do grupo, resultando desta união esse gênio cor de ébano que todos admiramos e aplaudimos, que é o inesquecível Donga. Depois de atravessar o período de sua infância cercado de negros e negras migrados da Bahia, com os quais aprendeu as malemolências do jongo, do afro-x e de outras danças de sua gente, é que Donga descobre a sua veia musical e parte para incluir-se na constelação dos grandes sambistas que transformaram a cidade do Rio de Janeiro na meca da boêmia inteligente nas primeiras três décadas do século XX. Exímio tocador de cavaquinho, que aprendeu, de ouvido, tomando aulas com o grande Quincas Laranjeiras. Donga parte para as composições que o consagrariam como *Olhar de Santa e Teus Olhos Dizem Tudo* (esta merecendo mais tarde letra de David Nasser), nesta altura de sua vida já assíduo freqüentador da casa de Tia Ciata, junto com João da Baiana, Sinhô, Bucy Moreira, Caninha, Pixinguinha, e demais boêmios da época. Com relação a *Pelo Telefone* ainda hoje corre a versão, segundo a qual, Donga registrou esta composição na Biblioteca Nacional em seu nome, atitude posteriormente contestada pelo grupo que alegava tratar-se de uma criação coletiva por sua origem no partido-alto onde todos e cada um improvisam um verso. Donga foi um dos que fizeram parte do conjunto Oito Batutas, a convite de Pixinguinha, grupo este que fez muito sucesso na França (Paris) e na Argentina, em 1922, tempos de festejos do primeiro Centenário da Independência do Brasil e da deflagração da Semana de Arte Moderna. Donga, em 1926, passa a tocar violão, banjo, instrumento trazido da Europa, enquanto integrava o grupo Carlito Jazz que acompanhava a companhia francesa de revistas de nome Ba-Ta-Clan em exibição no Rio de Janeiro. É com este conjunto musical que Donga retorna à Europa, de onde voltaria para formar a Orquestra Típica Pixinguinha-Donga em



da Vaca e Drabos do Céu contaram com a atuação de Donga em seus conjuntos, estes formados por Pixinguinha mais para gravações. Em 1932, Donga casou-se com a cantora Zaira Cavalcanti com quem passa a viver até a morte desta ocorrida no ano de 1951. Fora *Pelo Telefone*, suas composições mais populares são *Passarinho Bateu Asas, Bambô-Bambô, Cantiga de Festa, Macumba de Oxóssi, Macumba de Iansá, Seu Mané Luís, Ranchinho Desfeito*. Em 1953, Donga casou-se outra vez, vindo a falecer em 1974 com 85 anos e aposentado como oficial de justiça.

1) *Cidade e História do Samba*

Editora Olá-Bo - 1920

2) *Encyclopédia Cultural Brasil A/Z*

Editora Universo - 1988

DORIVAL CAYMMI

Compositor e cantor

Se houver "Escola", em se tratando da Música Popular Brasileira, nos termos em que se deva entender por conceção técnica e estética de arte feita pelo povo, para o povo, e sobre o povo, certamente, a Bahia terá de ser considerada como um desses pólos típicos de irradiação dessa modalidade de manifestação popular. Isto posto como uma verdade axiomática, é inegável que devemos reconhecer, na figura emblemática de Dorival Caymmi, a de um precursor emérito, pelo fato deste singular cantor e compositor ter introduzido no samba dos anos 30, um componente que tornou a Música Popular Brasileira mais doce, africana e malemolente, com a inclusão da paisagem baiana nos versos e no jogo diferente em seus ritmos. Este Cidadão Samba, se pudéssemos, assim, chamá-lo, com o seu balanço e com a sua poesia que trescala, de forma tão contagiente e deliciosa, os mistérios e os encantos lúdicos da alma nordestina que têm, por epicentro, o território urbano de Salvador, terá que ter um destaque especial pelo que já contribuiu para o enriquecimento e pela divulgação da cultura popular brasileira. Nascido na capital baiana, a 30 de abril de 1914, Dorival Caymmi com 16 anos já estreava como compositor, assinando e cantando marchas e toadas feitas, como *O Sertão*, ao gosto de seus contemporâneos. É sob o embalo desses sucessos que Caymmi muda-se para o Rio de Janeiro, em 1937, onde deu início à sua carreira de profissional e obtém êxito incomum. Dentre os compositores e cantores de seu tempo, Dorival Caymmi era diferente, situando-se melhor perante a preferência do povo e da crítica em razão do timbre



sempre simples, puras e diretas, de modo a tocar o coração de quem as ouvia. Sua paixão pelo mar, pelos pescadores, pelas jangadas, essas gaivotas de pano ensunado, inspirou páginas das mais belas de nosso cancionero popular. Dorival e o seu indefectível violão, por muitos anos, constituíram-se num gesto de memoráveis apresentações. Sentimento, naturalidade e lirismo, eis o que o povo gosta e aplaude com entusiasmo em Caymmi. Hoje suas criações são verdadeiros hinos que a memória popular jamais olvida: *O Que é Que A Baiana Tem?, É Doce Morrer No Mar, O Mar, Você Já Foi A Bahia? Marina, Nem Eu, João Valentão, Dora, A Lenda do Abaeté, Suite dos Pescadores, Maracangalha, A Preta Do Acarajé, Saudade de Itapoã, A Jangada Voltou Só, Eu Não Tenho Onde Morar, Rosa Morena, A Vizinha Do Lado, O Dengo Que A Nega Tem, Vestido De Bolero, Oração De Mãe Menininha, Cancioneiro*

são, por exemplo, uma pequenina mostra em meio ao volume da vasta e valiosa produção

de Dorival Caymmi. Sem os conflitos de geração que, no mais das vezes, fazem com que os filhos se empenhem para afilar na névoa dos esquecimentos os seus próprios predecessores, este Cantor Baiano soube legar a seus descendentes diretos, Dori Caymmi, Nana Caymmi e Daniela Caymmi, um patrimônio de natureza artística sem similares, não só que os estimula no curso da carreira

em que já são vitoriosos, mas, sobretudo tem neles o melhor de seus parceiros e aliados na preservação e na divulgação de sua obra, hoje de cunho histórico. Esta família de músicos, ainda hoje, fazem sucesso e arrancam aplausos encomiásticos por onde quer que se apresentem por este país afora e no exterior. Portanto, Dorival Caymmi, sozinho, equivale por todo um capítulo da história da Música Popular Brasileira. É o mínimo que dele poderíamos falar. Ah! Carmem Miranda, prodígio do cinema e do nosso cancionero, atriz de renome internacional, foi quem melhor interpretou criações de Dorival Caymmi.

1) *Encyclopédia Cultural Brasil A/Z*

Editora Universo - 1988

2) *Grande Encyclopédia Delta Encyclopédia* - 1970

DULCE MARIA PEREIRA

Presidente da Fundação Cultural Palmares

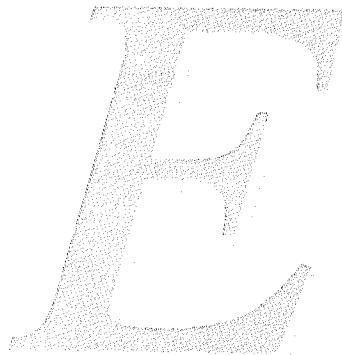
Nascida em São José do Rio Preto, São Paulo, em novembro de 1954, Dulce Maria é feminista e militante do Movimento Negro des-

tatista, produtora, diretora de comerciais, diretora de Rádio e TV, apresentadora e debatedora. Desenvolveu atividades profissionais na Superintendência de Desenvolvimento do Sudeste - Sudesul, do Ministério do Interior. Foi coordenadora de Planejamento, roteirista, diretora, produtora e apresentadora da TV

Cultura; coordenadora, assessora de planejamento da Secretaria de Esportes da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Foi vice-presidente e diretora de Turismo do Anhembí Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo. Coordenadora de Planejamento e Assessora de Comunicação do Corpo Municipal de Voluntários de São Paulo. Diretora da TV dos Trabalhadores e diretora da Vénus Cinevideografia, empresa especializada em comunicação ecológica e multiracial. Na área acadêmica, lecionou comunicação gráfica, antropologia visual e linguagem, e teoria da comunicação. Coordenou e realizou pesquisas na área de comunicação e representação histórica do negro e recuperação da história através dos meios de comunicação. Atualmente, dirige e apresenta o programa semanal na Rádio USP intitulado *O Mundo Negro: Brasilamefricaribe*. É membro e coordenadora do subgrupo de Comunicação Negra, órgão presidido pelo Ministério da Justiça, que tem por objetivo o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o potencial da população negra. É, também, coordenadora do Seminário Permanente de Mulheres nas Américas, e coordenadora do Comitê Brasileiro do Projeto "A Rota dos Escravos", de iniciativa da Unesco. Recebeu o título de Mulher do Ano nos Meios de Comunicação, em 1985, do Conselho Nacional da Mulher Brasileira; recebeu a medalha da Ordem de Rio Branco, no grau de Grande Oficial, por seus serviços prestados à nação, em abril de 1997. É membro do Women's Leadership Conference of the Americas (WLCA) - Conferência das Lideranças Femininas das Américas; integrante do diálogo Interamericano e do Fórum de Mulheres Dirigentes das Américas, além de suplente do senador Eduardo Suplicy - PT-SP. Dulce Maria Pereira exerce atualmente a presidência da Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura responsável pela valorização, preservação e dinamização da cultura negra no Brasil.

Texto de Elaine Inocente

Quem é Quem na Negritude Brasileira



EDEL JORGE

Pedagoga

Edenilce Hortência Jorge Elliott, conhecida como Edel Jorge, formou-se no Curso de Letras Clássicas da USP, mas foi junto aos jovens estudantes que desenvolveu seu trabalho de resgate da cultura afro-brasileira, estimulando e desenvolvendo atividades como a capoeira e o samba. Este é seu fascinante depoimento:

“Nasci em 31 de outubro de 1953, em São Paulo, filha de Oswaldo da Glória Jorge e Elza Campos, e casei-me com Patrick Elliott, natural de Gana, na África. De meus antepassados herdei o espírito de luta e de força para transpor os desafios impostos pela vida. Cresci no bairro da Aclimação e passei minha juventude na Vila dos Remédios. Quando era criança era levada pela minha mãe e pela tia Deolinda aos parques do Ibirapuera e da Água Branca, juntamente com meus irmãos. A infância feliz foi perneada por esses passeios inesquecíveis que revelaram o lado oculto dessa megalópole em que os arranha-céus substituíram com a velocidade vertiginosa toda a vegetação, todo o pulmão verde da *Paulicéia Desvairada*. Estudei no Instituto de Educação Caetano de Campos, na Praça da República, desde o jardim de infância até o colegial. Escola pública que generosamente me proporcionou um estudo de qualidade, além de me ensinar a reconhecer a riqueza cultural existente à sua volta: Cine Repúblia, Teatro Paiol, Teatro

pública, desde o jardim de infância até o colegial. Escola pública que generosamente me proporcionou um estudo de qualidade, além de me ensinar a reconhecer a riqueza cultural existente à sua volta: Cine Repúblia, Teatro Paiol, Teatro

Itália, Igreja da Consolação, União Brasileira dos Escritores, etc. Das suas janelas acenei aos reis do Japão e à rainha da Inglaterra. Delas, também, testemunhei o confronto entre a polícia e os estudantes em 1968. Medo e reflexão: misto de pavor e heroísmo. A escola foi fundamental para a escolha da profissão. Em 1972, ingressei no Curso de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo. Notáveis mestres tive, os quais ainda me servem de referencial para as jornadas que ainda tenho por empreender. Minha vida profissional devo a Osasco, este logradouro que muitos, pejorativamente, chamam-no de *cidade dormitório*, onde leciono desde 1976 até hoje. Com muito prazer contribuo com a formação de várias gerações de estudantes, tanto na rede pública quanto na rede particular, sempre estimulando os negros e os despossuídos a lutarem por si e por um mundo melhor. Em 1991, efetivei-me diretora de escola e foi na EEPG Prof. João Euclides Pereira que pude realizar um trabalho voltado ao resgate da auto-estima de afro-brasileiros, de alunos e professores de escola da periferia. Fiz do cargo uma forma de fazer do poder instituído um trabalho em favor da manifestação cultural da comunidade escolar e dos que dela se acercam, como os grupos afros e os grupos de cultura popular. Foi bom ter colaborado com desenvolvimento do potencial de grupos de jovens alunos ligados a atividades culturais tais como: capoeira, samba, hip hop, teatro, além dos encontros dos pais que precisavam do espaço da escola para decidir interesses da comunidade local. Atualmente exerce a função de supervisora de ensino na rede estadual em Osasco, onde espero continuar contribuindo com o meu cabedal de conhecimento e com minhas experiências para a melhoria do ambiente em que todos nós vivemos”.

EDENICE SANTANA DE JESUS

Pedagoga

Edenice Santana de Jesus é natural da cidade de Salvador, capital baiana, onde nasceu no dia 3 de abril de 1947. É filha de Hamilton Araci Sant'Ana e Maria Glória Vieira. Com curso superior em pedagogia, Edenice especializou-se em Orientação Educacional e Supervisão pela Universidade Federal da Bahia. Detentora de um excelente currículo, Edenice Santana de Jesus preocupa-se muito com o seu aprimoramento, não só na área de sua especialidade, valorizada por cursos de pós-graduação, mestrado, doutorado ou outros correlatos como, também, em áreas onde a questão afro-brasileira é apresentada. Edenice tem por dependentes três filhos: André, Daniel e Edilton. Sua presença é quase que constante em locais onde simpósios, encontros, seminários, conferências, palestras ou congressos estejam ministrando cursos e novas metodologias de ensino para professores ou especialistas da área; assim, o V Encontro de Estagiários de Orientação Educacional, de Operação Especial Sem Bandeira, de Educação Artística, tornou-se uma rotina em sua vida. Tratando de sua preocupação para com a comunidade negra, Edenice Santana de Jesus não deixava por menos. Ativa, militante de tempo integral, consciente e consequente, a sociedade não teve como não recon-



da Mulher da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia outorga a data de 31 de março de 1998 como a data apropriada para esse tipo de luta específica para todas as mulheres. Reconhecendo que o negro deve e precisa ter tratamento diferenciado, na medida em que se pretenda, efetivamente, lhe fazer justiça, Edenice Santana de Jesus prepara-se para aplicações concretas em favor da comunidade afro-descendente, de que ela tanto se orgulha de pertencer, realizando ou participando de cursos referentes a tais questões como o Movimento de Trabalhadores e a Conquista da Cidadania, o I Seminário Baiano Aids e Negritude, I Encontro Nacional contra a Discriminação Racial, I Seminário Nacional Aids e Negritude, Curso Multiplicador Sobre Turismo Sexual e Tráfico de Mulheres, ou de outros estudos semelhantes. Edenice ainda deu palestras ou participou de conferências subordinadas aos temas: O Negro e a Educação, em Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte; A Situação Político-Social e Econômica do Negro no Brasil, na Universidade de Feira de Santana; A Mulher Negra e Participação Política, entre tantos outros. Enfim, a atuação da professora negra Edenice Santana de Jesus está muito dentro das ponderações que a senadora Benedita da Silva chama de contribuição ao trabalho de resgate da história da mulher negra no processo de emancipação do povo brasileiro. E essa tarefa impõe-se a todos - negros e brancos, homens e mulheres - comprometidos com as verdadeiras transformações. Pois, como disse o saudoso professor Florestan Fernandes, estudioso das questões sociais, "não se poderá dizer que existe democracia, nem justiça social no Brasil, enquanto o negro for discriminado. Ele é a vanguarda natural dos oprimidos, o elemento de ponta entre aqueles que lutam por um Brasil melhor e por uma sociedade mais justa".

EDGARD FREIRE

Atleta e fundista notável

Edgard Freire nasceu em 19 de janeiro de 1931, filho de Fortunato Freire e Crescência Galvão de Campos Freire. Casou-se com Deise Jurdelina de Castro Freire, com quem teve dois filhos, Jumara (22) e Fábio Francisco (36). Com 13 anos de idade, Edgard começava seu primeiro trabalho em uma fábrica de bonecas na função de serviços gerais. Aos 16 anos, ingressava na Escola Paulista de Medicina na função de servente, sendo promovido após alguns anos a técnico em fisiologia. Em meados de 1953, dava-se início ao que seria chamado de grandiosa e bem sucedida carreira desportiva. Através de um anúncio de jornal, A Gazeta Esportiva de abril de 1953, o São Paulo Futebol Clube convidava todos aqueles que desejavam praticar atletismo para

Participar do revezamento 4 x 100 m já fora incluído definitivamente na equipe do São Paulo F.C. A Gazeta Esportiva descrevia o início da carreira do atleta com as seguintes palavras: "... um simples anúncio do mais completo, naturalmente lido por acaso por um jovem operário, revelou aos olhos do público brasileiro uma das maiores figuras do nosso atletismo".

Em meio ao trabalho, vinham os treinos. Edgard trabalhava das 7 às 12 horas na Escola Paulista de Medicina e das 13 às 18 horas no Jockey Club de São Paulo, com a função de técnico em fisiologia. Com o tempo que restava, cerca de três horas por dia, treinava com afinco no São Paulo F.C., na época ainda situado no Canindé. Sob a orientação do renomado treinador Dietrich Gerner, Edgard participa de sua primeira prova oficial denominada Volta da Penha, no ano de 1953, prova de 5.000 metros, obtendo a sétima colocação. Ainda em 1953, participa de várias outras provas ficando sempre entre os primeiros. A sua primeira vitória foi no Campeonato Paulista de Juniores na prova de 5.000 metros. O ano de 1954 foi grande para Edgard. Obteve várias primeiras colocações como no 2º Troféu Brasil - 5.000 e 10.000 metros; na 5º prova da Bela Vista; na 3º prova O Esporte, entre muitas outras. No final do mesmo ano, um jornal nos fala sobre a revelação do ano da seguinte maneira: "...um nome está surgindo e firmando-se no atletismo brasileiro. Pinta de campeão, de verdade. Trata-se de Edgard Freire, um expoente da nova geração de fundistas do Brasil". Na chamada preliminar da São Silvestre, corrida que antecedia a tradicional prova em aproximadamente 20 dias, Edgard sagrava-se campeão. O auge viria na 30º São Silvestre, quando para surpresa e orgulho de todo o povo brasileiro, Edgard com um grande desempenho consegue a segunda colocação, ficando atrás do iugoslavo Mihalic. Os anos seguintes não foram diferentes. Vitórias e mais vitórias. A participação nos segundos Jogos Pan-americanos, realizados no México, o Sul-americano, no Chile, lhe valeram de grande experiência internacional entre outras provas disputadas longe do solo brasileiro. Não cansado de colecionar títulos, como por exemplo, por vários anos consecutivos Campeão Paulista dos 3.000 metros com obstáculos, 5.000 e 10.000 metros, campeão de outras várias edições do Troféu Brasil e de muitas provas de rua, os recordes acabariam por vir. Em 1963, Edgard bate o seu primeiro recorde. Foi o primeiro brasileiro a realizar a prova dos 5.000 metros com um tempo abaixo de 15 minutos, mais exatamente, o recorde homologado pela antiga Confederação Brasileira de Des-



até os dias de hoje, é professor assistente da disciplina de Fisiologia na Faculdade de Ciências da Saúde São Camilo, onde ministra aulas teórico-práticas aos alunos do curso de nutrição e enfermagem. Hoje, Edgard está amparado por todas as ramificações da Medicina Esportiva, como por exemplo, a Fisiologia do Exercício, Cardiologia Esportiva, Nutrição, entre outras. Contando com o apoio de todos os profissionais do CEMAFE, Edgard inicia a sua preparação rumo à maratona de Nova Iorque. Vamos lá Edgard Freire, vamos juntos rumo à maratona de Nova Iorque! Voltando ao passado, mais precisamente em fevereiro de 1955, lemos num jornal reportagem feita com o Edgard onde em um dos assuntos mencionados ele fala o que pensa sobre o seu futuro da seguinte maneira: "para o futuro, espero construir meu lar ao lado dessa que foi eleita dona (dona Deise) do meu coração, praticando esporte enquanto tiver forças para tal e, quando não mais puder fazer isso, espero ter meus filhos ao lado com muita paciência para ouvir o muito que terei para contar, preparando-os assim para a vida".

EDIR DE CASTRO

Atriz e escultora

Carioca, mulher negra pluriaptada em artes. Seu objetivo sempre foi vencer as batalhas da vida. Sempre encontra uma pista livre por onde possa correr sem ser necessário atropelar ninguém. Cresceu cercada por brancos, descobrindo, aos 12 anos, que existia uma diferença entre as raças. A partir daí, começou a buscar suas origens. Através da dança foi apresentada ao folclore e descobriu o candomblé, já que sua família oscilava entre a igreja católica e a umbanda. Através da escultura, encontrou novos horizontes e investigações mais prazerosas. Foi presenteada por Ruth de Souza com o livro *A Mão Afro-brasileira*, que lhe deu nova diretriz em sua arte, completando, assim sua iniciação. Considera-se militante da vida, do dia-a-dia, cada vez mais orgulhosa de ser mulher negra. Em entrevista especial para este registro, buscou mostrar como funciona sua ideologia e seu axé, já que sabe o

to, quando se chega no campo das artes, as coisas ficam bem mais difíceis. Isto ocorre porque precisamos de mais escritores e cronistas negros que possam oferecer-nos papéis que sejam reflexos da sociedade de 1995, já que, com raras exceções, quando existem papéis oferecidos aos negros, estão defasados para o tempo da escravidão, do Império, da cozinha, da favela ou para o tronco. Enfim, o negro não é visto como um cidadão comum, de primeira categoria, podendo ser professor, artista plástico, psicólogo ou advogado. Eu acredito que tais limitações se devam, também a problemas financeiros, já que não temos empresários negros que invistam no minutinho da televisão com o artista negro, pois consideram não ser muito lucrativo para eles demonstrarem uma verdade, que pode ser uma ameaça, já que estamos tomando nosso espaço como seres humanos nesta sociedade, e isto significa divisão de rendas. Acredito, então, que no momento em que os empresários negros, que já existem no Brasil, resolverem investir no povo, as coisas irão melhorar! Eles argumentam que precisam ter retorno financeiro, então, não importa se um comercial brasileiro tem a cara da Suécia, o importante é que dê lucro. Temos que sensibilizá-los para isto". Edir de Castro fez parte do grupo *As Frenéticas*, com sucesso nacional. Eram empresárias, donas do próprio grupo e com livre trânsito em todos os setores. Sentiu uma grande diferença entre ser artista negra e componente de um conjunto de sucesso. Dentro do conjunto, todas tinham consciência de suas identidades e papéis, cada uma sabendo quem eram as negras - Edir e Dudu -, as lusitanas - Leiloca e Sandra - e a italiana, que era a Martucheli, e o que todas estavam fazendo. Em um dos números das *Frenéticas*, onde cada uma fazia um solo, Edir de Castro apresentava uma dança afro, aproveitando sua experiência de dois anos na Europa como integrante da *Brasiliana*, sendo aplaudida em cena aberta. A *Brasiliana*, para Edir, foi uma sorte. Dormia cedo após os espetáculos para ter oportunidade de visitar museus como o do Louvre, em que pôde ficar durante 15 dias conhecendo, estudando e se enriquecendo culturalmente. Assim, pôde percorrer toda a Europa, estudando as diferentes tendências da arte no mundo, tomando um verdadeiro banho de cultura e aprendendo a gostar ainda mais da cultura negra, que pôde estudar em detalhes e com acesso a vários materiais existentes na Europa e quase impossíveis de serem conhecidos no Brasil. Viajou por toda Europa, Canadá e Estados Unidos, mas, infelizmente, não chegou a visitar a terra-mãe África, o que lhe causou muita pena. Edir de Castro tem uma filha com Zé Rodrix, chamada Joy (alegria), tendo sido a semente plantada e colhida no tempo certo e para quem busca passar toda sua arte e fé no mundo. A Edir escultora surgiu após o

mandada ao Serviço de Orientação Educacional (SOE) por haver esculpido uma caricatura do diretor em um giz, com um alfinete e uma gilete. Edir aprendia muito rápido e ficava entediada. Para ocupar o tempo, usava o giz para se distrair. Pega pela professora, encontrou no SOE o professor Cantuária, que era casado com a Norma, uma das irmãs Marinho, e que ficou encantado com o trabalho e a encaminhou ao Lan, casado com Olívia Marinho. Daí fez um estágio com o Lan, que trabalhava perto do estúdio do Carlos Machado, onde conheceu Robertinho da Silveira e Valter Campos que depois se casaria com Jacira Silva, e estes a convidaram para substituir uma moça na TV-Rio, no quadro *Coroa do Morro*, e que era só ir lá e dizer: "Lá vem a noiva". A partir daí, ficou como contratada da TV-Rio para fazer *Noites Cariocas* e *O Riso é o Limite*. Sua carreira não parou mais. Foi para o teatro, fez *Chico do Pasmado*, com Auriimar Rocha, *Memórias de um Sargento de Milícias*, com elenco todo negro: Milton Gonçalves, Zózimo Bulbul, Joel Rufino e muitos outros. O único branco do elenco era um rapaz que havia pedido para ser o escravo, e eles deixaram! Após dois anos fora da Brasil com a *Brasiliana*, foi para São Paulo, onde participou da montagem de *Hair* peça com a qual percorreu todo o país, do Oiapoque ao Chuí, sendo sua grande chance de conhecer o Brasil por dentro. Voltando ao Rio, após dois anos de viagens com *Hair*, participou de um musical chamado *Independência ou Morte*, casando-se com o diretor musical Zé Rodrix e ficando seis anos afastada da vida artística. Seu retorno se deu com a direção de Nelson Mota, que a convidou para trabalhar como garçonete numa discoteca que estava abrindo. Edir resolveu investir no convite, já que após 6 anos de um casamento feliz, precisava ampliar seus horizontes. Muitos calos surgiram desta atividade, bem como muitas bandejas derrubadas, mas também, muito sucesso, com *As Frenéticas*. Quando o conjunto começou a esfriar, Jacira Silva sugeriu que retomasse suas miniaturas em giz, que ela havia começado lá no Colégio Rio de Janeiro. Desta forma, Edir de Castro voltou a esculpir, passando a lidar com terracota, técnica aprendida com Marli Faro, realizando 20 exposições, ganhando duas medalhas de ouro e três menções honrosas como escultora. Daí, a pedido de seu dentista, resolveu fazer um curso de prótese dentária, que é escultura dental, conselho que seguiu à risca. Além disto, fez curso de fotografia no Senai, faz pães integrais para os amigos, vem participando de vários filmes, sendo o último o *Menino Maluquinho*, é produtora de eventos culturais, o que comprova o seu axé e sua qualificação de pluriaptá em artes.

Texto extraído do livro "Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras" de Helena Theodooro - Editora Pollos - 1996

Quem é Quem na Negritude Brasileira

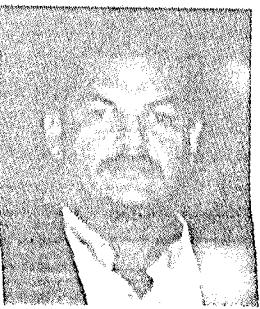
Edméia Machado é costureira e dona de casa, no Rio de Janeiro, e relata, aqui, sua rica experiência no combate à discriminação racial.

"Na minha opinião tinham que indenizar a gente. Nossos ancestrais estavam lá na África, cuidando da vida deles, desenvolvendo a agricultura, o artesanato, não pediram para sair da terra deles e chegaram os brancos para arrancá-los de lá. Aí roubaram os nossos tesouros, as nossas raízes, o nosso passado e em troca nos deram a escravidão. E quando se acabou é que acabou - o que é que nos deram em compensação? Nadinha. A gente tem que se virar sozinha para poder ser gente. Ajuda, nenhuma! Até pelo contrário, não falta quem queria atrapalhar, colocando empecilhos, dificultando, criando toda sorte de dificuldades, enfim, fazendo tudo que é para a gente não progredir, para a gente acreditar que o nosso destino é ficar sempre por baixo, sendo mandado, na pior. Por isso é que acho que tinham que indenizar a gente. Estou certa? Eu acho muita graça de um pessoal que trata crioulo com uma certa distância, sem muita confraternização e oba-oba, mas que não dispensa uma boa macumba. Na minha profissão eu lido com algumas grã-finas que volta-e-meia me perguntam se eu conheço um centro da pesada ou um preto velho que conte tudo; quando não acontece de chegar uma e dizer que descobriu uma vovó maravilhosa ou um caboclo incrível. Eu fui criada na religião católica mas, como todo brasileiro, misturo tudo. Quer dizer, misturo tudo em termos. Desde pequena que minha avó dizia que eu era médium, por causa das visões constantes que eu tinha. Aliás o meu bisavô, que infelizmente eu não conheci, era africano e tinha muitas transações espirituais. Daí minha avó acreditar que eu tenha herdado dele esta faculdade que eu não desenvolvi, com medo, mas que eu tenho constatado durante a minha vida inteira. Um dia eu estava tomando banho e tive a visão que o meu filho Paulo César, que hoje já tem 24 anos e é formado em jornalismo, estava virando alguma coisa em cima dele, lá na cozinha. Saí correndo e quando cheguei, ele que na época tinha quatro anos, estava quase alcançando uma panela com água que estava no fogão, fervendo. Por um triz não virava por cima dele. Coisas assim têm acontecido inúmeras vezes, visões que eu tenho em relação ao meu filho, meu marido a até a mim mesma. De vez em quando, por muita insistência, eu acompanho uma conhecida a um centro, mas fico só observando. O negro brasileiro ainda tem um longo caminho a percorrer e esse caminho passa pelo complexo da inferioridade. Pode parecer até engraçado, mas já aconteceu comigo o fato de eu colocar um anúncio no jornal ou ligar para uma agência pedindo uma

mas elas vejam daquele passinho pra lá e pra cá, moçando o corpo, ficando cada vez mais nuas e não vão passar daquilo, não é? Eu não acho que isso acrecente alguma coisa a cultura negra, é muita exibição mas não estão valorizando nada, nem a própria pessoa como mulher. Deviam entrar numa escola de danças, aprimorar o talento, aprender a dançar outras coisas, como a gente vê nesses balés de crioulo americano que de vez em quando se apresentam aqui. Senão o final de carreira é muito triste, a gente está cansada de ver vedete branca de pires na mão, agora imagine negra, que não sabe fazer mais nada a não ser rebolar".

EDMIR CONSTANTINO COSTA
Diretor-conselheiro do CNAB

Edmir Constantino Costa, natural da cidade do Recife, Pernambuco, nasceu no dia 21 de fevereiro de 1953, filho de Maria Costa e Pedro Constantino Costa. Por seus dados curriculares nota-se que se trata de um cidadão profundamente preocupado com os problemas sociais ligados aos homens e às mulheres simples do povo. Sua iniciação para o aprimoramento de como devia lidar com as armas de combate às injustiças sociais, deu-se quando Edmir se elegeu presidente do grêmio estudantil da escola Mariano Teixeira, em 1982, e presidente do grêmio estudantil do Ginásio Pernambucano, em 1986. Foi vice-presidente da Associação Recifense dos Estudantes Secundaristas e presidente dessa instituição, assim como presidente da União dos Estudantes Secundaristas de Pernambuco e vice-presidente para o Nordeste desta mesma agremiação. Edmir foi delegado do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Pernambuco, 1º secretário e tesoureiro desta entidade sindical. Em 1993, foi também diretor de relações sindicais da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil para o Estado de Pernambuco, coordenador do PAT - Programa de Assistência ao Trabalhador e é atualmente diretor conselheiro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, junto ao Estado de Minas Gerais. Estas atividades identificam, perfeitamente, o caráter das preocupações cívicas e patrióticas vol-



tadas para o universo da solidariedade e da fraternidade entre os seres humanos, como aplicação efetiva de programas nacionais de direitos humanos e de defesa de sua condição de

...impõem, para pior, quando se trata de aferir dados estatísticos, em que se cotejam as relações entre negros e brancos no mercado de trabalho em nosso país; dados estes insuspeitos porque foram levantados pelo IBGE, em 1990, e que assim se distribuem: rendimento médio entre negros e brancos, em salários mínimos (IBGE/PNAD-90) é de 6,3 para brancos e 2,9 para negros; de 3,6 para brancas e de 1,7 para negras. Estas desigualdades são verificadas em qualquer um dos campos em que se cotejam, tanto na área da educação, da saúde, da moradia, da qualificação profissional, da participação na vida política da nação, etc. É evidente que pessoas de formação cristã e da sensibilidade de jovens negros da índole inteligente e generosa de Edmír Constantino Costa, não cruzarão os braços diante deste doloroso espetáculo de marginalização e de destruição da criatura humana seja ela de que procedência étnica for. Abrir caminho e encontrar soluções plausíveis, a curto e médio prazo, tem sido o fanal, o escopo e a meta suprema de Edmír, para tanto se fez representante das grandes causas populares e jornalista dos mais aguerridos.

EDNA COSTA
Ex-vereadora de Recife

Edna Costa, cujo nome de batismo é Edna Maria Costa, é pernambucana, da cidade de Recife, nascida no dia 12 de março de 1954, e mãe de dois filhos: Pedro Ivo e Fernando. Filha de família simples, típica das regiões periféricas dos grandes centros urbanos das metrópoles nordestinas, Edna experimentou, ainda muito cedo, as dificuldades impostas à mulher e ao homem do povo, por uma sociedade semi-feudal, periférica, que se constituíram nos primeiros e mais sérios desafios, aos quais, se propôs vencer, com dedicação e pertinência, entrando para escolas que pudessem lhe oferecer os conhecimentos elementares, capazes de levá-la a vencer na vida. Depois de lutar diuturnamente, sem esmorecimentos, Edna Costa consegue concluir seus estudos fundamentais e ingressa na Universidade Federal Rural do Estado de Pernambuco, onde se matricula no curso de veterinária. É nessa ocasião que esta nordestina, inteligente e destemida, dá início às suas atividades políticas, passando a atuar nos movimentos estudantis, que ali existiam nos anos de 1976 e 1981. Não nos é difícil imaginar o que deveria ter ocorrido nesse período, com a estudante Edna, tendo-se em vista que esta jovem mulher se propunha atuar num ambiente tradicionalmente machista e racista, de modo a fazer com que o seu nome se projetasse por toda a universidade amparado, apenas e tão somente



gem e de determinação. Edna, cumprindo o seu papel de estudante engajada na realidade de seu tempo, não se omitiu, nem fez vistos grossas para os problemas que cercavam o dia-a-dia de seus colegas, de seus professores e, por extensão, de sua própria universidade. O que ela não poderia prever, é que estes seus esforços, esta sua firmeza e lealdade e esta sua persistência, com que se empenha na defesa de reivindicações tão específicas, haveriam de fazer de seu nome uma bandeira, que mais tarde seria empunhada pelos partidos políticos da região. Estava, portanto, asfaltado o caminho que levaria Edna Costa, vinda das mais humildes camadas da sociedade pernambucana, a se estabelecer na elevada e prestigiosa condição de vereadora da gloriosa e histórica cidade de Recife, na época a quinta maior metrópole do Brasil. Este feito da vereadora Edna, repetiu-se por três vezes consecutivas, como que conformando e consagrando a liderança de uma mulher nordestina, de uma mulher pobre e de uma mulher negra, atributos que, no mais das vezes, constituem-se num autêntico obstáculo quase que impossível de ser demovido aos que se mostrarem fracos e intimidados. Edna, pertencendo ao diretório nacional do PMDB e à sua executiva regional é atualmente presidente da Federação das Mulheres Pernambucanas, vice-presidente da Confederação das Mulheres do Brasil e do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, onde, como sempre, continua atuando com abnegação e galhardia. Edna Costa participou do Seminário Sobre a Mulher, pertencente aos sete países de língua portuguesa, em Maputo, Moçambique, representando a CMB; esteve, também, na Conferência Mundial sobre a Mulher, da ONU, na China; em Cuba; na República Popular Democrática da Coreia e nos Estados Unidos da América.

EDNA ROLAND *Psicóloga e liderança afro*

Como cada palavra tem a sua morfologia, o seu aroma, a sua ressonância, o seu tom cromático ou o seu espírito interior é inegável que cada pessoa tem a sua personalidade, o seu perfil psicosomático, a sua identidade ou o seu perfume lírico. É assim que se pode ver, sentir e definir, no caso, Edna Maria Santos Roland das demais criaturas femininas que hoje brilham no interior da

Roland - este é o seu nome de guerreira - foi trazida por sua família, primeiro para o Ceará, depois Goiás, posteriormente para Minas Gerais, fixando-se, em São Paulo, onde, com 16 anos de idade, ganha uma bolsa de estudos para a American Field Service, o que lhe dá a oportunidade de residir um ano nos Estados Unidos da América do Norte. Em que pese o fato de no local onde ela morava não haver negros, mesmo assim Edna Roland não deixa de passar pelos dissabores de um incidente discriminatório, em outro lugar, na cidade de Sacramento, capital do Estado da Califórnia, episódio ocorrido entre estudantes de sua escola e os estudantes negros de um outro complexo escolar, que foi, segundo ela, "determinante no desenvolvimento da sua consciência racial". Tendo uma vida estudantil ativa, Edna, como estudante de psicologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, lutou bravamente contra a ditadura e contra o racismo anti-negro imperante em nossa sociedade, como um todo, o que a coloca em situação de clandestinidade para não ser apanhada pela repressão, sendo forçada a abandonar a universidade e a cidade de Belo Horizonte. Edna Roland viveu uma experiência muito gratificante, quando participou da formação do Grupo Afro-Alafaiá e do Coletivo de Mulheres Negras, em São Paulo, bem como da luta que culminou com a indicação de duas mulheres negras para comporem o Conselho Estadual da Condição Feminina, cuja indicação recaiu nas pessoas de Tereza dos Santos e Vera Saraiva. Em 1988, Edna é indicada para o referido Conselho, no qual assume a coordenação da Comissão de Mulheres Negras, quando pôde idealizar e coordenar o Tribunal Winnie Mandela. A criação do Geledés deve muito à dedicação de pessoas como Edna Roland, que atuou como diretora e coordenadora executiva de 1988 a 1997 e desenvolveu uma série de atividades especiais de interesse da mulher negra em geral. A declaração de Itapecerica da Serra, documento histórico do movimento de mulheres negras do Bra-

lício de Bantus, sendo que em 1997, juntamente com toda a equipe do antigo programa de saúde do Geledés, funda Fala Preta, organização de mulheres negras da qual é a presidente e responsável por sua articulação política. Formada em psicologia e com créditos de mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Edna Roland, falando fluentemente inglês, espanhol e francês, fez inúmeras viagens ao exterior para estabelecer relações das entidades por ela dirigidas com instituições internacionais.

EDSON CARNEIRO *Escritor e sociólogo*

Edson Carneiro nasceu em Salvador, Bahia, no dia 12 de agosto de 1912. Era escritor, folclorista e estudioso da cultura popular com ênfase sobre a presença e a contribuição que a raça negra ofereceu para a constituição de nossa nacionalidade. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Estado da Bahia, Edson Carneiro participou da Academia dos Rebeldes, tendo a seu lado as figuras de Jorge Amado e a do poeta Sosígenes da Costa. O início de sua carreira se deu com a sua admissão para trabalhar no jornal *O Estado da Bahia*, ainda em 1936. No ano de 1937, tenta organizar uma espécie de Federação das Religiões Afro-Brasileiras, reunindo todas as casas de culto na União das Seitas e dos Terreiros da Bahia. É nesse período que ele muda-se para o Estado do Rio de Janeiro, em 1939, e passa a trabalhar como redator e tradutor da agência noticiosa Associated Press. Nesse interim, trabalha para o Sesi, para o jornal *Última Hora* e para o *Jornal do Brasil*. Atuou como professor de bibliografia do folclore, no Instituto Villa-Lobos. Edson Carneiro, sempre atuando como intelectual que era, teve presença marcante dando curso nas faculdades de filosofia de Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Bahia. Em 1966, como delegado do Brasil ao I Festival de Artes Negras de Dakar, Senegal, Edson pôde revelar todos os seus conhecimentos sobre a cultura negra brasileira. Este estudioso e intelectual negro teve presença ativa com a sua participação no Colóquio África-América Latina patrocinado pela Unesco, no Dahomey, quando então teve oportunidade de percorrer e visitar grande parte dos países do continente africano. Edson Carneiro é visto como um paradigma para as gerações de novos estudiosos da cultura negra no Brasil. É a seriedade científica, que sempre soube imprimir em suas obras, que lhe tributava essa credencial. Não seria ocioso citarmos os nomes de algumas dessas obras, a começar por *Negro Bantus*, *Castro Alves, Can-domblé da Bahia*, *Antologia do Negro Brasileiro*, *A Linguagem Popular da Bahia*, *Folclore no Brasil*, *Ladinos e Crioulos*, *Religiões Negras*;



da sua obra *Mais Momentos* (volumes 1 e 2), de grande aceitação pelo público.

Não há como negar. A música de Edson Gomes é fortemente inspirada nos dramas sociais do cotidiano, daí a sua conotação política, que encontra eco em movimentos culturais, sindicais e estudantis. *Apocalipse*, seu quinto trabalho, não foge à regra. Traz músicas contundentes como *Camelô* (Edson Gomes/Zé Paulo Oliveira), *O País é o Culpado* (Edson Gomes) e *Apocalipse* (também do autor), mas a surpresa é que desta vez Edson Gomes explora o seu lado romântico em canções como *Perdido de amor* (Edson Gomes), *Amor sem compromisso* (Edson Gomes e Scooby), *Me abrace* (Edson Gomes) e *Querida*, esta em parceria com Nivaldo Cerqueira, que também é co-responsável pela direção musical, arranjos e mixagem.

Resta agora você ouvir este disco e, como diria o

Edson, dar um sorriso.

Antônio José Nunes, julho de 97

EDSON GOMES

Compositor e cantor

Nascido em Cachoeira de São Félix, Bahia, a 120 km de Salvador, em 3 de julho de 1955, Edson Gomes, no ardor da adolescência, pensou em ser um craque de futebol. Aos 16 anos, porém, a tendência musical foi mais forte e ele abraça a carreira artística, ao ganhar o 1º lugar num festival estudantil do colégio estadual de sua cidade natal com a música *Todos devem carregar sua cruz*. As dificuldades do início fazem o jovem abandonar os estudos e lançar-se no mercado de trabalho. Ele se emprega no setor de construção civil e paralelamente tece o seu caminho musical. Grava um compacto simples, como melhor intérprete do Festival Canta Bahia e um outro pelo Troféu Caymmi, quando ganhou com a música *Rasta*. Em 1982, Edson parte para São Paulo e encontra sua veia musical no reggae de Jimmy Cliff e Bob Marley. Dedica-se com afinco à vida artística e, em 1988, grava o seu primeiro LP pela EMI, *Reggae Resistência*, de onde saem *Samarina*, sucesso absoluto em Salvador, e *Malandrinha*, que o tornam conhecido pela mídia. Em 1990, lança *Recôncavo* e dois anos depois, o terceiro LP - *Campo de Batalha*. O sucesso se espalha pelo Nordeste. Edson é requisitado em Sergipe, Alagoas, Maranhão e Pernambuco, para platéias de cerca de 5 mil pessoas. Participou do show de Alpha Blondy no Costa Verde Tennis Club, em Salvador, onde 22 mil pessoas cantaram suas músicas: *Árvore*, *Campo de Batalha*, *Criminalidade*. Em 1995 lança *Resgate Fatal*, também em CD, um sucesso de vendas, onde a



EDSON MARQUES

Liderança comunitária e política

Edson Marques Pereira, natural do bairro de São Miguel Paulista, Zona Leste da capital paulista, onde nasceu no dia 28 de fevereiro de 1957, é filho de Dona Maria Términa Pereira e de Adeládio Euzébio Pereira. Edson

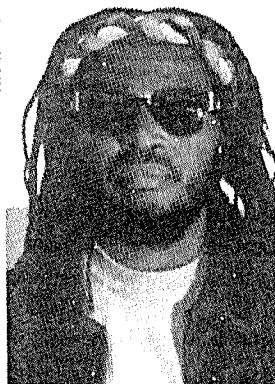
Marques é acadêmico, formado em Direito pela Universidade de Mogi das Cruzes e demonstra, ao longo de um invejável currículo, tratar-se de um cidadão afro-descendente dinâmico, brioso e inteligente e, por ser um polivalente, conseguiu ser presidente da Sociedade Amigos do Jardim Ipê. É vice-presidente do Conselho do SAB2, da região Leste; presidente do PSDB de São Miguel Paulista; coordenador-geral do Núcleo de Ação Popular do PSDB; do Conselho Geral dos Mutirões do atual Governo do Estado de São Paulo. Mesmo não conseguindo atender a todas as solicitações de moradia pelo CDHU, Edson Marques logrou "implantar, no final do ano de 1995, mais de 160 mutirões, perfazendo um total de 25.000 unidades habitacionais, envolvendo, direta e indiretamente, cerca de 100.000 pessoas". Casado e pai de dois filhos maravilhosos, Edson Marques ainda é jornalista, radialista e supervisor em medicina e higiene do trabalho. É importante destacar que é filho de comunista e seu pai, Euzébio Pereira, foi um operário militante do Partido Comunista Brasileiro, cognominado de "O Partidão"; seu pai, ciente dos riscos de tais procedimentos, levava o seu filho Edson, que ficava pelas imediações do

aproximação de alguém suspeito de pertencer à repressão. "Aos nove anos de idade, em uma dessas reuniões, realizada na Avenida Paranaguá, em Ermelino Matarazzo, numa casa abaixo do leito da rua, local apropriado para estes encontros, três garotos ficavam do lado de fora com a 'missão' de simular brincadeiras, mas deviam ficar de olho vivo. Ao primeiro sinal de sirene, luz piscando ou carro de polícia deveriam cantar uma melodia; a cada reunião era escolhida uma música diferente como código secreto". Esta foi a escola de aprendizado político de Edson Marques, que aos 12 anos já demonstrava o seu poder de comando na escola onde fora eleito para orador da turma, nesta tenra idade. Depois passou para a fileira do PCB, sendo que nos tempos da prefeita Erundina aprovou projetos do IPTU progressivo, ou seja, quem ganha mais paga mais, quem ganha menos paga menos impostos. Hoje (1998) Edson Marques, de origem afro, é um dos quadros do PSDB e apresenta-se como candidato a deputado estadual defendendo bandeiras de cunho popular, como ampliação do transporte público, mais verbas para habitação do povo das periferias, assim como melhores dotações orçamentárias para educação, saúde e segurança e defende ainda a aplicação de políticas públicas que elevem a auto-estima de maiorias minorizadas, como os afro-descendentes que representam, segundo o IBGE, mais de 40% da população deste país.

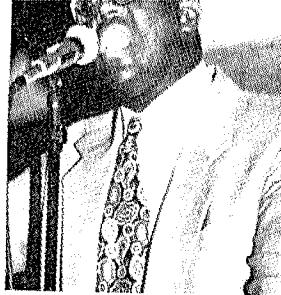
EDSON SANTOS

Vereador e liderança afro

O vereador Edson Santos, em seu terceiro mandato, é o atual líder do PT na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Este vereador negro vem priorizando, em suas atividades político-partidárias, a luta por um transporte coletivo mais rápido, seguro e a preços módicos; entende de que este é o tipo de qualidade de vida urbana que mais contribuiu para o exercício da cidadania saudável e democrática. Entre outras leis, igualmente importantes para os cariocas de todos os matizes, o vereador Edson Santos criou a Lei da Meia Entrada e do Feriado Municipal de Zumbi dos Palmares, que deveria ser aplicado no dia 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra - que é consagrada em todo o território nacional em memória ao dia em que Zumbi dos Palmares foi assassinado defendendo, heroicamente, o maior e mais importante Quilombo da história da escravidão negra no Brasil. As elites brasileiras, que tanto se comprazem em pôr em prática no Brasil tudo que acontece nos Estados Unidos da América do Norte, se concedessem decretar feriado o dia 20 de novembro, seria uma questão de justiça e de coerência, uma vez que naquele país irmão, o dia do nascimento do reverendo

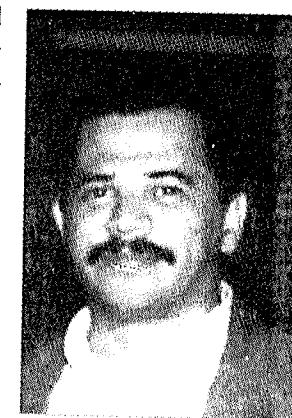


1964), e feriado nacional. Entretanto, camuflando uma tradicional atitude de racismo, demonstrando a mais grosseira insensibilidade cívica, humanitária, cristã e patriótica "o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro considerou inconstitucional a Lei de número 2.037 de 1995 que criou o feriado municipal de Zumbi dos Palmares...", segundo nos revela o Jornal Informativo do vereador Edson Santos, de agosto/setembro de 1997. Todavia, diz o autor da referida lei, a luta continua até que se demovam as resistências a ela impostas de modo banal e incompreensível. Tanto assim, que o vereador Edson Santos já recorreu, através da Procuradoria Geral da Câmara Municipal, ao Supremo Tribunal Federal com o objetivo de que se mantenha o feriado. Há momentos grandiosos, definitivos e singulares na vida de uma pessoa, que valem como um passaporte para a imortalidade. Parece que o vereador negro Edson Santos encontrou, na luta pela implantação de um feriado municipal em memória de Zumbi dos Palmares o seu momento grandioso, definitivo e singular para que o seu nome seja projetado na história dos notáveis, que tudo fizeram para melhorar a vida de seus co-irmãos perante o cotidiano. É evidente que o leque de opções legislativas para o vereador Edson é muito amplo e variado. Mas, há, entre tantos, um que vai levá-lo a ser para sempre lembrado. Mais do que isto, é provável que tal acontecendo, seu exemplo possa ser seguido pelo próprio país, já que esta Nação ainda deve um gesto eloquente de reconhecimento aos negros do Brasil. Consagrando-se o dia 20 de novembro, estarfíamos resgatando boa parte da dívida histórica.



pela implantação, em nosso país, do estado de direito, da mesma forma como se empenhou para a derrubada de Fernando Collor - por este haver traído o povo brasileiro ao pretender fazer o jogo em favor dos interesses desse capitalismo selvagem, descolado da Pátria e do povo da Nação brasileira. É nessa condição de liderança popular consequente e consciente que Edson se fez, desde jovem, líder e presidente do grêmio estudantil do colégio Atheneu Norte-rio-grandense, cuja gestão se deu em 1979 e 1980 de modo operoso e fecundo por haver implantado diversas reformas, há anos reivindicadas pelos alunos, seus eletores e contemporâneos. Fora, ainda, diretor da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) no período de 1980 a 1981. É importante que grandes nomes da política nacional começaram a sua carreira fazendo política nos meios estudantis, como Rogê Ferreira, Almino Afonso, Jânio Quadros, José Serra, Aldo Rebelo, Vladimir Palmeira e tantos outros, hoje, nomes conhecidos da vida política nacional. Atualmente, Edson é presidente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil - RN e se classificou como suplente de deputado estadual pelo PMDB. Seus ideais políticos inclinam-se para a vertente democrática, cristã e social, na prática, tendo por objetivo principal privilegiar, de maneira justa e rigorosa, o social sobre o econômico, elegendo a criatura humana como primordial, número um, em sua plataforma política. Esta visão o aproxima das encíclicas papais e dos programas sociais da Igreja Católica. Mesmo sem

ser alguém que viva batendo no peito a toda hora, Edson Severino constitui-se num desses bastiões avançados contra os que não entendem que o Brasil é a Pátria de um povo laborioso, gentil e criativo que está destinado a fazer deste país uma grande Nação.



EDSON SILVA

Jornalista

Nascido na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul em 1957, Edson Silva faz aniversário no dia 2 de maio. Filho de Metetire e Tamarana, Edson Silva, professor universitário, se encontra presentemente doutorando em Comunicação e Semiótica. É pelas atividades inteiramente voltadas para os aspectos sociais, desen-

volvidas no Estado de Mato Grosso do Sul. Negro, combativo nato, o jornalista tem contribuído para o jovem movimento negro do Estado desde o seu nascodouro. Um dos estabelecimentos utilizados pelo Grupo TEZ - entidade de defesa dos direitos dos

negros com sede em Campo Grande - nos primeiros anos de seu funcionamento, foram as instalações do Sindicato de Jornalista de MS, que era presidido por Edson Silva. Em nível mais interno, este jornalista foi um dos idealizadores e colaboradores do jornal Voz de Palmares, publicação do TEZ. No tocante à sua atuação na imprensa, Edson foi agraciado, em 1990, com o prêmio FENAJ (Federação Nacional de Jornalistas), pela sua reportagem de título *O Ninho da Tortura - Marcado para Morrer*. Em 1991, recebeu o prêmio Vladimir Herzog (Anistia e Direitos Humanos), oferecido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e pela Arquidiocese de São Paulo, com a reportagem *Trabalhadores do Carnaval - A Luta pela Vida no Mato Grosso do Sul*. Na condição de professor da UFMS, Edson orientou a então acadêmica Eliana Tavares num projeto que resultou na implantação da Rádio Popular de São Bendito, na comunidade Negra de São Benedito, em Campo Grande. Orientou também a produção do vídeo-documentário *Tia Eva, A História Continua* de autoria de Márcia Chiad.

Edson é autor de uma publicação resultado de pesquisa realizada em conjunto com a jornalista Cássia Cortes, intitulada *A Travessia do Rio dos Pássaros - Ocupação da Terra no Sul do MS*. Neste ano ele deve concluir sua tese de doutorado na qual fará uma análise a respeito da abordagem feita pelos meios de comunicação dos trabalhadores rurais sem-terra. Pelo que se nota, em razão de seus antecedentes, Edson Silva é ligado à Igreja Católica pertencendo à sua vertente mais socialmente avançada e progressista. Nota-se, também, o esforço que os integrantes desta ala religiosa vêm fazendo, com o propósito deliberado de resgatar boa parte da dívida que a própria sociedade brasileira tem com a comunidade afro-descendente.

EDUARDO DAS NEVES

Compositor

Eduardo das Neves é o nome artístico de Eduardo Sebastião das Neves, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1874, que por suas performances era cognominado de *O Palhaço Negro*,

EDSON SEVERIANO DA FONSECA

Líder sindical

Edson Severiano da Fonseca, natural de Natal, Rio Grande do Norte, nasceu no dia 30 de julho de 1962, filho de Irene Pereira Severiano e Luiz Severiano Filho. Casado com Vera Lúcia Raposo da Fonseca, com quem tem três filhos: Gabriela, Camila e Rodrigo, é militante dos movimentos sociais de seu estado natal. Edson, como tal, atua, com coragem e desassombro, junto aos grupos afro-brasileiros que lutam para fazer valer os seus direitos de cidadania plena. Membro do diretório

Quem é Quem na Negritude Brasileira

como guarda-freios da Estrada de Ferro Central do Brasil, do qual fora demitido por haver participado de um movimento grevista, ingressando, em seguida, como soldado do Corpo de Bombeiros, de onde fora expulso por negligência e por freqüentar, fardado, as rodas de boemia junto aos grupos de chorões que existiam pelas redondezas de onde morava e trabalhava. Um tanto quanto desajeitado para o batente regular, Eduardo das Neves, "começou a aparecer como palhaço e como cantor em circos e pavilhões, no Rio de Janeiro, entre os quais, o Circo - Pavilhão Internacional, o Teatro-Circo François Público, o Parque Rio Branco e o Palanque - Teatro do Passeio Público". Nessa aventuras, através das quais foi aprimorando o seu talento inato, tendo em vista as suas aparições em público, Eduardo das Neves teve a sorte de percorrer boa parte do território nacional, exibindo-se ao violão e cantando canções, modinhas e lundus que ele mesmo compunha de acordo com as circunstâncias em que se encontrava, "sendo que muitas dessas músicas alcançaram sucesso nacional e ficaram registradas em cera e discos da Casa Edson, da qual foi cantor contratado juntamente com Cadete, Baiano, Nozinho e Mário Pinheiro, desde as primeiras gravações, iniciadas em 1902". Era extenso e apreciado o seu repertório de músicas populares, de fundo sentimental, ficando famosa a *Estrela* - Ábdon Lira e Aldemar Tavares, este, extraordinário trovador e as de sua criação, como *Perdão*, *Emilia*, *Pierrô e Colombina* ou *Paixão de Pierrô*, com Oscar José de Almeida e o *Rouxinol* com Olímpio Nogueira. Já desfrutando de grande popularidade, Eduardo das Neves notou que seu prestígio vinha das canções, lundus e chulas de capadócio, com especial destaque desse gênero, para *O Aquidabã*, canção; *Angu de Barão*, lundu; *O aumento das Passagens*, cômico; *Bolim-Bolacho*, cômico; *Chegadinho*, cômico; *Em Um Café-Concerto*, cômico; *Gurgalhadas*, que constituiu a sua primeira gravação com etiqueta Odeon, em 1902, sob o número 108.077; *Isto é Bom*, lundu; *Meu Boi Morreu*, toada; *Minas Gerais*, adaptação da canção napolitana *Vieni Sul Mare*; *Olá, Seu Nicolau*, lundu; *Pai-João*, lundu; *Pelo Branco*, cômico; *O Soldado Que Perdeu a Parada*, cômico e *Uma Festa na Penha*, cômico. Como também cantava em dueto, Eduardo das Neves teve como parceiros, neste tipo de apresentação, os nomes famosos de Baiano, Mário Pinheiro, Nozinho, Risoleta, Isaura Lopes e Nina Teixeira. Como todo artista ou poeta, Eduardo das Neves também teve a sua obra-prima, que foi a célebre canção feita por ele em homenagem ao feito de Santos Dumont, por ocasião de seu triunfal regresso ao Brasil, depois de haver dado, a volta em torno da Torre Eiffel, conduzindo o seu 14-Bis, bem mais pesado do que o ar, cujo título era *A Conquista do Ar*, (a Europa curvou-se ante o Brasil), em que o autor, com esta letra, exibe-se em frente à residência do jornalista José Carlos

zação de uma grande serenata de conotações históricas que marcou o dia 7 de setembro de 1903, com este fato inusitado. Fizeram-se presentes a esta solenidade de cunho popular, Villa-Lobos e Sinhô, que contava 15 anos de vida, segurando uma bandeira nacional. Eduardo das Neves faleceu no dia 11 de novembro de 1919, no Rio de Janeiro.

EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA

Sociólogo

Eduardo de Oliveira e Oliveira, nascido em 1928, foi um militante e um acadêmico, ao mesmo tempo. Esta dualidade de atitude política e ideológica fez Oliveira e Oliveira consumir-se em atividades que sempre redundaram em benefício dos interesses da comunidade negra, como um todo. Por isso é que se dissera dele o que só se diria para uma pessoa de consagração consumada: Eduardo fora o lado belo, dinâmico, inovador e autêntico da nascente negritude brasileira. É por isso, também, que "Eduardo de Oliveira e Oliveira conquistou o mundo com a sua inteligência, ou melhor, com a sua enorme coragem intelectual, recusando ao mesmo tempo, o prêmio da branca honorária não aceitando passar pelo contágio social brasileiro que costuma selecionar os gênios da negritude, os eleitos, para o lado de cá da barreira", o que atirava por terra, de modo efetivo e definitivo, a força da "democracia racial", que se sustentava no conceito, ou melhor, no preconceito estabelecido pela "ideologia do branqueamento". Em razão dessa realidade, é que "a militância negra, ao ser entrevistada no IBEAC, por iniciativa e coordenação do pesquisador Ivar Augusto Alves dos Santos, foi unânime em afirmar a importância da obra e da atuação política de Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo formado na USP e falecido em 1980". Jurandir Nogueira é que se incumbiu de levar às mãos do pesquisador um "Inventário Precioso", de natureza analítica, da Coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira, obtido no Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos. Ao longo das 120 páginas do referido inventário estavam arrolados 2.200 documentos em 13 grupos ou tipos, tais como correspondências, fotos, documentos pessoais, livros, periódicos, recortes, folhetos, produção intelectual, etc. Este acervo de preciosidades acadêmicas e intelectivas, ao ser publicado, fez com que o professor Antônio Cândido, que conheceu pessoalmente Eduardo dos tempos da Maria Antônia, dissesse textualmente que "havia na tristeza do seu olhar velado uma flama surda, que parecia erguer contra obstáculos a sua figura nervosa e frágil. Ele procurou sempre criar o bom escândalo - enfrentando, protestando, desmascarando os prazeres - quando entravam em jogo

mandado que Eduardo era "festejado, querido, respeitado, faltava apenas dar um passo e se instalar no mundo promissor dos que seguram o cabo da vida. No Brasil (apesar de "nossa alma crivada de raças", de que fala Mário de Andrade) isto significa antes de mais nada ser considerado branco, querer ser branco, passar por branco, ser tratado como branco". Eu que me bascio no ensaio de Iraçy Carone, que é livre docente do Instituto de Psicologia da USP, para desenvolver esta minha dissertação concluo dizendo que Eduardo foi o primeiro negro brasileiro que melhor entendeu o quanto era ineficaz a Lei Afonso Arinos, ao ponto de propor à militância da época o que realmente aconteceu dando passagem à Lei Caó, nos termos que a conhecemos hoje, ou seja, crime que tipifica a prática do racismo na ordenação jurídico-constitucional, imprescritível e inafiançável.

Revista do CEERT - Ano 1 - Volume 1

- Novembro de 1993

EDVALDO BRITO

Jurista

Edvaldo Pereira Brito nasceu no dia 10 de outubro de 1937, na cidade de Muritiba, Estado da Bahia. É filho de João Pereira com Reginalda Paranhos Ribeiro Leite de Brito. Casado, tem dois filhos: Edvaldo Brito Filho, advogado e Antônio Luiz Paranhos Ribeiro Leite de Brito, administrador de empresas. Edvaldo é advogado há trinta e cinco anos, em cuja carreira especializou-se em Direito Empresarial, com especial destaque para as áreas do Direito Tributário, do Direito Administrativo e do Direito Constitucional, profissão esta exercida com afinco e sucesso nos Estados da Bahia e de São Paulo. Tendo a sua vida inteiramente voltada para a Ciência Jurídica, Edvaldo é mestre em Direito, com Pós-graduação em Direito Econômico pela Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA) e é doutor, também, em Direito, com pós-graduação em Direito Tributário pela Universidade de São Paulo - USP. Como professor, licenciou-se em Direito Constitucional da Ordem Econômica, curso de pós-graduação da Faculdade de Direito da UFBA, ministrando aula de Direito Tributário, de Direito Financeiro e de Ciências das Finanças no Curso de Graduação e no Curso de pós-graduação da Faculdade de Direito da UFBA, na qual ingressou como professor por concurso público de títulos e



Quem é Quem na Negritude Brasileira

intelectual que trata com apuro, proficiência e extrema seriedade a sua profissão, em cujos meandros de seus mistérios não há ramo que o nosso prenado mestre não domine e desvende com segurança e sabedoria, passando pelo Direito das Obrigações e pela Legislação Tributária, em que se especializou ao ponto de ser tido e considerado como um dos melhores e maiores tributaristas de nosso País, com renome internacional. Conferencista lúcido e brilhante, é capaz de discorrer durante horas e horas sobre diversos assuntos de natureza técnica, ou de conhecimento geral, sem que os que tenham o singular privilégio de ouvi-lo jamais deixem de sair fascinados pelas vibrações de suas palavras, pela eloquência de sua erudição e pela riqueza e conteúdo de suas idéias; tanto é que sua presença tem sido exigida em mais de uma centena de reuniões científicas, como colóquios, simpósios, congressos, etc., no Brasil e no exterior, como na Itália, na Costa Rica, no Equador, no Senegal, na Costa do Marfim, na Nigéria, na Argélia, nos Estados Unidos, na Argentina, enfim, onde quer que se debata, com interesse científico as matérias em que é mestre consagrado universalmente. Edvaldo tem acento garantido em grande número de academias, de associações e de institutos que têm por objetivo disfundir, preservar, ou aprofundar estudos atinentes às matérias relacionadas com Direito Tributário propriamente dito, ou com áreas afins, voltadas para estas especialidades, sendo neste sentido autor de diversos livros. Edvaldo Brito foi prefeito da cidade de Salvador, secretário de Estado em várias gestões e hoje exerce o cargo de secretário dos Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo, na administração do prefeito Celso Pitta.

ELAINE INOCÊNCIO

Pesquisadora

Nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1958, filha de Nelson Pereira da Silva e Jurema Inocêncio da Silva, funcionários públicos, Elaine Inocêncio viveu a infância e adolescência entre as cidades do Rio de Janeiro e Brasília, para onde seus pais se mudaram em decorrência da transferência da capital federal, em 1960. Naqueles tempos pioneiros, teve a oportunidade de realizar seus estudos com relativa tranquilidade, formando-se em Administração de Empresas pela Faculdade Católica de Ciências Humanas. Ainda aos 14 anos de idade foi estudar em Londres - Inglaterra, onde adquiriu o domínio da língua inglesa. Voltando ao Brasil, trabalhou na Embaixada da República Federal da Nigéria e no Conselho Britânico, como secretária executiva bilíngüe. Também, exerceu a função junto à Superintendência de Cooperação Internacional, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

formada, trabalhou no Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef e no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Tendo ficado viúva aos 28 anos de

idade, com três filhas menores, procurou dar novo rumo à sua vida voltando para a universidade, onde cursou mestrado em Administração pública, desenvolvendo dissertação sobre a auto-sustentação financeira de entidades sem fins lucrativos, com foco para o movimento negro. Foi convidada por Carlos Moura, então coordenador do Programa Nacional do Centenário da Abolição, junto ao Ministério da Cultura, para gerenciar projetos, tendo participado do processo de criação da Fundação Cultural Palmares, órgão vinculado àquele Ministério, responsável pela formulação de políticas culturais para a população afro-brasileira. Deixou a Fundação Palmares para dedicar-se à docência, tendo lecionado para o curso de graduação em Administração da Universidade de Brasília e para os cursos de Administração e Contabilidade do Centro de Ensino Unificado de Brasília - CEUB. Muito embora não possa ser considerada uma militante, Elaine Inocêncio tem participado de ações desenvolvidas pelo movimento negro, desde 1979, no Memorial Zumbi, Programa Nacional do Centenário da Abolição, na Fundação Cultural Palmares, no Centro de Estudos Afro-Brasileiros - CEAB, no Movimento Negro Unificado - MNU-DF e no Congresso Nacional Afro-Brasileiro, ora pesquisadora, ora gerente de projeto, ora colaboradora, ora debatedora, ora interlocutora, ora representante, ora tradutora... Como tradutora, teve o privilégio de acompanhar o Prêmio Nobel de Literatura - Wole Shoyinka e o senador norte americano Jesse Jackson em tournée pelo Brasil. Atualmente, Elaine Inocêncio encontra-se refugiada em um sítio no Distrito Federal, onde tem encontrado a tranquilidade necessária para desenvolver projetos institucionais e acompanhar a tramitação dos mesmos junto aos órgãos federais.

ELE SEMOG

Poeta

Ele Semog, nome literário de Luiz Carlos Amaral Gomes, veio ao mundo no ano de 1952, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Segundo considerações de Oswaldo de Camargo, a voz, talvez, com mais forte acento poético no Rio de Janeiro, é Ele Semog. É um literato apaixonado pela estética da negritude e a sua atuação nesta ativida-



gro, todo ele de poemas repletos de cores, e de doces confidências, cuja edição é de 1979. Ele Semog é formado em Análise de Sistemas e em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No período compreendido entre 1974 e 1988, o poeta trabalhou no Ministério da Educação e Cultura como Consultor de Empresas, desenvolvendo programas na área de Organização e Métodos. Como já dissemos, Semog é um operário das letras da negritude brasileira. Inquieto e sempre atento às coisas ligadas à poesia negra, funda, com outros companheiros de ideal, os grupos Garra Suburbana e Bate-Boca, todos voltados para os interesses da poesia. Com este mesmo espírito organizativo, Semog coordenou o setor de literatura do projeto 90 Anos de Abolição da Escravatura, com sede no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1980, recebeu da União de Escritores Brasileiros, moção especial do Prêmio Fernando Chinaglia e funda neste mesmo ano, o grupo Negrício - Poesia e Arte de Criolo. Coordenou o 2º e o 3º Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros.

ELIAS BONFIM

Ator/teatro de bonecos

Elias Bonfim nasceu na cidade de Candeias, no Estado da Bahia, no ano de 1952, sendo, hoje, coordenador das Oficinas do Cecup. Elias Bonfim, quando indagado, esclarece que a sua história com o Cecup começa quando em 1976 entrou para a universidade para fazer o curso de formação de ator. Nesse curso havia uma matéria relacionada com teatro de bonecos e, na ocasião, quem ministrava as aulas sobre como trabalhar com bonecos era Ewald Hacler, juntamente com a professora Maria Amélia. Neste mesmo ano a universidade criou um grupo de teatro de bonecos e Maria Amélia, orientadora desse grupo, resolveu convidar um mamulengueiro popular de Pernambuco, Natoriael de Oliveira, filho de Januário Oliveira, que é um dos mais antigos mamulengueiros de Pernambuco. Ele veio desenvolver um trabalho na universidade, com o pessoal da área. O grupo, que na época contava com umas 10 pessoas, interessou-se pela prática mamulengo, que resolveu assumir como única linha de trabalho e começou a desenvolver toda a sua técnica em cima do mamulengo. O que os diferencia dos tradicionais mamulengueiros, é que não utilizavam a madeira na confecção dos bonecos pois, para eles, de madeira era muito difícil fazerem o boneco. Eles faziam o boneco de papel, uma técnica que utilizava o papel higiênico, jornal, cola, etc. Assim, o teatro de bonecos, foram ficando como grupo fixo da universidade e, em 1977, participaram do 4º festival da Associação de Teatro de Bonecos (ABTB), em Brasília. Esse festival veio consolidar o seu interesse pelo teatro de bone-

Petrópolis, no Rio de Janeiro; em 1979, foram para Ouro Preto, Minas Gerais. Ainda, em 1981, Elias Bonfim, que é o protagonista desta história, desenvolveu alguns trabalhos com a FUNDESCO no Centro Comunitário de Castelo Branco, onde permaneceu por quase 2 anos. Elias trabalhou também na LBA, com o projeto de teatro de bonecos. Nessas andanças é que chega ao Cecup a convite de Normando, um dos coordenadores desse projeto. Em abril de 1983, Bonfim monta a primeira oficina de teatro de bonecos do Cecup, num trabalho que foi até agosto daquele ano. Em outubro, ainda de 1983, dá inicio à sua segunda oficina. O Cecup explica que Elias tem um objetivo comum em todos os seus trabalhos, que visa a valorização da arte e da cultura populares. A oficina de teatro de bonecos se realiza dentro desse objetivo maior, ou seja: busca, com insistência, a preparação de monitores para que, num trabalho voluntário, venham a desenvolver suas potencialidades pessoais obedecendo a esse plano de ação juntamente ao lado das comunidades dos bairros periféricos de Salvador. Elias Bonfim, dedicando quase que toda sua vida no desenvolvimento e na implantação desse projeto, abriu um grande espaço para os que queiram profissionalizar-se na arte de se tornarem bonequeiros, com a qual darão espetáculos e ensinarão centenas e centenas de jovens e adultos a trilharem na vida um caminho novo, diferente, permitindo-lhes que se tornem auto-sustentáveis, cultivando o prazer e a alegria saudável, junto às populações mais pobres desse país.

ELISA LUCINDA

Poetisa

A presença de Elisa Lucinda no mundo das belas letras é uma afirmação contundente de que a poesia não morreu. Natural do Estado do Espírito Santo, Elisa Lucinda hoje é um nome conhecido nacional e internacionalmente. E não é para menos. Entre os que a conhecem, de modo pessoal, dispensando-lhe o maior carinho e formando uma seleta platéia de seus incondicionais admiradores estão ninguém menos do que Miguel Falabella, Mauro Sales, Zezé Polessa, Paulo José, Esther Góes, Irene Ravache, Ziraldo, Tizuka Yamasaki, Luiza Erundina, Luiz Paulo Veloso Lucas - prefeito de Vitória, capital do Espírito Santo, Elba Ramalho e tantas outras renomadas figuras. A vida de Elisa é de tal modo impregnada de poesia que até o seu filho, Juliano, com apenas quatro anos de idade, já tem o seu pensar de poeta. Eis o que, neste pequeno, quase que ainda mamando ao peito, diz com simplicidade e desenvoltura: "Mãe, sabe por que eu gosto de você ser negra? Por que combina com a escuridão. Então, quan-

do dia, quanto mais a maca que o gêro no santuário de seu ventre! Elisa Lucinda não é nenhuma alienada. Por isso ela acha que "a gente tem que ter a atitude de um negro que se posiciona, uma postura política, mais contundente". De fato. É quase impossível encontrarmos por esse Brasil afora alguém que, sendo mulher e negra, enverede-se, com grande sucesso pelos ínvoros caminhos da poesia e faça dela um instrumento de afirmação pessoal e uma arma de combate contra os que entendem que a mulher nasceu única e tão somente para os afazeres domésticos e, se negra, para atender os serviços menos nobres de uma sociedade como a brasileira. Lucinda veio ao mundo para protestar, como já o dissera o poeta negro Carlos de Assumpção, para quem sua mãe, Divalda Campos Gomes, pretendia tirar de sua cabecinha a idéia de ser artista. Elisa até que se saiu bem, uma vez que conseguiu ser a artista da palavra, no que esta lembra de belo e de perene, já que a poesia é o momento mais alto e mais bem elaborado, como e enquanto invólucro que ilumina as idéias e as emoções humanas. Seu livro de poesia, *O Semelhante*, editado por Massao Ohno desmente a lógica editorial, segundo a qual, o brasileiro não gosta de poesia, pois, sua primeira edição de 2.000 exemplares esgotou-se rapidamente. E, a julgar pela reação do público em suas apresentações, a segunda edição, pela Pallas, segue o mesmo caminho. Não é à toa que Elisa freqüenta as publicações mais badaladas, transformando-se em capa da revista Raça Brasil, em seu número 10, a mais glamourosa de quantas circulam pelo Brasil para orgulho da raça negra deste país. Não sei dizer se Elisa Lucinda é a mulher negra que se fez poesia ou se a poesia é que se fez mulher negra na pessoa de Elisa Lucinda.

Revista Raça Brasil - Ano 2 - nº 10

ELISABETE APARECIDA PINTO

Professora e liderança afro

Elisabete é professora e militante do movimento negro. Publicamos aqui o seu depoimento sobre sua trajetória contra a discriminação.

"Nasci em Amparo, uma cidade da região de Campinas - São Paulo. Filha de João Pinto e Antônia Caetano Pinto. Sou a filha mais nova de uma família de sete filhos; a diferença entre eu e minha sexta irmã é de sete anos. Quando nasci, a situação econômica de minha família ainda era precária, mas já era melhor do que nos tempos em que meus irmãos eram pequenos. Assim, pude estudar sem a obrigatoriedade de trabalhar, porém o meu desejo de ser independente fez com que eu começasse a trabalhar regularmente des-

Estado denominado Plimec (Plano de Integração do Menor e da Família na Comunidade. Meu pai era oleiro e minha mãe era empregada doméstica e fazia bolos decorativos para festas de aniversário e casamento. Meu pai aposentou-se muito cedo, ficando muito tempo em casa. Assim, era ele quem me levava para a escola e cuidava das minhas lições. Fui para a escola primária um pouco antes de completar sete anos. No Instituto de Educação

Doutor Coriolano Burgos,

escola que freqüentei, realizei toda minha formação até o segundo grau. Após ter terminado o primeiro colegial, optei por continuar o segundo grau num curso profissionalizante, e um dos cursos disponíveis e gratuitos era o magistério. Desta forma, eu sairia do segundo grau com diploma.

Nesse período eu ganhei uma bolsa de estudos para fazer o curso para Técnico em Contabilidade. Assim eu fazia o curso de magistério pela manhã, trabalhava a tarde no Plimec e fazia a Escola Técnica de Comércio, à noite. A opção por um curso profissionalizante e não por um de segundo grau clássico se deu em razão da situação econômica da minha família. Todavia, foi no curso de magistério que eu pude perceber e rever cenas que aconteceram comigo, quando pequena na mesma escola. Comecei o meu curso de graduação em 1982, em Santos, onde permaneci por dois anos. Na Faculdade Visconde de São Leopoldo de Santos (atual UNISANTOS) encontrei professores que discutiam a questão étnico-racial e outras questões que me inquietavam, sem reprimir os meus pensamentos. Me traziam textos, me emprestavam livros e me ajudaram a crescer intelectualmente; e quando eu comecei a questionar a falta de compromisso do Serviço Social com a questão étnico-racial, uma antropóloga, Eliete Maximino Pitágoras, me deu todo seu apoio. Em 1984, me transferi para a PUCCAMP e neste novo espaço intelectual era tudo muito diferente; os professores eram inicialmente insensíveis às questões étnico-raciais. Durante esse período eu percebi o quanto era difícil para negras universitárias se assumirem como negras, sempre fugiam do assunto. Chegou a ser mais fácil discutir problemas étnicos-



tidos políticos de esquerda, não discutiam a questão étnico-racial, colocando no lugar o discurso do cidadão, do trabalhador, etc. Um discurso étnico-liberal que eleva o negro a estatura de homem universal escamoteando a singularidade étnico-política que envolve a existência dos indivíduos e grupos negros. Nos anos de 1985 e 1986 trabalhei numa pesquisa denominada o Serviço Social e a Questão Racial. Foi o primeiro trabalho que fez a intersecção entre o serviço social e a questão racial no Brasil. Esta pesquisa sob o título *O Serviço Social e as Relações Étnicas: Estudo da Relação do Serviço Social e a Clientela Negra* seria publicado 12 anos depois. Na Universidade de Campinas, com o apoio de alguns professores, organizei dois cursos de extensão universitária sobre a questão racial no Brasil, nos anos 1986 e 1987. Em setembro de 1987, com a ajuda do professor João Batista Régis de Moraes, redigi o projeto de pesquisa para ingressar no mestrado, denominado *A Influência das Etnias nas Relações Pedagógicas em Pré-Escolas de primeira a Quarta séries*. Este projeto surgiu das experiências vivenciadas por mim na escola de primeiro e segundo grau, principalmente nos anos que estava cursando o magistério. Fui aprovada e comecei o curso em 1988. No decorrer do curso, comecei a trabalhar, por influência das professoras Zeila de Brito, Fabri Demartini e Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, com história oral e análise de fotografias antigas e resolvi trabalhar, especificamente, com a história da vida de Laudelina de Campos Mello, militante negra bem aceita nas organizações negras e que se preocupou, sobretudo, em organizar as mulheres negras no trabalho mais comum, entre eles, o trabalho doméstico. No final de 1993, terminei a minha dissertação de mestrado com o seguinte título: *Etnicidade, Gênero e Educação: A trajetória de vida de Laudelina de Campos Mello, 1904-1991*. Em 1993, aceitei o convite de Edna Roland - militante negra e fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra e comecei a trabalhar no programa de saúde dessa organização incorporando-me, inicialmente, ao projeto do mesmo programa. Em 1997, juntamente com Edna Roland e outras companheiras fundamos a Fala Preta: organização de mulheres negras, com o cargo de vice-presidente. Na nova organização conseguimos realizar algumas importantes pesquisas: "O Aborto Numa Perspectiva Étnica e de Gênero" e uma pesquisa que está em andamento "A Sexualidade e Asetividade em espaços Negros: Uma Interpretação Feminina". Também mantemos um Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e

mento no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, sob a orientação do professor Antônio da Costa Ciampa. Meu projeto de pesquisa atual denomina-se "A Sexualidade e a Identidade da Mulher Negra, vista a partir da Diáspora Africana: Um estudo Comparativo entre Brasil e Belize." Este projeto originou-se a partir de minha viagem em 1994 para Cuba. Em 1996, em Costa Rica, mantendo contato com mulheres negras de diversos países da América Latina e Caribe, percebi que nosso passado histórico torna semelhantes nossas realidades de vida em todas as dimensões inclusive no que se refere a dimensão sexual. Em 1998, fui para Munique, Alemanha, para melhor entender o fenômeno do turismo sexual, que envolve principalmente os homens alemães, italianos e mulheres negras da América Latina Caribe.

ELIZETE CARDOSO A DIVINA

Cantora

Elizete Cardoso - nascida Elizete Moreira Cardoso - consagrou-se como uma das melhores cantoras brasileiras. É natural do Estado do Rio de Janeiro, bairro de Francisco Xavier, onde veio ao mundo no dia 16 de julho de 1920. Esta notável intérprete da Música Popular Brasileira, desde a primeira infância revelou muita sensibilidade para o canto e dispunha de uma excelente voz. Mesmo assim, durante 5 anos viu-se obrigada a trabalhar no comércio, na indústria e em institutos de belezas, para aumentar a renda familiar, o que não a impossibilitou, levada pelas mãos de Jacó do Bandolim, de estrear na Rádio Guanabara, com apenas 15 anos de idade, de onde se transfere mais tarde para a Rádio Educadora. Nessa ocasião, Elizete Cardoso dividia suas atividades entre o rádio e o teatro de revista, onde também se valia da oportunidade para dançar, formando uma dupla de enorme sucesso com Grande Otelo nas apresentações de Boneca de Piche. Cantora de timbre muito próprio, sempre mostrando firmeza e personalidade, Elizete, que se apresentava em shows e boates acompanhada de orquestra, logo pôde ver seu nome projetar-se nacionalmente. Fez uma bem sucedida temporada em São Paulo, no tradicional Salão Verde do prédio Martinelli, cantando ainda na rádio Cruzeiro do Sul local, ampliando cada vez o prestígio de sua voz. Ao retornar para o Rio de Janeiro, em 1946, ela passa a fazer parte do elenco que atuava na Rádio Mayrink Veiga. É a par-



Brasões vazios, mensagem da Saudade, Canção de Amor, Complexo, Mulata Assanhada, Sei lá mangueira e tantas outras, levando seu nome para o grande público. Como a boa filha à casa torna, Elizete Cardoso regressa à Rádio Guanabara, onde tudo começou por meio de um contrato firmado com esta emissora e, em 1951, faz sua aparição na Tv Tupi do Rio de Janeiro. Contudo, só em 1954 grava seu primeiro L.P. com a Todamérica. Prestígio é prestígio; o seu renome fez com que Elizete - agora consagrada com o cognome de *A divina* - participasse de vários filmes com destaque para *É Fogo na Roupa*, *Carnaval Em Lá Maior*, *Com a Mão na Massa*, *Na Corda Bamba* e *Pista de Gramo*. Entre os poucos artistas populares que conseguem a consagração de dar um recital no Teatro Municipal de São Paulo, o nome de Elizete Cardoso inclui-se com justificados méritos. A partir daí, *A Divina* passa a percorrer todo o Brasil com excursões que se estendem, ainda, pelas Américas, pela Europa e pela África, onde participa do Festival da Arte Negra, em Dakar, em 1966. É importante assinalar que o cognome de *A Divina* foi dado pelo brilhante jornalista negro Haroldo Costa. A versatilidade dessa cantora carioca faz com que ela interprete, com talento e perfeição, os mais variados e diferentes gêneros musicais e fosse requisitada para gravar músicas dos compositores da melhor expressão, indo de Pixinguinha, passando por Ataulfo Alves, Chocolate, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João de Barro, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, culminando com a Bachiana Nº5, de Villa-Lobos, o que coroa com nomes dessa magnitude da Música Popular Brasileira a sua própria carreira, luminada pelo sucesso, cujo brilho só viria a se apagar com o seu falecimento ocorrido em 1990, no Rio de Janeiro.

1) Larousse Cultural - Brasil A/Z - 2) Editora universal - 1988 - 3) Dicionário Biográfico Universal Triês - Editora Triês - 1983

ELMO JOSÉ DOS SANTOS

Presidente da Estação Primeira de Mangueira

Nascido em 23 de junho de 1955, no Estado do Rio de Janeiro, filho de Homero José dos Santos e Ilda Rosa dos Santos, Elmo José dos Santos é atualmente presidente da Estação Primeira de Mangueira. Mangueiren-

da escola, num tempo que não existia, ainda, o diretor de harmonia. Sua mãe era da Ala das Baianas e seu pai o diretor de bateria, num tempo em que os instrumentos da bateria eram guardados na própria residência dele, pois a sede da mangueira era, então, um simples barracão que, quando chovia, alagava e molhava os instrumentos. Portanto, quando criança, já tocava os instrumentos que estavam guardados na casa dele. Quando jovem fazia parte do Bloco do Buraco Quente, sob o comando de mestre Waldomiro, e concorria com outros blocos como o Pindura a Saia, o Chalé, o Olaria. Para fazer os instrumentos, rudimentares, buscavam nas construções civis as latas e os sacos de cimento. As latas de tinta de 20 litros eram transformadas em surdo, as latas de manteiga eram os repiques, as latas de marmelada eram o tarol e as de leite Ninho eram furadas e colocado um pedaço de capim, sendo, assim, transformadas em cuíca, e as latas de leite condensado, enchidas de pedrinhas, se transformavam em chocinhos. Tinham, assim, todos os naipes da bateria e as disputas eram, principalmente a nível de bateria. Mas seus instrumentos eram de vida muito curta, em função da precariedade com que eram construídos. Seus companheiros sugeriram, então, que ele tomasse emprestado os instrumentos da bateria da Mangueira que ficavam na sua casa. Ele sabia que isso tinha um ônus: seu pai iria ficar furioso com ele, mas mesmo assim, diversas vezes os instrumentos foram tomados emprestados para que eles concorressem com os outros blocos. Seu pai, vendo que ele e os irmãos gostavam mesmo de tocar, deu-lhes instrumentos de madeira e ambos passaram a ser as bases da bateria mirim que eles haviam montado. Então, mestre Waldomiro resolveu criar e oficializar a bateria mirim da escola, sendo a primeira do mundo. Na época, Elmo contava com 9 anos de idade (1964). Mestre Waldomiro convocou, então, 50 crianças do morro e estabeleceu a norma de que, para que uma criança pudesse participar da bateria, teria que tocar 4 instrumentos diversos, provar que amava o instrumento e era zeloso por ele. Foi Mestre Waldomiro quem treinou os moleques durante o ano todo. Elmo, como viu que o pai tocava tarol, escolheu este instrumentos para tocar também. Após um ano de ensaios, mestre Waldomiro selecionou 30, dos 50 que ele treinou, para sair na bateria da Mangueira durante o Carnaval. O mestre mandou-o sair de chocinho, dizendo que ele não tinha pulso para tocar tarol. Foi uma grande deceção para Elmo, que chorou muito, mas com muito orgulho, saiu na bateria da Mangueira pela primeira vez. Assim, seu pai

foi escolhido, aos 16 anos de idade, para ser coordenador da bateria, seu primeiro cargo na escola, ajudando mestre Waldomiro a zelar pelos instrumentos que eram religiosamente benzidos com óleos vindos da Bahia, antes da entrada deles na avenida do desfile. Passou, depois, a ser secretário da bateria, tendo criado o conjunto Juventude Samba Show, que se apresentou pelo mundo todo com a ajuda do Mussum. Chegou à conclusão que o conjunto deveria gravar um disco e achou que, se concorresse com um samba-enredo para a escola, as portas estariam abertas para seu intento. Por este motivo ele foi para a ala dos compositores, não sem antes tentar, por dois anos consecutivos, o teste que era dado ao pretendente a compositor, que consistia em ter um tema, que era dado na hora do teste e que o pretendente tinha que desenvolver. Conseguiu passar no teste e foi o terceiro colocado, sendo admitido para a ala dos compositores. No ano seguinte (1979), junto com Zé Ananias e Marcelo, conseguiu ganhar o concurso para o samba-enredo da escola com o samba "Avatar e a Selva Transformou-se em Ouro". No ano seguinte, 1980, o Zinho e o falecido Djalma dos Santos, colocam-no como conselheiro da escola, sendo o mais jovem conselheiro, passando a fazer parte do Conselho Deliberativo. O Bira chamou-o, então, para trabalhar como relações públicas da escola e, posteriormente, o Carlinho Dória chamou-o para ser diretor social da escola. Começou então a organizar a direção social da escola e dar o primeiro ritmo na avenida com o conjunto Samba Show acompanhando o Jamelão, saindo na avenida como membro do conselho de passista. Em seguida, o Carlinho Dória colocou-o como membro do Conselho de Carnaval, o que ele considerou como uma verdadeira vitória dentro do samba da escola Mangueira. Entretanto, o mestre Xangô achou que ele deveria ser o mestre de harmonia, pois ele dominava todos os qualificativos para ser o diretor de harmonia, ou seja, era compositor, ritmista, sambava samba-de-roda e samba-muinho, e diretor de harmonia tem que saber tudo isso. Xangô passou a ensiná-lo a armazear as alas na avenida, dizendo que ele seria batizado por ele, Xangô. Foi assim que Elmo chegou à presidência da escola, coisa que ele nunca havia pensado que pudesse acontecer, pois era muito jovem. Não tinha, ainda, chegado aos 40 anos. Mas foi apoiado por toda a velha guarda, os mestres. A escola na época estava muito dividida, faltava yerba para a luz, água e telefone, que estavam cortados; muitos membros estavam afastados por brigas internas na comunida-

novamente, numa grande família que resultou, no ano de 1998, em vitória na avenida, tendo ganhado o campeonato. Nunca é de mais informar que a Vila Olímpica de Mangueira abriga no momento 4.000 crianças, com um campo de grama sintética, uma piscina semi-olímpica, pista de tatame, um ateliê de costura, onde são executadas as fantasias, dando emprego à comunidade e barateando os custos. Com a Vila Olímpica a Estação Primeira da Mangueira conseguiu dar um salto de qualidade que culminou com a visita do presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, quando receberam o prêmio de melhor projeto de trabalho social dos países de terceiro mundo, outorgado pela BBC de Londres e a Unesco. Com a Vila Olímpica, o CIEP e o Centro Cultural, a Mangueira atende a quase 5.000 crianças. E ainda há o curso Canto Mangueira, onde, de três meses em três meses, eles formam 180 crianças que aprendem a se comportar socialmente, tendo reforço nas áreas escolares, de matemática, português, informática e recebem um diploma saindo de lá prontos para o mercado de trabalho. Atualmente a Mangueira tem convênio com 62 empresas que oferecem os referidos empregos.

Texto de parte da entrevista de Elmo José dos Santos concedida a Rubem Conlefe

ELTON MEDEIROS

Compositor

Nesse desfile majestoso dos grandes astros e estrelas que deram um brilho inconfundível à passarela do samba, nomes como o de Elton Medeiros merecem comentários especiais. Antônio de Medeiros, que é o seu nome de batismo, nasceu no bairro da Glória, Rio de Janeiro, no dia 22 de julho de 1930. Seu pai, Luiz Antônio de Medeiros e Dona Carolina Luiza de Medeiros, senhora sua mãe, mudaram-se da Glória para o bairro do Brás de Pina, quanto Elton ainda era uma criança.

Apaixonado pelas atividades promovidas pelos ranchos, seu Luiz Antônio comprazia-se em reunir em sua residência os amigos para tocarem música, dançar e cantar. Este era o clima em que Elton Medeiros



Quem é Quem na Negritude Brasileira

tituição em que estudaram música, Francisco Braga, Romeu Silva e, provavelmente, Anacleto de Medeiros, considerado como um de seus ancestrais. Elton começou a conviver com a música tocando saxofone e bateria no conjunto musical de sua escola. Já no final da década de 40, Elton Medeiros passou a tocar trombone na Orquestra Juvenil de Estudantes. Sua família, a começar pelos seus irmãos Aquiles e Herbert, viviam e respiravam música por todos os poros. É assim que Elton, com Joacir Santana, funda, em 1946, o bloco Tupi de Brás de Pina, que cinco anos mais tarde se transformaria em escola de samba, para cujo sucesso a sua presença fora simplesmente indispensável, até 1953. A ala de compositores da recém-fundada Escola de Samba Aprendizes de Lucas é por ele organizada, gozando de tal prestígio que foi convidada a tornar-se madrinha da Ala de Compositores da Portela. Sempre ativo, Elton faz, em 1954, com Jorge Santana e Sebastião Pinheiro o samba-enredo *Exaltação a São Paulo*, considerado até, o melhor dessa Escola de Samba; explica-se: é que 1954 é data do 4º centenário da fundação da cidade de São Paulo. Prosseguindo em suas lides de sambista, está ele, no início dos anos 60, integrando o conjunto A Voz do Morro, ao lado de Zé Keti, Nelson Cavaquinho e Cartola, quando os ensaios realizavam-se na casa de Cartola, reuniões das quais, surgiram sambas como *Acender As Velas*, *O Sol Nascerá*, *Opinião*, *Meu Pecado*. Nasceu desses encontros de sambistas o núcleo gerador da idéia da criação do Restaurante Zicartola de importância básica para a história da Música Popular Brasileira. É aí que Elton conhece Paulinho da Viola, encontrando neste o seu principal parceiro. É a qualidade lírica, melódica e poética que torna Elton Medeiros atraído por grandes compositores do nível de Cartola, Zé Keti, Hermínio Bello de Carvalho, Eduardo Gudin, Mauro Duarte e tantos outros. Depois de gravar com o conjunto A Voz do Morro, com o elenco do show Rosa de Ouro, com o grupo Os Cinco Crioulos, com Paulinho da Viola o antológico *Na Madrugada* e de musicar o filme Edu Coração de Ouro, Elton foi o acompanhador de Clementina de Jesus no Festival de Arte Negra em Dacar e numa apresentação no Festival de Cannes. Como sucesso atrai sucesso, em 1973, seu samba *Pressentimento*, em parceria com Hermínio Bello de Carvalho, incluído no primeiro LP solo, é o terceiro colocado na I Bienal do Samba. Elton e Paulinho da Viola promovem a revitalização do choro, em 1975, ambos dividem o palco no Festival du Marché International D' Edition Musicale, em Paris,

Quem é Quem na Negritude Brasileira

LP de Elton Medeiros é gravado em 1980. A Suécia aplaude a apresentação com o conjunto Galo Preto, em 1992. Elton ainda lança em 1996 o CD "Mais Feliz", hoje, uma raridade no mercado. Elton Medeiros continua ativo e ativo colhendo o sucesso de seu trabalho em favor da MPB.

Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997

ELZA SOARES

Cantora

Elza Soares, uma das mais populares cantoras brasileiras, é natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1937. Como sempre se dá com o negro, ou negra, que se projeta lançando o seu nome para além da linha que delimita o cotidiano da comunidade afro-descendente, Elza Soares é oriunda do subúrbio carioca do Engenho de Dentro, mais conhecido como favela da Água Santa, local em que se tornou mãe aos 12 anos de idade e aos 18 já era viúva, chegando aos 25 anos como mãe de 7 filhos. A biografia de Elza Soares reflete-se, com nitidez, na maneira de interpretar. Ela sabe transformar tristeza em alegria, no simples ato de cantar. Sambista das mais apreciadas e conhecidas, pelo timbre com que emprega em suas apresentações gravadas, ou em público. Elza está acima do bem e do mal, por haver atingido um nível dos mais elevados, onde poucos artistas de sua origem e de sua condição social alcançaram. Filha de uma humilde lavadeira com um operário, casal que quase nada poderia oferecer de bem-estar e segurança aos seus descendentes, Elza, segundo teria dito ao seu biógrafo oficial, o escritor José Louzeiro, "já teve

várias encarnações... já leve encarnação de 7 anos, de 20; tem dia que se diz ter cem anos; outro dia, 50". Como se vê, uma vida tumultuada e trepidante sempre cercou o destino dessa cantora excepcional, que tudo fez para dar abrigo e sustento à sua numerosa prole, depois do falecimento prematuro de seu marido, trabalhando em fábrica de sabão ou como operária na indústria de eletrodomésticos, para obter minguados rendimentos. Diante de tal precariedade, a solução foi acreditar em quem falava bem de sua voz e se transformar em crooner de uma orquestra que tocava nos subúrbios cariocas. Sua carreira artística começou mesmo a partir de sua participação no coro do Teatro João Caetano, em 1958, tornando-se atração na excursão do conjunto folclórico da bailarina Mercedes Batista pela Argen-

ta, na Rádio Tupi, resultando daí um de seus empregos como crooner do Texas Bar, em Copacabana, ocasião em que Elza Soares passou a cantar profissionalmente. Seu nome começa a ficar conhecido a ponto do diretor artístico da gravadora Odeon, Aloysio de Oliveira, convidar Elza Soares para gravar o seu primeiro disco, surgindo dessa oportunidade o seu grande sucesso de estréia com a música de Lupicínio Rodrigues *Se Acaso Você Chegasse*.

As rádios da época anunciam com grande estardalhaço que a voz de Elza Soares era "a voz que veio para ficar", o que lhe escancara as portas das grandes e consagradas gravadoras que dariam sustentação à sua brilhante carreira nos anos de 1960. A sua voz rouca e sincopada, projeta seu nome a nível nacional, passando a artista negra a fazer shows por todo o Brasil. O segundo LP chamar-se-ia *A Bossa Negra*. No início dos anos 60, Elza conhece Louis Armstrong, que lhe propõe fazer carreira nos Estados Unidos. Mas ela estava muito envolvida, sentimentalmente, com o futebolista Garrincha e recusa o convite. Elza tornou-se companheira do notável Garrincha até o ano de 1977, o que não a impede de fazer inúmeras gravações e de excursionar pela Itália, Argentina e pela Fran-

ça, sempre muito aplaudida, ocasião em que recebeu o carinhoso título de Embaixatriz do Samba. Mais adiante Elza Soares adota o "visual Tina Turner" e, no LP *Somos Irmãos Iguais*, faz uma salada de jazz, rock e samba, como só a ela seria permitido. Os temas afros apaixonam a inquieta cantora, que retorna ao samba absoluto com o CD *Trajetória*, do qual participa um sambista todo especial que é o nosso Zeca Pagodinho. Elza grava também com Caetano Veloso, em 1984, sempre com grande sucesso e dentro de suas características.

História do Samba - Editora Globo - 1997 - Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988

EMANOEL ARAÚJO

Escultor e pintor

Emanoel Araújo, hoje diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, desde 1990, nasceu no ano de 1940, na cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia. Em 1950, iniciou-se, em Salvador, na gravura em madeira, obediente à escola figurativa de tendência expressionista com fortes características de fundo Afro-Brasileiro. Entretanto, o seu talento e a sua sensibilidade artística acabaram por conduzi-lo para a evolução abstra-



Foto: Divulgação

lingagem Rica, original e complexa quando passou a tratar a madeira pintada, ou laminada. Emanoel Araújo atualmente é um dos artistas negros brasileiros que goza de maior renome nesta difícil, moderna e instigante modalidade artística. Premiado em inúmeras exposições individuais, ou coletivas, exibidas no Brasil e no exterior, suas obras hoje se encontram espalhadas pelo mundo, como por exemplo, na América do Norte, Cuba, Chile, etc. Ao referir-se a Emanoel Araújo, Jorge

Amado afirmou, em 1965, como que numa premonição, dizendo: "guardem bem esse nome: Emanoel Araújo. Vai ser nome repetido e aclamado, não tenham dúvida. Quanto a mim, apenas a alegria de tê-lo visto em seu começo e de saber que largo é seu

caminho, pois ele foi construído no trabalho e sã consciência da dura criação". Mas o grande mérito deste singular gênio de artista consumado é ver, depois de ser premiado, em 1983, como o melhor escultor do ano, pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo, que um número fantástico de suas obras figuram nos principais museus do Brasil e do mundo, tanto quanto em coleções públicas, ou particulares, assim como em edifícios e em logradouros públicos. Em 1988, ano do centenário da Abolição do trabalho escravo no Brasil, Emanoel Araújo, a convite do Distinguished Cuny Visiting Professor of Art.-The City College of the City University of New York-New York-U.S.A, permaneceu por cerca de um ano lecionando gráfica e escultura, ampliando o seu prestígio e levando o nome do Brasil ao universo acadêmico norte-americano. De vida inquieta e na sua busca incessante, quase que obsessiva por descobertas de novos rumos para a sua extraordinária capacidade criativa e polivalente, Emanoel Araújo, acabou trilhando outros caminhos, como o da organização de exposições, administração de museus, de ilustrações de livros e de ambientes, onde acabou escrevendo um dos melhores livros sobre a presença negra no campo das artes visuais, intitulado "Mão Afro-Brasileira" com que o governo do Estado da Bahia e a Odebrecht homenagearam, em 1988, o primeiro centenário da extinção do escravismo em nosso país. Definindo o perfil artístico de Emanoel Araújo, Sylvia Meireles de Athayde, diz com muita propriedade que a obra deste homem nascido em San-

tao é perfeita, perfeita, perfeita, pelo emotivo. Neste sentido, seria até certo ponto, uma arte em permanente diálogo com elementos aparentemente dispare, contraditórios entre si. Arte marcada, como já foi dito, pela reflexão sobre o relacionamento entre a matéria e a paixão carregando consigo uma indissociável vocação social.

1)Emanoel Araújo - Escultura, Relevo, Monoprints- 1991 2)larousse Cultural-Brasil A/Z -Editora Universo



Edmundo Simões

EMANUEL BATISTA DE ANDRADE

Gari

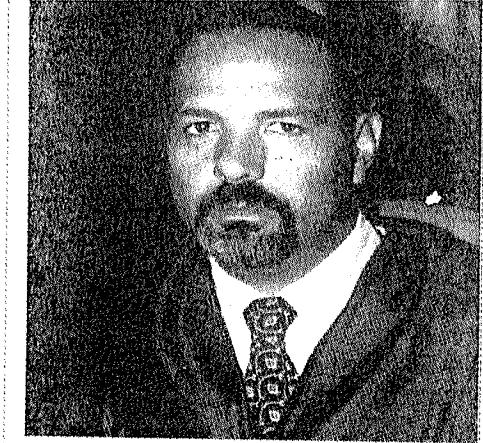
As pessoas por mais simples que sejam no conceito das elites têm condições de oferecer belas, ainda que dolorosas, lições de vida para a Humanidade. Lendo-se o texto abaixo, convença-se de que a cor e a condição social não são barreiras para se atingir os patamares da honradez e da dignidade que são modelos a serem seguidos por pessoas de bem.

"A escola de samba que eu mais aprecio é a Mangueira, assim como o time pra quem eu torço é o Flamengo; sou flamenguista doente. Mas nunca saí na escola, nem nunca vi um desfile. Quem é que pode? Com aqueles preços, só bacana mesmo. Sabe como é que eu faço? Compro umas cervejas e fico em casa vendo pela televisão, que é preto e branco, mas como eu conheço as cores de todas as escolas, pra mim não faz diferença, não. Vou tomando as minhas cervejinhas, cantando os sambas-enredos e vendo a moçada se esbaldar. Quando houve a remoção da favela do morro Macedo Sobrinho, o pessoal que morava lá se espalhou. Uns foram para a Cidade de Deus, outros foram para o Conjunto Habitacional de Benfica, alguns para Bonsucesso e outros para a favela Nova Holanda, no caminho do Galeão. Os meus pais, por exemplo, foram para Benfica, mas eu não tinha condições de pagar um apartamento, então pedi para ir para Nova Holanda. Muita gente também foi. No princípio era um tremendo desacerto, a maioria do pessoal que trabalhava, trabalhava na Zona Sul, ali pelo Humaitá mesmo, ou em Botafogo, Copacabana, Lagoa, enfim, mais ou menos perto de casa, gastando o mínimo de passagem e de tempo na condução. Com a mudança, foi fogo. Além de ter de sair mais cedo, o cidadão começou a desembolsar uma grana forte para pagar a condução e o ordenado não aumentou por causa disso. Nessa, teve gente até que largou o emprego, porque não estava compensado. Eu acho que as autoridades quando fazem essas remoções deviam pensar nisso, arranjar lugares onde também tivesse trabalho pra rapaziada. Mas o melhor

água e deixar a gente lá mesmo, porque não forçava o desemprego, a diminuição do dinheiro da gente. Nem tirava os nossos filhos das escolas que estão ali por perto. Lá em casa sou eu, a patroa que trabalha como servente na universidade, na ilha do Fundão, e mais cinco filhos. Quatro meninas e um menino. Têm gente que se assusta quando eu digo que eu tenho cinco filhos, meus pais tiveram doze. É bem verdade que eles não tinham televisão em casa, nem em preto e branco... Os meus filhos estão todos na escola, a mais velha estuda de noite porque durante o dia cuida da casa e dos irmãos. Eu, por exemplo, só estudei até o quarto ano primário, não dava mais pra ficar estudando porque eu tinha que ajudar a despesa em casa. Trabalhei como ciclista no Humaitá, na Farmácia Cristo Redentor, depois fui pra Orlando Rangel, na praia de Botafogo, e, mais tarde, arrumei pra trabalhar numa obra. Antes não tivesse feito isso, foi o passo mais infeliz que eu dei na minha vida. Sabe o que aconteceu? Tinha uns três meses que eu estava na obra, quando um caminhão de material perdeu o freio e me imprensou contra a parede. Não morri por pouco, mas fiquei dez meses por conta do Instituto, sem saber se ia ficar completamente curado ou não. Quando eu saí, o dono da obra me deu aviso prévio, me pagou dois meses e fui-me embora. A minha sorte é que um amigo meu ia se inscrever para gari, me levou e eu passei no exame. Faz dezoito anos que eu varro as ruas do Rio. Casei com minha mulher, que se chama Marli, por acaso. Eu estava de olho era na Natalina, que também morava lá no Macedo Sobrinho. No mês de outubro, aos domingos, a gente juntava a moçada toda e ia para a festa da Penha. A tia da Natalina era muito braba, mas com jeito a gente conseguiu que ela deixasse a sobrinha ir conosco à Penha. De hábito, nós levávamos um farnel, porque saímos logo depois do almoço e ficávamos até bem tarde, às vezes, saímos até antes do almoço, que era para não perder nada da festa. No domingo em que Natalina foi, não se deixou de levar o farnel: uma galinhazinha assada, farofa, empada, pastel de carne e camarão; a mãe de cada um fazia um pouquinho. Na volta, eu vim no ônibus sentado ao lado de Natalina e, como tinha sobrado arroz, eu vim comendo e, numa hora lá, não me lembro qual foi a piada que contaram, eu dei uma gargalhada tão grande que espalhei arroz por todo lado, inclusive em cima da Marli, que estava sentada perto da gente. Mais do que depressa tirei o lenço do bolso e dei para ela sacudir o arroz de cima do vestido e ela ficou com o lenço. Na segunda-feira a encontrei, quando

e isso durou quase uma semana até que um dia ela veio com o lenço e aí a gente começou a conversar, a namorar e nos casamos tempos depois. É aquele negócio, atirei na Nata-lina e acertei na Marli. Até hoje a gente vive bem, tem umas briguinhas de vez em quando, mas não dura muito. Na maioria das vezes é porque antes de ir pra casa eu passo no botequim lá perto, fico de papo com a turma, tomos umas e outras e chego de pé queimado. Aí a bronca é livre. Outras vezes quando estou de folga, eu aviso a ela que vou no seu Júlio - o dono da tendinha - e prometo voltar logo. Mas sabe como é: conversa daqui, conversa dali, mais um vermutinho, mais uma cervejinha, joga-se aquela suequinha a valer dinheiro - mas muito pouco dinheiro - e quando vai se ver, já é de noite. E pra voltar? Aí eu começo a tomar coragem e, de uma em uma, muitas vezes um amigo é quem me leva pra casa. Aí dona Marli não perdoa. Tanto faz no Macedo Sobrinho, como na Nova Holanda, nunca senti esse problema de raça com ninguém. Branco e preto, todo mundo sempre se respeitou e se ajudou. Basta saber que se tem um vizinho doente todo mundo se mexe pra ir numa farmácia, descobrir um telefone pra chamar o pronto-socorro ou mesmo emprestar um remédio. Todo mundo se dá muito bem. No meu tempo de rapaz namorei uma clarinha, e nunca ninguém da família veio me dizer alguma coisa, tirar satisfação comigo. Também já apertei a mão de muita figura importante. O presidente Getúlio Vargas é um exemplo. Quando tinha distribuição de brinquedos no Palácio do Catete eu e os meus irmãos sempre íamos e, uma vez, o presidente deu a mão à gente, conversou e tudo. No tempo de solteiro cansei de ir naquelas boates da rua Prado Júnior e nunca fui barbado. Na época em que trabalhei nas farmácias, como eu andava sempre limpinho, de cabelo cortado e tudo, as madames faziam questão que fosse eu o entregador das encomendas delas. Venho fazendo a cabeça dos meus filhos pra eles estudarem. Sempre digo a eles que, se eu não tivesse parado no quarto ano primário, hoje não seria gari apesar de, todo mundo diz, ser uma profissão como outra qualquer. Com o meu dinheiro e o da patroa, a gente mora num barraco que tem dois quartos, banheiro, cozinha e até uma areazinha. Já acabamos de pagar as prestações da televisão, agora só estamos com a despesa da geladeira e do fogão. Quando criança, nunca sonhei com uma profissão que eu sabia que pra mim não ia dar pé. Comecei com gosto a aprender a ser ladrilheiro, mas a firma falou e eu não encontrei outro lugar para continuar. Não fosse isso eu po-

saúde, meus filhos têm saúde e isso pra mim já é uma tranquilidade. Minha mãe, que sofreu três derrames e perdeu a fala, costumava me dizer que a gente não deve por o pé onde a mão não alcança, e eu me lembro sempre disso. Nem todo mundo pode ser Pelé. Pra eu mudar de vida agora, só ganhando na Loteria Esportiva, o que seria realmente uma boa, eu ajeitava minha vida, da minha família, dos meus pais, dos meus sobrinhos, de todo mundo. Quem sabe um dia isso não acontece, tanto pé-de-chinelo aí já ganhou. Porque eu não posso? Por falar nisso, deixa eu ir fazer uma fezinha".



EMÍLIO ALVES FERREIRA

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Capivari

Emílio Alves Ferreira nasceu em Embu-Guaçu, em São Paulo, no dia 18 de dezembro de 1951. Os seus primeiros estudos foram feitos no grupo escolar Augusto Castanho, na cidade de Capivari, acompanhado das naturais dificuldades que jamais desistem de perseguir o negro desde que para aqui veio para trabalhar como escravo, salvo as exceções, que confirmam a regra. Para se sustentar, exerceu a função de engraxate e de serralheiro. Emílio chegou a ser um dos bons de futebol aqui em São Paulo; defendeu com sucesso as cores de clubes da 2ª e da 3ª divisão como o Capivariano Futebol Clube, sendo por doze anos o capitão da equipe. Emílio ainda jogou na Portuguesa de Desportos, da capital paulista, no ano de 1969. Casado com Eliete Marisa de Jesus Moura Eleutério, tornou-se pai de quatro filhos: Emilene (21), estudante de medicina, em Cuba; Ana Paula (19); Eliciane Pamela - eternamente pranteada por seus diletos pais, pois veio a falecer prematuramente num acidente automobilístico - e Thayná (2), portanto, a caçula festejada por todos os membros da família do patriarca Emílio Alves Ferreira, que sempre demonstrou uma forte tendência para empreender a carreira sindical. Esta carreira teve início em razão da sua liderança firme, mas espontânea, que exercia junto a seus companheiros de trabalho, com o mesmo espírito de equipe e temperança com que fora capitão de clubes de futebol por tantos anos. Emílio é dotado de uma sólida formação acadêmica, especializado em Administração de Empresa pela Faculdade de Administração da Cidade de Capivari, em 1990. Em seu currículo desfila um apreciável nú mero de cursos, de seminários, de conferências, de simpósios, de ciclos de palestras, de oficinas de trabalho, de congressos, quase que todos eles versando so-

bre leis e direitos trabalhistas, sobre tendências atuais do uso correto do asbesto em nosso país, sobre as mil e uma utilidades do amianto. A maioria desses encontros promovidos por respeitáveis instituições do cunho de um Senai, de uma Brasilit, de uma Fundacentro, de uma CNI, de um Sinduscon, de uma CNTI, de uma OIT, etc, etc. Como as atividades de um dirigente sindical da estatura de Emílio implica em estar fisicamente presente em diversas partes do mundo, este presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Construção tem percorrido países como o Uruguai, Bélgica, Índia, Espanha, Argentina, França, Inglaterra, Itália, Cuba, Áustria, Canadá e Estados Unidos, para colher informações e transmitir experiências, tudo relacionado com a vida sindical brasileira. Se não bastasse o desempenho de Emílio Alves à frente deste gigantesco, mas gratificante trabalho, ainda cabe-lhe a incumbência de ser mui meritariamente, juiz classista no Tribunal Regional do Trabalho, da 15ª Região - Campinas / S.P., desde 1995, indicação essa que só veio coroar o brilhante trabalho desenvolvido por ele em suas demandas e lutas sindicais. Emílio é um negro de brio, por isso mui se orgulha de haver recebido o Troféu Zumbi dos Palmares, oferecido pelo Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB em 1997.

ERALDO TRINDADE

Deputado federal, radialista e jornalista

O jovem deputado federal por três mandatos consecutivos pelo Estado do Amapá, radialista e jornalista, Eraldo da Silva Trindade nasceu em Macapá, em 20 de novembro de 1956, onde, antes de entrar na vida pública, foi diretor da TV Amapá; diretor-responsável do jornal Amazônia; assessor de imprensa, redator e editor do jornal Informativo APA. Além de ter pertencido aos quadros da Radiobrás. Foi, assessor de imprensa da Secretaria de Saúde de Macapá.

criações de Imprensa, em Brasília, no ano de 1990, e vice-presidência da Associação de Imprensa do Distrito Federal, no ano de 1992. Integrou, também, o Conselho Editorial dos Programas da Constituinte de 1987, no Congresso Nacional. Ocupando assento na Câmara dos Deputados desde 1987, quando foi eleito para seu primeiro mandato, tem sido um parlamentar bastante atuante, tendo participado da Subcomissão dos Municípios e Regiões, da Comissão de Organização do Estado (1987), Subcomissão de Educação e Esportes, da Comissão da Família, da Comissão de Educação, Cultura e Esportes, da Comissão de Ciência e Tecnologia e da Comissão de Informática (1987); da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática (1989, 1991 e 1992); Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (1990 a 1994); Comissão de Finanças e Tributação (1991); além de ter integrado a CPI dos Aeroportos Clandestinos, das Missões Religiosas Estrangeiras nos Garimpos da Amazônia e da Internacionalização da Amazônia. Integrou, também, a Comissão de Minas e Energia (1993); a CPI da Concessão de Benefícios Previdenciários (1993); relator da CPI dos Minérios (1994); relator da CPI dos Direitos Autorais (1995); presidiu a Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior (1995-96); Comissão de Fiscalização Financeira e Controle (1996); CPI Mista da Universidade Brasileira (1992); CPI Mista sobre as Irregularidades na TV Jovem Pan (1993); e Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização (1994). Na atual legislatura, o deputado Eraldo Trindade assumiu a presidência da Comissão dos Direitos Humanos (1998). Em decorrência dos trabalhos prestados à Nação, foi condecorado com Honra ao Mérito de Publicidade, Propaganda e Promoções Artística de Macapá, em 1985; Honra ao Mérito da LBA, em 1985 e Certificado da Palavra de Honra ao Mérito conferido pelo DIAP, em 1988. Dentro as missões ao exterior, destaca-se visita oficial, como representante da Câmara dos Deputados, a Caracas, Venezuela, em 1991. Atualmente, além das atividades parlamentares, preside o Clube do Congresso, em Brasília. Eraldo Trindade é casado e pai de três filhos.

Texto de Eraldo Inocêncio

ERNESTO PEREIRA FILHO

Diretor do CNAB

Ernesto Luiz Pereira Filho, natural de Niterói, Rio de Janeiro, nasceu no dia 18 de outubro de 1958 e é filho de Nélia da Silva Pereira e Ernesto Luiz Pereira. Ernesto fez os

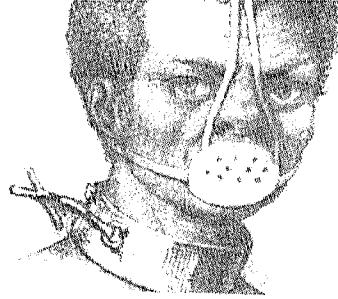
conhecidas contradições que afetam, de modo tantas vezes irreparáveis, a esses descendentes. Amparado por uma boa atenção familiar, que contribuiu para o seu correto encaminhamento na vida, Ernesto conseguiu encontrar o seu próprio caminho político e social, que o levaria a ingressar na luta de reorganização do grêmio estudantil do Colégio Industrial Henrique Lage e, posteriormente, incorporar-se na campanha pela Anistia, que foi uma grande conquista democrática do povo brasileiro, na ocasião. A



partir daí, Ernesto Luiz, estudando e participando, concomitantemente, de ações políticas concretas acabou por filiar-se ao PMDB, que liderou no país a memorável campanha das Diretas-Já, movimento popular que teve o mérito histórico de reconduzir o Brasil ao regime democrático. Sempre atuando no Rio de Janeiro, passou a ser um dos quadros mais representativos da vida social, a ponto de participar da luta pela formação da Central Geral dos Trabalhadores-CGT, que teve como um de seus presidentes a figura popular de Joaquinzão tudo em decorrência do fato de Ernesto ter-se incluído na condição de um dos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos do Estado do Rio de Janeiro, na gestão do então presidente da instituição, Valdir Vicente de Barros. Em 1990, transfere-se para São Paulo, para dar continuidade a seu trabalho junto à CGT. É assim que encontra o clima propício para participar da fundação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, idéia há anos defendida por Eduardo de Oliveira e que se concretizou em 1995, ano de 3º Centenário da Imortalidade de Zumbi dos Palmares. Nesta entidade que hoje tem sede em 18 estados da Federação, Ernesto é o seu primeiro-secretário de finanças e dirigente da comissão de projetos e convênios.

Nos meios em que militam as lideranças negras, femininas ou masculinas, fala-se muito sobre quem foi e como teria sido a vida e a história da Escrava Anastácia, que muitas comunidades religiosas afro-brasileiras, particularmente, as ligadas à religião católica apostólica romana, gostariam de propor à Sua Santidade, o Papa, para que fosse beatificada ou santificada, dentro dos preceitos e dos ritos canônicos que regem este histórico e delicadíssimo processo. Pelo pouco que se sabe dessa grande mártir negra, que foi uma das inúmeras vítimas do regime de escravidão, no Brasil, em virtude da escassez de dados disponíveis a seu respeito, pode-se dizer, porém, que o seu calvário teve início em 9 de abril de 1740, por ocasião da chegada na cidade do Rio de Janeiro de um navio negreiro de nome Madalena, que vinha da África com carregamento de 112 negros Bantos, originários do Congo, para serem vendidos como escravos em nosso país. Entre esta centena de negros capturados em sua terra natal, vinha, também, toda uma família real, de Galanga, que era liderada por um negro, que mais tarde se tornaria famoso, conhecido pelo nome de Chico-Rei, em razão de sua ousada atuação no circuito aurífero da região que tinha por centro a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Delminda, mãe de Anastácia, era uma jovem formosa e muito atraente pelos seus encantos pessoais, e, por ser muito jovem, ainda no cais do porto, foi arrematada por um mil réis. Indefesa, esta donzela acabou sendo violentada, ficando grávida de um homem branco, motivo pelo qual Anastácia, sua filha, possuía olhos azuis, cujo nascimento se verificou em Pompeu, em 12 de maio, no centro-oeste mineiro. Antes do nascimento de Anastácia, a sua mãe Delminda teria vivido, algum tempo, no Estado da Bahia, onde ajudou a muitos escravos, fugitivos da brutalidade, a irem em busca da liberdade. A história nefanda se repete: Anastácia, por ser muito bonita, terminou sendo, também, sacrificada pela paixão bestial de um dos filhos de um feitor, não sem antes haver resistido bravamente o quanto pôde a tais assédios; depois de ferozmente perseguida e torturada a violência sexual adversa, Anastácia não deixou de sustentar a sua costumeira altivez e dignidade, sem jamais permitir que lhe tocassem, o que provocou o ódio dos brancos dominadores, que resolvem castigá-la ainda mais colocando-lhe no rosto uma máscara de ferro, que só era retirada na hora de se alimentar, suportando este instrumento de supremo suplício por longos anos de sua dolorosa, mas heróica existência. As mulheres e as filhas dos senhores de escravos eram as que mais incentivavam a manutenção de tal

Quem é Quem na Negritude Brasileira



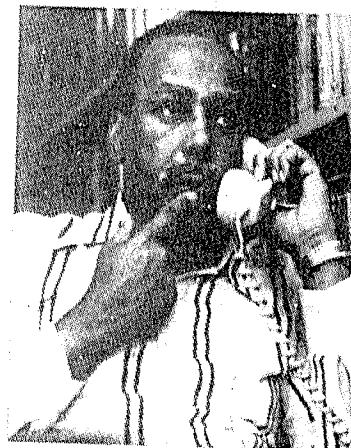
máscara, porque morriam de inveja e de ciúmes da beleza da negra. Anastácia, já muito doente e debilitada, é levada para o Rio de Janeiro onde vem a falecer, sendo que seus restos mortais foram sepultados na Igreja do Rosário que, destruída por um incêndio, não se teve como evitar a destruição também dos poucos documentos que poderiam nos oferecer melhores e maiores informações referentes à escrava Anastácia "A Santa", além da imagem que a história ou a lenha deixou em volta de seu nome e na sua postura de mártir e heroína, ao mesmo tempo.

Da Revista Suingondo - Ano 1 - N° 4

ESMERALDO TARQUÍNIO

Advogado e ex-deputado estadual - SP

Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho, natural da cidade de São Vicente, Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 12 de abril do ano de 1927, é filho de Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos e Irací Moura Campos. Esmeraldo é casado com Alda Terezinha Camargo de Campos, com quem teve um filho: Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Neto. Formado Advogado, com larga atuação nas lides forenses, Esmeraldo foi um negro que soube incluir-se entre um dos melhores filhos da orla praiana que, pelos seus méritos de larga e sempre crescente liderança, particularmente, com arraigado prestígio na cidade de Santos, chegou a atingir os píncaros da glória, em vida. Numa idade em que fora cidadão afro-descendente, surpreendeu a sua própria geração, pela rápida e brilhante ascensão de sua carreira. É absolutamente natural a estupefação com que Esmeraldo Tarquínio colocou-se diante do respeito e da admiração da notória maioria de seus contemporâneos. Sendo negro, surgido no seio de uma família afro-descendente, mas sabida-



ESTÊVÃO MAYA-MAYA

Maestro e cantor

Estêvão Maya-Maya, natural da cidade de Pano Grosso-Viana, Maranhão, onde nasceu no dia 2 de setembro de 1943, é filho de

pessoas comuns de origem e formação eurocêntrica em termos político-partidários que, via de regra, iniciam com sucesso esta difícil e espinhosa caminhada a partir já da segunda, ou da terceira década de suas existências. Isto acontecendo, também, com Esmeraldo Tarquínio, um negro assumido e orgulhoso de sua africanidade, só faz com que se atribua o seu meteórico êxito ao seu caráter ilibado, sua cultura humanística, ao seu despreendimento pessoal e, sobretudo, à sua qualidade de orador inspirado e extraordinário, que fez dele um tribuno de sua época. É assim que Esmeraldo tornou-se deputado estadual pela legenda do MDB, com os surpreendentes 32.520 votos, pelos quais foi diplomado pelo Tribunal Regional Eleitoral no dia 26 de janeiro de 1967. Antes, porém, Esmeraldo Tarquínio já havia obtido em 1963 7.193 votos para a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Candidata-se a prefeito de Santos, é eleito com vultosa votação, mas não toma posse. Em 1969, já como prefeito, é atingido pelo ato discricionário do regime em vigência em nosso diploma político, tornando-o inelegível pelo período de 10 anos. É aí que aparece a figura de Osvaldo Justo, que sendo o seu vice, num gesto elegante e patriótico, recusa-se a substitui-lo na Prefeitura de Santos, renunciando ao cargo. Caindo no ostracismo para atividade política, Esmeraldo Tarquínio não se abala e prossegue lutando, como advogado, em favor da classe humilde e da categoria dos portuários, superando esta etapa amarga de sua vida. Quando chega o ano de 1979, liberando-se da

condição de cassado e, ao tornar-se elegível, retornaria à Assembléia Legislativa e, inegavelmente, à Prefeitura da cidade de Santos. Esmeraldo Soares Tarquínio veio a falecer, em consequência de um aneurisma cerebral, no décimo dia do mês de abril do ano de 1982, o que inegavelmente faz com que este moço negro, de talento nato para vida pública, deixasse órfão uma legião de amigos e de eleitores que muito precisavam de sua atuação política no cenário nacional.

mais da música popular e erudita, do canto, da composição, da poesia, do teatro, enfim, da arte que faz do nosso Divino Criador, é o ambiente peculiar do Maestro Estevão Maya-Maya. Sua presença nessa atmosfera que fascinou João Sebastião Bach e envolveu Carlos Gomes, Zequinha de Abreu, Padre José Maurício, Pixinguinha ou Auta de Souza é hoje obrigatório maestro regente e pesquisador, de raro prestígio. Estevão Maya-Maya, em se tratando de seus conhecimentos musicais, preenche um espaço muito especial, que é o referente ao coro, ou seja, o conjunto de pessoas reunidas com propósito de executar danças cadenciadas ou de cantarem juntos determinadas peças musicais ao acaso ou propositalmente criadas para esse fim; há composições musicais criadas só para coristas, que se tornaram famosos. O maestro Estevão Maya-Maya é hoje muito conhecido e solicitado pelo fato de colocar seu talento e sua sensibilidade de descendente de africanos a serviço de corais ou de cantos orfeônicos, cujos integrantes são afro-brasileiros, em sua maioria, e as peças musicais, por eles executadas, dizem respeito aos seus valores e à cultura de seu povo e de sua gente. Maestro Maya-Maya contribui de modo decisivo para o engrandecimento das tradições artísticas de nossa afro-brasileidade. É assim, que este músico especializado neste ramo de manifestação cultural fundou corais e dirigiu o Coral da Sabesp, o Coral Cantafro e o Coral Paulo e Estevão. Privilegiado pela natureza afro-descendente "Maya-Maya" possui uma voz de baixo-profundo, portador de uma extensão de aproximadamente três oitavas", o que é absolutamente raro entre cantores. Sua atividade artística musical também abrange o canto solístico em obras com orquestras sinfônicas, nos gêneros, como já se disse, erudito e popular. Neto de uma cantora e violinista e de um vaqueiro ator dos cantos do bumba-meu-boi, Estevão Maya-Maya estudou na Escola de Música do Maranhão e na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, foi bolsista da Pró-Arte no Rio de Janeiro e estudou ainda canto com Sônia Born, análise musical com Es-



Quem é Quem na Negritude Brasileira

vocal "Coroigun Musicum" sob regência de Schnoremberg e estudou e fez teatro com Eugênio Kuznet. A vida de Maya-Maya é toda ela dedicada à música, até as suas atividades neste universo são intensas e permanentemente bem sucedida. O famoso maestro Joaquim Paulo do Espírito Santo dirigiu recitais tendo Maya-Maya como cantor. O seu vasto e invejável currículo nos demonstra tratar-se de um artista que encontrou na música o caminho para a sua auto-realização e como afro-brasileiro, um cultor de seus valores e de suas tradições artísticas e culturais. A contribuição de Estevão Maya-Maya tem sido e vem sendo da maior importância para a valorização e soerguimento da comunidade negra como um todo.

EUCLIDES DA SILVA

Diretor do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo, 1º vice-presidente do CNAB e pastor evangélico

No dia 24 de junho de 1948 nasceu em São Paulo, capital, Euclides da Silva. Filho de gente humilde, cujos pais são de origem afro-brasileira, Euclides conseguiu, com extrema dificuldade, completar a sua instrução básica elementar só depois de estar avançado nos anos. Portanto, desde muito cedo o trabalho duro, pesado e de baixa remuneração, foi o que a sorte lhe reservou, fazendo com que a sua infância e a sua juventude fossem crivadas de muita luta, de muitas atribulações e, ao mesmo tempo, cercadas de muitas esperanças. Contudo, apesar das inúmeras agruras porque passou, Euclides da Silva não desanimou e, muito menos, se abateu diante dos difíceis percalços que a mão pesada e áspera da sorte lhe antepunha diariamente. Foi debaixo dessas provações e dessas privações, que o jovem Euclides da Silva foi temperando o seu caráter e formando a sua forte personalidade. Hoje, Euclides é casado, chefe de família, pai de seis filhos e avô de pelo menos cinco netos que, ao lado de sua dileta esposa, atestam o quanto foi longo o caminho percorrido e o quanto lhe tem sido gratificante lutar com todos as forças vivas de seu coração e de sua alma de afro-descendente. Depois de percorrer várias estradas e de passar por diversos empregos, Euclides acabou se transformando num alto funcionário da Eletrópolo, onde, por dedicação e competência, o seu nome foi indicado pela categoria, para fazer parte da alta direção do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo, junto à qual exerce, hoje, a função de secretário-geral. Coragem e persistência sempre fizeram parte de seu espírito de determinação. Portanto, estudar e trabalhar constituíram-se no seu lema predi-

pelo Instituto Bettel de Ensino Superior, em 1982 é bacharel em Ciéncia Jurídicas pela Universidade de Guarulhos, na turma que acaba de colar grau, em 1997. Depois de

tantas batalhas, de tantos sonhos cultivados e tantas frustrações sublimadas, Euclides da Silva pode dizer que combateu o bom combatente, como fizera Zumbi, como fizera Luiz Gama, como fizera André Rebouças - alguns dos heróis negros de nossa história que lhe serviram de modelo e de inspiração ao longo dos caminhos que percorreu. Euclides é membro titular da Frente Getulista; titular da cadeira de Imortais de número 19, da Academia Brasileira de Ciências Políticas do Brasil, onde recebeu o título de doutor, cadeira esta que pertenceu a Tancredo Neves. Como delegado, Euclides da Silva estava no Novo México, nos Estados Unidos, em junho de 1996, participando do 2º Encontro Internacional de Trabalhadores. Atualmente é o primeiro vice-presidente nacional do Congresso Nacional Afro-Brasileiro-CNAB, assim como é vice-presidente da Convenção Geral Brasileira da Assembléia de Deus da Missão.

EUNICE APARECIDA DE JESUS PRUDENTE

Advogada e professora universitária

Eunice Aparecida de Jesus Prudente, natural do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 10 de setembro de 1946 é, hoje, advogada e professora universitária. É casada com o antropólogo Celso Prudente, com quem tem uma linda menina, Ana Beatriz de Jesus Prudente. É advogada e coordenadora consultiva imobiliária da Companhia do Metropolitano de São Paulo-Metrô e doutora da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e titular da Faculdade de Ciências Jurídicas da Universidade São Francisco. Para que a professora Eunice chegasse a alcançar posições tão relevantes, no mundo acadêmico de São Paulo, foi necessário que ela investisse em si mesma, ciente que a sua condição de mulher negra de procedência humilde não seria empecilho suficiente para se graduar em

Municipal, por esta mesma faculdade, em 1973, e de formar-se em Direito Agrário, Cadastro e Tributação, em 1975. Eunice obteve o título de mestrado e de doutorado com a dissertação "Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil" e a tese "Direito à Personalidade Integral - Cidadania Plena", respectivamente. É uma das mulheres negras mais cultas, mais combativas e mais admiradas por quantos que souberam ver o exemplo afirmativo de que o estudo e trabalho são os maiores fatores de estímulo para que alguém rompa o bloqueio que os impede de entrar na principal corrente dos grandes edificadores de obras importantes da era presente. Eunice Aparecida está cercada de uma estirpe de familiares nobres e valentes, como sua tia, Ana Florence de Jesus Romão, presidente perpétua e uma das fundadoras mais ativas da então Casa da Cultura Afro-Brasileira e do seu digníssimo esposo professor Celso Prudente. Portanto, por legado sangüíneo e por escolha, Eunice nasceu e vive no meio de uma confraria que para consagração pública só falta exibir, para nós outros, brasões nobiliárquicos. Esta professora foi quem descobriu juridicamente no que residia a ineficácia da histórica Lei Afonso Arinos, pelo fato de estar capitulado como contravenção, não como crime, como hoje reza a Constituição de 1988, que o "racismo é crime imprescritível e inafiançável" (Lei Caó). O professor Clóvis Moura elogia Eunice ao comentar seu livro "Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil" ao ressaltar o estado de estupor da autora, quando comenta que "é sem dúvida espantoso que o Brasil, nesta época em

que todos os estados se voltam para o desenvolvimento humano, limita-se a apresentar-se ao mundo como uma nação sem preconceitos raciais e internamente faça omisão à problemática do negro". O jornalista Marcos Faermann, por seu turno, aplaude a escritora: "pois Eunice é uma moça negra... Mas ela faz a travessia, corajosa, e transforma o próprio desgosto (e dor) em instrumentos corporais do saber". Depois destas considerações, bem

abalizadas por ilustres intelectuais do nosso tempo, resta-nos concluir que o nome de Eunice Aparecida de Jesus Prudente já atingiu dimensões históricas, não só pelo caráter de sua atuação acadêmica, como, sobretudo, pelo vigor de sua militância ao lado e à frente das instituições comunitárias afro-descendentes e fidelidade à sua condição de "direito à feminilidade negra".

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Eunice Cabral é natural do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 31 de agosto de 1952. É filha de Maria de Lourdes Cabral e José Cabral. Sua profissão é a de cortadeira, uma das especializações da função de costureira. Dentro de sua especialização profissional, fez diversos cursos de aperfeiçoamento como o de Noções de Segurança do Trabalho e Saúde Ocupacional; curso Residencial de Educação Sindical, assim como, curso Extensivo de Educação Sindical. Eunice Cabral é presidente do Sindicato das Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de São Paulo e Osasco, com sede à rua Florêncio de Abreu, no município de São Paulo, uma das poucas mulheres negras a presidir um grande sindicato no Brasil e, possivelmente, na América Latina. São de Eunice Cabral estas frases proféticas: "preocupados com o crescimento e desenvolvimento do país, investimos no futuro, estimulando a criação do *Sindicato Criança*"; "Sempre participamos dos principais movimentos sociais da atualidade" e "a reunião de homens e mulheres para, juntos, defenderem os seus interesses específicos e dos trabalhadores assalariados". Sem jamais esquecer-se do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, promulgado pela ONU, Eunice sempre saúda as suas companheiras de jornada cívica e trabalhista com esta frase singela mas glamourosa e cheia de significado humano: "Mulher! Beleza e Força! Sua energia sustenta a nossa categoria!". Os aposentados, jamais são esquecidos por Eunice e suas colegas de diretoria. Tanto é que dia 24 de janeiro, Dia do Aposentado, ela saúda a todos, parabenizando aqueles que mereceram tudo isso e ainda merecem muito mais, enquanto, de outro lado, recomenda a união que fortalece a categoria para alcançar os objetivos comuns aos interesses de todos, para no final proclamar dizendo que "em cada acordo coletivo

manece à frente do Sindicato das Costureiras por várias gestões. E é, ainda, vice-presidente da Força Sindical, vice-presidente da FITTVCC-ORI e diretora do Dieese. Sempre preocupada em aprimorar os seus conhecimentos para melhor defender a categoria que representa por vários anos consecutivos, Eunice participa de diversos seminários, como do II Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário; do V Encontro Del Grupo de Trabalho do Mercosul - FITTVCC-ORI; do Seminário Internacional - Alternativas Para Estabelecimento de Códigos de Conduta Empresarial nos Setores Têxteis, Vestuário, Calçados e Couro no Brasil e em outros países. Assim, Eunice, sem esquecer-se dos afro-brasileiros, caminha à frente de seu tempo e da gente de que se orgulha de pertencer.

EURIDES ANTÔNIO DA SILVA - BOLINHO

Diretor da Associação de Tia Eva

Eurides Antônio da Silva é da cidade de Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul, nascido no dia 21 de abril de 1963. Sérgio Antônio da Silva e Luzia Bento de Arruda são seus pais. Se chamássemos Eurides de "pai solteiro" cremos que não se ofenderia, pois sem se casar é pai de dois maravilhosos filhos: Luen-del Axé e Ezequiel Alves, que muito se orgulham do pai que têm. *Bolinho* - é assim que é chamado carinhosamente por quantos o conhecem na intimidade - faz parte dessa saga iniciada por Tia Eva. Portanto é de nobre estirpe, como a de todas ainda perdidas no anonimato. *Bolinho* é tataraneto de Tia Eva. No Bairro de São Benedito, exerce a função de diretor social da Associação dos Descendentes de Tia Eva. Em 1996, participou da fundação do Grupo de Trabalho Afro-Eva, na própria comunidade, tendo sido, também, presidente da Associação de Moradores, no bairro de São Benedito e Adjacências. Foi jogador de futebol. Na década de oitenta, defendeu as equipes do Operário F.C. e do Esporte Clube Comercial. No tocante à comunidade negra, ele exerce atualmente a função de vice-presidente da Escola de Samba Igrejinha e ajudou a fundar a Estação Primeira do São Francisco. É membro do movimento de cursilho diocesano e secretário da Conferência Vicentina de São Benedito. Está



Quem é Quem na Negritude Brasileira

Eunice Cabral, por Eunice Cabral, permanece à frente do Sindicato das Costureiras por várias gestões. E é, ainda, vice-presidente da Força Sindical, vice-presidente da FITTVCC-ORI e diretora do Dieese. Sempre preocupada em aprimorar os seus conhecimentos para melhor defender a categoria que representa por vários anos consecutivos, Eunice participa de diversos seminários, como do II Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário; do V Encontro Del Grupo de Trabalho do Mercosul - FITTVCC-ORI; do Seminário Internacional - Alternativas Para Estabelecimento de Códigos de Conduta Empresarial nos Setores Têxteis, Vestuário, Calçados e Couro no Brasil e em outros países. Assim, Eunice, sem esquecer-se dos afro-brasileiros, caminha à frente de seu tempo e da gente de que se orgulha de pertencer.

EUSTÁQUIO NEVES

Fotógrafo

Em 1955 nasce na cidade de Juratuba, em Minas Gerais, o fotógrafo autodidata, Eustáquio Neves. Transferindo-se em 1973 para Belo Horizonte, graduou-se em química técnica industrial, profissão que serviu de base para a manutenção de sua existência. Eustáquio Neves muda-se, em 1981, para Goiás. Isto, depois de uma ligeira passagem, como funcionário, pelo setor de Química Agrícola do Ministério da Agricultura e de deixar incompleto o curso de Violão Clássico e Teoria Musical no seu segundo ano de freqüência. Como se vê, com apenas 26 anos de idade, Eustáquio já tinha passado por três Estados e, praticamente, por três profissões, mostrando o grau de instabilidade social e de inquietação em que se encontrava. Possivelmente, pelo fato de ser de origem afro-descendente e, em decorrência, de ser um jovem pobre à procura de um melhor posicionamento no seio da sociedade em que vivia. Em Goiás, sempre ansioso pela busca de novos horizontes em que pudesse manifestar o seu talento, a sua verdadeira vocação em toda a sua plenitude, é que Eustáquio Neves encontra condições para amealhar alguns recursos para comprar os primeiros equipamentos fotográficos, não sem antes exercer durante 3 anos a profissão de químico, especialidade que aprendeu na capital mineira como meio de sobrevivência na "selva de humanidade", com a qual ombreava-se cotidianamente. A "química pura", como a que deveria ser praticada pelo afro-negro Eustáquio, deveria ser algo de árido, de insípido e de pouco ou nada palatável para alguém que já deu mostras de apreciar os acordes diáfanos das sonoridades musicais e da poesia das formas fixadas no papel, que é a arte da fotografia. Como o bom filho que à casa torna, Eustáquio Neves, retorna à cidade de Belo Horizonte, em 1987, depois de todas as peripécias porque passou como negro, como profissional e como cidadão. No mais das vezes, tratado como alguém de segunda classe. Com a colaboração de alguns amigos, monta um pequeno estúdio fotográfico com o qual lhe foi dada a excelente oportunidade para discutir, planejar e desenvolver inúmeros projetos, uma vez que a partir de então, Eustáquio encontrava as condições ideais para o domí-

imaginar-se para alguém de seus ares tímidos e contidos, em razão do temperamento introvertido com que se apresentava aos olhos das pessoas estranhas à convivência do seu dia-a-dia, chegando mesmo a organizar e participar de um grande número de exposições individuais e coletivas - sempre com inusitado sucesso, como em galerias de Ouro Preto, Belo Horizonte, Goiânia, Niterói, Rio de Janeiro, e São Paulo, tornando-se um nome nacionalmente conhecido e admirado pelos aficionados e pela crítica especializada neste ramo das artes visuais. Sua projeção o fez estar presente no Festival Internacional de Fotografia de Arte Negra e no "Photosfusion Centre-Londres", na Inglaterra, tendo alguns de seus trabalhos incluídos em coleções públicas ou acervos individuais como o acervo particular do renomado artista Emanoel Araújo.

EVA MARIA Cosmetologista

Eva Maria Conceição Dias viu a luz da vida, pela vez primeira, em 27 de outubro de 1939, na cidade de São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo. Cosmetologista de profissão, Eva é filha de José Bernardo Cirino da Silva com Maria José Souza Silva. É mãe de duas formosas filhas: Solange Conceição Dias e Márcia Regina Dias. Eva Maria, formada pelo Sesi - Serviço Social da Indústria e Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Commercial, tornou-se uma renomada especialista na arte e na ciência de tratar esteticamente cabelos afros, fazendo dela a primeira autoridade, como mulher negra, a estabelecer formulações e a desenvolver técnicas genuinamente nacionais. Combinou produtos e matérias-primas à base de silicone, de queratina, de glicerina e outros elementos emolientes capazes de oferecerem um tratamento prolongado de brilho, maciez e sedosidade aos cabelos da mulher negra, até então, quase que inexistentes no mercado de cosméticos em nosso país. É assim que Eva Maria, no período que vai de 1970 a 1985, com sua constante atuação em desfiles especializados levados a efeito na França - penteados afros e com apresentações em diferentes canais televisivos - projetou-se e se fez pioneira dentro do mercado étnico (Globo-TV Mulher, TV Record-Geraldo Meireles, TV Tupi e ou-



salão, "Axé de Beleza Negra", é considerado o melhor por toda a mídia especializada em penteados, merecendo por isso reportagem especial inserida na revista Raça Brasil, periódico voltado para a raça afro-brasileira. Ao dedicar-se a esta especialização profissional jamais haveria de imaginar que, em um futuro próximo, a beleza negra brasileira estaria sendo contemplada com projeções que lhe garantem que, em 2002, este campo de beleza étnica do país movimentará uma expressiva soma, muito acima de 100 milhões de reais por ano. Beleza negra, portanto, além de ser uma arma de negócio, é um tema de afirmação de caráter e da dignidade de um povo alegre e combativo, que hoje faz parte da diáspora negro-africana em sua vertente brasileira. Eva Maria, sob o patrocínio do Senac, como cosmeticista, ministra aulas para cursos técnicos de estética para afro-descendentes. Credenciada, atualmente, pelo fato de haver feito curso de extensão superior na Cäsmetology University, instituição negra presidida por Mrs. Joe Dubley, com sede nos Estados Unidos da América do Norte, no ano de 1994. Atuando nesse mercado dinâmico e promissor da beleza estética afro-brasileira há quase meio século, Eva Maria Conceição Dias, com suas duas filhas Solange e Márcia, constituiu-se num luminoso ponto de referência em São Paulo, quiçá, no Brasil. Isto para que as mulheres negras, da presente e das futuras gerações, não se constranjam diante de letras de músicas insultosas,

de um requintado mau gosto, como a que um tal de Tiririca pretendeu divulgar entre nós, inclusive altamente ofensiva à honra e aos atributos da beleza negra, que já se estabeleceu como uma das marcas mais representativas do que temos de mais autêntico e de mais belo em nossa brasiliade.

EVALDO BRAGA Cantor

Evaldo Braga completaria 50 anos em 28 de setembro de 1997. Não está mais entre nós, mas sua obra ficou. Morto prematuramente aos 25 anos de idade, em um acidente, teve existência, obra e morte marcadas pelo trágico. Nascido na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes, foi criado no SAM (posterior Funabem-Febem). Nunca conheceu seus pais e teve uma infância parecida com milhares de outras. Sua vontade

Funabem, uma disputa com um colega seu: um dizia que ia ser um cantor famoso. Outro, que ia ser um jogador de futebol famoso. Esse colega era Dario Peito de Aço, o Dadá Maravilha

foi sua diferença. O desejo pela fama sempre o acompanhou. Mantinha, ainda na Funabem, uma disputa com um colega seu: um dizia que ia ser um cantor famoso. Outro, que ia ser um jogador de futebol famoso. Esse colega era Dario Peito de Aço, o Dadá Maravilha.

EVANICE MARIA DOS SANTOS Jornalista

Evanice Maria dos Santos, natural da cidade de Salvador, bairro da Liberdade, Estado de Bahia, nasceu no dia 12 de julho de 1947. É solteira e formada em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, em 1974. Evanice, que usa o pseudônimo de *Lady Eva*, atua no jornalismo desde 1972, tendo passado primeiramente pela TV Itapuan, como assistente de produção de programas locais, e depois na qualidade de repórter. Daí transferiu-se para o Jornal da Bahia, Diário de Notícias, Tribuna da Bahia, Jornal da Tarde - do qual é hoje colunista de sua Revista da TV. Foi no Jornal A Tribuna da Bahia que Evanice adotou o pseudônimo de *Lady Eva*, o que se transformou em sua verdadeira patente jornalística, sob cuja égide, Evanice tem alcançado os maiores sucessos. Sobre a vida profissional da jornalista, Jurema de oliveira tem uma excelente matéria a respeito, que tomamos a liberdade de reproduzi-la integralmente: "Evanice Maria dos Santos teria sido uma simples repórter baiana e talvez até desconhecida. Mas por um 'acidente profissional', *Lady Eva* é atualmente uma das mais famosas colunistas da Bahia e, ao contrário do que o público supõe, trata-se de uma pessoa muito simples, carinhosa, boêmia, e que nunca se deixou levar pela fama. Solteirona, mas crente que casamento não traz felicidade, vive em completa solidão em um apartamento simples em Cosme de Farias. Adora cozinhar, luta para combater as gordurinhas e confessa que nunca teve muita sorte com os homens, já que os que apareceram em sua vida não eram recomendáveis. As pessoas não acreditam que eu não me sinta sozinha. Já acostumei a viver assim, desde que saí da casa dos meus pais aos 21 anos". Contestadora, desde adolescente *Lady Eva* nunca gostou do fanatismo que

Quem é Quem na Negritude Brasileira

do'. Mas, aos 20 anos, acabou assumindo a responsabilidade da família, depois da morte da mãe. Com quatro irmãos excepcionais para cuidar, ela se dedicou à família de corpo e alma. Entretanto, nunca deixou de estudar. Sem aguentar por muito tempo as pressões da família, Lady Eva acabou um ano depois saindo de casa, sendo abrigada por uma família amiga. Em 74, ela começa a trabalhar na Tribuna da Bahia, já formada como jornalista. Quase 10 anos depois, surgiu a idéia de fazer uma coluna de fofocas. No teste, Evanice saiu-se muito bem e até mesmo, sem ter necessidade de usar todo o seu talento. Sem rancores, levou o apelido de Eva, herdado pelo pastor da igreja de seu pai, para tomar frente a coluna. E, ao contrário do que se pensa, sua vida não mudou muito depois do sucesso alcançado. 'Minha relação de amizades não mudou. Entretanto, muita gente vai para a redação do jornal só para me conhecer. E quando percebem que sou simples e negra, acontecem várias reações dos leitores', disse. Lady Eva não se sente e nunca se sentiu discriminada. Curte muito a sua negritude e nunca foi barrada, na profissão. Boêmia ao extremo, adora dançar até o amanhecer. Entra em qualquer tipo de lugar sem preconceitos e faz questão de conservar amizades de até mais de 30 anos. Acorda diariamente às seis da manhã, sem o auxílio de despertador e passa pelo menos durante duas horas sonhando. 'Sou muito amante, tenho várias fantasias e sonho com um príncipe encantado. Nunca quis me casar. Sou solteirona por opção e minhas paixões são intensas'. Em seu apartamento, adora ouvir músicas e tem uma coleção de discos que mal cabe na pequena sala. Atualmente, ela não exagera muito na alimentação por problemas de estômago. Além disso, confessa que já bebeu demais. 'Já passei três noites bebendo. Mas a ida de não permite mais este tipo de abuso, porque quando faço, chego em casa quebradona e não aguento mais nada'. Apesar da imagem de 'fofoqueira', Lady Eva nunca deu muita importância aos acontecimentos da vida artística. Na verdade, ela preferia escrever sobre política, apesar de nunca se arrepender de ter assumido a coluna de variedades'.

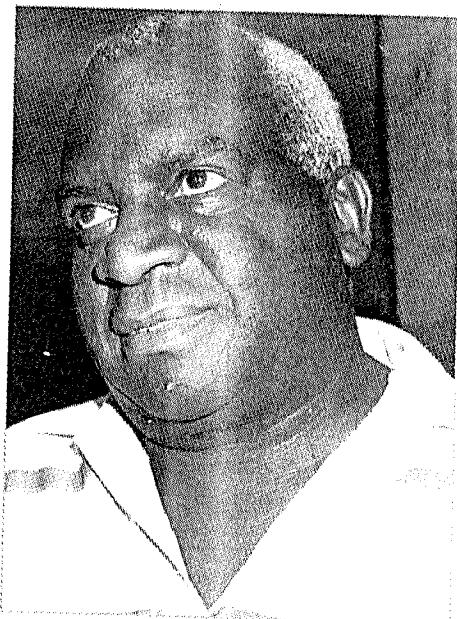
Evaristo de Carvalho, filho de Aldemon de Carvalho e Eunice Martins de Carvalho, é natural de São Paulo, onde nasceu no dia 6 de fevereiro de 1932. Sua atuação no mundo das comunicações, relacionadas de modo todo especial com o mundo do samba, fez com que Evaristo de Carvalho se tornasse um desses pioneiros que souberam desbravar caminhos com programas que projetaram o seu nome pela popularidade

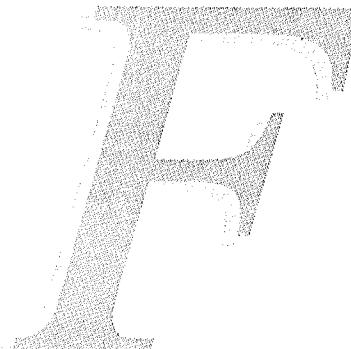
que alcançaram. Como, por exemplo, o Reduto do Samba e a Rede Nacional do Samba, programa internacional transmitido para Angola e Cabo Verde (África Ocidental). Nunca é demais lembrarmos que o samba é o nome genérico dado às diversas e diferentes modalidades de danças populares aclimatadas no Brasil, de procedência negro-africana. Este tipo de folguedo constitui-se de música cantada na maioria das vezes, onde aparece com grande destaque os instrumentos de percussão, como tamborim, pandeiro, reco-reco, cuícas, tambores, zabumbas, e outros identificados por tais afinidades. Por conseguinte, Evaristo de Carvalho, assim como dedicou toda a sua vida prestigiando e estimulando tanto os que atuam no universo do samba, quanto às instituições voltadas inteiramente para estas atividades, hoje é visto como uma dessas celebridades que convivem e que se confundem com tudo que diga respeito ao samba e à Música Popular Brasileira, com raízes fortemente mergulhadas no Estado de São Paulo. Este reconhecimento público e notório fizeram com que fosse contemplado com inúmeros galardões, com diversas comendas e vários troféus que pelos nomes das referidas láureas somos au-

tribuindo para que o povo em geral e o afro-brasileiro, em particular, veja-se como um sujeito ativo na cultura nacional. Eis, pois, alguns desses títulos que ornamentam a brilhante e secunda carreira de Evaristo de Carvalho: Troféu Zumbi, Comenda Carlos Luz, "Patrônio do Jornalismo", medalha "Cidade mais Humana", troféu "Império", troféu "Acadêmicos", Troféu dos Lions, troféu "Rio, Alegría e Sol", - este, a maior honraria dada a um

sambista através da Confederação Brasileira das Escolas de Samba, troféu "Banda Bandalho", comenda "Águia da Portela", "Comendador Samba", troféu "Mono de Ouro" - em três anos consecutivos, 93, 94 e 95, para o melhor profissional na área do jornalismo dos que cobrem os desfiles das escolas de samba, sendo que esta láurea sai pela primeira vez da cidade do Rio de Janeiro para um jornalista de outro estado brasileiro, em 1997.

Intelectual de tempo integral, que emprega o seu talento e sensibilidade na valorização da cultura negra, Evaristo de Carvalho escreveu a comédia "Meu Sonho Musical". A bem da verdade, não nos é lícito omitir o nome de outros mimos dos mais de 300 que glorificam o radialista e o colunista do jornal Hora do Povo, destacando-se o troféu "Gratidão Baluarte do Samba", troféu "Personalidade Sambística" de 1986, por iniciativa da FESEC, na ocasião presidida por Osmar César de Carvalho, "Quilombola", da União das Escolas de Samba Cuiabanas, 1987 e troféu (Tamborim) Sambista de Ouro" - FESEC 1994. Evaristo de Carvalho hoje é uma exponencial referência do samba, inclusive em nível nacional.





FARIAS BRITO

Filósofo

Raimundo de Farias Brito - pseudônimo: Marcos José. Natural de São Benedito, do povoado de Ibiapaba, Estado do Ceará, onde nasceu, no dia 24 de julho de 1862, filho de Eugênia Alves Ferreira e Marcolino José de Brito. Com a idade de 8 anos sua família transfere residência para a cidade de Sobral, no mesmo Estado, dando início, ali, aos seus estudos elementares. Já preparado, matricula-se em seguida no Ginásio Sobralense, onde foi aprovado com distinção em matérias como latim, francês e matemática. Nessa ocasião verificou-se o flagelo de uma seca prolongada, isto é, em 1877, contribuindo para que a sua família caísse na maior penúria, sendo obrigada a imigrar para a cidade de Fortaleza. Superada estas primeiras dificuldades, Farias Brito conseguiu matricular-se na condição de ouvinte no Liceu Cearense no qual completa o curso preparatório o que lhe facultou a oportunidade de ingressar na Faculdade de Direito, na cidade do Recife, capital de Pernambuco, em 1881. Farias Brito, usando das prerrogativas legais de praxe presta exame do 4º ano jurídico em março, concluindo o seu Curso Jurídico no dia 19 de novembro de 1884, com isto ganhando um ano a mais. Sempre em carreira ascensional, Farias Brito conseguiu ser nomeado em 1885 como promotor de Viçosa, no Ceará, removendo-se

posteriormente, a pedido, para Aguirá (CE). Foi nessa época que o presidente Caio Prado, visitando a cidade, conheceu-o, convidando-o para ser Secretário. Com o falecimento de Caio Prado, motivado pela febre amarela, Faria deixa o cargo e parte para a cidade do Rio de Janeiro, onde assiste as manobras que culminaram com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, e publica o seu primeiro livro de versos *Cantos Modernos*. Com a sua vida cheia de altos e baixos, casa-se em 1893, mas logo fica viúvo, casando-se em segundas núpcias e transfere residência para Belém do Pará. Regressando ao Rio de Janeiro submete-se ao concurso de Lógica no Colégio Pedro II, classifica-se em 1º lugar, mas é preterido e a vaga é ocupada por Euclides da Cunha que ficara em segundo. Admite-se que o fato de possuir nas veias sangue negro contribuiu para que, com ele, cometam-se certos tipos de injustiça. Somente com o assassinato de Euclides da Cunha em 1909 é que Farias Brito foi nomeado para a sua vaga. "Farias Brito foi o primeiro a fazer uma

reflexão filosófica em meio à geral improvisação e superficialidade dos pensadores brasileiros. Sua posição é de fundo espiritualista, com ênfase na moralidade". Para Farias Brito, a filosofia deve ser uma atividade permanente do pensamento e do espírito humano, razão pela qual ele fora mais filósofo do que qualquer outro, em nosso país. Dele, disse Silvio Romero - e o disse da

alto de sua áspera severidade - que o filósofo cearense era um belo espírito e um nobre caráter. Na verdade, Farias Brito nos ensinou, com a sua palavra e com o seu exemplo de vida que o ser humano, para atingir a plenitude da sua Humanidade, tem que saber amar, saber sofrer e, sobretudo, saber servir o seu semelhante e a natureza que lhe serve de ambiente. É de se destacar que, ao tempo em que Farias Brito cursava Direito, no Recife, a grande lente dessa época, inclusive precursor da Escola Germânica de Filosofia, era Tobias Barreto que exercia enorme influência sobre seus discípulos. Farias Brito faleceu no Rio de Janeiro, no dia 16 de janeiro de 1917.

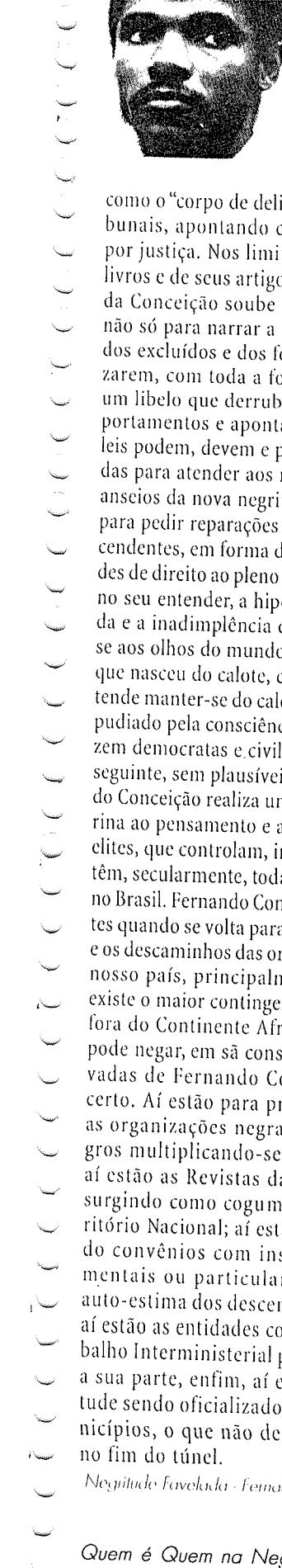
Dicionário Literário Brasileiro - Raimundo de Menezes, L.T.C. Editora, 1978.

FERNANDO CONCEIÇÃO

Jornalista e escritor

Fernando Conceição, ao lado dos que hoje questionam a relação existente no Brasil, entre o negro e o poder constituído, eufemisticamente chamada de democracia racial, se estabelece como uma das vozes mais audíveis e potentes que se conhece no jornalismo brasileiro. Militante lúcido e de tempo integral no seio do movimento negro, em nosso país, Fernando Conceição, com os seus escritos, como *Cala Boca Calabar e Negritude Favelada*, fez-se, ainda jovem, liderança que pode ser até contestada; mas jamais, desconhecida, pelo vigor de seus argumentos pela coragem com que os coloca no papel e pela oportunidade e autenticidade dos temas levantados que provocam polêmicas e abrem para o mundo acadêmico o caminho para uma discussão nem sempre palatável para os que pretendem fu-

Ele nos ensinou, com a sua palavra e com o seu exemplo que o ser humano, para atingir a plenitude da sua humanidade, tem que saber amar, e, sobretudo, saber servir o seu semelhante



de tais debates que as demandas do interesse específico dos afro descendentes se afloram e põem-se à mostra para a consciência nacional, assim como o "corpo de delito" apresenta-se aos tribunais, apontando criminosos e clamando por justiça. Nos limites das páginas de seus livros e de seus artigos em jornais, Fernando da Conceição soube usar todos os espaços, não só para narrar a saga dos despossuídos, dos excluídos e dos forçados a se marginalizarem, com toda a força e contundência de um libelo que derruba tabus, condena comportamentos e aponta rumos pelos quais as leis podem, devem e precisam ser reformuladas para atender aos reclamos presentes nos anseios da nova negritude, como, sobretudo, para pedir reparações em favor dos afro-descendentes, em forma de cotas nas universidades de direito ao pleno emprego, sem os quais, no seu entender, a hipoteca não será resgatada e a inadimplência desta Nação apresenta-se aos olhos do mundo como uma instituição que nasceu do calote, cresceu no calote e pretende manter-se do calote, o que é ímoral e repudiado pela consciência cristã dos que se dizem democratas e civilizados. Não é por conseguinte, sem plausíveis motivos que Fernando Conceição realiza uma crítica cáustica e ferina ao pensamento e ao comportamento das elites, que controlam, influenciam e ainda detêm, secularmente, todas as formas de poder, no Brasil. Fernando Conceição não poupa aríetes quando se volta para sinalizar os caminhos e os descaminhos das organizações negras, em nosso país, principalmente na Bahia, onde existe o maior contingente de afro-brasileiros fora do Continente Africano. Hoje ninguém pode negar, em sã consciência, que as saravadas de Fernando Conceição não deram certo. Aí estão para provarem o contrário, as organizações negras, dirigidas por negros multiplicando-se por este país afora; aí estão as Revistas da melhor qualidade, surgindo como cogumelos por todo o Território Nacional; aí estão, as "Ongs" fazendo convênios com instituições governamentais ou particulares para levantar a auto-estima dos descendentes de escravos; aí estão as entidades como o Grupo de Trabalho Interministerial procurando cumprir a sua parte, enfim, aí está o Hino à Negritude sendo oficializado em dezenas de municípios, o que não deixa de ser uma luz no fim do túnel.

Negritude Favelada - Fernando Conceição - Edição do Autor - 1988.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Um dos mais exigentes e meticolosos críticos literários da chamada "Geração de 45" chamava-se Fernando Góes - Fernando Ferreira de Góes. Este escritor negro era natural de Salvador, Bahia, nascido no dia 27 de novembro de 1915, Estado, aliás, que deixou ainda adolescente, para residir em Petrópolis e na cidade do Rio de Janeiro, sendo que com apenas 15 anos de idade já fixava domicílio na capital paulista onde viveu a maior parte de seus dias. Era um homem totalmente dedicado às letras, destacando-se ainda moço como brilhante e ativo jornalista, por exercer em nossos mais importantes órgãos de imprensa paulista, quase todas as funções, o que fez dele um autêntico profissional de carreira. Fernando Góes era temido e estimado, ao mesmo tempo, por todos que militavam no universo de nossas lides literárias mais pelo poder de sua verve, de certa forma inovadora, severa e causticante quando a circunstância assim exigisse, do que pela conotação panfletária que comprometesse a equidistância que, no seu entender, deveria ser mantida por quem julgava a importância, o significado e o alcance da obra de um literato. As atividades intelectuais de Fernando Góes foram intensas e variadas, indo do bom conferencista ao debatedor culto e sagaz, que deslumbrava as platéias e enchia de espanto os seus possíveis adversários, polemista que era dos mais lúcidos e perspicazes de seu tempo. Fernando Góes possuía brilho próprio sendo, por isso mesmo, um tanto avesso à constituição de grupos que se formavam, ora aqui, ora ali, para nutrirem um certo narcisismo da auto contemplação. Sem ser um iconoclasta na acepção do termo, Fernando Góes era radicalmente contra os que não honrassem o tabernáculo do belo ou o deslustrassem quer por falta de amor ao sacerdócio literário, ou por simples falta de vocação ou competência; neste sentido, o rigor de suas críticas, era fulmíneo ou desconcertante pois para esses procedimentos não havia, de sua parte, concessões ou condescendência. Foi assim, com esta postura irretocável que Fernando Góes firma nome no mundo das letras em São Paulo, sendo senhor de um amplo trabalho de crítica da historiografia literária de valor inestimável. Escritor assíduo e cronista de raros méritos, assinou colunas especializadas nesta modalidade, por sinal, muito apreciadas na ocasião, pelo seu caráter dinâmico e conciso. Os jornais da Rede dos *Diários Associados*, de São Paulo, em coluna assinada diariamente, "Fernando Góes - Em Tom de Conversa", o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e a *Tribuna da Cidade* de Santos, tiveram a primazia de serem valorizados com os artigos desse emérito jornalista negro. Fernando Góes foi professor de jornalismo da Universidade Católica, e da Escola Cásper Libero de jornalismo, em São Paulo; foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e eleito para a Academia Pau-

Vida e a Obra de Luiz Gama.

Dicionário Literário Brasileiro, de Raimundo de Menezes - 2ª Edição - LTC Editora - 1978

FERREIRÃO (ADILSON FERREIRA)

Líder comunitário

Adilson Ferreira (Ferreirão) dos Anjos, natural da cidade de Salvador, Estado da Bahia, onde nasceu no dia 15 de fevereiro de 1952 é filho de Valdelice Souza dos Anjos e Arnaldo Barbosa dos Anjos. Casado, pai de 4 filhos, morador em São Tomé de Paripe, atua politicamente nos bairros de São Tomé, Paripe, Fazenda Coutos, Coutos, Boa Vista de São Caetano, Estrada Velha do Cabrito, Vista Alegre e em seu local de trabalho. Adilson Ferreira, é presidente da Amaspa, Astra e Conselheiro da Câmara Distrital do Subúrbio. É um lutador incansável em defesa das comunidades que representa. Consegiu através do deputado federal Pedro Irujo, a liberação de Cr\$ 260 milhões para obras de infra-estrutura em Paripe. Luta incansavelmente pela implantação em São Tomé de Paripe do ensino público de 2º grau. Vem lutando pela construção de um posto médico, pela aquisição de uma ambulância, pela construção de uma creche-escola

e pela implantação de uma farmácia. É o responsável pela recuperação da pista Base Naval/Paripe/Av. São Luis. Propôs aos comerciantes de Paripe, a criação de uma Associação Comercial. No exercício de sua função policial, acabou com a criminalidade e com a violência policial nas áreas sob sua responsabilidade. Solicitou a inclusão, no orçamento para o ano de 1993, da construção de um cais para embarque e desembarque de passageiros oriundos das Ilhas. Está envolvido diretamente em todos os movimentos políticos do subúrbio, tendo participação ativa nos movimentos contra a paralisação das obras do Rio Paraguaré e contra o sucateamento das escolas públicas. Participa do movimento de reestruturação da Câmara Distrital do subúrbio, onde é Conselheiro e de seminários de Saúde e Educação, onde defende os anseios das comunidades que representa. É idealizador do Projeto de Lei do vereador Gilberto José, que cria o Banco Municipal de Salvador; do Projeto de Lei do deputado estadual Ubaldino Júnior, que torna opcional o uso de fardas nas escolas públicas estaduais; da proposição do deputado estadual José Ronaldo, que concede o adicional de periculosidade aos polici-



cial. Adilson Ferreira conseguiu, através da Secretaria de Transportes do Município, o aumento de 200% da frota de ônibus e a implantação de 7 abrigos de ônibus em São Tomé de Paripe. Como candidato, pretende continuar lutando por melhorias para as diversas comunidades que representa.

FRANCISCA

Líder do levante de 1814

Em 1814 explodiu uma das mais violentas insurreições de negros em Salvador. A base da insurreição eram as armações – estabelecimentos de pesca – e a idéia era sublevar os escravos que trabalhavam nesses locais, estendendo o movimento a todo o Recôncavo Baiano. Francisca e seu companheiro, Francisco Cidade, ambos escravos, eram mencionados em papéis escritos em árabe, apreendidos pelas autoridades, como *Rainha e Rei* e desempenharam o papel de coordenadores do levante. A pretexto de custear os batuques, as danças de sua nação, Francisca e seu companheiro colocabam dinheiro entre os escravos e percorrendo as povoações articulavam a insurreição com os líderes desses lugares e, sempre com o pretexto da dança, faziam a intermediação entre o centro da cidade e as armações para receber e transmitir instruções aos companheiros. A casa de Francisca, em Salvador, era o esconderijo onde ficavam reunidas as armas. Sufocada a rebelião, Francisco Cidade foi condenado à morte mas, comutada a pena, deportaram-no para um presídio na África. Não se tem notícia sobre a pena ou destino de Francisca.

FRANCISCA LUZIA DA SILVA (MÃE LUZIA)

Parteira

Francisca Luzia da Silva, ou Mãe Luzia, foi uma das mais antigas parteiras conhecidas pelo povo amapaense. Nascida em 1854, Mãe Luzia carregava no corpo as marcas da escravidão.

"Mãe Luzia! Mãe Preta e um coração
Que através dos milagres de ternura
Da mais rudimentar puericultura
Foi o primeiro doutor da região."

gou a Câmara de Vereadores. Ela trabalhava lavando roupa para fora e aprendeu o ofício de parteira com a mãe. Tornou-se "Mãe Luzia" depois que pôs no mundo os filhos do prefeito coronel Coriolano Jucá, e centenas de outras crianças da cidade de Macapá. Coriolano Jucá contratou Mãe Luzia pela prefeitura, da qual passou a receber uma quantia pelos partos que realizava. Com a criação do Território Federal do Amapá, Mãe Luzia recebeu atenção dos membros do governo, que a ajudaram a recuperar sua casa e a construir, ao lado daquela, um barracão. Batuqueiros liderados por mestre Julião Ramos se reuniam no barracão para festejar seus santos. O coronel Janary Nunes, primeiro governador do Amapá, se reunia com os negros no barracão para ouvir histórias sobre o Amapá e seus dirigentes. Francisca Luzia da Silva morreu no dia 24 de setembro de 1954. Seu corpo foi velado pelo governador do Território, seus auxiliares e todos os freqüentadores do barracão, amantes do "Marabaixo". O poeta Álvaro da Cunha, visitador da casa de Mãe Luzia, escreveu uma poesia sobre ela, com o título "Mãe Luzia".

Velha, enrugada.

Cabelos d' algodão,
Fim de existência atribulada, cuja,
Apoteose é um rol de roupa suja,
E a aspereza das barras de sabão.
Mãe Luzia! Mãe Preta e um coração
Que através dos milagres de ternura
Da mais rudimentar puericultura
Foi o primeiro doutor da região.

Muitas vezes, à luz da lamparina
Na pobreza do catre ou da esteira,
Os braços rebentando de coceira,
Mãe Luzia era toda a medicina.

Na quietude humíssima do seu rosto
Sulcado de veredas tortuosas
Há um calor profundo de desgosto
E o silêncio das vidas dolorosas.

Oh! Brônzea estátua de maternidade!
...te encontrar curvada, seminua,
vejo o folclore antigo da cidade
na paisagem ancestral da minha rua.

FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO (CHICA BARBOSA)

Repentista

Nasceu na Paraíba nos meados de 1910, genial repentista negra, desafiou um homem branco, fazendeiro, Manuel Martins de Oliveira (Neco) também conhecido repentista, para um duelo na Fazenda São Gonçalo. Para humi-

gar e irritar, pois a alma dessa gente saia debaixo do chão! E lá na mansão celeste, não entra quem é ladrão". Chica rebateu com elegância, respondendo que a diferença não estava na cor: "Se quiser Nossa Senhor, vai o branco pra cozinha, e o preto pro andor". Ao anotecer os presentes exigiam mais calor nos desafios e, por ser bastante habilidosa, Chica ganhava o duelo, quando irritado o coronel sacou a arma, tentando atingir Chica, sem porém consegui-lo. Quando se acalmaram os ânimos, Chica voltou ao local do duelo, despedindo-se do coronel com os seguintes versos: "Nesta nossa cantoria, estremeceram-se os céus/ até os mortos ouviram, no fundo dos mausoléus/ com uma bala acabou, a raça dos fariseus/ colega Neco Martins, aceite o meu triste adeus". Poucos dados existem sobre esta mulher. Bastante popular entre os cantadores que mostrou com sua simplicidade que a arte sobrevive apesar da discriminação racial, social e do machismo e passa para nós que a arte é a mania de fazer arte.

FRANCISCA TRINDADE

Vereadora

Francisca das Chagas da Trindade, 32 anos de idade, solteira, nasceu em Teresina, Piauí, a 26 de março de 1966, filha de Lídia Pereira da Trindade e de Raimundo Pereira da Trindade. Estudou todo o primeiro grau em escolas públicas estaduais, já que, descendente de família pobre, seus pais não possuíam condições financeiras para matrículá-la em escola da rede particular de ensino. Apenas no segundo grau, através de muito sacrifício, Trindade passa a estudar em escola de rede privada. Iniciou muito cedo sua participação nos movimentos sociais, através do Grupo de Jovens do Bairro Água Mineral, onde estava inserida nos trabalhos da Igreja. Fundadora da Associação de Moradores do Bairro Água Mineral, foi a primeira presidente da entidade, exercendo o mandato por duas vezes consecutivas. Participou da Pastoral da Juventude do Meio Popular e foi fundadora da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Estado do Piauí (Famcc) em 1986, tendo sido a primeira mulher a presidir a entidade. Foi fundadora do Movimento Negro em 1984 e tem ajudado na criação de grupos, como o Grupo Afro-Cultural Coisa de Nêgo, onde dedicada sua militância e ajuda na idealização e construção do Fórum de Entidades Negras do Piauí. Francisca



Quem é Quem na Negritude Brasileira

da em Teologia pela Universidade Federal do Piauí em 1991, já no ano seguinte, em 1992, Trindade candidata-se a vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, ficando como primeira suplente do partido com 998 votos dos teresinenses. Com a eleição do efetivo a deputado estadual, Trindade assume o mandato em dezembro de 94. Em 1996, candidata-se novamente a vereadora, sendo a quinta mais votada, com 4.270 votos, dentre os 21 vereadores eleitos, foi a mulher mais bem votada do pleito, assumindo a liderança do Partido dos Trabalhadores na Câmara. Tem dedicado parte significativa de sua atuação parlamentar à luta da mulher contra a violência e por sua emancipação. Destacam-se como principais iniciativas de sua autoria: Disque Mulher Cidadã, A praça é toda graça, Parque Ambiental Água Mineral, programa de divulgação do Direito da Mulher, institucionalização do dia Municipal da Consciência Negra, 20% de músicas piauienses nas rádios, etc. O trabalho de Francisca Trindade na Câmara está pautado no fortalecimento das lutas das populações carente da cidade no sentido de que estas possam viver com dignidade e em pleno exercício de suas cidadanias.

FRANCISCO BIQUIBA DY LA FUENTE GUARANY

Escultor

Guarany nasceu e viveu em Santa Maria da Vitória, às margens do rio corrente, afluente, no sul da Bahia, do São Francisco. Morrendo-lhe o pai em 1898, começou a trabalhar no ano seguinte, fazendo imagens e, logo após, como marceneiro, também profissão de seus irmãos. É considerado o mais importante escultor de carrancas, figuras de proa das barcas que navegaram no rio São Francisco até a década de 1950, as quais, com suas originais tipologias zoológicas antropomórficas constituem a mais importante manifestação coletiva da arte popular da região. Nascido em 2 de abril de 1882, foi ativo na produção dessas peças dos 19 aos 97 anos de idade, tendo falecido em 1985, aos 103 anos. Em 1901 fez sua primeira figura de proa, para a barca "Tamandaré", de Conrado Correia de Almeida. Era um busto de negro, ou de caboclo, alusão implícita ao "nego d'água" ou "caboco d'água", o mais temido dos monstros fluviais que apavoraram as populações ribeirinhas. Guarany deixou de esculpir santos por não ser atividade financeiramente remunerável. Sempre trabalhou sozinho, como marceneiro e carpinteiro. Por ser esse serviço escasso em Santa Maria, fazia de tudo um pouco: barris para o transporte de água, dornas para guardar cachaça, móveis, madeiramento para telhados, etc. Participou também da

Guarany, Juazeiro, etc. Vivia Guarany em casa simples, ampla, relativamente confortável, em cuja construção cooperou. A 100 metros, em rua típica de pequena cidade do interior, situava-se a oficina de trabalho, em casa de pau-a-pique. Em seu exterior aglomeravam-se troncos de cedro para suas esculturas; no interior, pobre, com piso de terra batida, futuras carrancas começavam a ser trabalhadas com ferramentas tais como enxós, formões, plainas, grossas e outros instrumentos de todos os tipos e tamanhos forneciam-lhe os recursos técnicos necessários. Como a maioria dos artistas, não saberia trabalhar se a oficina estivesse bem arrumada, gostava de fazê-lo no chão, sentado a cavalo sobre a peça que esculpia. Guarany era respeitado como o profissional das carrancas, pelo inestimável valor de suas obras.

FRANCISCO LUCRÉCIO

Líder afro-brasileiro

Francisco Lucrécio nasceu no Estado de São Paulo, no ano de 1909. É filho de Margarida Lucrécio e de Teodoro Cristiano de Paula Lucrécio. Casado com Guiomar Lucrécio, Francisco tem 4 filhos: Francisco Lucrécio Junior, jornalista; Eloisa Maria Lucrécio, professora de música; Vera Lúcia Lucrécio, graduada em Comunicação e Paula Roberta Lucrécio, que atua na área de educação. Como avô, Francisco tem 5 netos e é odontólogo de profissão, formado pela Faculdade Livre de Odontologia de São Paulo, em 1938. É de se destacar que um de seus netos faz parte da Banda do Zé Pretinho, do Jorge Ben Jor. Francisco Lucrécio, segundo suas próprias declarações, não foi fundador, mas pertenceu, por vários anos, às fileiras da Frente Negra Brasileira, a maior e a mais combativa organização de massas que existiu e atuou na Velha República, reivindicando direitos e defendendo a dignidade dos afro-descendentes. Diz, Francisco Lucrécio, que a sede das Frente-negrinhas ficava na Avenida Liberdade, onde hoje se ergue o majestoso solar da Casa de Portugal e que o movimento se sustentava graças à generosa contribuição de seus admiradores e de seu numeroso quadro de associados, fiéis e voluntários. Esta entidade, que depois transformou-se em força política, tinha o seu Estandarte e o seu Hino, que era entoado por todos com vigor e entusiasmo. Seu presidente, nos tempos mais áureos da Instituição, era o Dr. Arlindo Veiga dos Santos, que tinha em sua diretoria ne-



Santos, seu irmão, Roque Antonio dos Santos, Pedro Paulo Barbosa, orador inflamado e inteligente da Frente Negra, Celina Vieira, Sebastiana Vieira, grande declamadora sobre quem recaía a responsabilidade de organizar as festas e os eventos culturais da F.N.B. e tantos outros valores de igual quilate. Contudo, esta entidade não deixou de ser combatida pelos próprios negros da esquerda, em razão de se encontrar à frente de sua direção um ilustre patrício, mas que era simpatizante da monarquia na condição de Paternovista, tida como partidária da ultra-direita, dela de afastando personalidades ilustres como o Dr. Guarana Santana, que funda a Legião Negra Brasileira. Esta instituição tinha sua sede na Chácara do Carvalho que fica na Barra Funda. Francisco Lucrécio, conta que o impacto do racismo de que fora vítima foi tão violento em sua consciência, que foi capaz de lhe despertar o sentimento de negritude que o acompanha até os nossos dias. Certa vez, convidado a participar de um jantar oferecido em homenagem aos soldados da "Revolução de 32", que regressavam da frente de batalha, negaram-lhe o direito de sentar-se à mesa na sala de jantar, com os demais companheiros: a Francisco Lucrécio apontaram-lhe a cozinha onde ele deveria jantar, separado pelo simples fato de ser negra a cor de sua pele, ao que Lucrécio recusou-se terminante em submeter-se, retirando-se da casa, em sinal do mais veemente protesto, fato que se deu quando ainda tinha 23 anos de idade.

FRANCISCO MANOEL DAS CHAGAS

Escultor

Dentre os escultores baianos da primeira metade do século XVIII, destaca-se Francisco das Chagas, cognominado "Chagas, o Cabra", o que parece não deixar dúvidas quanto à sua origem étnica. Pouco se sabe a respeito de sua vida, até porque são numerosos nos documentos de arquivos, os Franciscos das Chagas, nome verdadeiramente muito popular à época, na Bahia. Sabe-se com certeza que em 1758 foi chamado pela mesa da Ordem Terceira do Carmo, de Salvador (cidade na qual transcorreu toda a sua atividade), para executar três imagens: *Cristo com a Cruz*, *Cristo Sentado na Pedra* e *Cristo Crucificado*. A Igreja do Carmo para a qual foram esculpidas essas imagens incendiou-se em 1788, tendo sido reconstruída em 1803, existindo ainda nos dias de hoje, no mencionado templo, duas imagens de Cristo que bem podem ser as originalmente feitas por Chagas, o Cabra (desapareceu o *Cristo Crucificado*). Artista controverso, tem em torno de si, realidade e fantasia. Assim é que seria de Francisco das Chagas uma escultura do *Senhor dos Passos*, objeto de veneração em Santa Catarina. Tal imagem fora embarcada na Bahia em

Concluiu então, o capitão, que a imagem desejava permanecer em Santa Catarina, surgindo em consequência a irmandade do Senhor dos Passos local. Mas não param por aí, os fatos extraordinários ligados à vida e à carreira do célebre artista: diz-se que, para modelo do Menino Jesus numa escultura de *Nossa Senhora com o Menino*, Francisco das Chagas utilizou-se de uma criança que faleceu antes do trabalho estar concluído. A partir de então, o escultor teria caído em desgraça, terminando os seus dias em funda miséria e privado inclusive da razão.

FRANCISCO MORAES DA SILVA

Escultor

O escultor Francisco Moraes da Silva, Chico Tabebuia, nascido no município de Casemiro de Abreu, Rio de Janeiro, em 1936, desde os 18 anos trabalha na mata. Por muito tempo trabalhou na extração da madeira Tabebuia, usada na confecção de tamancos - da qual adquiriu o apelido. Analfabeto, bisneto de escravo, foi criado em extrema miséria, por uma mãe muito energética. Possuidor de um talento excepcional para a escultura, seu trabalho é tido como "mágico-erótico". Sabe-se que, quando jovem, Chico Tabebuia teve o encargo de campono (auxiliar de macumba), impregnando-se do poder de Exu - entidade que rege a libido - e o Saci, que Tabebuia vê como símbolo erótico, com uma só perna, associada ao falo. Ambos aparecem assiduamente em sua obra. Chico esculpe apenas nos finais de semana, e produz em média apenas duas peças por mês, o que beneficia sua excepcional criatividade. Das mais de 150 esculturas realizadas, raras são assemelhadas e nenhuma é repetida fielmente, solução comum em arte popular, que como o artesanato, freqüentemente segue uma tradição secular. Há cerca de 15 anos, quando entrou para a Assembléia de Deus, sua produção ganhou uma nova força, na medida em que, transbordou o seu deserto através de suas esculturas. Sua obra é acentuadamente marcada pelo aspecto mágico-religioso. Suas obras visitam as exposições desde 1981, já tendo estado em Paris, sob os auspícios do MEC.

FRANCISCO OTAVIANO

Escritor e poeta

Francisco Otaviano de Almeida Rosa - Francisco Otaviano, nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1825. Sendo seu pai o médico Otaviano Maria Rosa e sua mãe Joana Maria Rosa. Natural da cidade de Maricá, Francisco Otaviano fez seus primeiros estudos no Colégio do Professor Manuel Maria Cabral e começou aprender la-

losofia e geografia, o que o fez adquirir uma vasta cultura. Por ser mísope não conseguiu seguir a carreira naval, para a qual havia se inscrito, cursando apenas o primeiro ano da Academia de Marinha. Transferindo-se para São Paulo quando ainda tinha 15 anos de idade, Francisco Otaviano ingressou na Faculdade de Direito deste Estado manifestando desde cedo propensões para a poesia. Otaviano traduz *Romeu e Julieta* de Shakespeare, tornando-se um dos primeiros a traduzir para o português obras desse famoso escritor inglês. Colaborou no jornal *Sentinela da Monarquia* e, em 1846, a convite, escreve para a *Gazeta Oficial*, dirigida pelo Dr. João Vieira Cansanção de Simimbu, transformando-se, mais tarde, em diretor desse jornal. Retornando ao Rio de Janeiro, já diplomado em Direito, foi nomeado Secretário do Governo da Província. Em razão de sua estreita militância na imprensa, Francisco Otaviano pôde viver e conviver ao lado dos grandes nomes das letras nacionais de sua época, como Machado de Assis, Olavo Bilac, Muniz Barreto, José de Alencar e outros. Atraído para a vida política, Otaviano torna-se deputado, em 1853 e senador, em 1867. Literato, jornalista, político e diplomata, Otaviano, por todas essas atividades por que passou, deixou o selo de sua personalidade de homem culto, inteligente, mas comedido. Não se tem notícia de que este intelectual por exceléncia tenha, em algum momento de sua vida de poeta, ou de político, preocupado-se com a problemática do negro escravizado, muito embora Otaviano tivesse em sua veia o sangue de mestiço. Segundo a crítica de seu tempo, "Francisco Otaviano não foi um temperamento literário irresistível: fez literatura sem grande paixão do ofício. Produziu versos originais e traduziu fragmentos de Byron em sua mocidade; logo a política o atraiu. Em prosa, o pouco praticado por ele foi quase sempre consagrado à política", nas considerações de Sílvio Romero. Já, João Ribeiro, refere-se a Francisco Otaviano dizendo que este intelectual, "no jornalismo exibiu-se nesse caráter. Suas poesias foram sempre curtas, leves; seus artigos de jornais, também rápidos, breves. Foi sempre alheio aos grandes desenvolvimentos de análises e de doutrina e refratário ao espírito crítico. Era um improvisador correto, simples, fácil; mas de curto vôo. Sua passagem pelo jornalismo foi célebre e não deixou a mesma impressão da de Torres Homem ou de Justiniano da Rocha". Todavia, Francisco Otaviano revelou-se um grande diplomata, quando substituiu o Conselheiro Paranhos, na Missão do Rio da Prata e quando conseguiu o Tratado da Tríplice Aliança. Francisco Otaviano faleceu no Estado do Rio de Janeiro, a 28 de junho de 1889. Ele é autor de um soneto antológico intitulado "Dormir... Sonhar... Não Mais...".

Dicionário Literário Brasileiro - 2ª Edição, de Raimundo de Menezes - Editora LTC

As artes sempre se constituíram num atalho, ou melhor, num caminho, pelo qual diversos artistas negros teriam que trilhar para atingir a tão sonhada notoriedade, uma espécie de carta de alforria que os haveria de libertar do jugo infamante da escravidão. A história das artes no Brasil está repleta dessas anônimas figuras que bem ilustram os episódios dramáticos, mas gloriosos, desse período da vida colonial brasileira. Há um pintor fluminense de origem negra, sobre o qual, nos fala José Roberto Teixeira Leite, que é o senhor Francisco Pedro do Amaral. Este pintor nascido em data desconhecida, sabendo-se apenas que a cidade do Rio de Janeiro é o seu berço natal. Como aconteceu com a grande maioria dos artistas negros desse período da colonização portuguesa, quase todos eles morreram de tuberculose; pois, esta foi a doença que também vitimou nosso biografado Francisco Pedro do Amaral, em 1830 na cidade onde nasceu. Segundo a classificação de José Roberto Teixeira Leite, Francisco Pedro do Amaral teria sido o derradeiro expoente da chamada Escola Fluminense de Pintura, "servindo ao mesmo tempo de elo de ligação entre essa e as tendências renovadoras implantadas no Brasil pela Missão Artística Francesa de 1816, por quanto chegou a ser aluno de Jean-Batiste-Debret". Francisco Pedro do Amaral era pintor de retratos, decorativista, cenógrafo e arquiteto. O início de sua carreira se deu estudando com José Leandro de Carvalho, daí, partindo para matricular-se na Aula Pública de desenho regida e ministrada por Manoel Dias de Oliveira. As aulas de cenografia ele as obteve de Manoel da Costa, e a partir das quais, passou a trabalhar no Teatro de São João, na categoria de ajudante de seu próprio mestre, José Leandro e, ao mesmo tempo, ao lado do italiano Argêncio e de Francisco Inácio de Araújo Lima, grandes magos da pintura figurativa daquela época. No ano de 1820, Francisco Pedro do Amaral transforma-se em pensionista da Academia de Belas Artes, "abandonando pouco a pouco os postulados barrocinicos, pelos quais se iniciara, para aderir ao nascente ideário neoclássico". Debret, em 1823, ministrava aula aos alunos que organizaram uma classe de pintura, sendo que Francisco Pedro do Amaral fora um desses alunos, ao lado de Simplício de Sá, José de Cristo Moreira, Francisco de Souza Lobo e de José da Silva Arruda. Nesse período, Francisco Pedro do Amaral torna-se o chefe de decoração da Casa Imperial, realizando grande trabalho no Palácio da Quinta da Boa Vista e no Paço da Cidade, assim como, também, em residências particulares, cujos desenhos e ilustrações deste valoroso artista negro, lograram chegar até nossos dias, como os que executou na Casa da Marquesa de Santos, em São Cris-

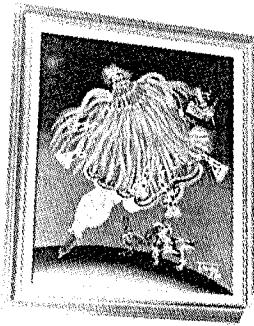
á estão tanto, como o que existe, atribuído ao seu mágico pincel, é o retrato da *Marquesa de Santos*, que hoje se encontra no Museu Histórico Nacional. O Monumento à Constituição de 1821, a restauração dos coches de Pedro I, tiveram o talento de Francisco Pedro do Amaral, consagrado pintor negro quase que totalmente desconhecido das gerações brasileiras que o sucederam.

Mão Afo-Brasileiro, organizado por Emanoel Araújo - Tenenge - 1988.

FRANCISCO SANTOS

Pintor

Francisco Santos, baiano de Santo Amaro, tem seus trabalhos documentados através de ilustrações e exposições em cidades brasileiras e no exterior, a exemplo da França, Alemanha, Costa Rica, Argentina, Portugal, Nigéria, Senegal, Estados Unidos, Itália e Japão. Não é tão facilmente que os deuses se mostram aos homens. No entanto, para captar sua quintessência, os homens precisam despojar-se da razão ou de qualquer coisa que implique numa explicação de mundo coerente. Francisco Santos consegue transportar-se, em devaneios, para um mundo onde o místico é a razão, muito embora, aqui ou ali, a presença inconsciente da modernidade mundial lhe dê um sentido darealidade do cotidiano. A arte reflete a ambiguidade do quadro social em que vive o artista: as exigências de um resgate do elo primitivo, étnico, perdido; a televisão, a ficção, a velocidade, a pobreza entre a opulência e a tecnologia. Os orixás dos seus sonhos, dos sonhos de Francisco, se paramentam com capacetes e pulsos metálicos reluzentes lembrando guerreiros intergalácticos; tudo isso mesclado com os tradicionais fetiches, tridentes, chifres, espadas, otás e machados. Assim, consciente ou não, sua arte é dialetizada, é histórica ou pertencente a um "tempo explosivo". Os deuses são representados no seu cotidiano e humanizado nas linhas; são dionisíacos, obscenos numa visão ocidentalizada, feéricos, inspiram androginia. Os quadros são narrativos, ao seu modo, da natureza orixá, da sua dinâmica de flechas; o cosmo das divindades africanas é uma natureza pujante, de água viva e pura, montanhas de pedras escuras e de matas verdejantes; os deuses nunca tomam assento, estão sempre querendo flutuar. A ima-



so balança o corpo variolento e entrecoberto de palha da Costa e búzios de Angola, uma legião de ratos e urubus o acompanha. Ossaim, um belo morador das florestas, tem a mística e o mistério das folhas sagradas; Chico põe arranjos sobre a cabeça do orixá fortes no verde, branco e vermelho, plumas, folhas e matéria dura e nas mãos todo o segredo da flora que cura. Iemanjá - águas e arrecifes domina um peixe nunca vista. Xangô, entre meias-lamas chamas: o fogo da justiça.

Apontamentos de Ericivaldo Veiga.

FREI DAVID

Teólogo e líder afro-brasileiro

David Raimundo dos Santos nasceu em 17 de outubro de 1952, na cidade de Nanuque, Minas Gerais. Residiu por muito tempo em Vila Velha, Espírito Santo, onde terminou o primeiro e o segundo grau. É filho de Manoel Rosalino dos Santos e Maria Pereira Gomes, fez o curso de Teologia e Filosofia no Seminário Franciscano em Petrópolis. Dedica-se ao trabalho pastoral junto às populações



Quem é Quem na Negritude Brasileira

comunidade negra em processo de organização. Participou ativamente da formação dos agentes pastorais negros no país. Teve participação ativa no nascimento e solidificação da articulação de padres, seminaristas e bispos negros no Rio de Janeiro e no Brasil. Em 1994 foi eleito para compor a Secretaria Executiva Latino-Americana da Pastoral Afro-Latina Americana e Caribenha. Desenvolveu trabalhos no Equador, Colômbia, Honduras, Angola, Zaire, África do Sul e Estados Unidos, o que enriqueceu sua participação na luta do povo negro no Brasil e fora dele. Foi um dos idealizadores do *Pré-Vestibular Negros e Carentes*, tendo hoje mais de 40 núcleos no Estado do Rio de Janeiro e o qual levou mais de 500 estudantes para as faculdades públicas e particulares do Estado. Existem também núcleos espalhados em Minas Gerais, Pará, São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Frei David teve atuação destacada em Meriti, ajudando a nossa população negra a descobrir sua identidade, a assumir sua negritude, a buscar seus valores. Frei David hoje reside no município de Nilópolis. "No ano do cinquentenário da emancipação de nosso município, terra onde viveu João Cândido e onde ainda moram seus filhos, queremos homenagear este homem que tem dedicado sua vida a emancipação do povo negro de nosso país". Reconhecendo os valores de Frei David, o vereador Jorge Florêncio o escolheu para agraciá-lo com o Título de Cidadão Meritiense, que por coincidência aconteceu no dia de seu aniversário. "Como presente desta comunidade que lhe respeita, desejamos a você David, um Axé muito grande. Valeu Zumbi, valeu David", são as palavras sinceras do vereador Jorge Florêncio. Frei David Raimundo dos Santos participou de todos os 14 *Encontros dos Religiosos Negros* no Rio de Janeiro; dos três Encontros Nacionais do *Grupo de Reflexão sobre a Vida Religiosa Negra e Indígena*, dos 10 encontros dos *Franciscanos Negros do Brasil*. Atualmente é membro da Coordenação Nacional da GRENI da CRB Nacional, em cujos encontros todos os participantes deram grande ênfase à Liturgia Inculturada. Frei David assessorou mais de 30 encontros, entre 1990 e 1996, aprofundando o tema Liturgia à Inculturada Afro com grupos de base, congregações, pastorais, etc. Teve ampla participação em três cursos de Danças Afro-Litúrgicas para a população de base, entre os anos de 1995 a 1996. Esteve ainda na Alemanha participando do Seminário Intercontinental Sobre Inculturação, evento promovido pela Adveniat, em maio de 1996, e proferiu palestras no Cesepal e no ID (Instituto de Evangelização da Ordem dos

consecutivos, junto com a Editora Vozes, o Calendário de parede *Beleza Negra* - que dá grande e pedagógico destaque às datas importantes da História do Povo Negro na Sociedade e na Igreja no Brasil, revolucionando de forma positiva e mística, ao trazer pessoas negras para fazer o sagrado papel de Nossa Senhora e Jesus Cristo, de Menino Jesus no Presépio, etc. Este procedimento tornou-se um valioso instrumento para o resgate da auto-estima e da auto-imagem do povo Afro-negro brasileiro. Frei David participou da coordenação da *Coleção Negros em Liberdade*, da Editora Vozes, que lançou sete títulos, entre cartilhas e livros como parte de um projeto de publicação de um livro ecumênico já lançado pelas Edições Paulinas, com o tema: *500 Anos de Evangelização, 500 Anos de Resistência*. Frei David já celebrou ou co-celebrou mais de 150 celebrações Eucarísticas Incultradas Afro e mais de 10 celebrações ecumênicas Afro. Frei David é graduado com distinção em especialização Teológica e Litúrgica pela Pontifícia Faculdade Arquidiocesana de São Paulo.

FRIEDENREICH - EL TIGRE

Fundador do São Paulo Futebol Clube e jogador da 1ª Seleção Brasileira, em 1914

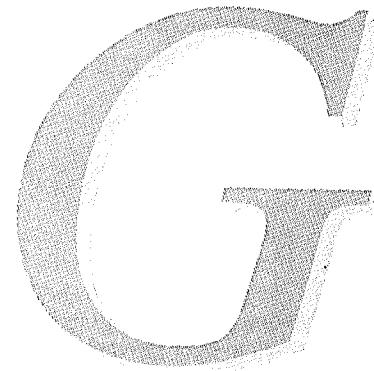
Friedenreich - o maior craque de futebol da fase de implantação e desenvolvimento deste esporte em nosso país - era filho do judeu alemão, Oscar Friedenreich e da brasileira Matilde, descendente de afro-brasileiros. Este autêntico fenômeno de nosso esporte nasceu no bairro da Luz, em São Paulo, no

atmosfera esportiva, jogando bola de metas nos campos de várzea, onde sua habilidade despertava entusiasmo dos circunstantes, de modo a que o seu próprio pai viesse a encaminhar o menor em 1910 para jogar no Germânia - atual Clube Pinheiros. Daí por dante, se deu uma sucessão de fatos positivos que levaram Friedenreich a atuar em clubes importantes, como o Ipiranga, o Paissandu, o Mackenzie e, por fim, o Paulistano, com o qual fez uma histórica excursão pelos gramados da Europa, isto já em 1925, defendendo a sua camisa. Era o tempo romântico do futebol amador. Segundo os seus biógrafos, Friedenreich é um dos fundadores do São Paulo Futebol Clube. Era um jogador de grande renome, sendo lembrado para participar da primeira Seleção Brasileira, em 1914, voltando ao seu plantel em 1916. Sua carreira se deu de forma tão rápida e brilhante que fez com que o jornalista De Vaney procedesse a um minucioso levantamento da vida esportiva desse craque, chegando à seguinte conclusão: Friedenreich foi 7 vezes campeão paulista, 4 vezes campeão brasileiro, 2 vezes campeão sul-americano, 17 vezes campeão de vários e diferentes torneios regionais, nacionais e internacionais; 11 vezes artilheiro de campeonatos brasileiros, 2 vezes de campeonatos sul-americanos. Artilheiro do Clube Paulistano em sua excursão pela Europa e 9 vezes artilheiro em campeonatos paulistas, em cujas apresentações este legítimo *terror dos goleiros*, conseguiu fazer nada mais que 1329 gols, pelo que consta dos registros da Confederação Brasileira de Desportos - a célebre CBD. É assim, com esta performance de causar inve-

carrega o legендario troféu de um dos mais bem sucedidos jogadores do futebol brasileiro, proeza que jamais pode ser esquecida pela presente e pelas futuras gerações. Como Pelé, como Leônidas, como Domingos da Guia, como Fausto - a maravilha negra, como Garincha, Friedenreich teve carinhoso apelido como *El Tigre e El Enamorado de la América*. Melhor definindo, Friedenreich foi o Pelé de sua época. Seu futebol de alta categoria era tido e visto como um dos mais técnicos, próprio de quem tinha a percepção intuitiva do momento de fazer o gol. E não faltava. Sua presença mágica na área era a certeza de que os locutores estavam prestes a dar o grito festivo e ansiosamente esperado de *Gooool!* Jogo num tempo em que este esporte estava popularizando-se. E o racismo, em algumas vezes, mostrou a este grande jogador a sua terrível e traiçoeira carranca, como o momento em que o craque negro viu o seu gol anulado pelo juiz, contra a Inglaterra, na Europa, sob a alegação de que o referido gol "desrespeitou o rei e a rainha daquele país". Friedenreich jogou até os 43 anos de idade, encerrando a sua gloriosa carreira em 1935. Aposentou-se como funcionário da Companhia Antártica Paulista vindo a falecer no dia 6 de setembro de 1969, esquecido e quase na miséria, numa das ruas do bairro de Pinheiros. Hoje os seus despojos repousam no Mausoléu dos Desportistas, no Cemitério São Paulo, na Vila Madalena, na capital paulista.

1) *História dos Judeus em São Paulo*, de Henrique Veltman - Editora Expressão e Cultura, 1996.

2) *Dicionário Biográfico - Universal Três* - Editora Três - 1983.



GABRIEL JOAQUIM DOS SANTOS

Artista plástico

Seguindo-se o roteiro biográfico apresentado por Amélia Zaluar, que estuda, de modo minucioso, a obra *sui generis*, "Casa da Flor", de Gabriel Joaquim dos Santos, chega-se à conclusão de que este artista é mais uma das inúmeras relíquias de grande valor, de origem negro-africana que valorizam, sobremodo, este grupo étnico brasileiro. Nascido no dia 13 de maio de 1892, em São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro, Gabriel Joaquim dos Santos se do lado materno descendia de índios, do lado paterno era procedente direto de africanos; Benvenuto Joaquim dos Santos, seu pai, tinha sido escravo e "trabalhava numa fazenda com a função de fiscalizar e castigar os escravos desobedientes". Talvez, o fato de seu pai ter se prestado a desempenhar esse papel de algoz de sua própria raça, tenha influído no menino, que mais tarde seria um grande artista plástico e um arquiteto notável. Como que querendo ser um cidadão prestante de posição mais nobre, por conseguinte, mais digno da história afro-brasileira de seu povo, Gabriel Joaquim dos Santos, desde muito cedo demonstrou que o seu destino seria diferente do seu pai, já que a sua natureza era fortemente inclinada para os lados das artes, chegando mesmo a ser um bom cantor que se acompanhava com harmônica e viola, não faltando, para tanto, talento e sensibilidade. Não é ocioso dizer-se que sua mãe, Leopoldina Maria da Conceição "era filha de uma índia pega no laço", como se costumava comentar em lugares comuns, pelo homem com quem iria viver, que o pai de Gabriel enlouqueceu aos oitenta anos: saía nu pelos arredores, gritando - "Aqui

Del Rei, Sinhá Leopoldina, que estão me matando". Estas informações estão contidas no artigo que leva o título de "Gabriel, mestre da arquitetura fantástica e sua casa-escultura", cuja autora, que nos orienta é Amélia Zaluar. De acordo com o referido texto, Gabriel Joaquim dos Santos acredita-se um predestinado, pois, achava que deveria viver isolado de todos para que ele e sua obra pudessem aparecer com liberdade. De hábitos excêntricos, Gabriel entendeu, aos vinte anos de idade, que o sonho que tivera "lhe mostrou que precisava construir uma casa para si", pondo-se mãos à obra a partir de 1912. "Pois essa casa foi construída e lá está. No município de São Pedro da Aldeia, a cerca de cinco quilômetros da sede, no Estado do Rio de Janeiro, onde ergue-se uma estranha e belíssima construção, obra-prima da arquitetura espontânea em nosso país e que encanta aos poucos que sabem de sua existência e vão até lá para conhecê-la. Fica ela no alto de outeiro, a uns sete metros do nível da estrada estradinha de terra, num lugar conhecido por Vinhateiro". Esta casa segundo Amélia Zaluar é algo de fantástico, por assim dizer, inimaginável: ela é feita, usando-se material dos mais inusitados em relação a uma edificação convencional. Gabriel empregou nessa construção toda ornamentada com tudo que se passa em nossa idéia, desde cascós de garrafa até pedaços de bibelôs quebrados, conchas e até lâmpadas queimadas, formando flores, mosaicos, desenhos simétricos, esculturas estranhas, que faz lembrar um diminuto templo oriental, que despertou na autora do artigo mencionado, um estado de espanto diante de escultura arquitetônica que surpreende pela sua originalidade surrealista. A *Casa da Flor*, do escultor e arquiteto negro, Gabriel Joaquim dos Santos, pode ser indicada para o livro dos

recordes, uma vez que não há similares que com ela possam concorrer. Gabriel veio a falecer com 93 anos, em 1985, sempre empenhado na construção de sua obra que no seu ponto de vista, continua, até hoje inacabada.

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo, Tenunge - 1988.

GARRINCHA

Gênio do futebol

Mané Garrincha é o nome popular de Manoel Francisco dos Santos, um dos mais famosos jogadores de futebol do Brasil. A cidade Pau Grande no Estado do Rio de Janeiro tornou-se mundialmente conhecida pelo simples fato de ali haver nascido em 1933 este astro de raro esplendor em nossa constelação esportiva. O seu Mané, como também era conhecido, com suas pernas tortas, fazia com que todos duvidassem que dali pudesse sair alguém capaz de empolgar milhões e milhões de aficionados pelo esporte bretão espalhados pelo mundo afora. Das peladas realizadas na cidade onde nasceu passando pelo Clube da Estrela Solitária, o Botafogo do Rio de Janeiro, Mané Garrincha maravilhou, com os seus dribles estonteantes, as platéias de quase todo mundo como titular da Seleção Brasileira de Futebol, onde atuava na ponta direita, trazendo para o Brasil duas copas do



da exata de como Garrincha se comportava nas pugnas futebolísticas, que vale a pena ser reproduzido neste momento em que tentamos desenhar o perfil do homem bom e de esportista excepcional: "Garrincha faz que vai e volta, mas antes de voltar, já foi e em vez de ir, pára, prolonga um pouco a brincadeira, depois arranca para a linha de fundo e cruza, deixando no caminho dois adversários que trombaram um com o outro. Esta cena em preto e branco, de 40 anos é mostrada vez ou outra na teve, retirada de velhos filmes, e sempre provoca riso em quem vê, como uma cena de Chaplin". Este atleta ainda teve fôlego para participar da Copa do Mundo de Londres, em 1966. Garrincha era um homem ingênuo mas cheio de sabedoria que Deus oferece às almas puras. Portanto, é possível que seja verdadeiro o episódio em que, numa preleção, quando um determinado técnico instruía os seus pupilos, distribuindo previamente os seus craques de modo a impedir os ataques dos adversários e indagando deste se havia apreendido as recomendações, Garrincha, lhe faz uma pergunta inusitada: "Mas os jogadores adversários concordam com o que o senhor está nos dizendo?". Todos ficaram boquiabertos pois tal plano só poderia acontecer se os jogadores do clube contrário obedecessem às instruções do técnico de Garrincha. Esta pureza de sentimentos, todavia não impedia que Mané Garrincha chamassem todos os seus marcadores de *João*, uma alusão ao *João Bobo* das histórias infantis pois todos sabiam que ele, o Garrincha, ia fugir pela direita, mas ninguém, absolutamente ninguém conseguia detê-lo. Nós, brasileiros do início da década de 60, entramos em pane quando soubemos que Pelé havia se contundido de modo a ficar de fora definitivamente da Copa do Mundo do Chile. Pronto! Vamos irremediavelmente perder este troféu. Foi aí que o gênio de Manoel Francisco dos Santos, o imprevisível Garrincha, fulgurou como um farol, fazendo dele o grande herói daquela extraordinária façanha dos nossos ídolos de futebol em campos estrangeiros. O jeito simples deste homem nascido numa pequena cidade fluminense teve o poder mágico de fascinar as mulheres; Elza Soares foi uma das que se apaixonaram por ele perdidamente e com quem Garrincha viveu o seu amor mais intenso. Com toda sua memória preservada em filmes como "Garrincha, Alegria do Povo", de Joaquim Pedro de Andrade, a crônica especializada oscila entre Garrincha e Pelé para eleger qual dos dois teria sido o melhor jogador brasileiro de todos os tempos.

11/1000 que fizeram o século 20, Editora 70s - 1996; 2) Litorâneo Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1998.

Geni Mariano Guimarães nasceu em São Manoel, interior paulista, trabalhou nos jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, em Barra Bonita, e nos mostra sua capacidade de criar e transformar. Publi-



cou *Terceiro Filho*, poesia; *Da Flor, o Afeto*; *Da Pedra, o Protesto*, poesia, e ganhou o Prêmio Jabuti com o seu livro, *A Cor da Ternura*, literatura infanto-juvenil lançado pela Editora FTD. Os poemas da poetisa negra Geni Guimarães são quentes, cheios de cheiro humano e revelam uma obra melancolicamente alegre e doce de quem se sente orgulhosa de ser brasileira e de ser afro-descendente. Ela, de certa forma, é a personagem de si mesma, uma vez que, com seus versos, Geni Guimarães traça a sua própria trajetória de mulher negra que não abdicou da luta em favor de seus irmãos de etnia e de si própria. É como bem observou Helena Theodoro, em seu livro, *Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras*, quando afirmou que o poema de Geni "resume sua trajetória de mulher negra, personagem e autor. Suas caminhadas, seus passos, suas histórias de infância que, presas em seu peito, anseiam por sair, voar e se espalhar pelo mundo afora, em seu vôo de pássaro". Helena Theodoro define com muita propriedade quando constata que consciência, linguagem, língua e escrita surgem ligadas ao seu trabalho e à vida. A linguagem aparece como necessidade de que os homens se comuniquem com os outros. A linguagem é o único modo de ser do "pensamento" - a sua realidade e a sua realização.

É assim que a obra de Geni Guimarães se insere num universo de emoções e de pensamentos que estão se cristalizando no inconsciente coletivo dos que fazem da boa leitura, não apenas um lazer mas antes e acima de tudo, sabem ver nas entrelinhas de tais poesias, uma mensagem de força e de fé no destino da Humanidade. É como e enquanto mulher negra que Geni Guimarães estabelece os laços que a levam a se relacionar com este mundo, que na realidade, ainda a conhece muito pouco. É interessante que as crianças, na obra de Geni Guimarães dispõem de um espaço muito próprio, de modo a torná-las mais bem vistas e respeitadas pela sociedade, no seio da qual, nasceram. *A Cor da Ternura* está aí, em toda a sua perene grandezza, para confirmar o que ora afirmamos.

Helena Theodoro - *Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras* - Palla Editora - 1996.

Geraldo Félix de Jesus nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 22 de fevereiro de 1935. É filho de Joaquim Francisco de Jesus e da doméstica Maria Francisca Reis. Avós paternos Francisco de Aquino Neto e Rita Leopoldina da Cruz. Avós maternos Antônio Luciano e Lúiza de Paula Reis, carinhosamente conhecida como *Vovó Preta*. Cursou o ensino básico, na Escola Estadual Tomáz Brandão. Exerceu a profissão de alfaiate dos 13 aos 18 anos. Aos 19 anos ingressou como soldado na Aeronáutica, onde foi primeira classe, bombeiro, eletricista e Sargento Especialista em Meteorologia, formado em Guaratinguetá-SP. Na Aeronáutica serviu em várias unidades em muitos Estados da Federação. Na FAB dirigiu entidade de classe. Em 1964, foi aprisionado no porão do Navio Princesa Leopoldina, na Baía de Guanabara. Recolhido em um campo de prisioneiros na Ilha das Flores - RJ e incomunicável por 6 meses num calabouço em Salvador - Bahia. Depois foi excluído da Aeronáutica por ter se posicionado em favor da permanência do governo João Goulart, foi liberado por decisão do Supremo Tribunal Federal em 1965. Retornou a Minas Gerais exercendo temporariamente o micro-empreendimento da fabricação e vendas de roupas. Voltou ao exercício da profissão de alfaiate. Em 1970, casou-se com Nilce da Conceição de Jesus tendo três filhos: Geordânia, Glaucio e Dévisson. Cursou o 2º grau pelo Sistema Madureira no Colégio Estadual de Minas Gerais, cursou Direito na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e ao mesmo tempo o curso integrado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG. Tendo concluído os referidos cursos, período em que estagiou no Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG; na Procuradoria da UFMG e foi monitor de Processo Civil na Faculdade de Direito na UFMG. Anistiado em 1979 ingressou no MDB, hoje PMDB sendo eleito vereador de Belo Horizonte em 1992 e 1996. Em 1986 disputou a convenção do PMDB como candidato a vice-governador de Minas Gerais na chapa encabeçada pelo deputado Kemil Kumaiá contra o senador Ronan Tito. Em 1985 foi nomeado Administrador Regional Noroeste de Belo Horizonte. Aprovado na Câmara Municipal de Belo Horizonte, hoje licenciado do cargo para exercer os mandatos de vereador. Por três mandatos consecutivos, de dois anos cada, exerce a presidência da Comissão de Legislação e Justiça. Geraldo Félix de Jesus sempre teve ao longo de sua vida pública, uma postura de altivez e de muita dignidade diante dos momentos adversos, que, por sinal, não foram poucos, particular-



Quem é Quem na Negritude Brasileira

suntos da Comunidade Negra, proposta do Prefeito Célio de Castro, encampada, com determinação pela extraordinária guerreira, Diva Moreira.

GERALDO FILME

Composer, pesquisador e cantor

Um dos sambistas paulistanos de maior renome, Geraldo Filme faleceu aos 67 anos de idade em janeiro de 1995. É dele o samba "Vai no Bixiga pra ver" ("Quem nunca viu o samba amanhecer, vai no Bixiga pra ver, vai no Bixiga pra ver... Bixiga hoje é só arranha-céu/E não se vê mais a luz da lua/Mas o Vai-Vai está firme no pedaço/É tradição, e o samba continua"). Em reportagem, publicada em 1984, ele contava um pouco de suas idéias sobre o modo paulistano de se divertir no carnaval. Os garotos do Brás cantavam, 46 anos atrás, um samba que não foi esquecido por muita gente. Era uma das primeiras manifestações paulistas que reivindicavam um pedaço importante da alegria brasileira pelo carnaval. Seu refrão: "Eu vou mostrar que o povo paulista também sabe sambar". O autor, um menino de dez anos, que, a partir daquele primeiro embalo, transformou-se num dos mais respeitados homens de samba da cidade. Com 56 anos, Geraldo Filme tinha idéias muito próprias a respeito do Carnaval e que não mudaram desde que saiu pela primeira vez no Cordão Campos Elíseos: "No momento que tiver liberdade para cantar e dançar nas ruas sem apanhador da polícia, o povo voltará a brincar e fazer um carnaval com a pureza, a beleza e a participação dos anos 40, quando a cidade era uma festa da Paulista à Mooca". Geraldo entendia que há uma boa vontade dos poderes públicos ao promover desta maneira o carnaval: "Agradeço como sambista, mas infelizmente sou obrigado a discordar da forma como se fez a coisa. Carnaval existe

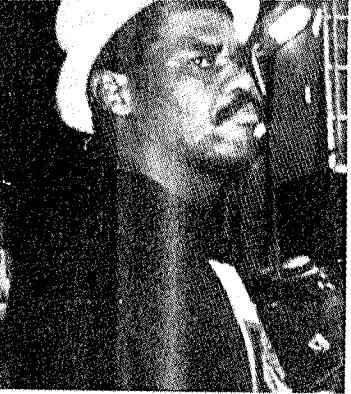
mesmo é em Recife e Salvador. Nem no Rio se faz mais. É só espetáculo, como aqui. O povo não participa. Dê um espaço e liberdade e o povo faz a festa. Atualmente, ele assiste". E Geraldo Filme chegava a sugerir formas de fortalecer a participação popular no

carnaval: "um baile municipal na praça da República, um carnaval livre na avenida São João. É só dar liberdade que o povo toca e dança. Estamos numa panela de pressão sem válvula de escape. A música e a dança são essenciais, voltemos aos concursos de marchas para que não se fique repetindo a Jardineira todos os anos", argumentava o compositor e pesquisador Geraldo Filme.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Geraldo Miranda é um nome na história da música baiana e tradicional dos movimentos carnavalescos, tem uma trajetória altamente respeitável em sua relação com os ritmos de procedência africana. Seu currículo de folião e de versado em coisas de carnaval identifica-se perfeitamente com o apreciado percussionista que é como é visto e tratado nos meios da música popular brasileira com raízes baianas.

A passagem por diversas entidades como: Vai Levando, Ritmista do Samba, Filhos do Morro, Os Lorde, Corujas, Ilê Aiyê, Comanche em 1976; e, em 1977 havendo fundado o Bloco Participação, (Do Beco do Carvão - Baixa dos Sapateiros), fim desse mesmo ano e 1978, juntamente com outros dissidentes do Bloco Participação, funda o Bloco Vou, que também teve uma vida meteórica, em 1979, no Bairro da Liberdade, o nosso Geraldo Miranda funda o Bloco Afro Muzenza, já de todo envolvido pelo espaço conquistado pelo reggae jamaicano, na voz singular e poderosa de seu principal representante de nome Bob Marley. Com Geraldo Miranda no comando Muzenza, termo de origem Bantu, que significa aprendiz, em Kikongo, idioma falado no Congo, Zaire, Angola, enfim, em parte da África subssariana, palavra que também referencia o iniciado no candomblé de linha angolana, equivalente a Iaô dos Nagô. Como os Blocos Afros se constituem em uma das formas encontradas pela negritude baiana para levar aos irmãos de raça e ideal as suas mensagens conscientizadoras, a partir da primeira metade da década de 70, nos primeiros anos em que o Bloco Muzenza foi dirigido por Geraldo Miranda, teria mesmo de explodir de uma vez por todas no reggae que andava solto pelas ruas da cidade de Salvador trazendo temas para danças e coreografias dos Iaô's e tributo ao seu grande ídolo Bob Marley; é dentro deste ritmo que é criado o samba reggae (marca dominante na musicalidade baiana nos últimos tempos), particularmente a partir da fusão de elementos do swingue afro baiano ao reggae jamaicano. Portanto, o Grêmio Recreativo e Cultural Afro Muzenza, o Muzenza do Reggae com perspectiva de selar acordos para conduzi-lo na participação dos carnavalescos fora de época (Micaretas) e shows, para tornar possível dar continuidade a sua missão de difundir a cultura afro baiana e os elementos afro jamaicanos em nosso país. Geraldo Miranda sempre está à frente nesse tipo de atividade político-cultural, com dançarinos profissionais do feitio do Augusto Omolu, nome, que goza de alto conceito na dança e é membro do Balé Teatro Castro Alves, em Salvador; estando à frente do Grupo de Dança ALA este



época das coreografias que são autênticas manifestações de um grande e espontâneo Balé Popular Afro-Brasileiro, "trata-se, como dizem, de um grupo que executa a arte como forma de atingir um prazer estético inusitado e como um mecanismo de reflexão e de interação com a sociedade" como um todo. É assim que Geraldo Miranda vê a importância cultural desse grupo que atua sob a denominação de Grêmio Recreativo e Cultural Muzenza com os seus diversos departamentos apresentando-se no Canecão, na Quadra da Mangueira, no Clube dos Estivadores do Rio de Janeiro, no Brilho da Lua e no Brem-Brem, em São Paulo, na Ilha do Retiro no Recife, etc.

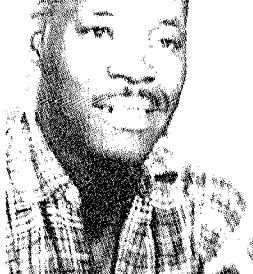
Dados fornecidos pelo Muzenza do Reggae.

GERALDO PEREIRA

Composer



Geraldo Pereira, Geraldo Theodoro Pereira, é de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 23 de abril de 1918, cuja mãe, Clementina Maria Theodoro o abandona, ainda nos primeiros anos de vida, ao decidir superar dificuldades, transferindo-se, com seu filho mais velho, Mané Araújo, para o Estado do Rio de Janeiro. Geraldo Pereira não soube ao certo nome e o destino de seu verdadeiro pai, uma vez que em sua certidão de nascimento consta apenas, de forma muito vaga, o nome de um tal Sebastião Maria. Isso é tudo que se sabe do grande sambista que viria a ser Geraldo Pereira, referente à sua primeira infância. De qualquer forma, Geraldo acaba indo com o seu irmão, Mané Araújo, aos 10 anos de idade, com quem passa a residir na Mangueira, no Rio adaptando-se com facilidade aos hábitos e costumes da cidade grande. Descontraído, bem falante, Geraldo Pereira apreciava um bom papo, o que provocava desavença com o irmão que não gostava de ver ninguém parado, partindo para cima do irmão mais novo, aos tapas e ponta pé: "Mané mandava ele vender verdura e ele ia, mas fugia", lembrava o sambista Carlos Cachaça, amigo particular de Geraldo. Nesse ambiente de música e muito samba na Mangueira é que Geraldo foi se criando e crescendo, até conseguir, aos 14 anos, um emprego numa fábrica de cerâmica, onde, por mera distração a prensa pega o indicador de sua mão direita. É com esse dinheiro que ganhou com a sua indenização que Geraldo adquire um violão, passando a estudar o instrumento e a compor, o que conseguia com extrema facilidade. "Em 1937, cada vez mais seguro de seu talento, Geraldo passou a freqüentar as rodas artísticas da cidade". Seu nome começa a ganhar pro-



... a música de estréia de Geraldo Pereira impressa em disco. Já nos anos 40 é Araci de Almeida quem grava *Falta de Sorte*, e Isaura Garcia, o *Pode Ser* e *Patrício Teixeira, Adeus*, todos de Pereira. Em seguida, o

conjunto, Quatro Ases e um Coringa interpreta *Aí, Jamais Acontecerá* e *Carta Fatal*. A *Falsa Baiana* que é um dos grandes sucessos de Geraldo Pereira é gravada por Cyro Monteiro, em 1944, que, em São Paulo, na voz de Caco-Velho, tornou-se a música mais cantada daqueles anos. Animado por tantos sucessos, Geraldo Pereira passou a interpretar as suas próprias composições. São desse tempo *Bonde da Piedade* e *Mais Um Milagre*, o que nem sempre consegue os mesmos sucessos, afastando-o dos estúdios por longo tempo. Em 1947, Geraldo Pereira cria um coro com vozes femininas, a exemplo do que já fizera com suas Pastoras, Ataulfo Alves, com o objetivo de acompanhá-lo em suas apresentações. É nessa nova fase que Geraldo Pereira participa com o seu samba, *Elá*, do primeiro LP gravado no Brasil, em 1951. Só em 1954 é que Geraldo se afirma com o seu estilo pessoal voltando a cantar sozinho conseguindo alcançar grande êxito. Ciro Monteiro, nome de grande prestígio na época grava *Escrinho*, de Geraldo Pereira, transformando esta composição num autêntico sucesso. Geraldo Pereira, encontrava-se no auge de sua carreira, quando a morte ocorrida no dia 8 de maio de 1955 o surpreende na altura dos seus 37 anos de idade, em virtude de uma briga violenta que teve com Madame Satã. Esta tragédia privou o público apreciador da música popular brasileira de um sambista inspirado, e o Brasil, de um de seus compositores mais talentosos.

História do Samba - Editora Globo - 1997

GILBERTO ALVES

Cantor

Nas décadas de 40 e 50, um astro de raro esplendor da música popular brasileira brilhou nas passarelas da notoriedade. Este astro chama-se Gilberto Alves, nome civil, Gilberto Martins Alves, que veio ao mundo no dia 15 de janeiro de 1915, no Estado do Rio de Janeiro. O fato deste esplêndido cantor ter sido entregador de marmita, sapateiro, ou coisa que o valha, é uma regra quase que axiomática que deixa claro que não há caminho, no Brasil, capaz de levar um negro ou um descendente de africanos à celebridade, a não ser aquele que é ole-

super-humano e engenhoso. A voz incomparável de Gilberto Alves é a prova que a arte popular não carece do burilamento, do polimento, para explodir em seu natural esplendor". Como de resto se dá com um número quase que incalculável de menores que fogem de casa, ainda na primeira infância, em razão da desestruturação da vida doméstica, outra não fora a arte de Gilberto Alves, que aos doze anos abandona a casa de seus pais para se aventurar na vida. Depois das peripécias de praxe, Gilberto Alves descobre que tinha um gogó de ouro; cantar, para ele, era atender a uma segunda natureza; para quem tem tal vocação e tais predicados, passar das serenatas e das boêmias dos arredores de Lins de Vasconcelos e do Meier para as regiões da Lapa ou do Café Nice, foi uma questão de tempo. Ali, o convívio com Sílvio Caldas, Grande Otelo, Almirante e outros papas da radiofonia fora, para Gilberto Alves, uma espécie de vestibular que o conduziria à universidade da MPB. Na base de cachês, as portas de uma profissão de cantor vão-se abrindo por Gilberto Alves que já se fazia admirado por Luís Vassalo, Cristóvão de Alencar, Marília Batista, esta estrela predileta de Noel Rosa. É aí que os gravadores da época, interessados por vozes diferentes, poderosas e afinadas com o poder de encontrar e de prender os ouvintes junto a seus rádios, que entram com contratos, quantas vezes milionários pelo menos para quem tudo faz para esquecer o seu passado de incertezas e penúrias. A Colúmbia oferecia o seu selo para que Gilberto Alves gravasse o seu primeiro disco, na ocasião um clássico de nosso samba, *Favela dos Meus Amores*, de Roberto Cunha e *Mulher Toma Juízo*, ainda de Roberto Cunha em parceria com Ataulfo Alves. "O segundo não é menos importante, Roberto Martins e Mário Rossi entregam-lhe, *Mãos Delicadas*, e, em co-autoria com o excelente letrista Jorge Faraj, Roberto Martins está também na outra face do 78 rpm, com *Duas Sombras*". Nesta altura da existência do popular e festejado Gilberto Alves, tudo faz crer que

muito próprios, constituiu-se numa nota a parte de nosso cancionero. Entretanto, sempre em grandes performances, Gilberto Alves não para por aí; segue em frente, colhendo sucessos e enchendo de vida a fantasia dos corações românticos de várias gerações. Tanto é que em 1942, o samba exaltação, *Natureza Bela*, criação de Felisberto Martins e Henrique Mesquita, estoura por todo o Brasil, numa apoteótica interpretação deste excepcional cantor que tempos atrás resplandeceu os programas da Rádio Guanabara, da Rádio Educadora. "Depois de passar pela Rádio Nacional, fixa-se na Tupi, por mais de 20 anos, gravando ainda sucessos como *Pombo Correio*, de Benedito Lacerda, e Darcí Oliveira, *Recordar é Viver*, de Aldair Louro e Aluísio Martins e *De Lanterna na Mão*, de Elzo Augusto e J. Sacomani". Gilberto Alves é um singular cantor que tem um lugar de destaque na música popular brasileira.

História do Samba - Editora Globo, 1997

GILBERTO DA CUNHA

Coronel da Aeronáutica

Filho mais novo de uma família de 12 irmãos e tendo perdido o pai quando tinha 17 anos, o coronel Gilberto Cunha estudou com o apoio de sua mãe, assim como todos os outros irmãos. Abaixo o depoimento com sua visão sobre a situação do negro no país.

"Esta questão de discriminação racial no Brasil tem nuances e formas muito variadas. Pelo que eu entendo, há discriminação, e calcada, principalmente, no fator econômico. Com receio de uma concorrência para determinado lugar, buscando proteção para os seus, evitando que outros possam-lhe passar a dianteira, procuram insinuar, alegar, cercar a liberdade do negro, invocando conceitos de inferioridade racial, despreparo, nome desconhecido, aproveitando-se até mesmo daquilo que mais foi e ainda é propagado: a infelicidade do negro geralmente não ter tido a oportunidade de educação, de escolaridade, ter uma vida difícil por falta de condições e muitas vezes, em razão disto, seguir o mau caminho. Todas estas coisas, estes conceitos são um arsenal de que certas pessoas dispõem para anular em as chances de progresso do negro. A discriminação existe em termos de proteger ou garantir lugares e posições para aqueles que dominam, que acreditam fazer parte de uma raça consagrada como superior. O fator econômico, acredito, é o gerador de tudo. Eu acredito que há uma omissão por parte dos responsáveis pela nossa sociedade no que diz respeito a externar tudo o que é positivo em relação ao negro e acredito que uma das razões venha



Arquivo Ed. Globo

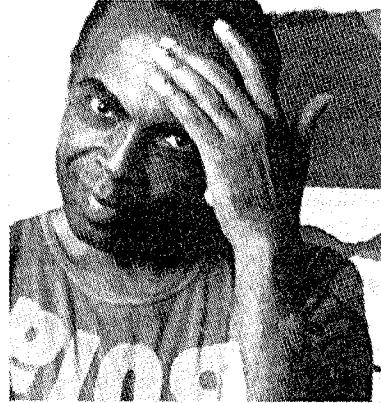
exemplo, uma idéia exata do que tenham sido os quilombos. A historiografia oficial costuma indicar ou fazer entender que o negro em todo o período de escravidão foi indolente, omisso, quando na realidade o que aconteceu foi que, por diversas vezes, os negros se levantaram em revoltas na tentativa de sustar, interromper aquela crueldade que existia. Apesar dos parcisos recursos e do esquema de desagregação premeditadamente preparado para que os negros não tivessem força, mesmo assim eles deram um exemplo de organização, de desenvolvimento de suas culturas de origem, exercendo diversas profissões, como foi constatado. Há pouco tempo eu fiquei sabendo que era a preocupação de Portugal, da metrópole, dos governadores daqui, o grau de eficiência demonstrado pelos negros nas organizações dos quilombos, eficiência essa que fez com que - em diferentes épocas - muitos representantes do Poder mantivessem entendimentos extra-oficiais a fim de obterem objetos manufaturados, trabalhos artesanais, frutas e cereais das colheitas quilombolas em troca de material que os ex-escravos não possuíam ou não podiam produzir. Enfim, um comércio que interessava a ambas as partes. Seme-se a isto o fato da resistência dos quilombos ter durado 65 anos. É uma coisa impressionante, é uma coisa que deveria ser bem divulgada, são capítulos da História do Brasil que deviam merecer um ênfase maior; para que a sociedade passasse a fazer justiça em relação aos negros escravos, em relação aos seus descendentes, de forma que fosse natural divulgar todos os aspectos positivos do negro, indicar que ele teve um papel relevante em nossa formação cultural, no desenvolvimento da agricultura, do comércio, enfim, um papel importantíssimo na evolução do Brasil. E tudo isto não é difundido, não é divulgado. O contraste é maior, quando verificamos que houve uma valorização do imigrante que começou a chegar ao Brasil de certa forma, em decorrência de uma atitude que poderíamos chamar de desrespeito aos seres humanos, aos escravos que tanto contribuíram, porque com a Abolição o braço escravo já exercia as profissões que deram toda a riqueza ao Brasil, bastaria citar o café, o algodão, o açúcar e os minérios. Estava então comprovada a sua capacidade de trabalho. Porém, o que se pode supor é que contrariada pela Abolição da Escravatura, a classe dominante, à guisa de represália, marginalizou toda essa mão-de-obra e fez importar imigrantes, para jogar nas diversas atividades com todas as regalias, com tratamento digno de ser humano, e deixando seriamente prejudicados os ex-escravos apesar de todo o benefício

continuou desenvolvendo o padrão, mas já dando ao imigrante o tratamento que a historiografia oficial dá, que é altamente elogioso, fazendo com que os seus descendentes tenham hoje grande representatividade na sociedade. Um outro ardil muito usado é a divisão em vários grupos dos descendentes da raça negra que são, na verdade, um único grupo. O grupo dominante, mantendo uma conceituação de mulato, moreno, moreno-claro, moreno-escuro e negro, revela um cuidado político, a intenção de manter os elementos de origem negra divididos, para que não constituam um grupo que, pela sua quantidade, se torne maioria e passe a exercer o poder de pressão que torna inevitável o reconhecimento da sua posição na sociedade, dos seus direitos e de um tratamento de igualdade. Classificando as pessoas como se fossem de diferentes raças e, em consequência, fazendo com que um único grupo se multiplique por cinco, dez, quinze pequenos grupos, fica dificultada a união de pessoas que, por definição, passam a ser de grupos diferentes e não de uma mesma origem. Parece-me que, politicamente, a explicação seria essa, daí a hipótese de existir até mesmo um favoritismo para o mulato, favoritismo esse que, de certa forma, vem confirmar esse raciocínio, e que consiste em fazer o mulato entender que é de um outro grupo, em consequência resistir a possíveis entendimentos no sentido de conquistar determinadas posições na sociedade como representante de um grupo, único grupo, aliás, ao qual ele realmente pertence. O correto é que ele se sentisse negro e representante do grupo negro, muitas vezes, porém as coisas são colocadas de forma que ele se sinta, seja estimulado a identificar-se como branco, um tipo de branco, ou como moreno, exatamente para que não tenha uma conscientização no sentido de que todos se apresentem como um único grupo tentando conquistar as posições que merecem na sociedade como representante daquele único grupo, tendo em consequência um poder de negociação que mais facilmente permitiria atingir aquelas posições, em benefício do grupo oriundo dos negros. Esta divisão é tão nociva quanto esta outra que certos setores insistem em fazer, que é assemelhar a luta do reconhecimento da dignidade do negro, com aquela de reconhecimento dos direitos dos homossexuais. Creio que são problemas totalmente diferentes que na verdade nada têm em comum. Proveniente de uma família de doze irmãos, sendo eu o caçula, tive o apoio familiar para estudar e seguir a minha carreira. Meu pai era pedreiro e faleceu quando eu tinha apenas 17 anos de idade.

toda a organização familiar não permitindo que nos faltasse nada e que ninguém tivesse seus estudos interrompidos. Os mais velho, à medida que iam-se se formando e arranjando emprego, iam ajudando em casa, de sorte que formávamos uma comunidade bem coesa. Terminei todos os meus cursos, sempre em primeiro lugar e isto desde o curso primário. Quando entrei na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, Minas Gerais, prossegui praticando o atletismo, esporte que iniciei quando estava no curso ginásial, e cheguei até a ser o representante da minha turma em campeonatos internos e externos, que fez com que eu me tornasse bastante conhecido entre os estudantes das academias militares. Sempre tive um alto grau de camaradagem com todos os meus colegas e instrutores, a bem da verdade não posso dizer que, em algum momento, eu tenha sido preterido ou discriminado. É claro que há sempre um ou outro que faz restrições à gente, como nós também podemos fazer restrições à outra pessoa, mas necessariamente isso não tem nada a ver com a raça do indivíduo. Porém, o que é facilmente constatável é o despreparo e a surpresa da maioria das pessoas para reconhecer um negro como oficial das Forças Armadas, acredito até que seja pela informação visual que a televisão vasa, sempre atribuindo a negros posições e funções inferiores. As referências normalmente são pejorativas, em situações que sugerem humilhação e despreparo para assumir posições superiores na sociedade. Creio que, em razão disso, ao chegarem em repartições civis ou militares, onde um negro eventualmente exerce a chefia, as pessoas estranham e, ao chegarem, imaginam que ele está ali, mas deve ser hierarquicamente inferior. Não há a menor dúvida que eu me sinto lisonjeado, honrado com este reconhecimento, com a demonstração de prestígio que tudo isso traduz, e vejo também uma importância muito grande ao receber estas comendas porque são coisa que marcam a nossa vida militar, mas também marcam nossa vida diante da sociedade civil, registram a nossa presença numa sociedade que tem que se acostumar a nos ver com naturalidade. Reconheço que este tipo de reconhecimento é individual, mas sem dúvida ajuda a mudar o estereótipo e reduz o grau de incredulidade com relação ao desenvolvimento do negro. Não há nenhuma afronta a outras raças, nem a ninguém, nenhum sinal de confrontação, nem de desafio, mas apenas o reconhecimento de que cada um no seu campo de atividade pode contribuir de maneira concreta para a reversão da expectativa que nos aponta sempre como carentes das possibilidades de êxito".

Fala Crioulo, de Haroldo Costa

Gilberto Gil é natural de Salvador, Bahia, onde nasceu em 1942, para tornar-se um dos intérpretes da Música Popular Brasileira mais famosos de nossa geração. Gil é quem tem conduzido, com maior obstinação e sucesso, esta busca incessante entre os que entendem que é na alma africana e cabocla que reside a fonte inexaurível de nossas inspirações culturais. Suas composições são verdadeiras litanias produzidas em honra aos valores naturais do povo e a cada apresentação que ouvimos, ouvimos em estado pleno de deslumbramento. Talvez aí esteja a razão mais recôndita dessa seqüência interminável de êxito de suas gravações que teve início em 1967 com *Louvação* e prossegue até os dias de hoje. Influenciado a princípio, por Luiz Gonzaga e mais tarde, por João Gilberto, Gil foi se libertando e traçando o seu próprio caminho, que o levou à consagração como uma das figuras centrais do movimento tropicalista. Esta vertente de suas criações artísticas da qual figura outro monstro sagrado que é Caetano Veloso, era o reflexo de um movimento que buscava criar um tipo de música integrada à América Latina voltada para os seus problemas e suas realidades comuns, espécie de formulação de uma crítica do mundo existente à nossa volta. Para a definição dessas linhas foi importante o contato de Gil e Caetano com os poetas Augusto e Haroldo de Campos, com os quais, os compositores e cantores populares absorveram as contribuições nacionalistas (nada xenófobas) em cuja origem estavam as obras de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e de Souzandrade; estas apresentações foram supreamente valorizadas pelos arranjos feitos pelos eminentes maestros Rogério Duprat e Júlio Medaglia. Para alguns, o tropicalismo de Gilberto Gil anarquizou a arte brasileira do fim da década dos anos 60; já para outros, aquele movimento serviu para contrariar normas estabelecidas. "Coisa que a elitismo cultural eurocentrista não admitia", como afirma o próprio Gil. O que nos compete registrar é que Gilberto Gil sempre esteve presente em quase todas as produções que tem por referência os tempos modernos. O disco *Tropicalia* é um dos momentos altos da carreira desse cantor negro e baiano que muito se orgulha de suas raízes africanas e canta, de modo tonitroante os seus perenes valores. Suas criações artísticas comportam todas as nuances de procedência sertaneja e negro-africana. Gilberto Gil em 1987 esteve à frente da Fundação Gregório de



histórico da cidade e à revitalização da cultura negra". Com o ativista das lutas afro-negras e da política partidária, Gilberto Gil teve a consagração de ver o seu nome eleito como vereador à Câmara Municipal da Cidade de Salvador, pelo PMDB. Nunca é demais citarmos que grandes cantores dividiram o palco ou participaram de seus discos ou

CDs como Caymmi, Jorge Benjor, Jimmy Cliff, e particularmente Gal Costa e Maria Bethânia. Gilberto Gil foi o vencedor do Prêmio Shell de 1991 e já foi consagrado com o título de cidadão paulistano, tempos atrás.

1) *1000 Que Fizeram o Século 20 - Editora Três - 1996; 2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo.*

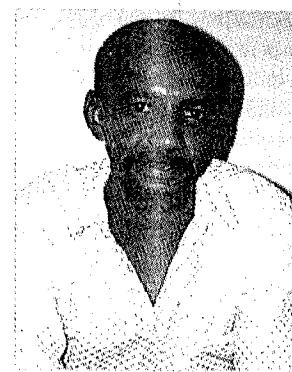
GILSON FRANCISCO PEREIRA

Líder afro-brasileiro

Nascido no Recife, Pernambuco, no dia 19 de abril de 1962 - é um dos militantes negros mais ativos da presente geração. Gilson Francisco Pereira, 36 anos, é brasileiro, casado, pai de Gabriela Kiloanji, sua filha de um ano e meio. Formando do curso de Marketing, iniciou sua militância negra em abril de 1988, na qualidade de sócio do Afoxé Alafim Oyó, tendo posteriormente ocupado nessa instituição no período de maio de 88 a março de 89 os cargos de assessor da presidência e um dos três Coordenadores da Comissão Administrativa Provisória. Foi produtor cultural da Banda Irmãos de África, no período de julho de 88 a setembro de 89. Idealizou e coordenou o Projeto Cultural Sambaxé, no período de janeiro de 90 a maio de 91; projeto esse que originou em março de 92 o Jornal Djumbay - "Informativo da Comunidade Negra Pernambucana", que por sua vez provocou, em 1995, a fundação da Djumbay Organização pelo Desenvolvimento da Arte e Cultura Negra. De modo que nesses seis anos de Djumbay, o mesmo integrou o Conselho Editorial do Jornal Djumbay: foi co-editor dos Livros e Produções Fonográficas publicadas pela organização. Foi idealizador das pesquisas "O Perfil da Comunida-

- Lembadilê e do Núcleo de Identidade Racial - NIR; foi também Coordenador do Projeto de Educação da Djumbay: Nzinga - Zumbi "um exercício de cidadania com identidade racial", nos anos de 94 e 95. Integrou o Conselho Diretor da Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania - SACI, na qualidade de Tesoureiro, do 2º semestre/95 até o 2º semestre de 97. Nesses dez anos de militância, Gilson Pereira, destaca sua presença no IV Congresso Afro-Brasileiro (abril/94 Recife - PE); no Seminário de Planejamento Estratégico da Coordenação Nacional de Entidades Negras - CONEN (maio/94, em Aracaju - SE); Nos I e II Seminário "A Realidade da População Negra no Nordeste" outubro/95, em Recife - PE e junho/97, em Fortaleza - (CE, respectivamente); Nos I e II Seminário de Entidades Negras na Área de Educação - SENENAE (julho/ 96 e 97, em Vitória - ES), tendo exposto em ambos os anos o trabalho: Mostra de Vídeo Debates - "Cidadania com Identidade Racial" Seminário Brasil, Gênero e Raça - todos unidos pela igualdade de oportunidade (1977, em Brasília - DF); Workshop "Serra da Barriga Ano 21" (nov/97, em Maceió - AL). Atualmente é Coordenador Administrativo da Djumbay, sendo entre outras

fundações um dos representantes da mesma no Fórum de Entidades Negras de Pernambuco - FENEPE, na Coordenação Nacional de Entidades Negras - CONEN e no Conselho Nacional de Incentivo à Cultura - CNIC, na modalidade Mecenato, para o biênio 98/99. Paralelamente a essas atividades exerce, como Profissional Liberal, a profissão de Assessor de Marketing Social.



GILZETE MARÇAL

Poetisa

Gilzete Marçal nasceu em 21 de março de 1962. Ela é natural de Camarama, no Estado da Bahia, mas presentemente reside no Estado de São Paulo. Gilzete Marçal é uma profissional da área de nutricionismo. Ela participou de "Preto Branco e Azul Também", um grupo que dramatiza os poemas. Ela publicou dois volumes de poesia, o primeiro *Periferia* em 1985 e o segundo "Em possível" em 1987.

Em Possível
Transpassa
Em minhas veias
Tua presença invisível

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Peso da consciência
suor brotando
nas unhas encravadas,
Te afago
travesseiro
de lágrimas
Entre teia

GLÓRIA MARIA

Jornalista

Com ela não tem disfarce, "sou pretinha mesmo, sem meios tons", diz Glória Maria da Silva, 24 anos de jornalismo, todos eles exercidos em uma mesma emissora de TV, a Globo. Filha de uma família de classe média 'bem baixa' - o pai era alfaiate e a mãe costureira - , foi um dos primeiros rostos femininos a aparecer na telinha como repórter. Sua imagem é tão marcante que, durante o episódio da doença de Tancredo Neves, surgiu o boato de que ela - e somente ela - sabia a verdade sobre o que tinha acontecido. Entre outras versões que corriam mundo, uma delas falava que Glória Maria teria levado um tiro, assim como, Tancredo, e sumido do país por motivos políticos. Tudo mentira, Glória, aliás, era apresentadora do jornal RJTV na época. Portanto, nem poderia se deslocar para Brasília ou São Paulo, já que ficava no Rio. E, surpresa das surpresas, quando o presidente morreu, estava há duas semanas no Marrocos, bem distante da cena histórica. Irreverente por natureza, gosta de estar um dia na Noruega, no meio das montanhas geladas, outro em Nova Iorque ou em plena folia de reisado, em Pernambuco. Mas garante que é caseira e que gostaria de ter uns seis filhos. Já se casou duas vezes mas nunca engravidou. Glória acorda antes das 7 horas da manhã, lê os jornais do dia e tudo o que lhe cai nas mãos. Depois parte para a luta. Vai atrás das informações. Pode descolar uma história interessante no Nepal ou Taiti, a ser investigada urgentemente, claro. Ao meio dia, já deu quinhentos telefonemas e deixou o pessoal da produção do Fantástico de cabelo em pé. Mas para chegar aonde está, muito água rolou. Ela diz que quando foi para a televisão não existia a figura do jornalista. Tudo estava apenas começando e não tinha a importância e o glamour de hoje. Também não havia o repórter de vídeo. Não havia essa vaidade. Ela ia para as ruas fazer as reportagens que seriam lidas pelo Cid Moreira ou pelo Sérgio Chapelin. Não existia essa aura encantadora que o telejornalismo tem hoje. Porém, quando em 1974 foi convidada para apresentar um telejornal no vídeo, teve receio. O convite partiu do diretor de telejornalismo da época, Armando Nogueira. Diz que ele voltou de uma viagem



gêns de rua. Dentre as suas maiores emoções profissionais, lembra-se da Guerra das Malvinas, a posse do ex-presidente norte-americano Jimmy Carter. Mais recentemente, quando foi para o Egito, Israel e percorreu todo o caminho de Cristo. Diz que foi emocionante.

Texto de Elaine Inocêncio

GONÇALVES CRESPO

Poeta

O Movimento Negro Unificado que surgiu em 1978 com a mesma força com que nascera a Frente Negra Brasileira, na década de 30, provocou uma série de rupturas nos preceitos estabelecidos pela "democracia racial" por cujas frestas começaram a penetrar as luzes da verdade, de tal modo, que muitos intelectuais e homens de letras que eram vistos e apreciados como pessoas de origem ariana passaram a ser lidos e estudados, a partir de suas raízes étnicas vinculadas à negritude brasileira. É no contexto desta nova avaliação que hoje se passa a abordar poetas de grande magnitude em nossa literatura, como é o caso de Gonçalves Crespo. Antonio Cândido Gonçalves Crespo nasceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1846. Pelo fato de ter ido cedo para Portugal, onde formou-se em Direito pela tradicional Universidade de Coimbra, Gonçalves Crespo é considerado um poeta luso-brasileiro, mesmo porque estabeleceu-se em definitivo em Lisboa, acabou por naturalizar-se português. Este é um fato corriqueiro ocorrido na vida de quem soube cultivar a poesia e fazer política, acabando sendo deputado às Cortes Portuguesas e membro da Academia

E, foi super bem aceita pelos telespectadores. Como começou a trabalhar numa das épocas mais difíceis do país, na época da ditadura, ela tinha que superar o esquema militar. Acredita que a partir de então o povo começou a se acostumar com a liberdade. "Eu não tinha muita consciência das coisas e era meio atrevida. Fazia mil perguntas, não tinha medo. Comecei a ser identificada como uma repórter de muita coragem. Isso fez o telespectador se aproximar de mim, perceber que eu estava superando obstáculos, se solidarizar mesmo". Está fazendo o que sempre quis

- morar no Brasil e viajar o mundo inteiro. Diz que se parar de viajar, morre, foi apresentadora por muito tempo. Apresentou o primeiro Bom Dia Brasil, o jornal Hoje... O único jornal que não apresentou foi o Jornal Nacional. Mas não troca nada disso pela paixão que tem pelas reporta-

gêns de rua. Dentre as suas maiores emoções profissionais, lembra-se da Guerra das Malvinas, a posse do ex-presidente norte-americano Jimmy Carter. Mais recentemente, quando foi para o Egito, Israel e percorreu todo o caminho de Cristo. Diz que foi emocionante.

Textos de Elaine Inocêncio

O Negro Escrito, de Osvaldo de Carvalho
Secretário de Estado Da Cultura -Imprensa Oficial
do Estado de São Paulo -1987.
Encyclopédia de Literatura Brasileira
-Ministério da Educação -1990.

GONÇALVES DIAS

Poeta

Antonio Gonçalves Dias nasceu no sítio Boas Vista, Jatobá, próximo à cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, no dia 10 de agosto de 1823, "fruto de uma união ilegítima entre João Manoel Gonçalves Dias, comerciante português e dona Vicência Ferreira, mestiça maranhense, casada e separada de outro". Gonçalves Dias se notabilizou entre outros méritos, por ser "fiel ao vernáculo, sem a rigidez engomada dos puristas, nem o pernóstico assanhado dos nativistas e é visto como o artista consciente e escrupuloso que crê e o homem calmo que confia numa evolução natural da língua; e não o iconoclasta espalhafatoso que



lência revolucionária". É assim que o classifica Manoel Bandeira. Gonçalves Dias teve como professor de letras o Sr. José Joaquim de Abreu, isso quando tinha 7 anos de idade, sendo que aos 10,

já trabalhava com seu pai auxiliando-o na escrituração e como caixeteiro responsável pelo seu comércio. Sem deixar os estudos, com 12 anos cursava Latim, Francês e Filosofia no Colégio do Prof. Ricardo Leão Sabino. Gonçalves Dias só veio a conhecer a cidade de São Luiz em 1838, quando de lá embarca para Portugal, onde em Coimbra matrícula-se no Colégio das Artes, quando em 31 de outubro de 1840 entra para a renomada Universidade para estudar Direito. É por ocasião dessa sua estada em Portugal que o poeta escreve a *Canção do Exílio, Patt Kull e Beatriz Cenci*. Uma vez formado, o poeta regressa ao Brasil, onde chega em São Paulo em 1845 para dirigir-se para Caxias, no seu Estado natal. "Partiu daí, para a Corte no ano seguinte, surgindo, em 1847, os *Primeiros Contos* e, em 1848, os *Segundos Contos* e as *Sextilhas de Frei Antônio*, obra sob influência portuguesa, francesa, inglesa, espanhola e alemã". Não há dúvida que se constitui numa consagração especial "o fato de Gonçalves Dias ter sido nomeado professor de Latim e História do Brasil, por competência, na instituição educacional mais prestigiosa do país, que era o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, ele que era de "nascimento humilde e fora da lei" conforme pondera ainda Manuel Bandeira. Gonçalves Dias pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Já bem situado na vida e exercendo uma grande atividade literária, é que aparece em 1851 a publicação de os *Últimos Contos*. Nessa ocasião Gonçalves Dias estava fortemente apaixonado pela bela jovem Ana Amélia Pereira do Vale, a musa predileta de suas poesias líricas "talvez as primeiras de nossas letras: *Seus Olhos; Se Eu Morresse de Amor, e Ainda Uma Vez Adeus!*". Este sonho romântico lhe fora contrariado, uma vez que a mãe da sua deusa inspiradora não permitiu que tal união se concretizasse. Frustrado e nutrindo um grande desencanto, ainda assim teve forças suficientes para reagir e acaba casando-se com Olímpia Coriolana da Costa, de família fluminense. Dizem que a causa pela qual não lhe concederam a mão da primeira namorada, está relacionada à sua origem humilde e de mestiço. Gonçalves Dias, com Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire e Bernardo Guimarães, pertenceu à segunda geração romântica do Brasil.

Dias, de regresso de uma das várias viagens que fizera à Europa, é surpreendido com a morte, que o colhe, no dia 3 de novembro de 1864, em razão de o navio em que viajava, haver-se chocado com arrecifes e naufragado nas costas em Maranhão.

Dicionário Literário Brasileiro - 2a Edição, de Raimundo de Menezes - Editora LTC

GRACIETE FERREIRA DA COSTA

Professora

"A minha opinião é de que o negro tem que tirar da cabeça a idéia que, por causa de sua cor, ele tem que se conformar e viver na mais baixa condição econômica. Esta acomodação é altamente prejudicial a cada um individualmente e à toda coletividade, não se tem que acreditar que isto é um estigma contra o qual nada se poderá fazer. É uma preocupação de algumas áreas do sistema sob o qual vivemos manter aqueles que não tiveram grandes oportunidades na vida, em virtude de suas origens, no seu devido lugar. E isso serve para negros e brancos. Se nas grandes metrópoles a idéia que se tem é outra, quer dizer, existe a livre competição, cada um pode buscar o seu próprio destino, etc., basta entrar um pouquinho pelo interior para se notar que ali esta imagem começa a se esfumaçar. Os privilégios dos que sempre tiveram privilégios são mantidos a qualquer preço, sob qualquer condição, e para que isso se consuma, os desprovidos economicamente são alijados das decisões, do processo do enriquecimento ou da simples melhoria da qualidade de vida. E nisto a cor não tem menor importância. E para mudar esta face acredito que se tem de dar uma ênfase maior à educação, criar condições de instrução escolar para a massa, investir na educação do indivíduo. Isso é uma tarefa do Governo? Sem dúvida, mas não impede que cada um de nós possa dar sua contribuição neste grande plano que é salvar o homem pela educação. Por exemplo, o Clube Renascença, famoso pelas lindas negras e mulatas que lançou nos concursos de beleza, poderia e deveria criar cursos de alfabetização e até profissionalizantes, motivar os seus associados para levar para

o Brasil a cultura da educação. Isto é que me parece ser a grande tarefa de um clube como o Renascença, cujo nome já indica um compromisso com o futuro; e por que este futuro não pode ser melhor? É importante mudar as regras do jogo, criar chances, para que o caminho do negro pobre não seja só a cachaça, porque na realidade ele não tem outro caminho, está tudo fechado. Já sofre o problema da discriminação, o problema da concorrência, porque se um empregador tem uma vaga na sua empresa e se apresentam dois candidatos, um branco e um negro ainda que este eventualmente tenha um maior grau de instrução, ele preferirá o outro, porque vai atender melhor as necessidades estéticas de sua empresa. É a chamada boa aparência, que a gente lê nos jornais. A visão das pessoas é sempre mais favorável às pessoas brancas, a aparência do branco inspira mais confiança, é uma verdade inegável, porque isso acontece entre os próprios negros. Isto sem dúvida, é consequência da nossa formação cultural e da nossa informação estética. É o parâmetro europeu da beleza, que está em voga desde os tempos coloniais. Vale a pena, porém, lembrar que nas profissões menores, a confiabilidade é total das babás, empregadas domésticas, faxineiros, porteiros, motoristas são sempre elogiados pelos seus patrões, que lhe confiam suas crianças, suas casas, seus pertences e seus automóveis. É claro que deve haver outros moradores com o mesmo comportamento, mas nós chamamos atenção porque somos negros, e de repente passamos a ser um modelo, um paradigma de comportamento. De qualquer maneira, acho que é lugar comum nas famílias negras que conseguem ascender um pouco de escala social educarem os seus filhos no sentido de serem aqueles contra quem jamais se poderá dizer alguma coi-

sa. Eu me recordo perfeitamente que desde muito cedo, quando começamos a freqüentar a escola, minha irmã Maite e eu tínhamos que estar sempre com os cabelos penteados, dentes sempre areados, sapatos limpos e blusa impecável. Meu pai sempre plantou isto na gente, e ele era um homem simples, operário mas com uma visão incrível, uma notável consciência política e uma inquebrantável determinação de melhorar de vida para, consequentemente, nos dar - a nós filhas, e à nossa mãe - uma vida melhor. Onde nós morá-

"Veja o quanto pesa ser negro. E pesa muito mais para a mulher negra que é duas vezes discriminada", afirma Graciete em seu depoimento. Ela é formada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

mada em letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, lecionei português e francês em diversos estabelecimentos. Hoje em dia ainda atuo como professora no Colégio Brigadeiro Newton Braga e como orientadora educacional do Colégio Estadual Paulo de Frontin. Como sempre gostei de teatro, fiz um curso, não para ser atriz propriamente, se bem que fiz algumas incursões no gênero, mas para usar o potencial do teatro, como arte e história, com os nossos alunos. É o chamado unir o útil ao agradável. Se bem que isso me trouxe alguns dissabores. Quando eu dava aula no Colégio Pedro Varela, um dia cheguei no refeitório e estava havendo uma discussão acirradíssima. Como eu estava chegando naquele momento fiquei de longe, pensando que, com certeza, se tratava de algum problema atinente às pessoas envolvidas na discussão. Instantes depois um colega veio pra mim e desabafou: - Olha eu tenho que dizer isso, para que você não fique enganada com as pessoas. Você é muito gentil, tem uma maneira muito agradável de lidar com todos, mas muita gente tem você atraíssada na garganta. Uma grande maioria aqui discute o problema de você estar no nosso meio, no nosso colégio, idealizando coisas com os alunos, inventando trabalhos teatrais, tendo uma certa liderança. Há pessoas que estão chocadíssimas com isso e essa era a razão da nossa discussão ali há pouco. Nem todas as pessoas aqui são suas amigas, muitas não esquecem que você é uma negra e acham que está exagerando, entende? Eu fiquei revoltadíssima, mas resolvi deixar pra lá e continuar com o processo que estava dando certo, os alunos adoravam, me queriam muito bem, e isso pra mim bastava. Mais tarde eu soube que naquela famosa discussão, o professor que tinha vindo falar comigo, disse: - Eu tenho uma grande admiração pela Gracieta, sem ter tudo o que nós temos a nosso favor, ela venceu todas as etapas. Veja o quanto pesa ser negro. E pesa muito mais para a mulher do que para o homem. A mulher negra é duas vezes discriminadas. E isso é uma das coisas que mais me preocupa, ao lado do abandono da criança: a marginalização da mulher negra. Aquela mulher sem instrução, sem marido, sacrificada, enganada por brancos e negros, essas mães solteiras que não tem amanhã nem pra si, nem para os seus filhos. Esbarrando em todo tipo de dificuldade, enfrentando esta dupla discriminação, não são muitas as saídas, e é aí que aparecem o conformismo, a anulação pessoal a perda de identidade, que muita gente confunde com abnegação e humildade. Só que não é nada disso".

Folia Crioulo.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

No dia 8 de outubro de 1918 nasce na capital paulista, Gracinha de Almeida, filha de Carmem Augusta de Almeida e de Alcides de Almeida, hoje, aposentada na qualidade de professora, formada que fora em arte decorativa, pintura em porcelana e cerâmica pela Escola Profissional da Casa Pia de São Vicente de Paula. O Departamento de Ensino Profissional de Secretaria de Educação, a Secretaria de Governo, o Poder Judiciário na área de Menores, a Secretaria de Promoção Social e o Serviço Social da Indústria - SESI - tiveram a feliz oportunidade de apreciar os trabalhos artísticos e as atividades de professora, da consagrada pintora negra Gracinha de Almeida, razão pela qual fora diversas vezes agraciada com medalhas de bronze, de prata e de ouro e rece-

bera vários títulos de benemerência, como a Heráldica de Ouro e o título de *Hors-concours*, a ela concedido pela Sociedade Brasileira de Medalhistica pelo fato de haver participado de salões de Artes Plásticas, individual e coletivamente. Gracinha de Almeida expôs os seus quadros de pinturas figurativas no Salão Nacional de Artes Plásticas, "Benedito Calixto", patrocinado pela Prefeitura do Município de São Paulo, iniciativa feita em conjunto com o Conselho Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Itaúlém e exibiu sua arte no Salão de Artes Visuais "Cristo Redentor", no Centro de Convenções do Hotel Nacional, no Estado do Rio de Janeiro. Em sua longa e bem sucedida carreira de pintora, Gracinha de Almeida foi contemplada com muitas premiações, como com o I Grande Prêmio Brasil de Obras Premiadas - oferecido pela Sociedade Brasileira de Artes Visuais cuja realização se deu no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo e também fora admitida na Ordem do Mérito das Artes Plásticas em duas ocasiões, em 18/11/86 e 8/10/90, recebendo ainda condecorações de expressivos significados artísticos como a da Ordem do Mérito das Artes Plásticas, no Grau de Cavalheiro Oficial; ofereceram-lhe também a Ordem do Mérito, no Grau de Grã-Oficial, em 08/06/86 e no Grau de Grã-Cruz, em 21 de setembro, de 1986. Gracinha de Almeida participou da Semana Cultural do Negro Zumbi, promovida pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, da exposição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, e das Comemorações do Centenário do "Pai de

se depreende de seu Currículo Vitae, a vida e as atividades de Gracinha de Almeida foram todas elas dedicadas à arte pictórica, o que a levou a percorrer grande parte do território nacional, expondo os seus quadros e na busca de novos motivos que tipificassem características próprias para a sua vasta produção e arte, em que a exerce com uma devoção, por assim dizer, beneditina e repleta de paixões que valorizam e dão singularidade à sua Escola de Arte Figurativa, sendo, neste sentido, uma notável e originalíssima paisagista. Como já o disse Horácio, poeta lírico latino - 65 - 8 a.C.: "os pintores e os poetas sempre gozaram do mesmo direito de tudo ousar", Gracinha de Almeida, seguindo à risca esta predestinação, é uma artista plástica negra ou-sada e criativa a esbanjar talento e sensibilidade por sobre o seu vasto volume de obras, que hoje

figuram, com destaque em museus públicos e particulares por este Brasil afora.

Nova Encyclopédia Ilustrada Folha - 1996.



GRANDE OTELO

Autor

A cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro, tem entre seus filhos mais queridos, a figura do renomado artista Grande Otelo, pseudônimo de Sebastião Bernardes de Souza Prata. Nascido em 1915, este extraordinário comediante negro empolgou os palcos do Brasil e do mundo, tendo começado a sua brilhante carreira em 1932, na companhia do ator Jardel Jérólis - pai do conhecido Jardel Filho -, com que excursionou pela Argentina e Uruguai, apresentando-se, em seguida junto ao público do Rio de Janeiro, dando assim início à coleção de sucessos que o galardoaram em todas suas apresentações. As exigentes platéias da Europa tiveram, também, a oportunidade de apreciar e aplaudir o talento inato deste pequenino ente humano mas gigante dos palcos que, na ocasião exibia-se em Portugal e na Espanha, levado ainda pelas mãos de Jardel Jérólis, antes porém já havia, Grande Otelo, participado de atividades artísticas quando partiu de Uberlândia com uma companhia negra de Revista, isto, em 1924. É a partir destas bem sucedidas atuações que Grande Otelo firma-se, em definitivo, como artista de projeção nacional, passando a atuar nas mais conceituadas boates, no teatro, na televisão e no cinema, em peças que marcaram época, sendo personagens de destaque



negra de nossa terra. Grande Otelo veio a falecer com 84 anos, em Paris.

1) 1000 Que Fizeram o Século 20 - Editora Três -
Isto É; 2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora
Universo - 1988; 3) Grande Encyclopédia Delta
Larousse - 1970

GREGÓRIO DE MATOS

Poeta

em mais de 50 filmes só na década de 40. Sua performance em fitas como *Noites Cariocas*, *Moleque Tião*, *Amei Um Bicheiro*, *Rio Zona Norte*, *O Assalto ao Trem Pagador*, *Quilombo* e em *Macunatíma* fizeram com que este ator visse a merecer o prêmio do Instituto Nacional do Cinema, pelo seu *sui generis* desempenho, particularmente nesta última película. Sua veia de poeta e compositor popular revelou-se com força e originalidade nas obras que compôs em parceria com Constantino Silva, *Vou Pra Folia*; com Erivelto Martins, *Praça Onze, Bom Dia, Avenida e Pixaim*. Sozinho fez *Botafogo, Desperata, Brasil*, quando produziu também canções para os filmes *Metida a Bacana*; *Pé na Tábua e, o Bicho não Deu*. Levado pelo empresário Carlos Machado, "o rei da noite", em sua época, Grande Otelo foi parar no cassino da Urca, onde brilhou ao lado de Carmen Miranda, de Linda e Dircinha Batista e outros artistas populares, vindo em decorrência disto a conhecer Oscarito formando com este a mais famosa dupla de comediantes que o Brasil já conheceu, estrelando alguns dos melhores sucessos do cinema brasileiro. Assim é que, *Este Mundo é Um Pandeiro, Carnaval no Fogo, Aviso aos Navegantes e Matar ou Morrer* tornam-se algumas dessas preciosidades cinematográficas de que o público não esquece e a crítica especializada recomenda. Como todo artista intuitivo Grande Otelo foi contemplado com numerosos prêmios tanto no rádio, no teatro como no cinema e na televisão, sem nunca ter cursado de modo regular qualquer escola de arte cênica. Em razão desta sua peculiar presença no mundo das interpretações artísticas é que Grande Otelo tornou-se tema de enredo da Escola de Samba Unidos de São Carlos, justa homenagem, aliás, tributada a alguém que soube fazer de

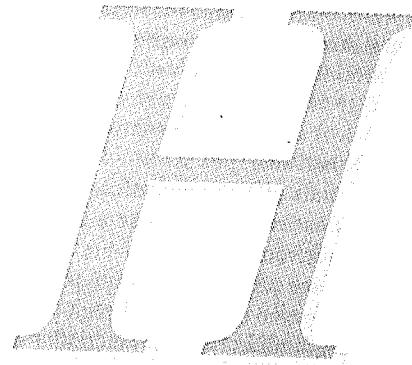
Gregório de Matos Guerra, o temido e temível "Boca do Inferno", era natural do Estado da Bahia, onde veio ao mundo no dia 20 de dezembro de 1623 ou 1633, de ascendência afro-brasileira, e é considerado "o primeiro poeta nascido no Brasil a figurar com destaque em qualquer história da literatura de língua portuguesa", segundo nos afirma o acadêmico, Antônio Olinto. Já, "na sátira - acima desse enigmático Cláudio Manoel da Costa, a quem atribuem as *Cartas Chilenas*, homem que senhoreava cultura e elegância, brasileiro viajado de superior distinção intelectual e certamente mais destro nos sonetos de puro lirismo - teve o Brasil-colônia um representante inolvidável em Gregório de Matos Guerra", na autorizada avaliação de Agripyno Grieco. Com estes dois desenhos do perfil, para uns, demônaco, para outros, criador de epitáfios de bom gosto, Gregório de Matos, liame da literatura luso-brasileira, a enriquece, revelando os pródromos da sua maioridade que viria a se firmar em décadas subsequentes. Quer nos parecer que a controvertida data de seu nascimento, ainda permanece, separada uma da outra, em dez anos (1623, ou 1633); de um lado, Silvio Romero, e de outro, Vernhagen, seguem à frente dessa polêmica. Em dimensões diferentes, em termos estéticos, etários e geográficos, Luiz Gama, consolidaria o espírito sarcástico, como poderosa arma dos negros e dos destituídos que lutavam em defesa de suas dignidade. Numa caracterização vigorosa ainda é o crítico Agripyno Grieco quem melhor define o temperamento irrequieto e provocador de Gregório de Matos quando assevera sem "nenhum constrangimento diante da batina, da farda ou da beca: eis o gozo maior do autêntico humorista. Converta-se o sorriso numa clava; engaste-se a alegria na anedota, aprisione-se o um pendente nas quatro grades do epígrama, obrigue-se o juiz sisudo a rodopiar em piruetas de circo. Vá-se da bufoneia plebéia ao sarcasmo grego, misture-se ao sal de cozinha o sal ático. Seja o espelho dos sátiros deformado sempre. Mas, graças ao talento dos mestres do riso, até

ocorreram pedradas". Gregório de Matos fez os seus estudos preliminares em Salvador, na Bahia, vindo posteriormente a diplomar-se, em Direito, pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Satírico contumaz, zombou, Gregório de Matos, dos poderosos de sua época, onde incluíam-se os clérigos, os políticos e os abastados, constituindo-se na glória de ser o primeiro escritor a dotar a literatura feita no Brasil, da beleza inovadora ao incluir termos e palavras nacionais, na maioria das vezes, provenientes do Tupy ou de idioma indígena e de africanos, para aqui trazidos como escravos. Outra especialidade de Gregório de Matos foi a moda, ou a modinha, que era a endear cantada ao som da viola, como o fazem os seresteiros sob a janela da mulher querida, que ouvia embevecida, por de trás dos cortinados, onde fingia ocultar o seu formoso rosto. Como o seu ar de um debochado histerião, Gregório de Matos, pouco cuidando se o veneno de seu humorismo viria ou não atingir os seus próprios protetores, o que



ocorreu com o Rei de Portugal, que o desterrara e com o Governador Geral do Brasil, que o degreda para Angola; conseguindo permissão para retornar ao Brasil, Gregório de Matos, prefere fixar residência no Estado de Pernambuco onde passaria os últimos dias dos seus 73 anos de vida, falecendo em casa de amigos, miserável e impenitente, no Recife, a 16 de outubro de 1696".

1) Poetas e Prosadores do Brasil, Agripyno Grieco - Conquista - 1968; 2) Dicionário Literário Brasileiro - 2a Edição, de Raimundo de Menezes - 1978 - Editora ITC; 3) Breve História da literatura Brasileira - Antônio Olinto - Editora Lisa - 1994.



HAMILTON FERREIRA SANTOS

Um dos fundadores do "Filhos de Gandhi"

Em depoimento colhido pelo jornalista Anísio Félix, Hamilton Ferreira Santos - o "Bebê da Madame" - resgata a saga do afoxé Filhos de Gandhi, o qual reproduzimos abaixo pelo seu grande valor histórico.

O Filhos de Gandhi foi fundado no dia 18 de fevereiro de 1949. Na porta do curtume Vitoria, na Rua Campos Sales, embaixo de uma mangueira. Na lateral, tinha o bar de Antonio Scroff; em cima a casa de D. Olga. Fomos à venda do Valério, compramos um caderno e fizemos a relação dos que queriam participar. Tínhamos dinheiro de cada um para comprar o material, a exemplo das barricas de chá, para fazer instrumentos. Depois, começamos a ensaiar. Os idealizadores foram: Durval Marques da Silva, o "Vavá Madeira" e Antonio de Emílio. Participaram também: "Pangara", Máximo, Manoel das Virgens, Wilson Ferreira, Hilário, Aloísio "Gaiolão", "Dino", "Domí", "Carequinha", Paulino e Assis. No primeiro dia de carnaval, nós saímos fantasiados de Gandhi; cada um com seu lençol, toalha e "malandrinhas". Saímos um atrás do outro, cantando "Entra em Beco, sai em Beco". Naquela época, não era considerado afoxé. Era cordão e nós saímos um atrás do outro, com medo da polícia, mas tínhamos a cobertura de outros estivadores, em caso de confusão. Depois, mudaram para afoxé, mas não me lembro quando foi isso. Levei dez anos sem sair no Gandhi. Deve ter sido nesse período que fizeram a Sociedade Recreativa Afoxé Filhos de Gandhi. No início nós cantávamos "Entra em Beco, sai em Beco" e Ala-lá-Ô, mas não me lembro o pe-

riodo em que tínhamos uma música própria. Os que iam chegando, iam trazendo músicas do candomblé, para Xangô, Oxóssi... Hoje o Gandhi é quase uma seita. Na minha época não havia isso. No tempo de "Domí", "Vavá", "Coice de Burro" e Djalma, começou a se fazer despachos, a dar comida a Exu, coisa que se faz até hoje, para o Gandhi sair. Acho normal, porque a maioria dos participantes do Gandhi, faz parte da seita. É por isso que tem muita gente hoje participando do Afoxé, são quase sete mil matriculados. Tínhamos três agogôs, quem tocava era "Carequinha", Nicanô e Mário (um menino criado no Julião). Atabaques, não me lembro bem, mas acho que eram entre oito e dez. Havia o lanceiro e o aguadeiro, que foi introduzido pelo estivador Leônio, assim como o camelo e o elefante. Hoje, também tem a cabra, mas o aguadeiro não existe mais. Eles mudaram um pouco o estilo. Os lençóis não foram doados por mulheres do Julião. Cada um trazia seu lençol de casa. O dinheiro que arrecadávamos era para comprar as "malandrinhas" e os instrumentos. Nós não tínhamos dinheiro e compramos "malandrinhas", porque eram mais baratas. Nós estámos no período pós-guerra e tivemos idéias práticas. O lençol e a toalha foi idéia de "Vavá", inspirada no filme Gungadin. Usávamos lençol, turbante e "malandrinha". Depois, passamos para as alpercatas de verdureiro, que não cas-

"No primeiro dia de carnaval, nós saímos fantasiados de Gandhi; cada um com seu lençol, toalha e malandrinhas. Saímos um atrás do outro, cantando entra em beco, sai em beco. Naquela época, não era considerado afoxé, era cordão"

tigavam tanto os pés quanto as "malandrinhas". Todos nós saímos iguais. Os colares azuis e brancos que se usa hoje são por causa da seita. Hoje os diretores usam uma bata e alguns usam sapatilhas para se destacarem. As sapatilhas descansam os pés, se bem que, hoje não se anda muito. Há transporte para se levar o Gandhi ao Uruguai, Fazenda Grande, enfim, para todos os bairros. Hoje o Gandhi vai aos bairros de ônibus cedidos pela prefeitura. Só se anda mesmo na avenida e no caminho para Santa Luzia. Para o Bonfim, o Gandhi vai de ônibus. No primeiro dia, o Gandhi saiu do Pilar, no Julião. Depois foi a Santa Luzia, Terreiro, Campo Grande. No segundo ano, fomos a Santa Luzia, Bonfim, Fazenda Grande, Largo do Tanque, Tororó, Liberdade, Dique, Garcia, Campo Grande, ... tudo a pé. Santa Luzia era a santa mais próxima. Dizem que ela clareia a vista. Não havia preconceito e fomos ao Bonfim, porque éramos religiosos. Pedíamos que tudo desse certo, para brincarmos direito. Calculo que tenha saído uma base de setenta homens no primeiro ano. Eram somente estivadores, de 1950 em diante, o Gandhi se abriu e foram chegando os homens do porto, os doqueiros, a exemplo de Lascaia, Borô. O Gandhi, nunca teve sede. Guardávamos o material no quarto de um e de outro. Depois, passamos muito tempo guardando o material e instrumentos na lara, uma escola de dança que havia no Pelourinho. A lara não era uma gafieira. A ga-

mâneras e de bebedeiras alcóolicas no bloco, para não causar distúrbios. Enquanto estávamos brincando, não havia bebedeira, porque o álcool estimula a briga; os que bebiam, o faziam escondidos. Bebíamos na casa do Francelino, no Beco do Cirilo. Ele nos esperava com barricas de bacalhau, na Soledade. Lá nós comíamos e bebíamos e, depois da brincadeira, quem quisesse, ia para os bares beber. Quando o Gandhi surgiu, todos olhavam mas não davam muita importância. Já quando o Filhos de Gandhi desfilou no terceiro ano, havia quase quatrocentos homens, o que era um número grande para os blocos da época, a exemplo do cordão "Vai Levando". O Gandhi hoje não concorre mais. Quando cheguei na estiva, encontrei o "Comendo Coento". Desse cordão eu não participei. Havia só um caderno onde anotávamos os nomes dos participantes e a contribuição, em dinheiro, de cada um. Não houve ata. Hoje eles estão cobrando bem menos que os outros afoxés; cada associado paga cerca de Cz\$ 1.250,00. Acho que "Vavá" se afastou do Gandhi, porque ele perdeu a liderança. No início não havia diretoria, quem mandava era ele e Antonio. Depois, com a chegada de maior número de sócios, criou-se uma diretoria. Foram eles os idealizadores, depois se sentiram mal e se afastaram. Saí 15 anos no Gandhi, desde o início em 1949. Algumas histórias que contam sobre o Gandhi, são verdadeiras. Outras, não. Elas partem de pessoas que não sabem como foi fundado o Gandhi. Agora o Gandhi está em evidência; é conhecido nacionalmente e em outros países. Antes haviam poucos homens, hoje há cinco mil, mas isso não o prejudicou. O Gandhi ficou mais bonito, com mais vida. Djalma está cumprindo o terceiro mandato. Há nove anos que ele é presidente. Esta sendo reeleito, porque tem serviços prestados ao Gandhi. Ao contrário do que dizem, o pai do Djalma não foi fundador do Gandhi. Ele era estivador e observava a gente sair, passar na avenida. Eu estou fora. Nas últimas eleições, o Djalma se pronunciou dizendo que estava a favor de Josaphat Marinho para governador; nas eleições para prefeito, ele se pronunciou a favor de Edvaldo Brito. Ele responde por ele, mas concordo que devemos ter certos interesses, uma ajuda dos políticos. A diretoria apóia a volta dos antigos fundadores, para que formem o Conselho Deliberativo. Isso é bom, mas não temos expectativas de presidirmos este Conselho".

Do livro "Filhos de Gandhi" - Anísio Félix - Gráfica Central - 1997

HAMILTON LARA

Líder afro-brasileiro

Hamilton Lara, natural da cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, é o represen-

te da AFRO-Brasileiro - CNA/RS. Pelo seu passado de lutas, de participação e de liderança junto aos assuntos concernentes aos interesses específicos da comunidade negra, Hamilton Lara merece este reconhecimento em razão, também, pelo que vem fazendo no presente ao lado dos seus valentes e leais companheiros da diretoria em nível regional e, em nível nacional, por ser um dos nossos dirigentes mais altamente qualificados. Se voltarmos nossos olhares sobre a sua vida pregressa, nós vamos encontrar um Hamilton Lara ativo e permanentemente preocupado com o destino do negro das regiões dos pampas rio-grandenses: ele foi o criador do Movimento Negro de Pelotas, cuja sigla popularizou como PEL; foi ainda o criador do Movimento Trabalhista de Integração da Raça Negra no Partido Democrático Trabalhista, PDT do Leonel Brizola, na cidade de Pelotas, na década de 1982, quando da redemocratização do país, naqueles anos de chumbo. Seminários, simpósios, encontros, palestras, conferências, congressos, fóruns de debates, seja lá o que fosse que se realizasse para se discutir a problemática do negro, ou para promover a inserção desse continente humano, que hoje representa mais de 50% da população brasileira, na principal corrente de vida nacional, lá estava a figura serena, mas altiva, de Hamilton Lara e de sua combativa e valorosa equipe. E os projetos iam sendo gestados para mais cedo ou mais tarde materializar-se em ações beneficiando todos os setores da sociedade sem que a população negra se sentisse frustrada. A Semana Municipal da Consciência Negra da próspera e apra-

zível cidade de Pelotas é um desses exemplos dignos de registro; o encaminhamento do Projeto que criou e instalou o Conselho Municipal da Comunidade Negra desta mesma cidade, no decênio de 1990, instituição que

lançou o primeiro concurso sobre o transcurso do terceiro centenário da imortalidade de Zumbi dos Palmares em 1995, evento de grande repercussão, que projetou o nome desta cidade para além dos limites rio-grandenses, com a participação firme e decidida de Hamilton Lara e de seus companheiros de negritude. Hamilton Lara também escreve; ele tem inédito alguns livros tratando da questão negra com especial enfoque na promoção da auto-estima da criança negra em co-au-

tores que virão à luz do dia. Produtor e agitador cultural dos mais ativos, Hamilton Lara tragega com desenvoltura e espontaneidade pelos instigantes caminhos da cultura afro-descendente. Ativista e militante cônscio de suas tarefas históricas junto ao negro, Hamilton tornou-se secretário executivo do Conselho Estadual da Comunidade Afro-Brasileira do Rio Grande do Sul e fundador do Centro de Cultura Negra ORF-POA e esteve presente no 1º Encontro de Entidades Governamentais da Comunidade Negra em Brasília, promovido pelo Departamento de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, em 1995.

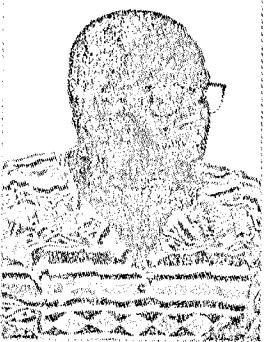
HAROLDO COSTA

Intelectual

Nascido em 13 de maio de 1930, Bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, Haroldo Costa é filho de Luiz Costa e

Eurídice Costa. Fez parte do Grêmio do Colégio Pedro II, tendo exercido o cargo de Secretário, quando um colega, Moisés Veltman, que trabalhava na Rádio Mayrink Veiga, indicou-o ao Lorival Marques, importante produtor da

época, para trabalhar como datilógrafo em estêncil da produção dos programas. Contava, então, com 17 anos de idade e ficou conhecendo nomes famosos como: Sadi Cabral, que dirigia o Rádio Teatro da Rádio Mayrink, Maestro Zé Pereira, Ciro Monteiro, entre outros. Entrou para o Teatro Experimental do Negro (1948) como professor para um Curso de Alfabetização que o Teatro fazia no Prédio da UNE e um dia, como houvesse faltado um ator na peça que estava sendo ensaiada, O Filho Pródigo, de Lúcio Cardoso, foi chamado para ler o papel do personagem Peregrino. O Teatro Experimental do Negro era dirigido por Abdias do Nascimento, atualmente senador da República. Participavam, também, Ruth de Souza, José Maria Monteiro, os cenários eram de Luiz Carlos da Rosa e a direção da peça era de Bruce Pedreira, importante diretor de Teatro Experimental e fundador do Grupo Os Comediantes. Enfim, o Teatro Experimental do Negro reunia um grupo em torno de si, ligados às artes, independentes de serem Negros ou não, que estavam preocupados em somar seus conhecimentos de Teatro, que naquela época eram necessários à vida artística brasileira. Em



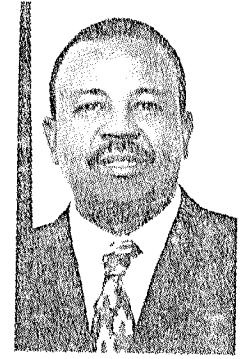
como dissidente, abrigando pessoas mais jovens, transformado em Teatro Folclórico Brasileiro, que por sua vez passou a ser a Brasiliense. Na época eram todos amadores e foram buscar apoio junto a outros artistas, como por exemplo Grande Otelo e Maestro Abigail Moura, que dirigia a Orquestra Afro-Brasileira. Frequentavam, aos sábados, os terreiros de candomblé de vários pais de Santo, como Joãozinho da Goméia, Pai Didi, não só colhendo as benesses da religião, como também para recolher material para os espetáculos que montariam mais tarde. Numa destas idas e vindas aos Terreiros, conheceu um polonês, dono de uma livraria na Rua da Quitanda, Sr. Niesen Ascanaze que se entusiasmou com a idéia e começou a mobilizar várias pessoas para ajudarem no nascimento do Catete, tendo, posteriormente, ido para os fundos da livraria do Ascanaze, onde chegavam às 19 horas e ficavam até as 22 horas, local que acabou se transformando num "point", onde artistas e intelectuais se reuniam para assistir aos ensaios. Assim, várias personalidades fizeram contato com o Grupo. Alberto Cavalcanti, cineasta, Bruce Pedreira, já citado anteriormente, foram tomar conhecimento com o grupo que estava nascendo. Fizeram várias apresentações, sem, entretanto, formato teatral. O famoso artista e diretor francês Jean Louis Barrot quando veio ao Brasil com sua Cia., foi recepcionado na casa de Walter Fridman, em Santa Tereza, com uma festa brasileira, com comidas e músicas, onde o Grupo apresentou alguns números que já estavam ensaiados, como Maracatu. Quando o Duque de Alba esteve no Brasil, no Largo do Boticário também houve uma festa da qual o Grupo participou. Passou o Grupo, então, a ser a novidade apreciada pela sociedade e intelectuais. Finalmente o Grupo estreou no Teatro Ginástico, com direção de coreografia de Marília Gremo, música de Heckel Tavares e Villa-Lobos, Emílio Castelar - que fez os cenários -, casal de bailarinos típicos, o compositor Waldemar Henrique, que também se juntou ao Grupo. Assim, com a ajuda destas pessoas os espetáculos foram apresentados na América do Sul, África do Norte e na Europa, num total de 25 países ao todo. Em 1955, em Paris, conheceu o adido cultural na Embaixada brasileira, Sr. Vinícius de Moraes, que foi da maior ajuda para o Grupo, durante sua temporada de três meses no Teatro Etoile e ao se despedir do grupo, que partia para temporada na Holanda, com uma régia feijoada, Vinícius apresentou a Haroldo o primeiro Ato do Orfeu da Conceição. Dois anos depois, ambos, Haroldo e Vinícius voltaram ao Rio de Janeiro para fazer o filme, que no final foi encenado para Teatro, do qual Haroldo foi o protagonista, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Como jor-

nalmente resolveu escrever um livro: *Fala Criolo*, como base em 50 depoimentos de Negros das mais variadas profissões e *status* sociais para dar um panorama do que é ser Negro no Brasil. Isto se deu logo após a abolição do Ato Institucional número 5, quando a liberdade voltou a ser respirada em toda a sua plenitude e os Movimentos Negros começaram a discutir a posição do Negro dentro da sociedade brasileira, o que não era possível antes por se tratar de posição "subversiva". A literatura brasileira é ampla e vasta sobre o problemática do Negro, Arthur Ramos, Nina Rodrigues, Edson Carneiro, professor Eronides Rodrigues, que nunca completou sua obra, passando por Fernando Henrique e Florestan Fernandes, todos intelectuais que escrevem teórica e até idealisticamente. Haroldo pensou, então, em ouvir a voz do próprio Negro, colhendo os depoimentos de pessoas como Embaixador Souza Dantas, Pelé, Dom Pelé, menino de rua, prostituta, marginal, delegado de polícia, ator, enfim, um painel de várias histórias contando e colocando o seu enfoque de como é ser Negro no Brasil. Num segundo livro, feito em parceria com o Lan, seu cunhado, livro chamado "É Hoje", que é um livro que, ao contrário do que acontece, não é um livro de textos e ilustrações e desenhos, é um livro de desenhos com ilustrações de texto, uma vez que o livro é, praticamente do Lan, com seus desenhos maravilhosos e que o Haroldo escreveu sobre a fatalidade histórica da Escola de Samba. Mostra neste livro as procedências de algumas agremiações, bem como algumas figuras básicas destas agremiações. Dedica-se, também, a produzir espetáculos para Congressos, Eventos Especiais com um Grupo que trabalha com ele, aumentando ou diminuindo dependendo das circunstâncias. No presente momento (1998), fez o espetáculo da abertura do Congresso de Cardiologia, apresentando um mural das músicas e danças brasileiras, como é o caso das Gaúchas, das Afro-Brasileiras, do Choro, das danças rituais e chegando, evidentemente, até o Carnaval. Para finalizar, agradece a oportunidade de participar do Livro "Quem é Quem na Negritude Brasileira", de autoria do Prof. Eduardo de Oliveira, esta figura importante do cenário brasileiro na luta contra a discriminação racial, parabenizando o Congresso Nacional Afro-Brasileiro por esta importante iniciativa de revelar ao país todos os membros afro-descendentes que lutaram e ainda lutam para a preservação desta cultura e espera que do CNAB saiam conclusões para estabelecer com mais firmeza a nossa (afro-brasileira) presença no cenário político, artístico e social brasileiro.

Texto baseado na entrevista de Haroldo Costa concedida a Rubem Confete

Hélio Silva Júnior é natural do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 24 de junho de 1961, filho de Hélio Silva e Terezinha Aparecida Silva. Atualmente Hélio é co-diretor do CEERT - Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades e coordenador do Programa Sindical desta instituição. Hélio Silva é ainda consultor do Departamento de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e do Escritório da Organização Internacional do Trabalho - OIT, no Brasil. De sólida formação acadêmica, Hélio Silva fez mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para Hélio Silva, até alguns anos atrás, muito pouco ou quase nada as elites brasileiras sabiam, ou queriam saber, a respeito das questões relacionadas com a prática de racismo em termos objetivos; talvez resida aí a eficiência com que este tipo de anomalia social vem perturbando, historicamente, nossa sociedade, no que esta tem de polaridade entre negros e brancos, em nosso país. Portanto, instituições como o CEERT são fundamentais para revelar, de modo sistemático e científico, o caráter danoso desse antagonismo existente, também, entre, nós brasileiros, o que leva Hélio Silva a afirmar que parte das pessoas que integram o CEERT encontrou-se no Conselho Estadual de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra de São Paulo do governo Franco Montoro, em meados dos anos 80. Por essa época, estatísticas mais reveladoras sobre as condições de vida da população negra começavam a ser divulgadas por instituições como Dieese, Fundação Seade e IBGE. E as primeiras denúncias de discriminação ganhavam dimensão pública, impactando inclusive o meio acadêmico. Indagado sobre em que medida trabalhos como o do CEERT influenciaram na mudança de qualidade das lideranças e das mentes brasileiras, Hélio responde que a entidade tinha tudo a ver e a maior ilustração disso é justamente o processo constituinte, que deu origem à Constituição de 1988. Além de representar um marco formal do processo de redemocratização, a nova Constituição Federal configura, com muita riqueza, uma nova maneira pela qual a sociedade brasileira passaria a se relacionar com a diversidade racial. O processo constituinte demandou um conjunto de atividades que o movimento negro conseguiu sustentar, no sentido de formular proposições e pressionar os parlamentares. Foram escritas oito constituições até que uma

Quem é Quem na Negritude Brasileira



... eu vejo que a questão racial já não é apenas uma das partes integrantes do processo de redemocratização. É mais do que isso. Hoje ela é o fiel da balança desse processo. Pesquisadores sociais especialistas em direitos humanos e cientistas políticos passam a utilizá-la para mensurar o grau maior ou menor de avanço democrático da sociedade brasileira. Como se vê, Hélio Silva, além de militante de tempo integral da causa afro-brasileira, é ainda e, sobretudo, um negro intelectual que atua no universo acadêmico com desenvoltura, constância e marcante competência e combatividade.

Revista do CEERI - Volume 1, nº 1 Nov. - 1992

HEITOR DOS PRAZERES

Compositor e artista plástico

A Música Popular Brasileira - ou simplesmente MPB -, é uma expressão que designa toda a produção sonora, quase sempre acompanhada de uma letra que a ela se adapta, levada a efeito em nosso País, segundo seus estudiosos, a partir de 1870. Se para os povos da Europa, por música popular se compreendem as criações anônimas de natureza folclórica, para os povos da América esta arte popular é um fenômeno mui recente, surgido com o advento das indústrias fonográficas e editoriais e a aparição dos discos, aos quais se somaram o poder da comunicação de massas da imprensa escrita, falada e televisada. Beneficiando-se dessa moderna parafernália, talentos populares puderam tornar-se pioneiros como aconteceu com Heitor dos Prazeres. Natural do Estado do Rio de Janeiro, vindo à luz no dia 23 de setembro de 1898, cidade em que cerraria suas vidas para vida, em 1966, com 68 anos de idade. Heitor dos Prazeres trazia em seu sangue o germe dos acordes musicais, pois, filho de músico que tocava na Banda da Polícia Militar, acabaria seguindo os rumos dessa arte das populações anônimas, atualmente definida na categoria de Música Popular Brasileira. Este sensível compositor carioca, na década de 20 contribuiu de modo decisivo para a organização de inúmeras Escolas de Samba. De vida bastante agitada, Heitor dos Prazeres se envolveu em polêmicas com Sinhô em razão da discutível autoria do samba Cassino Maxixe, que posteriormente acabaria sendo gravado com o título de *Gosto Que Me Enrosco*. Teve, também, intensa atuação no rádio com o famoso conjunto feminino que levava seu nome, Heitor e sua Gente. Ritmista exímio que era, participou ainda de diversas gravações. Algumas de suas gravações são antológicas; en-



Acervo Emaux Arquivo

em Mangueira, com Heitor dos Prazeres. Fascinado pelo bailado das cores, Heitor dos Prazeres dedicou-se também à pintura e como primitivista obteve grande sucesso com as suas cenas da vida urbana, com os seus sambas de roda, suas macumbas, seus trabalhadores rurais, o que o levou a receber um prêmio na I Bienal de São Paulo de 1951; participou de diferentes coletivas em festivais de artes plásticas no país e fora dele, como no Festival Mundial de Artes Negras, de Dakar, em 1966. Com apenas 14 anos de idade, Heitor dos Prazeres começou a fazer as composições como resultado das lições que recebeu do Mestre Hilário Jovino a respeito da cultura popular. Já naquele tempo, se prova e se comprova a venda de letras de samba da parte dos compositores mais pobres para cantores ricos e de sucesso, o que aconteceu com *Deixaste o Meu Lar*, samba de Heitor dos Prazeres mas que aparece na gravação de Francisco Alves como sendo de sua criação. Heitor casou-se com Glória dos Prazeres em 1941. Mais tarde aparece como parceiro de Francisco Alves no samba *Mulher de Malandro*, ocasião em que se afasta das atividades específicas das escolas de samba para dedicar-se inteiramente como profissional do rádio. É de se destacar que a pintura dera-lhe grande renome, inclusive, internacional. Heitor dos Prazeres, com seus quadros corre o mundo das capitais da América Latina à Europa, de Moscou a Paris, entre os anos de 1951 a 1966, ano em que veio a falecer carregado nos braços do sucesso.

1) Coleção História do Samba - Editora Globo 1992

2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1993

HÉLCIO RAMOS DE LIMA

Médico e professor

A saúde é o lado belo e alegre, nobre e dinâmico da vida, particularmente quando se tem por referência a criatura humana. Já a doença é a negação, ou a ausência de tais condições físicas, expondo o ser humano ao desconforto, que, de acordo com a sua gravidade, pode levá-lo à dor, e à estatística da morte. Sendo, portanto, a existência, uma agradável sensação de bem estar, preservá-la e prolongá-la com eficiência para a felicidade dos seres vivos, tornaram-se uma das supremas preocupações da humanidade, desde épocas imemoriais. Eis, pois, porque foi criada a Medicina, que tem por escopo fundamental ser o "anjo da guarda da saúde", ciência que se ampara hoje em sofisticados métodos de atuação e em recursos

iniciado através dos tempos pela espécie humana. Por conseguinte, o fato de dizer-se que ser médico é exercer um "divino sacerdócio" não é uma simples retórica, mas a materialização de alguém que se dispõe, a atender a essa vontade sagrada, eterna, incoercível de viver. É dentro desse quadro assinalado por esta realidade e por estas virtudes que devemos inserir o nome do médico negro, Dr. Hélcio Ramos de Lima, natural do Estado de São Paulo, e filho de José Helon Ramos de Lima e de Hélia Aparecida de Ramos Lima, nascido em 1965. Depois de fazer os preparatórios na cidade de Frutal, em Minas Gerais, e no Colégio Técnico em Barretos, São Paulo, Hélcio Ramos de Lima ingressa no curso superior, formando-se em Medicina pela Universidade Católica de Santos, onde dá início à sua formação científica em Física Aplicada, graduando-se em Saúde Pública, com Licenciatura Plena em Ciências, Habilitação em Física e curta, em Ciências. Dr. Hélcio Ramos de Lima é Professor Assistente em Física Geral e Experimental na Universidade Católica da cidade de Santos, UniSantos e Mestre em Física e Matemática para o 2º grau na E.E.P.S.G. Adelaido Patrocínio dos Santos, em Praia Grande. Em atividades extra-curriculares, Dr. Hélcio é um exímio pintor e já expôs suas aquarelas na 4ª Mostra de Talentos da UniSantos, na Galeria de Artes Benedito Calixto. Enfim, o perfil intelectual de Dr. Hélcio Ramos de Lima é o de alguém que dedica todo o seu talento e toda a sua disponibilidade de tempo, ao estudo e ao aprimoramento de sua profissão e atuação na área da medicina, hoje na condição de médico do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Isto tudo, para um negro, é o supra-sumo da glória, se compararmos com o que acontece com a alarmante maioria dos afro-descendentes, em nosso país, uma vez que, segundo os dados do senso de 1990, existem no Brasil 18% de analfabetos, índice que sobe para 30% entre a população negra. É de se registrar também que enquanto 4,2% da população branca havia alcançado o ensino superior, apenas 1,4% dos negros se enquadram nessa situação. Portanto, a luta de instituições como o Congresso Nacional Afro-Brasileiro e entidades congêneres é para multiplicar-se por cem, por mil ou por um milhão o número dos Hélcios nos setores científico-acadêmicos no Brasil, por uma questão de justiça, de direito e de reconhecimento humano.

A CUT na construção da Igualdade Racial

HELENA THEODORO

Professora e escritora

Entre os intelectuais negros mais instruídos, inspirados, prolíficos e, ao mesmo tempo combativos e elegantes, sem dúvida, encontra-se a figura da renomada escritora Helena Theodoro. Nascida no dia 12 de junho de 1943, no Es-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

clada, Helena Theodoro talvez seja a estrela mais luminosa de uma constelação de pensadores que hoje vêm contribuindo, de modo efetivo e decisivo, para modificar, para melhorar, o olhar cruel, ou indiferente, que as elites, de formação grego-romana, ainda têm, quando se trata de ver o negro num contexto mais amplo da sociedade brasileira. O melhor mesmo é que ouçamos, pelo menos um pouco, a fala dessa lenda viva, dessa mulher negra de extraordinário valor, dessa singular guerreira que atua com autoridade e desenvoltura em nossos meios acadêmicos; diz ela que nasceu na Tijuca, em casa de sua tia-avó Alzira Adozinda de Araújo. Aos três anos de idade foi morar no Lins de Vasconcelos, num apartamento comprado por seu pai, economista e Diretor da Divisão de Orçamento do Hospital do ex-IAPI. A senhora sua mãe, professora de inglês e tesoureira dos Correios e Telegráfos da Praça Mauá, adorava artes, tocava piano e cantava muito bem, sendo do Coral da Associação dos Funcionários Civis do Brasil. Escrevia ainda poemas e artigos para a Revista Ciência Popular, sempre voltada para a problemática do negro. Seu pai, socialista, membro do Partido Comunista, caboclo, filho de Aurora, uma índia Cinta Larga, e de um mulato incrível Sr. Antônio Theodoro, participava da luta pela cultura brasileira e pela cidadania do negro no país, sendo um dos defensores do Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento, da Orquestra Afro-Brasileira do Maestro Abigail Moura e sócio-fundador do Renascença Clube. Portanto, com estas credenciais, Helena Theodoro não teve dificuldades para entender sobre o ambiente em que estava inserida. Se de um lado estava a consciência a respeito das artes, do belo, da negritude e da vida, de outro estava a da pesquisa: "O que se estimulava era o aliciamento de mais índios trazidos dos matos ou a importação de mais negros trazidos da África, para aumentar a força de trabalho, que era a fonte de produção dos lucros da metrópole", como bem observa Darcy Ribeiro. Esta era a herança cultural deixada para os avós, para os pais e para a própria escritora Helena Theodoro, que nesse cíprio de contradições, buscou encontrar o seu caminho. Apetrechada por uma sólida formação universitária, mestre em Educação e Doutora em Filosofia, Helena Theodoro, como uma nova Nzinga em pleno limiar do ano 2000, tornou-se professora, intelectual orgânica, conferencista brilhante e célebre escritora, hoje conhecida e admirada no Brasil e no mundo, com obras como a série *É Hora de Comunicar*, co-autoria; *Negro e Cultura no Brasil; Sudamerika der Frauen; Sankofa-Resgate da Cultura*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

pesquisas, palestras, conferências, cursos dados e inúmeras atividades científicas que ministrou e vem ministrando ao longo de sua intensa e fecunda vida acadêmica. Helena Theodoro é o protótipo da mulher negra moderna, que nos ensina a arte de bem servir ao próximo.

Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras - Pallas Editora - 1996

HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH

Líder estudantil

Estudante da USP, participou do movimento estudantil de 1967/70 e foi eleita para a diretoria da UNE - União Nacional dos Estudantes, para o período 1969/70, sendo presa e torturada pela equipe do delegado Fleury. Posteriormente passou a viver na região do Araguaia onde se dedicava à agricultura. Pertencia ao destacamento "A" das forças guerrilheiras do Araguaia. Em setembro de 1972, quando contava com aproximadamente 27 anos, morreu em combate.

"Mulher Negra Tem História", de Alzira Rufino - Coletivo das Mulheres Negras da Baixada Santista

HELI TELLES

Compositora e cantora

Heli Telles é Eliane Teles Bonfim, compositora e intérprete, nascida em Salvador em 2 de novembro de 1955. Iniciou sua poesia e canto em São Sebastião do Passé, cidade a uma hora de Salvador, onde foi morar com sua família, aos cinco anos de idade. Ali, escreveu os primeiros versos e iniciou o seu canto, no Coral infantil de Igreja local. Aos 13 anos retorna a Salvador e escreve o seu primeiro poema contra o racismo: *O Grito!* Em 1984, participa do livro *Ego-Luz* e lança seus poemas pela Federação Baiana de Escritores. Em 1988, venceu 1º Concurso Cora Coralina de Poesia de Salvador pelo CEPA, com o poema *O Barquinho*. Em 1991, começa a cantar profissionalmente, participando de vários eventos em Salvador. Participa do Viva Essa Festa-Pelourinho, canta no Mezzanino da Estação da Lapa, no Teatro Raul Seixas. Em 1992, canta no Teatro Gérlio de Mattos - (ao lado de Carlinhos Brown).



ca também apresenta o show *Canto Novo*, no Auditório da ABI-Rio, canta no Palácio Gustavo de Capanema - Parque das Árvores Queimadas, nas Férias Musicais da Escola de Música da UFRJ, no Renascença Clube - Vila Isabel, e no 1º Fórum Popular de Saúde Mental e Musicoterapia da UFRJ. Com suas composições voltadas para o engrandecimento do ser humano, e com seu envolvimento profundo com a natureza, Heli Telles sempre é convidada para eventos importantes pelo Brasil. E por ser eclética, faz shows intimistas em teatros e também em praça pública, agitando todas no carnaval. Por ser poeta e compositora inveterada, Heli Telles se realimenta de música e poesia diariamente. O seu mais urgente projeto é lançar o primeiro CD, recheado de encanto e novidades, cheia da vida, fé e esperança em dias melhores que vamos construir. Aprovada pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, busca ainda apoio de empresas que paguem o ICMS para lançar o seu CD: "A Vida é Festa"! Aguardem! Heli Telles também tem sua presença marcada nos blocos afros de Salvador, fortalecendo os festivais dos blocos Ilê-Ayê e Muzeenza, razão pela qual chegou em quarto lugar no famoso Festival Femadum do Olodum com a bonita letra *Acorde dos Tambores*, que até hoje é cantada nos ensaios do bloco.

HÉLIO SANTOS

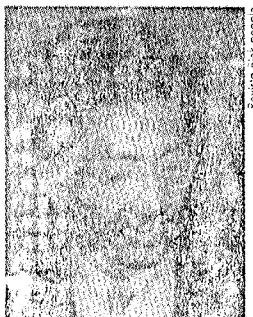
Professor e Cordenador do GTI para a Valorização da População Negra

Nascido na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 20 de junho de 1945. O professor Hélio Santos é graduado em Ciências Contábeis (1969) e Administração de Empresas (1970), pela Faculdade de Ciências Econômicas de Belo Horizonte, com Mestrado em Finanças e Doutorado em Administração pela Universidade de São Paulo. Dentre as atividades docentes desenvolvidas pelo Professor Hélio Santos, constam o Instituto de Ensino Superior Santo André, a Faculdade Oswaldo Cruz e as Faculdades Santana e Pontifícia Universidade Católica de Campinas, nas quais é Professor Pesquisador, do NEINB - Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro, da Universidade de São Paulo. Tem participado de órgãos colegiados e ocupado cargos especiais, tais como a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais (Comissão Arinos), no período 1985-1986 e presidente fundador do Conselho da Comunidade Negra do Estado no Governo Franco Montoro, no período 1984-1987. Paralelamente, recentemente, na qualidade de Conselheiro, integrou o Conselho responsável pela administração da política social do Governo Fernando Henrique Cardoso (1995) e atualmente coordena o Grupo de Trabalho Interministerial Para a Valorização da População Negra, grupo inter-

atualmente militante nas áreas acadêmicas e c munitárias ligadas à negritude como uma das

lideranças mais lúcidas, firmes e serenas; sua atuação, indo além de uma percepção superficial da questão negra, procura atingir a raiz do problema, com a pronta apresentação de soluções imediatas e objetivas. O professor Hélio Santos possui inúmeros artigos publicados sobre a questão racial no Brasil, em periódicos do porte da Revista *Veja* e do jornal *Folha de São Paulo*. Têm participado, também, de diversas bancas de mestrado e de doutorado sobre a temática racial brasileira. Integrado à luta do Movimento Negro promove e é convidado a participar de debates, conferências, palestras, exposições, publicações, entrevistas e diversas atividades ligadas ao tema, sempre com o objetivo de combater o racismo e de valorizar a comunidade negra, no Brasil e no exterior. Neste sentido, merecem destaque sua participação no I Seminário sobre Discriminação Racial no Trabalho (São Paulo - 1984), e conferências preferidas sobre o negro e a Constituinte (Piracicaba - 1985, Campo Grande e São Paulo - 1986). Atualmente, além de coordenar o GTI-População Negra, coordena também o Programa Axé - Se Liga Brasil, veiculado todos os sábados pela TV Bandeirantes, das 12 às 13 horas. O professor Hélio Santos é casado e pai de dois filhos.

Texto de Elânia Inocêncio



Revista das Peças

HÉLIO TURCO

Compositor

Nascido a 15 de novembro de 1935, Hélio Rodrigues Neves tinha apenas 6 meses quando veio com seus pais morar na Mangueira. Em 1956, apesar de nunca ter composto uma música, foi eleito para o cargo de secretário da diretoria da Ala dos Compositores da Mangueira, ala fundada por Cartola e Carlos Cachaça, que a abandonaram devido à insatisfação com a concorrência de Nelson Sargent e Alfredo Português. A tal ala estava em crise, prestes a se extinguir, e por influência do amigo Pelado, Hélio lançou-se candidato e ganhou. Tempos depois, tentou fazer uma letra de samba. Mostrou ao Pelado, que aprovou e musicou. E aí começa a vitoriosa trajetória de Hélio Turco como compositor de samba-enredo da Mangueira. Mais tarde passaria a participar do processo de criação das músicas. A Mangueira desfilou 12 vezes com sambas de Hélio Turco. Com

1971) e uma setima colocação (1985). Henrique Cunha considera o melhor samba-enredo que já fez

o de 1977, Panapanã, o Segredo do Amor, que perdeu para o seu concorrente de Jajá e Tantinho. Em segundo lugar coloca o seu samba de 1984 Yes, nós temos Braguinha, que foi campeão. Apesar de toda esta bagagem de vitórias e experiência, mestre Hélio Turco desabafa: "O samba-enredo me deu mais mágoas do que alegrias".

www.page da Escola de Samba Mangueira

HENRIQUE CUNHA

Líder afro diretor do *Clarim d'Alvorada*

Henrique Antunes Cunha, natural da capital Paulista, onde nasceu no dia 22 de março de 1908. Filho de José Benedito da Cunha e de dona Joana Batista, é casado com dona Eunice de Paula Cunha. Henrique Cunha Júnior é filho único do casal. Como é comum na vida do negro brasileiro, por absoluta falta de oportunidade, Henrique Cunha, confirmado a regra, só pôde começar a estudar o ginásio, depois de 23 anos de idade, concluindo com os naturais sacrifícios e dificuldades, a partir do qual veio a ingressar no curso de Policial Perito Técnico, cargo que desgraçadamente, não pôde ser por ele exercido pelo fato de ser negra a cor da sua pele, pois o seu Diretor, na época, Dr. Brito de Alvarenga lhe afirmou categoricamente que negro não trabalharia naquela função por ele administrada e, contrariando o seu direito de cidadão, experimentou o sabor amargo do racismo mais abjeto. Henrique Cunha no entanto não se deixou abater, deu a volta por cima e foi especializar-se na profissão de Desenhista de Arquitetura, em cujo ramo acabou sendo um autodidata de prestígio, muito embora recebesse somente o salário de escriturário, como funcionário público que era. Henrique Cunha sempre militou nas atividades ligadas à negritude como a sua efetiva participação na direção do Jornal *Clarim d'Alvorada* como confirma a foto inserida no livro ...E Disse o Velho Militante José Correia Leite, de Luiz Silva-Cuti. Este jornal em que Henrique Cunha trabalhou com outros companheiros na ocasião, para que se tenha uma ideia de sua importância, basta que se reproduza umas palavras do orador negro, Guerruá Santana, que ressaltou o significado daquela empreitada jornalística como das "mais importantes, eu mais, fazendo ver que *Clarim d'Alvorada*, pela classe a que pertencia diante dos grandes jornais como o Estado de São Paulo e outros, de certo modo tinha o mérito às vezes até maior, pois não contava com a burguesia endinheirada. Nós éramos um jornal da classe mais pobre, da camada social mais baixa". Henrique Cunha pertenceu e foi um dos fundadores da Associação Cultural do Negro, talvez a Entidade mais representativa

que Henrique Cunha fez inúmeras palestras sobre negritude, ele que desde a idade de 14 anos sofreu na pele a violência da discriminação racial no trabalho. O povo

alvo era das universidades, das instituições educacionais e das associações co-irmãs como os de Americana, Campinas, Jundiaí, Santos, onde levava aos debates as condições de vida do homem e da mulher negra, no Brasil. Este trabalho foi reconhecido. Tanto é que em 1980, quando Paulo Rui de Oliveira era Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, o Vereador Milton dos Santos homenageia Henrique Cunha com mais Ana Florêncio de Jesus Romão, José Correia Leite e eu [este autor] com a *Medalha Gratião da Cidade de São Paulo*. Em 1998, os organizadores da Agenda Afro-Brasileira-98 concedem-lhe o prêmio materializado nessa relíquia que é o *Machado de Xangô*.

HENRIQUE DIAS

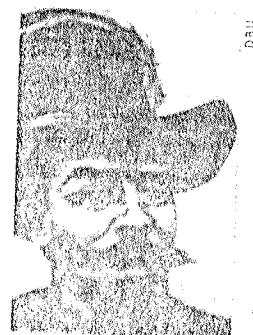
Combatente de Guararapes

É no fragor da Batalha dos Guararapes, o auge das lutas dos brasileiros contra a invasão holandesa, que a flor amorosa de três raças tristes, como cantou Olavo Bilac, que nomes de cada uma dessas três raças se projetam para, através delas, consolidar o sentimento da brasílica nação que surgia no cenário internacional: Vidal de Negreiros, dolido lusitano, Felipe Camarão, indígena por excelência, e Henrique Dias, representando a estirpe negra afro-brasileira. Como neste painel estamos delineando os contornos da personalidade negra que ajudou na formação de nossa nacionalidade, neste caso configurada na pessoa de Henrique Dias, guerrilheiro negro que se destacou naquelas epopeias, com o seu batalhão de negros descalços, conforme os pintou Vitor Meireles. Henrique é uma figura controvérsia pelo fato dos registros históricos colocarem-no, ora como capitão-de-mato que se atirava contra os quilombos, nesse caso, alugando os seus serviços para os escravocratas, ora como herói que lutava com bravura e sacrifício de sua própria integridade física - pois em combate perdia uma das mãos e prosseguia na luta ao lado dos brasileiros na expulsão dos holandeses do território nacional. Em razão desse quadro de sombra e luz, o nome de Henrique Dias para os críticos negros mais severos é visto com reservas. A atuação de Henrique Dias na primeira e na Segunda batalha dos Guararapes em 1618 e 1619 foi digna de um grande militar por estar ao lado de outros valentes soldados, como Vidal de Negreiros e Felipe Camarão, infligindo aos batavos duas aca-

...terceiram encontrar o berço sobre a qual a nação brasileira dera os seus primeiros vagidos de vida, contando-se a partir daí, o surgimento da consciência de nossa própria nacionalidade. Osvaldo de Camargo, em seu livro *O Negro Escrito*, nos relata que Henrique Dias é o primeiro negro que escreveu um texto no Brasil por conseguinte, o primeiro afro-brasileiro letrado. Ele se queixa em carta dirigida ao Rei de Portugal, datada de 1650, de ser tratado com pouco respeito pelos reinôis, com os quais se via obrigado a se relacionar em terras de Pernambuco. Assim começa a missiva: "Senhor, prostrado aos pés reais de vossa Majestade, com toda a devida submissão, manifesto em como há 20 anos que sirvo a Vossa Majestade com bom zelo, que é notório, derramando meu sangue por muitas vezes, e ficando sem uma das mãos que me não faz falta para deixar de continuar na guerra, como atualmente estou fazendo ..." Por esta carta nos é lícito depreender que as chagas do racismo anti-negro já haviam se introduzido no Brasil, dificultando a possibilidade de um salutar relacionamento entre negros e brancos, em nosso país. Talvez Henrique Dias não tivesse a nítida noção desta realidade que, com o correr dos anos, vai se tornando cada vez mais constrangedora para o convívio interétnico entre nós.

1) *Grande Encyclopédia Delta Larousse* - 1970.

2) *O Negro Escrito*, de Osvaldo de Camargo - Secretaria do Estado da Cultura - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.



HENRIQUE FERNANDO DE MOURA

Menino de rua

A discriminação mais brutal - a que se abate sobre um menino de rua, negro, desvalido, é um dos mais tocantes depoimentos registrados por Haroldo Costa no seu livro *Fala Criolo*, um inesquecível painel com 50 negros, de todas as profissões e estatus, escrito logo após o fim do AI-5. Com a palavra, o menino Henrique:

"Tem uns três dias que roubaram a minha caixa de engraxate enquanto eu estava dormindo, e agora estou vivendo na base da amizade. Tem um barbudo aí que é meu amigo, eu chego, levo uma idéia com ele numa boa, aí ele pega me dá uma comida, eu como; tem uns outros que de vez em quando me dão umas roupas, eu visto, arrumo uns sapatos e calço. Desde que eu tinha oito anos que eu me lembro de ser roubado pelos ga-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

agisse apanhava. Eu cresci, mas os garotos maiores continuam levando as minhas coisas. Não sei quem é minha mãe. A única coisa que eu sei é que meu pai é gaúcho e rico, e que minha mãe é mineira e pobre. Isso foi o que me disse uma pessoa lá no Educandário Monteiro Lobato, em Petrópolis, onde estive internado até cinco anos de idade. Fui sempre criado pelas mãos dos outros, dizem que eu fui para o Educandário pequenininho, com um ano; estou com quinze e já passei por um bocado de aperto. Mas não esqueço a cabeça não, tem sempre alguém que me dá uma força, mais coragem de viver. A única coisa que eu fico triste é de ser pobre, andar nessa vida e não saber o que fazer, não tenho onde cair morto, não tenho mesmo onde dormir. De madrugada, nesses edifícios que têm garagens, eu chego perto de um cara - porteiro ou vigia - e peço pra dormir dentro de um carro. Quando ele está de bom humor deixa, quando não, manda eu ir à luta, aí tenho que arrumar um jornal, ou papelão daqueles grandes, fazer a cama debaixo de uma marquise, e dormir. Em 1976 eu estava na Funabem, a do bem-estar do menor, em Quintino, e de repente me deu na cabeça que eu tinha de fugir. Mas também lá não dava pé. A gente apanha demais, os inspetores são uns covardes, só gostam de bater de pau. No Educandário eu ainda aprendi a ler um pouquinho, a escrever, tanto que eu sei assinar a metade do meu nome. Na tal Funabem qualquer coisinha era motivo pra gente apanhar. É uma coisa que eu detesto é apanhar. Não gosto de ver covardia, não topo ver um batendo no outro e também não gosto que me batam. Sabe de uma coisa? Os inspetores tiravam o conga do pé e davam na gente. Quando não era bolo, batiam de soco na boca do estômago, na cara, no saco, em qualquer lugar, pegasse onde pegasse. O único jeito era fugir, não dava pra encarar eles mesmo, então o negócio era dar no pé. E foi o que eu fiz. Um dia eu estava atravessando a rua, o sinal abriu de repente e um carro me atropelou. Fiquei bem uns cinco meses no hospital quando serei me levaram pra Funabem outra vez. E outra vez eu me manglei. Depois deste acidente eu nunca mais me senti legal mesmo. Tem horas que a minha idéia fica meio perturbada, eu fico num estado de nervos que me esqueço quase de tudo. Agora, quando eu estou numa boa, bote a cabeça pra funcionar e não escapa nada. A única coisa que me deixa triste é que eu não tenho nada do que eu quero, se ao menos eu tivesse um serviço pra trabalhar direito e ganhar o meu dinheiro, puxa, aí sim ia ser legal. Do jeito que eu ando é uma vida muito ruim, tem vezes que eu sinto um desgosto danado. Eu queria ser um gerente de loja ou um polícia militar, não esqueço, meu desejo é ser alguma coisa na vida. Só não dou é pra marginal ou ladrão. Isso eu peço muito a Deus para nunca acontecer. A coisa mais triste é um ladrão chegar, roubar um banco e morrer aa

aa queria ser igual ao cabo Paulo, que é um grande amigão meu. Ele dá serviço ali na Cine-lândia, onde eu parava muito com a minha caixa de engraxate, antigamente; agora estou mais pro lado de Copacabana. Mas o cabo Paulo, que é bem preto assim igual a mim vive numa boa. Só anda com carrão do ano, mora em apartamento, tem mulher dele, filhos e tudo mais. Ele disse que vai me ajudar, me dar uma força. Prometeu me levar pra tirar os documentos e conseguir um trabalho pra mim. Tomara. Eu fumo desde os dez anos de idade, mas não bebo e nunca peguei em macinha. Têm uns garotos que andam na nossa turma, uns são engraxates também, mas têm outros que vendem amendoim e drops no sinal, que cheiram cola no saco plástico. Pegam um saco de leite vazio, colocam a cola de sapateiro e cheiram até ficarem doidões. Aí eles roubam os outros, dão bordoadas, fazem um montão de coisa. Nessa eu não entro de jeito nenhum, não vou desgracar mais a minha vida. Eu acredito muito em Deus, quando estou ferrado peço a ele pra me ajudar e ele sempre me ajudou, por isso tenho uma grande fé nele. Também não tenho bronca de ser negro, um dia desses, no botequim da esquina do Posto 5, eu vi um brancoso xingando um cara negro, mas pra ofender mesmo. Ele devia estar pensando: sou branco, que se dane o resto. Porque um camarada que faz isso só pode ser um metido, um orgulhoso. E o que é que tem ser preto? Eu fiquei com pena dele. O primeiro brinquedo que eu tive foi uma bola, mesmo assim comprada por mim".

"Fala Criolo", de Haroldo Costa - Ed. Record 1982

HERONDINO JOAQUIM RIBEIRO ("DINO")

Um dos fundadores dos "Filhos de Gandhi"

Neste ano, o Afoxé Filhos de Gandhi completa 50 anos de fundação. Dino - nascido Herondino Joaquim Ribeiro - também prestou ao jornalista Anísio Félix, oportunamente depoimento sobre a criação daquele que já é uma verdadeira tradição baiana:

"Éramos todos jovens, e na quinta-feira antes do carnaval, conversávamos, sentados embalado na mangueira. Influenciado pelo filme *Gangâia*, que havia visto no dia anterior, "Vava" propôs que formássemos o bloco Filhos de Gandhi, e nós aceitamos. Partimos para conseguir os instrumentos e avisar os outros que o Bloco iria sair no domingo. Na quinta-feira mesmo, já havia sócio. Na sexta-feira, o presidente do Sindicato dos Estivadores, Jaime Silva, sabendo que iríamos botar o Gandhi na rua, nos cortou dizendo e alertando que tudo o que o estivador fazia, era comunismo e que o Gandhi havia sido assassinado há pouco tempo. O medo era de que a polícia atribuisse a brincadeira à uma séria crítica e colo-

em navio, que fomos sair. No momento em que se idealizou o Gandhi éramos uns oito homens presentes. Fazímos hora, embaixo da mangueira, para irmos trabalhar. Éramos eu, Hamilton, "Zoião", "Vavá", Antônio, "Panguará", Máximo... Safamos da porta do Sindicato da Estiva, fomos a Santa Luzia, subfomos o Taboão, Praça da Sé, Rua Chile, fazímos a volta no largo do Teatro, Ajuda, Ladeira da Praça e fomos ao Tororó. Depois fomos ao Garcia, descímos pela Sete Portas, Estrada da Rainha, onde fomos ao Beco do Cirilo. Lá Francelino nos esperava com bacalhau a martelo e bebida. O Gandhi entrava em qualquer casa, por ali, e podia beber e comer. De lá fomos para a Liberdade, descímos para o Uruguai, onde havia pessoas nos esperando, fomos também à Fazenda Grande, para a casa de Helena, mãe de "Domi". De lá, nós nos recolhímos, pois já era por volta de 10, 11 horas da noite. Ao Bonfim, só fomos do terceiro ano em diante. Logo no primeiro dia que saímos fomos a Santa Luzia, pedir a ela que nos guardasse. De lá subimos o Taboão. Quando pegamos o Pelourinho, encontrei, na subida, um menino com um surdo. Comprei-o por 20 mil réis e, logo depois, o pai do garoto desfez o negócio. Fomos, então, à Sé, Rua Chile e fizemos a volta na Ajuda. Foi quando encontramos o carro da "Vassoura Fiel", com alusão a Jânio Quadros. Foram distribuídas muitas vassouras e os componentes do Gandhi seguraram algumas. Depois fomos ao Terreiro de Jesus, demos uma volta redonda e nos recolhemos. Na terça-feira o número de componentes cresceu; os que tiveram medo de sair no primeiro dia saíram na terça e formamos uns cento e poucos homens. Fomos bem sucedidos e, hoje, o Gandhi é isso que está aí, com sete mil homens. Santa Luzia era uma questão de fé; nosso amparo à santa mais próxima. Todo estivador é devoto de Santa Luzia. Sua festa é no dia 13 de dezembro. Os estivadores cooperavam e iam lá. No Julião, nós fazímos uma outra festa para Santa Luzia. Tinha uma festa na Igreja, outra no corredor do Sindicato da Estiva e outra no jardim da Praça Deodoro. O Ghandi saiu como brincadeira. No início era a Sociedade Recreativa e Carnavalesca Filhos de Gandhi. Para efeito de julgamento, a Bahiatura nos classificou como afroxe. No início, saímos cantando "Entra em Beco, Sai em Beco e é filé-lá-ê-ô". Não tinha ninguém de candomblé. Com o tempo o número de pessoas foi aumentando e chegou muita gente de umbanda. Eles trouxeram as cantigas e introduziram os trabalhos. Eles achavam que tínhamos que fazer despachos, porque o Gandhi começou a ser muito aplaudido e perseguido por outros blocos. Por uma questão de princípios, aprendemos na estiva que mulher entre homens gera ciúme e discussão. Decidimos, então, que elas não sairiam com o Gandhi. Bebida também era proibido. A juventu-

miradora. Mesmo quando já estava docente, alugava uma sala no centro, só para ver o Gandhi passar. Tinha outra madrinha, que não me lembro o nome; era uma professora de São Caetano. Ela bordava para nós, com todo o gosto, e não cobrava nada. Nós fomos à Fazenda Grande para homenageá-la. No primeiro ano cada um deu entre 5 e 10 mil réis para comprar lençol, toalha e "malandrinha". Não acredito quando Cid Teixeira diz que as mulheres do Julião nos deram os lençóis. Elas nem sabiam que nós íramos sair! Elas tinham as suas vidas e nós a nossa. Não existe documento do Gandhi, porque havia só duas cabeças na reunião. O presidente e o tesoureiro. Eram Vavá e Antônio. Dizem que havia um documento com Antônio contendo o número de participantes e a contribuição que levantamos no primeiro dia. Ele morreu e nunca deu a ninguém esse documento. No terceiro e quarto anos, começamos tudo de novo. O dinheiro que se gasta agora é diferente do amanhã. Os preços são alterados, não há pagamento fixo. A diretoria é quem faz a previsão do que vai se gastar. Não sei quanto se gasta agora. Agora não se vê mais alegorias no Bloco, pois isso depende da diretoria. A atual acha que deve-se aumentar o número de lanceiros. Acho que, deixando de sair, não quebra a tradição, a não ser que se mudassem as roupas e as cores do Gandhi, que vem desde 49. O Gandhi é esperado na rua com esse traje. As alegorias podem mudar. Antes tinha o elefante, a cabra e o camelo; hoje temos a pomba da paz e podem haver outras alegorias, mas o traje tem que permanecer. O homem que sai com um cajado, é sócio novo, mas é amigo do Gandhi. Chama-se Domingos e tem um barzinho, o "Preto Velho", muito conhecido. O dono do bloco era amigo nosso e não houve briga por isso. Deixou de sair, acho que acabou como todos os outros; "Filhos do Mar", "Filhos do Fogo", "Vai Levando". O Filhos de Gandhi foi o único que se manteve. Muitos outros blocos estão voltando com outros nomes. Antes do Gandhi tinha o "Oceania Futebol Clube", criado em 36, do qual sou fundador e disputei muitos anos. O pivô do Gandhi, foi o "Comendo Coentro" que fundamos e saímos de 1946 a 1948, para desbancar o "Rosa de Adro", um caminhão que saía de Itapagipe. Vencemos todos os anos. Em 1949 o dinheiro era pouco e se nós saíssemos, seríamos inferiores, pois no ano anterior, nós saímos de macacão branco de brincetim, gola e punho de laquê azul, basqueteira branca com frisos azuis, vermelhos e brancos (comprada na Casa Clark), boné azul, vermelho e branco. Em 1949 o traje seria mais caro e, como não tínhamos dinheiro, resolvemos não sair e criamos o Gandhi para sair no carnaval. Antes do "Comendo Coentro", tinha o "Brinca Quem Pode", um carro conversível. Era um cadillac, que foi vendido para o Rio de Janeiro para servir de lotação, pois pegava 21 pessoas. Saímos da Ribeira com

právamos uma caixa de gasosas e fomos para a Ribeira brincar. Era essa nossa bebida. Em qualquer parte do Brasil que o Gandhi for estarei satisfeito. Fomos a Mar Grande inaugurar um ginásio, a convite do governador Roberto Santos. Fomos a outros lugares como Cacha Prego, Alagoas, São Paulo... É uma vitória para nós. Se qualquer homem do poder nos convidar para qualquer lugar, o Gandhi irá, porque é utilidade pública. No Julião, os estivadores costumam ter uma grande sala, um quarto para trocar de roupa e ir ao serviço. Era onde nós nos reunímos e guardávamos as coisas. A primeira sede foi a escadaria do Julião. Depois alugamos uma casa grande perto da igreja de Santo Antônio dos Pretos, era a sociedade lara. Alugamos só uma sala, mas tínhamos direito à casa toda. Ali abrigávamos o Filho do Mar e outros blocos que precisavam. Depois saímos da lara e ficamos perto de onde é a sede hoje. O vereador Nilton Moura Costa fez um sorteio de salas no prédio ao lado. Fomos em comissão, três vezes, ao Mário Kertész, a Antônio Carlos Magalhães, para nos ajudar a comprar a sede em Santo Antônio, mas Antônio Carlos Magalhães nos deu essa. O sindicato sempre teve bons advogados, como Edgar e Antônio de Matos, que foi Secretário da Segurança Pública, Divaldo Passos, Epaminondas de Carvalho, diretor da penitenciária e principalmente, Jaime, que era um bom advogado. Na época, o Sindicato avisou a todos que ficassem de prontidão, para qualquer eventualidade. Só quem conhece a história do Gandhi, são os estivadores e fundadores que estão lá até hoje. O resto não tem nada para dizer. A diretoria tem serviços prestados, mas não sabe dizer nada. O Sindicato dos Estivadores é o patrono do Gandhi, até hoje. Agora o Gandhi é para todos, não só para estivadores. Sou fundador do Filhos de Gandhi. A diretoria é toda do Filhos de Gandhi. Na primeira assembleia, na esquina do Solar do Ferrão, nós demos início ao bloco feminino. Acho que hoje o Gandhi está bem, é conhecido internacionalmente e tem muitos componentes. Mas não há muita diferença. Antes eram só velhos e pais-de-santo; hoje são todos jovens. É difícil manter a ordem entre sete mil homens. Só o exército ou a polícia conseguem fazê-los manter o respeito. Hoje a maioria dos fundadores pertence ao Conselho Deliberativo e nós somos respeitados pelo presidente, mas se houver homenagens, tem que partit deles. É uma grande emoção porque começamos pequenos e crescemos muito. Hoje somos conhecidos no mundo inteiro, através do turismo e da televisão. Sou fundador e idealizador. Tenho parentes que saem hoje no Gandhi. Isso é enaltecante. Saí todos os anos; só fiquei de fora quando o Gandhi deixou de sair durante dois anos. Só vou deixar de sair, quando me faltar perna".

*Do livro "Filhos de Gandhi".
Anísio Félix - Gráfica Central, 1997*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

ILKA BOAVENTURA LEITE Historiadora e poeta

Nasceu em Pirapora, Minas Gerais, 1956, filha de Edmundo Boaventura Leite, dentista, e Ilka Vargas Boaventura, dona de casa. É a sexta e última filha do casal. Tem dois irmãos e três irmãs. Seus pais, ele de Curvelo e ela de Paracatu, Minas Gerais, encontraram-se em Pirapora, onde se casaram, tiveram os filhos e residiram por muitos anos. Ilka, a mais nova, fez o curso primário em Pirapora e o curso secundário e universitário em Belo Horizonte, para onde a família se mudou e vive até hoje. Após concluir o curso de graduação em História na UFMG, ingressou no mestrado na Universidade de São Paulo (USP), onde concluiu o doutorado em Antropologia em 1986. Desde as primeiras pesquisas, demonstrou interesse em estudar e resgatar a parte relativa à origem africana de sua família e à cultura brasileira. Seu avô paterno, um músico e maestro mulato, despertou-lhe o interesse pela música e pela poesia. Publicou dois livros de poesia, *Sangüínea* (1980) e *A Bom Bordo* (1996). Pesquisou a história e as representações sobre os negros em Minas Gerais, tema de sua tese, hoje publicada em livro intitulado *Antropologia da Viagem: relatos de viajantes estrangeiros sobre o negro em Minas Gerais - século XIX*, (Editora da UFMG, 1996). Em 1986 começou a lecionar na Universidade Federal de Santa Catarina, onde orientou muitas dissertações sobre o tema do negro e criou o Nuer -

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas. Desenvolveu vários projetos de pesquisa sobre os negros na região sul, publicou artigos sobre o assunto e o livro *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade* (Editora Letras Contemporâneas, 1996). Coordenou o projeto *Pluricidade e Intolerâncias: relações interétnicas no sul do Brasil*, o qual resultou em vídeos, revistas e boletins, além de inúmeros eventos científicos enfocando a questão do racismo e da invisibilidade dos negros no sul do Brasil. Em 1997, fez pós-doutorado na Universidade de Chicago, IL, USA, onde desenvolveu o projeto *Territorialidade Negra: identidade, etnicidade e política*. Atualmente o Nuer, sob sua coordenação, desenvolve um projeto que discute *Fragmentação das identidades: violência e expropriação das terras dos negros*. O Nuer dá assessoria às comunidades na regulamentação de suas terras, de acordo com o artigo 68 das disposições transitórias da Constituição de 88.

Texto de Marcos Rofino Coneta

ILZA ROSA DE SENNA Pedagoga

“Assumo prazerosamente a minha negritude, não por modismo ou qualquer tipo de encenação; eu nasci assim e vou viver assim feliz da vida”. É o que nos diz Ilza Rosa de Senna, do alto de sua morenidade, como brava e culta sulmatogrossense, nascida na cidade de Corumbá nos idos de 27 de outubro de 1951.

Filha de Elza Viegas da Silva e de Fláviano Rosa de Senna, Ilza Rosa fez os seus estudos preliminares na cidade natal, para posteriormente adquirir a nobre profissão de professora e pedagoga. Filiada ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), agremiação na qual sempre militou, sob cuja doutrina pregada por Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e Tancredo Neves recebeu os ensinamentos políticos que haveriam de lhe orientar junto à juventude pemedebista, entidade que integra o Diretório do partido no Estado do Mato Grosso do Sul. Ainda que admitamos que Ilza Rosa se encontra em plena flor da mocidade, como ela iniciou muito cedo as suas atividades profissionais, não é de se admirar que já tenha exercido os cargos de professora, diretora de escola pública, diretora dos departamentos escolares especializados, coordenadora estadual da Fundação Educar, secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul e conselheira estadual de Educação do referido Estado por dois mandatos, perfazendo 3 anos de exercício. Na verdade, como Steve Biko, herói nacional da África do Sul assassinado pelo regime do “apartheid”, Ilza dirá parafraseando-o: “Falo alto! Sou negra e tenho orgulho de ser negra!”. Não é sem precedência ideológica que a professora Ilza inclui-se entre os que reconhecem que “segundo dados estatísticos, os mais confiáveis, os negros somam quase metade da população brasileira. Participaram efetivamente na construção da riqueza

dade brasileira. Na escola também não é diferente. Temos um currículo totalmente voltado para uma concepção de mundo eurocêntrica desvinculada de nossa realidade, constituindo-se assim numa verdadeira camisa-de-força para os afro-brasileiros. Devido à forma como está estruturado este currículo, o aluno negro não encontra na escola nenhum referencial de identidade, seu mundo cultural não é respeitado e considerado, logo sua auto-estima não tem se estruturado de forma positiva. Nos mais variados conteúdos que compõem estes currículos, o aluno negro não é contemplado. É como se ele não existisse. Quem se dedicou a vida inteira a trabalhar o ensino como ciência libertadora, nos termos propostos por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, há de encontrar na professora Ilza Rosa uma parceira leal, comprometida preparada para reverter esta realidade. Sendo atualmente diretora técnica do Instituto do Trabalho Dante Pelleciani, a professora Ilza Rosa de Senna é coordenadora nacional do projeto *Alfabetização e Profissionalização nas Obras*. Didática, foi palestrante em vários seminários de Educação. Se o negro for contemplado em projetos dessa envergadura está a um passo de sua cidadania real e não virtual, como entendem alguns que problematizam a questão da negritude brasileira.

INAIÁ SARAIVA PRUDENTE

Médica

Inaiá Saraiva Prudente, natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 29 de fevereiro do ano de 1960. Casada, é esposa de Wilson Prudente. Graduada em Medicina, formou-se em oito de dezembro de 1984 pela Escola de Medicina da Fundação Souza Marques, do Rio de Janeiro. Fortemente inclinada, por vocação, para as ciências médicas, Inaiá Saraiva Prudente fez residência médica em Pediatria e Puericultura no Hospital Estadual Carlos Chagas, cumprindo um período de dois anos. Profissional consciente e altamente qualificada para o exercício da medicina, Dra. Inaiá Saraiva Prudente é médica concursada da Prefeitura Municipal da cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, onde atua em Módulo Comunitário de Saude de Santo Antônio da Serra, há mais de dez anos. É ainda concursada pela Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, com presença efetiva há dois anos no Serviço de Neonatologia do Hospital Estadual Azevedo Lima, na cidade de Niterói, onde reside com sua família. Fez, também, consultório de pediatria e puericultura, com atuação de 7 anos no Posto de Saúde de Rio Ouro, em São Gonçalo. Sendo a Medicina a sua auto-realização profissional e humana, a Dra. Inaiá Saraiva Prudente ingressou, através de concurso público, na prefeitura da cidade de São José dos Campos, no Esta-

pronto-atendimento em Emergência Pediátrica. Quando se diz que a mulher, em geral, e a mulher negra, em particular, acumula atividades e funções de dupla e até tripla jornada, não se está exagerando. Por uma questão de exigência da sociedade capitalista brutalizada e empoderada, isto acontece regularmente, sacrificando enormemente este segmento mais sensível e operoso de nossa sociedade. O caso de Inaiá Saraiva Prudente é bem representativo dessa dura realidade que envolve a mulher negra quando esta se dispõe a enfrentar a situação. Cuidar da família, dos filhos e da profissão é tarefa nobilitante, mas que traz desgastes, quantas vezes irreparáveis, para quem não abre mão de suas responsabilidades diárias. Inaiá ainda encontra tempo para dedicar-se ao seu consultório particular, onde atende diariamente a diversos convênios. Sem se esquecer de suas obrigações cívicas para com as atividades de interesse de nossa negritude, esta médica negra participa periodicamente de Cursos de Atualização e de Congressos Médicos relacionados à sua área de atuação profissional.

IRACEMA DE ALMEIDA

Uma das primeiras médicas negras

Iracema de Almeida, natural da capital paulista, onde nasceu no dia 31 de agosto de 1925, é filha de Custódio Carlos de Almeida. Viúva, é mãe de Anselmo Antônio de Oliveira, que hoje é professor de Educação Física. Iracema de Almeida, professora de música diplomada em piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, é médica de profissão, formada pela Escola Paulista de Medicina, entre as décadas de 40 e 50, tornando-se assim a facultativa negra mais conhecida e estimada pela segunda geração de descendentes de escravos em São Paulo. Por isso, o prestígio, o renome e liderança por ela exercida nesse período, foram altamente decisivos e estimulantes para os negros que dela se acercavam, fazendo com que fossem para a escola, rompendo séculos de analfabetismo e se esforçasse para que

mo pelo fato de saber que existia, entre os seus, uma negra médica; que negro era capaz de curar, de aviar receitas, de usar estetoscópio como qualquer branco. A sua presença no mundo das ciências médicas quebrava um tabu histórico, uma vez que a Dra. Iracema de Almeida, burlando vigilância psicológica ou mesmo racismo pertinaz, transpunha, com sucesso, a linha da cor de que tanto falavam os sociólogos, e mantinha-se fiel à sua etnia, à sua raça e à sua gente. Além do mais, esta médica bem sucedida é versada em inglês, francês e espanhol, o que faz dela uma poliglota sem as veleidades de intelectualóides. Convivendo com os mais humildes, mantinha no bairro de Vila Prudente, dois consultórios, um em que ela ganhava honradamente o seu pão de cada dia e outro em que atendia, gratuitamente, a população carente da redondeza, de quaisquer matizes. Dra. Iracema criou o *Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros*, que se tornou conhecida pela sigla *Geteplin*, pelos idos de 1960. Por esta instituição passaram vários jovens negros ávidos em colaborarem com os ideais da distinta médica e de se descobrirem, por força da liderança de Iracema de Almeida, que encaminhava alguns para a vida trepidante da iniciativa privada e outros para as fides ásperas mas fascinantes do mundo universitário. Iracema de Almeida, *mutatis, mutantis*, era para a geração negra do pós-guerra, o que é hoje o Frei David para a geração dos que lutam para ingressar nas universidades. Conta-nos, Dra. Iracema que "Quando Dr. Alípio Correia Neto, seu professor de medicina percorria as enfermarias, deparou-se com ela e disse-lhe com ares de premonição. Você terá uma grande luta pela frente". Ela não gostou e ficou muito brava, ainda que em silêncio. Mas, tanto no Conservatório, quanto na Escola de Medicina, Iracema percebeu que sua vida não iria ser diferente do que previa seu ilustre mestre. Dra. Iracema de Almeida desfruta do merecido repouso, como uma grande heroína que se não queimou na fogueira das centrações da vida, muito embora sinta-se um tanto quanto chamuscada pelas fagulhas de suas vicissitudes.

ISABEL FILIARDOS

Atriz e cantora

Ela nasceu para ser estrela. Dá-se ao luxo de colocar em segundo plano a carreira de modelo, apesar de já ter estampado várias capas de revistas europeias, virando atriz aos 19 anos de idade, sem nunca ter cursado artes cênicas. Mais do que isto: teve o privilégio de ter inaugurado seu nome na dramaturgia com o título de *Revelação do Ano*. Foi o que aconteceu em 1993, quando Isabel apareceu na tela da TV Globo como a Ritinha, da novela *Renascer*.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

de atriz e modelo, é apresentadora do *Fantástico*, dividindo o cenário com Pedro Bial, Norton Nascimento e outros. E ainda diz que tudo aconteceu por acaso. Isabel fala com conhecimento de causá. As boas chances quase sempre vão atropelando seu caminho. Na verdade, tudo começou quando tinha 11 anos e passou a participar de concursos e desfiles em escolas. Foram os primeiros passos para o estrelato. Aos 15 anos, estimulada por amigas, participou do concurso do North Shopping, no Rio de Janeiro. Não levou o prêmio. Ficou em segundo lugar, mas foi descoberta por uma editora de moda. Foi aí que surgiu a oportunidade de integrar o casting da *Oficina de Moda*, que tinha no comando Silvia Pfeifer. Na época, a Globo estava à caça de modelos para a minissérie *Sex Appeal*. Isabel fez testes, mas a emissora decidiu preservá-la para a novela de Benedito Ruy Barbosa. "O papel da Ritinha era pequeno, mas tive uma boa escola. E fui bem recebida por todos os atores de *Renascer*. Foi com essa química que me tornei atriz e o personagem cresceu na trama", afirma. Química, aliás, é o que não falta a essa leonina, nascida em 3 de agosto de 1973, que se diz carioca da gema. De uma alquimia entre negros, índios e brancos resultou Isabel Cristina Teodoro Fillardis. Os dois "ll" no sobrenome são um toque artístico, sem nada de numerológico. Não que ela não seja ligada no esoterismo. Pelo contrário, é leitora assídua de horóscopo, evita usar roupas escuras no dia-a-dia e gostaria de dedicar tempo aos estudos esotéricos. Decidida, antes mesmo de integrar a saga cacauera de Benedito Ruy Barbosa, já dividia o mesmo palco com Lilian Valeska e Karla Prietto, com quem formava o trio *Sublimes*. Criado pelo produtor Alexandre Angra, que quis refazer o estilo das *Sublimes*, sucesso entre as décadas de 50 e 60, o trio agora não conta mais com Isabel, que saiu do grupo há um ano, após 5 anos de apresentações pelo Brasil. Segundo ela, só deixou o grupo porque era impossível conciliar as duas carreiras distintas. Porém, mesmo longe do grupo, não descarta a chance de um dia voltar ao mercado fonográfico. Muito menos consegue ficar afastada do ofício. Desde o início do ano retornou às aulas de canto. Diz que uma das magias de sua vida é cantar. Faz parte de sua personalidade. No ano passado, mostrou sua veia musical em *A Escrava Anastácia*, que marcou sua estréia nos palcos. No momento, a teledramaturgia está em primeiro plano. Terminadas as



trando-os, pela primeira vez, como uma família de classe média. Filha mais velha de seu Valdemil, um militar que apoiou a decisão da primogênita em trocar as salas de aula pelas passarelas, fez magistério. Chegou a dar aulas para crianças. Em casa a torcida é grande para a atriz-modelo-cantora. A irmã Jackeline, de 17 anos, e o irmão, Valdemil Jr., de 12 anos, funcionam como assessores e secretários. Fora de cena ela se define como uma pessoa tímida e quieta.

Texto de Elaine Inocêncio.

ISABELA QUEIRÓZ DE JESUS

Estudante de Comunicação

Nascida no Rio de Janeiro, filha dos artistas Clementino Kelé e Chica Xavier, a estudante de Comunicação da Faculdade Hélio Alonso, na capital fluminense, Isabela Queiróz de Jesus, nos dá seu depoimento objetivo, franco e, principalmente, extremamente lúcido, deixando claro que as novas gerações estão mais conscientes do que nunca de seu papel de enfrentar de forma profunda a questão racial no Brasil que, como nos aponta a jovem Isabela, em nosso país confunde-se com a própria identidade cultural e histórica do nosso povo:

"A diferença por ser preta a gente vê e sente na maneira como as pessoas olham quando se entra num lugar, mas eu nunca deixei que isso me barrasse, de forma alguma, isso nunca vai me barrar porque eu tenho a consciência do que sou e acho que não sou nenhuma aberração da natureza. Sou uma pessoa como outra qualquer e tento seguir a minha vida de uma maneira justa, honesta, onde se eu estiver errada, estarei não por ser negra. E se eu estiver certa, estiver com razão numa coisa, ninguém vai me tirar esta razão por ser negra. Eu tenho orgulho da minha própria condição como pessoa e orgulho da minha família que, graças a Deus, tem uma conscientização absoluta, que assume a nossa posição na sociedade. A gente sabe qual é o nosso lugar, não é

tez aula de voz e expressão. Mal deu tempo de cumprir outras matérias do currículo e foi chamada para fazer a novela *Fera Ferida*, assinada por Aguinaldo Silva, que precisava de alguém com o seu perfil. Do realismo fantástico de *Fera Ferida*, ela deu um salto para o cenário urbano de *A Próxima Vítima*, novela que entrou para a história da teledramaturgia por ter tirado os negros da senzala e dos serviços domésticos, mos- tino Kelé e este fato sempre fez de mim e dos meus irmãos uma espécie de exceção. Nós éramos e ainda somos apresentados como filhos de artista, esta marca permanece. É aí que as pessoas nos apresentam, desta maneira, como se fosse uma justificativa, como se dissessem: estes são diferentes, não entram na classificação normal dos negros. Boa parte dos papéis que minha mãe interpretou até hoje foi como empregada ou escrava, assim como meu pai, escravo ou servente. Eu acho que aqui no Brasil o progresso para as pessoas, independente da cor, se faz de uma maneira muito lenta. A escravatura aqui foi de maneira diferente, aqui a gente não chegou a conquistar a nossa própria liberdade; a Abolição teve mais a ver com interesses políticos da época do que realmente com o problema da escravatura. Então, o que acontece, é que o negro fica meio sem rumo, ele não sabe exatamente o que está acontecendo com ele e o que já aconteceu. Por exemplo, a gente conhece a história do Zumbi dos Palmares, mas de maneira fantasiosa, como se fosse quase uma ficção, e isso faz parte da educação da gente. E isso faz com que a pessoa fique completamente perdida, e o impacto de informação que a gente recebe pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, não ajuda muito. Diria mesmo, não ajuda nada. Não existe uma conscientização por parte da televisão, da publicidade, nada define o comportamento do negro atual porque para elas, praticamente, o negro inverte, a função dele na sociedade ainda não foi detectada. Você liga a televisão e, na propaganda de xampu, por exemplo, o que é que se vê: aquela dona linda, maravilhosa, mas loura, coisa inclusive fora do padrão étnico do próprio brasileiro, porque o brasileiro é uma mistura, mas eles preferem o nível europeu que nada tem a ver com a gente. O que quer dizer que o brasileiro é em si mesmo um desencontrado, não atina com a sua identificação. Negro e índio estão à margem. O brasileiro ainda não se encontrou e quando se encontrar aí a gente poderá dizer que o negro brasileiro vai se encontrar também. Eu estou no terceiro ano do curso de Comunicação da Faculdade Hélio Alonso e uma coisa que eu tenho notado é o número de estudantes negros, que cresce de ano para ano. E este eu acho que é o caminho, a educação é uma coisa muito importante e aí está um dos grandes problemas brasileiros em termos de progresso, de civilização. O povo não tem educação, e se ele não tem educação, não tem conscientização. É a conscientização que faz com que as pessoas pensem, e quem pensa muda, é claro, para melhor. Se você tem a oportunidade de meditar sobre todos estes problemas de cor, de raça, vê logo a fragilidade que essas coisas têm. É preciso não se acomodar numa posição de-

tem a história que ele mesmo criou, e a favor dele. Então o que acontece é que a gente tem que seguir o caminho, a gente tem que ser aquilo que a gente quer ser e fazer esforços nessa direção. Problemas existem para todas as pessoas, então se eu ficar naquela de autocompaixão, coitadinha de mim, eu sou uma pretinha que não vou conseguir nada na vida, aí eu estarei cavando o meu próprio buraco, eu estarei fazendo o jogo errado, e eu tenho que fazer o jogo certo, tenho que jogar para vencer. Nesse jogo não tem aquela de jogar para competir, a gente tem que jogar para vencer. Por outro lado, é necessário estar alerta para não se deixar envolver pelo colonialismo cultural, do qual o brasileiro, de uma forma geral, é um dócil vassalo. A gente assimila mal as coisas, naquele do *ouve o galo cantar mas não sabe aonde*. Não se pode querer importar os lances negros americanos para aqui. Temos que atentar para o fato de que a nossa realidade é outra, temos que ter em mente o que é que o brasileiro está passando e sofrendo, porque a evolução do americano, negro, branco, azul ou amarelo está muitos anos à frente. A gente tem que pensar no aqui, agora. Essas coisas que andaram por aí, tipo Black Rio, etc., rendem muito mais para a indústria do disco e afins, do que para o processo de melhoramento do negro daqui, que já esbarra na sua própria definição. O mulato, por exemplo, não sabe o que acha de si próprio. Ele está em cima do muro. É aquele negócio, ele é fruto de uma pá de problemas históricos, então ele não sabe se descamba para um lado ou para o outro. Nos Estados Unidos o mulato se assumiu ou foi obrigado a isso. Lá ele é negro, mas aqui no Brasil as coisas são diferentes - e por isso não dá para querer copiar o modelo - o mulato é mulato, o moreno é moreno e existem ainda as ramificações: o moreno claro, mulato claro, moreno escuro, mulato escuro. Toda essa nuance aumenta o problema, porque aí o cara não se encontra, não sabe onde está. Na maioria das vezes ele se assume como branco, quer dizer, se tem a pele um pouco clara, ele dá um alisado no cabelo, não vai à praia. É, eu já escutei casos assim, de gente que não queria que o filho fosse à praia para não pegar cor. Aí é quando a criança cresce com aquele medo e acha que a melhor opção é se sentir branco. Sendo branco, deduz, eu vou conseguir isso, vou conseguir aquilo outro, e ele cria um problema para si e para o negro, porque ele quer que o negro nem chegue perto dele, renega as suas origens, não quer se comprometer, tem verdadeira alergia ao negro. Na maioria dos casos, esses tipos são os mais racistas, os mais intolerantes, têm pavor do próprio passado. É vasta a mitologia do negro brasileiro. Quando digo mitologia me refiro ao repertório de lugares-comuns e habilidades que

po de comparar o negro ao cavalo garanhão, reflexo da figura do reproduutor que existiu durante os tempos da escravidão. É ainda a idéia do diferente, do especial, que carrega em si uma forte conotação discriminatória. É o mito da negra ardente e do negro abrasador. Agora, há um mito que o próprio negro criou e do qual ele tem de se libertar, me refiro particularmente àquele que tem o poder aquisitivo. Por complexo de inferioridade ou por medo, muitos se furtam a frequentar lugares que a classe média frequenta. E isso é um atraso. A gente tem que ir aos lugares, tem que frequentar, desde que o ambiente possa nos dar prazer e a nossa condição econômica permita. Um restaurante chique, um bar de categoria, eu acho que quem tem a oportunidade não deve deixar de ir, se há uma brecha por que não aproveitar, marcar presença, fazer bonito? A gente tem todo o direito, não existe nada que o impeça. O mesmo se dá com a moradia. A nossa família, por exemplo, sempre morou em Botafogo, mas eu conheço muita gente que prefere morar na Zona Norte porque acha que lá é o lugar dele. Não tenho nada contra a Zona Norte, mas quem resolve morar lá baseado nesse motivo está mascarando um problema, está fugindo para não brigar, para não fazer uma melhoria que a situação permite. Então fica dizendo: na Zona Sul negro mora em morro, na Zona Norte estou perto dos que me são iguais. Isso é avalizar uma separação que não tem por que existir, e dá munição para os contrários. É preciso não ter vergonha de ser preto. Ser preto não é doença".

Fala Crioulo - Hardo Costa Editora Record - 1982

ISMAEL SILVA

Cantor e compositor

Filho de Benjamim da Silva, cozinheiro de profissão para uns; para outros, simples operário, Ismael Silva nasceu na praia de Jurububa, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1905. Tornando-se órfão de pai, ainda muito cedo, com apenas três anos de idade, Ismael Silva em companhia de sua mãe Emilia, lavadeira, transfere-se para o Rio de Janeiro indo morar, coincidentemente, no bairro do Estácio de Sá, reduto dos bambambans do samba da época. Nisto, parece que o destino se incumbiu de reescrever a mesma história que se deu com Bide, que acabaria por ser o seu maior parceiro em termos de criação e ginga da malandragem: ambos nascidos em Niterói; ambos começando a vida de sambistas



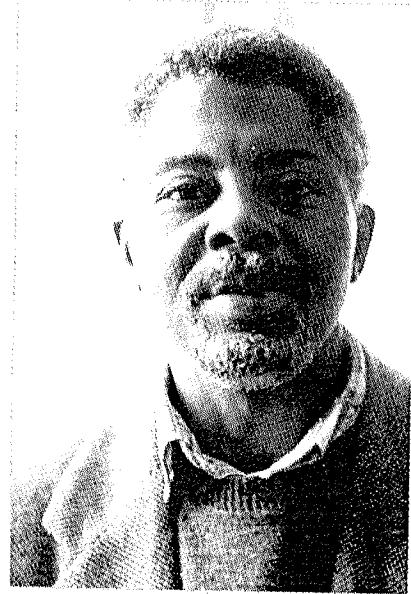
camaradas da boêmia inteligente na qualidade de um mano Edgar, de um Brancura, de um mano Rubens, de um Nilton Bastos, fora-lhe decisiva para imprimir-lhe a direção que Ismael tomaria na carreira que acabava de abraçar: a de sambista profissional. Passando regularmente pelo Café Pólo, onde os sambistas da ocasião se reuniam para bater papo e trocar temas que usariam para compor as letras e as músicas de um novo samba, a amizade entre eles e Ismael se consolidou e alcançou até os morros do Salgueiro e da Mangueira. Em 1925, com vinte anos de vida, já havia gravado o seu primeiro samba, com o título de *Me Faz Carinho*, muito embora o registro só contasse com o nome do criador da melodia, que teria sido do Cebola, por este ser pianista. Na verdade, o nome do compositor Ismael Silva só começo a aparecer nos registros, em 1927, quando no hospital da Gamboa se restabelecia de uma enfermidade. Ali recebeu, naqueles dias, a visita do compositor Bide que trazia a proposta da compra de um dos sambas de Ismael, da parte do cantor Francisco Alves. Nesta altura dos acontecimentos, Ismael já estava integrado na roda da malandragem do samba; já conhecia Francisco Alves, o Rei da Voz, Mário Reis, Nilton Bastos que faleceu em 1931, vítima da tuberculose e Mano Edgar, que fora assassinado em uma roda de jogo. Tentando mudar de clima, Ismael Silva muda-se para a rua Visconde do Rio Branco, dando início a sua parceria com Noel Rosa, o Papa dos sambistas brasileiros. É ainda Francisco Alves quem grava, em 1932, o samba dessa nova dupla, *Para Me Livrar do Mal*. Com Noel Rosa, Ismael Silva fez também, *Adeus, Ando Cismadoe A Razão dá-se a quem tem*. Também como intérprete, Ismael grava em 1932, *Escola de Malandro*, desta vez cantando com Noel Rosa, afastando-se em seguida do meio artístico por algum tempo. Todavia, voltaria a atuar em 1950 com o samba *Antônico* e se firmou a partir daí, desta vez aparecendo em shows, como *O samba nasce no coração*, realizado na boate Casablanca, no Rio. O ponto alto de sua vida foi em 1960, quando Ismael Silva é eleito o Cidadão Samba. Afasta-se de novo para retornar em 1964, no restaurante Zicartola. Ismael realiza com Aracy de Almeida, no Teatro Opinião, o musical, *O Samba Pede*

Passagem. Sua última aparição se deu em 1973 em *Se Você Jurar*, espetáculo de estréia do teatro Paol de Curitiba. Em 1978, aos 72 anos de idade, falece Ismael Silva, no Rio de Janeiro, e seu corpo foi velado no Museu da Imagem e do Som.

Da Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Ivamar dos Santos, natural da capital paulista, onde nasceu no dia 19 de fevereiro de 1958, é filho de Hilda Alves dos Santos e de Ivo dos Santos, casal que teve mais quatro filhos: Ivair, Iani, Ilza e Augusto Alves dos Santos. Ivamar dos Santos, casado, é esposo de Etelvina Umbelino, de cuja união nasceram dois filhos: Jorge Luiz dos Santos e Felipe Henrique dos Santos, duas jóias dessa família afro-brasileira. Ivamar dos Santos chegou a cursar História, na Faculdade de Mogi das Cruzes, em São Paulo, e só não concluiu o curso por razões de ordem financeira. É interessante notar que Ivamar começou a sua militância política por incentivo de seus pais, que apesar de suas condições humildes, jamais se mostraram alienados. O caminho de sua militância afro teve início no Movimento Negro Unificado, em São Paulo, Bela Vista, na casa da Menina Mãe do Bexiga e nos encontros regionais, estaduais e municipais de crianças e adolescentes pobres do Centro Comunitário de Meninos de Rua, ministrado pelo saudoso e estimadíssimo Padre Batista. Ivamar dos Santos atuou no Grupo Teatral da cidade de Campinas, denominado, *Correntes Negras*, e, em 1978, participou da fundação de uma entidade em São Paulo, no Bairro do Ipiranga conhecido como *Cacupro*, presidida pela médica Iracema de Almeida, da qual participaram também, Rafael Pinto, Wanderley José Maria, Hamilton Cardoso e tantos outros jovens negros universitários. Sua primeira experiência política propriamente dita foi como delegado eleitoral do PMDB, do bairro de Vila Rica, Zona Leste de São Paulo que, na ocasião, apoiou a candidatura do professor Hélio Santos. Depois Ivamar, com outros companheiros, filiou-se ao PSDB, onde permanece até hoje, depois de breve passagem pelo PC do B, ao lado do Grupo Unegro. Em 1980, motivado pelo seu espírito libertário, viajou com seu irmão Ivair Augusto Alves dos Santos para Angola, onde permaneceu por três anos, desenvolvendo trabalhos na área cultural com extensão no campo do Comércio Exterior. Regressando ao Brasil, Ivamar dos Santos passa a trabalhar na Febem de São Paulo, com crianças, adolescentes e familiares carentes em situação de risco e infratores ou jovens com desvio de conduta, passagem esta que durou 10 anos onde desenvolveu projetos de atendimento a essa comunidade, em sua maioria negra, acompanhando-a na sua con-



democratização do Estado e da sociedade brasileira através da conscientização dos direitos de cidadania do povo afro-brasileiro.

IVAN DE ALMEIDA

Autor

Carioca da Praça Mauá, nascido em 19 de julho de 1938, Ivan de Almeida é um ator que está no cenário há aproximadamente 36 anos. Funcionário da Chesf - Companhia Hidroelétrica do São Francisco, onde entrou ainda menino, era o mais novo chefe da seção de contabilidade. Mas, para dar asa ao sonho, demitiu-se para ingressar na Fundação Brasileira de Teatro. Lá teve professores como Adolfo Celi, Sadi Cabral, Ziembisky, Luis de Lima, Maria Clara Machado, entre outros. Fez teatro amador, participava de festivais até que a antológica *Revista do Rádio* lhe dê o Prêmio de Ator Revelação pela participação na peça *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, de Plínio Marcos. Por esse motivo, foi chamado para teste no Copacabana Palace onde encontrou vários mitos do teatro, dentre eles Henriette Morineau, Mário Lago e Paulo Gracindo, sendo que este último era o grande ídolo de sua mãe, Dolores. Quando lhe foi dada a oportunidade de fazer um improviso, Ivan pensou em sua mãe, de como ela se sentiria feliz de vê-lo ao lado do

criúga e não pode assisti-lo contracenar com Paulo Gracindo. Dois dias depois falece, e Ivan tem que levar avante o seu papel que era cômico: fazia um vendedor de bilhetes que corria da polícia. A peça ficou um ano e oito meses em cartaz no Rio de Janeiro e em outros estados. A vida foi rolando e Ivan chega à TV onde faz *Irmãos Coragem*, sua primeira novela. Era o Oto, capanga e motorista do personagem Pedro Barros, interpretado por Gilberto Martins. Fez cerca de 18 novelas na Globo e mais inúmeras *Casos Verdade*, *Trapalhões*, *Carga Pesada* e *Plantão de Polícia*. Na Rede Manchete fez *Dona Beija*, *Carmem* e *Pantanal*. Fez Ivan várias viagens: Portugal, França, Áustria, Suíça, Itália, Mônaco, Espanha e Estados Unidos. Hoje, formado em Comunicação Social pela PUC, seu modo de pensar não é muito diferente do garoto que, aos vinte e dois anos, ingressou no teatro. Acha que o negro não tem outra saída se não for através da instrução, e que o movimento negro tem que se voltar para as bases. Foi candidato a vereador nas eleições de 1986, e sua idéia era construir núcleos comunitários para alfabetizar negros. Este ator teve uma vida bem diversificada. Na primeira infância com a mãe e o irmão pedindo esmolas e dormindo nos trens da *Central do Brasil*, tem seus valores adquiridos nesta experiência. Diz ele que foi a melhor escola da vida. Fez matérias para a *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, algumas revistas, dentre elas *O Cruzeiro*, onde era contratado.

Texto de Elaine Inocêncio.

IVANIR DOS SANTOS

Líder afro

Ivanir dos Santos é uma das vozes negras mais vigorosas e contundentes entre dezenas de milhares das que hoje clamam com independência e coragem em defesa do efetivo estabelecimento de um clima de justiça e fraternidade em nosso país. A campanha *Arrastão Contra o Racismo* é apenas a ponta do iceberg dessa luta intensa e permanente travada por Ivanir dos Santos e os bravos e leais companheiros contra o racismo, contra os preconceitos e contra as discriminações de qualquer natureza, explícitas ou camufladas, no instante em que denuncia: "nós, negros e pobres, só existimos teoricamente. A partir do desrespeito aos direitos civis somos todos culpados até que se prove o contrário". Prosseguindo, diz Ivanir: "A cidadania é uma construção que caminha a passos curtos, que só pode ser concretizada pelos braços do povo unido. No Brasil a cidadania ainda é um sonho que deve ser transformado num anseio comum a todos os brasileiros. Estamos deci-

rato, secretário-executivo do Centro da Articulação de Populações Marginalizadas - Ceap. Não foi à toa que o Ceap, em 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, foi agraciado com a Menção Honrosa na categoria ONG. A cerimônia de entrega dos prêmios aconteceu no Palácio do Planalto, Brasília, e foi presidida por Fernando Henrique Cardoso. O evento faz parte do *Prêmio Direitos Humanos*, criado há três anos pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Ivanir dos Santos recebeu o prêmio em nome da Organização. A premiação legitima o empenho, e a luta pela construção de um estado de direito e, fundamentalmente, abre novas portas para que as entidades que caminham pelos mesmos ideais propaguem seus trabalhos, consolidando seus objetivos na determinada procura por uma sociedade mais justa e, quem sabe, igualitária. Sabe-se que à medida em que se conquistam vitórias, mais árdua se torna a batalha, porém isto apenas ratifica a necessidade de um trabalho constante. Como disse o próprio presidente Fernando Henrique, "a defesa dos direitos humanos precisa ser uma prática cotidiana, que implique num compromisso que não se esgote nas leis, mas que signifique uma atividade permanente". Este prêmio estimula o trabalho que o Ceap realiza pelas questões raciais, e mais forte se torna o empenho de exterminar de vez o preconceito e a discriminação, evitando que exemplos, como o do último relatório da Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), que coloca o Brasil como um país racista, que viola os direitos humanos e privilegia os ricos, tornem-se uma constante. É de extrema importância que se reflita sobre o problema. A omissão não pode continuar a permitir a violação dos direitos humanos. O Ceap não recebeu este prêmio sozinho, afinal, não está isolado nesta caminhada. Há plena consciência de que o resultado desta distinção é compartilhado com todas as entidades, militantes e comunidades afro-descendentes que contribuem apoiando, incentivando e criticando o trabalho cotidiano que ele vem realizando. Entre as ações afirmativas, uma das principais marcas das ações do Ceap, pode-se destacar as seguintes campanhas: luta con-



terilização em massa das mulheres negras e pobres; pela abolição do trabalho infantil; denúncias da violência praticada contra meninas com até 18 anos; programas sociais para inibir a prostituição infantil e pelo fim do tráfico de mulheres. Como uma das mais recentes campanhas destaca-se o SOS Racismo, um telefone que atende vítimas de crime racial

pelo número 021.232-7077, fornecendo serviço de orientação jurídica gratuito, dia e noite. No nosso entender, pessoas negras dotadas desta visão humanística e de solidariedade humana estão convenientemente preparadas para exercer com competência e dignidade funções de interesse público. A postura de lideranças identificadas com este perfil há de levar, mais cedo ou mais tarde, os negros a ocuparem cargos de relevância, na ordem pública ou privada, por eleição ou por normal ação, para transformarem o poder político numa arma de defesa e promoção da coletividade de todos os matizes, sem que as criaturas de cor negra sejam excluídas dos direitos constitucionais.

IVETE DO SACRAMENTO
Professora da disciplina de Língua Portuguesa I e II para o curso de formação de professores de porte especial de 1º e 2º graus, que oferece habilidades em construção civil, eletricidade, administração, química aplicada, nutrição e dietética, crédito e finanças, administração escolar, técnicas comerciais, artes e educação para o lar, do Centro de Educação Técnica da Bahia - Ceteba/Unes; ainda é professora do curso de Bacharelado em Ciências Contábeis do Centro de Educação Técnica da Bahia, Ceteba/Uneba, assim como professora do curso de bacharelado em Comunicação Social em Relações Públicas do Centro de Educação Técnica do Estado da Bahia, bem como de outras especializações do universo acadêmico. Em razão dessas suas atividades e do interesse demonstrado ao longo de sua vida de professora universitária, Ivete do Sacramento, foi guindada, por eleição secreta e universal, à reitora da Universidade do Estado da Bahia - Uneb, pelo fato de haver se destacado entre os que, de forma ímpar e imparcial, estavam concorrendo para o exercício do referido cargo. Torna-se, assim, Ivete Alves do Sacramento



a primeira negra a ocupar tão relevante cargo, quiçá, em toda história do Brasil. Para obtenção de tal sucesso concorreram vários tributos pessoais, entre os quais se sobressaem a "sua preocupação social e consequentemente seu empenho na área educacional, o que a fez idealizar e concretizar convênios com o Setras, o Programa Extencionista de Qualificação e Requalificação Profissional (o maior desse nível já executado no Brasil), recebendo elogios da comunidade e autoridades do Estado". Como mulher negra, sensível e atuante, Ivete do Sacramento é mãe presente e amiga dedicada; é uma incomparável mestra, digna e preocupada com a sorte alheia e altamente cônscia de que somente homens e mulheres que têm valor, sabem como valorizar as coisas importantes da vida.

Izabel Hirata - nascida Maria Izabel dos Santos, é natural de Carmo do Rio Claro, Estado de Minas Gerais, tendo vindo ao mundo no dia 2 de setembro de 1942, filha de Antônio José dos Santos e de Maria José dos Santos. Izabel Hirata viveu a sua primeira infância em sua cidade natal, onde por tradição de família, tomou conhecimento dos hábitos e costumes locais, ao lado de sua saudosa bisavó, Inês, carinhosamente chamada pela população de *Sâgenes*, negra valente e orgulhosa de sua origem africana, e que, por sua postura matriarcal, sempre esteve à frente da Irmandade de São Benedito, na condição de Ialorixá, conduzindo os festejos da Folia de Reis, Ternos de Moçambique, e dos Rotos de Cateretê. Estes projetos populares da cultura negra impregnaram a alma e a sensibilidade da nossa futura poetisa e produtora cultural Izabel Hirata, nos seus primeiros anos de vida, de tal sorte que a sua vinda para São Paulo com apenas 8 anos- onde permanece até hoje- não se desvaneceram de sua memória. Em aqui chegando, com sua família, Izabel Hirata dá prosseguimento aos estudos, matriculando-se no Externato Casa Pia São Vicente de Paula, no bairro de Santa Cecília. É de se destacar que esta centenária instituição educacional de procedência belga, foi uma das

pertenceu à Ação Libertadora Nacional. Isto se explica em razão de sua convivência com os padres dominicanos da Igreja das Perdizes, em São Paulo, com os quais, adquiriu a ideologia católica humanística e pelo fato fez-se uma Jocista - da Juventude Operária Católica - de tempo integral. Frei Beto, por exemplo, foi seu contemporâneo no histórico Cassarão da rua Cardoso de Almeida. Quanto à questão da negritude, Izabel Hirata, por influência de seus pais, não teve dificuldades de se postar ao lado e à frente de movimentos específicos afro-brasileiros do perfil político do MNU, constituindo-se numa de suas fundadoras, em 1978. As escadarias do Teatro Municipal e a rua Marques Leão, no Bixiga, onde funcionou a sua primeira sede, são testemunhas



importantes, que incluíam movimentos de mulheres contra a carentia, contra a censura, pela anistia ampla, geral e irrestrita, contra o apartheid da África do Sul, pela libertação incondicional de Nelson Mandela, surge a literatura como arma e nela, a figura festejada e combativa de Izabel Hirata na qualidade de escritora e poetisa engajada, que se faz presente no mundo das letras com o livro de poemas *Cicatrizes*. Este livro, que obteve ampla repercussão pelo seu denso conteúdo estético e político, mereceu apreciações dos mais importantes críticos e homens de prestígio, como Torri-erí Guimarães, Dom Paulo Evaristo Arns, Dalmo de Abreu Dallari, João Quiarini, Zélio Alves Pinto, Carlito Maia, Joel Rufino dos Santos no âmbito de nosso país; e no internacional, *Cicatrizes* de Izabel Hirata, despertou interesse da parte de Bouder, Colorado, USA ; da Casa de Las Américas e Fundação José Martí, em Cuba e da Professora Moema de Springfield, na Alemanha. Izabel Hirata foi premiada com a Medalha de Ouro pela Municipalidade de Viña Del Mar, no Chile, e com a Menção Honrosa de Lima, Peru, em razão do impacto causado por seu poema, *A Rosa*, de conteúdo épico. Para que aqui se note melhor o valor desta obra, basta que se diga que a mesma foi impressa pelo renomado editor Massao Ono, em 1982.

J

J. CASCATA

Composer

A cidade do Rio de Janeiro sempre foi uma urbe alegre, festiva, onde as serestas espichando-se noite adentro se faziam presentes quase que em toda extensão geográfica circunscrita pelo seu território. Sob este esfúvio repleto de animações alegres e descontraídas é que vinham ao mundo os melhores cantores, seresteiros, compositores e instrumentistas do povo, como foi o caso de Álvaro Nunes Filho, que acabou sendo conhecido por J. Cascata. Seu nascimento se deu no dia 23 de novembro de 1912, na avenida 28 de Setembro, 264, no bairro de Santa Izabel. Sua infância não poderia ser diferente, uma vez que este menino "cresceu embalado pelas noitadas musicais que o pai, seu Álvaro, promovia todo domingo à noite". Matriculado na escola desde oito anos, J. Cascata, aos dez, já começava a produzir as suas primeiras composições. Órfão de pai com 16 anos, recebe da sorte a grande responsabilidade de amparar sua mãe Leonor Neves Nunes e seus irmãos, pelo fato de ser o mais velho dentre os demais. Em razão das amizades deixadas pelo seu pai, J. Cascata, cujo apelido já se popularizara, consegue um emprego, como cantor, integrando um conjunto musical de nome *Grupo do Mato*, organizado por um daqueles amigos. É nesse momento que ele se vê diante das feras que compunham o grupo musical e, sentindo-se inseguro, sai na busca de um professor de violão, "apesar dos magros 12 mil réis que ganhava por dia". Em



Pensa Trás

termos econômicos seus rendimentos eram parcisos, precisando ser completados no exercício de outra atividade, o que J. Cascata encontra jogando futebol, "atuando na ponta-esquerda do Carioca Futebol Clube, onde lhe pagavam um mil-réis por gol marcado". Imaginem quantos gols eram necessários para perfazer um ordenado, no mínimo, razoável! O certo é que J. Cascata, em 1929 já estava compondo algo que dava para agradar, pelo menos, ao seu professor de violão, como é o caso da marcha-rancho que produziu na ocasião. Tanto é que, naquele ano, o bairro todo cantou a sua música no carnaval cuja composição sequer tinha nome. Foi o bastante para entusiasmar o jovem a comprar um violão, passando a freqüentar todas as rodas de boêmios da região, relacionando-se com Noel Rosa, João Petró de Barros, Lamartine Babo, Ary Barroso e outros cobras que começavam a surgir na época. J. Cascata, em razão dessas amizades, fica conhecendo Cristóvão de Alencar, que o convida para cantar no rádio, em seguida vem a sua atuação na Rádio Clube do Brasil, recebendo o seu primeiro cachê, depois de uma breve passagem pelo programa de Manoel Barcelos onde ainda aparecia usando o nome de batismo, Álvaro Nunes. O seu pseudônimo se firma mesmo, no programa de Renato Murce, da Rádio Philips, com o qual, entra galhardamente para a história da Música Popular Brasileira. J. Cascata vê a sua primeira música, *Para Deus Somos Iguais*, registrada com o seu nome de guerra, em disco gravado por Orlando Silva, em 1935. Fruto desse êxito, surge uma outra gra-

vação, *Minha Palhoça*, desta vez, cantada e gravada por Silvio Caldas. "Em maio de 1937, o mesmo Orlando Silva surgia como o maior intérprete do momento, com duas criações de J. Cascata (ambas em parceria com Leonel Azevedo): o samba *Juramento Fácil* e a valsa *Lábios que Beijei*". Daí por diante, os sucessos se sucedem na eloquente demonstração de talento e sensibilidade de J. Cascata: *Meu Romance*, *Santo Antônio Amigo*, *Não Serás Feliz* entre outras composições que marcam o seu nome com letras de ouro no período que vai de 1938 a 1944. "Dono de um clube de dança no Irajá, funcionário do departamento de Saúde Pública da cidade do Rio de Janeiro e pai de sete filhos (nascidos de três casamentos), J. Cascata continuou a compor nos anos posteriores", merecendo destaque a obra que fez em parceria com Murilo Caldas, irmão de Silvio Caldas, *Bem-Vindo Congressista*, uma das derradeiras de sua brilhante carreira. J. Cascata faleceu no dia 27 de janeiro de 1961 em decorrência de uma crise de uremia, em pleno auge com 49 anos de idade.

Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997

J. ROMÃO DA SILVA

Escritor e teatrólogo

No dia 22 de maio de 1917 nasce, na cidade de Teresina, Piauí, Júlio Romão da Silva que, com o nome simplificado para J. Romão da Silva, entraria para a história das lutas do negro brasileiro, na qualidade de intelectual e, como ensaísta, teatrólogo, jornalista, escritor e tecnólogo, viria a ser um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro, do Rio de Janeiro, uma vez que é nesta cidade que fixa residência e passa a maior e mais fecun-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



do especial interesse pelas artes cênicas, funda, também, com Solano Trindade, o Teatro Popular Brasileiro. Por suas obras, este festejado autor do livro *Luiz Gama e suas Poesias Satíricas* recebe os prêmios da Academia Brasileira de Letras, João Ribeiro e Cláudio de Souza, respectivamente. Em sua bagagem literária registram-se ainda *A Mensagem do Salmo*, de 1967 - teatro e diversas outras obras no campo da literatura. O livro *Luiz Gama e suas Poesias Satíricas* tirou a sua primeira edição em 1954, constituindo-se, então, o ensaio, juntamente com o *Folclore do Negro do Brasil*, de Artur Ramos, *Apresentação da Poesia Brasileira*, de Manoel Bandeira e *Candomblés da Bahia*, de Edson Carneiro, importante série de lançamentos programados para aquele ano, pela Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, com o objetivo de se comemorar o vigésimo quinto ano de fundação desta benemérita instituição. É interessante observar que tudo o que se escreve acerca dos negros esgota-se rapidamente, notadamente quando se trata de vultos do perfil heróico de Luiz Gama. O livro de J. Romão da Silva foi contemplado por esta lógica; bem recebido pelos leitores das belas letras e pela crítica especializada, tendo sua primeira tiragem desaparecido das livrarias num piscar de olhos. É fora de dúvida, que o fato que deu "caráter comemorativo do sesquicentenário do nascimento do notável negro baiano", constituiu-se num forte ingrediente adicional para o sucesso da referida obra, uma vez que grandes críticos de nossa literatura perfilhavam-se com Otto Maria Carpeaux, que considerava Luiz Gama o primeiro negro representante de importância da poesia a serviço do abolicionismo em nosso país. Definido pelo autor de *Pequena Biografia Crítica da Literatura Brasileira*, como biografia de um poeta, impõe-se este estudo biográfico-crítico de J. Romão da Silva, não só pelas suas qualidades literárias e valor histórico intrínsecos, mas também pela razão de ser, no momento, o mais interessante e mais completo sobre a vida e a obra poética de Luiz Gama. Sem outras palavras, basta que se reflita sobre o que dissera a crítica para se aclarar o alcance histórico e literário da obra de J. Romão da Silva: "vazado em estilo claro e apuro de linguagem", no dizer de um de seus críticos, consiste a singularidade de *Luiz Gama e Suas Poesias Satíricas* em dois fatos principais: o de enfocar o biografado em

Burlescas de Getulino para o qual Pedro Calmon reivindica lugar obrigatório "na grande página bibliográfica na literatura universal".

Apontamentos extraídos do livro do biografado, Luiz Gama e Suas Poesias Satíricas

JACKSON DA SILVA CARVALHO

Electricista

Jackson da Silva Carvalho nasceu na Bahia. Pai de 3 filhos, é eletricista no Estado do Rio de Janeiro. Seu depoimento emocionante fala mais do que poderia se traduzir nessas poucas linhas. Fala da vida e de valores humanos, tais como humildade, dignidade e honestidade, fala, também, com a mesma simplicidade verdadeira, da discriminação enfrentada ora através de sutilezas, ora de forma contundente, agressiva, pela grande maioria população negra deste país. Fala ainda da igualdade e da confiança de que o ser humano possa, com a mesma contundência, enfrentar todas as formas de discriminação. Se pela sua franqueza pode parecer amargo, em determinado trecho do seu envolvente depoimento, contudo, não deixa de destacar a sua crença no fim da discriminação, de estimular seus descendentes à luta para instalar num futuro próximo um sociedade mais irmã e igualitária, sem distinção de cor.

"A minha grande tristeza é ver a diferença que eles fazem, a humilhação que eles nos fazem passar, mas como eu preciso trabalhar, vou levando a vida. Mas que está na hora de dar um basta nisso, isso está! O preto deve sair do barraco para ir morar no arranha-céu junto com o branco, porque preto não é bicho, também é gente. Já pensei muito, já pensei alto, mas desisti, inclusive não tentei muito os estudos porque eu sei que para o preto sempre é tudo mais difícil, então eu me acomodei. A cor influi muito e as portas para os pretos se fecham com rapidez. Estou com quarenta e dois anos e cansei de lutar, acho que agora é a vez do meu filho. Quanto a mim, já estou realmente conformado, se me mandam almoçar na cozinha, eu vou almoçar na cozinha. Se me chamam de crioulo não fico mais zangado, eu não protesto porque a minha idade já não é mais para protestar, eu caí no conformismo. No íntimo, espero que alguém, naturalmente jovem e preto, como o meu filho, minha filha ou amigos dos meus filhos, apareça para despertar todo mundo e fazer com que essas coisas de diferenças e complexos terminem ainda neste século vinte. Outro dia estava viajando no ônibus 125, quando saiu uma discussão e uma moça clara virou-se e disse para um rapaz que estava

meu lado como se fosse paixão. Como ela não teve coragem de dizer um palavrão da pesada, falou na cor dele porque certamente achou que era a maneira mais direta de ofendê-lo. Mas isso eu estou cansado de assistir e não posso fazer nada. Fico com o coração apertado vendo essa falta de espírito contra a raça negra. Para mudar, o preto precisa entrar na política, na sociedade, tornar-se autoridade. É necessário que esses deputados, esses senadores, principalmente o doutor Nelson Carneiro, um dia olhem esse lado e façam com que o preto seja respeitado. Aí sim, aí vai haver igualdade, não vai haver mais nem branco nem preto, vai haver pessoas e gente. Na profissão de eletricista há poucas pessoas de cor, principalmente na parte que eu atendo, que é em apartamento habitado, casa de bacia, etc. Eu sou eletricista completo porque quando era mocinho lá na Bahia, aprendi a profissão com um tio meu. Mas aqui no Rio há separação de eletricistas. Então tem eletricista de obras, onde você não vê muito preto, ele não consegue chegar na parte de instalação de apartamento. Onde a gente encontra mais é nos buracos do metrô puxando cabos eletrônicos ali por dentro, pelas manilhas, pelas ruas. Lá você encontra um monte de crioulos. O maior orgulho que eu tenho pela minha profissão e por ser preto realmente, é quando às vezes eu estou na sala da minha casa de noite, ou de dia mesmo, em dia de domingo, na hora do meu lazer e esses que desfazem dos pretos, que zombam às vezes dos pretos, me chamam pra consertar a luz, num desespero quase total. Outro dia eu estava vendo a minha televisão, dando um relax, quando me chamaram na rua da Glória 268, tinham sete apartamentos sem luz, todo mundo estava na porta do edifício sem poder entrar. Não podiam entrar, tinham medo da escuridão, tinham medo do preto, porque dentro do apartamento ninguém enxergava nada. Quando eu cheguei foi uma festa, já imaginou? Clareei os sete apartamentos, fiz com que eles enxergassem, e isso me deixou muito alegre. O mesmo aconteceu outra vez numa confecção em Copacabana. Estava tudo parado, todas as máquinas paradas, ninguém trabalhando. Foram me buscar correndo e eu resolvi o problema em dois tempos. A moça lá, a dona da confecção, ficou toda agradecida, chegou a me dizer que pagaria qualquer preço que eu pedisse. Mas eu não sou de explorar, não. Eu cobro o justo valor do meu serviço, não vou explorar só porque se trata de branco, eu não tenho raiva deles, embora eu acho que eles tenham raiva da gente, queiram a gente só para serviçal, a gente não pode ficar no meio deles. Têm muitos até que, quando estamos fazendo trabalho na casa deles, na hora do almoço, mandam fa-

hora, duas horas, três horas e nem um café saiu. Nesse negócio de aparência para conseguir trabalho, também têm uns lances muito engraçados. O Samuel por exemplo, era um rapaz que trabalhava de garçom e veio apanhado comigo prática de instalações. Começou a colocar alguns lustres de cristal, montar, mas não sabia fazer a fiação. Então ele pegou uma obra na rua Frei Caneca e o serviço era feito por mim, até o preço fui eu que soprei pra ele na hora que o dono perguntou. E durante muito tempo foi assim. O Samuel pegava as obras e eu sempre ali, atrás dele, fazendo tudo e ele me dando a metade do orçamento cobrado. Aliás ele sempre foi honesto, sempre me deu a metade. Na lógica eu é que tinha que dar uma comissão a ele por ter arranjado o serviço, mas como ele é que tinha aparência, era branco, tudo bem. Eu sei que se fosse na frente não ia conseguir nada, ou por acanhamento, ou por complexo, sim porque o preto já carrega um complexo de inferioridade. Todo mundo para quem a gente trabalha não se cansava de elogiar o Samuel, ele era o maior eletricista do mundo. Ele ganhou tanto dinheiro que até comprou uma loja de móveis na Praça Onze. Foi aqui que ele chegou para o seu Armando, que era o dono da maioria das obras que nos dava para trabalhar e disse: "Seu Armando, eu não vou poder continuar trabalhando pro senhor, mas não tem nada não, o Jackson vai continuar e é a mesma coisa. Ele trabalha direito, é bom profissional, não tem problema". Lógico que era eu que fazia tudo, mas o seu Armando não sabia ou fingia não saber. Era mais fácil ele se sentir seguro com o Samuel do que comigo. Conclusão: duas semanas depois ele me dispensou e dizendo, sabe o quê? "Depois que o Samuel foi embora eu não estou gostando mais do serviço. O padrão caiu muito". E agora? De qualquer maneira, como profissional, lutando, enfrentando essas dificuldades todas, eu consegui alguma coisa. Conseguir criar meus filhos, duas garotas, com dignidade, pagando os estudos deles, encaminhando eles na vida. O meu filho está na Faculdade de Comércio, uma filha minha já casada morreu na Bahia num incêndio e a minha outra garota trabalha numa firma muito boa aqui no Rio. Está tudo bem pra mim. Agora é esperar aí até o dia que Deus quiser, o dia do Juízo Final pra ver como é que fica. O meu futuro está garantido, estou tentando legalizar o meu INPS, os meus impostos que estão mais ou menos em dia, os poucos que eu devo aí ao governo eu pretendo liquidar antes do Juízo Final para deixar o meu nome limpo para que os meus filhos possam se orgulhar disso. Já não tenho forças para a luta, mas não canso de dizer para os meus filhos e para a rapaziada de cor na idade deles, que lutem para acabar com essa distinção, esse cancro que rói a gente. Eu insisto, lutem, lutem pela emancipação da sua cor, lutem para que vocês sejam realmente independentes.

a mulher em geral, tanto faz negra como branca, ou amarela, ou de qualquer cor, está numa grande batalha para se afirmar como gente, e esse também é o nosso caminho".

*Fala Criolo-Haroldo Costa
2ªEdição - ED.Record 1982*

JACKSON DO PANDEIRO

Cantor e Compositor

Foi em Alagoa Grande, Estado da Paraíba, em 31 de agosto de 1919, que nasceu José Gomes Filho, que mais tarde viria a se tornar Jackson do Pandeiro. Queria ser sanfoneiro. Mas a sanfona era um instrumento caro, e sendo o pandeiro mais ba-

rato, foi o segundo que recebeu de presente da mãe, Flora Mourão, cantadora de coco, a quem desde cedo o menino ouvia cantar coco, tocando zabumba e ganzá. Aos 13 anos, com a morte do pai, veio com a mãe e os irmãos morar em Campina Grande, onde começou a trabalhar como entregador de pão, engraxate e pequenos serviços. Na feira de Campina, entre um mandado e outro, assistia aos emboladores de coco e cantadores de viola. Já ia muito ao cinema e tomou gosto pelos filmes de faroeste, admirando o ator Jack Perry. Nas brincadeiras de mocinho e bandido com os outros garotos, José transformava-se em Jack, nome pelo qual passou a ser conhecido. Em 1939 já formava dupla com José Lacerda, irmão mais velho de Genival Lacerda. Era Jack do Pandeiro. No início da década de 40, Jack foi morar em João Pessoa, onde continuou a tocar nos cabarés, logo depois na Rádio Tabajara, onde ficou até 1946. Em 1948 foi para Recife trabalhar na Rádio Jornal do Comércio. Foi aí que o diretor do programa sugeriu que ele trocasse o Jack por Jackson do Pandeiro, que era mais sonoro e produzia mais efeito quando anunciado ao microfone. Somente em 1953, já com 35 anos, foi que Jackson gravou seu primeiro grande sucesso: *Sebastiana*, de Rosil Cavalcanti. Logo depois, emplacou outro grande sucesso *Forró em Limoeiro*, composto por Edgar Ferreira. Foi na Rádio pernambucana que ele conheceu Almira Castilho de Albuquerque que com quem casou-se em 1956, vivendo com ela até 1967. Fizeram uma dupla de sucesso, ele cantando e ela dançando ao seu lado, tendo participado de dezenas de filmes nacionais. A paixão por Almira era tanta que Jackson chegou a colocar várias músicas no nome dela. Depois de doze anos de convivência, Jackson e Almira se se-



Rádio Nacional, Jackson alcançou grande sucesso com as músicas: *O Canto da Ema*, *Chiclete com Banana*, *Um a Um* e *Xote de Copacabana*. Os críticos ficavam abismados com a facilidade de Jackson em cantar os mais diversos gêneros musicais: baião, coco, rojão, além das marchinhas de carnaval. No palco tinha uma ginga toda especial, uma mistura de malandro carioca com nordestino. Ficou famoso pelas umbigadas que trocava com a parceira e esposa Almira. Certa vez, indo cumprir compromissos em Brasília, passou mal, tendo desmaiado no aeroporto e sendo transferido para o hospital. Dias depois faleceu de embolia cerebral, em 10 de julho de 1982.

Dados extraídos do jornal A União

JAGUACIARA SANT'ANNA

Mãe-de-santo

"Quando Xangô Ajoujá de Arueira, Iya Oliá Biyi, disse aos meus pais que eles ainda iam ter um filho, minha mãe duvidou porque ela já tinha, ou já estava com a idade avançada para ter filhos. Dois anos depois ela apareceu grávida de mim. Meu nome é Jaguaciara Sant'Anna Sobrinho. Sou filha de Miguel Araújo de Sant'Anna e de Lídia Denezzas de Sant'Anna e nasci no dia 2 de janeiro de 1939, quando faltavam 15 minutos para a zero hora, na rua Almirante Barreiros, nº 271, no Bairro do Rio Vermelho, na casa de meus pais. Minha mãe começou a sentir as dores do parto na Praia do Rio Vermelho como um presente de Iemanjá e foi levada às pressas para casa, mas, com o susto, demorei para nascer, de modo que somente à meia-noite é que nasci, realmente, segundo ela nos conta", relata a mãe-de-santo Jaguaciara Sant'Anna. Diz ainda Jaguaciara, que ela teve uma infância muito feliz para as meninas de sua idade, de sua origem e de sua condição social, pois sempre foi muito amada e querida por todos, sempre cercada de carinhos por parte de seus pais, irmãos e parentes próximos, por ter sido a caçula da família. Depois de 14 anos, sua mãe pensou que não fosse ter mais filhos. O seu nascimento renovou as alegrias e a felicidade de todos com os quais Jaguaciara vivia. Seus primeiros estudos e o ginásio foram feitos nos melhores que haviam na cidade de Salvador. O seu segundo grau foi feito na Fundação Visconde de Cairu, que ficava anexa à Faculdade de Ciências Econômicas. No ano seguinte, já casada, Jaguaciara teve filhos. O mais velho faleceu com 33 anos, deixando a ela quatro netos que ainda precisavam de seus cuidados especiais. Diz Jaguaciara que a sua primeira obrigação foi feita por *Mãe Senhora do Ilé Axe Opô*: "Quarenta anos depois tornei-me a filha de *Mãe Stella de Oxossi*. Não sou iorixá, sou zeladora dos orixás por herança deixada por meus pais e sou ilé iodé

fia de meu pai para prestar-lhe uma merecida homenagem, por ele ter sido um grande pai, um amigo, bom irmão, muito cuidadoso, não podendo ver ninguém sofrer sem que lhe oferecesse os seus préstimos e o seu socorro. Meu pai ajudou a organizar muitos terreiros de candomblé, em Salvador e no Recôncavo baiano. A sua biografia foi editada no livro de Miguel Santana, escrita por José Carlos Bacellar, Vivaldo Costa Lima e José Guilherme Cunha".

JAIME GUIMARÃES

Líder comunitário

Jaime Guimarães nasceu no Estado de São Paulo no dia 5 de setembro de 1960, filho de Miguel Severo Guimarães e Santina da Silva Guimarães. É casado com Eliane, com quem tem dois filhos. Jaime Guimarães é uma dessas lideranças com ativa e efetiva participação em movimentos comunitários que mereciam receber o título de "utilidade pública". Fundador e presidente da Associação de Moradores da Rua Domingos Candaléu, que atua junto à comunidade de uma das regiões periféricas da capital paulistana, com objetivo nobre e declarado de trabalhar para a melhoria dessa localidade da Zona Norte. Tanto é que conquistas como água, esgoto, transporte coletivo, coleta regular de lixo, assim como hospital, escola, luz e moradia, dos quais a região precisa, tiveram a presença e a participação de Jaime Guimarães. Na condição de militante do PMDB, a luta de Jaime Guimarães tem sido indomável e se apresenta com característica de polivalência porque, com atuação permanente em diferentes áreas, faz com que este moço esteja presente em todas repartições pública, quase que ao mesmo tempo, tal o seu desejo de servir a comunidade a que pertence. Jaime Guimarães é também membro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, e sempre participa e contribui com sua larga experiência para que o CNAB se apresente em todos os empreendimentos que realiza, como foi o caso, recentemente, da grande Corrida de 1º de maio de 1998, a qual organizou e presidiu na Zona Norte, que mobilizou atletas de renome com o de Paulo Burity, que mobilizou a Polícia Militar para garantir o êxito do evento, sindicatos como o dos Eletricitários de São Paulo - que colocou no local uma ambulância equipada para socorros em caso de emergência. Esta iniciativa realizada pela Associação de Moradores da Rua Candaléu, que Jaime



Quem é Quem na Negritude Brasileira

menagem ao Dia dos Trabalhadores, como o sorteio de uma bicicleta, sendo que a sorte recaiu sobre uma participante de origem japonesa, prova do caráter amplo da referida solenidade, com a presença e a participação de brancos e negros, jovens e veteranos, homens e mulheres, brasileiros e estrangeiros, e sem qualquer ordem de discriminação que pudesse empanar o brilho daquele acontecimento esportivo, que contou com a participação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro. Jaime Guimarães é uma dessas lideranças comunitárias já galardoadas com a medalha de Honra ao Mérito, por sinal, láurea que recebeu merecidamente.

JAIME MOREIRA DE PINHO (JAIME BIXIGUINHA)

Fundador do Filhos de Gandhi

Estivador da Bahia, Jaime Moreira de Pinho gravou sua marca na história da cultura popular como Jaime Bixiguinha, ao criar, ao lado de um grupo de amigos, também estivadores, aquele que se tornaria um dos mais populares e tradicionais blocos carnavalescos do país, o Filhos de Gandhi. Com a beleza e a força daquilo que nasce do mais profundo sentimento popular, Gandhi brotou dos becos da Bahia, da simplicidade dos estivadores, da alma do povo baiano, e é isso que nos conta Jaime Bixiguinha, através de emocionante depoimento dado ao jornalista Antônio Felix.

... "A cada ano, o estivador arrumava uma brincadeira para botar na rua durante o carnaval. Naquele tempo, havia mais facilidade. Podia-se ir para a rua de caminhão ou automóvel. Antes, havia o *Comendo Coentro*, mas eu não participei. Depois, nasceu o *Gandhi*, quando faltavam cinco dias para o carnaval. Era uma quarta-feira, quando fizemos uma lista para ver quem iria sair e para se conseguir o dinheiro para comprar o que precisávamos. Gastou-se pouco para se colocar o Bloco na rua, a exemplo do *Maria Rosa*, um bloco de estudantes que saía na Bahia. Um atrás do outro, foi assim que saiu o *Gandhi*. Usávamos "malandrinhas", que acabavam com os nossos pés. O estandarte que fizemos, foi idéia de Nélson Lobisomem, filho e Pedro. Ele ajudou a fazer e Elias desenhou o estandarte no assoalho. Saímos todos, no primeiro dia, cantando músicas do carnaval. Os fundadores, de quem me lembro, são: Elias, Nelson, eu, Hamilton, Dino, Domi, Guarda Sol, Hilário, Vavá, Antonio, ... No primeiro dia, saíram de quinze a vinte pessoas. Tínhamos medo da polícia, porque diziam que tudo que o estivador fazia, era coisa de comunista. Muitos não quiseram sair, com medo. Quem saiu fui eu, Dino, Hamilton, Antonio, Vavá, Domi, Nelson, Soldado, Hilário e mais

de carnaval e não de afoxé. O *Gandhi* era cordão, mas depois de certo tempo, a idéia dos novos diretores foi transformar o *Gandhi* em um clube afro, pois na rua já se cantava tudo misturado. Não tinha programação de música e cantávamos a primeira que vinha na cabeça; *Ês-iá-iá-ê-ô* e algumas músicas de candomblé. Criou-se, então, a imagem de semi-afoxé. Mas, éramos tipo o bloco *Maria Rosa*, que saía de tamancos nas ruas. *Afoxé* foi criação de outros. Nem foi o presidente, Alberto Anastácio da Cruz, envolvido com o candomblé. Depois, vieram presidentes envolvidos com a seita. Tinha um pai-de-santo dizendo que havia feito coisas para o *Gandhi*. Era um homem de outro cordão que se chamava *Príncipe da África*. Ele não podia competir com o *Gandhi*, mas teve um ano em que o *Gandhi* facilitou e ele ganhou. Todos os anos, o primeiro lugar era nosso. Foi Soldado que disse na Sutursa que o *Gandhi* era afoxé. Quando saiu dessa reunião, afirmava que o *Gandhi* era afoxé. Como afoxé, ganhava o primeiro lugar todos os anos. Roupa branca de Oxalá, uma ala de azul, outra branca, que eram os cavaleiros de Gandhi. Se tornou afoxé por conveniência. Há três anos se fazia despachos junto à Igreja. Tinha farofa de azeite, branca de mel. Isso era uma responsabilidade grande. Nunca conseguiram quebrar a tradição do *Gandhi* sair só dois dias no carnaval. Passaram a sair três dias, porque haviam muitas mulheres que queriam participar, mas era proibido. Surgiu, então, o *Filhas de Gandhi*, que saiu na segunda-feira de carnaval à noite. Quando se recolhem, é quase junto com o *Gandhi*, e elas nos acompanham. No quarto 28, no 1º andar, no Julião, havia um estivador chamado Lelinho. Saímos de lá e corrimos os bairros. Resolvemos fazer uma sociedade e fomos para o lara, perto da Igreja do Pelourinho. Os verdadeiro fundadores, entretanto, foram os que saíram a primeira vez com o cordão, quando ele foi à rua. Passamos na Saúde, na Rua Jogo do Carneiro, Jogo do Lourenço, Tororó. De lá, voltamos. Para o Bonfim já fomos depois, do quarto ano em diante. Houve uma desavença entre Vavá e Hamilton, por causa de desconfiança sobre dinheiro no *Gandhi*. Por causa dessa briga, Vavá e Antonio se afastaram. Não saíram mais e guardam ódio com eles. Foram embora e nunca deram para nós o documento do início da sociedade".

Filhos de Gandhi - Antônio Felix - Galáxia Central - 1997

JAIRZINHO

Furacão da Copa de 70

O futebol é a categoria esportiva que arrasta multidões para os estádios pelo mundo afora, como não acontece com nenhuma outra moda-



boa parte da própria história do nosso país, pois nos dias de grandes partidas, se estas não forem realizadas num domingo ou num feriado, o Brasil corre sérios riscos de ver paradas todas as suas costumeiras atividades. Há dados significativos a este respeito. O Brasil ainda detém o recorde quanto ao número de pessoas presentes numa partida de futebol, que foi de 199.589 espectadores na partida final da Copa do Mundo realizada entre o Brasil e Uruguai, em 1950, no Estádio Municipal do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, com resultado desfavorável ao nosso país. Estes comentários são importantes para explicar como os atletas brasileiros souberam reverter a má impressão deixada na mente e no sentimento de todos pela derrota que a nossa Seleção sofreu frente ao Uruguai, naquela época; a vingança foi fazer com que o Brasil se tornasse o primeiro país a ser tricampeão do mundo (1958, 1962 e 1970). Jairzinho teve muito a ver com o nosso sucesso na Copa de 1970, o que contribuiu para que este verdadeiro craque fosse cognominado de Furacão da Copa. Falando de Jairzinho - Jair Ventura Filho - dizemos que seu nascimento se deu no dia 25 de dezembro de 1944, na cidade de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro. Este moço, que viria a ser tricampeão mundial de futebol, deu início a sua carreira como ponta-direita das equipes inferiores do Botafogo, agora bem mais aberto no acolhimento de negros em seus quadros esportivos. Na verdade, o grande momento, o salto de qualidade que viria para Jairzinho, deu-se em 1964, quando teve de substituir ninguém menos do que Garrincha, no auge da fama sustentada pelo título de Campeão do Mundo, que este deu ao Brasil em 1962; este craque excepcional encontrava-se contundido. Foi nessa ocasião que o futebol de Jairzinho começou a aparecer aos olhos do público e da crítica especializada. A partir daí, as oportunidades vieram aparecendo para culminar numa verdadeira explosão com a conquista do tricampeonato mundial para o Brasil, na Copa do México, em 1970, de cuja competição foi apontado como o melhor jogador brasileiro em campo, sagrando-se inclusive, o nosso maior goleador. Em razão dessa e de outras atuações brilhantes, é que Jairzinho veio a ser contratado pelo Olympique, de Marselha, da França - isto já em 1974 -, seguindo-se depois outros contratos milionários como o do Desportivo Portuguesa, da Venezuela, muito embora os seus feitos não pudessem ser reprimidos por motivos de aparecimento de problemas físicos. Estamos em 1977. Até 1979, o Noroeste de Bauru e Fast de Manaus veriam

che de orgulho qualquer etnia, sendo que a etnia afro-brasileira sabe o quanto nomes como estes a honram e a dignificam.

Dicionário Biográfico Universal Três - Editora Três - 1983

JAMELÃO (JOSÉ BISPO)

Cantor e compositor

Na história da cultura e do samba brasileiro, José Bispo, popularizado como Jamelão, ocupa uma posição muito especial. Vários aspectos deste artista carioca de múltiplos talentos o fazem uma personalidade única na música brasileira. Como cantor, o timbre de sua voz, e a maneira com que interpreta tanto um samba, samba de roda ou jongo, sempre fiel às raízes africanas, o colocam na posição de um dos maiores intérpretes de nossa música sendo, inclusive, a voz que impulsiona os desfiles da Estação Primeira de Mangueira nos últimos 40 anos. Como compositor, assina alguns dos mais populares sambas de todos os tempos, como *Quem Samba Fica*, em parceria com o grande compositor baiano Tião Motorista, ou *Eu Agora Sou Feliz*, com Mestre Gato ou ainda *Cântico da Natureza*, com os pesos pesados da Mangueira Nélson Matos (Nelson Sargento) e Alfredo Lourenço (Alfredo Português). Mas suas glórias não páram por aí. Jamelão, gravou um álbum histórico com a Orquestra Tabajara de Severino Araújo - um mestre e inovador de orquestração - que se tornou a bíblia da interpretação do samba-canção. Este álbum transformou-o no maior intérprete de samba-canção de todos os tempos e popularizou uma dezena de composições de Lupicínia Rodrigues. Jamelão está sempre em atividade, se apresentando no Brasil e no exterior e seguindo sua missão de intérprete dos sambas-enredos da Mangueira nos desfiles do Rio de Janeiro. José Bispo Clementino dos Santos, dito Jamelão, verdadeiro fenômeno da nossa música, veio ao mundo no ano de 1913 e, desde menino de tenra idade, mostrava sua inclinação para o samba. Aos 15 anos, passou a integrar a bateria da Mangueira, mas foi só na segunda metade da década de 40, que entrou para o rádio e o disco, notabilizando-se como o grande intérprete que é até os dias de hoje. Encontram-se entre os seus maiores êxitos a *Exaltação à Mangueira*, de autoria de E. Brito e A. Costa, *Ela Me Disse Assim* e *Exemplo*, composições de Lupicínia Rodrigues.

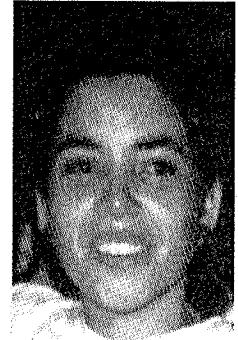
derosa e encorpada, detentora de um timbre singularmente característico, que emociona e constitui-se certeza de sucesso.

JANAÍNA ALVES DA CONCEIÇÃO

Líder estudantil

Janaína Alves da Conceição é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde nasceu no dia 14 de novembro de 1974, filha de Paulo Roberto Alves da Conceição e de Maria Angélica Alves da Conceição.

Jovem batalhadora, liderança estudantil, militante do PMDB, com despreendimento e bravura sempre se colocou ao lado das grandes causas patrióticas. Apetrechada com a sua condição de vice-presidente da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (Uges) e tesoureira da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre (Umespa) em 1993, Janaína Alves da Conceição participa ativamente em diversas frentes de luta em favor da melhoria das condições dos estudantes de seu Estado e país. O Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), do qual Janaína também é fundadora e integrante no Estado do Rio Grande do Sul, sente-se profundamente valorizado com a atuação dessa jovem negra que participa das entidades estudantis que se solidarizam e lutam em defesa da liberdade dos povos do mundo. Contra o bloqueio a Cuba, Janaína se integrou à delegação que foi àquele país da América Central na qualidade de liderança estudantil secundarista. Primeira mulher negra a presidir a União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas do glorioso e valente Estado do Rio Grande do Sul, Janaína ainda acumula a função de vice-presidente da Federação das Mulheres Gaúchas, onde atua e dá mostras de que é uma criatura polivalente, assumindo a indicação para compor o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher como representante da juventude feminina, cujo mandato se estende até o ano 2000. Janaína, que é vice-presidente do CNAB para a seção da Região Sul, tem militância destacada também na valorização do debate em torno da problemática afro-brasileira, envolvendo a efetiva participação dos governos, saudando iniciativas como a que ocorreu há dois anos, com a criação do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), que atua sob a coordenação da Secretaria Nacional dos



Quem é Quem na Negritude Brasileira

a população negra. Como mulher, negra e jovem, ocupa papel destacado no esforço de envolver e aglutinar iniciativas oficiais e de entidades no sentido de aprofundar soluções de enfrentamento aos problemas sociais e raciais no Brasil.

JEREMIAS BRASILEIRO

Escritor

O poeta e escritor negro, Jeremias Brasileiro, é natural de Rio Paranaíba, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 24 de agosto de 1959 e onde fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar Profº Paulo Goulart. Residindo em Uberlândia, coração dos triangulinos, desde 1975, teve oportunidade de estudar nos colégios Antonio Luiz Bastos, Sérgio de Freitas Pacheco, Segismundo Pereira e Messias Pedreira. Mesmo com suas incursões pelo universo do ensino convencional, Jeremias Brasileiro considerava-se um simples autodidata. Sua trajetória de luta para firmar-se como produtor literário tem sido áspera e permanente em favor de sua própria sobrevivência: foi exercer as profissões de servente em construção civil, trocador de ônibus intermunicipal, apanhador de café e de vigilante em diversas residências de Uberlândia. Sendo autor de diversos livros já publicados, entre os quais merece destaque *Névoa Amarela e os Orixás* e *Negro Forró Liberdade Vigiada, Direito de Sonhar*, "cuja mensagem de esperança foi muito apreciada por Carlos Drummond de Andrade de acordo com o texto manuscrito enviado ao poeta". Publicou ainda *Lágrimas de Ve-*



rão, editado em São Paulo pela Editora Scortecci, em 1984. O livro *Negro Forró Liberdade Vigiada*, por exemplo, foi publicado em comemoração aos trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares, em 1995. Jeremias Brasileiro foi o coordenador de eventos culturais no bairro Santa Mônica, entre os anos de 1986 a 1988, participando também como palestrante em várias escolas de Uberaba e do Alto Paranaíba, sobre poesia negra, cultura afro e movimentos populares. É Jeremias Brasileiro o 1º secretário e fun-

culadores e fundadores do PSDB em Uberlândia, Jeremias teve intenso trabalho para levar até Belo Horizonte os papéis de registro de seus fundadores, em 1988. Como poeta, está convicto de que a poesia e somente a poesia, pela sua natureza transcendental e perene, tem poderes especiais para transformar a vida humana para melhor, sem negar-se a si mesmo e sem poluir o ambiente espiritual na qual se instala. E por acreditar no valor eterno da poesia é que se faz poeta e fundador da Academia de Letras de Uberlândia, da qual foi também o primeiro vice-presidente. Pode-se apreciar seus trabalhos publicados no *Jornal em Casa*, na Revista *Arts-Aica* e no *Jornal Mundo Jovem*, que é uma publicação da PUC do Rio Grande do Sul. O teatro tem se valido de seu talento em peças como *Palhaços Também Choram, Vingança de Santo Reis* e *Calvagada dos Tambores Insensatos*, apresentadas ao público pelo Grupo Gruta.

JESSÉ DOS SANTOS

Líder comunitário

Nascido no dia 22 de agosto de 1964, na cidade do Recife e filho de José Francisco dos Santos e Márcia Pastor dos Santos, o pernambucano Jessé dos Santos é casado com Verônica Augusto da Silva Santos, com quem tem dois filhos: Girrece e Gicelle Augusto da Silva Santos. Sua presença sempre ativa junto a diversos segmentos comunitários, particularmente, os que se identificam com os de origem afro-brasileira, fez de Jessé uma liderança natural a ponto de ser o fundador do Centro Cívico da Escola Tobias Barreto de Menezes, do Colégio Municipal Deodoro Augusto no Recife, em 1978, assim como um dos fundadores e ex-presidente da Federação das Associações de Moradores do Município de Camaragibe. Jessé foi ex-diretor e atuou na Federação dos Bairros de Pernambuco (Femeb) e na Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conan). Jessé dos Santos é filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro, pelo qual concorreu na condição de candidato a vereador, em Camaragibe. Profissionalmente, Jessé já exerceu a função de técnico em contabilidade, gerente comercial, professor de técnica comercial, sendo, atualmente, agente de Polícia Civil e assistente parlamentar. Jessé dos Santos pertence à direção do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, em Pernambuco. Em virtude de seu espírito público e de sua capacidade de se envolver com assuntos de interesse coletivo tornou-se um das pessoas mais queridas e admiradas entre os seus conterrâneos. A classe política, sempre muito dinâmica e exigente para com seus auxiliares, tem em Jessé e seus familiares, pessoas com as quais pode contar como colaboradoras altivas e leais, e é dentro desta

secretaria do Estado e município em cuja frente encontra-se o Dr. Miguel Arraes, político brasileiro que acabou encerrando o seu terceiro mandato como governador de todos os pernambucanos. Jessé circula com naturalidade junto aos movimentos afro-brasileiros de seu Estado e do Nordeste. Companheiros como Jessé, transformam-se nos irmãos que não tivemos, nos camaradas de que tanto necessitamos, nos conselheiros de que precisamos para viver como verdadeiros filhos feitos à imagem e semelhança de Deus. Nos dá uma verdadeira lição de que para sermos bons e justos basta que não façamos aos outros o que não queremos que façam conosco. Jessé Francisco dos Santos é negro nordestino e nordestino negro, grande amigo, militante afro-descendente vigoroso e dirigente do Congresso Nacional Afro-Brasileiro da melhor qualidade.

JESUÍNO FRANCISCO DE PAULA GUSMÃO

Pintor religioso

O pintor colonial de São Paulo Jesuíno Francisco de Paula Gusmão nasceu em Santos, em 1764, e faleceu em Itu, no ano de 1819. Durante sua existência também praticou a arquitetura e a música. Tudo indica que tenha iniciado sua carreira ainda menino, em Santos, transferindo-se em 1789 para Itu. Jesuíno - que se casou e teve quatro filhos - desde criança manifestou fervor religioso e, ao envelhecer, decidiu-se por ingressar na vida sacerdotal, o que fez em 1797, adotando então o nome de Frei Jesuíno no Monte-Carmelo, pelo qual se tornaria mais conhecido. Arquiteto improvisado, projetou a Igreja do Patrocínio, em Itu, cuja construção dirigiu e para cuja inauguração - que não chegaria a presenciar, pois a igreja foi concluída após seu falecimento. Compôs hinos e salmos. São de autoria de Frei Jesuíno as doze pinturas da Capela-Mor da Matriz de Itu; o teto da Capela-Mor da Igreja do Carmo, também em Itu, considerado uma de suas obras mais graciosas, com seus frisos de anjos que sustentam guirlandas de flores; o teto da Igreja do Carmo, em São Paulo, destruído em 1928; o teto e mais 18 quadros da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, e os dez quadros do Convento de Santa Tereza. Não deixou obra mais extensa porque, ao se ordenar em 1797, restringiu de modo considerável sua produção artística. Jesuíno do Monte-Carmelo foi praticamente um autodidata, servido sem maiores recursos técnicos. Suas tentativas de

Quem é Quem na Negritude Brasileira

que reside seu encanto peculiar, sua contribuição inconfundível à arte brasileira e paulista de fins do século XVIII.

JOACY DA SILVA NEVES

Fundador da Associação Rastafari

Joacy da Silva Neves é soteropolitano, ou seja, natural da cidade de Salvador, onde nasceu no dia 15 de julho de 1962. Baiano de quatro costados e filho de João Neves Pereira e Francisca Santana da Silva, Joacy é casado com Nivaldina Amaral da Silva com quem tem duas filhas: Aline e Marley. Na qualidade de um dos fundadores da *Associação Beneficente Cultural e Recreativa União Rastafari*, Abcrur, da qual foi diretor cultural e de patrimônio ao longo do período de 31 de março de 1994 a 31 de março de 1996. Joacy da Silva Neves teve a grande oportunidade de elaborar e apresentar um documentário a respeito do rastafarianismo, em nossos dias, trabalho este que foi lido e aprovado no Seminário que se realizou no dia 13 de setembro de 1997. Em virtude do afincô e da seriedade de seu empenho junto à entidade acima mencionada, Joacy da Silva Neves retorna

à presidência desta renomada instituição para cumprir o período que se iniciou no dia 31 de março de 1998 e vai até 31 de março do ano 2000. Tendo por profissão a função de técnico em eletrônica e tendo, também, trabalhado como rodoviário, bancário, ferroviário e funcionário público, contínuo, auxiliar de escritório, caixa escriturário, agente de

estação, maquinista e escrivão de polícia da Secretaria de Segurança Pública do glorioso Estado da Bahia, podemos dizer, sem medo de errar, que Joacy da Silva Neves é o homem dos mil e um instrumentos. Pois fez quase de tudo na vida para sobreviver com independência e dignidade. Conhecendo datilografia, atividades concernentes à contabilidade, as relações humanas e falando inglês, este cidadão negro polivalente encaixa-se perfeitamente no perfil do afro-descendente que precisa matar três leões por dia, para não ser devorado por um deles, que andam a solto por esse mundo de Deus. É importante que ressaltemos o significado histórico do que se deve entender por rastafarianismo, teoria política e cultural, hoje defendida pela Abcrur, fundada no dia 9 de setembro de 1993, na cidade baiana de Salvador. O rastafarianismo é um movimento religioso e político em explosão, originário do culto jamaicano que reverencia o imperador etíope Haile Selassie I, (o Rastafari, isto é, o Príncipe Tafari - 1892-1975) como se tratasse de uma enti-

te por Marcus Garvey, (1887-1940), que tentaram recuperar a África para a raça ou o povo negro. Elementos instruídos do porte de Marcus Garvey viam no exílio negro, forçado por imposição da escravidão, um paralelo com o que ocorre com o povo judeu na Babilônia; como aos judeus coube o direito reconhecido internacionalmente de retornar a Israel, entendem os rastafarianistas que este direito pode, deve e precisa de ser estendido a todos os negros da diáspora, nos dias atuais. Seria uma espécie de um novo êxodo, a libertação para os herdeiros da negritude no século XX e XXI. Os adeptos dessa idéia acreditam que os negros são as tribos perdidas de Israel, que serão afinal redimidos com o seu retorno à África. A música popular jamaicana, com destaque especial para Bob Marley e Jimmy Clif, é uma cultura de resistência e tem no reggae a sua manifestação mais expressiva para a divulgação dessas idéias pregadas pelo rastafarianismo de todo o mundo.

Nova Encyclopédia Ilustrada Folha - 1996.

JOÃO CÂNDIDO

Comandante da Revolta da Chibata

João Cândido é um dos nomes negros que se tornaram heróis nacionais popularizados pela geração de militantes do Movimento Negro Unificado. Antes do MNU muito pouco ou quase nada se sabia do *Almirante Negro*, em termos políticos, afora o que se contava com orgulho épico, em enredos de escolas de samba, que vez por outra, sacudia a nossa memória ou o inconsciente coletivo, revolvendo as páginas da história do Brasil, através de leituras e de interpretações de fatos ocultos sob a poeira do esquecimento, até então insuspeitável. João Cândido, cujo nome de batismo é João Cândido Felisberto, era natural da cidade de Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, onde nascera no dia 24 de junho de 1880. Portanto, João Cândido era gaúcho e, como tal, trazia em suas veias o sangue do idealismo dos que não se submetem aos arreganhos da prepotência, e do negro habituado a lutar secularmente pelos seus direitos e por sua dignidade. A mistura explosiva desses dois ingredientes básicos que se cristalizavam no sentimento cívico das pessoas de bem e de índole corajosa, encontraram no caráter de João Cândido as condições para se fixarem, transformando-se em

ação que identifica os grandes heróis e mártires da história da Humanidade. É assim que os brasileiros de hoje, de todos os matizes, passaram a ver e a contemplar a figura eqüestre de João Cândido, ma-

tarista de guerra, natural de Rio Pardo, interessado em aprimorar e a ampliar seus conhecimentos, em 1908, João Cândido parte para Inglaterra com objetivo de acompanhar o final da construção dos navios de guerra encomendados pela marinha do governo brasileiro. Depois de observar com os seus próprios olhos a diferença de tratamento dispensado aos marinheiros dos dois países, João Cândido conclui que o regime de semi-escravidão em que viviam os seus iguais era simplesmente intolerável. É em razão dessa tomada de consciência que "em 22 de novembro de 1910 estoura a Revolta dos Marinheiros brasileiros liderada por João Cândido, exigindo a abolição da chibata, maiores soldos e menos trabalhos". O Congresso de então decreta uma anistia negociada com os revoltosos, o que determinou, como parte do acordo que os marinheiros amotinados entregassem os navios ao novo oficial. Dias depois, a 10 de dezembro decreta-se, no país, o Estado de Sítio. João Cândido e mais seiscentos marinheiros são presos, sendo que no dia 25 de dezembro, 16 dos 18 marinheiros presos numa solitária na Ilha das Cobras aparecem mortos. Só João Cândido e um soldado naval conseguem sobreviver ao massacre. O navio Satélite parte para o norte, levando 105 ex-marinheiros, onde alguns são executados e outros abandonados nos trabalhos de seringais. João Cândido é internado no Hospital dos Alienados, em 1911, sendo solto e absolvido das acusações em 1912, mas é afastado definitivamente da corporação; neste ínterim, sua segunda mulher ateia fogo ao corpo. João Cândido é convidado a entrar para a polícia negando-se a aceitar a indicação. Tornou a ser preso em 1930, sob suspeita de estar envolvido com subversivos. O novo Minas Gerais, do qual Cândido comandara a Revolta da Chibata, é vendido como sucata, em 1953; dizem que viram João Cândido em uma embarcação, beijando o casco do navio, dele se despedindo, banhado em lágrimas. João Cândido morreu no dia 6 de dezembro de 1969, no Rio de Janeiro.

Projeto Zumbi - Publicação da Assessoria para Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo - 1985 - A Cândido Fernandes.

JOÃO DA BAIANA

Compositor e precursor do samba



O samba segundo as encyclopédias é o nome comum dado para diversas danças de raiz negro-africana que podem se manifestar por meio de música tocada, cantada ou não, quase sempre seguida de acompanhamentos entre os quais se destacam o ritmo marcado e marcante produzido por instrumentos de percussão. A galeria de sambistas é uma das mais profusas em termos de pessoas e de instituições que se consagram pra-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



seu talento, a sua inspiração e a sua sensibilidade ao culto desta manifestação popular, como é o caso de João da Baiana. A personalidade de legítimo pioneiro do samba se confunde com a

imagem das tias baianas que enchiam de ritmos e de luzes a velha Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro, ditando norma para os que posteriormente viessem a trilhar a dourada passarela do samba carioca. João da Baiana tinha por quem puxar, filho e neto que era de antigos foliões e folionas da terra de Estácio de Sá. Tanto é que a batida característica do pandeiro trabalhado por João da Baiana ele aprendera com sua mãe que, por sua vez, recebeu dos avós de João esta lição de sabedoria popular, onde se destacavam a tia Preseiliana de Santo Amaro e de tia América do Aragão, da tia Veridiana, da tia Mônica e da mais conhecida de todos que era tia Ciata, verdadeira lenda dos primórdios da criação do samba em nossa terra. João da Baiana fora "o primeiro a ser visto raspando a faca no prato, um instrumento de ritmo inusitado e insinuante, também fruto de seu aprendizado com as velhas baianas". João da Baiana nasceu no Estado do Rio de Janeiro, no dia 17 de maio do ano de 1887. Era o tipo acabado daquele que todos chamam de carioca da gema. Em suas veias corria o sangue de negros, pois sendo neto de escravos, João Machado Gomes - este o seu verdadeiro nome de batismo - era um dos doze irmãos todos baianos como seus pais; o curioso é que João da Baiana era o único que nasceu carioca. Sabia-se que sua mãe era festeira das mais ativas e foi com ela que João da Baiana aprendeu o samba e candomblé até os seus nove anos de idade. Muitos dos ritmos que se aclimataram, no Rio de Janeiro dando origem ao samba como hoje conhecemos, vieram das regiões do Nordeste como o rancho que é um conjunto folclórico onde os figurantes representam pastores e pastores que cantam e dançam durante o folguedos das festas populares do natal e dia de reis. No Rio de Janeiro estes ranchos, reminiscências trazidas pelos migrantes se transformaram em um outro tipo de sociedades carnavalescas surgidas ali no início do século XX. Foi por esta época que João da Baiana introduziu o pandeiro como um dos componentes essenciais do samba. Assim, foi abrindo seus próprios caminhos. Empregando-se como ajudante da cocheira de Hermes da

política, das diversas públicas como quando se incluiu na claque que aplaudia o comediante negro Eduardo das Neves, antes de se tornar famoso pandeirista. É conhecido o episódio em que a polícia apreendeu o seu pandeiro impedindo-o de tocar na casa do senador Pinheiro Machado, sendo por este presenteado com um novo pandeiro. Orgulhoso, João da Baiana deu-se ao luxo de recusar um convite para fazer parte dos Oito Batutas que empolgaram a Europa com suas apresentações, na verdade ele preferiu ir à Bahia tomar bêncos de sua madrinha no terreiro de sua protetora, mãe de santo que atuava em Gantois na cidade de Salvador. João da Baiana faleceu aos 87 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro no dia 12 de janeiro de 1974, deixando uma preciosa obra em composições populares. Conviveu com Donga, Pixinguinha, Clementina de Jesus, e tantos outros monstros sagrados da Música Popular Brasileira.

1) Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997

2) Larousse Cultural - Brasil A/Z -

Editora Universo - 1988.

JOÃO DO PULO

Recordista mundial de salto triplo

João Carlos de Oliveira é o popular João do Pulo. Atleta do Vale do Paraíba por excelência, por haver nascido na cidade de Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, em 1954. João do Pulo conseguiu brilhar em duas difíceis modalidades esportivas: Salto em Distância 8,19m e Salto Triplo, 17,89m - na ocasião recorde mundial em 1975, na cidade do México, marco que só seria superado uma década mais tarde pelo norte-americano Willie Bank, que atingira a marca de 17,95m. Mesmo assim, continuou sendo o recordista brasileiro e sul-americano em Salto em Distância (Rietti-1979, com 8,36m). João Carlos de Oliveira, depois do acidente automobilístico que o levou a perder uma de suas pernas, tornou-se político, elegendo-se por duas legislaturas deputado estadual em São Paulo, onde teve um desempenho que o consagrou como homem público respeitável e de sensibilidade. Tendo o seu nome incluído entre os que serão sempre lembrados por sua performance nas pistas de atletismo do Brasil e do Mundo, João do Pulo deslum-



brado em São Paulo, registrou a marca de 16,90m nas Olimpíadas da cidade de Montreal, no Canadá, obtendo a medalha de bronze. Atleta dedicado e disciplinado, pôde melhorar ainda mais a sua marca nos Jogos Olímpicos de Moscou, realizada no ano de 1980 com um salto de 17,22m. Nessa ocasião, inexplicavelmente, o atleta brasileiro teve invalidados nada menos de nove saltos, entre estes alguns dos melhores, o que o prejudicou enormemente na competição. Ao se concluir este painel dedicado ao nosso recordista João do Pulo, o faremos agregando o comentário que afirma que os atletas africanos, especialmente os quenianos, prosseguem ganhando medalhas em competições de resistência, de média e longa distância, que abre a polêmica em que os estudiosos não sabem se atribuem ao fator genético ou ao fator ambiental o fato de se verificar um número cada vez maior de atletas negros fazendo sucesso em modalidades esportivas em relação a outras etnias.

1) 1000 Que fizeram o século 20 -

Editora Itaú - 1996

2) Tudo - O livro do Conhecimento -

Isto É - Editora Itaú - 1996

JOÃO JORGE

Fundador do Olodum

João Jorge Santos Rodrigues é natural do Estado da Bahia, onde nasceu no dia 23 de junho de 1956, na cidade de Salvador. É técnico em Turismo, em processamento petroquímico e estudante de Direito pela Universidade Católica de Salvador. João Jorge é um dos nomes mais famosos e admirados pelo seu trabalho desenvolvido, com dedicação e pertinácia, junto às atividades afro-brasileiras, tendo o Olodum como a referência maior, em que muito vem contribuindo para divulgar o Brasil no exterior e elevar bem alto a importância da cultura negra de nosso país. Operador de processamento químico em Camaçari, trabalhou na Melamina Ultra (1975 a 1985) e na Ciquine (1983 a 1986). Foi diretor de Cultura do Olodum (1983 a 1989); presidente do Olodum (1989 a 1995); diretor de Cultura 1995 Fellow da Ashoka (1989-1994); ex-diretor da Fundação Gregório de Matos em Salvador - organismo responsável pela política cultural da cidade (1986-1988). Fundador e membro da coordenação do Conselho de Entidades Negras da Bahia - Cenba, (1986 a 1989), presidente da Federação de Blocos Afros do Brasil, (1993-1995), membro da Comissão Nacional e da Comissão Estadual do Centenário da Abolição e integrante do Conselho Consultivo da Fundação Palmares. Coordenador do Projeto Rufar dos



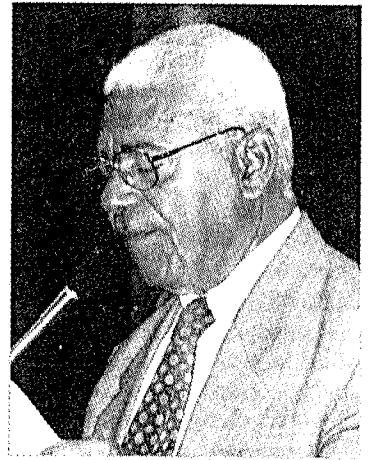
dos discos do Olodum (1987-1997), escritor e poeta com publicações no Jornal Olodum e Jornal Nego. Idealizador do projeto da Escola Criativa Olodum, do projeto da Fábrica de Carnaval do Olodum e membro do programa de visitantes internacionais dos Estados Unidos da América, realizado em 1993. É também bastante expressiva a quantidades de palestras proferidas sobre a questão racial no Brasil, pelo país e pelo exterior, entre as quais se destacam: *A política dos afro-brasileiros*, na Universidade da Califórnia; *Cultura, identidade e mobilização social dos afro-brasileiros*, na Universidade da Flórida. João Jorge foi o idealizador do SOS Racismo, em 1990, e defensor da alteração constitucional que criou o capítulo do Negro na Constituição do Estado da Bahia, representando um conjunto de entidades negras do Estado, na Assembléia Legislativa em 1989. Ainda esteve presente em viagens de intercâmbio cultural em países como Senegal, Benim, Angola, França, Costa do Marfim, Nigéria, Estados Unidos, Inglaterra, Escócia, Holanda, Alemanha, Espanha, Suécia, Itália, onde falou a respeito da cultura brasileira em expressivos órgãos de imprensa de tais países, como New York Times, Le Monde, Le Liberation, BBC de Londres, Rádio Itália, NBC de New York, Rádio Nacional de Angola, entre outros. João Jorge ainda reuniu tempo para condensar em seu livro *Olodum, Estrada da Paixão*, dados sobre a política cultural do Olodum na Bahia e no mundo, publicado pela Editora Olodum, em 1996. Em reconhecimento ao seu trabalho, foi condecorado com a *Medalha 2 de Julho* pela prefeita de Salvador, Lídice da Mata, pelos serviços prestados ao desenvolvimento da comunidade negra. Recentemente, foi nomeado membro do Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da Comunidade Negra, do Ministério da Justiça Federal e foi eleito em 13 de abril de 1998, presidente do Grupo Cultural Olodum.

JOAQUIM BEATO

Reverendo e político

Joaquim Beato é natural da cidade de Alegre, no Espírito Santo, onde nasceu no dia 6 de outubro de 1924, filho de Isaura Pereira da Silva e Joaquim José Beato, é casado, em segundas núpcias, com Vitória Torezani Beato. O Reverendo Joaquim Beato está incluído entre aquelas pessoas que fizeram de suas vi-

bondade pelos caminhos que se iluminam com a sua simples passagem, o reverendo Joaquim Beato, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Campinas, São Paulo, em 1948 e Licenciado em Filosofia, pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del Rei, em Minas Gerais, em 1972, é um desses homens negros cultores e versados em um dos ramos mais sérios e consequentes da religião cristã em nosso país. Altamente preparado por uma consistente e profunda formação universitária, que enriquece a sua folha curricular de ministro da Igreja, Joaquim Beato foi professor titular de Língua, Literatura e História do Antigo Testamento, no Seminário Teológico Presbiteriano do Centenário da IPB em Presidente Soares, Minas Gerais, e no Espírito Santo, cargo que exerceu de março de 1952 a setembro de 1967. O caráter ilibado, que faz de Joaquim Beato um ministro presbiteriano exemplar, também o fez o político que foi secretário de Estado do Bem-Estar Social no governo de Gerson Camata, em 1983, secretário de Educação e Cultura do Estado do Espírito Santo e senador da República na década de 1990. Por uma questão de compromisso com a verdade, orgulho-me em dizer que o reverendo, o político e o militante afro-brasileiro doutor Joaquim Beato, foi presidente da Comissão de Revisão da Lei Afonso Arinos, organizada pelo então presidente da Câmara Municipal de São Paulo, o vereador negro, Paulo Rui de Oliveira, em 1980, cuja relatora, Eunice Aparecida de Jesus Prudente, revelou ao mundo jurídico-político que a ineficácia do referido Diploma de Lei, residia no fato de o mesmo tipificar o racismo como mera contravenção e não como crime de lesa-humanidade, descoberta que serve de subsídio para que o então deputado federal Abdiás do Nascimento denunciasse e desfizesse o equívoco e o constituinte Carlos Alberto de Oliveira Caó caracterizasse o racismo em razão de sua extrema gravidade, como delito imprescritível e inafiançável, nos termos em que hoje se encontra na Constituição Cidadã de 1988. É como cidadão prestante que o reverendo Joaquim Beato há de entrar para a História na condição de um grande membro da negritude brasileira e como um notável pensador místico-religioso, que foi capaz de formular brilhantes



“mais ao encontro de suas necessidades para suas pri-las”; que “quaisquer barreiras para o aperfeiçoamento no ministério são apelos do céu para execução de ações transformadoras na terra”, que o apego à educação teológica - que sempre o fascinou - converteu-se numa das mais fortes prisões de sua ação laboral. Estas são algumas de suas convicções arraigadas em sua vocação e em seu pastoreado de pastor emérito, título com que foi agraciado pelos 48 anos de vida ministerial, razão pela qual as Igrejas do Concílio encontram-se em festa ao homenagear o reverendo Joaquim Beato com muita justiça por motivo dos relevantes serviços prestados à Igreja e à sociedade.

JOAQUIM CRUZ

Recordista olímpico dos 800 metros

Como vem estampado no livro “1.000 que fizeram o século 20”, Joaquim Cruz, nascido em 1963 de gente humilde de Taguatinga, arredores de Brasília, é um atleta que “corre como um cavalo”, na afirmação do técnico americano John McDonald, da Universidade de Arkansas. Esta definição veio aos lábios do austero técnico dos Estados Unidos quando este viu o brasileiro Joaquim Cruz atropelar no final e ganhar a medalha de ouro dos 800 metros na Olimpíada de Los Angeles em 1984, quebrando o recorde olímpico. Este feito de valor extraordinário para o esporte brasileiro e internacional provocou as mais espantosas exclamações dos que testemunharam a proeza, como foi o caso do comentário do segundo colocado e recordista mundial, Sebastian Coe, campeão dos jogos olímpicos anteriores que, impressionado, afirmou textualmente: “Ele (Joaquim Cruz) não se preocupa com os outros, faz o seu próprio ritmo. Esta é a marca de um grande corredor”. Em Joaquim, à forma atlética com que sempre se apresentou nos torneios esportivos, junta-se a astúcia, ao introduzir uma tática nova inusitada, que é a de permitir que alguém à sua frente se sinta obrigado a servir-lhe de ‘corta-vento’ abrindo-lhe um verdadeiro vácuo, até o instante em que o atleta brasileiro entenda que deve ultrapassá-lo,



adversário mais direto. Joaquim Cruz obteve ainda a medalha de Ouro dos Jogos Pan-Americanos de Indianópolis, em 1987 e a de Prata nas Olimpíadas de Seul, em 1988. O atleta da cidade-satélite de Taguatinga deve muito de sua excepcional performance ao SESI, de Brasília, de quem ganhou uma Bolsa de Estudos para treinar nos Estados Unidos, na Universidade de Oregon, em 1981. Elementos dotados deste vigor atlético, de origem negra como Joaquim Cruz, estão sendo objetos de estudos em prestigiosas Universidades, onde acreditam que, no século XXI, os negros africanos vencerão todos as provas de atletismo, além de demais competições esportivas. Estudos comparativos realizados nos Estados Unidos concluíram que os negros possuem menor porcentagem de gordura, quadris mais estreitos, músculos mais largos, pernas mais longas e panturrilhas mais finas, condições físicas ideais para a prática das modalidades esportivas de fôlego, empuxo e resistência, garantindo-lhes excelentes resultados em prova de velocidade, em corridas de longa distância e em competições de média distância. Prova concreta, é que o atletismo brasileiro deve muito ao humilde Joaquim Cruz, que soube correr mais que um cavalo.

1) 1.000 Que Fizeram o Século 20 -
Editora Triés - 1996.

2) *Tudo - O Livro do Conhecimento* -
Editora Triés - 1996.

JOAQUIM DE MENDANHA

Maestro, autor do *Hino do Rio Grande do Sul*

Para os místicos, ou contemplativos, a música é a linguagem dos deuses. É o idioma celestial. Para os pragmáticos, ou agnósticos, a música é a voz e a fala universal. De fato, a sua natureza, por assim dizer, abstrata e a sua técnica de lidar com os sons, este corpo volátil, de modo a transformá-lo em uma arte capaz de agradar a um de nossos cinco sentidos, o ouvido, faz com que o indivíduo inclinado a cuidar de seus mistérios tenha um temperamento todo especial que o coloca, por sua aguda sensibilidade, num patamar que o privilegia entre os que trabalham com as demais artes. É por esse prisma, quase que filosófico, que nós distinguimos a figura do compositor e regente Joaquim José de Mendanha, filho de Joaquim de Gouveia e de Eufrásia Maria de Jesus, nascido em Itabira do Campo, Estado de Minas Gerais, ali pelos anos de 1800. Este músico é tido como um dos mais qualificados neste ramo e uma das autoridades do Rio Grande do Sul, do século XIX. Antes disso, Joaquim de Mendanha transfere-se para a cidade do Rio de Janeiro, aonde, ao atingir a maioridade, alista-se na unidade de Infantaria do Exército Imperial. Segundo Clever Filho, este músico de Itabira, em 1821, inter-

Icará da Vila Real da Praia Grande, atual Niterói. Em plena atividade profissional, Mendanha engaja-se ao coro da Capela Imperial como cantor falsetista e como mestre de banda do 2º Batalhão de Caçadores da 1ª Linha que acabou marchando para o Rio Grande do Sul, no período em que se desenvolvia a Guerra dos Farrapos, revolucionários que em 30 de abril de 1838 o fazem prisioneiro. Patriota e destemido, em 1840, volta a fazer parte das forças governistas. Joaquim Mendanha é autor de várias partituras musicais, entre as quais destacam-se o *Hino Farroupilha*, depois *Hino Republicano Riograndense* e, hoje, o Hino Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Maestro Joaquim de Mendanha, a partir de 1845 radicou-se definitivamente na cidade de Porto Alegre, na qual passa a ter uma grande atuação na condição de incentivador consequente das atividades artísticas locais, ocasião em que contribuía para a divulgação das obras do padre José Maurício Nunes Garcia. Além de maestro e compositor, Mendanha torna-se professor de música dos menores do Arsenal de Guerra da Província de São Pedro do Sul, assim como mestre-de-capela da Catedral Metropolitana. Valendo-se de sua robusta experiência em se tratando de música religiosa e instrumental, não foi difícil dirigir uma banda e, ao mesmo tempo, uma orquestra. Sempre ativo e presente, Joaquim Mendanha funda em 1855 a Sociedade Musical de Porto Alegre sendo que no dia 27 de junho de 1858, três anos depois, lá estava o grande poeta negro regendo a orquestra no concerto de inauguração do Teatro São Pedro da cidade de Porto Alegre. Sua vida de proveitosa agitação extingue-se no dia 2 de setembro de 1885, mas, antes pelo seu valor pessoal e sua contribuição para a arte da música, Joaquim Mendanha é condecorado com a Comenda Imperial da Ordem da Rosa, por proposta do próprio Duque de Caxias, em solenidade que se realizou anos antes de seu falecimento, em 1877.

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanoel Araujo - Tenenge - 1988

JOAQUIM PAULINO DO NASCIMENTO

Líder sindical

Joaquim Paulino do Nascimento, nascido no dia 30 de abril de 1948, natural da cidade de Tinguatiba, Estado da Bahia, é casado e sua esposa chama-se Petronilia Nascimento, com quem tem três filhos, Maria Petronilia, Paulo Afonso e Joaquim Nascimento Filho. Joaquim Paulino do Nascimento fez seus primeiros estudos e viveu a sua dourada adolescência em sua cidade natal, onde também trabalhou na roça para ajudar seus pais no sustento da família, lá permanecendo até a idade de 21 anos, quando no dia 22 de janeiro de 1970 migraria para esta megalópole de nome São

Paulo. Chegando na Capital do Trabalho, já estava empregado, provando que serviço não lhe metia medo. Entrou para uma empresa de construção civil, ali permanecendo por 5 anos. É nesse interim que Joaquim aproveita para aprender a profissão de encanador, freqüentando, com dedicação e assiduidade, o curso ministrado pelos professores do Senai, sendo formado nessa categoria profissional. A partir de então, Joaquim Paulino do Nascimento inicia uma outra carreira, ingressando na Vasp (Viação Aérea de São Paulo) e em seguida é admitido pela Bombril, para só depois deste emprego vir a incluir-se no quadro de funcionários da Cesp (Companhia Energética de São Paulo), onde permanece até hoje, completando 20 anos na condição de seu empregado. Sempre preocupado em ampliar os seus conhecimentos a respeito das várias áreas do saber humano, Joaquim continua estudando, ora fazendo cursos sobre a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), treinamento de Lideranças Cristãs - sendo padrinho de mais de doze crianças, o que lhe propiciou a oportunidade de ser eleito para a Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) junto aos trabalhadores da Cesp, com base no mesmo slogan lançado por grande Otelo, em 1946, quando de sua campanha para o Congresso Nacional, que assim se enunciava: "Não vote em branco, vote num cidadão negro". Como é fácil observar, o voto racial é tendência natural não só no Estado do Rio de Janeiro, mas em todo país, já que 60% de sua população é constituída de afro-descendentes. Segundo nos registra o Jornal *Gringot*, "A idéia generalizada de que concorrer a cargos eletivos não faz parte da vida cotidiana dos negros, e que fazer política é coisa para brancos, é uma balela que por muito tempo vem sendo estimulada pelos setores conservadores e pelos coronéis da política". Hoje, Joaquim Paulino do Nascimento é diretor do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, agente comunitário de saúde e integrante do Congresso Nacional Afro-Brasileiro. Na cidade de Avaré, onde reside com sua família, ajudou a fundar o CNAB na localidade, sendo quem patrocina, no município, a oficialização do *Hino à Negritude*, cujo projeto tramita na Câmara dos Vereadores.

JOEL RUFINO DOS SANTOS

Escritor e intelectual orgânico

No dia 19 de junho de 1941 nasce, na cidade do Rio de Janeiro, Joel Rufino dos Santos, um dos nomes mais conhecidos e respeitados de quantos se projetam hoje, no cenário nacional, na condição de escritores negros que abrilhantaram a geração a que pertencem. Joel Rufino dos Santos, sabe dosar a sua atuação entre os absorventes afazeres da vida acadêmica e a participação de autêntico militante, que sempre se posiciona, no

sua energia e com os seus judiciosos conhecimentos, para que os afro-descendentes sejam vistos, tratados e reconhecidos como

cidadãos de primeira classe. Para constatarmos este procedimento, basta que passemos um olhar, ainda que superficial, por sobre alguns dos títulos das inúmeras matérias por ele produzidas, para que nos científiquem que esse moço, culto e operoso, em tudo tem dignificado a sua origem negra, por tratar-se de um dos nossos estudiosos mais sensíveis e capacitados. Consciente e perfeitamente identificado com as verdadeiras causas populares brasileiras é o que deu motivo para que Joel Rufino dos Santos fosse submetido a uma prova de fogo, ao ver que o seu primeiro trabalho, como escritor, viesse a ser totalmente proscrito pelos rigores da censura que se estabeleceu sob o guante do regime militar de 1964, cabendo-lhe, por castigo, banimento da obra e de seu convívio com a sociedade, pelo fato de haver contribuído, como e enquanto co-autor da feitura da *História Nova do Brasil*. Hoje, são de consulta obrigatória os seus livros que tratam da questão afro-brasileira como *Que é o Racismo, Quem fez a República? O Renascimento, A Reforma e a Guerra dos Trinta Anos, O Dia Em Que O Povo Ganhou e Mataram o Presidente* (co-autoria). Na área infanto-juvenil, Joel publicou, entre outros trabalhos, *O Caçador de Lobisomem, O Espantalho e o Curupira, Negrinho, o Marinheiro, e Outras Histórias* (lançados pelo Círculo do Livro) e *Uma Estranha Aventura em Talalai*. Foi precisamente com este último livro que Joel Rufino dos Santos ganhou o Prêmio Jabuti, patrocinado pela Câmara Brasileira do Livro, o que é simplesmente revelador da importância e significado desta obra. Eis, pois, algumas considerações nas quais Joel Rufino dos Santos sintetiza o que se deva entender por racismo: "Há um ano que a Baixada Fluminense conhece um frio matador, que se dá ao luxo de avisar aos jornais, quem vai matar e onde, a lhe dar crédito, teria executado, num só mês, cento e quatorze pessoas. Clama-se Mão Branca, e tão célebre ficou, que muitas mães ameaçam chamarlo quando o filho recusa sopa. Mão Branca é apenas o símbolo de uma organização terrorista, racista, de extrema-direita executora de morte por delegação do governo. Por que Mão Branca é terrorista de extrema-direita? Porque se propõe a acabar com o crime, assassinando rapazes pobres da região mais pobre do Estado. Descontar as dificuldades coletivas em cima dos mais fracos - o pobre, o homossexual, a prostituta, o desiciente mental, o físico, o menor abandonado, o preto, o índio, o judeu - é uma invenção da 'ideologia fascista'. Porque Mão Branca é fascista?

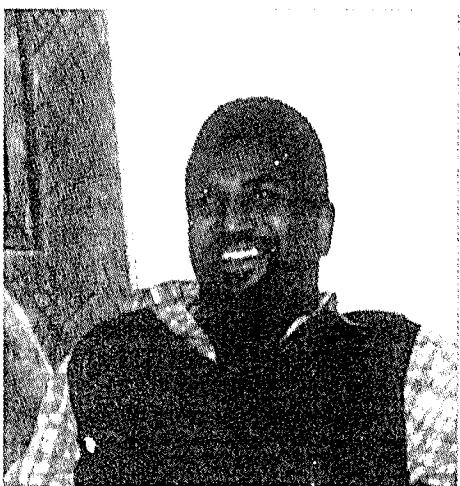
se objetar que é coincidência, Mão Branca não olha a cor de suas vítimas. Esta objeção é um "sofisma": a maioria tinha de ser de cor, pois ele só mata pobre... Mão Branca é uma espécie sinistra de Ku-Klux-Klan fluminense; organização terrorista, ultra-direitista, contra negros, criada nos Estados Unidos em 1866".

1 | O que é Etnocentrismo, Racismo, Negritude
Primeiros Passos - Círculo do Livro

JOFE

Artista plástico e escultor

José Maria Ferreira dos Santos é o nome civil do artista plástico e escultor negro José dos Santos, nascido na cidade mineira de Sabinópolis, em 15 de outubro de 1955. José dos Santos é, antes de tudo, um formidável "agitador cultural" que



J. Rosendo

pelo fato de ser escultor por excelência, sabe dar formas dinâmicas e encantadoramente sensuais "sem que o erotismo banal apodere-se de suas criações feitas em pedra-sabão, madeira, mármore, isopor, pedra-talco, argila mineral com cimento e pó de talco com resina, e faz com que a sua obra alcance uma dimensão original, quase que apocalíptica". E dizer-se que o artista negro em apreço mudou-se para "Embu das Artes", cidade da grande São Paulo, com apenas 12 anos de idade onde permaneceu até 1984, é restringir-se a opulência e a genialidade desse moço a uma circunstância acidental de natureza geográfica. José dos Santos, hoje com atelier na capital paulista, onde reside, é figura que atingiu um renome transcendental, uma vez que as suas criações percorrem o mundo, e países como Canadá, França, Dinamarca, Japão, Estados Unidos, Suíça, Alemanha, Itália são algumas das nações que têm o privilégio ímpar de se deslumbrarem diante das produções deste grande artista afro-brasileiro. Manipulando as formas humanas, que nos causa a impressão de seres vivos em movimento, José dos Santos denomina-se um escultor autodidata, que

amente dita, José não se trai e nem nega que as suas figuras esculpidas naqueles materiais, que acima nos referimos, inclinam-se para enquadrarem-se "numa linguagem expressionista", que beira uma estilização de índole até mesmo abstrata, ao deformar, de modo belo e surpreendente "a realidade por meios que expressam os sentimentos e a percepção de maneira intensa e direta". A cronologia das atividades de José dos Santos vai de 1969 até aos nossos dias, onde as colunas dos jornais, das revistas, os salões de exposições individuais e coletivas registram com uma impressionante regularidade a presença desse notável artista negro, que só não citamos nominalmente os locais e as datas por absoluta falta de espaço, já que um número sem conta de cidades e Estados brasileiros foram percorridos de norte a sul, leste e oeste, quer ministrando aulas e oficinas de arte, quer sendo objeto de estudos e de análises desse universo artístico especializado, em que não se descartam as suas tendências concernentes à arte negra. Foi com este fôlego e com esta determinação que Aleijadinho, Portinari, Di Cavalcante e Emanoel Araújo, preservadas as diferenças individuais, projetaram-se no Panteão da imortalidade, caminho que vem sendo perseguido por José dos Santos.

JORGE BENJOR
Cantor e compositor

Jorge Ben Jor é o nome artístico de Jorge Duilio Lima Menezes, nascido na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1940 e considerado um dos mais inovadores entre os cantores e compositores da presente geração. "Filho de Silvia Lenheira Ben Zabella de Menezes, etíope, que, se dependesse dela, eu seria um pediatra e de Augusto de Menezes, espanhol, que desejava que me formasse advogado. Ambos, contrariados, por mercê de Deus, que acabou me encaminhando para a Música Popular Brasileira em cuja profissão sinto que me dei bem", diz Jorge Ben Jor, que apenas teve o trabalho de se inclinar para o lado de onde o sopro divino o impulsionava. Nessa direção é que pôde provocar uma autêntica revolução na música popular brasileira, dando um trabalhão para quem tinha que classificar o seu som. Jorge Ben Jor tem plena consciência da sua condição de descendente de afro-brasileiro, quando declara que a cidade do Rio de Janeiro é bem menos precon-



Rai e Silas, e apegado à ficção policial de filmes tipo Arma Mortífera, Jorge Ben Jor delineia um caminho baseado na afirmação de seu próprio gosto e estilo de vida, e afirma categórico: "Sou um cronista musical, um poeta urbano e suburbano. Gosto da cidade, do dia-a-dia, de manchete de revista, de jornal, de telejornal". Desde o começo dos anos 60, Jorge Ben Jor tocava pandeiro e violão em diversas casas noturnas do Rio de Janeiro, onde começou a ficar conhecido, para em 63 estrear no disco, onde as músicas *Mais Que Nada* e *Por Causa de Você* logo fossem bafejadas pelo sucesso e tornarem-se o carro-chefe, puxando as vendas e o sucesso, com milhares de cópias distribuídas pelo país inteiro. Com tais músicas lançadas nos Estados Unidos por alguém tão importante como Sérgio Mendes, as obras aqui conhecidas também encontraram, com facilidade, o caminho do êxito total. Foi o que aconteceu, precisamente, com *Chove Chuva e Mais, Que Nada* que entraram nas paradas de sucesso, nelas permanecendo por um longo tempo. Herp Albert e José Feliciano gravaram *Zuzueira* e *Nená Naná*, criações de Jorge Ben Jor feitas no seu estilo inconfundível, descontraído, cheio de ginga e balanços que fizeram de *Cadê Tereza, Que Pena, País Tropical, Domingas, Fio Maravilha, Charles Anjo 45, Roberto, Corta Essa, Yves Brussel, Santa Clara Clareou*, e de outra infinitade de composições verdadeiros clássicos de Música Popular Brasileira, embalando os jovens da Zona Norte a Zona Sul da Cidade Maravilhosa e contagiando todo o país.

1) *Latousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo - 1988*

2) *Revista Raça Brasil - Ano 3 - n.º 18*

JORGE COUTINHO

Ator

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 6 de setembro de 1934, Jorge Coutinho, filho de Mercedes Antonio Coutinho e Manoel Coutinho. Casado, com curso de formação teatral pela Unirio, Jorge Coutinho tornou-se profissional de artes cênicas e por encontrar-se preparado para o seu pleno exercício, hoje é ator e atua na novela da Globo, *História de Amor*. É ainda Assistente do Gabinete Civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Jorge Coutinho é diretor do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Rio de Janeiro. Diz, o biografado, que a sua experiência vem sendo acumulada a partir do seu sentimento de liberdade e de igualdade na profissão que escolheu trilhar, como e enquanto ator. Jorge Coutinho foi um dos precursores do Cinema Novo, tendo participado de filmes como *Ganga Zumba, Assalto ao Trem Pagador, Chuvas de Verão, O Crioulo Doido, Quilombo, Memórias do Cárcere*, histórias ex-



destacando-se entre as *Roque Santeiro, A Escalada, Passos do Vento, Cabana do Pai Tomás, Brilhante, Dona Beija, Irmãos Coragem, Abolição, Partido Alto e a República*. A TV ainda contou com a sua participação nos programas do *Chico Antônio Show*. Jorge Coutinho, sempre preocupado em resgatar as raízes afro-brasileiras, lançou shows importantes do ponto de vista da Música Popular Brasileira, fundando, ao lado de Candeia, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Elton Medeiros, Jocira Silva e Monarco, o *Grêmio de Arte Negra Quilombo*, para defender, preservar e difundir as diversas formas das manifestações culturais afro-brasileiras e populares. Foi Jorge Coutinho quem lançou, na extinta sede da UNE, o show *Cartola Convida* e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o *Zicartola 2*. Este agitador cultural incansável e sem precedentes chegou ao Teatro Opinião com a *Noitada do Samba*, espaço cultural de cantores, compositores, jornalistas, escritores e intelectuais, no pior período da repressão, de 71 a 83, dando a oportunidade para que artistas se firmassem ou se revelassem, entre os quais Roberto Ribeiro, Dona Ivone Lara, Martinho da Vila, Clara Nunes, Candeia, João Nogueira, Paulinho da Viola, Elza Soares e Leci Brandão. Jorge Coutinho também foi administrador do Teatro Glauber Rocha e do Teatro Experimental Cacilda Becker, foi um dos fundadores do IPCN - Instituto de Pesquisa de Cultura Negra e da Associação dos Direitos do Negro. Jorge Coutinho emprega sua energia e a sua capacidade polivalentes para servir ao negro e aos que, de uma forma ou de outra, glorificam com seu esforço e sua sensibilidade.

JORGE DE LIMA

Poeta e escritor

Jorge Matheus de Lima nasceu em sobrado colonial do século dezenove, aos vinte e três dias de abril de 1893 - para alguns, em 1895, na cidade de União de Palmares, no Estado de Alagoas e era filho do casal, Coronel Matheus de Lima, que ali aportara proveniente da cidade de Tacaratu, no sertão de Pernambuco e, entre tantas outras qualidades, constituía-se em um dos maiores car-

tares, entre outros, *Favela, A Deusa Negra e Cry Freedom*, rodados na Nigéria e dirigidos, os dois últimos, por Ola Balongo, nigeriano. As novelas de televisão tiveram o concurso do talento artístico de Jorge Coutinho,

tro Sarmiento Filho. Poeta primoroso, em cuja modalidade artística projetou-se internacionalmente, Jorge de Lima era ainda romancista, ensaísta, escritor, pintor, político, médico e professor. No bairro Palmarino, onde nasceu Jorge de Lima teve como sua professora de primeiras letras, Mocinha Medeiros, com quem iniciou-se no aprimoramento de conhecimentos gerais. Já no Colégio dos Maristas em Maceió, onde fora aluno exemplar, fez o curso preparatório para a Faculdade de Medicina, concluindo o dito curso entre quinze e dezenas de anos de idade, com o qual se qualifica para ingressar no curso regular da Faculdade de Medicina, já no Estado da Bahia. Contudo, em que pesem as suas qualidades de médico profissional, foi na literatura que Jorge de Lima notabilizou-se. Iniciando com estilo lírico de caráter regionalista, Jorge de Lima avança e se aprofunda numa fase de marcante preocupação social, para, em seguida, fixar-se num misticismo beirando o romântico, como se tais tendências se constituíssem num cenário preparatório para acolher a mais famosa epopeia escrita em língua portuguesa depois de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de



Camões, que fora a *Invenção de Orfeu*, de 1952. "Seus ensaios críticos versavam sobre a obra de Proust e sobre o modernismo brasileiro, além de textos biográficos sobre o Padre José de Anchieta e sobre Dom Vital". Seu poema mais célebre é *Essa Nega Fulô*. Suas primeiras poesias foram escritas aos seis anos de idade, revelando seu talento

precoce. No Rio de Janeiro, para onde o poeta se transferiu da Bahia, coroando com brilhantismo o seu curso, fez doutorado em Medicina apresentando a tese *O Destino do Lixo do Rio de Janeiro*, no que deixa manifestada a sua preocupação, isso já naquele tempo, com a ecologia. Um dos sonetos antológicos escritos em língua portuguesa, no Brasil, é o *Acendedor de Lampião*, no qual, está embutido, de forma velada, mas muito consciente, a sua crítica em relação à questão social brasileira. É importante que se diga com Agrípino Grieco que só um imbecil poderia negar talento a Jorge de Lima. Foi ele um bom poeta e a sua, *Essa Nega Fulô*, perdurará em todos os nossos florilégiros já que no dizer do acadêmico Antonio Olimto, o autor de *O Anjo*, de Calunga e de *Mulher Obscura*, "se liga a uma estirpe greco-romano-luso-afro-indígena-brasileira com a presença de influências poéticas pós II Guerra Mundial, prevalentes no período de elaboração do poema, lançado no ano VII desse pós-guerra. Dante, Beatriz, Inês,

Quem é Quem na Negritude Brasileira

lante brasileiro da Era Vargas, é o segundo negro na história do Brasil a falecer no dia 15 de novembro de 1953, deixando para a posteridade uma obra considerada de grande força e valor literário.

1) *Dicionário Biográfico Universal - Três livros e Fascículos - 1983*

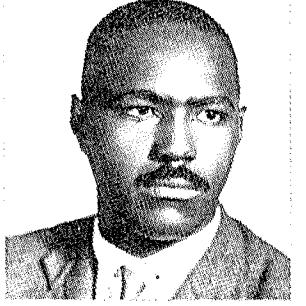
2) *Pretos e Prosadores do Brasil I - Agripyno Gieco - Conquista - 1968*

3) *Breve História da Literatura Brasileira - Editora Lusa - 1994*

JORGE DO PRADO TEIXEIRA

Líder afro

Jorge do Prado Teixeira, nascido no dia três de maio de 1925, em Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, é um dos precursores das lutas de conscientização do negro brasileiro que nós travamos no segundo quartel do presente século. Casado com Antonia do Prado Teixeira, com quem teve dois filhos, Jorge Prado Teixeira Júnior e Renata de Goes Cordeiro Penha Teixeira, Jorge do Prado fora o primeiro mestre a conduzir-me pelos ínvoros caminhos da moderna negritude, na condição de um autêntico guru. Sua presença, que em vida contribuiu todo o per-



íodo que se convencionou chamar de *Era Vargas* - pois Jorge do Prado Teixeira veio a falecer no dia quatro de dezembro de 1960, com apenas 35 anos de idade -, era de um porte majestático, intelectual possuidor de um discurso inteligente e muito bem articulado. Em termos de conhecimento das questões afro-brasileiras, era de uma fonte de saber inexaurível. Como a problemática negra começava a desvincilar-se da indumentária mitológica conhecida por democracia racial, as lideranças que atuavam na área - em obediência às novas concepções teóricas que começavam a emergir de forma pioneira e vigorosa a partir da visão revolucionária de poetas e intelectuais como Leon Damás, tidos por Sartre e por outros vultos da época, como sendo os *Papas da Negritude* - passaram a orientar-se baseados pelos conceitos dessa nova filosofia estética e política com mais segurança e desenvoltura. Relatar estes fatos é importante para que se situe, no espaço e no tempo, valores como Jayme de Aguiar, Henrique Cunha, Geraldo Campos de Oliveira, Aristides Barbosa, Agnaldo de Camargo, Guerrreiro Ramos, Edson Carneiro, Raul Joviano do Amaral, e outros mais, que estão a exigir dos pesquisadores, acadêmicos de natureza histórica, so-

bremanas. Foi o prado que juntou os negros esquecidos". Este nome ocupou um amplo painel nas décadas de 40 e 50 no cenário em que se desenvolviam os parâmetros da luta do elemento negro até que esta atingisse o seu desaguadouro na Constituição Cidadã de 1988 - primeiro centenário da Abolição. Muitas instituições afro-negras surgiram e desapareceram em São Paulo como a Associação Palmares, a Associação Cultural do Negro, a Casa da Cultura Afro-Brasileira e tantas outras do feitio da Associação José do Patrocínio, fundada e dirigida por Jorge do Prado Teixeira que tinham por finalidade última alfabetizar, instruir e fazer com que o negro brasileiro de São Paulo se qualificasse como eleitor e como cidadão pleno. Jorge do Prado Teixeira realizou-se aí, abrindo as portas da oportunidade para homens e mulheres que aprenderam a ler e a escrever os instrumentos da "informática" da época. A simples releitura de um discurso de improviso proferido por Jorge do Prado Teixeira no Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, já é o suficiente para que possamos melhor aquilar o valor intelectual do combativo companheiro em epígrafe. Entre outras coisas, Jorge diz o seguinte: "Já tivemos a oportunidade de deixar patente que somos a favor de qualquer reivindicação que vise a melhoria do elemento negro. Os nossos problemas terão que ser solucionados através de uma intensa luta, pelo levantamento de nossas condições econômico-intelectuais..." As intervenções de Jorge do Prado Teixeira nos conclaves, conferências e congressos eram sempre esclarecedoras e brilhantes, fazendo com que o evento se elevasse e ficasse assinalado com o sinete de sua marcante personalidade.

1) Dados fornecidos por sua esposa, Antonia do Prado Teixeira.

2) *O Negro Revoltado, Abdias do Nascimento - Edições GRD - 1968*

JORGE HENRIQUE

Advogado e Líder afro

Jorge Henrique do Nascimento, natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no bairro de São Cristovão (bairro Imperial), no dia 15 de dezembro de 1949, é filho de Henrique do Nascimento - funcionário federal com cargo de artífice de carpinteiro do antigo Ministério da Guerra, Arsenal de Guerra do Rio, no Caju - e dona Olinda Xavier do Nascimento. Jorge Henrique cursou o primeiro grau no colégio Estadual Ferreira Viana e o segundo no Colégio Metalúrgico Epídio Evaristo



Cândido Mendes. Formou-se ainda em Eletricidade, Eletrônica, em Análises de Circuito, Mecânica, Técnica e Eletricidade Básica, isto tudo, no colégio Metalúrgico Epídio Evaristo dos Santos. Soldador eletrônico, Jorge Henrique fez cursos também de solda elétrica no estaleiro Caneco, na Esab na cidade de Contagem, Minas Gerais; curso de solda elétrica ministrado pelo Serviço Nacional da Indústria - Senai, no ano de 1972, profissão que lhe permitiu dar início a sua carreira na Empresa Indústrias Reunidas Caneco. Com essa experiência acumulada, Jorge Henrique teve oportunidade para dar um passo mais ousado, associando-se a outros companheiros da comunidade negra, com os quais fundou a Construtec - Construção e Reformas Ltda. Tendo em vista que hoje a Nação brasileira se debate e luta ferozmente para que se implantem, entre nós, programas geradores de emprego e de renda, mediante a concessão de linhas especiais de aportes econômicos e financeiros, de modo a que se beneficiem setores de nossa sociedade que por questões históricas normalmente tem pouco ou nenhum acesso a essas benesses. Jorge Henrique, tomando a dianteira em tais iniciativas, tornou-se um pioneiro digno de comentários, pois entende que não é fugindo ao espírito cooperativo, à parceria responsável, sobre os quais sustentam-se os pilares da solidariedade edificante das micros e pequenas empresas, que se resolveria o problema do desemprego crescente que corre o risco de tornar-se crônico. Jorge Henrique foi eleito, em 1983, presidente da Associação de Moradores do conjunto Residencial Tenente Coronel José Julio Tórias Martinez Filho. Em 1985, foi síndico do Conjunto Residencial Vicente de Carvalho do Município do Rio de Janeiro, ocupando, posteriormente o cargo de assessor da Secretaria Estadual de Assuntos Afro-Brasileiros (Seafro) do governo do Estado do Rio. Jorge Henrique, como filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), em 9 de novembro de 1982; sob o nº 727, elege-se presidente do Diretório Zonal 12º ZE, em 1990, para em 1992 fazer-se presidente da Secretaria Regional do Movimento Negro do PDT/RJ, e em 1995 ser aclamado vice-presidente para a região Sudeste do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, acumulando este cargo na condição de presidente do CNAB do Rio de Janeiro.

JORGE MAURO

Vereador

Jorge Mauro dos Santos Silva, natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu dia 2 de setembro de 1952, é filho de Carlos da Silva e de dona Clarisse dos Santos Silva. Com instrução universitária, casado, e pai de dois filhos, Jorge Mauro é atualmente vereador da Câmara Municipal da cidade do Rio de Janeiro, sendo daquela Casa de

Quem é Quem na Negritude Brasileira

*dedicação exclusiva em
favor dos menos
favorecidos*

Leis, um dos edis mais ativos, sempre presente no lugar e na hora certa em que os fatos de ordem política ou sociais estão se desenvolvendo. Na condição de funcionário da Telerj, Jorge Mauro defende com lucidez, determinação e coragem os interesses dos usuários do serviço de telefonia do Estado do Rio de Janeiro. Estas e outras iniciativas deste vereador é que motivaram os eleitores da Cidade Maravilhosa a reconduzir Jorge Mauro a um segundo mandato. Dizem os políticos experientes que a primeira eleição para um cargo público não é tão difícil quanto a tentativa de exercício para um segundo mandato, porque para esta façanha os eleitores exigem prova de competência e de lealdade, o que só é possível se o político exercer tal função inteiramente voltado para o interesse público. Pois Jorge Mauro conseguiu esta proeza em virtude de seus méritos, da sua dedicação exclusiva e da sua combatividade em favor da classe menos favorecida pelas benesses da sorte. Portanto, na sua qualidade de presidente do Grupo de Assessoramento da Associação de Moradores do Rio de Janeiro, presidente da Comissão de Transporte e Trânsito do Rio de Janeiro, vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos e ainda presidente do Departamento Afro-Liberal do PFL, Jorge Mauro tem tido a oportunidade de prestar relevantes serviços a toda cidadania carioca e a toda comunidade afro-descendente. Sendo o único vereador negro eleito pelo PFL, em 1992, a sorte fez com que recáisse sobre os seus ombros toda esta responsabilidade de representar o grupo humano mais destituído pelo processo de exclusão herdado pela presente geração, do antigo regime escravagista. É necessário ter muita boa vontade, talento e disposição para lutar politicamente com o objetivo de superar estas limitações e reverter a dura e constrangedora realidade que, ainda hoje, estigmatiza a população negra que compõe quase que 50% de nosso contingente humano, fazendo com que o Brasil seja o maior país negro, fora da África. Jorge Mauro é ainda desenhista de edificações, especialização que ele fez até o seu segundo ano. É o próprio vereador que reitera, confirmando que as causas que o levaram a obter um segundo mandato estão na sua estreita relação com as comunidades carentes, expressa no Projeto de Lei nº 2318, de 1995, que muito se orgulha por tratar-se da implantação de um Programa de Creches em áreas periféricas, em favelas e em conjuntos habitacionais de densa concentração populacional. No seu entender, se aplicada corretamente esta política resolve pelo menos boa parte dos

JORGE ROCHA DE SOUZA
Executivo

Jorge Rocha de Souza é natural da cidade de São Paulo, onde nasceu no dia 2 de abril de 1963 e se orgulha de sua ascendência afro-brasileira. Valores como o trabalho, a amizade, o estudo, a dignidade, o caráter, a sinceridade e a família são bases fundamentais da criação humana, razão pela qual ama de modo incondicional o emprego para o que se capacitou e a família que o apóia e é por ele apoiado numa reciprocidade cristã e civilizada, cu-



jas jóias maiores são a sua dileta esposa e a sua filha maravilhosa. Jorge Rocha de Souza trabalha no Serviço Brasileiro de Apoio a Micros e Pequenas Empresas - Sebrae-SP - na condição de gerente do Departamento de Crédito no Estado de São Paulo. Conforme Jorge diz, com muita convicção e propriedade, sua função primordial "é a de sensibilizar as instituições financeiras a disponibilizar recursos através de linha de crédito, voltada para o segmento das microempresas e empresas de pequeno porte". Jorge Rocha de Souza não se acomoda atrás de uma mesa, insensível, que só pensa fazer do trabalho um meio puro e simples de se dar bem na vida; Jorge entretanto, coloca-se entre os que entendem que quem não vive para servir, não serve para viver. Preocupado com a questão dos segmentos sociais, como o afro-brasileiro, que em razão de seu condicionamento histórico, encontra-se na era da informática e no limiar do terceiro milênio, em péssimas condições econômico-financeiras, Jorge Rocha de Souza faz de seu trabalho um instrumento de luta cívica e consciente, procurando criar meios para "melhorar o nível de informação sobre quais linhas de crédito os Bancos disponibilizaram ao mercado", escrevendo um livro manual prático e simplificado que indica "onde obter recursos para alavancar os seus negócios". O livro de autoria de Jorge Rocha de Souza foi alvo de inúmeros elogios do mundo dos negócios pelo simples fato de "definir todas as modalidades de operação de crédito, definir sistema financeiro nacional e as instituições financeiras. O manual define todos os produtos de crédito disponibilizados pelas instituições financeiras a nível de capital de giro e investimentos ao mercado". Em função de seu trabalho, Jorge tem feito várias palestras, conferências e recebido entusiásticos elogios com o de John Edwin Mein, vice-presidente Executivo da Ameham Brasil, da Câmara Americana de Co-

Jorge Rocha de Souza está colocado.

JORGE TEIXEIRA
Campeão no salto triplo

Viver numa casa com jardim foi o motivo que levou o atleta Jorge Teixeira, 27 anos, a escolher o Parque dos Maias, em Porto Alegre (RS) para morar. Apesar de Teixeira estar há pouco tempo no novo endereço, os vizinhos já sabem que próximo a ele mora o atleta que participou de duas Olimpíadas, Seul em 1988, e Barcelona, em 1992, e é especialista em saltos triplos. Quando não está na pista do clube tentando superar seus limites, Teixeira aproveita para usufruir o ar puro e o verde abundante da região onde mora. Tem como hobby a jardinagem e gosta de mostrar as plantas que cultiva no jardim de sua casa, onde mora com a mulher e o filho. Teixeira treina, atualmente, para o sul-americano de atletismo, marcado para julho deste ano no Peru, e o mundial de atletismo, agendado para agosto na Alemanha. Como bom esportista, ele não deixa de fazer exercícios diários, mesmo quando está de folga dos treinos orientados pelo técnico Arataca. Sempre que pode, pega sua bicicleta para dar umas voltas pelas ruas da redondeza. É com o fusca branco da

Do 21º lugar no ranking mundial desde os jogos de Seul, ele saltou para a 17ª posição

família que o atleta se locomove para as pistas da Sogipa, onde tenta superar a marca de 17m20cm. A distância foi alcançada por Teixeira em junho de 92, no México, no último dia de provas classificatórias para a Olimpíada de Barcelona. Com as disputas nos jogos olímpicos do ano passado, ele conseguiu um outro pulo: do 21º lugar que ocupava no ranking mundial desde os jogos de Seul, ele saltou para a 17ª posição.

Journal Zero Hora - 10/03/93

JOSÉ AMORIM
Vereador

José Silva Amorim, natural do Estado da Bahia, onde nasceu no dia 9 de outubro de 1947, é filho de Abel Altino Amorim, já falecido e de Silva Amorim. Vindo para a cidade de São Paulo, em 1968, com apenas 21 anos de idade, José Amorim, como aque-



da construção civil, onde permaneceu por 2 anos. Em 1970, sempre com a mesma disposição de luta pela sobrevivência, entra para a indústria metalmúrgica; depois de 2 anos, já exercia a função de diretor sindical, o que dava mostra de sua habilidade e de sua vocação para liderança. Ativo e leal, lúcido e combativo, José Amorim foi se destacando, foi revelando as suas qualidades e o seu temperamento para o diálogo. Não tardou muito e lá estava ele, desta vez, filiado ao MDB, partido que na ocasião, agasalhava todos quantos lutavam em favor do pleno restabelecimento do regime democrático e a volta do Estado de Direito. Na época da reformulação partidária, este moço não teve dúvidas em continuar fazendo parte da agremiação que, desta feita, passava-se a chamar-se Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tendo à sua frente o seu comandante histórico Ulysses Guimarães. As circunstâncias, com o passar do tempo, fizeram com que José Amorim se transferisse para o PSDB e, posteriormente, para o PTB, partido pelo qual hoje é vereador na Câmara Municipal de São Paulo. As atividades associativas e partidárias sempre foram as suas duas grandes paixões, razão pela qual José Amorim acabou tornando-se homem público e hoje desfruta de invulgar prestígio dentro e fora da Câmara Municipal e como membro e alto dirigente da Força Sindical. Seus trabalhos na Edilidade Paulistana têm se pautado pela ética, pela decência parlamentar e pela operosidade, com que contribui para que as leis elaboradas por aquela Casa sejam prioritariamente de natureza social. Ciente de que as carências que ora afetam a grande massa das populações destituídas constituem-se num autêntico flagelo da era presente, José Amorim, tudo tem feito e vem fazendo para minorar tais situações; com isso a população negra vem encontrando, de sua parte e da parte de seu gabinete, em São Paulo, os meios não só de combater estas mazelas anticristãs e antidemocráticas, como, sobretudo, de reverter este estado de coisas, por todos os títulos, deprimente, constrangedor e incompatível com a dignidade humana. Em termos gerais, a luta que o vereador José Amorim vem desenvolvendo em defesa de nossos mananciais, atesta, de modo eloquente e muito afirmativo, o seu empenho e sua preocupação para com toda a população paulistana. Portanto, a *Lei dos Mananciais*, em homenagem ao seu criador, deveria chamar-se *Lei José Amorim*, nome deste que é o líder da bancada do PTB na Câmara Municipal de São Paulo.

JOSÉ CARLOS DA SILVA BRITO

Advogado e diretor do CNAB

José Carlos da Silva Brito, natural da cidade de Belém, Estado do Pará, onde nasceu no dia 30

sua cidade natal. Nesta ocasião é que teve a sua grande consciência despertada para os problemas de natureza social. Em 1979, após um ano de serviço nas fileiras do Exército, abandona a carreira militar e ingressa na Universidade Federal do Estado do Pará, onde passa a cursar Ciências Contábeis formando-se nesta especialização em 1983. De 1984 a 1986, José Carlos da Silva Brito, levando em consideração as condições de abandono e pobreza da população local e brasileira entra de peito aberto nessa luta de valorização humana, formando, com seus companheiros, a Associação da Rua Boa Ventura, em Belém. Durante o curso de Ciências Contábeis, Brito integrou inúmeras brigadas do então Projeto Rondon. Em 1984, Brito se realiza de modo muito especial ao ver nascer sua primeira filha, Paula.

Em 1986, casa-se com Hilma Lúcia, com quem teve duas filhas Camila e Flávia. Em 1987 resolve retornar aos estudos, preparando-se para o vestibular para em seguida se matricular no curso de Direito, do Centro de Estudos Superiores, de onde saiu formado em Ciências Jurídicas no ano de 1991. Sua vida política, propriamente dita, começa no ano de 1987 cuja a atuação era centrada na luta pelo resgate da identidade estudantil que sempre foi violentamente reprimida pelo governo discricionário. Sua participação estendeu-se para os movimentos populares ligados ao direito de moradia e de reurbanização periférica da cidade de Belém. Neste ínterim conclui, com brillantismo, o seu Curso de Ciências Jurídicas, passando a ter atuação política nos meios. Já em 1993, com a sua transferência para a cidade de São Paulo, Brito, destaca-se como um dos mais combativos militantes em favor dos afro-descendentes, vindo, em decorrência, a ser um dos fundadores do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB) ocupando a Secretaria de Assuntos Jurídicos.

JOSÉ CARLOS LIMEIRA MARINHO SANTOS

Engenheiro

José Carlos Limeira Marinho Santos é um desses homens que têm a exata dimensão de seu papel, enquanto intelectual e homem negro militante. Nascido em Salvador, Bahia, o engenheiro José Carlos dedica suas palavras, seu trabalho e sua vida à fundamental tarefa de lutar contra a discriminação racial onde quer que ela se encontre, seja em fatos do dia-a-dia, seja na

servar em seu importante depoimento, abaixo reproduzido.

“Lá em Salvador, no dia 6 de janeiro, tem a festa da Lapinha, que é o presépio que muitas casas de família armam no mês de dezembro para comemorar os festejos natalinos. Em algumas residências, faz-se até a queima da Lapinha, em outras é somente a desarrumação, guardando todos os bonecos, de gente ou de animal, que figuram na cena do nascimento do Menino Jesus. Neste dia também saem às ruas os Ternos de Reis, que são grupos muito organizados e bonitos, que desfilam entre o Largo da Soledade e a Lapinha. Foi num desses desfiles que eu vi passar no Terno do Sol uma menina lindíssima, toda de azul, brilhante, uma pele negra aveludada, uma coisa louca... Eu tinha uns doze anos, a visão daquela menina realmente me perturbou, foi amor à primeira vista, mesmo. Conseguí varar a multidão e chegar perto dela. Edmélia, era o seu nome. Marquei encontro no cinema Brasil, que era um poeira que tinha na Liberdade e tinha tanta pulga que, no final da sessão, todo mundo saía se coçando. Eu marquei encontro com a Edmélia, mas como eu tinha que fazer algum charme e tal, disse que ia viajar, para não dar a impressão que eu estava apaixonado. Mas um ou dois dias depois, a Edmélia foi lá em casa levar um bilhete para mim, quando minha mãe abriu a porta e recebeu o bilhete, perguntou o que ela era minha. Edmélia respondeu: namorada. Minha mãe então perguntou se ela sabia a minha idade. Ela disse que sim: 15 anos. Aí minha mãe passou uma espinafração daquelas. Disse que eu só tinha 12 anos, que estava estudando, não tinha nada, e uma porção de coisas que eu só vim a saber depois pelo meu pai, porque mamãe contou a ele. O velho me chamou para me aconselhar. Naquela época havia o conceito de que quem estudava não podia namorar, para não ficar com a cabeça no mundo da lua. Mas a razão principal da conversa do meu pai não foi essa não. Ele me levou ao porto para ver a atracação dos navios, a profissão dele era prático de navegação, e no meio do papo me disse: Olha, meu filho, olha a sua cor. Veja a cor da sua pele, o que você tem que fazer é melhorar a raça. Eu perguntei então o que era melhorar a raça. Ele me explicou: Por que você não procura uma namorada branquinha, que possa te dar filhos um pouco mais claros do que você? Eu fiquei sem falar com meu pai durante uns dois meses. Ele falava comigo, mas eu não falava com ele. Depois voltamos às boas e mais tarde ele reconheceu que tinha me dito uma besteira muito grande. Fiquei feliz porque ele reconheceu isso. Na Bahia, onde se pode ver 95% de negros ou mestiços, a dominação branca se percebe principalmente na necessidade que o negro tem de

Quem é Quem na Negritude Brasileira

o primeiro da história da Bahia, mas ele negou veementemente que houvesse resquício de racismo na cidade, quando a gente sabe de inúmeros casos. Na rua Chile, por exemplo, havia umas barbearias que não cortavam cabelo de crioulo. Tem uma música do Gilberto Gil que fala do tempo do governador Antonio Balbino, onde negro não entrava no Clube Baiano nem pela porta da cozinha. O que era a pura verdade, eu mesmo fui barrado diversas vezes lá. E pensar que todas as vezes que se fala em folclore e tradição, na Bahia ou no Brasil, evoca-se a figura do negro, ou seus trajes, as suas danças, as suas comidas e as suas crenças, não dá pra entender. Nós somos pelo menos 60% da população, o fato é que sem o negro isto aqui não teria existido. Como se diz na minha terra: no Brasil o índio colhia, o branco explorava e o negro construía. Mas quando eu terminei o curso primário, em primeiro lugar, quem levou a bandeira brasileira foi o Julinho, porque a professora disse que ficava melhor, ele era branquinho, de cabelos lisos e olhos claros. "Não liga, não, José Carlos. Você fica do lado". Depois de concluir o ginásio em Salvador, fiz o científico em Angra dos Reis e entrei para a Escola Naval. Era a famosa mosca no leite. Tinham mais dois negros na minha turma, mas saímos todos da Marinha porque víamos que não teríamos a menor possibilidade de um futuro posto de comando. É preciso não esquecer que o único general negro da História do Brasil era comandante de biblioteca, da Biblioteca do Exército, nunca chegou a ter corpo de tropa na mão, foi o General João Batista de Mattos, hoje nome de escola e rua. Almirante negro, nem pensar. Acima de capitão-tenente não conhecemos nenhum. Fui então fazer engenharia mecânica, depois administração de empresas, etc. Eu fiz um projeto para um empresário, dono de usina de açúcar, que fez com que a produção duplicasse. Ele ficou muito contente com o resultado, é claro, mas só me conhecia por telefone. A gente mantinha contato permanente, mas telefônico. Gentilíssimo, ele não poupava elogios ao plano que tinha elevado de tal maneira a produção da usina e um dia avisou que viria ao Rio para me conhecer. Chegou na fábrica, foi à minha sala, perguntou à secretária onde estava o engenheiro José Carlos, ela indicou a porta e quando ele entrou eu estava lá: "Eu queria falar com o engenheiro José Carlos. Sou eu - respondi. Você??? Deve haver algum engano. - Nenhum. Sou eu mesmo. O senhor não esperava um negro, não é? - Realmente não". Daí em diante ficamos amigos, ele teve a coragem de dizer o que estava sentindo, continuou a acreditar no meu trabalho e confessou que, a partir daí, iria fazer uma reavaliação de algumas atitudes, impensadas na maioria das vezes, mas que eram

Quem é Quem na Negritude Brasileira

que os negros a terem funcionários negros categorizados em suas empresas. Por isso na seleção de pessoal, entre um negro e um branco, em igualdade de condições, eu dou preferência ao negro".

Fala Criolo Haroldo Costa-Editora Record 1982

JOSÉ CORREIA LEITE

Fundador do jornal negro
O Clarim da Alvorada

A vida do artista negro, José Correia Leite, foi tão movimentada e plena de vicissitudes que mereceu a feitura de um alentado livro, iniciativa do intelectual Luiz Silva Cuti, contando a importância do seu trabalho e de sua obra, dedicada à valorização do negro deste país, que no dizer de Ivaí Augusto Alves dos Santos, sem os relatos deste ilustre biografado seria de todo impossível a nossa existência e o avanço contínuo das idéias e das ações coletivas, dos combativos da nova geração de afro-brasileiros. Nascido no dia 23 de agosto de 1900, o fundador do jornal *O Clarim da Alvorada*, José Correia Leite, ergue-se como um símbolo imperecível que prova, de modo eloquente, a tenacidade e a natureza insubmissa dos afro-descendentes. Imaginem os senhores, o que seria de penoso e desgastante fazer um jornal dedicado exclusivamente para negros pelos idos da década de vinte; pois foi o que José Correia Leite e Jayme de Aguiar tiveram a audácia de fazer. Só este jornal ocupa a maior parte dos estudos que hoje se fazem da imprensa negra brasileira nos meios acadêmicos e no meio dos movimentos afro-descendentes. Como o próprio Cuti nos revela, o livro que este autor escreveu não é uma obra literária sobre Correia Leite, mas do criador do jornal *O Clarim da Alvorada*. José Correia Leite era um negro simples, dotado de uma argúcia, de uma capacidade de percepção da dura realidade que envolvia um descendente de escravo que pretendesse transpor a linha ou os limites da cor impostas a ele por uma sociedade branca, machista, escravagista e usurpadora. Poucos homens de sua estatura humilde, mas alta - como ele mesmo dizia: eu sou um autodidata - pode estabelecer-se como uma luminosa referência no centro das dramáticas trepidações que fizeram com que a primeira, ou a Velha República, viesse a ruir, inapelavelmente da forma que se deu de 1890 a 1930 como se verificou com a vida amarga mas gloriosa de José Correia Leite. Tendo-se Correia Leite como epicentro desses acontecimentos, nós podemos ter um corte amplo e profundo na caradura da vida social, econômica, política e cultural de São Paulo, do Brasil e do mundo dos dias que este extraordinário personagem viveu, onde os episódios se projetam em nossa etnia de modo quase que cinematográfico. Portanto, ler-se o livro de Correia Leite, tão bem escrito e interpretado pelo poeta, escritor, teatrólogo e ensaísta Luiz

José Correia Leite", é uma maneira deleitosa e instrutiva de se enriquecer de novos conhecimentos. *O Diário da Noite*, de 23 de agosto de 1960, traz de Fernando Góes palavras lapidárias sobre José Correia Leite: "Sua palavra, seus conselhos, suas idéias suas observações,

valeram-me pela escola que não tive... Nem sempre, é verdade, foi compreendido, e muitas vezes encontrou pela frente aventureiros que lhe quiseram dificultar a ação nobilitante. Passaram, porém esses aventureiros, passaram, e José Correia Leite ficou. Um chefe que não dá ordens, mas que aconselha, que persuade, que convence, por que sua vida limpa e reta é a maior autoridade de que se vale". José Correia Leite faleceu no dia 27 de fevereiro de 1989, em São Paulo.

E Disse o Velho Militante José Correia Leite - Luiz Silva Cuti - Prefeitura do Município de São Paulo - Secretaria Municipal da Cultura, Coordenadoria

Especial do Negro

JOSÉ DE ARIMATÉIA BERNARDES

Líder sindical

José de Arimatéia Bernardes é da cidade de Lagoa Dourada, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 10 de junho de 1948. Filho de José S. Bernardes e Ernestina M. Bernardes, Arimatéia é sindicalista desde o ano de 1983. Começou sustentando o seu primeiro mandato como suplente da diretoria; obteve ainda dois mandato de diretor social e de vice-presidente. Foi eleito, como presidente, em 1997 e hoje está em seu 2º mandato como presidente do Sindicato dos Gráficos do Estado de São Paulo. Em 1º de Maio de 1997, Arimatéia tornou-se secretário Para Questão Racial da Força Sindical e tesoureiro do Inspir - Instituto Interamericano para os Assuntos Raciais. Sua profissão é a de montador de fotolito gráfico e professor de educação física; é ainda Juiz Clas-sista para a 2ª Região do Tribunal Regional do Trabalho e pertence ao Conselho do Congresso Nacional Afro-Brasileiro. É importante destacar que seria muito lógico que



balhista, era ultrapassar os limites que prendiam essas organizações de auxílio mútuo, na condição de instituições meramente assistencialistas; a luta por melhores salários e condições de trabalho era da alçada de organização sindical conscientes dessa sua missão. O negro, em que pesem as resistências impostas pelo racismo, encontrou neste campo de atividade, um dos meios mais eficazes de afirmação de sua própria identidade, muito embora grande parte do sindicalismo de esquerda, visse nisso uma ameaça à sua hegemonia no setor, criando óbices sob a alegação de que a luta específica do negro dividiria a unidade da classe operária. Todavia, o negro ajudou a organizar o sindicalismo de vanguarda, com autonomia em relação aos interesses patronais e de natureza federativa e pluralista. A presença de lideranças do porte de José de Arimatéia Bernardes é uma eloquente afirmação de que a dinâmica sindical é uma realidade entre nós. José de Arimatéia sabe disso e quando se propõe lutar contra o racismo prevalecente em nossas estruturas de poder, o faz com muita seriedade e com sacrifício de seus próprios interesses pessoais. Não é fácil envolver-se nesse tipo de embate sem que se tenha convicções muito firmes e arraigadas pelo que se deve entender por direito das maiorias oprimidas, e quantas vezes, silenciosas ou silenciadas por motivo da diferença das correlações de força existente no cenário nacional. Por conseguinte, a outorga de um segundo mandato confiado a José de Arimatéia Bernardes à frente do Sindicato dos Gráficos de São Paulo é o reconhecimento da categoria, tendo em vista a retidão e o acerto dos programas que o presidente vem desenvolvendo nestes últimos anos.

JOSÉ DE RIBAMAR

Professor da Universidade Federal do Pará

José de Ribamar de Castro Carvalho nasceu no dia 1º de março de 1952 e tem como pai, Moacyr Soares de Carvalho e como mãe, Dona Therezinha de Castro Carvalho. Descendente de negros - avô materna e avô paterno - e tendo também origem indígena. Na cidade de Mombaça, no Estado do Ceará, onde exercia a atividade de comerciante, José de Ribamar, quando estudante, militou no movimento jovem cristão. Com sua opção pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tornou-se membro ilustre desta agremiação política. Químico, professor e supervisor de indústrias, profissionalmente falando, José de Ribamar é graduado em Química e professor desta especialização nas Universidades Federal e Estadual do Estado do Pará - Secund - Secretaria Estadual de Educação e Semec - Secretaria Municipal de Educação. José de Riba-

cujas atividades se estendem na condição de assessoria educacional na área de Química na Universidade Federal e do Conselho para Pós-Graduação da UFPA. Por sua intensa atividade no campo universitário e da ação objetivamente cunitária, José de Ribamar foi condecorado com a Medalha da Ordem do Mérito do Grão Pará, no grau de cavalheiro, em virtude do reconhecimento público por relevantes serviços prestados ao Estado e às comunidades a que pertence. É de se notar o quanto nos impressionam as pessoas de vida intensa e bem distribuída por amplo espectro de atividades úteis a si próprias e à sociedade humana como um todo, como é o caso do professor paraense José de Ribamar. Nesses tempos bicolados, de envolvimentos globalizantes que nos tiram o encanto e a garantia de uma convivência agradavelmente tisnada pela cor e pelo sabor local, espelharmos no comportamento simples, mas carregado de naturalidade e de humanismo como o de José de Ribamar, é um prêmio para a presente geração e um exemplo para as gerações futuras. Hoje, viver nos limites puros e singelos de nossas fronteiras internas não pode e não deve ser visto, e muito menos condenado, como algo xenófobo ou dinossaúrico. As dimensões da criatura humana, em qualquer recanto do globo terrestre, por sua natureza comunitária, inclinam-se para os seus aspectos de fixação gregária, razão pela qual arregimentam conhecimentos e energias para o combate às agressões vindas de fora, impelidas por esse ímpeto demolidor com que pretendem aplastar a beleza saudável do seu cotidiano. José de Ribamar, pela experiência de sua vida, tem a resposta de que ainda é possível se contrapor, com sucesso, a essas indesejáveis invasões à privacidade de nossa Pátria: basta que a nossa consciência cívica de brasiliade indique a hora e o caminho para a união de negros e brancos em direção à cruzada de salvação nacional, que já se delineia no horizonte.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

Líder abolicionista, jornalista e escritor

A cidade de Campos, no Estado Rio de Janeiro, glorifica entre seus grandes filhos, a figura maiúscula de José do Patrocínio. Nascido em 8 de outubro de 1853, José Carlos do Patrocínio era filho do clérigo João Carlos Monteiro com a quintal negra, Justina Maria do Espírito Santo. Era formado em farmácia, profissão que obteve quando fora empregado no Hospital de Misericórdia. Segundo considerações de Silvio Romero, José do Patrocínio "era duplamente reclamado pela história: a história política e a história literária". Jornalista vibrante temido e destemido, Patrocínio fez com que o seu gênio combativo e vulcânico incendiasse as hostes dos conservadores escravocratas que, como abutres, cevavam-se no

gime escravo. Seu verbo candente, sua inexcedível eloquência e exuberante vigor com que se arremetia contra os adversários políticos, fazendo-os recuar, esmagados, de seus malignos intentos

que eram o de continuar espoliando os negros indefesos. José do Patrocínio era também escritor. E como tal escrevera os romances *Mota Coqueiro*, *Pedro Espanhol*, e *Os Retirantes*. Entretanto não foi só pela escada da literatura, na ocasião, vista como o "sorriso da sociedade", que José do Patrocínio alcançaria o ponto mais alto e luminoso do panteon de nossa História. O abolicionismo registra o momento exato em que a Pátria brasileira toma consciência de si mesma, como Nação e como povo, superando nessa euforia, até mesmo, a comoção política e social provocada pelo movimento de independência do Brasil, em 1822. Esse ambiente de efervescência política, econômica e social é que serve de moldura para a ação demolidora de José do Patrocínio, o que fez com que Oswaldo Orico, um dos seus biógrafos mais confiáveis, o cognominasse de *O Tigre da Abolição*. Paula Neiva que usava o pseudônimo de Paula Nei, nome com o qual é conhecido em nossa literatura, abolicionista, cearense de nascimento, é que convida José do Patrocínio para visitar o Ceará, que se tornaria a primeira unidade federativa a proclamar a abolição da escravatura, em 1884. Desta visita que resultaria a criação do seu segundo romance, *Os Retirantes*, em que analisa os efeitos nefastos da seca sobre aquele Estado. José do Patrocínio excursionou pela Europa, o que motivou, por ocasião de seu regresso, que os seus amigos lhe oferecessem um grande banquete presidido pela sua mãe, Justina Maria do Espírito Santo. Nesta altura da sua movimentada trajetória de vida, *O Tigre da Abolição* tornara-se figura de proa da Confederação Abolicionista, instalada no Rio de Janeiro, a 10 de maio de 1883 onde, atuando ora como tribuno e orador dos mais impetuoso, ora como jornalista constituindo-se como a pena mais ágil e ferina de cujos diatribes fulminava a caterva dos escravocratas que por infelicidade atravessavam seu glorioso caminho. Era tido como um misto de Spartaco e de Camilo Desmoulins como bem o cognomina Américo Palha, que mais adiante afirma que "Patrocínio podia olhar para testemunhar e defender o sofrimento da raça crucificada. Só ele poderia chamar, gritar, ameaçar. O sangue dessa raça, derramado nas senzalas, exigia solidariedade humana. Exigia repressão, exigia justiça. Patrocínio falou pelos mártires de sua cor. Era o

Quem é Quem na Negritude Brasileira



...rás causas públicas veio a falecer no domingo do dia 29 de janeiro de 1905, no Rio de Janeiro, depois de pertencer à Academia Brasileira de Letras.

1) *Percursores da abolição*, de Américo Palha, *Distribuidora Record* - 1958.

2) *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, segunda edição - livros Técnicos e Científicos Editora - 1978.

JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO *Jornalista e escritor*

Patrocínio Filho, ou José do Patrocínio Filho, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 28 de maio de 1885 e era o segundo filho do notável jornalista, escritor e tribuno da causa abolicionista, José do Patrocínio, *O Tigre da Abolição*, e de dona Maria Henriqueta de Sena Patrocínio, tratada carinhosamente por Bibi. Antes, José do Patrocínio - o pai - tivera a menina Marieta e depois de Patrocínio Filho, vieram os meninos Maceu e Job. Segundo contam as biografias da época, de Patrocínio Filho, este fora na meninice e na juventude terrivelmente endiabrado, tanto que no colégio Deutsche Schule onde conseguiu aprender alemão e no Externato Aquino era considerado um mau estudante. Mudando-se para ser internado no Colégio São Leopoldo, orientado pelos jesuítas, no Rio Grande do Sul, também não permaneceu por muito tempo, pois de lá fugiu para a cidade portenha de Buenos Aires, na Argentina, de onde os seus pais, furiosos, mandaram buscá-lo. Mais inteligente do que disciplinado não lhe foram exigidos maiores demandas para fazer os preparatórios e entrar na Faculdade de Direito. Com o caminho aberto para se fazer presente no seio da boemia literária, Patrocínio Filho torna-se um de seus mais legítimos representantes dos últimos dias do fim do século passado e do início do que viria a seguir. O jornal *Cidade do Rio* de propriedade de seu pai, estampava com freqüência o seu nome, pois tornara-se um bom repórter e entrevistador das mais importantes personalidades da época, para o que usava com habilidade o idioma francês. A partir de 1908, depois da estada de dois meses em Portugal, este moço passa a percorrer o mundo, o que o fez conhecer mais a Europa do que o Brasil. Disputado pelos jornais de seu tempo, Patrocínio Filho trabalhou para cerca de 15 jornais cariocas, vindo a ser nomeado auxiliar do Consulado Geral do Brasil, em Paris, "de onde remetia correspondência para o *Jornal do Comércio* e para outras folhas do Rio de Janeiro". O escritor e romancista, Téo Filho, hospedava-o em sua casa. A ocasião se fez oportuna para que Patrocínio viesse a conhecer uma francesinha de origem italiana com quem viveu até os últimos dias, como se esposa fosse, sem contudo, deixar de ser sua criada. Pena fácil, escrevia para revistas e dirigia companhias

homem carmes. Por incrível que pareça, Patrocínio consegue perder seus versos, mas guardou o prefácio, entregando-o a *Di Cavalcante*, notável pintor brasileiro. Escreveu outros livros de poesia que continuaram inéditos. A editora portuguesa, *Lello e Irmãos*, adquire os livros *Rua da Amargura*, *Parisina e Vida Véritinosa*, por meio da apresentação de Coelho Neto, que nunca os publicou pois Patrocínio Filho volta a perder os originais em meio de suas andanças através do Atlântico; poucos brasileiros viajaram tanto quanto este negro boêmio e simpático. De certa feita acabou processado e preso em Londres sob suspeita de espionagem para os alemães, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, em 1917, escrevendo a respeito o livro, *A Sinistra Aventura*. O próprio Patrocínio Filho é quem nos revela que "perdura intensa dúvida sobre as acusações que lhe fizeram durante a guerra mundial, e, até hoje, correm calúnias, lendas, insinuações sobre aquele momento amargo de sua vida que estão longe de ser a sombra da verdade". A nossa Embaixada na Inglaterra é quem salva Patrocínio de um possível fuzilamento. Da morte, porém, por tuberculose, Patrocínio não pôde escapar, cerrando seus olhos para o mundo no dia 21 de agosto de 1929, em Paris. O navio Raul Soares translada o seu corpo, que hoje se encontra no cemitério São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro.

1) *Dicionário Literário Brasileiro* de Raimundo de Menezes - LTC Editora - 2ª Edição - 1978

2) *Encyclopédia de Literatura Brasileira* - Ministério da Educação - 1989.

JOSÉ DO PATROCÍNIO MARQUES TOCANTINS *Líder abolicionista e maestro*

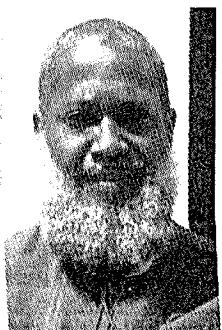
O mulato José do Patrocínio Marques Tocantins, nascido em Goiás, no dia 12 de outubro de 1851, era maestro e dos mais renomados de seu tempo. Ainda que se admita não se saber que este maestro tenha deixado qualquer obra musical abolicionista, é certo, porém, que a sua vida, foi toda ela, dedicada à nobre causa da libertação dos escravos. Todavia, são conhecidas duas partituras de sua autoria - o *Cântico da Cerimônia do Lava-Pés e Salutaris Hóstia* - o que prova tratar-se de alguém que apreciava e mantinha intimidade com a música erudita, o que o fez ser reconhecido como figura marcante no cenário musical goiano, quer como cantor, instrumentista, professor ou compositor. Teve passagem pelo Rio de Janeiro na condição de estudante, onde só não se fixou por muito mais tempo em razão de suas idéias e de suas atitudes de convicto abolicionista, mesmo sendo contemporâneo e amigo de grandes nomes da época, como, por exemplo, Rui Barbosa, José do Patrocínio e de outros intelectuais com os quais, retirado da Cidade Maravilhosa, continuou mantendo correspondência. por

...oção de trabalho, como ora desenvolvemos, para afirmar o número de feitos e de nomes afro-brasileiros que se envolveram, de corpo e alma, no combate contra o cruel regime de escravidão. Foi muito maior do que aqueles que mereceram ser registrados pela historiografia dos dominadores. O nome e a obra de José do Patrocínio Marques Tocantins, sem dúvida são tão importantes, que, por si só, valorizam tais descobertas. Homem negro aureolado por vasta cultura humanística, este que poderia ser chamado de Patrocínio Segundo era, além do mais, poliglota e mineralogista de qualificação reconhecida no exterior. Possuidor, ainda, de uma imensa biblioteca, tinha como fazer parte do corpo redatorial do jornal *Publicador Goyano* e escrever livros sobre navegação no Rio Araguaia, que, por sinal, ainda permanecem inéditos. Era um homem de postura intelectual mas não se distanciava do sentido prático da vida, por isso mesmo foi capaz de organizar o coro da Igreja da Boa Morte e de reger a Banda Philarmônica local, isso, em 1870. José do Patrocínio Marques Tocantins era um ativista da causa da Abolição da escravatura. Freqüentemente se ocupava de tarefas atinentes a essa causa humanitária, como o *Festival Abolicionista* realizado no dia 28 de agosto de 1887, no teatro São Joaquim, de Goiás, com obras de Carlos Gomes, Verdi, Schubert, Jorge Rupés, Gounoud, Marchett, Meyerbeer, Francisco Braga, Mattei, Rossini... com violino, flauta e piano, em que o nosso músico concorria, com sua voz de barítono, entre os diversos cantores, conclamando os presentes à sua causa cantando *A Marselhesa*, hino da Revolução Francesa e hoje, Hino Nacional da França. Por esta singela mostra reconhecemos o dedo do gigante que foi músico mulato, José do Patrocínio Marques Tocantins, em nosso país, vulto este que faleceu a 6 de julho de 1891, em Goiás.

Mão Afro-Brasileira - organizado por Emanoel Aroíjo - Lenenge - 1988

JOSÉ GUILHERME SANTIAGO *Jornalista e diretor do Filhos de Gandhi*

José Guilherme Santiago, natural da cidade de Ilhéus, Estado da Bahia, nasceu no dia 28 de março de 1946. É casado com Maria do Carmo Santiago e tem quatro filhos: Cintia, Taís, Guilherme e Mariana. Suas atividades junto aos afoxés na cidade de Salvador, trouxe a José Guilherme Santiago fama e notoriedade em termos de negritude. Os afoxés nos remetem a uma vertente das mais ricas e significativas da cultura popular baiana; são autênticos cor-



mentos rítmicos e pausados de suas danças e de seus desfiles e ao som contagiente de seus cantos e canções de candomblés expressos em nagô, iorubá, o que oferece um típico sabor de africani-dade ao Brasil circunscrito na Bahia. José Guilherme Santiago é diretor do afoxé mais conhecido e famoso do Brasil que é o *Filhos de Gandhi*, bloco negro que, quando sai às ruas, chega a modificar a fisionomia da capital baiana pelo número expressivo de participantes, que chega a casa dos milhares e de sua indumentária de cor branca, reveladoras da organização desta mundialmente admirada instituição afro-brasileira. José Guilherme Santiago faz parte desse universo de beleza que demonstra a capacidade criadora da gente negra brasileira, porque nas letras onde se misturam a língua portuguesa e a língua africana, com destaque para as de origem nagô e iorubá, encontram-se uma ritualística religiosa que é desenvolvida com sentido místico para proteger o cortejo e seus participantes de possíveis contratempos que venham perturbar o andamento do desfile. Chama-se fazer o *Padê de Exu*. Como integrante dos Filhos de Gandhi e presidente do Conselho Deliberativo do Bloco Afro-Muzenza, sabe que antigamente haviam reis e rainhas, como no Maracatu, que saíam à frente desses desfiles, levando estandartes e recebendo do público manifestações de boas-vindas, numa troca de sentimentos de afeto e de solidariedade recíprocos. "Hoje, por exemplo, a ênfase é dada aos ritmos com aproximações e fusões com ritmos caribenhos, principalmente da Jamaica. Os Afoxés mais famosos são *Ara Ketu, Badauê, Filhos de Gandhi, Ilê Ayê, Muzenza e Olodum*". José Guilherme Santiago fez curso de Comunicação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEBA), é filiado ao PFL, tem a profissão de jornalista, com cargo na Câmara Municipal de Salvador e possui uma micro-empresa de comunicações com o nome de Bahia Total Ltda. É ainda membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), sócio do Sindicato dos Radialistas de Salvador e diretor da Associação dos Servidores da Câmara Municipal de Salvador.

JOSÉ LUIZ GERMANO Professor de atletismo

José Luiz Germano, natural de Nova Guatuporanga (SP), onde nasceu no dia 1º de agosto de 1953, filho de Alice Chagas Germano e Waldomiro Germano é casado, tem licenciatura plena em Educação Física pela Fefisa de Santo André, São Paulo, e fez curso técnico em Especialização Atlética na instituição universitária acima referida. José Luiz Germano é técnico desportivo especializado em atletismo - C.E. Sesi da cidade de Limeira, é professor de educação física da rede oficial de ensino do Estado de São Paulo e técnico desportivo concursado, efetivado ao quadro de

de São Paulo. Considerando-se o esporte como um conjunto de exercícios físicos realizados de modo metódico, que tenha por objetivo o aperfeiçoamento do corpo humano e de seu espírito, o que se dá em forma de jogos, tanto individuais quanto coletivos, sempre obediente a certas e determinadas regras, alcançando-se, com isso, entre outras coisas, o desenvolvimento dos músculos, a resistência, a agilidade, o equilíbrio emocional, a destreza, a iniciativa e a coragem, é hoje uma prática das mais salutares e necessárias à nossa sociedade, como atestado afirmativo de sua educação e civilidade. É dentro desta filosofia que nós entendemos o quanto é meritório o esforço empreendido por pessoas como José Luiz Germano, que fez de sua vida um verdadeiro apostolado tendo por base o esporte, tornando-se um mestre e uma autoridade nessa sua especialização. É para isto que José Luiz Germano participa periodicamente de cursos de atualização, em treinamentos desportivos, inclusive a nível internacional, nos moldes em que foi realizado na Pontifícia Universidade Católica, em 1995; participa do Fórum Pró-Desporto, levado a efeito no Sesi, o que se deu em 1994; conclui curso de Administração e Gerenciamento em Esportes e Lazer, do próprio Sesi, em 1993; esteve presente no Seminário de Reciclagem para Técnicos de Atletismo - no Sesi de Santo André, em 1991; tem dado palestras junto aos Técnicos do OSC, em Berlim, Alemanha, sobre velocidade, barreiras, fundo e meio fundo feito na cidade de Campinas, 1991; freqüentou curso de musculação e treinamento, na Unimep, em setembro de 1994; participou também, do Simpósio sobre Educação Física e Desportiva - Sesi (77/78/80/83/85) e freqüentou curso de Atletismo, para as faixas etárias entre 10 e 14 anos de idade, com fator educacional, na Unicamp, em 1986. Premiado em competições esportivas, José Luiz Germano participou 8 vezes como atleta na seleção brasileira, 23 vezes na seleção paulista e foi contemplado com 6 medalhas em Jogos Abertos do Interior.

JOSÉ MANOEL DOS ANJOS Poeta e jornalista

Mulato turbulento de pasmosa agilidade e poeta de grande inspiração e valimento. Nasceu na Paraíba em 1874. Paupérrimo por nascimento, muito criança dedicou-se à arte tipográfica para poder viver. Homem de baixa estatura, com grande inclinação para as belas letras, para a poesia sobretudo, muito jovem ainda já improvisava magis-

raíba, no Amazonas e no Pará cultivou com superioridade o jornalismo. Era boêmio. Faleceu no Pará entre os anos de 1902 e 1903.

liberato Bitencourt - Homens do Brasil - Vol. II
(Parahyba) - 1914

JOSÉ MAURO MESSIAS DA SILVA Poeta

José Mauro Messias da Silva, Poeta de *Moreninhos*, é da cidade do Rio Verde, Mato Grosso do Sul, onde nasceu no dia 26 de abril de 1974, filho de João Messias da Silva e Juraci Pereira Messias. Sendo a poesia a linguagem dos deuses, ser poeta é conviver com essas divinas entidades que se recusam em registrar em nosso obituário que a poesia haja morrido. José Mauro, poeta que é, e que hoje está consagrando-se através de seu livro de poemas, que se intitula *Páginas Douradas - 1997*, tem um inalienável compromisso com a ecologia, com a beleza e com a vida. Se o mundo está se tornando cada vez mais insuportável em razão de dramas sociais que conturbam e dilaceram o nosso corpo e a nossa alma é porque os seres humanos vem se afastando cada vez mais da poesia e de Deus. Ainda bem que a nossa terra pode contar com a presença e com a inspiração poética de José Mauro. Somos capazes de captar a forma engenhosa com que José Mauro busca combinar a leveza das criações poéticas com a rudeza das lutas do dia-a-dia das pessoas tão nobres e sensíveis como ele. Contudo, a rapidez com que este seu primeiro livro de poemas foi esgotado depreende-se o quanto que suas mensagens enterneceram os corações e as mentes dos sul-mato-grossenses. Daí a soma de prestígio que fizeram com que o jovem poeta José Mauro fosse presidente do grêmio estudantil da região de Moreninhos "Waldemir Barros da Silva", 1993 a 1995. Membro da União Juventude Socialista (PC do B), pela qual atuou junto a UBES-MS. Foi uma liderança de destaque no movimento dos cara-pintadas (Fora Collor), assessor parlamentar na Assembléia Legislativa, em 1994 a 1995, elaborou o projeto de uma empresa de informática em que está atuando. Presentemente milita como membro da Pastoral da Liturgia, sobre cujo assunto José Mauro vem proferindo inúmeras palestras e conferências pelo Estado do Mato Grosso do Sul afora.

JOSÉ ROBERTO CAMARGO DE SOUZA (ZEZÃO) Advogado

Paulista da cidade de Campinas (SP), José Roberto Camargo de Souza (Zézão) nasceu no

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Jorge Youseff. É formado em Direito e exerce a profissão de Advogado. O Partido Socialista Brasileiro (PSB) é a sua opção política, depois de haver passado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Negro de caráter ilibado e dotado de um poderoso espírito de justiça e de combatividade, José Roberto Camargo de Souza se fez um líder dos mais carismáticos de todo o Estado do Mato Grosso do Sul, onde passou a residir. O escritório do doutor Zézão, como é carinhosamente chamado, reúne diariamente lideranças do Movimento Negro, artistas, políticos e pessoas da comunidade negra. Localizado na área central de Campo Grande, o local de trabalho desse advogado funciona como um QG, por onde circulam as mais variadas pessoas e informações. José Roberto

é um migrante que veio de Campinas, para trabalhar na empresa de energia elétrica do MS (EnerSul). Após anos de trabalho como técnico nessa estatal, Zézão resolveu estudar Direito na antiga Fucmat, hoje Universidade Católica Dom Bosco “por influência dos

membros do TEZ”, explica o doutor Zézão, referindo-se ao grupo que lidera no Estado o movimento negro. Ele faz questão de dizer que o movimento transformou suas expectativas existenciais. “Depois de freqüentar algumas reuniões no TEZ passei a perceber que era preterido nas promoções na EnerSul em função de ser negro”, desabafa. Apesar das barreiras que enfrentava, José Roberto lançou-se em 1988, candidato à presidência do Sindicato dos Eletricitários do MS. Hoje ele sorri quando lembra que, em Campo Grande, a chapa dele perdeu por oito votos, porém a eleição foi anulada quando se comprovaram as fraudes. Zézão resolveu retirar-se da disputa: “Nossa estrutura havia se esgotado”. José Roberto ingressou no TEZ em 1986, dois anos após a fundação. Antes de tomar parte dessa entidade ele congregou um grupo de universitários que funcionou como embrião do movimento em 1984, mas que acabou se desarticulando. Em 1992 foi nomeado conselheiro do Cedine, chegando a vice-presidente do órgão em 1994 e à presidência em 1996; em 1997 foi eleito presidente do TEZ, tornando-se a primeira pessoa a acumular as duas funções. Sua militância inclui diversas atividades envolvendo o GTI e o Ministério da Justiça, em Brasília, de 1995 ao início de 1998, Zézão foi assessor jurídico da Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul. Hoje advoga em seu escritório na capital Campo Grande.

Quem é Quem na Negritude Brasileira



Podemos dizer que depois de José Joaquim da Rocha, o mais notável pintor baiano de todos os tempos coloniais foi o pardo forro, José Teófilo de Jesus, seu aluno nascido em Salvador, Bahia, em 1758 presuntivamente e falecido na mesma cidade, quase nonagenário, em 1847. Trabalhando e aprendendo os caprichos da nobre arte da pintura quando dourava molduras e “incarnava imagens, incumbindo-se de pintar mui raramente parte de um ou outro quadro por determinação de seu mestre”, José Teófilo de Jesus já revelava sua vocação para o ofício que mais tarde o haveria de imortalizá-lo. Em plena maturidade, por força de sua fidelidade ao seu professor e à arte a que se dedicava demonstrando rara habilidade, é que José Joaquim da Rocha, a título de premiar o pupilo resolveu encaminhá-lo para Portugal, contraindo para isso um empréstimo de 150\$000 com a Santa Casa de Misericórdia. É interessante notar o quanto há de verdade neste gesto generoso do artista Rocha “essa viagem de José Teófilo a Portugal, até recentemente sustentada apenas pela tradição, foi há poucos anos confirmada por Carlos Ott, que localizou, nas relações de viajantes entrados no Tejo em 1794, o nome de José Teófilo de Jesus, que vem aperfeiçoar-se na arte da pintura, recomendado ao Capitão Basílio de Oliveira Vale”. Já em Lisboa, cursando a Escola de Belas Artes, teve como mestre o famoso Pedro Alexandrino de Carvalho, de cuja influência José Teófilo viria se orgulhar. Em Portugal, Teófilo permanece alguns anos, retornando à Bahia em 1801, supõe-se, pois, em 1802, em reconhecimento ao seu trabalho, recebe da Ordem Terceira de São Francisco, a importância de 80\$000 pela feitura de quatro painéis, infelizmente, hoje desaparecidos. O seu famoso *Crísto na Cruz* foi pintado um ano depois, assim como uma miniatura da *Sagrada Família* - Jesus, Maria e José - como a que se tinha o hábito de colocar sobre as mãos dos moribundos, face à recomendação da Santa Casa de Misericórdia. Sobre o pintor, consta ainda que José Teófilo de Jesus é filho legítimo de Antônio Feliciano Borges e Josefa de Santana, nascida em Salvador, onde se casa no dia 20 de fevereiro de 1808, com Vicência Rosa de Jesus, preta forra, natural da Costa do Marfim, cujo enlace deu-se na Igreja de Santana sem que a idade do pintor fosse declarada. Decorrido algum tempo, o nome José Teófilo de Jesus volta a aparecer, em documento confirmando o seu contrato, por 3.400\$000, para executar obras de toda a falha da Igreja confiada à Ordem Terceira do Carmo, na cidade de Salvador, sendo que o pintor negro se encarrega de pintar a figura angelical de *Nossa Senhora do Carmo* entregando o Escapulário de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, misturando-se nesta obra a influência de Joaquim da Rocha e de Pedro Alexandrino de Carvalho. Contudo, o forte de Teófilo é a pintura de cavalete. Sua produção foi intensa. Carlos Ott, cataloga,

Itinerários de Arte e de Arte Sacra da Bahia, inúmeros painéis de sua autoria, destacando-se a pintura alegórica “representando a América, digna, em sua fantasia, de um Jon Van Kessel, o Velho”, o que lhe inspirou em criar esta idêntica idéia de forma figurativa para representar, também, a África, a Europa e a Ásia, os mais importantes continentes conhecidos em sua época. Como se pode observar, pela fala de estudiosos, “José Teófilo de Jesus foi pintor de fôlego, certamente o maior que apareceu na Bahia na primeira metade do século dezenove”.

Mão Alto-Brasileira - organizado por Emmanuel Araújo - Lençóis - 1988

JOVELINA PÉROLA NEGRA

Cantora

Como é espantoso o fato de se registrar que a raiz do sucesso do homem e da mulher de origem afro-descendente está, invariavelmente, mergulhada na pobreza ou na miséria mais abjeta! Quem estuda, pesquisa e escreve sobre a trajetória heróica do povo negro, em nosso país, terá de estar preparado emocional e psicologicamente para lidar com um certo tipo de degradação humana que nos causa piedade e indignação ao mesmo tempo, salvas as exceções de costume. Todos, absolutamente todos os negros e negras que de uma forma ou de outra superaram esta condição subumana, estabelecem-se como se fossem um “corpo de delito”, provando, de forma eloquente e irrefutável, a materialização de um crime perpetrado pela raça branca contra a raça negra, há séculos. É no âmbito desta histórica e trágica realidade que devemos contemplar a figura de dama e de matriarca da MPB que traz o nome poético de Jovelina Pérola Negra. Vinda do bojo do anonimato, surgida da raça negra, ela assombrou o mundo com sua voz deliciosamente encantadora. Jovelina é dessas cantoras que só vieram ter as gravadoras como suas aliadas depois de muito lutarem, depois de derramarem muito sangue e suor, tudo fazendo para que suas magníficas interpretações fossem, um dia, perpetuadas em discos! Jovelina precisou acontecer. Como ela mesma diz: “O disco estourou de tal maneira que a gravadora entrou em desespero. Com o sucesso, chamou cada um de nós para gravar um disco solo. O Zeca foi. Eu fiquei com medo do fracasso e não fui. Só gravei um ano depois que o Dagmar da Fonseca me disse: Você já assinou con-



Rock and Roll dos anos 50, quando já era cláu perplexa e satisfeita. Jovelina exclama, mais altaiva do que orgulhosa: "Eu não dou confiança para gravadora. Eles têm que vender. Eu tenho que cantar. É só!" Com essa simples e objetiva equação de raciocínio, cantando e compondo seus sambas sozinha ou em parceria, Jovelina foi querendo e vencendo a guerra, em cuja vitória está o reconhecimento do povão que aplaude e compra os seus discos, as suas *bolichas*, que saem aos milhares por esse Brasil inteiro e pelo mundo afora, como em Angola, França, Japão e mais doze países onde a receptividade aos sambistas e ao samba é de se tirar o chapéu. Para quem veio das camadas mais humildes, e teve uma infância, uma juventude e uma fase adulta cobertas de penúrias e dificuldades, que não a livraram sequer do drama de precisar separar-se de seu marido - de resto, sofrendo ainda mais pelo fato de ser mulher, de ser pobre e ser negra, o que a fez com certeza começar sua carreira tardivamente -, os frutos que colheu mais tarde, mercê de seu talento, de sua sensibilidade e de sua perseverança, foram perfeitamente merecidos e tiveram, para Jovelina, delicioso sabor de glória que nem a antiga pobreza e o racismo, que ainda persiste, puderam empanhar. Infelizmente, para dor de todos nós, Jovelina veio a falecer em 2/11/98.

Revista Raça Brasil - ano 3 - nº 19 - 1998.

JOVINA TEODORO

Poetisa e atriz

Nascida a 5 de março de 1939 em Formosa, Goiás, de uma família numerosa de 13 irmãos, Jovina Teodoro é a terceira filha de Antônio Teodoro Filho e Ana Julieta Teodoro. Estudou enfermagem em Goiânia, indo em seguida para Brasília, onde iniciou a vida profissional como parteira, no Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, hoje com o nome de Museu Vivo da Memória Candanga. Interessando-se por literatura, cursou o Colégio Clássico no Centro de Ensino Médio de Brasília, e em 1966 ingressou na UnB na área de Humanidade (Curso de Letras). Por intermédio do então professor de teoria literária, o poeta Domingos Carvalho da Silva, teve poemas seus publicados no *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro. Veio, no entanto, a abandonar o curso no final do quarto semestre, dedicando-se a partir daí apenas à vida profissional. Tendo feito vários cursos de atualização na área de saúde pública, desenvolveu trabalhos no Programa de Assistência Integrada à Saúde da Mulher, da Criança e Saúde Mental, voltados para a prevenção e a educação. Introduziu no atendimento público do Inamps-DF a técnica do preparo para o parto sem dor, e apresentou em 1987, no Seminário de Educação em Saúde, promovido pelo Departamento de Saúde-DF, um documento expondo sua experiência desse trabalho. Em 1981 integrou o grupo de

feminina, e pela revisão de suas distorções discriminatórias com relação à mulher. Em 1986 fez o curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior, Pós-Graduação "Lato Senso" no Centro de Ensino Unificado em Brasília - CEUB. Interessada em Teatro, fez em 1982 o curso de dança afro-contemporânea, promovida pelo Centro de Estudos Afro-Brasileiro (CEAB), e o curso de Linguagem das Artes Cênicas, pelo Conjunto Cultural da CEU. Participou de vários oficinas de teatro, tendo encenado a comédia *O Cigano*, de Martins Penna, no Teatro da Casa do Candango, sob a direção de Plínio Mósca. Fez o curso de Extensão Universitária em Arte Dramática pelo Departamento de Artes Cênicas da UnB, tendo participado da encenação da peça de Humberto Boccioni *Gênio e Cultura*, sob a direção de Glória Teixeira. Em 1994 integrou o elenco para a leitura dramática de peça *Assim é se lhe parece*, de Luigi Pirandello, promovida pelo Soho Escritório Autoral Ltda, do Rio de Janeiro, sob a direção de Ton Neumann, realizada no Centro de Treinamento do Banco do Brasil- DF. Apesar de sempre ter escrito - o soneto que abre este livro é de 1958 -, somente agora Jovina Teodoro traz a público alguns de seus poemas. A respeito de seu primeiro livro de poesias *Vertentes* o notável poeta e crítico literário Cassiano Nunes o comenta com estas encomiásticas palavras: "Foi bom rever Jovina que, após tantos anos, chega fiel à autenticidade da poesia, oferecendo-nos uma mancheia de poemas que documentam a caminhada de uma alma em busca da beleza, que é também a verdade". Esta vida é plena de surpresas; para mim, que conheci Jovina Teodoro ainda na flor de sua juventude, "depois de um longo e tenebroso inverno" que fez com que a vida de cada um de nós seguisse destinos diferentes, hoje eles se juntam pelo vínculo mágico da poesia, fazendo dela uma poetisa admirável e de mim um dos seus incondicionais admiradores".

*Dados Extraídos do Livro "VERTENTES",
Edições Galo Branco - 1998.*

JUDITH MAURA MOREIRA

Soprano

A história de vida da mineira, de Belo Horizonte, Judith Maura Moreira, uma das maiores sopranos de que se tem notícia na história recente do Brasil, segue os mesmos caminhos tortuosos que a grande maioria dos negros tiveram que traçar para afirmar-se na arte e na música. Contando, além de seu fantástico talento, com o amor e o apoio decisivo da família que a criou e que sempre enfrentou qualquer resquício de discriminação, superou todas as barreiras e afirmou seu grande trabalho, pelo qual hoje é reconhecida e respeitada em toda a Europa. Judith nos conta

adotou desde que eu tinha 11 dias de idade. A dona da casa era uma moça solteira, nome Luiza Vitor, pertencente a uma das famílias mais conceituadas de Belo Horizonte e do Serro Frio e que, tendo perdido o pai ainda cedo, tomou-se cargo de todas as responsabilidades, criando outros irmãos e cuidando da própria mãe, Dona Maria Salomé de Salles Vitor, a quem eu sempre chamei de vovó. Aliás, a minha mãe verdadeira eu chamaava pelo nome, Maria, porque desde cedo chamei Luzia de mamãe. Se alguém queria vê-la uma fera era só me chamar de negrinha, ela não perdoava. Quando já mocinha, eu vinha ao Rio, ela me recomendava que eu não fosse à praia, não apanhasse muito sol, que era pra não me queimar... Nunca me senti postiça naquela casa, eu era na verdade um membro da família, me vestia e me calçava como todas as outras crianças e estudávamos nas mesmas escolas. Houve um episódio muito curioso, certa vez, com a nossa professora de catecismo. Ela estava preparando uma festa e começou a escolher as crianças que iriam participar de um baile. Uma das minhas irmãs de criação era loura, de olhos azuis, de ascendência alemã e francesa, e foi uma das escolhidas; eu fui barrada porque era preta. Quando minha mãe soube, não disse nem uma nem duas, foi direto à professora e sentenciou: - Se a pretinha não pode, a branquinha também não pode. E tirou todo mundo da festa. A Luiza Vitor além de minha mãe de criação é também minha madrinha e o meu padrinho é Dom Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte, que pagou dois anos de estudo pra mim no Colégio Imaculada Conceição. Foi ele quem me mandou procurar o colégio que eu quisesse; no primeiro que eu fui não aceitavam alunas de cor, não que a direção se opusesse, mas era que, segundo me disseram, os pais das outras alunas tirariam as suas filhas. Eles não gostavam de preto nem de filhas ilegítimas... Corri mais uns dois ou três até que, finalmente, consegui ser aceita no Imaculada Conceição. Numa das férias que eu vim passar no Rio com uma das minhas primas - a gente vinha sempre, que, era pra mergulhar na praia de Copacabana como toda mineira que se preza - fomos a uma tarde dançante no Tijuca Tênis Clube. Fomos com as mães de outras meninas, colegas nossas, e naquela alegria, conversando, rindo, nem me dei conta de um problema que surgiu na porta; depois é que eu fiquei sabendo que não queriam me deixar entrar porque era proibida a entrada de negros nas dependências do clube. As senhoras, mães de outras meninas, tentaram argumentar, dizendo que eu as estava acompanhando, se eu não entrasse todo mundo tinha que voltar pra casa, e por aí afora. Até que vieram uns diretores e resolveram que eu poderia entrar, mas com a condição de não dançar. Fiquei o tempo todo sentada e achei isso uma violência contra mim. Eles achavam que eu podia

Quem é Quem na Negritude Brasileira

companhia de uma filha de sócio, ou coisa assim. E fiquei sentada o tempo todo do baile, consciente de que estava me anulando para não ser desmancha prazer, atrapalhar o divertimento das meninas. Fiquei sentada. Eu cantava no banheiro, e uma das minhas tias sempre me dizia: - Ô Maura, por que é que você não vai estudar canto? Tem uma professora aí que cobra baratinho. Vai lá! Eu não sei se ela disse isso porque achava que eu tinha boa voz mesmo ou se era pra se ver livre do meu canto matinal. Como eu já estava empregada na Rede Mineira de Viação, onde trabalhava como secretária e já era também formada como professora, dava pra pagar as aulas com a dona Nazinha Prates, que tinha muitos alunos e gozava de grande conceito. Naquela época, a Maria Lucia Godoy estudava com ela e era assim uma espécie de aluna-estrela, era a que tinha a voz mais bonita e já se apresentava em saraus e pequenos recitais. Eu me dediquei com aplicação ao estudo, mas um ano depois ainda não era escalada pra cantar pela professora Nazinha. Já estava meio desconfiada; será que eu dou pra cantar ou não? Como tomei gosto pela coisa, resolvi ir mais fundo, aprender música, teoria musical, etc. Então entrei para o Conservatório e depois prestei concurso para corista do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde passei em primeiro lugar e fui logo chamada para ocupar o lugar. Bom, aí foi a loucura total porque entrei pro coro, estudava aqui e estudava em Belo Horizonte. Lá eu perdia o ano por freqüência e fazia a segunda época. Finalmente, a duras penas, pude comprar um piano que era pra poder estudar em casa. Nesse meio tempo eu fazia de tudo um pouco, rádio-teatro na Rádio Mineira, cantava na Rádio Inconfidência, dava aula de catecismo, ensaiava o coro das filhas de Maria na Igreja de Santa Efigênia; em alguns ganhava um dinheirinho e, em outros, é claro que não. Mas tudo somava como experiência de vida e aprendizado profissional. Só não consegui mesmo foi cantar como solista na Associação de Canto Coral de Belo Horizonte, por causa da cor. Quando eu já estava no coro do Teatro Municipal, entrei num concurso para bolsas de estudo organizado pela Pró-Arte, a bolsa era dada pelo Ministério da Educação. O concurso era realizado durante o curso de férias em Teresópolis e eu concorria com outra moça, uma soprano de Recife. Era proibido aplaudir durante o concurso, mas quando eu acabei de cantar a ária do Dom Carlos a platéia e os jurados aplaudiram. Meu grande orientador nessa época foi o maestro comendador Maximiliano Hellman, infelizmente já falecido. Ele acreditava muito em mim, me deu aulas de graça para eu pagar mais tarde, me apoiava integralmente, perdeu até umas alunas por minha causa, como aconteceu com uma senhora da sociedade que não se conformava de eu, crioula, ter o mesmo professor que ela. E o pior aconteceu quando,

amiga que me contou o episódio, ele aconselhou que ela se acalmasse e disse: - A senhora é bem casada, tem marido de posses, casa bonita, um dileitamento saudável, mas a Maura só tem a voz dela e mais nada. Não posso mandá-la embora. Ganhei a bolsa da Pró-Arte e escolhi estudar em Viena. Quando lá cheguei e fui fazer o exame de avaliação me colocaram no último ano. Eles mesmos disseram que nunca houve um caso assim, o curso de canto é de seis anos e eu fui direto para o sexto ano. O mesmo se deu na ópera, me fizeram saltar o curso de preparação e fiz apenas três semestres; por tudo isto, antes de terminar a Academia de Música eu já estava contratada para a Ópera de Ulm, na Alemanha. De lá pra cá tenho desenvolvido a minha carreira com muito cuidado e responsabilidade. Tenho recebido críticas tão elogiosas quanto estimulantes e há quase vinte anos faço parte do elenco estável da Ópera de Colônia. Agora pergunta se eu já cantei alguma ópera aqui no Brasil? Pra não dizer que não, participei de duas récitas da Cavalaria Rusticana, em Belo Horizonte, em 1970, em caráter semi-amadorístico. Tenho contrato com uma gravadora alemã e os meus discos são basicamente de lieder e árias de óperas, mas nos meus concertos incluo permanentemente música brasileira e sempre com o maior sucesso. É ponto de macumba, aca-lantos, músicas indígenas, modinhas e é preciso ver como o pessoal gosta e aplaude. Breve estarei gravando um disco com essas coisas todas especialmente para o mercado europeu, que já me conhece das tournées que eu sempre faço pela Áustria, Itália, Bélgica, Holanda, Espanha, Portugal, Suíça e, naturalmente, Alemanha. Como é lógico, sempre sonhei em cantar nos grandes teatros da Europa, mas tinha também a impressão que isso nunca passaria de um sonho motivado por todas as desfeitas, desconsiderações, discriminações, que a gente sofre como ser humano desde a infância. É certo que muitos, diante de um episódio de demonstração de racismo, tentam contemporizar, pedir desculpas, passar uma borracha em cima, mas na gente a marca fica, influenciando até na escolha de uma profissão ou lugar para entrar. E o que há, meu Deus? Somos todos humanos, somos todos iguais. Por que esse negócio de entra a lourinha a preta não. Negrinha não entra, negrinha só pode ficar sentada. E quando cresce tem aquela história dos rapazes se aproveitarem das mulatinhas, das pretinhas para fazerem a sua iniciação sexual, mas na hora de casar, aqui ó!"

JULIANO MOREIRA

Médico

Os negros sempre mostraram uma acentuada inclinação para a medicina, este conjunto de atividades técnicas e científicas que

natureza. Entre os que se destacaram nesse campo de conhecimento humano, Juliano Moreira merece um estudo em páginas especiais. E o fazemos começando por dizer que Dr. Juliano Moreira é baiano nascido na cidade de Salvador, em 1873. Não é fácil de se admitir como e quanto forá áspera e penosa a vida e a carreira de alguém que sendo negro e descendente de escravos, pretendesse tornar-se um homem de pensamento, um homem que desejava atuar no plano das idéias ou no mundo da ciência como é o caso específico de Juliano Moreira. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia é de se imaginar que se tratava de um aluno dedicado e, por vezes, brilhante, já que este estudante de descendência negra acabou sendo, anos depois, substituto do professor de clínica médica, na mesma faculdade em que colou grau. Contudo, foi como Diretor do Hospital Nacional de Alienados, em 1902, que mais se empenhou juntou aos altos dirigentes do Ministério do Interior - supõe-se que era o órgão responsável na época pelo setor- para que se criasse leis de assistência a este tipo de doentes, com o fito de lhes amenizar o sofrimento de seu estado clínico, dando-lhes ainda uma esperança mais constante de plena recuperação de sua condição mental. Tal esforço redundou em resultado positivo, tanto assim que Juliano Moreira pôde ver essa lei apresentada em 1903, aprovada e regulamentada no ano seguinte de 1904. Com estes novos recursos tecno-financeiros, Dr. Juliano obteve condições para dar "então um grande impulso ao hospital que dirigia, reformando-o, ampliando-o" de modo a que o mesmo viesse melhor atender as necessidades de seus inúmeros pacientes. Pelo seu singular interesse demonstrado nos anos anteriores, Juliano Moreira, graças ao seu espírito empreendedor, acabou ocupando o cargo de diretor-geral da Assistência aos Psicopatas, por mais de vinte e oito anos, ininterruptamente. Por ser a psiquiatria o ramo da medicina que se ocupa do estudo de alterações e do comportamento de pessoas portadoras de distúrbios mentais, doenças estas que se caracterizam por perturbação do humor, por manifestação depressivas ou ansiedades deformantes do seu estado normal; as fobias, as obsessões, as ilusões, as alucinações e os delírios são parte desse comportamento, às vezes transitórios, às vezes irreversíveis, tornando o paciente um indivíduo incapaz de permanecer em sociedade, razão pela qual, os especialistas propõem o recolhimento em casa de saúde própria, onde possam receber tratamento adequado ao seu estado clínico. Juliano se especializou neste ramo da medicina, tornando-se um dos mais preparados e competentes

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Jurema Batista, no Rio de Janeiro, recebeu seu nome pelo fato deste grande médico negro haver se destacado neste setor da medicina. Juliano Moreira faleceu no Rio, em 1933, deixando uma lição de vida para a posteridade.

*Gênero Encyclopédia Delta Louvras
Editora Delta - 1970.*

JUREMA BATISTA

Vereadora

Jurema Batista é natural do Rio de Janeiro, onde foi criada, no Morro da Andaraí. Professora de Português e de Literatura, Jurema Batista é a única vereadora negra da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Em função de seu espírito valente de mulher determinada, Jurema Batista ficou conhecida como mulher negra guerreira. Realmente, esta edil combativa

é intransigente em se tratando de sua luta em defesa das populações marginalizadas em razão de suas péssimas condições de vida social, econômica e racial. Como bem o diz Helena Theodoro, Jurema Batista é uma figura da melhor qualidade e de destaque nos movimentos de favela

e como militante da causa afro-brasileira. É uma das fundadoras do *Nzinga Coletivo de Mulheres Negras*, o que o transformou num lúminoso ponto de referência quanto à luta que ela e a sociedade organizada empreendem em defesa dos direitos humanos na cidade do Rio de Janeiro. Tanto é que Jurema Batista como vereadora acabou sendo escolhida para presidir, pela segunda vez, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da Câmara Municipal da Cidade Maravilhosa. Seus projetos, dentro deste desiderato, têm sido inúmeros que além de garantir as conquistas já existentes, ainda contribuem para ampliação, verticalizando os direitos dos nossos cidadãos de todos os matizes. "Uma das contribuições importantes do mandato de Jurema Batista que destacamos é a proposta de criação de um projeto de urbanização das favelas do Rio de Janeiro, que deu origem ao *Favela-Bairro* que, no entanto precisa de alguns ajustes". Objetivamente, várias leis já foram aprovadas de autoria dessa lúdica e combativa vereadora negra, entre os quais, poderemos pinçar a que transforma em *Espaço Cultural Rio-Nordeste* o pavilhão da antiga



de auxílio às famílias chefiadas por mulheres", que aqui em São Paulo, chamamos de mulheres chefes-de-família, o que em termos de nomenclatura, não faz muito diferença. Miríades de projetos de proposições, de providências, enfim, de iniciativas de caráter humanitário, popular e patriótico têm sido gestados ao longo das atividades parlamentares da vereadora Jurema Batista, entre estes, o de interesse específico afro-brasileiro que "institui a criação do curso preparatório para profissionais de ensino na rede municipal visando a implantação de uma disciplina sobre a história dos negros e dos índios". Para completarmos as linhas básicas do perfil político da vereadora negra Jurema Batista recorremos, mais uma vez, à professora Helena Theodoro, quando nos informa que esta edil "criou em seu gabinete uma publicação bimestral, o jornal *Poder Popular*, com tiragem de 7 mil exemplares, onde apresenta informes, esclarecimentos, problemas e sugestões de seu eleitorado, além de apontar suas posições na coluna *Fala Jurema*, o que permite que a vereadora não perca, jamais, contato com os que a elegeram pela segunda vez".

1) Dados fornecidos pelo Gabinete da Vereadora

2) *Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras*, Helena Theodoro, Palla Editora

JURGLEIDE DA SILVA LELIS

Liderança feminina

Jurgleide da Silva Lelis, filha de Maria Angélica dos Santos Pereira da Silva e de Migidônio Pereira da Silva, nasceu na cidade de Palmeiras, interior do Estado da Bahia, ali pelas regiões de Chapada Diamantina. Resalte-se que há sobrejas razões por Jurgleide ter tanto orgulho de ser negra e de ser neta do Mestre Félix Loiola dos Anjos, o grande mestre-construtor negro de Palmeiras e Lençóis da Bahia, além de tratar-se de um cidadão do século passado de caráter ilibido. Muito bem casada com Vilazio Lelis, ex-grande jogador de futebol dos tempos de Dino Sani, com quem tem dois filhos, Vilazio Lelis Júnior, engenheiro agrônomo e Erlane Lelis, pediatra. A posição de Jurgleide no contexto social está bem acima da média dos da comunidade negra, confirmado-se a assertiva de que os negros já começam a romper a condição de pobreza e de dependência econômica, o que, deveras, é muito saudável, mas o que não bastou para que se visse livre do racismo que ainda hoje persegue o negro de qualquer condição social. A vida desta senhora guerreira e ciente de sua dignidade, como ser humano e como mulher negra, não é feita apenas de momentos glamourosos como seria de se desejar. Lutado-

entrar na briga e uma boiada para não sair sem arrebatar o troféu da vitória, Jurgleide está presentemente envolvida numa guerra sem quartel. A respeito desses episódios, passemos a palavra ao jornalista Oliveira

S. Ferreira, do Estado de São Paulo, que diz, entre outras coisas, que Jurgleide orgulha-se de ser dona de casa, haver criado os filhos, ensinado a eles as noções de civismo, ter feito economias, comprado uma casa em lugar que supunha ser aprazível, mas hoje não é mais. Contudo, Jurgleide não se abala com o fato de ser constantemente humilhada, racialmente discriminada, e já haver sido ameaçada de morte, através dos que se acovardam ocultando-se atrás de telefonemas anônimos. Já não a desaponta o fato de a polícia não querer tomar nota do número do telefone de onde provem as ameaças - afinal, dizem, gravações feitas sem consentimento do criminoso não faz prova. Ao que pergunto: não constitui indício suficiente para abrir inquérito? Pois, a luta de Jurgleide é contra pessoas ou firmas que invadem direitos humanos e condição de cidadãos para invadirem o espaço público, por lhe ser conveniente confundir os limites de onde terminam as áreas privadas e começam os logradouros públicos. Portanto, é uma luta contra a prepotência e a arrogância dos que entendem que ainda estariam vivendo os "anos de chumbo" quando, por ordem do comandante, a todos se intimidava com o intuito malévolos de se manter o silêncio sobre os mais chocantes absurdos que ocorriam na época. Jurgleide, com esta sua postura de mulher valente, está se antepondo aos abusos do poder econômico, transformando numa resistência surpreendentemente invulnerável pelo seu exemplo de coragem e espírito de justiça que afrontam os vilões e os oportunistas. Defender a qualidade do ensino público, defender a escola padrão como a que existia na Lapa é, como diz Oliveira, despertar consciências independentes dos poderes que parecem não se preocuparem mais em ser públicos. Jurgleide já está merecendo um prêmio, uma laurea para beatificar o seu rosário de lutas, garantindo que a verdade dos justos, dos puros, dos humilhados e ofendidos há de prevalecer sobre a mentira dos poderosos que vem esmagando negros, mulheres, crianças e inocentes pelo mundo afora.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

K



KÁTIA REGINA

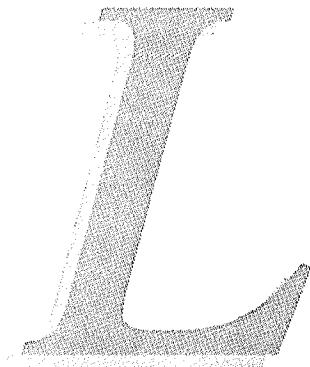
Administradora e consultora de empresa

Kátia Regina Rosa Gomes, natural de São Paulo, onde nasceu no dia 4 de setembro de 1972, solteira, é filha de dona Helena Maria Rosa e de Wilson Gomes. Kátia Regina Rosa Gomes, 25 anos, formada em Administração de Empresas pela Faculdade Sant'Anna, é atualmente estudante de Direito na Universidade Paulista. Filha de pais separados, foi criada pela mãe, Helena Maria Rosa, professora de geografia, com os irmãos Cláudia, Wilson e suas tias Luiza, Ana e Sebastiana. "Com muita garra e determinação, minha mãe estudou, conseguiu ascensão profissional e manteve boas condições de vida para nós. Tenho nela uma grande amiga e companheira, que está sempre apoiando-me e instruindo-me em tudo que faço. Admiro-a e a respeito, agradeço a Deus por ter me dado uma família unida e maravilhosa. Na época do colégio sempre fui uma aluna aplicada, ficava entre os primeiros alunos da sala. Aos 9 anos de idade, cursava a 4ª série do primeiro grau, onde ganhei o concurso de redação, que foi publicado em um livro de distribuição interna. Aos 14 anos, trabalhava como manequim e era modelo exclusivo de duas grifes famosas, sendo a única negra; naquele tempo o merca-

do não valorizava a beleza do negro", lembra Kátia Regina. Cursando o colegial, era representante de sala, fazia parte do grupo de teatro e do grêmio recreativo, "quando despertou em mim o espírito de liderança, experiências que muito somaram para o meu aperfeiçoamento e crescimento como pessoa, e como alguém que ama a sua negritude". É interessante notar a caminhada de Kátia Regina no rumo do conhecimento de sua negritude; começou muito cedo, quando ainda estava na Faculdade, revelando-lhe as limitações de sua condição étni-

ca, que a impediam, principalmente por carência econômico-financeira, de acompanhar cursos extra-curriculares que sempre enriqueciam o seu currículo e a sua performance. "Hoje faço parte, como uma das fundadoras, da direção do Movimento de Amigos e Universitários - MAU - sigla que nada tem de mau, pelo contrário; é uma boa e nobre instituição que tem por meta oferecer para os mais necessitados, geralmente, os negros, raça de que me orgulho de pertencer, uma oportunidade para estudar, subir e crescer na vida, de modo que possam exercer, plenamente, o seu direito de cidadania. Para que tal meta pudesse ser alcançada com mais desenvoltura, Valéria Tertuliano e eu, criamos uma empresa - "V e K" Consultoria Jurídica e Administrativa, em São Paulo, destinada a prestar serviços à micro e pequena empresa, esperando auferir daí, recursos, não só para a nossa sobrevivência, como também para que possamos continuar assistindo, como já disse, no início, aos mais necessitados. Se eu dissesse, como fruto de minha experiência acumulada, que não encontro dificuldades, até mesmo de ordem discriminatória, preconceituosa, racista e financeira, machista, estaria mentindo, literalmente. O que faz com que eu e minha companheira continuemos nesta luta é porque acreditamos no presente e no futuro de meu povo e da minha gente de origem afro-brasileira", conclui Kátia Regina.





LAIA

Psicóloga e assistente social

Maria Aparecida de Laia, natural de São Paulo, capital, nasceu dia 7 de agosto de 1955, filha de Geraldo Januário de Laia e Carmem Efigênia de Laia que, além dela, tiveram outro filho, Jair Januário. Fez seus primeiros estudos no Colégio Saldanha Marinho, no Liceu Santo Afonso, e o 2º grau na Escola Estadual Caetano de Campos. Formou-se em Psicologia e Serviço Social. Especializou-se em Educação em Saúde Pública e gerenciamento em Serviços de Saúde. Entrou na política através do movimento de saúde na Zona Leste de São Paulo, sendo uma das fundadoras da Associação Popular de Saúde, onde teve início sua participação no movimento negro da região Penha, com o professor Hélio Santos. Nesta ocasião, participou da fundação da União de Mulheres, trabalhando no núcleo da região de Cangaíba. Na área de política propriamente dita, teve uma rápida passagem pelo PC do B, foi uma das fundadoras do PMDB na região Leste e uma das organizadoras e coordenadora do núcleo da Mulheres do PMDB; também contribuiu na fundação do PSDB paulista, hoje fazendo parte de sua executiva estadual e da coordenação do núcleo estadual das mulheres tucanas. Com a evolução dos acontecimentos, sua atuação ficou nas questões de natureza social, ligada à área feminina. Ajudou a fundar o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo ao lado de Hélio Santos, Ivair Augusto Alves dos Santos, professor Eduardo de Oliveira, Tereza Santos, entre outras lideranças afro-brasileiras. Trabalhou como assessora da Coordenadoria Especial do



bitat II), em Istambul; Conferência sobre Violência Doméstica e Sexual na América Latina e Caribe, em Washington; VII Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, no Chile; II Encontro de Mulheres Afrolatino-americanas e Caribenhais, na Costa Rica; Encontro Internacional de Mulheres Portadoras de Deficiência, em Washington; Encontro de Solidariedade às Mulheres Cubanas, em Havana e na VIII Conferência Mundial da Mulher Negra, em Johanesburgo, na África do Sul. Realizou o I Seminário "Mulher e Participação Política" como parte da campanha "Mulher Sem Medo do Poder"; os cursos Gênero na Educação, Violência de Gênero, em parceria com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, voltados às delegadas das delegacias de defesa da mulher e saúde da mulher, em parceria com a Avon Cosméticos e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Iniciou o primeiro programa de rádio "A Voz e a Hora da Mulher", na Rádio Mundial. Foi criado o Fórum dos Conselhos Municipais e Entidades de Defesa dos Direitos Humanos das Mulheres. Lançou Consulta Estadual Ação das Mulheres na Implementação da Agenda 21. Realizou a reestruturação do Comvida - Casa Abrigo de Mulheres vítimas de Violência. Em parceria com a Assembléia Legislativa realizou a criação dentro da Comissão de Direitos Humanos da Subcomissão Mulher e Direitos Humanos, e com a Fundação SEADE, o primeiro Boletim - Mulheres em Dados. Na cultura, Maria Aparecida de Laia procura incentivar e apoiar abertura de espaços para a criação e divulgação da produção cultural feminina, de maneira a contribuir para reforçar a presença da mulher como agente imprescindível na vida cultural do

Humanos, da Educação, da Legislação disponível e a ser criada, Meio Ambiente e Habitação, Mulheres Negras, Participação política, Saúde, Trabalho, Violência que objetiva prevenir, denunciar e combater todos as formas de violência contra a mulher, criando, apoiando e fortalecendo os canais específicos de atendimento jurídico, psicológico a todas essas criaturas femininas vítimas de quaisquer formas de desumanidade e violência. É assim que Maria Aparecida Laia, presidente do CECE, fez-se estimada e querida por todos que conhecem o seu mérito trabalho.

LAÍS HELENA

Liderança feminina e ex-vereadora

Laís Helena Antonio dos Santos é natural da cidade de Valinhos, onde tornou-se a primeira mulher negra a ser eleita vereadora pela legenda do PMDB, isto depois de trinta e cinco anos de emancipação e de vida política des-



te importante município do interior de São Paulo situado na região de Campinas, o solar das Andorinhas. Laís Helena é professora de profissão, que após graduar-se nessa especialização, concluiu curso de Letras Anglo-Germânicas pelo Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1974, e formou-se também no curso de Especialização em Lexicologia. Estudiosa por excelência, razão pela qual ad-

quire prestígio e renome na localidade, Laís Helena sempre investiu o melhor de seus esforços e de seu potencial de mulher intelectual como forma de enriquecer os seus conhecimentos pessoais. Resulta daí o fato desta culta e valente mulher negra estar sempre na busca de aperfeiçoamentos, fazendo vários cursos de Extensão Universitária, como o que fez, em 1978, de Pós-Graduação na Área de Concentração Linguística, na PUC-CAMP, ocasião em que defendeu Tese de Mestrado, isto já em 1981, tendo como tema os "Modelos de Relativização na Redação Escolar", sendo aprovada com louvor. Este acúmulo de saber e de práticas do ensino credenciou Laís Helena a lecionar, por mais de vinte anos, na Rede SESI dedicada ao Ensino, sem prejuízo para com as suas atividades junto à rede escolar estadual e da rede municipal de Edu-

cação.

various conceitos desse professor que, com comitamento passa a dar aulas, assumindo a Cadeira de Publicidade e Propaganda. É de dúvida que Laís Helena, filha de José Antonio e Joana dos Santos Antonio, que é a quinta de uma família de nove irmãos, depois de tantas atividades que propiciam o seu quase que permanente contato com o grande público, viesse a ter o seu nome projetado em todas as camadas sociais da região, o que lhe dá especial oportunidade para eleger-se vereadora, em 1988 e em 1992. Sempre interessada em melhor conhecer as áreas de educação e de saúde, a vereadora Laís Helena empreende uma viagem à Cuba, em 1994, e como defensora dos direitos da mulher da cidade de Valinhos viaja novamente, só que desta vez à China, para participar do IV Congresso Mundial da Mulher, isto, em 1995, onde se reuniram cerca de quarenta mil mulheres do mundo inteiro. Laís Helena, na Câmara Municipal de Valinhos, ocupou diversos e importantes cargos, como o de líder da bancada do PMDB, o de presidente da Comissão de Finan-

ças e Orçamento, na condição de seu Membro permanente, o de Membro do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, junto ao qual é autora de diversas Leis Municipais, o de Membro do Conselho Municipal de Saúde, no qual representou a Câmara Municipal de Valinhos. Laís ainda exerceu cargos como o de membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e da Adolescência, de

membro do Conselho Deliberativo da Associação Paulista dos Municípios e de membro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro na condição de conselheira fundadora. Os avós de Laís Helena, na pessoa do patriarca Samuel Antonio, vieram para Valinhos há mais de cem anos atrás, na qualidade de primeiro negro a migrar para este local com a sua família.

LAUDELINA DE CAMPOS MELLO

Fundadora do Sindicato das Empregadas Domésticas

Laudelina de Campos Mello nasceu no dia 12 de outubro de 1904 em Poços de Caldas, Estado de Minas Gerais, e faleceu em 1991. "Teve uma infância pobre e cursou até

mento, na maior militância negra do início do século até os últimos tempos, pois se destacou por seu sentido de luta, transformando-se numa pessoa de coragem moral, que lhe possibilitou ter a inventividade moral, ou seja, a capacidade de criar, a partir das tradições culturais afro-brasileiras vigentes, padrões historicamente novos de denúncia e de condenação ao que existe", (Moore, 1987). Iniciou sua militância em organizações negras aos dezesseis anos em Poços de Caldas. Foi a primeira presidente do Clube 13 de Maio, o qual tinha finalidades recreativas. Permaneceu até início da década de 30 na organização de associações de lazer e prestação de serviços benéficos, atuando muito mais na cidade de Santos. Os anos de 1933 a 1963 foram o auge de sua militância no movimento negro. Esse período é expressivo pela continuidade de suas ações e principalmente porque no início da década de 30, ela dá um caráter político, reivindicatório à sua luta. Esta líder participou de várias facções do movimento negro desse período 20, 30, 40, e pode perceber o nível das consciências negras diluídas nos elementos da realidade, conseguindo sintetizar, veicular e catalisar o conjunto de idéias dispersas no meio da população negra, organizada em diversos grupos, os quais tinham, apesar dos conflitos, objetivos reivindicatórios comuns, ou seja, acesso aos recursos materiais, mais especificamente, o trabalho. Laudelina tenta dar um caráter mais político à luta do negro campineiro já em 1958, conforme ela mesma relata: "Aqui em Campinas, o movimento era somente para cultura do negro, um movimento de integração com outros cidades. Fundamos uma sociedade que se chamava Grupo Cultural do Negro Campinense.... uma sociedade em que o negro estava entrando para uma política partidária no país." O exposto mostra que Laudelina tinha clareza que a identidade negra no Brasil pôr no campo da cultura, perdendo sua força de ideologia étnica no campo político, para se confundir muitas vezes no discurso do cidadão, ou em um outro tipo de alienação política. Por isso, ela falava na necessidade da união entre a classe operária, mulher e negro. Gramsci no texto "A questão Meridional" atribui as alianças como condição fundamental na hegemonia do proletariado, constituindo-se numa estratégia para o enfrentamento da burguesia. Laudelina no decorrer de toda a sua caminhada buscou uma aliança entre os diversos micro-grupos étnicos, ou seja, as diversas facções organizadas da população negra, e isto implicou e implica, num complexo sistema étnico político estabelecido no interior desses próprios grupos. Ela acreditava que o negro deve-

cer efectivamente uma relação de amizade, priorizando o que é essencial para a maioria da população negra. A luta de Laudelina pela legalização do serviço doméstico, vista por ela mesma: "Depois, quando terminou a missa em ação de graças na Associação, Dom Hélder Câmara veio me abraçar e nós fizemos aquela fotografia juntos. Ele perguntou se a gente estava satisfeita. Eu disse que estava mas que ainda faltava um pouco. Ele disse: Qual o ponto? Eu disse: O registro da Associação como sindicato profissional. Peço a Deus que não me deixe morrer antes de eu assistir esse momento que eu tanto desejo na minha vida, e o amparo das minhas irmãs, das minha colegas. Aí ele disse: Deus é muito bom ele não vai deixar você morrer antes de você assistir esse ato maravilhoso de toda luz de sua vida. Deus vai te dar esse prazer". Laudelina de Campos Mello era consciente da situação da mulher negra já nos idos de 1925, sem se declarar feminista. Fundadora da primeira Associação das Empregadas Domésticas do Brasil, no ano de 1936, em Santos, por perceber conforme explícita o seu depoimento que "a situação da empregada doméstica era muito ruim, a maioria daquelas antigas trabalharam 23 anos e morriam na rua pedindo esmolas. Lá em Santos, a gente andou cuidando, tratou delas até a morte. Era um resíduo da escravidão, porque era tudo descendente de escravos". Em 1936, Laudelina não apenas funda a primeira Associação, não só colabora na elaboração do documento a ser apresentado em 1936 no Congresso dos trabalhadores. Sua grande colaboração foi a de não haver guardado simplesmente durante 52 anos este documento, mas sim de ter inserido estas propostas em outras grandes e pequenas lutas de sua vida. Só em 1988



conquistaram direitos para as trabalhadoras domésticas.

Texto de Elisabete Aparecida Pinto

LAURINDO RABELO

Poeta

Laurindo Rabelo, apelidado de "poeta Lá-gartixa" pelo fato de ser um tanto quanto desengonçado, nasceu no Rio de Janeiro, em 23 de julho de 1826. Filho do capitão Ricardo José da Silva Rabelo e de Dona Maria Luisa da Conceição e Silva, "pais paupérrimos, de baixa classe, isto é, de mestiços, em cujas veias corria o sangue cigano", segundo considerações de Sílvio Romero. Laurindo José da Silva Rabelo levou uma vida inteira infeliz, tentando, baldadiamente, obter uma posição de relevo na sociedade, razão pela qual se diplomasse em medicina, sem conseguir, entretanto, o tão esperado êxito no exercício dessa profissão. É aí que a sorte lhe empurra para a poesia popular, de improvisador, muito ao gosto da boêmia de sua época, passando a escrever uma poesia amarga, dolorosa, de um pessimismo espantoso, às vezes atrevida e revoltada, refletindo em seu fundo obscuro, uma alma triste e profundamente sofredora. É o que seus estudiosos aduzem nos comentários que escrevem a seu respeito. Antes de cursar medicina Laurindo Rabelo consegue com grandes dificuldades ingressar no seminário de São José, onde após receber ordens menores acaba por abandonar a carreira eclesiástica, vítima que fora da maledicência movida contra ele. Sem desistir de lutar por um lugar ao sol, Laurindo tenta de novo, só que desta vez, a carreira no Exército entrando para a Escola Militar, que não pôde dar continuidade em virtude de haver escrito sátiiras contra o diretor da escola. Dizem que Laurindo Rabelo foi sempre um joguete nas mãos impiedosas do destino; sua sorte pessoal tem muito a ver com a sorte da maioria dos descendentes de negros e de indígenas, em nosso país. Os dissabores perseguiram tenaz e implacavelmente a Laurindo Rabelo. Tanto é que muito dos contratemplos que teve vieram dos desastres que ocorriam com seus familiares, como o que levou sua irmã à loucura por motivo da morte de seu noivo. Em sua coroa de espinhos surge-lhe uma flor promissora na pessoa do "dr. Salustiano Vieira Souto, que o levou para a Bahia, em cuja academia o matriculou". É neste momento que lhe chega a notícia do falecimento de sua irmã depois de pertinaz enfermidade, para, em seguida ficar sabendo da morte de sua genitora, Dona Maria Luisa da Conceição Silva, o que deixa a família do Laurindo Rabelo reduzida "a um único irmão, que, para cúmulo do infortúnio, foi assassinado". Sem nada conseguir em medicina,

Rio de Janeiro, onde lhe é oferecido uma cadeira de professor no curso anexo à Escola Militar. Para quem fora aos 18 anos um apreciado poeta, boêmio inverterado, bom conversador, admirável homem de letras, orador torrencial, humorista de talento, repentista extraordinário, e de uma vocação lírica excepcional, Laurindo Rabelo recebeu muito pouco, ou quase nada da vida, como e enquanto criatura humana. "Era um homem do povo, um espírito inquieto e ambulante, um homem das ruas, das festas, a mais perfeita personificação de uma classe de índoles literárias, que já tem desaparecido de todo". É assim que a crítica se refere ao poeta e ao espaço ocupado por Laurindo Rabelo na Literatura Brasileira. Laurindo Rabelo deixa o mundo como quem deixa o tédio, isso aos 38 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 28 de setembro de 1864.

Dicionário Literário Brasileiro - 2a Edição, de Roimundo de Menezes - UIC - 1978.

LAZZO

Cantor, pesquisador e arranjador

Segundo artigo de autoria de Silvana Hinain, Lazzo nasceu Lázaro Jerônimo Ferreira, em 24 de março de 1957 no bairro da Garibaldi, vizinho, portanto, ao Terreiro de Mãe Menininha do Gantois. Como todo bom baiano, Lazzo começou muito cedo freqüentando rodas de samba, acompanhando os "baticuns" da Mãe Minervina, sempre estimulado pela curiosidade inata de quem, mais tarde, haveria de dominar a arte de tocar pandeiro, congas e timbales. As chances de um percussionista promissor se aliaram ao dom maior do filho de Dona Minervina. Lazzo foi o puxador preferido dos sambas de alguns grupos que desfilavam no carnaval, mas foi no afro Ilê Aiyê onde conseguiu destaque maior. Isso em 1978, auge de um audacioso movimento musical originado na Bahia com o surgimento do bloco exclusivamente negro. São 14 anos de carreira que transformaram o artista em um dos mais autênticos representantes da Música Popular Brasileira. Durante três anos (1991-1993) conforme nos revela Silvana Hinain, seguiu o mestre do reggae jamaicano Jimmy Cliff por palcos caribenhos, americanos, europeus e até do Oriente Médio. Pesquisou ritmos, fundiu experimentos e, principalmente, respirou a musicalidade da Jamaica e está com CD nas lojas. São 4 discos e um repertório variado: funk, blue, reggae, samba-de-roda, soul, balada, etc. Uma receita de sucesso complementada pela interpretação personalíssima, carregada de suíngue e ritmada por uma voz poderosa. É conferir para ver, ouvir e se dedicar aos sons das felizes interpretações do hoje popu-



lar Lazzo. Como se vê e se ouve, Lazzo é eclético, pelo que a ele se refere LZZ - Produções artísticas, Lazzo cria e ousa sem muito esforço e até com certa naturalidade com que sabe caracterizar e dar vida a uma simples canção. É assim que Lazzo fez no seu último disco, "Gostava Tanto de Você", conhecida na voz do saudoso Tim Maia. Ou imortaliza outras, a exemplo de "Me Abraça e Me Beija", gravada em 1989, mas executada por vários artistas, em qualquer espetáculo onde se imagine cantar música da Bahia. Depois de quatro discos, um Lazzo muito mais amadurecido desponta no cenário musical. Fiel à qualidade musical, experimentou fusões e ritmos universais para criar um estilo afro-brasileiro. O objetivo é seduzir um público cada vez maior. O jejum entre um disco e outro é atribuído à intensa pesquisa a que tem se dedicado. Exigente, meticoloso e profissional responsável, revela performances mais ricas e sofisticadas. A voz possante de sempre empresta ao artista consumado um estilo todo peculiar, nota que põe em relevo o tom de sua marcante personalidade artística afro-brasileira, por excelência. Lazzo engrandece e valoriza o repertório da Música Popular Brasileira.

LEANDRO JOAQUIM

Artista plástico e arquiteto.

O artista plástico Leandro Joaquim nasceu no Rio de Janeiro, em data ignorada, e faleceu nessa mesma cidade em 1798. Pardo, baixo e gordo - como o descreve Cunha Barbosa - praticou também arquitetura. Foi, além do mais, cenógrafo do Teatro de Manoel Luís. Escrevendo em 1875, Moreira de Azevedo afirma ser de Leandro Joaquim a autoria de diversas pinturas executadas para a Igreja de São Sebastião do Morro do Castelo, delas existindo ainda hoje três pinturas guardadas na Igreja de São Sebastião, na rua Haddock Lobo, no Rio de Janeiro: "Senhora de Belém", "São João" e "São Januário". Atribuídos a Leandro Joaquim são tam-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

tas de Lázio de Vasconcelos, hoje no Museu Histórico Nacional, e as cópias, em forma elíptica, dos dois famosos painéis em que João Francisco Muzzi retratou o Incêndio e a Reconstrução do Recolhimento do Porto, em 1791. Algumas das mais belas obras na arte colonial brasileira são de autoria de Leandro Joaquim, com destaque para a "Cena Marítima", "Revista Militar no Largo do Paço", "Pesca da Baleia na Baía de Guanabara", "Procissão Marítima no Hospital dos Lázarios", "Vista da Igreja da Glória" e "Vista da Lagoa do Boqueirão com os Arcos da Carioca". Suas pinturas impressionam pela vivacidade do colorido e pelo movimento, sem falar em seu enorme valor iconográfico e na circunstância de serem das primeiras representações de paisagens e marinhas feitas no Brasil. Dos diversos pintores que compõem a escola fluminense, Leandro Joaquim foi em verdade dos mais bem dotados, quer técnica, quer estilisticamente, destacando-se por uma execução brilhante, por seu desenho fluente e pelo colorido harmonioso. Alguns de seus retratos, como o do "Conde de Bobadela", do Museu Histórico Nacional, ou do "Capitão-Mor Gregório Francisco de Miranda, personificam, mais do que indivíduos, o espírito de toda uma época.

LECI BRANDÃO

Cantora, compositora e ritmista

"Mulher negra, plena de espiritualidade e arte: Leci Brandão da Silva, filha de Antônio Francisco da Silva e Leci de Assumpção Brandão, natural de Madureira, no Rio de Janeiro, descendente do continente africano de país ignorado, mas, antes de tudo, "Cidadã Brasileira", título de seu décimo LP de junho de 1990. Com estas palavras encomiásticas a nossa pre-

saver guerreira no campo da Música Popular Brasileira. Leci Brandão, de cujo perfil nós podemos desenhar a figura de uma mulher negra e cidadã consciente como e enquanto batalhadora das causas sociais de sua gente e de seu país. Com 21 anos de uma carreira artística bem sucedida e com 15 discos gravados, Leci Brandão encontra-se entre as mulheres negras mais estimadas e conhecidas do público brasileiro, particularmente, em razão de suas composições engajadas, produzidas em favor dos desfavorecidos e da população, ao lado dos quais ela sempre se colocou, quer como amiga ou como intérprete de seus mais recônditos sentimentos. Ao afirmar-se na condição de uma "Cidadã Brasileira", Leci Brandão atira para os ares um grito de liberdade e de independência que retumba como um desses clamores por onde quer que haja uma identidade negra negada, uma dignidade ferida pela usurpação de seus inalienáveis direitos, uma vida frustrada pelo racismo pleno de estereótipos que marcam como um sinete em brasa a personalidade de um homem, ou de uma mulher negra, oprimidos por este opróbrio infamante; essas pobres e tristes criaturas cheias de aspirações e de espiritualidade na arte de viver, de lutar e de vencer, ainda que se encontrem como borboletas coloridas, presas em mel estragado, e que se arrastam pelo mundo sempre repletos de sonhos e de visões triunfantes para usar aqui uma feliz imagem de Helena Theodoro. Seres assim não se abatem ante as adversidades do meio em que vivem. Seres assim, como Leci Brandão, superam obstáculos e arrastam consigo, como na cauda de um cometa, toda a luminosidade que os transformam em astros de primeira grandeza porque sabem fazer da noite sua terna e leal companheira. Nunca é demais lembrar que, durante os anos de 1975 e 1980, Leci Brandão fez parte como membro titular do seletíssimo grupo da Ala de Compositores da Estação Primeira de Mangueira, onde o convívio freqüente com feras do porte de Nelson Cavaquinho, Nelson Sargent, Padeirinho, Babau, Zagaia, Pelado, Cartola, Carlos Cachaça, dentre outros, era um dos fatos de destaque do mundo carnavalesco da ocasião. Além do mais, Leci Brandão visitou e revisitou o Brasil de ponta a ponta, cantou em Paris, apresentou-se representando o Brasil, no Japão, realizou carnavais na Dinamarca, foi ter com as suas raízes em Angola, descobrindo ramos de sua árvore genealógica em Luanda, onde ficou sabendo que as suas criações musicais eram logo identificadas e cantadas com muito carinho e paixão pelos habitantes angolanos, o que se dava com freqüência tendo-se em vista que Martinho da Vila sempre divulgava os seus discos por lá. Versátil, Leci Brandão, a convite de Wálter Avancini, interpretou a escrava Severina, mulher negra cheia de sa-



Reen Sampaio

tanto caracteriza o nosso país. Muitos premios coroaram a sua brilhante carreira artística: recebeu o Estandarte de Ouro do O Globo, e obteve o Prêmio Sharp em 1996 como a melhor cantora de samba. Leci Brandão é comentarista da Rede Globo de Televisão nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, do Primeiro Grupo.

1) *Mito e Espiritualidade - Mulher Negra*, de Helena Theodoro - Pollas Editora - 1996; 2) *Nós, Mulheres Negras* - da senadora Benedita da Silva - 1997

LECI NEVES BARRETO

Diretora do Sindicato das Costureiras - SP

Leci Neves Barreto é natural da histórica cidade do cacau, Ilhéus, no Estado da Bahia, onde nasceu no dia 14 de novembro de 1966. Filha de Júlio Alves Barreto e Maria Neves Barreto, solteira, Leci Alves Barreto é uma dessas lideranças negras e populares que sendo aprovadas pela universidade da vida carregam um meritório diploma de haverem sido trabalhadoras rurais, empregadas domésticas, balconistas, administradoras de lojas, operárias da indústria metalúrgica, da indústria plástica e de oficinas de costuras, etc. etc. Estes valores humanos, quantas e quantas vezes perdidos pelos desfiladeiros do anonimato, são como essas abelhas operárias que para a elaboração do tão precioso favo, de coloração doirada e de perfume sabor inigualáveis, movimentam uma colméia de milhões delas que saem, todas as manhãs, à cata do pólen que é o néctar da primavera da vida. Leci Neves Barreto, mergulhada em suas atividades de liderança e dedicando o melhor de seu talento e de sua sensibilidade de mulher negra, não só para garantir os instrumentos de defesa da categoria com que a "rainha" dessa colméia humana, simbolizada no Sindicato das Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de São Paulo e Osasco, possa lutar com firmeza e lealdade em favor das reivindicações da classe, como sobretudo, para colocar-se à altura de tão nobre e espinhosa missão. Hoje, superando as limitações de uma infância e de uma juventude em que o homem e, particularmente, a mulher negra foram poucos aquinhoados com a oportunidade de aprimorar os seus conhecimentos, Leci Neves



para os debates, enfim, para os congressos no país ou fora dele, não só com o intuito de obter novos dados acerca do que se passa na vida sindical, como também para oferecer a sua experiência e a sua cooperação numa troca de contribuições que, em última instância, há de trazer benefícios a todos que estão envolvidos nessa batalha sem quartel e que dela esperam um pouco mais de justiça e de paz para si e para os seus familiares. Vida sindical é isso; é trabalho, é dedicação e sacrifício. Leci Neves Barreto sabe disso perfeitamente, a ponto de se constituir num exemplo de que os seus colegas de diretoria e a sua classe de profissionais terem sobrejas razões para se orgulharem dela. Ainda bem que este sindicato tem à sua frente uma mulher negra aguerrida, honrada, e comprovadamente competente, na pessoa de sua presidente, que é Eunice Cabral. Leci Neves Barreto não desconhece a situação de dificuldade em que se encontra a grande maioria das mulheres negras brasileiras. É para elas que Leci e outras companheiras lúcidas, conscientes e corajosas, estão dedicando parte de seu precioso tempo para combater o racismo, o machismo e as injustiças que

permeiam as nossas instituições e a nossa sociedade historicamente. Tanto é que Leci Neves Barreto é a 1ª Secretária da Secretaria da Criança e da Condicionamento Feminino do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB.

LÉLIA GONZALES

Socióloga inovadora das lutas afro-brasileiras

Nascida no Estado de Minas Gerais, para os historiadores, uma cafusa, filha que era de mãe índia e pai negro, Lélia Gonzales, uma das fundadoras em 1978 do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, notabilizou-se com a sua intensa atuação acadêmica e de militância das mais participativas nas lutas afro-brasileiras, que se enfeixam entre 60 a 94, quando seus olhos cerram-se para sempre em julho desse mesmo ano. Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e em Comunicação por esta mesma unidade universitária era ainda doutorada em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Lélia Gonzales, mercê de sua energia e de seu elevado grau de consciência a respeito dos problemas da ne-

os seus conhecimentos teóricos em defesa do negro apresentando teses polêmicas, mas sempre ajustadas à realidade do tempo em que viveu, privilegiando o estudo sobre a mulher negra, como o que enriqueceu o seu livro escrito em parceria com Carlos Hasenbalg, "Lugar de Negro", que veio ao público sob a chancela da Editora Marco Zero. Lélia Gonzales era uma presença assídua nas atividades sociais, políticas e culturais que tinham o negro por epicentro. Assim é que se torna também fundadora em 1970 do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPEN; como política, candidatou-se duas vezes, uma pelo Partido dos Trabalhadores à Câmara dos Deputados e pelo Partido Democrático Trabalhista à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro em 1982 e em 1986, respectivamente. Foi membro efetivo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), ajudou a fundar o Grupo Olodum e tornou-se uma das consultoras de Cacá Diegues para o filme "Quilombo". Livre pensadora, realizou e participou de inúmeras conferências, no Brasil e no exterior, sempre com muito brilhantismo e consciência no trato das problemáticas do negro e, particularmente, da mulher afro-descendente de nosso País.



LEÔNIDAS DA SILVA DIAMANTE NEGRO

Exponente do futebol brasileiro

Pelo que dizem os estudiosos do jogo de bola, há indícios de que o futebol já era praticado no Brasil desde o começo do século XVIII, uma vez que se tem registros referentes à sua proibição exaradas pela Câmara Municipal de São Paulo no ano de 1746, sob a alegação de que este tipo de divertimento andava causando distúrbios, por reunir em torno dele somente pessoas arruaceiras e desocupadas. Corre ainda uma outra versão, segundo a qual, este tipo de esporte havia sido introduzido em nosso país por marujos ingleses ou holandeses ali pelos idos de 1850, admitindo-se, inclusive, que os próprios jesuítas já conheciam as regras desse jogo por praticá-lo na Europa quando o trouxeram para o Brasil. Lendas ou comentários à parte, o fato é que este esporte tornou-se a grande paixão das multidões que transformava os seus ídolos, como Friedenreich, Fausto, o Maravilha Negro, ou Leônidas, o Homem Borracha, o Diamante Negro, em verdadeiros deuses populares, e em legítimos heróis nacionais. Leônidas da Silva, por exemplo, fora um desses

Quem é Quem na Negritude Brasileira

seus adversários; a mais perfeita encarnação do Rei Pelé. Negro de estatura mediana, diminuta - 1,65m, um tanto quanto tarracudo, este craque da bola em seus pés, era um Zumbi endiabrado com os seus dribles secos e estonteantes dentro da área, o que fez dele um formidável goleador. Era genial e criativo, capaz de tornar redonda todas as bolas que caíam em seus pés ainda que lhes viessem quadradas. Leônidas é o inventor do "Gol de Bicicleta"; com apenas 21 anos de idade foi ele quem marcou o único gol brasileiro em competições internacionais na Copa de 1934. Já em 1938, todavia, Leônidas esbanjou tanto talento que fez com que a Copa o consagrasse como um dos maiores jogadores do mundo, em seu tempo, tornando-se seu artilheiro com 8 gols. É de se lamentar que, em virtude da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o mundo esportivo ficasse privado de se deliciar das performances com que jogadores fantásticos, como Leônidas da Silva, poderiam lhe brindar. A sorte assim o quis, pois quando esta competição voltou a trazer os seus craques para os gramados, em 1950, o nosso Leônidas já estava no ocaso de sua carreira, não tendo mais condições físicas de jogar pela nossa seleção. Teria sido a ausência de um craque de sua envergadura, a responsável pela derrota de nossa seleção aqui no Maracanã, na Copa de 1950? Fica no ar esta pergunta de difícil resposta. Nascido em 1913, a 6 de setembro, no Estado do Rio de Janeiro e atuando sempre em grandes clubes de futebol, Leônidas foi campeão, no Rio de Janeiro, pelo Botafogo, em 1934, pelo Flamengo, em 1939 e em São Paulo, pelo São Paulo Futebol Club, em 1943, 1945 - ano em que terminou a Segunda Guerra Mundial e em 1946, 1948 e 1949; Era um negro futebolista idolatrado pelas torcidas dos clubes em que defendia as suas cores e um autêntico espantalho para as agremiações contrárias. A transferência de Leônidas para o futebol paulista, em 1942, foi o maior acontecimento esportivo do ano; sua chegada na Estação do Brás arrastou uma multidão incalculável e no Pacaembu, o maior estádio de futebol do país, na ocasião, todas as torcidas foram aplaudi-lo, no seu jogo de estréia contra o Corinthians que terminou empatado, tornando-se um fato histórico pelo recorde de público até hoje ainda não superado. *Diamante Negro*, apelido que ob-

Grandes Personagens

rasou Leônidas, é o nome que permaneceu para sempre na memória do futebol brasileiro. Seu nome é sinônimo de glória, de talento, de dedicação ao esporte e ao Brasil. Leônidas é um exemplo de que o negro pode ser grande, pode ser campeão, pode ser herói. Ele é uma lenda viva, uma inspiração para todos os negros que desejam ser grandes. Seu legado permanece vivo, encorajando a busca por excelência e pelo respeito ao próximo. Leônidas é um herói que nos faz orgulhosos de sermos negros.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

LEPÊ CORREIA

Psicólogo, professor e liderança da luta afro-brasileira

Severino Lepê Correia, natural do Estado de Pernambuco, onde nasceu no dia 21 de fevereiro de 1952, é filho de José Luís Pereira e de dona Benedita Tiago Correia. É casado e tem 5 filhos: Orum Nathan, Iyainã, Omorinlê, Iyalê e Iyasanã. Lepê é tido e admirado como um dos mais autênticos estudiosos de nossa negritude que, além de ser psicólogo, organiza do Ilê Asé Ogun Toperiná é o grande idealizador do "Corpo Africano" - que, para os iniciados na cultura afro-negra, é um novo universo terapêutico" que se abre e se oferece para o trabalho voltado ao resgate da identidade negro-brasileira, secularmente destruída pelo colonialismo desumanizante e predatório, que faz da discriminação e do racismo o seu código de dominação e esmagamento das culturas que não sejam eurocêntricas. Professor há mais de vinte anos, Lepê Correia mantém, com o peso de sua autoridade em assuntos afros, um bastião de lutas em prol do resgate dos valores africanistas herdados de nossos avós, centrando a sua atenção, principalmente, em torno de trabalhos voltados para educação, cujo povo alvo é a Comunidade Negra. Lepê Correia sabe, por experiência própria, que numa comunidade humana, que se mantém injusta como é o caso da sociedade brasileira, onde há graves problemas de desigualdades de renda, de acesso às ocupações profissionais e de comportamento relativo a gênero e raça, não há nada de mais oportuno e necessário, do que se promover as mensagens e a política de Direitos Humanos que objetivem esclarecer o cerne dessas questões e tornar factíveis programas que ponham na ordem do dia o combate frontal contra o desemprego, a fome, as dificuldades de acesso à terra, à saúde, à educação, à moradia, e a garantia de renda mínima para os excluídos e para os negros, em geral. Lepê Correia, pondo em prática os seus conhecimentos e o seu prestígio pessoal, está realizando, a seu modo, trabalhos comunitários de preparação de vestibulandos em bairros da periferia de Olinda, Pernambuco, de modo que aqueles, que de uma forma ou de outra, conseguiram vencer os obstáculos ao ingresso a uma Universidade, não se vejam constrangidos a não frequentá-la por absoluta falta de recursos. Sócio-fundador do Afoxé Alafin Oyó, e ex-editor do jornal Djumbay, Lepê Correia é também um dos fundadores do Núcleo de Identidade Racial, no Estado de Pernambuco, integrando ainda o INTECA - Instituto de Tradição e Cultura Afro-Brasileira; junto ao qual defende os direitos e a moralização da Religiosidade Afro-negra. Escri-



tor e poeta, Lepê Correia, é autor do livro de poesias "Caxinguelê", que se inclui entre as obras sobre a temática da negritude, e, por sinal, dedicado ao poeta negro pernambucano, Solano Trindade, em edição de 1993. Seu nome está inserido em Cadernos Negros, número 20, dedicado ao conto afro-brasileiro, editado pelo Grupo Quilombohoje, de 1997. Na verdade, Lepê Correia é hoje um nome conhecido nacional e internacionalmente, cujas obras são objeto de estudos das grandes universidades de boa parte do mundo ocidental.

LIMA BARRETO

Escritor

Poucos anos antes da abolição do trabalho escravo, no Brasil, nasce na cidade do Rio de Janeiro, Afonso Henriques Lima Barreto, quando o calendário assinalava que o dia era 13 de maio do ano de 1881. Lima Barreto, como ficou conhecido em nossa literatura, era filho de Amélia Augusto Barreto e de João Henriques Lima Barreto e teve sua vida conturbada por intensos dramas existenciais, ao longo dos 41 anos que passou por este mundo. O fato de ser "mulato", filho de uma negra escrava com português, em muito contribuiu para que o notável escritor negro sentisse, na própria pele, o estigma do racismo, do preconceito e das discriminações de toda ordem, que sempre pesou sobre o destino dos descendentes de africanos, em nosso país e na civilização ocidental. Todavia, esse terrível obstáculo não foi capaz de impedir que o afamado autor de "Triste Fim de Policarpo Quaresma" viesse a se ombrejar com Machado de Assis, disputando com este a primazia de ser considerado o melhor romancista carioca; e se de um lado aclamado era o criador de "Dom Casmurro", como entendia Sérgio Buarque de Holanda, de outro, tendo o voto do irreverente Agrypino Grieco, o aclamado era ninguém menos do que Lima Barreto, que não escrevia "para os ingleses", mas para os brasileiros de todos os matizes. O volume e a qualidade da obra literária produzida por Lima Barreto, em cujo bojo a ironia, a sátira, o sarcasmo e a crítica



nomia, da política e da literatura de sua época. Segundo Francisco de Assis Barbosa, que nos orienta neste trabalho, Lima Barreto nutria em razão da condição de indivíduo “batido, esmagado, prensado pelo preconceito” o desejo de realizar um ambicioso projeto, qual seja, “o de escrever uma história da escravidão negra no Brasil e de sua influência na nacionalidade”. Basta-nos esta constatação para que vejamos nele alguém que tinha consciência de sua origem afro-descendente, o que de certa forma explica-nos o caráter verídico, quase panfletário que permeia grande parte da sua vasta produção literária. Para sua vida curta o número de 17 obras, tendo-se em vista o elevado nível estético que leva os seus estudiosos a incluí-lo entre os que perfilham a escola naturalista, é realmente prolífica e criativa. Hoje, tais obras são encontradas em coleção: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; *Numa e a Ninfá*; *Vida e Morte de MJ Gonzaga Sá*; *Clara dos Anjos*; *História e Sonhos*; *Os Bruzundangas*; *Coisas do Reino de Janbom*; *Bagatelas*; *Feiras e Mafuás*; *Vida Urbana*; *Marginália*; *Impressões de Leitura*; *Diário Íntimo*; *O Cemitério dos Vivos*; *Correspondência, Ativa e Passiva - volume I*, e *Correspondência, Ativa e Passiva - volume II*, são livros que mereceram prefácios de Francisco de Assis Barbosa, de Oliveira Lima, de João Ribeiro, de Tristão de Athayde, de Sérgio Buarque de Holanda, de Lúcia Miguel Pereira, de Astrojildo Pereira, de Jackson de Figueiredo, de Antônio Houaiss, de Agrypino Grieco, de Gilberto Freire, para citarmos apenas alguns dos grandes nomes de nossas letras. Lima Barreto, celibatário incorrigível, tornou-se dependente do alcoolismo, em consequência do que veio a falecer, em 1 de novembro de 1922, no Rio de Janeiro.

*Prefácio de Francisco de Assis Barbosa, em
Recordação do Escrivão Isaias Cominha - Biblioteca
Folha - Ediouro Publicação - 1997*

LINO GUEDES

Poeta

O livro *O Negro Escrito*, de Osvaldo de Camargo, tem nos oferecido valiosos subsídios para que se escreva a história do negro brasileiro, do

gumas dessas confiáveis informações que nos louvamos para ilustrar os apontamentos que se seguem, tendo-se em vista a vida e a obra de um dos pioneiros de nossa poesia negra, que foi Lino Guedes. Este poeta – consagrado autor do livro de poesias *Conto do Cisne Preto* – nasceu na cidade de Socorro, interior do Estado de São Paulo, vindo à luz no dia 24 de junho de 1897, como se vê, um ano antes da morte do grande poeta pai do Simbolismo brasileiro, João da Cruz e Souza. Filho de ex-escravos, seus pais foram José Pinto Guedes e Benedita Eugênio Guedes. Sua primeira infância foi vivida na cidade de Campinas, onde fez os seus estudos fundamentais, formando-se pela escola normal “Antônio Alvares”, iniciando, a partir daí, a sua longa e fecunda carreira de jornalista. Os jornais *Diário do Povo* e *o Correio Popular*, das cidades de Guilherme de Almeida e de Carlos Gomes, trazem em suas páginas, como marcas indeléveis, lembranças de sua passagem por aqueles órgãos noticiosos. Lino Guedes trabalhou ainda no *Jornal do Comércio*, no *O Combate*, na *Razão*, no São Paulo-Jornal, no *Correio de Campinas*, no *Correio Paulistano* e no *Diário de São Paulo*, onde por longos anos chefiou o seu departamento de revisão. A imprensa negra também teve a oportunidade de servir-se de seu talento de negro sensível e intelectual, quando se tornou redator-chefe do jornal *Getulino*, isto já na década de 20. Em 1924 dirigiu o jornal *Maligno*, ao lado de Gervásio Moraes. Coelho Neto e João Ribeiro não pouparam elogios às atividades literárias e jornalísticas de Lino Guedes, a prova de que este escritor negro freqüentava o círculo restrito destes notáveis escritores, entre os quais pontificava o extraordinário gramático Silveira Bueno. Lino Guedes foi ainda redator da Agência Noticiosa Sul-americana e membro da Sociedade Paulista de Escritores, que mais tarde se transformaria na União Brasileira de Escritores. Sua produção literária se ateve aos livros *O Canto do Cisne Preto* – 1927; *Ristre Domingos* – 1937; *Negro Preto Cor de Noite* – 1938; *O Pequeno Bandeirante*; *Sorrisos do Cativeiro* – 1938; *Urucungo* – 1936 e *Ditinho* – 1938. Zilá Bernd, que registra o nascimento como sendo em 23 de julho de 1906, pondera que na década de 20 a 30 em que Lino Guedes viveu, “encontrou uma população negra imobilizada por duas poderosas forças ideológicas, o “branqueamento”, que se tornou o ideal a ser atingido principalmente pela burguesia e se manifestou pela imitação do “estilo branco” tanto a nível dos caracteres físicos quanto morais e culturais, e a “democracia racial”, que fazia com que todos acreditassesem que vivíamos em um país livre de preconceitos ou discriminações e onde todos tinham igualdade de oportunidade”. Contudo Oswaldo de Camargo reconhece que Lino Guedes foi o primeiro poeta negro que neste século

de de São Paulo, no dia 4 de março de 1951.
1) *Negro Escrito*, de Oswaldo de Camargo.
Secretaria de Estado da Cultura -Imprensa Oficial
do Estado de São Paulo - 1987; 2) *Poesia Negra*
Brasileira -Antologia - de Zilá Bernd
Editora AGE - 1992

LITA CERQUEIRA

Fotógrafa

Lita Cerqueira nasceu em Salvador, em 1952. Começou a trabalhar com produção de fotografia em 1969, atuando também como atriz em cinema e teatro. Tornou-se conhecida por seus trabalhos com os cineastas Glauber Rocha, Neville de Almeida, Nelson Pereira dos Santos, entre outros. A partir de 1973, com o nascimento do filho, resolve dedicar-se exclusivamente à fotografia. Seu olhar sensível voltou-se especialmente para a condição do homem negro brasileiro. Ao longo desses anos, vem registrando alguns dos principais artistas da Música Popular Brasileira, como Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa, e publicando suas fotos em livros, revistas, capas e encartes de discos. Participou de várias exposições no Brasil, bem como na França, Itália e Alemanha. Atualmente, alguns de seus trabalhos podem ser vistos no *site* Brasil On Line. Segundo afirma o cantor e compositor Gilberto Gil a respeito do trabalho de Lita Cerqueira, em texto divulgado na Internet, "o que uma fotografia pode revelar será sempre resultado de um modo de olhar associado a um modo de ser. O modo de olhar é cultural, é social e é pessoal – o fotógrafo, o indivíduo na vida, no mundo – o modo de ser é o modo do ser, o milagre da impessoalidade ou da transpessoalidade; o que o fotógrafo não suspeitou captar; o que é visto para além da visão; o fotógrafo fora de si, quiçá em sua paranormalidade. As fotos de Lita Cerqueira são bem a resultante da sensibilidade de um olhar trabalhado na ânsia e argúcia de um povo oprimido mas altivo e paciente; ao lado da dimensão mágica dessa civilização em processo, a quarta dimensão na vida das nações inspiradas como o Brasil. Eu conheço bem essa confluência entre o desejo do artista tropical e a imprevisibilidade dos nossos deuses caprichosos. Eu sou um artista, como Lita, também negro e também da Bahia, e sei que suas fotos são um milagre do olho esquálido e atento atendido pela graça desatenta dos deuses em transe".

LIVINHO

Fundador da Vai-Vai

Para que a Vai-Vai tenha chegado a ser hoje a grande escola que é, amada por muitos carnavalescos, foi necessária a luta abne-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

to abaixo é uma reportagem do jornalista Júlio Moreno que acompanhou Livinho na Avenida no desfile da Escola em 1980, quando ela completou 50 anos. Livinho estava há 26 anos sem desfilar e voltou à Avenida para acompanhar a exibição da Vai-Vai no seu aniversário. Livinho faleceu em 1997. Pelo seu imenso valor histórico, reproduzimos o texto.

A EMOÇÃO DO DESFILE DAS BODAS DE OURO

Poucos dias antes do carnaval, em 1980, Antônio Ferraz, o Livinho, um dos fundadores do antigo cordão Vai-Vai, hoje escola de samba, perdeu momentaneamente a voz em meio a entrevista a uma emissora de rádio. Era a emoção.

Agora, às 11 horas da noite do domingo, aqui na avenida Tiradentes, num privilegiado lugar dentro da passarela por onde desfilam as escolas do Grupo I, esse homem se prepara para uma emoção ainda maior. Especialmente convidado pelo Jornal da Tarde, ele veio assistir ao desfile de sua escola no ano em que a agremiação comemora seu 50º aniversário. Sua esposa, dona Maria da Conceição, veio junto.

Livinho está hoje com 60 anos de idade. Desde o início do Vai-Vai até 1953, ele foi o diretor de sua bateria. Recebeu o título de "rei apito". Depois de 1953, essa é a primeira vez que ele vai ver o carnaval de rua. Além do cinquentenário da escola, ele tem outro motivo especial para este desfile: seu neto, o Rogério, de sete anos, estréia este ano na Vai-Vai. Também Dinha, sua filha, mãe de Rogério, está na avenida.

A Vai-Vai começa a desfilar. Está chovendo. Muita gente teme que isto prejudique a escola, desanime seus componentes. Mas este não é o caso do Livinho: ele lembra de tantos desfiles que fez debaixo de chuva forte e nem liga.

Só depois de 14 minutos da entrada da Vai-Vai na avenida é que Livinho, do ponto onde está, avista o abre-alas da escola, giratório, com um imenso desenho do Crioléu, o símbolo que o chargista Otávio criou para a escola. Há ainda uma inscrição com o versinho de uma das primeiras marchas do antigo cordão: "Que barulho, que barulho, é aquele? É o Vai-Vai do Bexiga, orgulho da Saracura, que vai brincar no carnaval!"

Livinho vai-se empolgando: - Lindo! Lindo! Sua esposa canta o samba-enredo junto com a escola, como o faz uma parte da assistência. Ela aumenta a voz no trecho em que o samba, relembrando os fundadores da escola, cita o nome do marido.

- Ah! Quantas saudades eu tenho - diz o antigo "rei do apito".

A chuva terminou. Passa a comissão de frente, todos os homens com ternos brancos,

mens e mulheres com fantasias de luxo e que se sobressaem bastante. Livinho elogia:

- As pastoras fazem uma bela ginga. Muito bonito mesmo...

Vem o primeiro carro alegórico, simbolizando a tradicional Igreja de Nossa Senhora da Achiropita, da rua Treze de Maio. A igreja está meio estilizada, um pouco achatada na altura. Na frente são puxadas alegorias representando barraquinhas de quermesse, das antigas festas religiosas da Bela Vista.

As alas que passam agora diante do fundador da escola relembram coisas de 50 anos atrás, de sua infância e adolescência: o chorinho nos porões do Bixiga, as serenatas nas janelas das moças bonitas e o futebol de várzea. Além da evolução dos sambistas, o Livinho elogia a beleza e criatividade de suas roupas, especialmente a da ala das serestas: um violão branco bordado com lantejoulas na roupa preta. Ao passar da ala que relembrava o futebol, Livinho não se esquece de ressaltar: foi ponta-direita.

Novas alegorias relembrando as quermesses e, logo atrás, o Genésio, um dos antigos e mais famosos balizas do cordão Vai-Vai, hoje também idoso. O Livinho o reconhece, chama a atenção da mulher para as evoluções do seu amigo.

O Genésio introduz as alas que contam os primeiros anos do cordão Vai-Vai. Uma no primeiro desfile do cordão. Outra lembra as "damas de preto" e Livinho gosta mas ressalta:

- No meu tempo não tinha roupa transparente não!

Desfilam depois mulheres exibindo luxuosos vestidos "Maria Antonieta", pesadões. Passa a representação do bloco que deu origem ao cordão em 1930 e Livinho comenta:

- Que bonito! Tem muito estudante do Mackenzie aí - referindo-se aos rapazes de barbillas e de cor branca que integram essa ala.

Moças com macacões pretos e blusas amarelas vêm a seguir carregando estandartes com os nomes de alguns dos fundadores da escola, o de Livinho inclusive. Mas o que mais agrada ao veterano sambista é a ala seguinte, que desfila com a fantasia de "soldado Flint", justamente a fantasia que ele e os elementos da bateria utilizaram durante muito tempo. A harmonia da escola é impecável. Dona Maria da Conceição observa:

- Nos tempos antigos todo mundo saía de tênis, não era sapato como agora.

O marido:

- É, o tênis era menos cansativo, deixava o sambista mais livre.

- Olha que lindo! - comenta a esposa de Livinho.

Ele se confessa muito emocionado, com vontade de chorar. Volta a dizer que este ano a campeã é a Vai-Vai, mesmo não tendo visto qualquer outra escola desfilar.

lá no distante bairro da Pedreira, a 30 quilômetros da avenida Tiradentes. Os dois vão conversando, fazendo planos para comemorar a vitória de sua escola: uma feijoada especial, em sua casa, para a qual serão convidados todos os antigos fundadores do Vai-Vai ainda vivos e mais alguns amigos especiais.

Na Tiradentes, o público continua cantando o samba da escola: (...) Vai-Vai, um abraço, um forte abraço aos sambistas imortais...

LIZAR

Artista plástico

Lizar é nome artístico, pelo qual é conhecido e admirado, nacional e internacionalmente, Sidney Lizardo. Nascido em Biguá, Miracatu no Vele do Ribeira, Estado de São Paulo. Lizar é um desses autodidatas que acabou por abrir o seu próprio caminho no universo plástico e colorido das artes visuais. Sua brilhante carreira de pintor que teve inicio há 30 anos atrás aproximadamente começou com a pintura de imagens humanas, de paisagens e da natureza morta, participando, naqueles dias, de movimentos que se estabeleceram na Praça da República e no Embu, atualmente conhecido como Embu das Artes, onde o poeta e pintor primitivista, Solano Trindade, residiu e instalou seu ateliê nos últimos anos de vida e onde Raquel Trindade, sua filha, seguindo a pegadas do pai, mantém seu grupo de danças afro e faz escola pintando e enriquecendo o mundo das artes plásticas. É a partir de 1973 que Lizar, depois de haver participado de diversas mostras e exposições coletivas e individuais, com grande sucesso, ao buscar motivos para a modernização de seus trabalhos, descobre um veio de riqueza inexaurível, que são as suas raízes negro-africanas que viviam hibernadas no fundo de suas origens étnicas: a capoeira. Esta manifestação marcial, que difere das outras modalidades, quase todas de procedência oriental, reveste-se de um forte conteúdo simbólico revelador da presença africana no continente americano, particularmente, no Brasil. É curioso observar-se que a capoeira tem muitos pontos comuns com o candomblé, Umbanda e demais religiões trazidas pelos negros africanos; um destes pontos de similitude



de um lado as religiões negras eram tidas e havidas como uma séria ameaça ao culto oficial do catolicismo, de outro, não deixava de se constituir num perigo potencial às maquinações do regime escravista, fonte de sustentação da burguesia nânica e do próprio poder vigente no Brasil. Lizar capta toda esse mistério oculto nas coreografias da capoeira e dos capoeiristas que sabem fazer deste exercício marcial uma arte por excelência e o transpor-ta para a tela, transformando em cores vivas, como prova de que é um seguidor dos grandes mestres que estão espalhados por todo o Brasil, tendo por sede o coração da Bahia, que é a cidade de Salvador. É por isso que "em seus quadros há um dinamismo trepidante acentuado por linhas curvas que se entrelaçam determinando órbitas para os corpos no movimento da luta", como afirma Carlos Eduardo Rocha, com muita propriedade. Países e cidades como Nova York, Los Angeles, Santiago do Chile, Brasília, Salvador e outros de igual importância já apreciaram e aplaudiram a arte deste moço simples, recatado mas de profunda sensibilidade que faz da pintura uma arma de contundência mortífera quando se volta para denunciar os inimigos de Zumbi dos Palmares e de seus ideais de libertação.

LÚCIA HELENA

Cantora

Filha adotiva de uma italiana chamada Ermelinda, embora tenha vivido junto a uma família portuguesa de quem virou "filha", Lúcia Helena, que nasceu no dia 2 de junho de 1963, começou sua carreira precocemente aos 15 anos de idade, no festival de música popular no município gaúcho de Bento Gonçalves. A partir desse evento, Lúcia Helena adotou o canto, definitivamente, em sua vida, participando de vários festivais, nos quais foi considerada a melhor cantora, pelo Rio Grande afora, como por exemplo o Califórnia da Canção Náutica, um dos mais prestigiados, da cidade de Uruguaiana; o Vigília do Canto Gaúcho, de Cachoeira do Sul e o Musicanto, de Santa Rosa.

No momento, Lúcia Helena é considerada a revelação musical do Rio Grande do Sul, após anos de trabalho

Depois de muitos festivais e de trabalho intenso como cantora na noite de Porto Alegre, Lúcia Helena grava o seu primeiro disco, do qual ela afirma: "é a minha realização profissional". Gravado na Plug, em Porto Alegre, o disco saiu pelo selo Velas, de Ivan Lins e Victor

seu estilo próprio, procura resgatar as músicas bonitas que estavam esquecidas, gravando vários ritmos, como a música Doña Mercedes, de Geraldo Flach e Luiz Coronel, resultado da amizade entre a cantora e Mercedes Sosa, que a convidou para participar do espetáculo de final de ano, apresentado no teatro da Ospa, no Rio Grande do Sul, e Aborardo Blues, de Geraldo Flach e Jerônimo Jardim. No momento, Lúcia Helena é considerada a revelação musical do Rio Grande do Sul, após anos de trabalho. Mas o que perdurou realmente, nesses dezenove anos de carreira, foi o seu amor à música e o seu espírito guerreiro, visando sempre à vitória.

LÚCIA MARIA DE SOUZA (SONIA)

Líder estudantil

Passou sua infância num abrigo de freiras para crianças pobres, em Niterói. Enfrentando grandes dificuldades financeiras ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, participando ativamente do movimento estudantil, onde era responsável pela impressão e distribuição do Jornal A Classe Operária, nos anos de 70/79. Cursava o 4º ano de Medicina quando abandonou a cidade para viver na região do Araguaiá. Destacou-se como parteira sendo por essa razão muito querida pela população local. Era membro do destacamento "A" da guerrilha do Araguaiá, chegando muitas vezes a superar os companheiros nos esforços físicos, como abrir caminho a facão, transportando grandes pesos. Foi ferida e presa em combate e após o interrogatório foi assassinada no próprio local, defendendo até o fim sua posição de luta, em 1973. Lúci integra a lista dos desaparecidos.

LUCIANA DE SOUZA

Líder estudantil

Nascida no dia 29 de outubro de 1969 no Hospital do Bairro da Casa Verde, Maria Luciana de Souza, natural da capital de São Paulo, é a filha caçula de Maria da Penha de Souza e Antônio Ataíde de Souza, motorista de praça. Ao lado de seus três irmãos, teve, na infância, uma vida simples, que só não passou por maiores penúrias porque sua mãe, que era costureira, abandonou esse trabalho para dedicar suas atenções para educar a menina. Maria Luciana de Souza cursou o 1º grau na Escola Municipal García D'Ávila, onde na 8ª série deu seus primeiros passos no envolvimento com atividade estudantil, participando enquanto ativa colaboradora do grêmio da escola. Iniciou o 2º grau na Escola Estadual Professor Au-

te, obrigada a abandonar os estudos para ajudar a família a sustentar a casa, dando início ao trabalho de auxiliar de lanchonete, passando, a partir daí, por vários serviços pelos quais recebia, sempre, baixíssimos salários. Em 1991, diante da necessidade de obter uma melhor remuneração salarial proveniente de uma melhor qualificação profissional, Luciana voltou a estudar, no mesmo estabelecimento onde deu início aos seus estudos, e veio a se envolver com a turma do colégio que estava trabalhando com o propósito de remontar o grêmio escolar, engajado na luta pela melhoria nas condições de ensino, principalmente no horário noturno, onde a situação era péssima para todos. É neste instante que Luciana acaba passando a representar o colégio no Congresso da União Paulista dos Estudantes Secundaristas (UPES), realizado em setembro de 91, de onde participa completamente envolvida no movimento estudantil, que veio aumentar a massa crítica a respeito das condições ideológicas e estruturais do próprio Brasil, como um todo. O que fez com que Luciana de Souza e demais colegas passassem a vislumbrar novos horizontes para os estudantes e para todos os brasileiros. Portanto, 91 foi um ano muito trabalhoso, mas, também, muito rico para ela e para todo país, porque, aí, já na condição de diretora do grêmio da Escola Meirelles, Luciana pôde contribuir para a construção da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo - UMES e, a partir de então, começar a desenvolver um trabalho de organização de grêmios em todos os colégios da região em que estudava, passando a participar ativa e politicamente, denunciando, dentro das escolas, através da UMES, as violências e arbitrariedades cometidas pelo presidente da República de então, que era Fernando Collor de Melo, com relação ao ensino público e à situação do Brasil. Esse processo acabou se espalhando pelo país inteiro e, em 1992, estourou a mobilização gigantesca, na qual, em São Paulo, Luciana de Souza contribuiu desde a primeira passeata pelo impeachment de Collor, atos estes que passaram a fazer parte de uma das páginas mais cínicas da história do país, que foi a passeata de mais de 100 mil jovens, em São Paulo, para tirar, pela primeira vez na história mundial, um presidente da República. Em 1993, Maria Luciana de Souza representou o Brasil, através da UMES e da UBES, na Brigada de Solidariedade a Cuba e denunciou o embargo contra a Ilha. Este-



da 11ª Conferência Mundial de Mídia, realizada em Pequim, na China. Luciana esteve presente, também, na construção do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, sendo hoje coordenadora do CNAB de Minas Gerais.

LUIZ ALBERTO SILVA SANTOS

Deputado federal

No Brasil, tanto quanto nos Estados Unidos da América do Norte, a população destituída, com ênfase sobre a população negra, tem sido a vítima preferencial da implantação de uma política econômica excludente, que faz, aqui, crescer as favelas e as multidões sem terras, e lá multiplicam-se os guetos, sendo que "nos dois países, as crianças são as que correm o maior risco", parafraseando-se o reverendo Jesse Jackson, quando referia-se à luta e ao sucesso da senadora negra, Benedita da Silva. De modo que quando alguém como um

Paulo Paim, Carlos Alberto de Oliveira Caó, um Abdias do Nascimento, uma Benedita da Silva, um Luiz Alberto Silva dos Santos, e uns poucos mais rompem a linha da cor, do sexo e da pobreza, é porque fizeram de suas vidas um verdadeiro prodígio, digno de figurar no livro dos recordes de natu-

reza ética e, se por ventura tivéssemos como mensurar tais resistências, virtudes e qualidades, como aqui tratamos de reverenciar a figura ímpar do deputado federal Luiz Alberto Silva dos Santos. Afirmando de início que este moço, de 45 anos, é filho de Alberto dos Santos e de Eulina Silva dos Santos, nascido na cidade de Maragogipe, localizada no Estado da Bahia, onde veio ao mundo no dia 3 de outubro de 1953. É neste mesmo município que Luiz Alberto, com o melhor de seus ideais e seus verdes vinte anos, destaca-se por sua participação ativa na organização da sociedade e por seu empenho na luta contra os preconceitos raciais que infestavam a região infelicitando a categoria de trabalhadores da Petrobrás. Como resultado, depois de uma árdua campanha eleitoral, Luiz Alberto acaba por assumir, em janeiro de 1997 o seu mandato de deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, da Bahia, "tornando-se o primeiro parlamentar baiano, comprometido com as reivindicações dos afro-descendentes". Na Câmara dos Deputados, é titular das comissões de Ciência e Tecnologia e de Direitos Humanos, como tal, cabendo-lhe a

manutenção da Quarta Comissão, que, no Artigo 68 da Constituição Federal de 1988, que diz, entre outras coisas, que o Estado projetará as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras... participantes do processo civilizatório nacional. Na opinião abalizada do deputado federal Luiz Alberto, "o Poder Institucional no Brasil há 500 anos é essencialmente branco. Isto reflete-se nas esferas do poder Executivo. O Brasil nunca teve um presidente negro apesar de ter 44% da sua população afro-brasileira; no Judiciário e no Legislativo, a representação negra não ultrapassa de 5% dos parlamentares do Congresso. Uma verdadeira democracia deve garantir o pluralismo com a igualdade de oportunidades e de representação para todos os segmentos raciais, como isso não ocorre em nosso país, é possível afirmar que estamos sob um regime de ditadura racial, onde apenas os brancos são beneficiados". Por todas estas lutas, atividades e credenciais é que o deputado Luiz Alberto recepcionou o ilustre senador e reverendo norte-americano Jesse Jackson, no Estado da Bahia, no ano de 1997.

LUIZ CARLOS DA VILA

Compositor e cantor

Assim como existem nomes muito badalados, mas donos de uma obra relativamente pequena, existem artistas com diversas criações cristalizadas pelo gosto popular mas sem a visibilidade que seus trabalhos merecem. São trapaças da sorte, no jogo misterioso da mídia: o Brasil inteiro cantou *Um Dia de Gruça* na campanha das Diretas, Jál! Assim como cantou *Kizomba - A Festa da Raça*, o samba-enredo que embalou o único campeonato conquistado pela Unidos de Vila Isabel. E o Brasil inteiro canta, em inumeráveis fundos de quintal sucessos como *Artigo Esgotado*, *O Sonho Não Acabou*, *Além da Razão* e *Carvão e Giz*, esta aliás, a grande vencedora do Festival de Avaré de 1994. Mas nem todo mundo associa essas músicas ao talento de Luiz Carlos da Vila. Uma das razões que ajudam a compreender esse mistério vem do próprio Luiz Carlos: "me dá orgulho preencher uma ficha de hotel e colocar na profissão: compositor. Antes, no imposto de renda, eu era obrigado a escrever músico. Mas, agora, a Receita Federal já admite a existência do compositor. Então, é assim que me declaro". Por um lado, ele está completamente cer-

LP, em 1983, pela RCA. Suas músicas já foram gravadas por Nara Leão, Jair Rodrigues, Simone, Alcione, grupo Fundo de Quintal e outros intérpretes. Mas, por outro lado, poucas pessoas sabiam que era daquele mulatinho bem carioca o samba cantado por um milhão de pessoas no famoso comício da Candelária, pelas Diretas, Jál!, em 1984. No palanque, havia de Tancredo Neves a Osmar Santos, mas Luiz Carlos da Vila acompanhou tudo da porta de um bar, na Avenida Presidente Vargas. O primeiro samba foi gravado em 1986. Portanto, são 21 anos de carreira e este *Uma Festa no Samba* é o seu quarto trabalho solo. Depois do álbum inaugural, produzido por Martinho, Luiz Carlos voltou a gravar, em 1985, para a Arca. Mas foi já na era do CD que o seu estilo atingiu a exuberante maturidade dos dias atuais. Em 95, na mesma Velas que responde pelo novo trabalho, saiu o ótimo *Raças Brasil* - e não se achará em toda aquela nenhum outro lançamento de samba com a mesma densidade, com o mesmo brilho. Um detalhe: era um trabalho assumidamente autoral, um resgate dos dez anos apartado dos estúdios de gravação. Com este *Uma Festa no Samba*, Luiz Carlos da Vila não demonstra a mesma ansiedade em desovar a própria produção. Seduzido pela proposta do produtor artístico Milton Manhães, eis que aí está ele de novo, e mais como intérprete do que propriamente como compositor. Apesar da ressalva: "das treze faixas, só três são minhas - mas as outras dez eu gostaria muito de ter feito; só estou cantando o que gosto de cantar". De fato, inclusive porque os compositores dos outros sambas fazem parte do clube fechado dos mais criativos cultores do gênero em atividade no país: Nei Lopes, Cláudio Jorge, Noca da Portela, Jorge Aragão, é esse o padrão. Com a experiência de Manhães, não foi difícil fazer da receita uma nova promessa de sucesso. Em torno de Luiz Carlos, o produtor armou uma base simples, com a percussão leve sincopando as modulações

graves do violão de sete cordas. E convidou para os contrapontos e solos apenas três instrumentistas, e mais não precisava: os inúmeros sopros de Dirceu Leite, cada vez melhor; o cavaquinho de Márcio Hulk, moldado no choro; e os teclados de Lobão Ramos, cujo maior mérito foi escapar por completo das pavimentações melosas em que as teclas eletrônicas incorrem quase sempre (...).

Roberto M. Moura, jornalista e crítico musical



Quem é Quem na Negritude Brasileira

O talento criativo do povo brasileiro particularmente em termos de artes, como a literatura, nos autoriza a imaginar o número incontável de obras do gênero, que estão perdidas pelas gavetas do esquecimento sem que jamais cheguem a ver e a brilhar ante a luz do dia, basejadas por publicações que dignifiquem e imortalizam tais obras e seus respectivos autores. Em se tratando de autores negros e pobres, esse número torna-se mais alarmante. Basta que citemos o caso do escritor negro Luiz Carlos Santana, de 37 anos, que é festejado num belo e extraordinário livro e que estaria condenado ao esquecimento, se não fosse a ousadia desse genial e genioso intelectual, no seu empenho de fazer com que a sua obra visesse a público patrocinada por ele mesmo, de modo quase que primitivo, em edições pequenas e precárias. Este livro subordinado ao título de *Noite dos Cristais* coloca o seu autor no centro de um debate que vai da insensibilidade de nossas elites, comprometida por sua visão estreita de quem vê no cífrão a suprema razão de todos os casos, até a pequenez de seu universo intelectual e acadêmico que tem se mostrado incapaz de impor-se perante os que sempre dominaram a ordem em nosso país relegando valores mais profundos, humanos e permanentes. É evidente que as obras merecem manifestações de apreço, pelo seu valor intrínseco, da parte de professores e intelectuais como Hudinilson Urbano, Samuel Oksman, Pierre Werger, Alfredo Bosi, Osvaldo de Camargo e de outras cabeças coroadas de idêntico quilate, e deveriam encontrar, com facilidade, a chancela de editoras que atuam no mercado e fazem de seu empreendimento um mistério que nos leva a acreditar da vida nacional, que não se apodrece diante da cruel realidade que nos é imposta nos dias atuais. Luiz Carlos Santana, com seu primeiro livro, *Noite dos Cristais*, brochura de 78 páginas, em cuja trama se misturam história e ficção, consegue arrancar parámetros elogiosos como o que diz que "O enredo é muito bem armado e cativador", como o que revela que "Ao ler *Noite dos Cristais...* senti um impacto causado pela força extraordinária do estilo do autor"; como o que se expressa dizendo que "A vocação da Revolta dos Malês, na Bahia dos anos 30 do século XIX é estilizada no texto, de maneira intensa e sóbria". *Noite dos Cristais* ocupa, desde já, um lugar de relevo entre os livros saídos, nos últimos anos, da imaginação de autores negros brasileiros. Este livro é, ao mesmo tempo, um misto de sociologia, antropologia e literatura. O trabalho de Luiz Carlos Santana nos leva a concluir que, em breve, a inteligência brasileira há de ser contemplada com a publicação regular desta obra que ainda permanece na esfera de um editor.

Colaborou o maestro Casimiro

Entendo, diz Paulo Colina no seu prefácio a *O Negro Escrito*, de Oswaldo de Camargo, que a função do escritor é dar testemunho fiel de seu tempo, ser o observador ativo de sua sociedade, é colocar-se enquanto ser humano, em confronto com o mundo. Seu instrumento, não menos que a arte. Assim foi a vida intrépida de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, filho da valente e insubmissa negra Luiza Mahin. Luiz Gama nasceu no dia 21 de julho de 1830, no Estado da Bahia. Seu pai era um fidalgo português, estróina, que em 1840 vendeu o próprio filho a um traficante de escravos, para pagar dívidas de jogo. A alma de Luiz Gama era tão pura e generosa que jamais se permitiu revelar, a quem quer que seja, o nome de seu pai, que se cobriu de opróbrio com este gesto insólito e monstruoso. Já em 1848, Luiz Gama não era mais escravo, conseguindo fugir do seu último "senhor", uma vez que carregava consigo os documentos comprobatórios de sua condição de negro liberto, com os quais lhe é permitido assentar praça no Exército Brasileiro, quando em 1854 alcança o posto de cabo graduado. Luiz da Gama trazia no sangue o temperamento de negro rebelde, herdado certamente de sua mãe, Luiza Mahin, tanto é que por "atos de insubordinação" acabou por dar baixa no serviço militar, atos, que no seu entender, praticou com consciência e altivez na defesa da sua própria dignidade de criatura humana. Luiz Gama foi copista e amanuense, funções das quais era afastado por força de perseguições racistas e políticas movida pelo seus detratores, que se encastelavam no Partido Conservador, por não tolerarem as inclinações liberais e as suas atividades em favor dos negros escravizados e oprimidos. Luiz Gama formou-se em Direito, conseguindo com talento, coragem e obstinação libertar mais de quinhentos escravos. É dessa época que se projeta a sua fama de orador arrebatado, imponente e intrépido quando se punha diante de uma causa nobre, fazendo do jornalismo e da tribuna um poderoso instrumento com o qual vergastava os exploradores do suor alheio e os inimigos da humanidade. Foi Luiz Gama que brandiu a célebre frase que afirmava de modo peremptório que "aquele negro que mata alguém que deseja mantê-lo escravo, seja em qualquer circunstância for, mata em legítima defesa!". Segundo Américo Palha, estas palavras de fogo foram proferidas de forma corajosa, da tribuna do Tribunal do Júri. De outra vez, nessas pugnas homéricas em que se metia em defesa dos negros escravos, Luiz Gama depõe com o temido José Bonifácio, o moço, como



cem negros escravos. Dele dissera Silvio Romero: "Eu disse uma vez que a escravidão nacional não havia produzido um Terêncio, um Epicteto, ou sequer um Spártaco. Há, agora, uma exceção a fazer: a escravidão entre nós produziu Luiz Gama, que teve muito de Terêncio de Epíteto e de Spártaco". Autor de *Primeiras Trovas Burlescas de Getúlio*, sua poesia política e satírica feria como a ponta de um punhal nos alvos atingidos.

Abolicionista dos mais eloquentes, convivendo com Castro Alves, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, Luiz Gama, entretanto, não chegou a ver o triunfo de sua causa, pois veio a falecer a 24 de agosto de 1882.

1) *Precursores da Abolição*, de Américo Palha - Record - 1958; 2) *Grande Encyclopédia Delta Larousse* - 1971.

LUIZ GONZAGA - O REI DO BAIÃO

Cantor e compositor

Luiz do Nascimento Gonzaga, ou simplesmente, Luiz Gonzaga, foi um dos mais populares instrumentistas, compositores e cantores da Música Popular Brasileira. Nascido na cidade de Exu, Pernambuco, em 1912. Suas atividades artísticas começaram em 1939, no Rio de Janeiro, em programas de rádio, cantava e se fazia acompanhar do acordeon, tocado por ele mesmo. Gonzaga é quem divulgou pelo Brasil os ritmos quentes do Nordeste. Até a sua entrada em cena como cantor popular, quase ninguém conhecia o baião, que foi a sua marca registrada, o xaxado, o xote, o xamego, a toada e o aboio. Isto se deu quando Luiz Gonzaga começou a estourar como pipoca no enorme caldeirão das paradas de sucesso de todos os cantos do Brasil. A sanfona, o zabumba e o



Quem é Quem na Negritude Brasileira

cola e criando um ritmo característico que impolgou o Brasil por mais de meio século, ao longo dos 77 anos de vida do Rei do Baião. É muito interessante notar que Luiz Gonzaga jamais fez proselitismo ou militância com relação à questão afro-brasileira, muito embora os traços de sua estirpe negra fossem perfeitamente visíveis em seu semblante e em sua complexão física. Este é o leit-motiv que nos leva a destinar um painel ao Rei do Baião, nestas páginas em que se registra, de modo sistemático, a presença negra daqueles que, de uma forma ou de outra, ofereceram a sua contribuição para projetar este segmento no cenário nacional. Mestre dos mestres nesta arte da música nordestina entre nós, Gonzagão, que era o pai coruja do não menos famoso Gonzaguinha, sempre nos ensinou sem qualquer veleidade, sentenciando: "Eu vou mostrar pra vocês, como se dança o baião, só quem quiser aprender, é só prestar atenção", ritmo que entrou pelos salões requintados da época e pelas gafieiras dos espaços de lazer rurais e urbanos de todos os rincões do país. A esta empolgação popular seguiu-se um desfilar de sucessos difíceis de serem enumerados em virtude da quantidade de peças que vão do *Chamego*, *Meu Pé de Serra*, *Asa Branca*, *Assum Preto*, *Juazeiro*, *Mangaratiba*, *Paraíba - Mulher Macho*, *Baião de Dois*, *Cintura Fina*, *Algodão*, *Vozes da Seca*, *Xote das Meninas*, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso e tantos outros da nova geração de cantores populares, têm, em Luiz Gonzaga, o grande predecessor que mais os influenciou no início de suas carreiras, em razão de sua forte presença na arte de compor, de interpretar e de se apresentar com o seu indefectível chapeuzinho de couro, que o transformava na imagem viva de um típico nordestino, que soube deslumbrar aos que pertenciam ao Sul-Maravilha, e ao Brasil como um todo. Luiz Gonzaga veio a falecer na cidade do Recife, em Pernambuco, em 1989. Hoje o enorme valor de sua preciosa produção é reconhecido por quantos apreciem e estudem a música popular brasileira, fazendo com que sua obra receba um tratamento musical mais refinado, já que os seus acordes passaram a integrar esse cadiño onde são depurados os novos sabores da música popular brasileira.

1) 1000 Que fizeram o século 20 - Editora Triês - 1996; 2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988

LUIZ MELODIA

Cantor e compositor

Luiz Melodia, cujo nome civil é Luiz Carlos dos Santos, é natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 7 de janeiro de 1951 numa localidade situada entre o Morro de São Carlos

do Melodia. Criado no inicio de músicos e compositores, Luiz Melodia já era compositor aos 14 anos de idade quando foi descoberto por Torquato Neto e Wally Salomão, que ao ouvirem cantando uma de suas produções musicais, intitulada *Pérola Negra*, ficaram deslumbradas com o seu timbre vocal, resolvendo promover o neófito, que muito prometia em termos de carreira artística. Bom intérprete e excelente compositor, Luiz Melodia "mistura ritmos que vão do funk, do forró, do samba-blues, do reggae até o choro. Em 1975, participou do Festival da Rede Globo Abertura, com a música *Ébano*, depois gravou *Juventude Transviada*, e logo após, em 1978, *Mico de Circo*, que lançou numa grande festa no Mercado de Salvador". Gal Costa e Maria Bethânia são algumas das celebridades nacionais que cantam composições de Luiz Melodia. Melô, como também é conhecido, gravou o seu primeiro LP, em 1973, com invulgar sucesso. Este artista negro singular participou com Zezé Mota do Projeto

Pixinguinha, compondo uma dupla memorável que alcançou um êxito incomum nesse tipo de espetáculo, sendo que em 1976 já havia gravado *Maravilhas Contemporâneas*. É interessante notar que Luiz Melodia "se considera quase cigano, bêirando a mexicano, americano, brasileiro, paraíba, novamente civil; quase nada, mas descendente de africano, que começou cantando na Rádio Mauá, no programa de Célia Mara, aos 12 anos, ocasião em que canta Rosita imitando o ídolo Roberto Carlos, ouvindo muito Zé Ketti, Geraldo Pereira, Ismael Silva, Cartola, Jamelão, Golden Boys, Ângela Maria, Ella Fitzgerald, Louis Armstrong, Chuck Barry, Elvis e Bob Marley, que reflete nos seus ritmos misturados passando do cha-cha-cha, ao boogie woogie, hully gully, funk, blues, dixie, mambo, reggae, gafieira, samba-canção, baião e no afaxé". Como se vê, Luiz Melodia é a personificação mais representativa do músico que sabe fazer da miscelânea de sons e de ritmos uma agradável combinação melódica que se harmoniza com o bom gosto dos que apreciam os aspectos mais refinados da música popular brasileira, que enriquecem e dão característica à cultura nacional.

1) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988; 2) Projeto Zumbi - Publicação da Assessoria para Assuntos Afro-brasileiros da Secretaria do Estado da Cultura do Governo de SP - 1985 - Ari Cândido Fernandes.



Luiz Silva, dito assim, a centena de milhares que existem, dotando as criaturas humanas de condição de personalidade civil, possivelmente não se diria muita coisa. Toda-
via, Luiz Silva - Cuti já se começa a dizer algo que se identifica com a literatura negra moderna brasileira; já se começa explicando que Cuti é pseudônimo de Luiz Silva, um dos poetas, escritores, ensaístas dramaturgos e contistas negros dos mais primorosos que incursionaram, por quase todos os gêneros da literatura afro-brasileira. Luiz Silva nasceu na cidade de Ourinhos, São Paulo, no dia 13 de outubro de 1951. Intelectual orgânico dos mais ativos e conceituados, dentre os quais, credita-se em seu nome um vasto e bem concebido número de obras bem aceitas pelo público leitor e pela crítica especializada, Luiz Silva - Cuti se estabelece, hoje, como uma das referências marcantes no universo da negritude literária, em nosso país, pelo fato de se ter iniciado, com ele, a coleção *Cadernos Negros*, em 1978, publicações estas que "vieram no bojo de um incipiente movimento que pretendia dar continuidade à histórica epopéia da nossa imprensa negra", tão elogiada na avaliação do brasilianista Roger Bastide. Na verdade, Cuti merece destaque e elogios não só por haver criado, com os demais companheiros, uma comunidade de literatos negros, associação esta que raramente acontece no panorama da literatura negra brasileira, portanto, é algo recente, como pondera a abalizada crítica de Zilá Bernd. Também merece destaque e elogios, sobretudo, por ser criador de uma literatura deveras contundente, áspera e por vezes verrumosa, instrumentos bélicos poderosos que se voltam contra os bastiões de um racismo antinegro eivado de armadilhas e de sutilezas. Luiz Silva - Cuti sabe cultivar e desenvolver na arte negra de nosso país, aquela que poderemos chamar de negritude brasileira, sem medo de incorrermos em quaisquer tipos de heresias. Na sua visão crítica, reconhece que "O movimento negro vem sendo submetido a várias leituras teóricas, feitas em geral por brancos que vão fixando balizas para o pensamento. Os tais "estudos" arrastam em sua maioria o vício de reforçar a noção de "outro", "corpo estranho", "alienígena" com que somos estigmatizados. Este tipo de estupro, por mais que se acobre com o espírito de cooperação, na maioria dos casos, acaba sendo um caminho mais curto, rápido e barato para que certas cabeças ditas coroadas acabem por adquirir o seu tão cobiçado PhD, sem que a contrapartida que deveria se reverter em benefício dos negros se verifique necessariamente". Já é tempo de se citar pelo menos parte do número de obras produzi-

mas, Carapina, Batuque de Tocaia, Suspensão, Flash Crioulo Sobre o Sangue e o Sonho, Quízila, A Pelada Peluda no Largo da Bola, Dois Nós na Noite e outras peças de teatro negro brasileiro. Ainda há "...E disse o Velho Militante José Correia Leite", livro no qual Cuti trouçou, por assim dizer, a bico de pena, o perfil de um dos pioneiros das lutas e da imprensa negra no Brasil, que foi José Correia Leite.

Negritude e Literatura na América Latina de Zilá Bernd - Editora Mercado Aberto - 1987.

LUIZA MAHIN

Líder da Revolta dos Malês

Sobre Luiza Mahin tem-se a informação de que era uma negra retinta, índole altiva e indomesticável, muito geniosa e incapaz de levar desafogo para casa, como diz o adágio popular. Bem apessoada chegava a ser uma negra inegavelmente bonita apesar do seu temperamento rebelde e vingativo, o que fez dela uma combatente insubmissa, envolvendo-se sempre em atividades onde a condição do negro, em sua época, era posta em questão. Segundo seu ilustre filho, Luiz Gama, Luiza Mahin teria nascido livre, na África, na Costa Mina - Nação Nagô - ali pelos idos do ano de 1812 e pertencia a etnia jeje. Entre outros, ela veio ao Brasil na condição de escrava tendo sido desembarcada em Salvador, na Bahia. De profissão quitandreira, o que lhe oferecia uma gama de informações, em razão de seu contato permanente com a população local, que outras negras e negros da área doméstica e do eito não possuíam, o que contribui para fazer dela uma revolucionária histórica. Apetrechada com estes dados, não lhe fora difícil estar sempre a par da situação reinante na cidade de Salvador e no Brasil. Com relação aos horrores da escravidão, seu temperamento era o de uma criatura que não aceitava bridão; tanto é que permaneceu pagã por haver recusado, terminantemente, ser ungida com "santos óleos" do batismo e a seguir os preceitos da religião católica. Contam os fatos cristalizados pela memória popular, através da oralidade, que Luiza Mahin envolveu-se, até a raiz dos cabelos, em todos os movimentos deflagrados em Salvador, que tinham como objetivo dar combate ao nefando regime escravo. Assim sendo é que se afirma que, na ocasião em que se deu o sangrento levante de negros, no episódio conhecido como a Revolta dos Malês, ocorrido em 1835, Luiza estaria à frente dos insurretos. Esta conspiração que fora

perseguidores, partiu para a cidade do Rio de Janeiro, onde prosseguiu a luta pelos seus irmãos de raça, acabando por ser deportada para a África, de onde nunca mais se teve notícia a seu respeito, apesar de seu filho, Luiz Gama, que havia se transformado no nosso Spártaco negro do abolicionismo brasileiro, muito haver se esforçado para localizar, no Rio de Janeiro, o paradeiro de sua dileta mãe, vendo baldados todos os seus esforços neste sentido.

1) *Nós Mulheres Negras - Benedita da Silva* - 1997;

2) *Submissão e Resistência, Maria Lúcia de Barros Mott* - Editora Contexto - 1988

LUPICÍNIO RODRIGUES

Compositor e cantor

Lupicínio Rodrigues é um dos nomes mais fortes e luminosos da música popular brasileira. Este cantor e compositor riograndense do sul nasceu em Porto Alegre, no dia 16 de setembro de 1914. É um autor de inúmeras canções populares e sentimentais, a que os especialistas apelidaram de música de dor de cotovelo, ou seja, aquela composição lítero-musical envolvida em dolências melancólicas que lembram momentos dolorosos do desenlace ou da separação de um grande amor, ou ainda inspirados em mágoas quando um coração apaixonado se depara diante de um amor impossível, ou não correspondido. Lupicínio Rodrigues, no início de sua trajetória em direção aos grandes sucessos, era soldado pouco apegado aos regulamentos e à disciplina das casernas, embora muito admirado pelas marchinhas que fazia para o Exército. Assim é que, com apenas 18 anos, Lupicínio conseguia chamar a atenção de Noel Rosa que emitiu suas impressões dizendo: "Esse garoto é bom, esse garoto vai longe!". Estavam em 1932, época em que este gaúcho bom de garganta e inspiração fazia parte do conjunto Catão. Caminhando devagar e sempre, mas com muita determinação, Lupicínio Rodrigues foi transformando-se, no final da década de 30, numa figura de renome nacional. E não seria para menos. Quem tem como sua primeira composição a letra e a música *Se Acaso Você Chegasse*, feita em parceria com Felisberto Martins, e gravada, em 1938, por Ciro Mon-



especial, como poeta das ruas, dos becos, da boemia, dos amores frustrados e traídos, que acabam sempre em nada, criou uma escola, fez seguidores e identificou-se com tudo aquilo que alimenta e aquece os corações apaixonados tornando-se pioneiro nesse gênero na música brasileira. Seguiram-se obras, cada qual, uma autêntica obra-prima, como *Felicidade, Nervos de Aço, Brasa, Esses Moços, Meu Pecado, Quem Há de Dizer, Vingança, Ela Disse-me Assim, Cadeira Vazia, Volta, Nunca*, enfim, eis uma pequenina amostra do muito que produziu, todas elas interpretadas por cantores de nomeada, destacando-se Orlando Silva, conjunto Quitandinha Serenaders, Francisco Alves, Linda Batista, Jamelão, Gal Costa, Caetano Veloso, Bruno Barreto e tantos outros seresteiros. A canção, *Esses Moços*, por exemplo, pelo sentido poético e pela popularidade de que grandeou desde 1947, serviu de tema de um filme, *A Estrela Sobe*, em 1974. Lupicínio Rodrigues, ao longo dos seus 61 anos de idade, quando a morte o surpreende em 1975, no Estado do Rio Grande do Sul, o mundo da música acabara de perder um de seus melhores filhos, aquele que deixou para a posteridade um patrimônio de valor inestimável, contribuição que atesta o quanto tem sido importante a presença das pessoas de origem afro-brasileira, em nossa história.

1) *Larousse Cultural - Brasil A/Z* Editora Universo 1988; 2) *Dicionário Biográfico - Universal Três* - Editora Três 1983.

LYGIA SANTOS

Advogada e professora

Lygia Santos teve o privilégio de ter nascido filha de Ernesto dos Santos, popularmente conhecido como Donga, um dos grandes compositores que este país já teve. Nascida no Rio de Janeiro, ela é advogada, professora e atualmente atua junto a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, onde com a sensibilidade adquirida na vida e no profundo envolvimento com a figura e exemplo de seu pai, dá lições de igualdade e justiça, como podemos observar em seu depoimento que a seguir transcrevemos:

"Meu casamento não deu certo, não hou-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

voltar a estudar. Naquela ocasião eu estava com 35 anos e muita esperança. Aliás, esperança foi o que nunca me faltou, tenho até hoje e sinto que terei sempre. Eu já era formada pelo Instituto de Educação, tinha sido uma das "vestidas de azul e branco", como no samba de David Nasser, adorava ser professora, mas decidi estudar Direito. A vida não estava mole não. Para pagar o colégio da minha filha, me manter, enfrentar, enfim, as minhas despesas, eu tinha quatro empregos. Mas, ainda assim, arranjei um horário para estudar. Como eu me casara mal, papai volta e meia falava no assunto. Tinha avisado que não ia dar certo, portanto não ia ajudar coisíssima nenhuma, eu que me arranjasse, fosse vender pipoca, fosse fazer o que eu quisesse, mas fora da casa e comida, ele não dava mais nada. Nunca me revoltei por causa desta atitude do velho, compreendi e fui em frente. Meu pai não tinha o terceiro ano primário, mas era uma pessoa de uma vivência muito grande, era muito sagaz, muito inteligente, lia demais e tinha uma visão segura das coisas. Trabalhava no Supremo Tribunal Federal, na 1ª Vara da Fazenda Pública, e sempre viveu do seu modesto ordenado e dos magros dividendos dos direitos autorais. O nome dele era Ernesto dos Santos mas, felizmente, está na história musical do nosso país com o seu apelido: Donga. Apelido, aliás, que os meus amigos incorporaram ao meu nome. Para eles eu sou a Lygia Filha do Donga, o que muito me orgulha. A música sempre dominou a minha casa e a minha vida. Ainda quando eu era muito menina papai me colocou numa aula de piano, como acontecia com toda menina de classe média da época. Eu ia bem, já dedilhava alguns clássicos, mas desisti. Preferi ser uma boa ouvinte a uma má executante. Talvez até esta desistência fosse reflexo do desapontamento que minha mãe tinha sofrido alguns anos antes. Ela tirou o primeiro lugar num concurso de canto no Teatro Municipal, foi aplaudida de pé, saudada como uma das mais lindas vozes já aparecidas no Brasil, no registro de soprano lírico. O diploma dela foi assinado pelo maestro Francisco Braga. Imagine que as peças de confronto que ela teve de cantar foram árias do Navio Fantasma e da Aída. Pois bem, quando montaram mais uma vez a ópera Aída, contrataram uma italiana, pintaram de preto, mas não chamaram a minha mãe. Foi uma terrível magoa que ela carregou pela vida afora. Uma chaga que nunca se fechou e marcou definitivamente a sua existência. Quando ela faleceu, o jornalista Jota Efege escreveu um artigo onde dizia: *Zaira de Oliveira aquela que seria a nossa Marian Anderson*. Era domingo e véspera da prova de português do vestibular, sentei-me na soleira da porta e pedi ao meu pai para falar um pouco sobre o parana-

sua personalidade, ele não me contava, nem me dava os títulos de algumas de suas poesias, coisas interessantíssimas. E eu ali ouvindo, bebendo os conhecimentos dele. No dia seguinte, imagine só qual foi o ponto sorteado? Olavo Bilac, o homem e o poeta. Eu tirei dez em português e passei em 6º lugar. Tinha uma garagem em frente ao local onde a prova foi realizada, eu peguei o telefone e nem podia falar de tanto que eu chorava: "O senhor é um gênio, é o homem mais sábio do mundo!" Quando eu era pequena, ele não se cansava de dizer: "Minha filha, existe espaço no mundo para todas as pessoas. Para nós o espaço existe, só que temos que disputar com muito mais seriedade. Quando estudar, você deve ser apenas uma aluna normal, se puder deve ser brilhante. Assim, poderá ter um pouco mais de chance. E naquele momento ele me tinha ajudado mais uma vez e de maneira definitiva. Muito mais do que se tivesse dado todos os vestidos com que eu sonhei, os patins que ele não pôde comprar, ou as festas que não me deixou ir, na tentativa de me poupar de alguma desfeita que, infelizmente, mais cedo ou mais tarde eu iria sofrer. A grande herança do meu pai foi a sua retidão de caráter e a sua consciência de homem negro e eu procuro honrá-lo integralmente porque já faz parte da minha própria estrutura. Acho que o negro deveria se unir, não para praticar uma segregação que não leva a nada, mas sim para preservar os seus valores culturais, difundi-los, escrever sobre eles, fazer com que as outras pessoas se interessem por eles. Trabalhar em cima da cultura básica da gente, que hoje se pode definir como cultura brasileira, porque sem a menor dúvida o forte da cultura brasileira é a cultura negra. Eu acho que na medida em que se tenha oportunidade de demonstrar isso, sem agredir ninguém, a gente lavra um tanto. O mesmo se dá com as relações preto-branco-preto, é de pequeno que se aprende. Na minha vida de professora sempre trabalhei em escolas da Zona Norte ou perto de favela, onde o contingente pobre e preto é muito maior, mas nem por isso deixava de haver alguns probleminhas, certamente reflexo da educação de casa. Em época de festa junina, por exemplo, sempre aparecia uns casinhos, mas nas minhas turmas eu tratava de terminar rapidinho. Um menino branquinho chegava e dizia, por exemplo, para uma aluna pretinha, que não a queria como par na quadriilha, e isso acontecia. Tinha uma menina chamada Nilza que era uma bonequinha, pretinha linda estava ali mesmo, mas o garoto que foi destacado para dançar com ela não quis e a pobreza ficou no canto, chateada. Aí eu inverti a situação: - Olha só, não sei o que esses meninos têm nos olhos. Estão com medo de dançar com a menina mais bonita da tur-

dar pé. Enfim, apelava para qualquer outro assunto mas não mencionava cor. Até que um menino muito bonito também, branquinho, branquinho, foi o par escolhido e tudo terminou bem, começou até uma paquerazinha. Minha trajetória não tem sido fácil, mas, como já disse antes, tenho esperança permanente, vou absorvendo os golpes, saltando os obstáculos, indo em frente. Ironias de vizinhos por sermos uma família de negros com casa própria, barrações em festas de clubes, tudo isso eu sofri, mas este é um estigma do qual poucos são poupadados. O importante é confiar no futuro, é contribuir para que ele seja melhor. Hoje em dia eu sou diretora da divisão cultural do departamento geral da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, para onde fui levada pelo comandante Martinho de Carvalho, que foi diretor do departamento na gestão do prefeito Marcos Tamoio, homem de enorme sensibilidade, inteiramente afinado com as expressões de arte popular, basta dizer que foi ele quem inventou um projeto maravilhoso chamado O Jovem Diz o Samba para os alunos do primeiro grau das escolas públicas. Neste departamento tenho a alegria de realizar um trabalho consistente e frutífero em relação à cultura da cidade e isto é altamente compensador. Devo a minha elevação a este posto ao escritor Rubens da Fonseca, outra figura intensamente ligada às manifestações da arte popular. Como mulher negra, vou lutando para obter e consolidar os meus espaços. Sempre me lembro do que Pinguinha, amigo e companheiro do meu pai a vida inteira, me disse certa vez: "Minha filha, trate de sua vida, viva todos os momentos que surgirem, mas não pense no feio e no bonito. Sabe, se for bonito pra você é o mais importante". Venho me empenhando num trabalho de conscientização do pessoal mais carente. A gente tem que fazer com que, antes de mais nada, eles acreditem neles mesmos. E o que a gente vê entre os negros das camadas mais necessitadas é que eles não têm nenhuma confiança em si mesmos, estão conformados, acham que sua situação é uma fatalidade, que nada poderá mudá-la. E eu vou ficar fazendo o quê? Aí é que é hora de meter a cara, fazer alguma coisa. Entrar por uma favela adentro, conversar com uma dona de casa, com um marginal, sei lá. Pode ser um trabalho a longo prazo, mas esse prazo será ainda mais longo se nunca for começado. Se eu tenho a oportunidade de ajudar não vou perder a chance. Eu quero é somar, multiplicar. Força vital, que de repente pode parar, mas outros continuarão. Sabe, sou uma mulher que gosta da vida, gosta de viver, gosta do mundo e por isso acredita e precisa que ele seja melhor".